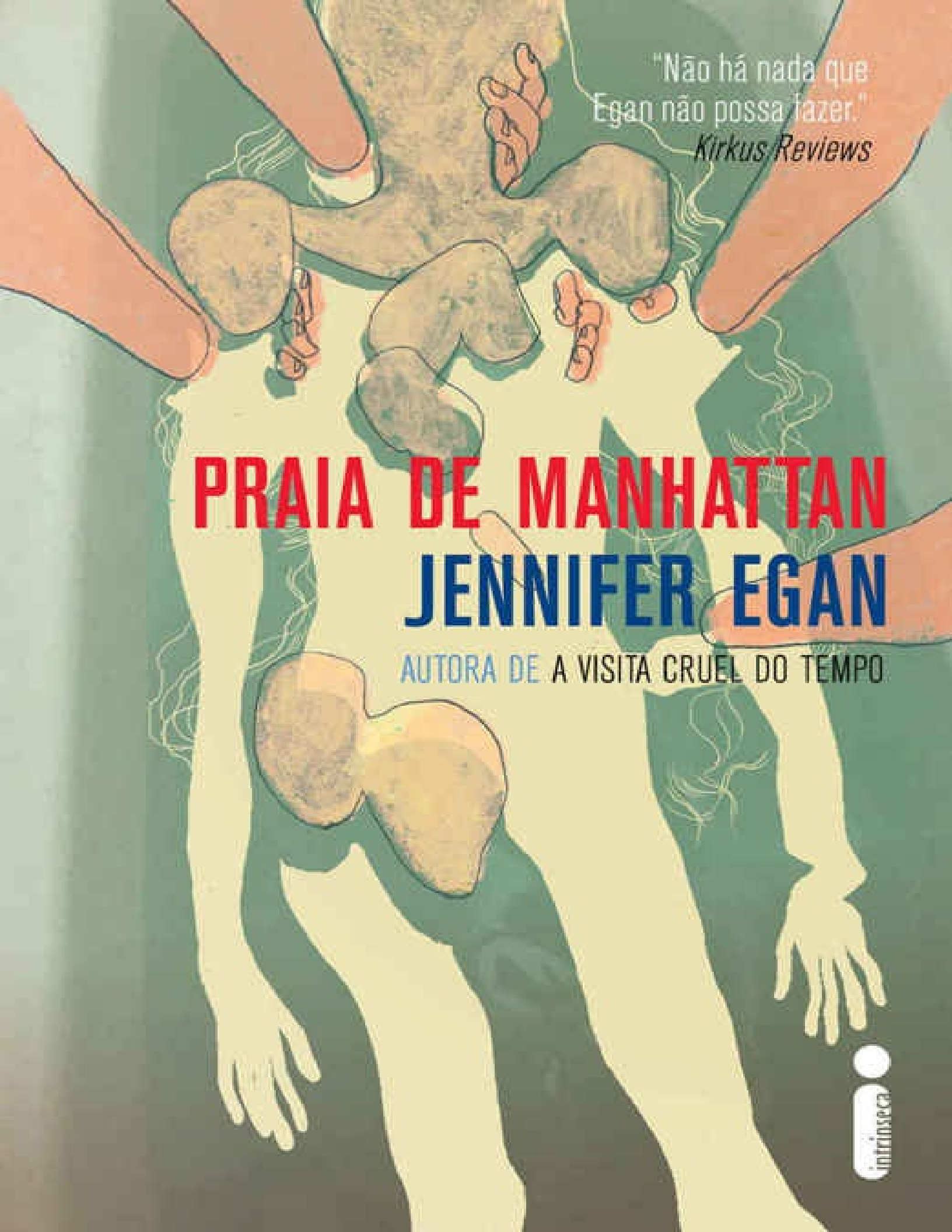




"Não há nada que
Egan não possa fazer."
Kirkus Reviews

PRAIA DE MANHATTAN

JENNIFER EGAN

AUTORA DE A VISITA CRUEL DO TEMPO



A Guerra Civil nos deu um governo federal. A Grande Guerra nos transformou em nação credora. Como banqueiros, precisamos antecipar as mudanças que a guerra vai impor (...) Eu vejo a ascensão deste país a uma posição que nenhum outro no mundo já ocupou. Nem os romanos. Nem os carolíngios. Nem Gengis Khan, os tártaros, ou a França de Napoleão. Rá! Vocês todos estão olhando para mim como se eu tivesse um parafuso a menos. Como isso seria possível, vocês se perguntam. A resposta é que o nosso predomínio não virá da submissão militar de outros povos. Vamos emergir desta guerra vitoriosos e quase ilesos, e vamos nos transformar nos banqueiros do mundo. Vamos exportar os nossos sonhos, a nossa língua, a nossa cultura, o nosso modo de vida. E não vai haver quem resista.

“Este livro merece entrar para o cânone de histórias de
Nova York.”

The New York Times Book Review

“Um trabalho de incrível escopo cinematográfico.”

The Guardian

“O tipo de livro no qual você mergulha com alegria.”

San Francisco Chronicle

“*Praia de Manhattan* é um épico sinuoso, repleto de detalhes
sugestivos, metáforas certeiras e análises históricas claras.”

Bookforum

“Um livro surpreendente e arrebatador que vai transformar
todos os leitores.”

Booklist

“O trabalho mais notável de Egan até o momento.”

The Boston Globe

“A primeira incursão de Egan na ficção histórica faz com
que você se esqueça de que está lendo um romance sobre
outra época.”

Elle

PRAIA DE MANHATTAN

JENNIFER EGAN

TRADUÇÃO DE SERGIO FLAKSMAN



Copyright © 2017 by Jennifer Egan

TÍTULO ORIGINAL
Manhattan Beach

PREPARAÇÃO
João Sette Câmara
Marina Góes

REVISÃO
Juliana Souza
Taís Monteiro

CAPA
Raphael Pacanowski

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Rafael Coutinho

REVISÃO DE E-BOOK
Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0328-2

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Elogios

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Sumário

Dedicatória

Epígrafe

Parte um: O litoral

Um

Dois

Três

Quatro

Parte dois: O mundo das sombras

Cinco

Seis

Sete

Oito

Parte três: Ver o mar

Nove

Dez

Onze

Doze

Parte quatro: A escuridão

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis
Dezessete

Parte cinco: A viagem
Dezoito
Dezenove

Parte seis: O mergulho
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro

Parte sete: O mar, o mar
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito

Parte oito: O nevoeiro
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um

Agradecimentos

Sobre a autora

Conheça outros títulos da autora

Leia também

Para Christina, Matthew e Alexandra Egan, e para Robert Egan — o nosso tio Bob.

Sim, como todos sabem, a meditação e a água estão ligadas para sempre.

— *MOBY DICK*, HERMAN MELVILLE

PARTE UM

O litoral

Já tinham percorrido de carro todo o caminho até a casa do sr. Styles quando Anna percebeu que seu pai estava aflito. De início a viagem a distraíra, seguindo pela Ocean Parkway como se rumassem para Coney Island, embora, decorridos quatro dias desde o Natal, o frio tornasse impróprio um passeio à praia. E então a casa: um palácio de tijolos amarelo-ouro com três andares, janelas por toda a volta, o esvoaçar confuso dos toldos listrados de amarelo e verde. Era a última casa da rua sem saída, que terminava à beira-mar.

Seu pai manobrou o Duesenberg rente à calçada e desligou o motor.

— Meu bem — disse ele. — Não fique olhando de esguelha para a casa do sr. Styles.

— É claro que não.

— Mas estava fazendo isso ainda agora.

— Não — retrucou ela. — Só estou estreitando os olhos.

— Isso é olhar de esguelha. É esse o sentido.

— Para mim, não.

Virou-se bruscamente para ela.

— Não olhe de esguelha.

Foi então que percebeu. Ouviu o pai engolir em seco e sentiu um ronco de preocupação no próprio estômago. Não estava acostumada a ver o pai aflito. Cismado, sim. Preocupado, com certeza.

— Por que o sr. Styles não gosta que olhem de esguelha? — perguntou ela.

— Ninguém gosta.

— Você nunca me contou.

— Você quer voltar para casa?

— Não, obrigada.

— Posso levar você para casa.

— Se eu olhar de esguelha?

— Se me der a dor de cabeça que estou começando a sentir.

— Se você me levar para casa, vai se atrasar muito.

Achou que fosse tomar um tapa. Ele já tinha feito isso antes, no dia em que ela desfiou um rosário de palavras que tinha ouvido no porto, a mão repentina como um chicote atingindo-lhe a face. O espectro daquela bofetada ainda assombrava Anna, com o estranho efeito de acentuar sua audácia, em rebeldia.

O pai dela esfregou o centro da testa, depois olhou para Anna no banco de trás. A aflição dele tinha passado; ela o havia curado.

— Anna, você sabe o que eu preciso que você faça.

— Claro.

— Seja encantadora com os filhos do sr. Styles enquanto eu converso com o pai, e é só — resumiu ele.

— Eu já entendi, pai.

— Claro que sim.

Ela desceu do Duesenberg com os olhos bem abertos, lacrimejantes ao sol. Aquele automóvel fora deles até a quebra da bolsa. Depois passou ao sindicato, que o emprestava agora a seu pai quando ele saía para tratar de assuntos de trabalho. Quando não estava na escola, Anna gostava de acompanhá-lo ao hipódromo, aos cafés da manhã comunitários e outros eventos da igreja, aos edifícios comerciais em que elevadores os alçavam para andares mais altos, e de vez em quando até a restaurantes. Mas nunca antes o acompanhara a uma residência como aquela.

A porta foi atendida pela sra. Styles, com sobrancelhas esculpidas como as de uma estrela de cinema e a boca larga pintada de vermelho lustroso. Acostumada a considerar a própria mãe mais bonita que qualquer outra mulher, Anna ficou desarmada ante o encanto evidente da sra. Styles.

— Pensei que seria apresentada à sra. Kerrigan — disse sra. Styles com voz rouca, usando ambas as mãos para apertar a do pai de Anna.

Ele respondeu que sua filha mais nova tinha adoecido naquela manhã, e a esposa tinha ficado em casa para cuidar dela.

Nenhum sinal do sr. Styles.

Educadamente, mas (esperava ela) sem dar qualquer sinal de surpresa, Anna aceitou um copo de limonada de uma bandeja de prata trazida por uma criada negra de uniforme azul-claro. No alto brilho do piso de madeira do saguão, ela vislumbrou o reflexo do vestido vermelho que usava, feito pela mãe. Para além das janelas de uma sala adjacente, o mar se eriçava sob um sol tímido de inverno.

A filha do sr. Styles, Tabatha, tinha só oito anos, três anos a menos do que Anna. Ainda assim, Anna permitiu que a menina mais nova a rebocasse pela mão até a “creche” no piso inferior, um aposento todo dedicado a atividades infantis, abarrotado com uma variedade impressionante de brinquedos. Um reconhecimento rápido revelou uma boneca Flossie Flirt, vários ursos de pelúcia de bom tamanho e um cavalinho de balanço. Havia também uma “Babá” no quarto, uma mulher sardenta de voz rouca cujo vestido de lã abaulava como uma estante superlotada de livros, no esforço para conter seu busto imenso. Pelo arranjo geral de feições e pela agitação animada dos seus olhos, Anna adivinhou que era irlandesa e sentiu o perigo de ser transpassada por aquele olhar. Achou melhor manter certa distância.

Dois meninos pequenos — gêmeos, ou quase indistinguíveis — esforçavam-se para montar os trilhos de um trem elétrico. Em parte para evitar Babá, que rejeitava os pedidos de ajuda dos meninos, Anna agachou-se ao lado

dos trilhos soltos e ofereceu seus préstimos. Percebia com a ponta dos dedos a lógica das peças do mecanismo; era algo que lhe ocorria com tal naturalidade que só podia concluir que as outras pessoas não se esforçavam de fato. Elas sempre tentavam *ver* o que precisava ser feito, tão inútil para a montagem de qualquer coisa quanto estudar uma pintura pelo tato. Anna conectou a peça que vinha atormentando os garotos e tirou várias outras da caixa recém-aberta. Era um trem Lionel, e a qualidade dos trilhos ficava evidente na solidez dos encaixes. Enquanto trabalhava, Anna lançava olhares ocasionais à boneca Flossie Flirt socada na ponta de uma prateleira. Dois anos antes tinha desejado uma igual tão violentamente que aquele desespero parecia ter se despedaçado e deixado um fragmento nela para sempre. Era estranho e doloroso redescobrir agora esse desejo antigo, logo naquele lugar.

Tabatha carregava no colo a boneca nova que tinha ganhado no Natal, uma Shirley Temple com um casaco de pele de raposa. Arrebatada, observava o jeito como Anna montava os trilhos do trem de seus irmãos.

— Onde você mora? — perguntou Tabatha.

— Perto daqui.

— Na beira da praia?

— Perto.

— Posso ir na sua casa?

— Claro — respondeu Anna, engatando os trilhos na mesma velocidade com que os meninos lhe entregavam cada peça.

Um oito estava quase completo.

— Você tem algum irmão? — perguntou Tabatha.

— Uma irmã. Tem oito anos, igual a você, mas é malvada. E só porque é muito bonita.

Tabatha fez um ar de espanto.

— Bonita mesmo?

— Extremamente bonita — enfatizou Anna. E acrescentou: — Parece com a nossa mãe, que era dançarina do Ziegfeld Follies.

E o erro dessa bravata só lhe ocorreu momentos mais tarde. *Nunca vaze informação, a menos que não tenha outra escolha.* A voz do pai nos ouvidos dela.

O almoço foi servido pela mesma criada negra em uma mesa da sala de brinquedos. Sentaram-se como adultos em cadeiras pequenas, com guardanapos de pano no colo. Anna lançou vários olhares à boneca Flossie Flirt, em busca de algum pretexto para pegá-la no colo sem admitir muito interesse. Se pelo menos pudesse senti-la em seus braços, já ficaria satisfeita.

Depois do almoço, como uma recompensa pelo comportamento impecável, Babá permitiu que as crianças se agasalhassem com casacos e chapéus e disparassem pela porta dos fundos por um caminho atrás da casa do sr. Styles que dava em uma praia particular. Um longo arco de areia salpicada de neve se inclinava até o mar. Anna já estivera muitas vezes no porto em pleno inverno, mas nunca em uma praia. Ondas minúsculas comprimiam-se

debaixo de finas películas de gelo que se desfaziam quando pisava nelas. Gaivotas gritavam e mergulhavam no vento forte, as barrigas muito brancas. Os gêmeos tinham trazido pistolas de raio de Buck Rogers, mas seus disparos e gritos simulando a agonia da morte eram transformados em mímica pelo vento.

Anna observava o mar. O sentimento que lhe ocorria, de pé à beira da água, era uma combinação elétrica de atração e pavor. O que seria revelado se toda aquela água sumisse de uma hora para outra? Uma paisagem de objetos perdidos: navios afundados, tesouros ocultos, ouro, pedras preciosas e a pulseira com pingentes que lhe caíra do pulso em um bueiro de rua. *Cadáveres*, seu pai sempre acrescentava, com uma risada. Para ele, o oceano era um vasto terreno baldio.

Anna olhou para Tabby (o apelido da menina), que tremia a seu lado, e quis lhe contar o que sentia. Normalmente, era mais fácil dizer as coisas a desconhecidos. Em vez disso, repetiu o que seu pai sempre falava quando se defrontava com um horizonte despovoado:

— Nenhum navio à vista.

Rumo às ondas, os meninos carregavam suas pistolas pela areia, com Babá ofegando atrás deles.

— Phillip, John-Martin, não cheguem nem perto dessa água! — arfava ela, em volume surpreendente. — Estão me entendendo?

Ela lançou um olhar ríspido a Anna, que os tinha conduzido naquela direção, e arrebanhou os gêmeos para casa.

— Você está molhando seus sapatos — apontou Tabby, batendo os dentes.

— Seria melhor tirar de uma vez? Para sentir o frio? — propôs Anna.

— Eu não quero sentir o frio!

— Mas eu, sim.

Tabby ficou olhando enquanto Anna desafivelava as tiras dos sapatos pretos de verniz que compartilhava com Zara Klein, sua vizinha de baixo. Desenrolou as meias de lã e enfiou os pés brancos, ossudos, compridos para a sua idade, na água gelada. Os pés transmitiram para o coração a agonia dos sentidos, a qual era em parte uma chama de dor que lhe pareceu inesperadamente agradável.

— O que você está sentindo? — gritou Tabby.

— Frio. Muito, muito frio.

Anna precisou de todas as forças para não sair da água, e sua resistência somou-se à estranha animação. Olhando na direção da casa, viu dois homens de sobretudo escuro vindo pelo calçamento que conduzia à areia. Segurando os chapéus ao vento, pareciam atores de um filme mudo.

— São os nossos pais?

— Papai gosta de falar de negócios ao ar livre — comentou Tabby. — *Longe de ouvidos enxeridos.*

Anna sentiu uma compaixão benévola pela jovem Tabatha, excluída dos

assuntos de trabalho do pai, pois podia escutar o que quisesse. Mas ouvia pouco que a interessasse. As funções de seu pai eram transmitir cumprimentos, ou congratulações, entre o pessoal do sindicato e outros homens, amigos dos primeiros. A esses recados podia se somar um envelope, às vezes um pacote, que seu pai entregava ou recebia com gestos casuais — e você só percebia a troca de mãos se acompanhasse tudo com muita atenção. Ao longo dos anos, tinha dito muita coisa a Anna sem saber quanto contava, e ela vinha escutando sem saber direito o que ouvia.

Ficou surpresa com o ar de familiaridade e de animação que o pai ostentava na conversa com o sr. Styles. Tudo indicava que tinham ficado amigos. No fim das contas.

Os homens mudaram de rumo e puseram-se a atravessar a areia na direção de Anna e Tabby. Anna tirou depressa os pés da água, mas tinha deixado os sapatos longe demais para calçá-los a tempo. O sr. Styles era um homem grande e imponente, com cabelos negros cobertos de brilhantina despontando por baixo da aba do chapéu.

— Esta aqui é a sua filha? — perguntou o sr. Styles. — Exposta a temperaturas polares sem nem mesmo um par de meias?

Anna percebeu o desagrado de seu pai.

— Parece que sim. Anna, dê bom-dia ao sr. Styles.

— Muito prazer — disse ela, apertando a mão do homem com firmeza, conforme seu pai ensinara, e tomando o cuidado de não olhar de esguelha enquanto o fitava de baixo para cima.

O sr. Styles parecia mais jovem que seu pai, sem marcas ou rugas no rosto. Reparou certa vigilância nele, uma tensão no corpo que se percebia mesmo por baixo do sobretudo drapejando. Ele parecia estar à espera de algo que lhe provocasse uma reação ou de alguma distração. Naquele momento, foi Anna.

O sr. Styles agachou-se na areia ao lado dela e olhou diretamente para o seu rosto.

— Por que os pés descalços? — perguntou ele. — Não sente frio, ou está só se exibindo?

Anna não tinha uma resposta pronta. Não era uma coisa nem a outra; era antes um impulso instintivo de manter Tabby em um estado de admiração e interesse. Mas nem isso ela foi capaz de articular.

— Por que eu iria me exhibir? Estou com quase doze anos — afirmou ela.

— Bem, e qual é a sensação?

Ela sentiu cheiro de hortelã e álcool no hálito do homem, apesar de todo o vento. E percebeu que o pai dela não tinha como escutar aquela conversa.

— Só dói no começo — respondeu ela. — Depois de um tempo, você não sente mais nada.

O sr. Styles sorriu, como se a aquela resposta fosse uma bola lançada, a qual ele teve um prazer quase físico em receber.

— Sábias palavras — constatou ele, e depois tornou a se aprumar em toda a

sua impressionante altura. — Ela é forte — comentou para o pai de Anna.

— Isso ela é — concordou o pai, evitando os olhos dela.

O sr. Styles sacudiu a areia da calça e virou-se para ir embora. Tinha esgotado aquele momento, e já estava à procura do seguinte.

— Elas são bem mais fortes do que nós — ouviu-o dizer ao pai. — Por sorte nossa, não sabem disso.

Anna achou que ele se viraria para trás para olhá-la de novo, mas ele deve ter esquecido.

★ ★ ★

Dexter Styles sentiu a areia se insinuar nos sapatos sociais enquanto os passos afundavam rumo ao calçamento. Não havia dúvida de que a dureza contida que sentia em Ed Kerrigan tinha florescido magnificamente naquela filha de olhos escuros. Prova daquilo em que sempre acreditou: os filhos revelam que tipo de homens são seus pais. E era por isso que Dexter raramente fazia negócios com qualquer homem sem antes conhecer sua família. Queria que Tabby também tivesse tirado os sapatos.

Kerrigan dirigia um Duesenberg modelo J de 1928, azul-niágara, prova de bom gosto e de prosperidade antes da quebra da bolsa. Tinha um excelente alfaiate. Ainda assim, alguma coisa obscura pairava sobre aquele homem, algo que depunha contra suas roupas, seu carro e até contra sua conversa franca e ágil. Uma sombra, algum remorso. Mas também, quem não exibia algum desses sinais? Ou vários?

Quando chegaram ao trecho calçado, Dexter já estava decidido a contratar Kerrigan, desde que pudessem chegar a bons termos.

— Você tem tempo para conhecer um velho amigo meu? — perguntou Dexter.

— Claro.

— Sua mulher não está esperando em casa?

— Não antes do jantar.

— E a sua filha? Vai ficar preocupada?

Kerrigan riu.

— Anna? Eu é que sempre me preocupo com ela.

★ ★ ★

Anna esperava que seu pai a chamasse para ir embora da praia a qualquer momento, mas foi Babá quem acabou aparecendo, bufando indignada, ordenando que as crianças saíssem do frio. A luz havia mudado, e a sala de brinquedos parecia austera e sombria. Era aquecida por uma fornalha de ferro

exclusiva. As crianças comeram biscoitos de nozes e ficaram vendo o trem elétrico lançar vapor de verdade pela chaminé em miniatura enquanto percorria o oito que Anna tinha montado no chão. Ela nunca tinha visto um brinquedo como aquele, nem conseguia imaginar quanto custaria. Já estava cansada daquele passeio. Tinha durado muito mais do que as outras visitas sociais que faziam, e desempenhar aquele papel para as outras crianças a deixara exausta. Pelas suas contas, fazia horas que não via seu pai. Depois de algum tempo, os meninos largaram o trem em movimento e foram ver livros de figuras. Babá cochilava em uma cadeira de balanço. Tabby estava estendida em um tapete trançado, apontando seu caleidoscópio novo para a luz.

Em tom casual, Anna perguntou:

— Me empresta aquela Flossie Flirt?

Tabby concordou com um aceno vago, e Anna tirou o brinquedo da estante com o maior cuidado. Aquelas bonecas vinham em quatro tamanhos, e aquele era o segundo menor — não o recém-nascido, mas o bebê um pouco maior, com os olhos azuis arregalados. Deitou a boneca de lado. E então, exatamente como prometiam os anúncios dos jornais, as íris azuis deslizaram para os cantos dos olhos, mantendo Anna em seu foco. Ela sentiu uma onda de alegria que quase lhe arrancou um sorriso. Os lábios do bebê desenhavam um “O” perfeito. Abaixo do lábio superior, viam-se dois dentes brancos pintados.

Como se farejasse a alegria de Anna, Tabby se levantou de um salto.

— Você pode ficar com a boneca! Que tal? — exclamou a menina. — Eu não brinco mais com ela mesmo.

Anna absorveu o impacto da oferta. Dois Natais antes, quando tinha desejado tão intensamente uma Flossie Flirt, não se atrevera a pedir uma de presente — os navios tinham parado de chegar, e estavam sem dinheiro em casa. A extrema ânsia física de possuir aquela boneca a transfixou mais uma vez, abalando sua certeza profunda de que a única opção, claro, era recusar.

— Não, obrigada — disse finalmente. — Eu tenho uma maior em casa. Só queria ver como era a menorzinha.

Com um esforço excruciante, obrigou-se a devolver a Flossie Flirt à prateleira, mantendo a mão encostada em uma das pernas de borracha até sentir sobre si o olhar de Babá. Simulando indiferença, deu as costas à boneca.

Tarde demais. Babá tinha entendido tudo. Quando Tabby saiu do quarto para atender a um chamado da mãe, Babá agarrou a boneca e quase a atirou nos braços de Anna.

— Fique com ela, querida — murmurou em tom feroz. — Tabby não dá a mínima: tem brinquedos demais. Todos eles têm.

Anna titubeou, tentando acreditar que podia haver algum meio de ficar com a boneca sem ninguém saber. Mas, só de imaginar a reação de seu pai, sua resolução ficou mais forte.

— Não, obrigada — respondeu, contida. — A verdade é que já estou grande demais para brincar de boneca.

Sem olhar para trás, saiu do quarto de brinquedos. Mas Babá a enfraquecera com sua paixão. Seus joelhos tremiam ao subir a escada.

Ao ver seu pai no saguão da casa, Anna custou a resistir ao impulso de correr para ele e abraçar suas pernas, como fazia antigamente. Ele tinha vestido o sobretudo. A sra. Styles estava se despedindo.

— Da próxima vez, você precisa trazer sua irmã — disse a Anna.

O beijo que a mulher deu em seu rosto tinha um toque de perfume almiscarado. Anna prometeu que traria a irmã. Do lado de fora, o Duesenberg J refletia o brilho embotado do fim de tarde. Andava bem mais lustroso quando era deles; os rapazes do sindicato poliam bem menos a lataria.

Enquanto se afastavam da casa do sr. Styles, Anna procurava algum comentário espirituoso para desarmar o pai, do tipo que costumava fazer sem nem pensar quando era mais nova, provocando nele um sorriso admirado, a primeira indicação de que tinha sido engraçada. Ultimamente, a toda hora ela se surpreendia tentando recapturar uma sensação do passado, como se tivesse perdido algum frescor, ou alguma inocência.

— Acho que o sr. Styles não investia muito dinheiro na bolsa — finalmente disse.

O pai deu um riso abafado e puxou-a para perto.

— O sr. Styles não precisa investir na bolsa. Ele é dono de várias casas noturnas. Além de outras coisas.

— E tem ligação com o sindicato?

— Ah, não. Não tem nada a ver com o sindicato.

Isso deixou Anna surpresa. De maneira geral, os homens do sindicato andavam de chapéu, enquanto os estivadores usavam gorro. Alguns poucos, como o pai dela, usavam tanto chapéu quanto gorro, dependendo do dia. Quando ele estava bem vestido, como naquele momento, Anna não conseguia imaginar seu pai carregando um gancho de estivador. A mãe dela guardava plumas exóticas dos trabalhos que fazia e as usava para adornar os chapéus do pai. Reformava o corte dos seus ternos para enquadrá-los na moda e ajustá-los a seu corpo magro e ossudo: ele tinha perdido peso depois que os navios pararam de chegar e passara a fazer menos exercício.

O pai dela dirigia com uma única mão no volante, um cigarro acomodado entre dois dedos, o outro braço em torno dos ombros de Anna. Ela se recostou nele. Ao final eram sempre os dois a caminho, Anna entregando-se a uma onda de satisfação sonolenta. Sentiu um cheiro diferente em meio à fumaça do cigarro, um aroma terroso e familiar que não conseguia identificar ao certo.

— Por que os pés descalços, meu bem? — finalmente perguntou o pai, o que já era esperado.

— Para sentir a água.

— É coisa de criança.

— Tabatha tem oito anos e não me imitou.

— Ela é mais ajuizada.

— O sr. Styles achou bacana eu ter tirado o sapato.

— Você não tem ideia do que passa pela cabeça do sr. Styles.

— Tenho sim. Ele conversou comigo, você que não escutou.

— Mas bem que percebi — comentou, olhando para a filha. — E o que ele disse?

A memória de Anna recuou até a areia, o frio, a dor nos pés e a curiosidade do homem a seu lado: tudo agora confundido com o seu desejo pela Flossie Flirt.

— Ele disse que eu era forte — respondeu ela, com voz embargada e olhos marejados.

— E é mesmo, meu bem — confirmou o pai, beijando o topo da cabeça de Anna. — Qualquer um logo vê.

Em um sinal de trânsito, ele tirou outro cigarro da marca Raleigh. Anna vasculhou o maço, mas já tinha extraído o cupom daquela embalagem. Ela torcia para que ele fumasse mais; já tinha reunido 78 cupons, mas os artigos interessantes do catálogo só começavam a partir de 125. Com oitocentos, você fazia jus a um faqueiro banhado em prata e que era alojado em uma caixa especial e servia seis pessoas, e setecentos davam direito a uma torradeira automática. Mas esses números pareciam inatingíveis. O catálogo de prêmios da fábrica de cigarros Brown & Williamson trazia muito poucos brinquedos: só um panda de pelúcia Frank Buck, ou uma boneca Betsy Wetsy com um enxoval completo por 250 cupons, prêmios aquém do que esperava. Tinha se interessado pelo alvo de dardos “para crianças maiores e adultos”, mas não conseguia se imaginar arremessando dardos de ponta de metal no espaço acanhado do seu apartamento. E se um deles acertasse Lydia?

Havia fogueiras acesas nos acampamentos montados na área do Prospect Park. Faltava pouco para chegar em casa.

— Quase esqueci — disse o pai dela. — Olhe só o que estou trazendo.

Tirou um saco de papel do sobretudo e o entregou a Anna. Estava repleto de tomates muito vermelhos, cujo aroma terroso e intenso era o que ela tinha sentido.

— Como assim, tomates no inverno? — perguntou ela, admirada.

— O sr. Styles tem um amigo que planta tomates em uma estufa de vidro. E me deu de presente. Vamos fazer uma surpresa para a mamãe?

— Você saiu? Enquanto eu estava na casa do sr. Styles?

Havia uma pontada de mágoa naquele espanto. Em todos os anos em que vinha acompanhando o pai em suas saídas, ele nunca a deixava sozinha em lugar nenhum. Estava sempre por perto.

— Foi só por um minutinho, meu bem. Você nem sentiu minha falta.

— Era longe?

— Não.

— Senti sua falta sim.

Agora, Anna tinha a impressão de ter percebido que o pai tinha saído, sentindo o vácuo da sua ausência.

— Conversa fiada — disse ele, beijando-a de novo. — Você estava se divertindo como se não houvesse amanhã.

DOIS

Com o *Evening Journal* dobrado debaixo do braço, Eddie Kerrigan parou diante da porta do apartamento em que morava, ofegante devido à escada. Tinha mandado Anna na frente enquanto ia comprar o jornal, sobretudo para adiar a própria chegada. O calor dos aquecedores incansáveis vazava para o corredor pelas frestas da porta, espalhando o cheiro de fígado e cebolas que vinha da casa da família Feeney, no terceiro andar. O apartamento dele ficava no sexto — quinto para efeitos de gabarito, pois tal ilegalidade foi contornada por algum gênio imobiliário ao batizar o segundo piso de primeiro andar. Mas a principal vantagem do edifício mais do que compensava: uma fornalha no porão, transmitindo vapor para um aquecedor em cada cômodo dos apartamentos.

Ele se espantou com o som da risada vigorosa de sua irmã, vindo de trás da porta. Tudo indicava que Brianne tinha voltado de Cuba antes do esperado. Eddie escancarou a porta e ouviu-se um guincho das dobradiças cobertas de tinta. Sua mulher, Agnes, estava sentada à mesa da cozinha com um vestido amarelo de mangas curtas (era verão o ano todo no sexto andar). E, de fato, Brianne estava sentada à frente dela ostentando um bronzado leve e tendo nas mãos um copo quase vazio, algo normal para os copos de Brianne.

— Oi, querido — disse Agnes, levantando-se do meio de uma pilha de boinas com lantejoulas que vinha costurando. — Você chegou muito tarde.

Ela lhe deu um beijo, e Eddie pôs a mão em concha na anca forte da esposa, sentindo a fisgada que ela sempre lhe provocava, em qualquer situação. Sentiu uma lufada do aroma das laranjas enfeitadas de cravos que tinham pendurado na árvore de Natal e sentiu a presença de Lydia na sala de estar, perto da árvore. Nem se virou. Antes, precisava se preparar. E beijar sua linda mulher sempre era um bom começo. E vê-la encher de soda um copo com o rum fino que Brianne tinha trazido era, então, um excelente começo.

Agnes deixara de beber à noite; ficava cansada demais. Eddie entregou à irmã um copo de *highball* com uma lasca intacta de gelo, e bateram copos.

— Como foi a viagem?

— Absolutamente maravilhosa, até começar a dar totalmente errado — respondeu Brianne em meio a uma risada. — Voltei de navio.

— Bem menos bacana do que um iate. Mas que delícia de rum.

— Pois o navio foi a melhor parte! Fiz um amigo novo a bordo, e ele é muito mais divertido que o antigo.

— E trabalha?

— Toca trompete na orquestra — disse Brianne. — Eu sei, eu sei, nem precisa dizer nada, meu irmão. Mas ele é um amor.

O de sempre. A irmã — meia-irmã, pois eram filhos de mães diferentes e tinham crescido separados, sendo ela três anos mais velha — era como um belo automóvel que o proprietário descuidado acelerava até quase enguiçar. Tinha sido uma beldade; hoje, à luz errada, aparentava 39 com cara de cinquenta.

Um gemido veio da sala de estar, atingindo como um chute a barriga de Eddie. *Agora*, pensou ele, antes que Agnes precisasse dizer alguma coisa. Levantou-se da mesa e foi até onde Lydia estava prostrada na espreguiçadeira como um cachorro ou um gato: não tinha força suficiente para sustentar o corpo. Abriu seu sorriso torto quando Eddie se aproximou, com a cabeça pendente, os pulsos dobrados como as asas de um pássaro. Seus olhos azul-claros procuraram os dele: límpidos e perfeitos, olhos sem qualquer sinal do mal que a afligia.

— Oi, Liddy — cumprimentou ele em tom seco. — Como foi o seu dia, garota?

Era difícil não dar a impressão de que caçoava dela, visto que Lydia era incapaz de responder. Quando falava alguma coisa, à sua maneira, balbuciava sem fazer sentido, o que os médicos chamavam de ecolalia. Ainda assim, era estranho ficar *sem falar* com ela. O que mais se podia fazer com uma menina de oito anos incapaz de manter-se sentada, quanto mais andar? Carinhos e cumprimentos: e assim passavam quinze segundos. E depois? Agnes observava, ávida de demonstrações de afeto pela filha caçula. Eddie se ajoelhou ao lado de Lydia e beijou seu rosto. Os cabelos dela eram dourados, com cachos macios, emanando o perfume do xampu caríssimo que Agnes fazia questão de lhe comprar. Tinha a pele acetinada como a de um bebê. Quanto mais Lydia crescia, maior era a tentação de imaginar a aparência que teria sem as lesões. Uma beldade. Possivelmente mais do que Agnes, e certamente mais do que Anna. Uma contemplação sem sentido.

— Como foi o seu dia, garota? — tornou a sussurrar.

Colheu Lydia nos braços e sentou-se na poltrona, acomodando o peso dela no peito. Anna recostou-se nele, ensinada pela mãe a acompanhar de perto essas interações. A devoção da filha por Lydia deixava Eddie intrigado; por que motivo, se Lydia pouco retribuía? Anna tirou as meias da irmã e fez cócegas em seus pés macios e contraídos até ela se contorcer nos braços de Eddie e produzir os sons que, no caso dela, equivaliam ao riso. Eddie detestava aquilo. Preferia imaginar que Lydia fosse incapaz de pensar ou sentir mais do que um animal, consciente apenas da própria sobrevivência. Mas o riso da filha, em reação ao prazer, refutava essa possibilidade. Eddie ficava com raiva — primeiro de Lydia, depois de si mesmo, por se contrapor a esse momento de alegria. A mesma coisa acontecia quando ela babava, obviamente sem querer: sentia um assomo de fúria, até mesmo um impulso de bater nela, seguido por

uma convulsão de culpa. O tempo todo, em relação à filha mais nova, a raiva e autocomiseração se entrecruzavam dentro de Eddie como contramarés, deixando-o esgotado e entorpecido.

Mas, ainda assim, podia ser muito bom. O fim de tarde azul visto pela janela, o rum de Brianne envolvendo seus pensamentos em uma névoa agradável, suas filhas aninhadas em seu corpo como dois gatinhos. Ellington no rádio, o aluguel do mês pago; as coisas poderiam ir muito pior — e *eram* para muita gente, no lodaçal de 1934. Eddie sentiu uma possibilidade de felicidade ameaçando tomar conta dele como o sono da noite. Mas um sentimento de rebeldia o devolveu à realidade: *Não, não posso aceitar isso, não vou me contentar com isso*. Pôs-se de pé bruscamente, assustando Lydia, que choramingou quando ele tornou a acomodá-la na cadeira. As coisas não estavam tomando o rumo que deviam, nem de longe. Eddie era um homem da lei e da ordem (o que lembrava sempre em tom de ironia), e sua situação desrespeitava uma quantidade excessiva de leis. Recuou, mantendo distância de tudo, e, ao mesmo tempo que recusava a felicidade, colheu sua recompensa: uma chibatada de dor e solidão.

Havia uma cadeira especial que precisava comprar para Lydia, absurdamente cara. Ter uma filha assim era para homens com a fortuna de Dexter Styles: mas será que homens como *ele* tinham filhos como Lydia? Nos primeiros anos da vida da menina, quando ainda acreditavam que eram ricos, Agnes levava Lydia toda semana a uma clínica na Universidade de Nova York, onde uma mulher lhe dava banhos com sais minerais e tentava fortalecer seus músculos usando roldanas e correias de couro. Agora, esse tipo de cuidado estava fora do alcance deles. Mas a cadeira permitiria a Lydia se sentar ereta, olhar para a frente, aderir ao mundo vertical. Agnes acreditava que teria um poder transformador, e Eddie julgava necessário dar a impressão de compartilhar a mesma crença. E talvez acreditasse um pouco. A tal cadeira tinha sido o motivo que o levava a se apresentar a Dexter Styles.

Agnes retirou as boinas e os trançados de lantejoulas da mesa da cozinha e pôs a mesa com quatro lugares. Por ela, Lydia se sentaria junto com todos, alegremente aninhada em seu colo. Mas isso estragaria a refeição para Eddie. Então, Agnes deixou Lydia sozinha na sala, o que compensava, como sempre, dedicando sua atenção à menina como se as duas ficassem ligadas às pontas de uma mesma corda. Por meio dessa corda, Agnes podia sentir a vibração da consciência e da curiosidade de Lydia, sua certeza de que não estava sozinha. Esperava que Lydia pudesse sentir o amor extremo e a segurança que procurava lhe transmitir. Claro, estar presa a uma das pontas daquela corda sempre reduzia à metade a presença de Agnes — distraída, como Eddie reclamava tantas vezes. Ao se empenhar tão pouco, porém, ele não deixava outra escolha à mulher.

Comendo o guisado de feijão com linguiça, Brianne os regalou com a história de seu rompimento com Bert. A relação já andava azeda quando ela

lhe desferiu um *coup de grâce* acidental ao derrubar Bert do convés de seu iate nas águas das Bahamas, infestadas de tubarões.

— Nunca vi ninguém tão rápido na água — contou ela. — Parecia um nadador olímpico. E depois que ele desabou no convés e que eu o ajudei a se levantar, tentei lhe dar um abraço, pois havia sido a primeira coisa divertida que ele tinha feito em muitos dias. Mas o que ele fez? Tentou me dar um soco no nariz.

— E aí, o que aconteceu? — perguntou Anna, com mais interesse do que Eddie gostaria.

Sua irmã era uma péssima influência, mas ele não sabia ao certo o que fazer quanto a isso, de que maneira contrabalançar o efeito que ela produzia.

— Eu me abaixei, é claro, e ele quase tornou a cair no mar. Homens que crescem ricos não dão nem para a saída em uma briga. Só os mais pobres é que sabem brigar. Como você, meu irmão.

— Em compensação, não temos iates — observou ele.

— O que é uma pena — disse Brianne. — Você ia ficar lindo com um quepe de comandante.

— Mas você esqueceu que eu não gosto de barcos.

— Homens que crescem ricos ficam moles — comentou Brianne. — E quando você vai ver, tudo neles ficou mole, se é que você me entende. Ficam de miolo mole — emendou, ante o olhar de censura do irmão.

— E o trompetista? — perguntou ele.

— Ah, esse é um amor. Tem cabelo ondulado, como Rudy Vallée.

Dali a pouco ela precisaria de dinheiro novamente. Os dias de dançarina de Brianne tinham ficado para trás, e naquela época sua principal fonte de renda já eram os namorados. Mas a quantidade de homens ricos tinha diminuído, e uma garota com olheiras pronunciadas e uma barriga de bêbado não tinha grandes probabilidades de fugar um deles. Eddie sempre encontrava algum modo de dar dinheiro à irmã quando ela pedia, mesmo que precisasse tomar emprestado a um agiota. Temia as opções a que ela recorreria caso ele não a ajudasse.

— Na verdade, o trompetista vai muito bem — falou Brianne. — Está trabalhando em algumas das casas noturnas de Dexter Styles.

O nome pegou Eddie de surpresa. Nunca o ouvira ser dito por Brianne nem por ninguém, e nunca lhe ocorrera que precisava estar pronto para a eventualidade. Do outro lado da mesa, deu-se conta da hesitação de Anna. Será que ela iria contar que tinham passado o dia justamente com esse homem, na casa dele na Praia de Manhattan? Eddie nem se atreveu a olhar para a filha. Com seu silêncio, instava Anna a também se manter calada.

— Imagino que seja uma boa coisa — disse ele finalmente à irmã.

— O Eddie de sempre — suspirou Brianne. — Eterno otimista.

O relógio bateu sete horas na sala, o que significava que já eram 19h15.

— Papai, você esqueceu a surpresa — avisou Anna.

Eddie não entendeu a que ela se referia, ainda abalado pela ameaça de flagrante. Então lembrou, levantou-se da mesa e foi até o cabide em que havia pendurado o sobretudo. Ela era ótima, sua Anna, pensou ele, admirado, enquanto fingia revirar os bolsos do sobretudo e controlar a respiração. Mais do que ótima. Deitou o saco na mesa e deixou os tomates vívidos rolarem para fora. Sua mulher e sua irmã ficaram devidamente atônitas.

— Onde você conseguiu? Como? — perguntaram em coro. — De quem?

Enquanto Eddie tentava encontrar uma explicação, Anna respondeu em tom suave:

— Alguém no sindicato tem uma estufa de vidro.

— Vivem bem esses rapazes do sindicato. Mesmo em plena Depressão — comentou Brianne.

— Especialmente na Depressão — completou secamente Agnes, mas na verdade estava contente.

O fato de receber agradãos significava que Eddie ainda era necessário, coisa que nunca tinha sido garantida. Pegou o sal, uma faca afiada, e começou a fatiar os tomates em uma tábua. O suco e algumas sementinhas escorreram para a toalha de mesa. Brianne e Agnes comeram as fatias de tomate com gemidos de prazer.

— Perus no Natal, e agora isso: acho que estamos perto de alguma eleição — falou Brianne, chupando os dedos.

— Dunellen quer ser eleito vereador — asseverou Agnes.

— Valha-me Deus, como esse homem é sovina. Pegue, Eddie. Estão ótimos.

E Eddie finalmente pegou uma fatia admirando a conjunção de sabores do sal, da acidez e da doçura do tomate. Anna olhou-o de relance nos olhos sem o menor sinal de cumplicidade. Tinha se saído muito bem, melhor do que ele podia esperar, mas ainda assim Eddie sentia certa preocupação — ou estaria revivendo a preocupação de algum ponto anterior do dia?

Anna ajudou a mãe a tirar a mesa e lavar os pratos enquanto Brianne se servia de mais rum. Eddie abriu a janela que dava para a escada de incêndio e empoleirou-se nela para fumar um cigarro. Fechou logo a janela atrás de si para Lydia não ser atingida por uma corrente de ar. A rua escura estava banhada pela luz amarela dos lampiões. E lá estava o lindo Duesenberg que tinha sido dele. Lembrou-se com algum alívio de que precisaria devolver logo o carro. Dunellen nunca permitiria que ficasse com ele até o dia seguinte.

Enquanto fumava, Eddie retomou sua preocupação com Anna, como se tivesse guardado uma pedra no bolso para agora examinar à vontade. Ele tinha ensinado a filha a nadar em Coney Island, levava Anna para ver *Inimigo público*, *Alma no lodo* e *Scarface* (sob o olhar de repreensão dos lanterninhas do cinema), comprara para ela *milk-shake*, charlotte russa e café, que a deixava tomar desde os sete anos. Ela podia se passar por um menino: meias soquete empoeiradas, os vestidos que usava no dia a dia não muito diferentes de calças curtas. Ela era

uma moleca; como uma erva daninha, era capaz de crescer em qualquer fresta, sobreviver a qualquer coisa. Ela lhe infundia a energia que Lydia drenava.

Mas o que ele tinha acabado de presenciar à mesa era dissimulação. Não convinha a uma menina, e poderia levá-la ao caminho errado. Quando se aproximara de Anna na praia mais cedo, ao lado de Styles, ficara espantado ao ver que ela, se não era exatamente bonita, era cativante. Tinha quase doze anos: não era mais tão pequena quanto ainda a imaginava. A sombra dessa nova compreensão o deixara perturbado pelo resto do dia.

A conclusão era óbvia: ele precisava parar de levar Anna como companhia. Não de imediato, mas logo. E essa ideia abriu dentro dele um vazio em expansão.

De volta ao apartamento, Brianne aplicou um beijo com aroma de rum no rosto de Eddie e saiu ao encontro de seu trompetista. Agnes trocava a fralda de Lydia na tábua que cobria a cuba na cozinha. Por trás, Eddie passou os braços em volta dela procurando o jeito de sentir-se unido a ela com facilidade, sempre, acreditando em tudo por um instante. Mas Agnes queria que ele beijasse *Lydia*, segurasse a fralda e a prendesse com o alfinete, com cuidado para não espetar a carne tenra da menina. Eddie quase chegou a fazer o que ela pedira — preparou-se para a tarefa —, mas não seguiu adiante, e o impulso se dissipou. Largou Agnes, decepcionado consigo mesmo, e ela terminou de trocar a fralda sozinha. Ela também sentira a fígada da antiga vida do casal. Virar-se e beijar Eddie, surpreendê-lo; esquecer Lydia por um instante: que mal podia haver nisso? Imaginou-se agindo assim, mas não foi capaz de pôr em prática. Sua antiga maneira de existir no mundo estava guardada em alguma caixa, junto com seus figurinos do Ziegfeld Follies, acumulando poeira. Um dia, talvez, pudesse tirar aquela caixa de seu esconderijo debaixo da cama e tornar a abri-la. Mas ainda não. Lydia precisava demais dela.

Eddie foi procurar Anna no quarto que a menina dividia com Lydia. Era o cômodo de frente, voltado para a rua; o quarto que ele e Agnes ocupavam era o dos fundos, direcionado ao fosso de ventilação, cuja exalação insalubre fedia a mofo e cinzas úmidas. Anna folheava o catálogo dos prêmios. Eddie se admirava com aquela fixação no folheto acanhado repleto de prêmios supervalorizados, mas sentou-se ao lado dela na cama estreita e entregou-lhe o cupom do maço novo de Raleigh. Ela examinava uma mesa marchetada para carteados, no anúncio, era definida como “capaz de resistir ao uso constante”.

— O que você acha? — perguntou ela.

— Setecentos e cinquenta cupons? Até Lydia vai precisar começar a fumar para você conseguir juntar essa quantidade.

Isso fez Anna rir. Ela adorava quando ele incluía Lydia nas conversas; ele sabia que devia tentar incluí-la com mais frequência, o que não lhe custava nada. Ela virou a página: um relógio masculino de pulso.

— Eu podia trocar por esse relógio para você, pai. Já que aqui em casa é

você quem fuma.

Ele ficou comovido.

— Eu tenho meu relógio de bolso, não esqueça. Por que não alguma coisa para você, que é quem junta os cupons? — sugeriu e folheou o catálogo, em busca de produtos para crianças.

— Uma boneca Betsy Wetsy? — respondeu ela, desdenhosa.

Incomodado com o tom de Anna, ele chegou a uma página com estojos de pó compacto e meias de seda.

— Para mamãe? — indagou ela.

— Para você. Já está ficando grande para brincar de boneca.

Ela caiu na gargalhada, para alívio dele.

— Eu nunca vou querer esse tipo de coisa — comentou ela, e voltou a admirar os cristais, uma torradeira, um abajur elétrico. — Vamos escolher alguma coisa que toda a família possa usar — sugeriu em tom efusivo, como se aquela pequena família fosse igual à dos Feeney, cujos oito filhos saudáveis enchiam dois apartamentos e conquistaram o monopólio de um dos banheiros do terceiro andar.

— Está certa, meu bem, de não falar do sr. Styles no jantar — elogiou ele, baixinho. — Melhor mesmo nem tocar no nome dele diante de ninguém.

— Só com você?

— Nem comigo. E eu também não vou tocar no nome dele. A gente pode pensar nele, mas não falar em voz alta. Entendeu?

E preparou-se para a inevitável queixa da menina.

Mas Anna pareceu animada com aquela estratégia.

— Entendi!

— Bom. E a gente estava falando do que mesmo?

Uma pausa.

— Do senhor Fulano — respondeu ela, enfim.

— Essa é a minha menina.

— Casado com a senhora Beltrana.

— Exatamente.

Anna sentiu que começava a se esquecer, reconfortada pela satisfação de compartilhar aquele segredo com seu pai, de ser capaz de agradá-lo daquele modo único. O dia com Tabatha e o sr. Styles transformava-se em um desses sonhos que se dissolvem no instante em que você tenta abarcá-lo.

— E eles moravam em Sei Lá Onde.

Ela imaginou a paisagem: um castelo à beira-mar, cercado por um nevoeiro de esquecimento.

— Lá mesmo — confirmou o pai. — Lá mesmo. Era lindo, você não achou?

TRÊS

O alívio de Eddie por sair era o exato oposto do alívio que sentia ao chegar em casa antigamente. Antes de mais nada, podia fumar. No térreo, riscou um fósforo no sapato e acendeu um cigarro, satisfeito por não ter cruzado com nenhum vizinho no caminho de descida. Detestava as reações que eles manifestavam à existência de Lydia, quaisquer que fossem. A família Feeney, devota e caridosa: piedade. A sra. Baxter, cujos chinelos espreitavam como duas baratas atrás da porta assim que ela ouvia passos na escada: uma curiosidade sinistra. Lutz e Boyle, velhos solteirões separados por uma parede no segundo andar, mas que não se falavam havia uma década: repulsa (Boyle) e raiva (Lutz). “Não era melhor ela estar internada num asilo?”, Lutz tinha chegado ao ponto de perguntar. Ao que Eddie tinha respondido: “E por que *você* não se interna?”

No frio do lado de fora do prédio, detectou um murmúrio áspero, assobios trocados em torno de pontas acesas de cigarros. Ao grito de “Todo mundo solto!”, ele percebeu que eram meninos brincando de *ringolevio*: dois times, cada qual tentando aprisionar os membros do outro. O edifício, em um quarteirão miscigenado, tinha vários tipos de moradores — italianos, polacos, judeus: tudo menos negros —, mas aquela cena poderia perfeitamente estar acontecendo no abrigo The New York Catholic Protectory, no Bronx, onde ele tinha crescido. Em qualquer lugar a que você fosse, em toda parte, havia um bando de rapazes.

Eddie entrou no Duesenberg e ligou o motor, atento a uma vibração aguda que tinha percebido mais cedo, cujo som lhe parecera suspeito. Dunellen estava acabando com o carro, o destino de tudo o que lhe caía nas mãos — inclusive o do próprio Eddie. Ao pressionar o acelerador e ouvir aquele rangido, ele ergueu o olhar para as janelas iluminadas da própria sala. Sua família estava lá. Às vezes, antes de entrar em casa, Eddie ficava parado no corredor, escutando uma alegria festiva que vinha do outro lado da porta fechada, o que sempre o deixava surpreso. *Será minha imaginação?*, ele se perguntava mais tarde. Ou elas ficavam mais à vontade — mais felizes — na ausência dele?

★ ★ ★

Havia sempre um momento, depois que o pai de Anna saía, em que toda a

vitalidade dava a impressão de ter deixado a casa junto com ele. O tique-taque do relógio da sala a fazia ranger os dentes. Uma dor provocada pela sensação de inutilidade, quase uma raiva, latejava em seus pulsos e dedos enquanto ela prendia, com agulha e linha, miçangas a chapéus sofisticados com adornos de plumas. Sua mãe cobria boinas com lantejoulas, 55 ao todo, mas os trabalhos de acabamento mais difíceis iam parar nas mãos de Anna. Mas ela não se orgulhava do seu talento de costureira. Trabalhar com as mãos significava estar sob as ordens de alguém — no caso de sua mãe, de Pearl Gratzky, uma figurinista que conhecia dos tempos do Ziegfeld Follies e que trabalhava em espetáculos da Broadway, além de em um filme ou outro de Hollywood. O marido da sra. Gratzky era recluso. Tinha um buraco no flanco, ainda da Grande Guerra, que não cicatrizara depois de dezesseis anos — fato invocado para justificar a histeria que Pearl externava quando as encomendas não ficavam do seu agrado. A mãe de Anna nunca tinha visto o sr. Gratzky.

Quando Lydia acordou do seu cochilo, Anna e a mãe se sacudiram para espantar a letargia. Anna segurou a irmã no colo, com um babador amarrado por cima do peito, enquanto sua mãe lhe deu a comida que preparava a cada manhã, uma papa de carne e legumes bem cozidos. Lydia parecia intensamente atenta; via, escutava e entendia tudo. Anna sussurrava segredos para a irmã à noite. Só Lydia sabia que o sr. Gratzky tinha mostrado seu ferimento a Anna algumas semanas antes, quando ela fora entregar um pacote de encomendas e Pearl Gratzky não estava em casa. Impelida por uma ousadia que parecia vir de algum lugar de fora dela, Anna tinha empurrado a porta do quarto onde ele ficava — um homem alto, com um rosto bonito e abatido — e pedido para que lhe mostrasse o seu ferimento. O sr. Gratzky levantara a blusa do pijama e, depois, uma atadura de gaze, mostrando-lhe uma pequena abertura redonda, rosada e lustrosa como a boca de um bebê.

Quando Lydia acabou de comer, Anna percorreu o dial do rádio até encontrar a Orquestra Martell tocando grandes sucessos. Ela e sua mãe começaram a dançar timidamente, esperando para ver se o sr. Praeger, que morava no quinto andar diretamente abaixo delas, iria começar a bater no teto com um cabo de vassoura. Mas era provável que ele tivesse ido a alguma luta clandestina, como em tantas outras noites de sábado. Aumentaram o volume, e a mãe de Anna dançava com tal entrega indolente que nem parecia a mesma pessoa. Despertava memórias embotadas em Anna de quando era ainda muito pequena e vira sua mãe no palco: uma visão distante e cercada de brilho, banhada em luzes coloridas. Sua mãe conhecia todas as danças — o Baltimore Buzz, o tango, o Black Bottom, o *cakewalk* —, mas não dançava mais, só em casa, com Anna e Lydia.

Anna dançou com Lydia no colo até a flacidez do corpo da irmã integrar-se à dança. Todas ficaram muito coradas; os cabelos de sua mãe pendiam soltos, e ela desabotoou a gola do vestido. Abriu uma fresta da janela que dava para a escada de incêndio, e o ar gelado do inverno fez as três tossirem. O pequeno

apartamento se agitava e ressoava com uma alegria que parecia não existir quando seu pai estava em casa, uma língua que se transformava em mero burburinho aos ouvidos dele.

Quando todas ficaram com calor de tanto dançar, Anna removeu a tábua que cobria a banheira e a encheu. Despiram Lydia depressa e a mergulharam com delicadeza na água morna. Libertada da gravidade, sua forma retorcida e contraída vicejava a olhos vistos. Sua mãe a sustentava pelas axilas enquanto Anna massageava seu couro cabeludo e seus cabelos com o xampu especial à base de lilás. Os olhos azul-claros de Lydia encaravam-nas em êxtase. Bolhas se acumulavam em suas têmporas. Havia uma satisfação dolorida em guardar o melhor de tudo para ela, como se a irmã fosse, em segredo, uma princesa merecedora de todos os tributos que elas lhe reservavam.

Anna e sua mãe precisavam somar seus esforços para tirar Lydia da banheira antes que a água esfriasse, com bolhas reluzindo em recantos inesperados de seu corpo — o que era lindo a seu estranho modo, como a parte interna de uma orelha. Enrolaram-na na toalha, carregaram-na até a cama e a secaram em cima da colcha, salpicando sua pele com o talco Cashmere Bouquet. A camisola de algodão tinha arremates de renda de Bruges. Seus cabelos úmidos cheiravam a lilás. Quando a puseram na cama, Anna e sua mãe se deitaram cada uma de um lado, com as mãos dadas por cima do corpo de Lydia para impedir que ela caísse da cama antes de adormecer.

Cada vez que Anna transitava do mundo de seu pai para o de sua mãe e de Lydia, sentia que largava uma vida pela outra, mais profunda. E quando voltava para junto do pai, de mãos dadas com ele enquanto percorriam a cidade, era a vez de largar sua mãe e Lydia, muitas vezes esquecendo-se delas por completo. De um lado para outro ela ia, submergindo cada vez mais — e ainda mais —, até ter a impressão de que não tinha como afundar mais. Contudo, de algum modo, sempre tinha. Nunca chegava a tocar o fundo.

★ ★ ★

Eddie estacionou o Duesenberg na porta do Sonny's West Shore Bar and Grill, perto do porto. Noite de sábado, três dias antes da véspera do ano-novo, e o silêncio do lado de fora era completo — prova absoluta de que nenhum navio tinha chegado naquela semana, ou na anterior.

Cumprimentou Matty Flynn, o barman de cabelos brancos, e em seguida caminhou pelo piso coberto de serragem até o canto esquerdo do fundo, onde, debaixo de um cartaz figurando Jimmy Braddock pronto para uma luta, John Dunellen cuidava de seus negócios extraoficiais. Era um homem corpulento com mãos imensas de campeão de lutas no convés, embora não trabalhasse em um navio havia mais de uma década. Apesar das roupas vistosas, Dunellen passava uma impressão de cansaço e desgaste, como um cargueiro

corroído pela ferrugem após um longo tempo ancorado. Estava cercado por um bando de puxa-sacos, parasitas e contrabandistas de pouca monta que vinham lhe trazer uma parte dos ganhos em troca de sua bênção. Sem navios no porto, esses esquemas iam a pleno vapor, pois os estivadores estavam desesperados.

— Ed — murmurou Dunellen quando Eddie se instalou em uma cadeira.

— Dunny.

Dunellen fez um sinal a Flynn, pedindo uma cerveja Genesee e uma dose de uísque para Eddie. Então ficou sentado com um jeito distraído, mas, na verdade, escutava atento o rádio portátil, o qual carregava para toda parte (ele se dobrava e se transformava em uma maleta) e deixava ligado em volume baixo. Dunellen acompanhava as corridas de cavalo, as lutas de boxe, as partidas de basquete e beisebol: qualquer disputa em que alguém pudesse apostar. Mas seu amor especial era o boxe. E patrocinava dois rapazes da categoria leve júnior.

— Você deu lembranças minhas à noiva? — perguntou Dunellen enquanto Lonergan, um operador de apostas ilegais que era novo em seu círculo, escutava a conversa.

— Estava cheio demais — disse Eddie. — Vou esperar passar o ano-novo.

Dunellen grunhiu em aprovação.

— Isso, bem de leve, sem forçar nada.

O destinatário dessa entrega particular era um senador estadual. O plano tinha sido entregar-lhe a encomenda na saída da Catedral de São Patrício, na manhã daquele dia. O pai da noiva era Dare Dooling, um banqueiro próximo ao cardeal Hayes. O próprio cardeal tinha casado os noivos.

— Nem achei tão cheio assim — objetou Lonergan. — Tinha alguns policiais, claro, mas eram *nossos*.

— Você estava lá?

Eddie se espantou. Não gostava de Lonergan; os dentes compridos do sujeito davam-lhe um ar permanente de escárnio.

— Minha mãe foi babá da noiva — respondeu Lonergan, orgulhoso. — Já você, eu não vi por lá, Kerrigan.

— Eddie é assim. Só é visto quando quer — comentou Dunellen, com um riso abafado.

Deslizou o olhar em direção a Eddie, e Eddie sentiu uma proximidade sufocante com relação ao velho amigo, um laço de família mais forte do que já houvera entre ele e Brianne. Eddie tinha salvado a vida de Dunellen no bairro de Rockaway Beach, juntamente com a de outro rapaz do Protectory, que se debatiam e vomitavam em uma forte correnteza na praia. Esse acontecimento nunca era lembrado em voz alta, mas estava sempre presente.

— Vou prestar mais atenção da próxima vez — disse Lonergan em tom amargo. — E pago uma bebida.

— De jeito nenhum! — trovejou Dunellen, sua fúria abrupta despertando

o interesse passageiro dos dois brutamontes que o escoltavam para todo lado. Dunellen mantinha esses dois gigantes de pavio curto a certa distância; eles desfaziam o ar bondoso que tentava projetar. — Você nem *conhece* Eddie Kerrigan fora deste bar, *capisce*? Como é que ficam as coisas se ele estiver trocando um dedo de prosa com os ricos e poderosos e, no minuto seguinte, aparecer de papo com um idiota como você? Você não tem porra nenhuma a ver com os lugares aonde Eddie vai; não tem nada que meter o focinho onde não é chamado.

— Desculpa, chefe — murmurou Lonergan, a vermelhidão lhe invadindo as faces.

Eddie percebeu o fel da inveja dele, o que lhe deu vontade de rir. Ser invejado por Lonergan! É verdade que Eddie se vestia bem (graças a Agnes) e contava com a atenção de Dunellen, mas nem por isso deixava de ser um João-ninguém. “Repassador” era exatamente isso: o sujeito encarregado da transferência de um pacote contendo alguma coisa (dinheiro, claro, mas não cabia a ele saber) entre homens que, a rigor, nunca deveriam ter qualquer tipo de ligação. O mensageiro ideal não era filiado a nenhum dos dois lados, neutro tanto nos trajes quanto na conduta, conseguindo compensar a natureza furtiva dessas transações. Eddie Kerrigan era um homem assim. Parecia à vontade em qualquer lugar — nos hipódromos, em salões de baile, em teatros, em encontros de irmandades católicas. Seu rosto era agradável, ele falava inglês com um sotaque neutro e tinha muita prática no trânsito entre mundos diferentes. Eddie conseguia transformar uma entrega em uma lembrança de última hora: “Ora, já ia esquecendo, é do nosso amigo em comum”, “Ah, muito obrigado”.

Em troca de seus serviços, Dunellen lhe pagava um salário de subsistência: com sorte, vinte dólares por semana. Combinado com os ganhos de Agnes, era suficiente apenas para impedir a família de penhorar os únicos objetos de valor que ainda não tinham posto no prego: seu relógio de bolso, que ele pretendia levar consigo até o túmulo; o rádio; e o relógio de parede francês que Brianne lhes dera de presente de casamento. Um gancho de estivador nunca lhe parecera tão atraente.

— Alguma coisa em quarentena? — perguntou Eddie, pensando nos navios destinados a um dos três píeres que Dunellen controlava.

— Talvez daqui a um ou dois dias, de Havana.

— Para um dos seus?

— Dos nossos — corrigiu Dunellen. — Dos nossos, Eddie. Por quê? Está precisando de dinheiro emprestado?

— Não por ele — disse, apontando para Nat, o agiota que cobrava 25% por semana e estava jogando dardos ali ao lado.

— Eddie, Eddie — repreendeu-o Dunellen. — Eu pago a sua semana.

Eddie planejava ir embora depois da primeira bebida. Agora, tendo sido questionado por Lonergan, achava prudente só sair depois dele, o que

significava ficar bebendo com Dunellen, que tinha três vezes a circunferência de Eddie e usava uma perna de pau. Eddie olhou para a porta, esperando que Maggie, a megera com quem Dunellen casara, aparecesse disposta a arrastá-lo para fora do bar como se ele fosse um estivador torrando os ganhos do dia, não o presidente do sindicato local, na iminência de se tornar vereador. Mas Maggie não apareceu, e depois de algum tempo Eddie viu-se berrando a letra da canção irlandesa “The Black Velvet Band”, com Dunellen e outros, e todos enxugavam lágrimas de emoção. Finalmente, Lonergan se despediu.

— Você não gosta dele — declarou Dunellen assim que o outro foi embora, e era a mesma abertura que teria tido com Lonergan se Eddie tivesse saído primeiro.

— Ele é um bom sujeito.

— Você acha que é um cara correto?

— Acho que ele joga limpo.

— Você tem bom faro para essas coisas. Devia ter entrado para a polícia.

Eddie se limitou a dar de ombros, fazendo o cigarro rolar entre dois dedos.

— Você tem o mesmo jeito de pensar — completou Dunellen.

— Mas eu ia precisar ser corrupto. E isso é policial que se apresente?

De algum ponto da paisagem escarpada de sua mente, Dunellen lançou um olhar atento a Eddie.

— Mas a corrupção não está nos olhos de quem vê?

— Acho que sim.

— E nenhum policial pode ser demitido, nem mesmo em plena Depressão.

— Você tem lá a sua razão.

Pareceu que Dunellen se apagava. Esse ar desatento levava certos homens a não levá-lo a sério, ou a assumir um excesso de liberdade na sua presença, o que era um erro. Ele era como um desses peixes venenosos de que Eddie tinha ouvido falar, que assumiam a aparência de uma pedra para enganar as presas. Eddie estava a ponto de se levantar para ir embora quando Dunellen se virou para ele, cravando em seu rosto um olhar de súplica.

— Tancredo — rosnou ele. — O carcamano filho da puta gosta de boxe.

Aplacar a obsessão de Dunellen com os italianos custaria a Eddie pelo menos mais trinta minutos.

— Como vão os seus rapazes? — perguntou ele, na esperança de fazê-lo mudar de assunto.

Quando seus lutadores foram mencionados, o rosto de Dunellen relaxou como uma carne fria que se aquecia no fogão.

— Uma beleza — murmurou ele e, deixando Eddie inquieto, pediu com gestos mais uma rodada. — Uma beleza mesmo. São rápidos, são espertos, prestam atenção. Você devia assistir a uma luta deles, Ed.

Dunellen não tinha filhos, o que era muito incomum no meio em que viviam, onde cada homem produzia, em média, de quatro a dez rebentos. As opiniões se dividiam, havendo quem achasse que a rabugice de Maggie era a

causa, e, outros, um resultado daquela união improdutiva. Uma coisa era certa: se Dunellen tivesse filhos e os tratasse com o mesmo zelo que dedicava aos seus pesos-leve (eram sempre dois), seria alvo declarado de zombaria. Nas lutas dos rapazes, grunhia e se contorcia como uma velha que assistisse seu cãozinho de colo enfrentando um dobermann. A viseira verde que usava à beira do ringue não escondia os rastros das lágrimas que escorriam dos seus olhos miúdos e cruéis.

— Tancredo resolveu se meter com eles — prosseguiu com voz trêmula. — Com os meus meninos. Ele vai mexer os pauzinhos para que eles não tenham a menor chance.

Mesmo embriagado, Eddie não teve dificuldade em entender o problema de Dunny: Tancredo, quem quer que fosse, estava exigindo uma participação nos pesos-leve de Dunellen para deixá-los lutar — ou possivelmente vencer — em certos ringues controlados pelo crime organizado. O acerto era idêntico ao imposto por Dunellen em todo tipo de esquema realizado nos píeres sob o seu comando: se você não pagasse a parte dele, o melhor que podia esperar era o desemprego.

— Me agarraram pelas bolas, Ed. Os italianos. Nem consigo dormir só de pensar nisso.

Uma das ideias preferidas de Dunellen era que a Confraria dos Carcamanos, como ele insistia em chamar, não se limitava aos seus projetos mais evidentes, como a coleta de lucros e a autopreservação: seu objetivo principal era o extermínio dos irlandeses. Esta teoria se apoiava em certos fatos que Dunellen enumerava como se fossem os Passos da Paixão: a dissolução do grupo de Tammany Hall pelo prefeito La Guardia; o Massacre do Dia de São Valentim, em Chicago (sete irlandeses mortos); os assassinatos mais recentes de Legs Diamond, Vincent Coll e alguns outros. Que todos esses mortos fossem também matadores não vinha ao caso. Não fazia diferença que a tal confraria não fosse composta só de carcamanos, ou que os inimigos pessoais de Dunellen fossem, do primeiro ao último, irlandeses como ele: chefes que controlavam outros píeres, contratando trabalhadores avulsos, gente que se recusava a participar das negociatas dos sindicatos — qualquer um dos quais podia desaparecer por obra dos guarda-costas de Dunellen, até o degelo da primavera provocar o surgimento de seus corpos inchados na superfície do rio Hudson, lembrando os balões de gás de um desfile festivo. Para Dunellen, a ameaça da Confraria dos Carcamanos era de ordem bíblica, cósmica. Normalmente, essa fixação não expunha Eddie a grande perigo; só o deixava entediado ao limite do insuportável. Mas ainda naquele dia ele havia passado algumas horas com um dos maiores chefes da organização.

— Você está pensando em alguma coisa — disse Dunellen, fitando Eddie com uma insistência invasiva. — Desembucha.

Em algum ponto no interior do aglomerado confuso e bêbado que era John Dunellen, operava uma atenção sobrenatural, como se aquele seu rádio portátil

canalizasse e amplificasse sua capacidade de percepção. E este era o Dunellen que a maioria dos outros só via quando já era tarde demais: um homem capaz de ler os pensamentos do interlocutor. Mentir para ele era sempre um risco.

— Você tem razão, Dunny. Eu ia gostar de ser da polícia — admitiu Eddie.

Dunellen fitou Eddie por mais um momento. Em seguida, detectando a veracidade da declaração, acabou relaxando.

— E o que você faria em relação a Tancredo? — arquejou.

— Daria o que ele está pedindo.

Dunellen recuou, trovejando um protesto.

— Mas por que fazer isso?

— Às vezes, sair para a briga não dá certo. Às vezes, a melhor coisa é ganhar tempo, esperar uma brecha — explicou Eddie.

Ocasionalmente, como agora, o salvamento que tinha forjado a ligação entre os dois e ainda banhava, alegoricamente, todas as conversas entre eles subia à superfície e se revelava em plena luz. Dunellen e Sheehan eram mais velhos; Bart era o cérebro, e Dunny, a boca. Quando Eddie viu os dois perdendo o pé, incapazes de voltar para a praia, atirou-se na água e nadou na direção deles. Passou um braço pelo pescoço de cada um e gritou bem perto dos seus rostos aterrorizados: “Parem de resistir. Comecem a boiar e deixem a correnteza nos levar para fora.”

Os dois estavam cansados demais para desobedecer. Começaram a boiar, e, quando recuperaram o fôlego, Ed saiu nadando na frente, paralelamente à praia, a quase um quilômetro da areia. Eram todos ratos da água, e mergulhavam dos píeres da cidade para fugir do calor do verão praticamente desde que tinham aprendido a andar. Um quilômetro e meio adiante, na direção da praia, Eddie viu uma abertura entre as ondas e conduziu Bart e Dunny de volta à areia.

— E como eu faço para ganhar tempo com um carcamano que está querendo se meter nos meus interesses? — esbravejou Dunellen.

— Entregue só o bastante para ele sossegar. Para ficar satisfeito. Depois, comece a procurar uma saída.

Estava consciente de que dava conselhos tanto para si mesmo quanto para o próprio Dunellen, mesmo enquanto conversava com Dunellen. Seu velho amigo se aproximou, e Eddie se viu envolvido pelo cheiro azedo das cebolas em conserva que ele gostava de chupar. Sentiu um saca-rolha de náusea o perfurar por dentro.

— Bom conselho, Ed — disse Dunellen em tom ríspido.

— Fico feliz em poder ajudar.

— Se cuide.

Dunellen virou sua cadeira para o outro lado. Em seu estado de leve embriaguez, Eddie deixou de perceber, em um primeiro momento, que estava sendo dispensado sem a paga prometida, punido pela fraqueza que o próprio Dunellen tinha demonstrado. Na praia, a mesma coisa tinha acontecido: Eddie

tinha arrastado Dunellen pelos cabelos até a areia, onde ele ficou gemendo e vomitando água salgada por algum tempo, antes de enxugar as lágrimas e sair andando de volta. Foi o outro rapaz, Bart Sheehan, que levantou Eddie no ar e deu dois beijos em suas bochechas. Mas Eddie não se deixava enganar por Dunellen, nem na época, nem agora; sabia que a partir de então o brutamontes passaria a protegê-lo. E assim foi: quanto mais forte o laço, mais Dunellen aparentava desatenção. Tinha um amor profundo por Eddie.

Dunellen dedicou uma atenção ostensiva a vários corretores de apostas que tinham ocorrido para beijar seu anel, de tempos em tempos separando uma nota de um rolo de dinheiro e enfiando a gratificação, com uma intimidade criada pela prática, em punhos fechados, dispensando agradecimentos com um breve aceno. Eddie teimava em permanecer sentado. Esperou, mesmo sabendo que voltaria para casa de mãos vazias. Nos complexos cálculos da relação entre eles dois, esperar mais sem receber nada podia vir a produzir algum pagamento extra de Dunellen mais adiante.

Quando reparou que Eddie ainda estava lá, Dunellen fez uma careta. Em seguida, suavizou sua expressão de desgosto e perguntou baixinho, durante um momento de trégua:

— E como vai a pequena?

— Igual. Como nunca vai deixar de estar.

— Eu rezo por ela todo dia.

E Eddie sabia que rezava mesmo. Dunellen era profundamente devoto: frequentava a missa das 6h30 da manhã na Igreja do Anjo da Guarda, às vezes depois de uma noite em claro, e voltava para uma segunda missa às cinco da tarde. Carregava um rosário em cada bolso.

— Eu é que devia rezar mais por ela — disse Eddie.

— Às vezes é mais difícil pedir a Deus alguma coisa para si mesmo.

Eddie ficou comovido com essa afirmação. Sentiu uma grande intimidade com Dunellen, profunda e primitiva, como se o sangue de um corresse pelas veias do outro.

— Eu preciso comprar uma cadeira para ela. Custa 380 dólares — contou Eddie.

O amigo fez um ar de profundo espanto.

— São loucos?

— São eles que vendem a tal cadeira, e a menina precisa dela — comentou Eddie.

Não pretendia pedir o dinheiro, mas agora sentiu uma onda súbita de esperança com a possibilidade de que Dunellen lhe desse o que precisava. Dinheiro ele tinha. Deus sabia que sim. E podia ter aquele total até ali mesmo, no bolso, naquele rolo impressionante de notas — aquecido, como os rosários, pelo calor feroz do seu corpo.

— Nat podia te ajudar nessa — sugeriu Dunellen em tom pensativo, depois de uma longa pausa. — Posso trocar umas palavras com ele, conseguir o prazo

que você precisar. E depois descontar direto do seu pagamento, se ajudar em alguma coisa.

Eddie precisou de um momento, em seu estupor, para absorver o que Dunellen tinha dito. Havia mandado Eddie falar com o agiota. E, a julgar pela expressão gentil em seus olhos, considerava essa indicação um ato de caridade.

Eddie tomou um cuidado extremo para não reagir.

— Vou pensar no assunto — respondeu em voz mansa.

Se ficasse mais um minuto no bar do Sonny, Dunellen acabaria percebendo sua contrariedade e o castigaria por ela.

— Boa noite, Dunny — despediu-se, entregando ao outro a chave do Duesenberg. — Obrigado.

Trocaram um aperto de mãos. Eddie saiu do bar e ficou alguns minutos parado do lado de fora, esperando que o vento gelado do rio Hudson lhe devolvesse à força alguma sobriedade. Mas descobriu que cambaleava a caminho do metrô, mais embriagado do que tinha percebido, e precisou se apoiar nos tijolos frios da parede do bar do Sonny. O gemido e os estalos das amarras do cais chegavam a seus ouvidos como um ranger de dentes. Sentiu o cheiro de correntes enferrujadas e de tábuas encharcadas de óleo de peixe, o que agora percebia como o mau cheiro da própria corrupção. Dunellen era adorado por todos devido ao hábito de distribuir dinheiro à sua volta, mas Eddie sabia que era ele quem controlava os agiotas, entre eles Nat, ficando com uma parte dos juros que cobravam e atizando seus capangas contra os devedores inadimplentes. Uma palavra de Dunellen e o chefe que contratava os estivadores temporários escolhia um devedor para um dia de trabalho, de maneira que os pagamentos ao agiota pudessem ser deduzidos dos seus ganhos. Quanto mais você afundava, mais você caía nas mãos *deles*, e mais eles se esforçavam para mantê-lo preso.

Nossos, Dunellen tinha dito. Os nossos píeres.

Eddie cambaleou até o meio-fio e vomitou copiosamente na rua. Em seguida, limpou a boca e olhou em volta, aliviado de ver que não havia ninguém em todo o quarteirão.

Sabia bem que tinha chegado a um fim de linha. Fechou os olhos e recapitulou o seu dia: a praia, o frio, o almoço excelente. Uma toalha de mesa branca. O conhaque. Pensou na cadeira. Mas não tinha procurado Dexter Styles só por causa da cadeira: tinha sido um desejo insistente, desesperado, de mudar alguma coisa. Qualquer mudança. Mesmo que a mudança acarretasse certo risco. Ele sempre haveria de preferir o risco ao sofrimento.

QUATRO

Duas noites por semana, uma senhora caridosa comparecia ao New York Catholic Protectory e lia em voz alta, depois do jantar, *A ilha do tesouro*, *As mil e uma noites*, *Vinte mil léguas submarinas* e outras aventuras exóticas. Eddie tentava imaginar o que ela via, quando olhava para aquele renque de meninos do alto do púlpito: filas e mais filas, todos de mãos cruzadas, uma em cima da outra (como era obrigatório depois das refeições), dezenas de rostos parecidos demais para se distinguir um do outro, como moedas de um centavo. Os maiores, os mais feios e os mais gentis podiam se destacar (DeSoto; O'Brien; Macklemore, com seu rostinho de anjo), mas não Eddie Kerrigan. Seus únicos traços notáveis eram a capacidade de passar por portas trancadas só por uma corrente e subir como um macaco nos postes de iluminação da rua. Sabia imitar sotaques, mas era tímido demais para exhibir esse talento. Certa vez, passou mais de dois minutos debaixo d'água, na Eastchester Bay.

Seu pai o tinha levado para o abrigo aos quatro anos, depois que sua mãe morreu de tifo. Naquela época, o Protectory ainda ficava na cidade de Van Nest, em Westchester, mas quando Eddie chegou à idade de notar a diferença, Van Nest já tinha sido absorvida pelo East Bronx. Um conjunto de edificações à parte, destinado às meninas, ficava do outro lado da Unionport Road. Era dotado de um laguinho idêntico, mas Eddie nunca soube se as meninas eram tão adeptas quanto ele em capturar com as mãos as carpas ariscas. Brianne tinha ido morar em Nova Jersey com os familiares da mãe, a qual, por sua vez, tinha morrido na Irlanda. No começo, o pai ainda ia visitá-lo, levava Eddie às corridas e, depois, a um *saloon*. Dessas saídas, Eddie se lembrava pouco além de ficar agarrado à mão do pai e tentar, de calças curtas, acompanhar seu passo furioso enquanto se desviava de bondes e carroças.

Deitado no vasto dormitório, ouvindo sua respiração fundir-se ao suspiro coletivo de tantos meninos adormecidos, Eddie se envergonhava da própria magreza: quadris estreitos, um rosto fino sem traços notáveis, cabelos que pareciam palha suja. Ainda mais do que a excursão anual dos órfãos ao circo, ele ansiava pelo momento em que, a cada mês, as mãos do barbeiro do abrigo tocavam levemente em seu couro cabeludo, com indiferença, mas acalentando o menino quase a ponto de fazê-lo dormir. Sentia-se menos importante do que um maço de cigarros vazio. Às vezes, o peso implacável de tudo que ele *não* era parecia a ponto de triturar Eddie e reduzi-lo a pó, da mesma forma como ele moía as mariposas secas que se acumulavam em pilhas nos parapeitos das janelas do abrigo. Havia ocasiões em que realmente desejava ser triturado.

Aos nove ou dez anos, esperava-se que os meninos ganhassem alguns trocados depois das aulas para seus pequenos gastos por meio de uma das inúmeras ocupações anunciadas em cartazes que diziam PRECISA-SE DE AJUDANTE: entregar mensagens e pacotes; fechar caixotes em uma das muitas fábricas de piano do Bronx. Os mais empreendedores vendiam goma de mascar, botões ou balas na estação ferroviária de Van Nest, criando pregões em grupos de dois ou três com canções e passos de dança. Os meninos eram alvo de uma vigilância intensa nas imediações do abrigo; todos os vizinhos sabiam que eram eles que subtraíam caramelos dos seus jarros e batatas-doces dos seus carrinhos. Eddie não era alheio a esses roubos; ninguém queria chegar de mãos vazias à hora em que dividiam o resultado da pilhagem diária. Mas sentia-se degradado por esses crimes que era levado a cometer, maculado pela suspeita que recaía nele em seguida. Procurava trabalho em outros bairros, agarrando-se à traseira do bonde da West Farms Road e seguindo até o outro lado do Bronx River, além do Crotona Park, onde as casas eram de pedra e tijolo. Embora visivelmente pobre quando se separava da massa — com suas calças curtas feitas no abrigo e seus sapatos —, Eddie descobriu que conseguia endireitar a postura e olhar diretamente nos olhos das pessoas com quem falava.

Certa tarde no começo do outono, quando tinha onze anos, um senhor idoso numa cadeira de rodas o chamou enquanto ele atravessava o Clermont Park a caminho de uma confeitaria na Morris Avenue para a qual vinha fazendo entregas. O homem pediu para ser empurrado até o sol. Usava um terno com transpasse duplo e uma pena alaranjada presa na faixa do chapéu. Eddie empurrou a cadeira do homem como ele lhe pedira e depois foi buscar para ele um charuto e o *Mirror* numa banca de jornais na Belmont. Ficou por perto, esperando ser dispensado, enquanto o homem lia e fumava. Finalmente, sentindo que tinha sido esquecido, declarou, tentando reproduzir o tom pomposo das vozes de leitura das damas caridosas:

— Infelizmente, meu senhor, o sol se deslocou. Gostaria de mudar de lugar mais uma vez?

O senhor idoso encarou o menino, perplexo.

— Você sabe jogar cartas? — perguntou.

— Não tenho baralho.

— Quais jogos?

— *Knuckles. Blackjack. Chuck-a-luck. Stuss. Pôquer.*

Eddie foi soltando os nomes como se atirasse moedas para o alto e percebeu que, com o pôquer, tinha acertado. O velho se remexeu por baixo da manta quadriculada que cobria seus joelhos e entregou um baralho novinho a Eddie.

— Pôquer aberto de sete cartas — disse o senhor. — Você dá as cartas. Sem trapaça.

Os dois trocaram apresentações e dirigiram-se a um banco ensolarado para que Eddie também pudesse sentar. Apostavam usando gravetos partidos em

pedaços iguais, e a mesa era a manta esticada por cima das coxas atrofiadas do sr. De Veer. As cartas pareciam feitas de vidro. Eddie sentiu o cheiro de baralho novo que emanavam e teve o impulso de lambê-las, ou esfregá-las no rosto. Perdeu todas as mãos, mas quase não se incomodou: a sensação daquelas cartas novas, de estar sentado ao sol, era arrebatadora. Ao fim de algum tempo, o cavalheiro pescou um pesado relógio de prata do bolso e anunciou que dali a pouco sua irmã viria buscá-lo. Deu cinco centavos a Eddie.

— Mas eu perdi — observou o menino.

O sr. De Veer retrucou que estava pagando pelo tempo e companhia de Eddie, e convidou-o a voltar na tarde seguinte.

Naquela noite, Eddie não conseguiu dormir. Todo o seu corpo vibrava com a certeza de que uma coisa nova e grandiosa havia acabado de lhe acontecer. E tinha razão, de certa maneira, pois muito do que ocorreria a ele nos anos seguintes pode ser atribuído àquele encontro.

— O pôquer com dois participantes não é grande coisa como jogo — comentou o sr. De Veer no segundo encontro.

Ele propôs dar algum dinheiro a Eddie para que jogasse como seu representante em uma mesa onde era conhecido. A chancela do velho, no entanto, valia menos do que o esperado, e Eddie foi repelido sumariamente das primeiras mesas que tentou, uma das vezes por uma senhora com bobes no cabelo que o enxotou a vassouradas. Finalmente, em uma tabacaria em frente à área de manobra dos trens de carga, Eddie foi admitido a contragosto por Sid, que fumava um Old Gold atrás do outro e piscou para ele por trás da nuvem densa acumulada debaixo de sua viseira verde.

Nas semanas que se seguiram, sempre que o tempo permitia, Eddie participava do jogo de Sid por uma hora e quinze minutos — ou menos, se perdesse todo o dinheiro antes desse prazo. Em seguida, voltava para o sr. De Veer e contava tudo o que havia acontecido, carta por carta, aposta por aposta, uma façanha de memorização que Eddie aperfeiçoava cada vez mais. O velho cavalheiro acompanhava atentamente suas descrições, exclamando “Não, uma carta alta não funciona contra Polsky, ele não sabe blefar! Essa você vai perder” a cada erro, até Eddie começar a só revelar os resultados no final da história, a fim de aumentar o suspense e a alegria do seu empregador. Nas raras ocasiões em que Eddie voltava vitorioso, o sr. De Veer entregava-lhe metade dos ganhos. Quando Eddie perdia, simplesmente devolvia a ele o que lhe restara. Eddie podia mentir, é claro, dizer que tinha perdido para embolsar todo o lucro, mas essa ideia só lhe sobrevinha em recusa: algo que outros rapazes talvez fizessem em sua posição.

O sr. De Veer tinha sido um “esportista”, o que aparentemente queria dizer que tinha sido apostador e conhecedor de cavalos. Tinha jogado no Canfield’s e no Metropole Hotel contra Goulds, Fisks e Vanderbilts, antes de reformadores “idealistas” como o reverendo Parkhurst terem obrigado os melhores locais a interromperem as atividades, e o hipódromo de Brighton

Beach a fechar as portas. Cavalheiros nas mesas de aposta eram uma coisa do passado, queixou-se amargamente a Eddie. Tinham sido substituídos por gângsteres e bandidos como Arnold Rothstein, o jovem judeu que só sabia ganhar trapaceando.

— Nunca trapaceie, nem uma vez — recomendou ele a Eddie, fitando o menino com os olhos baços franjados de cílios prateados. — A trapaça é como a virgindade para uma garota. Não importa se ela já fez uma ou cem vezes; está arruinada de qualquer forma.

Essas palavras se alojaram nos ouvidos de Eddie com o peso extraordinário de uma verdade bem conhecida. No abrigo, trapacear era um modo de vida, mas Eddie sempre fora diferente. E o sr. De Veer percebia essa diferença. Ensinou a Eddie como identificar dados viciados, baralhos marcados, sinais de conluio entre jogadores aparentemente desconhecidos: qualquer coisa que pudesse prejudicar a atividade mística da deusa Fortuna.

O sr. De Veer tinha sido ferido na Guerra Civil, mas fora seu “coração ordinário” que o confinara à cadeia dois anos antes, aos cuidados da irmã solteira, a srta. De Veer, que dera cabo de sua vida de jogador sem dó nem piedade. O jogo, segundo ela, arruinava a saúde do irmão, mas ele desconfiava de que a decisão tinha a ver com a preferência dela por usar a pensão militar que ele recebia para aumentar sua coleção de bonecas de porcelana, que já somava centenas de peças. Certa tarde, tendo regressado pouco antes de um período sem aulas no inverno, Eddie voltava atrasado depois de um jogo de cartas. O sr. De Veer, em tom brusco, mandou que ele se afastasse. Magoad, Eddie ficou espiando de outro ponto do parque enquanto uma senhora corpulenta com um chapéu preto de aba larga se dirigia a ele com determinação inflexível. O velho cavalheiro parecia curvado e frágil na presença dela, e Eddie entendeu que ele tinha medo da irmã.

— Você não tem um relógio? — perguntou ele a Eddie na tarde seguinte.

Quando Eddie admitiu que não, o velho senhor soltou da corrente o próprio relógio de bolso e disse a Eddie que o usasse. Colocou o objeto de prata na palma da mão do garoto. O relógio, além do peso considerável, era todo lavrado.

— Não posso aceitar — gaguejou Eddie. — Vão achar que eu...

— Estou só emprestando, não é um presente — replicou o sr. De Veer em tom seco.

No final de maio, o sr. De Veer deixou de aparecer por quatro dias seguidos. No quarto, uma sexta-feira, Eddie esperou a tarde inteira, conferindo a hora a intervalos de um minuto no relógio de prata. Finalmente, entrou na Topping Avenue, da qual a srta. De Veer tinha emergido no outro dia, e abordou umas meninas que riscavam quadrados de amarelinha na terra.

— O velho da cadeira, vocês viram? — perguntou ele, ao que uma menina com tranças loiras bem claras respondeu, em voz aguda:

— Levaram ele para o céu num caixão.

— Ou para o inferno. Ninguém sabe como era o coração dele — comentou uma garota mais velha de ar astuto.

Todas riram de Eddie sem piedade, exatamente como o bando a que ele pertencia zombava de qualquer menino de fora. Sentiu o relógio de bolso contra a coxa e concluiu que precisava encontrar a srta. De Veer, para devolvê-lo. Essa ideia, no entanto, provocou uma recusa interna: “Não! Para ela, não!”

Eddie se lembrou das bonecas de porcelana e começou a caminhar de volta para o Clermont Park, controlando a velocidade dos passos até passar pela carroça do vendedor de gelo, a partir da qual saiu correndo em disparada. Com doze anos já completos, era alto e magro, com músculos que lembravam tiras de couro. Enquanto passava correndo pelo velho cassino Clermont e pelos trilhos elevados, percebeu que, mantendo aquele ritmo, conseguiria escapar da consciência de que nunca mais veria o sr. De Veer. Atravessou correndo o Crotona Park e o rio Bronx, assustando os meninos que pescavam do alto de uma ponte; zigzagueou por entre fazendas abandonadas, nas quais era possível ver as divisões espectrais de futuras ruas, e finalmente atravessou os trilhos da ferrovia até alcançar o que tinha sido a quase finada cidade de Van Nest. Em um estado de quase colapso, chegou ofegante ao cinema da Unionport, onde os meninos do abrigo faziam fila para assistir a um filme de Velho Oeste. Era um dia comum. Seus amigos nunca tinham ouvido falar do sr. De Veer. Eddie enfiou-se entre eles e, enquanto todos assoviavam e viajavam os ladrões de trem com seus bigodes de vilão, permitiu-se alguns soluços. O tumulto de sentimentos do menino absorveu o efeito da sua dor e, por fim, acalmou a dor propriamente dita. Nada tinha mudado ou desaparecido.

Depois disso, Eddie ficou mais próximo dos seus irmãos do abrigo, mesmo quando se separava do grupo. Ele era o menino que ia e vinha, que os outros jamais conseguiram entender por completo, e o fato de aceitarem essa versão parcial de Eddie só fazia reforçar a ternura que este sentia por eles. Cresceram, e cada um seguiu o seu caminho: vários dos mais velhos foram para a Grande Guerra, como Paddy Cassidy, que morreu em Rheims; e muitos outros rumaram para as docas do West Side, onde se transformaram em estivadores ou operários (dependendo de quanto bebiam), policiais, donos de bar, conselheiros municipais, chefes de sindicato ou, pura e simplesmente, bandidos. Na área do porto, era possível desempenhar mais de um desses papéis, o que era o caso de vários dos rapazes. Bart Sheehan, o menino que Eddie tinha salvado das águas juntamente com Dunellen, conseguiu completar os estudos e, finalmente, a *Faculdade de Direito*: uma façanha impressionante que obrigava os demais, sempre que falavam dele, a usar o mesmo tom abafado que reservavam para o angelical Kevin Macklemore, dividido ao meio por um vagão desgovernado na 11th Avenue. Sheehan trabalhava agora no gabinete do procurador do estado, mas fazia muitos anos que Eddie não o via. Dunellen

tinha ouvido dizer, por meio do esquema de mensagens vindas da prisão — uma rede de boatos e insinuações mais onisciente do que o *Shamrock*, o grupo de gângsteres irlandeses —, que Bart vinha investigando a Confraria dos Carcamanos. Eddie desconfiava de que este pudesse ser apenas um desejo de Dunny.

Para espanto dos amigos, Eddie acabou gravitando para o vaudeville, onde dançava, cantava mal para fazer graça, pendurava-se como um morcego nas vigas do teatro e treinava o corpo a praticar fugas à moda de Houdini. Foi contratado para toda uma temporada do Ziegfeld Follies, durante a qual se apaixonou por uma dançarina recém-fugida (como a própria Agnes costumava dizer) de uma fazenda de cevada em Minnesota. Depois do casamento, Eddie tornou-se gerente de um teatro e começou a estudar para se tornar corretor de valores. Planejava comprar uma posição de corretor de ações fora da Bolsa de Nova York, mais acessível à época. Não que dinheiro lhe faltasse. Eddie tinha encontrado seu jogo de azar perfeito, vinha comprando ações com margem, que revendia apenas para comprar mais — além de adquirir os paramentos condizentes com sua recente prosperidade. Comprou um casaco de zibelina russa e um colar de pérolas da Black, Starr & Frost para Agnes. A pia da cozinha do apartamento que alugavam na Quinta Avenida transbordava de guimbas de cigarro Prince of Monaco, apagados nas sobras das refeições em sua pressa de ir logo para o quarto. Contratou uma faxineira que vinha toda tarde. Passou a usar os serviços de um alfaiate e começou a encomendar ternos da Inglaterra, pagando garrafas de champanhe para Agnes e uma dúzia de outras dançarinas no Heigh-Ho e no Moritz ao fim das apresentações. Não tinha ideia de como era ser rico — sua noção era tão pouca, na verdade, que achou que *estava* rico. Levavam Anna junto com eles às festas e punham-na para dormir em montanhas de casacos de peles. Com Lydia precisou ser diferente, é claro. Contrataram uma lavadeira irlandesa para tomar conta dela à noite, enquanto lavava as roupas da família.

Ainda assim, mesmo no auge desses deleites, quando Eddie mal notava os navios atracados ao final das transversais da Broadway, ele ainda fazia o possível para manter sua posição com o grupo de garotos com quem tinha crescido. Comparecia a cafés da manhã comunitários depois da missa com a diretoria do sindicato na igreja do Anjo da Guarda, às reuniões dos Cavaleiros de Colombo, comprava ingressos caros para os bailes anuais, jantares que homenageavam aqueles que tinham ascendido ainda mais na vida. Em parte, queria exibir Agnes, com seus cachinhos de jovem estrela de cinema e seu corpo ágil de dançarina. *As garotas irlandesas perdem os encantos no momento em que deixam o altar*, dizia a piada, e Eddie gostava de ver os colegas cheios de inveja e tolhidos pela timidez.

E graças a Deus tinha conservado esses laços. Graças a Deus! Depois da quebra da Bolsa, quando Eddie foi deixando pelo caminho os adornos de uma riqueza que descobriu jamais ter possuído — zibelinas, pérolas, apartamento,

cigarreiras Cartier idênticas para o casal —, e depois de perder o emprego (o teatro fechou), Dunellen o recebeu de volta, comprou seu Duesenberg e concedeu-lhe entrada para o sindicato. Quando Eddie dava as caras em uma das formações do dia — prática na qual os homens desempregados se enfileiravam diante de alguém com poder de contratar —, tratava de colocar um palito de dentes atrás da orelha esquerda. Era o código de que pagaria uma taxa para ser escolhido, e isso no mínimo lhe garantia chegar ao porão do navio, mas provavelmente seria alçado a uma das melhores estivas do dia. De outro modo, sua família teria passado fome. E quando o transporte marítimo começou a escassear em 1932, Dunellen manteve Eddie por perto, um lacaio, em ternos de risca de giz, e emprestava o Duesenberg para que cumprisse suas tarefas. Passando certa tarde por Wall Street, Eddie viu um homem que lhe pareceu familiar vendendo maçãs numa esquina. Só depois que já tinha passado, deu-se conta de quem era: seu corretor da Bolsa.

★ ★ ★

Anna ouviu a chave do pai na fechadura e abriu os olhos. Pela densidade do silêncio do lado de fora, concluiu que era muito tarde. Não se ouvia nem mesmo a sineta de um bonde. Contornou na ponta dos pés o biombo que guardavam para tia Brianne no escuro da sala de estar. Ficou ali parada. O pai estava sem camisa junto à pia da cozinha, ensaboando o tórax. Anna ficou assistindo, hipnotizada. Não era possível vê-la da cozinha iluminada, e por um estranho momento Anna teve a impressão de que ele era um desconhecido, com quem não tinha qualquer ligação. Um desconhecido magro e bonito, profundamente concentrado em alguma coisa.

Quando ele saiu para usar o banheiro do corredor, Anna ficou à espera na cozinha. O pai se assustou ao vê-la ali, de camisola; mas então pareceu desfazer-se de toda e qualquer preocupação. Voltou a ser quem era. Assim como ela.

— Meu bem — murmurou ele —, o que está fazendo acordada?

— Esperando você.

Ele a levantou do chão, cambaleando quase a ponto de perder o equilíbrio. Pelo cheiro medicinal de seu hálito, a menina soube que ele tinha bebido.

— Você está ficando maior — comentou, apoiando-se na moldura da porta.

— E você está ficando menor — retrucou Anna.

Sem muita firmeza, atravessou a sala com Anna nos braços, levando-a até a porta do quarto dela. A cortina da sala estava levantada, e seu pai se encostou na moldura da janela, ainda com ela nos braços. Olharam juntos para a noite escura. Anna sentia a cidade espreado-se à volta deles, estendendo suas ruas e avenidas na direção dos rios e do porto.

— Está ouvindo o silêncio? — perguntou ele, falando com cuidado, como quem anda na ponta dos pés. — É o som de um porto durante a Depressão.

— Nenhum navio — disse ela.

— Nenhum navio.

— Escutei um passarinho.

— Nada de passarinhos, por favor. Ainda não.

Mas um passarinho solitário tinha começado a piar, um último baluarte contra o começo do inverno. Como que convocado por ele, um clarão de luz surgiu a leste no céu.

— Você passou a noite inteira fora de casa — disse ela em tom de admiração.

— A gente pode dormir até a hora de ir para a igreja.

Mas ele esperou por um momento, apoiado na moldura da janela com Anna em seus braços. Quantas vezes mais poderia segurá-la no colo? Ela já estava quase alta demais.

— Vou dormir aqui — disse ela, passando os braços em volta do pescoço do pai.

A pele dele, recém-lavada, cheirava a Ivory Flakes. Ela encostou o rosto no ombro nu de Eddie e fechou os olhos.

PARTE DOIS

O mundo das sombras

CINCO

Tudo começou após ver a garota. Anna tinha saído para comprar o almoço contra a vontade do sr. Voss, seu supervisor, pois ele preferia que as funcionárias trouxessem comida de casa e a consumissem nas mesmas banquetas em que passavam o dia inteiro sentadas conferindo medidas. Anna captava certa ansiedade naquele desejo de mantê-las sempre ao alcance dos olhos, como se moças à solta no Arsenal de Marinha pudessem se dispersar como frangos criados livres. E é verdade que as estações de trabalho eram locais agradáveis para fazer refeições, limpas e bem iluminadas por uma fileira de janelas na altura do segundo piso. Tinha ar-condicionado, cujo murmúrio frio preencheria o ambiente nos dias quentes de setembro em que Anna tinha começado a trabalhar ali. Mas bem que gostaria de poder abrir agora uma janela e deixar o ar fresco de outubro entrar, porém elas ficavam sempre fechadas, deixando de fora o pó e a sujeira que poderiam afetar as medidas que ela e as outras moças precisavam tirar — ou será que as peças minúsculas que mediam precisavam estar imaculadas para funcionar corretamente? Ninguém sabia, e o sr. Voss não reagia bem a perguntas. No início, Anna tinha ficado curiosa e perguntado para que serviam as peças de sua bandeja, que não conseguia identificar:

— O que estamos medindo exatamente, e essas peças foram fabricadas para qual navio?

O sr. Voss ergueu as sobrancelhas muito claras.

— Essa informação não é necessária para que faça o seu trabalho, srta. Kerrigan.

— Mas me ajudaria a trabalhar melhor.

— Acho que não entendi o que você quis dizer.

— Porque assim eu saberia o que estou fazendo.

As casadas esconderam seus sorrisos. Tinha sido atribuído a Anna — ou ela própria escolhera para si — o papel de caçula rebelde, o que ela adorava. Vivia procurando pequenas oportunidades de desafiar a autoridade do sr. Voss, sem correr o risco de insubordinação declarada.

— A senhorita precisa medir e conferir as peças para garantir que sejam uniformes — disse ele em tom paciente, como se falasse com uma idiota. — E separar as que não forem.

Em pouco tempo, ficaram sabendo que as peças que inspecionavam se destinavam ao encouraçado *Missouri*, cuja construção tinha sido oficialmente iniciada quase um ano antes de Pearl Harbor, no Dique Seco 4. Mais adiante,

o casco do *Missouri* tinha sido rebocado através da Wallabout Bay até as carreiras de construção: vastas estruturas de ferro com andaimes em zigue-zague que lembravam a montanha-russa de Coney Island. Saber que as peças que inspecionava seriam incorporadas ao navio de combate mais moderno já construído tinha de fato acrescentado algum entusiasmo ao trabalho de Anna. Mas não o suficiente.

Às 11h30, ao apito do almoço, ela já estava inquieta para sair à rua. A fim de justificar a ausência do posto de trabalho, nunca trazia almoço de casa — um engodo incapaz de ludibriar o sr. Voss, ela sabia. Mas ele tampouco podia proibir que a garota se alimentasse; assim, com ar soturno, ele observava Anna se dirigir até a porta, enquanto as casadas desembrulhavam o papel-manteiga contendo seus sanduíches e começavam as conversas sobre os maridos em campos de treinamento ou em combate no estrangeiro; sobre quem tinha recebido alguma carta; sinais, palpites ou sonhos sobre onde poderiam estar seus companheiros; como ficavam desesperadas de medo. Mais de uma delas já tinha chorado ao descrever o pavor de que o marido ou noivo não retornasse. Anna não conseguia ficar ouvindo. Aquelas conversas lhe provocavam uma irritação desconfortável em relação àquelas mulheres, que lhe pareciam fracas demais. Felizmente, o sr. Voss tinha proibido as conversas sobre esses tópicos no horário de trabalho, despertando em Anna um improvável frêmito de gratidão. Agora, enquanto trabalhavam, cantavam o repertório dos seus tempos de estudante: os hinos do Hunter College, do St. Joseph's e do Brooklyn College, que Anna finalmente tinha aprendido — o que não se esforçara por fazer no ano que passara estudando lá.

Sincronizou o relógio de pulso com o grande relógio de parede que presidia a vida de todos e saiu para a rua. Em contraste com o silêncio hermético de seu posto de trabalho, a algazarra sonora do Arsenal de Marinha sempre lhe causava espanto: motores de guindastes, caminhões e trens; o guincho do aço sendo cortado e lavrado na oficina de estruturas logo ao lado; homens gritando para serem ouvidos. O fedor de carvão e óleo misturado aos eflúvios de chocolate da fábrica na Flushing Avenue, a qual não produzia mais chocolate, e sim alguma outra coisa que os soldados comiam para não morrer de fome. Pelo que Anna sabia, esse primo distante do chocolate era feito para ter gosto de batata cozida, assim os soldados não ficariam tentados a consumi-lo em qualquer lanche, antes da hora. Mas o cheiro da fábrica ainda era delicioso.

Enquanto se apressava ao longo da Unidade 4, onde ficava a oficina de estruturas com suas milhares de janelas sujas, Anna viu uma garota montada em uma bicicleta. A princípio, nem sequer reparou que era uma garota; vestia o mesmo macacão azul que todos os funcionários usavam. Mas alguma coisa em seu porte, na graça com que subiu na bicicleta, chamou a atenção de Anna. Com um estremecimento de inveja, observou a moça se afastar.

Na cantina próxima ao porto, comprou sua refeição por quarenta centavos,

dessas prontas vendidas em caixas — o prato do dia era frango, purê de batatas, ervilhas em lata e refogado de maçã —, e tomou a direção dos píeres C e D, os dois mais próximos de onde trabalhava, para que tivesse tempo de comer (muitas vezes de pé, ou até andando) e pudesse estar de volta em sua banqueta às 12h15. Um navio, ausente na véspera, tinha atracado no Píer C, e a súbita aparição gigantesca lhe pareceu quase sobrenatural. A cada passo que Anna dava na direção do navio, a altura dele parecia aumentar; depois de algum tempo, precisou inclinar a cabeça quase totalmente para cima a fim de divisar toda a curva da proa até o convés elevadíssimo. Estava repleto de marinheiros de aparência idêntica com seus uniformes e gorros que pareciam de brinquedo, todos debruçados na amurada para ver alguma coisa abaixo deles. Naquele exato momento, Anna ouviu um coro de assobios e gracinhas. Chegou a parar, apertando a caixa com o seu almoço — mas então constatou, com alívio, que o objeto daquele ardor dos marujos não era ela, mas a moça da bicicleta, que pedalava ao longo de toda a extensão do navio desde o início do píer, com uma mecha de cachos oxigenados liberta do lenço amarrado na cabeça. Anna acompanhou o percurso da garota, tentando distinguir se ela apreciava ou não todo aquele interesse. Antes que conseguisse se decidir, a bicicleta atingiu um trecho de cascalho e derrapou de lado, derrubando a ciclista no calçamento de tijolos do píer e provocando risos e zombarias por parte dos marinheiros. Se estivessem próximos da moça, sem dúvida teriam disputado às cotoveladas quem seria o primeiro a chegar em seu socorro. Mas, daquela altura, tendo apenas uns aos outros para se exhibir, preferiram dedicar-se a um festival de provocações:

— Ah, coitadinha, perdeu o equilíbrio.

— Pena que não estava de saia.

— Mas é bonita mesmo chorando.

Só que a garota não estava chorando: estava furiosa. Levantou-se, humilhada mas altiva, e Anna decidiu que simpatizava com ela. Chegou a pensar em correr para ajudá-la, mas felizmente conseguiu resistir: duas garotas em dificuldades com uma bicicleta despertariam ainda mais risadas do que uma só. E aquela moça não havia de querer ajuda. Aprumou os ombros e, a passos lentos, foi empurrando a bicicleta até a extremidade do píer, onde Anna se encontrava, sem dar o menor sinal de ter ouvido qualquer coisa. Anna viu como era bonita, com covinhas nas bochechas, olhos azuis cintilantes e aqueles cachos de Jean Harlow. E era de algum modo familiar — talvez porque tivesse a aparência que Lydia poderia ter, se não fosse como era. O mundo estava cheio de desconhecidas (entre elas Betty Grable) que inspiravam um afeto fraternal de Anna pelo mesmo motivo. Mas quando a garota seguiu em frente, ignorando Anna, ela a reconheceu: era uma das moças que os repórteres tinham decidido seguir em setembro, no dia em que o Arsenal de Marinha havia começado a admitir mulheres. Anna tinha visto uma foto dela no *Brooklyn Eagle*.

Depois de ultrapassar toda a extensão do navio, a moça tornou a montar na bicicleta e foi embora. Anna olhou as horas em seu relógio de pulso e descobriu, horrorizada, que estava quase treze minutos atrasada. Disparou na direção da sua unidade, consciente de que iria atrair certa atenção com aquela corrida. Passou voando pelos inspetores do primeiro piso — todos homens que precisavam trabalhar subindo em escadas para medir peças maiores — e tornou a se instalar em sua banqueta às 12h37, suor escorrendo das axilas por baixo do seu macacão. Fixou o olhar na bandeja de pecinhas que lhe era entregue a cada dia para medir e tentou controlar a respiração ofegante. Rose, uma casada com quem mantinha relações amigáveis, lançou-lhe um olhar de advertência da mesa ao lado.

O micrômetro era extremamente fácil de usar: bastava enganchá-lo, fazer girar a rosca e ler o resultado. Em um primeiro momento, Anna tinha adorado aquela tarefa; as garotas que se dedicavam a ofícios como soldagem ou rebiteagem precisavam de seis meses de treinamento, enquanto aquele trabalho de inspeção requeria apenas um teste de aptidão. Anna tinha nível superior, e o sr. Voss usara o termo “elite” em seu discurso de apresentação, o que Anna havia achado lisonjeiro. Acima de tudo, estava cansada de trabalhos braçais. Mas ao fim de dois dias lendo o micrômetro antes de carimbar o papel que acompanhava sua bandeja — um certificado para a uniformidade das peças —, Anna descobriu que detestava aquele trabalho. Era monótono, mas mesmo assim demandava concentração; era simples a ponto de deixá-la em torpor, mas ainda assim requeria um “ambiente limpo”. O esforço para ler o micrômetro deixava sua cabeça latejando. Às vezes sentia o impulso de medir as peças só com os dedos. Mas o resultado era sempre um palpite, e era preciso aferir com o instrumento para ver se sua impressão estava certa. E o onisciente sr. Voss a tinha surpreendido trabalhando com os olhos fechados.

— Posso lhe perguntar o que está fazendo, srta. Kerrigan? — dissera ele.

Quando Anna respondera (em meio a risos das casadas), ele retrucara:

— Isso não é hora para extravagâncias. Estamos em guerra.

Agora, terminado o turno e todas já tendo trocado os uniformes por roupas comuns, o sr. Voss pediu a Anna que fosse a seu escritório. Nunca convidava nenhuma delas a entrar em sua sala, e aquilo a deixou alarmada.

— Quer que eu espere? — perguntou Rose, enquanto as outras casadas lhe desejavam boa sorte e saíam às pressas.

Anna recusou, sabendo que Rose era aguardada por um bebê em casa.

A sala do chefe rabugento era despojada e temporária, como quase todos os ambientes do Arsenal de Marinha. Depois de passar alguns segundos de pé, quando Anna entrou, o sr. Voss tornou a acomodar-se na cadeira atrás da mesa de metal.

— A senhorita se atrasou vinte minutos na volta do almoço — reclamou ele. — Na verdade, 22.

Anna se mantinha de pé diante dele, o coração bombeando sangue

diretamente para o rosto. O sr. Voss era um homem importante no Arsenal de Marinha, tanto que o próprio comandante havia telefonado para ele mais de uma vez. Tinha o poder de demiti-la, fato subestimado por Anna nas últimas semanas enquanto deixava o chefe pouco a pouco mais exasperado. Mas agora a ideia de perder o emprego lhe atingia com força: tinha saído do Brooklyn College. Se fosse demitida, seria obrigada a ficar em casa com a mãe, tomando conta de Lydia.

— Perdão. Não vai acontecer de novo — desculpou-se ela.

— Sente-se — retrucou ele, e Anna instalou-se em uma cadeira. — Se a senhorita não tem muita experiência no mundo do trabalho, todas essas regras e restrições podem lhe parecer muito incômodas.

— Trabalhei minha vida inteira — replicou Anna, mas a frase soou vazia.

Sentia-se muito envergonhada, como se tivesse visto seu reflexo em uma vitrine e achado ridículo. Uma estudante tentando sentir um gostinho do esforço de guerra. Parte da “elite”. Possivelmente era essa a imagem que o sr. Voss fazia dela. Vários dos *slogans* publicados no *Shipworker* passaram pela cabeça de Anna: MINUTOS QUE NÃO PERDEMOS AQUI SIGNIFICAM VIDAS QUE NÃO PERDEMOS NO FRONT. QUANDO VOCÊ NÃO TRABALHA, TRABALHA PARA O INIMIGO.

— A senhorita sabe que podemos não ganhar a guerra — conjecturou ele.

Ela pestanejou.

— Ora, sei. É claro.

A entrada de jornais não era permitida no Arsenal de Marinha, por medo de abalos ao moral, mas Anna comprava o *Times* todo fim de tarde, assim que saía pelo portão da Sands Street.

— A senhorita sabe que os nazistas cercaram Stalingrado?

Anna assentiu, a cabeça baixa de humilhação.

— E que os japoneses estão controlando todo o teatro de operações do Pacífico, das Filipinas à Nova Guiné?

— Sei.

— E a senhorita entende que o trabalho que fazemos aqui, construindo e consertando navios aliados, é que permite que marinheiros, aviões, bombas e navios de escolta cheguem aos campos de batalha?

Um filamento de mágoa começou a agitar-se dentro dela. Ele já havia deixado claro o recado.

— Entendo.

— Que centenas de navios mercantes aliados foram torpedeados desde o começo da guerra, e mais são afundados a cada dia?

— Estamos perdendo menos navios do que antes e construindo mais — respondeu ela em voz baixa, tendo lido a informação pouco antes nas páginas do *Times*. — No mês passado, o estaleiro Kaiser construiu um cargueiro da classe Liberty em dez dias.

Foi uma resposta bastante atrevida, e Anna esperou a reação. Mas o sr. Voss

se limitou a dizer, depois de uma pausa:

— Reparei que a senhorita nunca traz seu almoço. Suponho que mora na casa dos seus pais.

— Moro — respondeu Anna. — Mas minha mãe e eu trabalhamos muito para cuidar da minha irmã, que tem problemas sérios de saúde.

Isso era verdade. Mas também não era. A mãe preparava o café da manhã e o jantar para Anna; não seria difícil preparar um almoço para que ela levasse para o trabalho, o que inclusive tinha oferecido à filha. Anna havia decidido correr um risco, como muitas vezes fazia com desconhecidos ou gente que conhecia pouco. Seu comentário produziu uma leve perturbação de surpresa na expressão do sr. Voss.

— Mas que tristeza — comentou ele. — E o seu pai não pode ajudar?

— Ele foi embora.

Anna raramente revelava esse fato e não tinha planejado fazê-lo.

— Está no front? — perguntou ele, meio incerto; certamente, o pai de uma moça de dezenove anos seria velho demais para ser convocado.

— Não... Só foi embora.

— Abandonou a família?

— Cinco anos atrás.

Se alguma emoção ocorria a Anna quando falava disso, ela fazia o possível para escondê-la. Mas não era o caso. Seu pai tinha saído de casa como teria feito em um dia qualquer, e ela nem se lembrava da ocasião. E a verdade tinha chegado aos poucos, como o cair da noite: o reconhecimento, depois de dias, semanas, meses esperando — e nem assim ele tinha voltado. Anna tinha catorze anos, depois, fez quinze. A esperança se transformou em reminiscência de esperança: um lugar morto, entorpecido. Nem conseguia mais recordar claramente o rosto do pai.

O sr. Voss inspirou profundamente.

— Bem, uma situação difícil — disse ele. — Muito difícil, para a senhorita e para a sua mãe.

— E para a minha irmã — retrucou ela, absorta em seus pensamentos.

O silêncio que se instalou entre os dois foi incômodo, mas não desagradável. Já era um progresso. As mangas das camisas do sr. Voss estavam enroladas para cima; ela via os pelos alourados em suas mãos e nos punhos fortes e retangulares. Anna percebeu que ele a tratava com empatia, mas o canal estreito da conversa entre os dois não permitia a passagem de qualquer sentimento. E o que ela desejava não era a compaixão do sr. Voss. Queria apenas sempre poder sair no horário de almoço.

O tumulto da mudança de turno tinha cessado; os inspetores da noite deviam ter começado seus turnos, cada um com a sua bandeja. Anna, inesperadamente, lembrou-se da garota da bicicleta. *Nell*; o nome lhe ocorreu de repente, da legenda da foto do jornal.

— Srta. Kerrigan — disse finalmente o sr. Voss —, pode sair para almoçar,

mas controlando com cuidado o horário da volta e retomando o trabalho com toda a concentração.

— Obrigada! — exclamou Anna, pondo-se de pé num salto.

O sr. Voss pareceu ter tomado um susto e, em seguida, também se levantou. Sorriu, coisa que Anna nunca tinha visto. O sorriso o transformava, como se toda a severidade que ele exibia na sala de inspeção fosse apenas uma fachada por trás da qual aquele homem amável tivesse acabado de acenar com simpatia. Só a voz continuava a mesma.

— Imagino que a sua mãe esteja precisando da sua presença em casa — disse ele. — Boa noite.

★ ★ ★

Na manhã seguinte, Anna localizou os cachos claros e aerados de Nell em meio à torrente de gorros e chapéus que invadia o portão da Sands Street às 7h45, com pouco tempo para bater o cartão antes do horário limite. Quem chegava depois das oito horas em seu posto de trabalho tinha descontada uma hora de salário, fossem trinta segundos ou trinta minutos de atraso. Havia dezenas de marinheiros do lado de fora, trajando os uniformes ajustadíssimos que destinavam às folgas em terra. Anna tinha ouvido dizer que mandavam costurar zíperes nas laterais das calças para facilitar o trabalho de tirá-las e tornar a vesti-las. A julgar pela aparência pálida e nauseada, a maioria daqueles rapazes tinha desperdiçado a liberdade varando a noite em bebedeiras. Dois se destacaram da multidão e se apoiaram no muro externo, os rostos esverdeados.

Nell estava na fila inspecionada por Hardy, o fuzileiro do meio. A dele era sempre a mais curta, porque alguém tinha visto algo escorrer de seu nariz e pingar em uma garrafa térmica — ele as abria para verificar se não continham álcool. Os sentinelas também abriam pacotes, desamarrando cordões e desvelando camadas de papel à procura de bombas. Espiões e sabotadores alemães adorariam poder entrar no Arsenal de Marinha. E embora a ideia pudesse parecer extravagante (Anna conhecia de vista a maioria das pessoas à sua volta), era bem verdade que havia espiões alemães à solta em muitas cidades americanas. Trinta e três deles tinham sido presos em janeiro último, depois de conseguirem transmitir ao Reich a data de embarque de um navio mercante americano, o SS *Robin Moor*, posteriormente afundado por um torpedo ao largo da costa africana.

Três homens passaram pela catraca após Nell, mas o perfume dela ainda pairava no ar na vez de Anna mostrar seu crachá e abrir a bolsa para a inspeção de Hardy. Nell não era uma das casadas, o que Anna concluiu só pela maneira como fez uma pausa consciente pouco antes do portão para consultar o relógio de pulso e pelo acabamento esculpido das unhas. Seu cabelo estava sempre arrumado; era o tipo de garota que dormia usando bobes, o que indicava

encontros depois do expediente — os cachos não poderiam ter outra finalidade, já que precisavam ficar cobertos no ambiente de trabalho. Anna não era dada a flertes, mas não se incomodava com eles como outras garotas. Até gostava de ver as mulheres assumirem a iniciativa com os homens, mesmo quando eles acreditavam estar no controle. Anna até gostaria de flertar um pouco, mas não era boa nisso; sua franqueza não ajudava.

— Você é a Nell — disse ela, alcançando a outra.

A moça assentiu, como se aquele reconhecimento fosse algo a que estivesse acostumada.

— Sou a Anna — completou, estendendo a mão, que a outra apertou às pressas, sem parar de caminhar.

Anna notou certa irritação e curiosidade na expressão de Nell; como a maioria das garotas mais atraentes, Nell não via motivo para se relacionar com outras mulheres. Eram concorrentes ou parasitas, e Anna imaginou que Nell estivesse ponderando em qual dos casos ela se enquadraria.

— Eu vi você cair da bicicleta ontem.

— Ah. Essa história — retrucou Nell, revirando os olhos, mas agora prestando atenção.

— Ela é sua?

— Não. É do Roger. Ele trabalha na mesma oficina que eu.

— E você acha que ele me emprestaria? — perguntou Anna.

Nell lançou-lhe um olhar de esguelha.

— Ele empresta para mim. E eu empresto para você.

Com a conversa resultando no pedido de Anna e na promessa de ajuda por parte de Nell, a colega pareceu ficar mais à vontade. Enquanto se apressavam pela 2nd Street, Anna perguntou:

— Há muitas mulheres na sua oficina?

— Mais algumas além de mim na sala de risco, mas elas são muito sem graça.

— Casadas?

— Exatamente. A maioria das moças solteiras é soldadora, mas o trabalho é muito braçal. Eu nunca faria.

— E o que vocês fazem na sala de risco?

— Nós... riscamos os moldes das linhas — respondeu Nell, dando a impressão de que a complexidade da questão era muito superior ao seu interesse em explicá-la.

— Dos navios?

— Não, dos caminhões de sorvete. Deixe de ser pateta.

Anna ficou feliz de ver que tinham chegado ao posto de trabalho de Nell; quanto mais conversavam, menos ela simpatizava com a garota.

— E como eu faço para pegar a bicicleta?

— Me encontre na entrada da Unidade 4, logo depois do apito. Eu levo a bicicleta.

— O seu supervisor não se incomoda de você sair?

— Ele gosta de mim — disse Nell, e pareceu a Anna que ela devia usar essa justificativa, talvez com razão, para explicar muito do que acontecia na sua vida.

— O nosso prefere que a gente não saia — comentou Anna, consciente de que estava exagerando um pouco ao invocar uma versão ligeiramente desatualizada do sr. Voss.

Ao que tudo indicava, estava se candidatando ao papel de parasita, talvez o único disponível para ela.

— Tente usar batom — sugeriu Nell. — Costuma fazer milagres.

— Ele não é desse tipo.

O rosto de Nell era todo feito de curvas luminosas; sua expressão parecia sempre à beira do riso. Ainda assim, seus olhos azuis eram puro cálculo.

— Não existe outro tipo — rebateu ela.

Ao meio-dia, quando voltaram a se encontrar, as duas estavam de macacão azul. Todos os cachos de Nell estavam enfiados sob a bandana, e ela usava as botas com biqueira de aço que todas eram aconselhadas a comprar. Embora o *Shipworker* publicasse muitas matérias sobre as calamidades evitadas por botas desse tipo, Anna não tinha comprado seu par. Não lhe pareciam necessárias, uma vez que ela nunca manuseava peças maiores do que uma moeda de 25 centavos.

— Quando acabar de usar pode deixar aqui — instruiu Nell, passando uma bicicleta Schwinn preta bem surrada para Anna. — Eu recolho na volta. Uma moça que fica perto do portão da Cumberland vende uns sanduíches ótimos de pasta de ovo. Ela mesma prepara em casa. Dá para ver a fila na Flushing.

— Obrigada.

— Não dá para trazer pasta de ovo de casa. O embrulho fica todo empapado.

— Quem dera tivéssemos duas bicicletas — disse Anna, sentindo uma onda de afeto por aquela garota fútil e generosa.

— De jeito nenhum. Parei com isso de vez — rebateu Nell. Acrescentou, sorrindo: — Além do mais, íamos provocar o maior tumulto.

Anna já tinha andado de bicicleta. Era possível alugar uma no Prospect Park por quinze centavos, e pedalar no parque era uma atividade popular entre rapazes e moças do Brooklyn College nos fins de semana. Mas aquela era diferente. Era uma Schwinn masculina, para começo de conversa, e a posição do guidom obrigava Anna a pedalar de pé para não bater as pernas nele. Mas talvez pedalar de pé fosse o diferencial. Fosse como fosse, no momento em que pisou no pedal e a bicicleta começou a andar pelo calçamento de tijolo, Anna sentiu como se tivesse sido atingida por um raio. O movimento ia produzindo uma profunda transformação no cenário à medida que Anna avançava, convertendo uma série desconjuntada de imagens em uma imensa máquina sinfônica que ela agora podia atravessar, veloz e invisível como uma

gaivota. Pedalava furiosamente, com um meio sorriso no rosto e o vento carregado de fuligem enchendo a sua boca. Naquele primeiro dia, ficou animada demais para comer e preocupada demais com o risco de atraso para se arriscar a ir atrás de um sanduíche de pasta de ovo. Estava de volta à sua banqueta às 12h10, e passou o resto do dia com fome, segurando o micrômetro com as mãos trêmulas, uma alegria estranha e elétrica percorrendo-a.

Na manhã seguinte, trabalhou furiosamente para fazer o tempo passar mais depressa, e já tinha terminado três quartos da sua bandeja quando o apito tocou. Nell estava à sua espera com a bicicleta. Nesse dia, Anna pedalou na direção das carreiras de construção, passando várias vezes por suas treliças de metal poroso e vislumbrando, em meio aos andaimes que o cercavam, um casco de tais dimensões que parecia uma criatura primitiva. Era o USS *Missouri*. Como ouvia murmurarem aquele nome desde que começara a trabalhar no Arsenal de Marinha, Anna achou incrível, quase assustador, ver o *Missouri* pessoalmente. O navio propriamente dito.

Como tinha começado a medir mais depressa, Anna ajudava algumas das garotas mais lentas quando acabava o conteúdo de sua bandeja. Certa tarde, o sr. Voss lhe trouxe um rolo de plantas e pediu que fosse entregá-las na sala do comandante do arsenal, na Unidade 77. Estimulada pela demonstração afetada de estupefação das casadas, Anna disparou no sentido sul pela Morris Avenue e depois pela 6th Street até o prédio novo de fachada lisa, que só tinha janelas no piso mais alto. Pegou um elevador até o décimo quinto andar e se viu rodeada de paredes cobertas de mapas. De onde ela estava, as janelas só mostravam o céu, mas o olhar gélido de uma secretária em trajes civis conteve em Anna o impulso de se aproximar para contemplar a vista. Na tarde seguinte, o sr. Voss a enviou de novo ao mesmo escritório, com o encargo de buscar um pacote. Aquelas idas e vindas de encomendas fizeram Anna sentir-se envolta por uma sensação de mistério, a qual sequer compreendia muito bem. Sentia-se uma espã.

Sem trocar mais do que um cumprimento breve cada vez que repassavam a bicicleta entre si, Anna e Nell se tornavam mais ou menos amigas. Era uma amizade que não lembrava nem de longe a que Anna tinha com Stella Iovino ou Lillian Feeney, vizinhas do prédio ou da rua, com quem tinha recortado bonecas de papel e pulado corda, ou de cujos irmãos mais novos ajudara a tomar conta. Nem suas amigas do Brooklyn College, com meninas estudiosas vindas de Crown Heights ou de Bay Ridge. Nell não era uma boa menina. Os segredos dela não eram da conta de Anna, que por isso ficava à vontade em sua presença, dispensada de um arcabouço de fingimento necessário com as outras garotas, mas do qual sequer tinha consciência.

Sempre que Nell se atrasava, Anna ficava à sua espera ao lado dos portões corrediços da Unidade 4, desviando-se dos guindastes que entravam e saíam com gigantescas placas de metal suspensas por cordas a partir das mandíbulas de

aço. Gostava de espiar lá dentro e ver os soldados trabalhando, com suas luvas grossas e os maçaricos acesos. Às vezes, quando um deles levantava a máscara de proteção, Anna ficava pasma ao constatar que se tratava de uma garota. Essas soldadoras almoçavam sentadas no chão com as costas apoiadas na parede, suas botas com biqueira de aço estendidas para o meio do recinto. Observando-as, Anna sentia-se distante das coisas mais urgentes, mais elementares, uma sensação que já a incomodava antes mesmo de Pearl Harbor. Tinha sido isso que a atraía para trabalhar no Arsenal de Marinha no verão anterior, quando correu a notícia de que começariam a contratar mulheres. Ainda assim, mesmo ali, a guerra lhe parecia irritantemente abstrata, distante demais para ser sentida. Anna desejava alguma forma de contato direto, e sentia não ser a única nessa situação. Certa vez, surpreendeu Rose fazendo marcas furtivas num tubo de cobre de sua bandeja com uma lixa de unhas. Pouco antes de saírem, quando trocavam o uniforme pelas roupas comuns no vestiário, Anna perguntou o que tinha sido aquilo. Rose corou.

— Você está parecendo o sr. Voss.

— Não era essa a intenção — argumentou Anna. — Só fiquei curiosa.

Rose confessou que vinha riscando no tubo as iniciais de seu bebê, motivada pela ideia de lançar o nome dele ao mar, uma pequenina parte de um navio de combate dos Aliados.

Independentemente da direção que tomasse — percorrendo uma distância que lhe permitisse sair e estar de volta em 45 minutos, incluindo uma pausa para devorar o almoço em três mordidas —, Anna sempre acabava atraída pelos píeres do arsenal: o Píer A, a oeste; os píeres G, J e K, do outro lado da Wallabout Bay, na direção leste, mais distantes da unidade onde ela própria trabalhava. Pedalava até lá um pouco hesitante no início, o cabelo enfiado em um boné, determinada a não se transformar em alvo de zombarias, como tinha ocorrido com Nell. Mas os cabelos castanhos de Anna não chamavam muita atenção, nem mesmo quando soltos. Seu tom de pele era “italiano”, e os anos carregando Lydia no colo a tinham deixado com uma silhueta mais masculina, de ombros fortes e definidos. Com os olhos escondidos sob a aba do boné, podia pedalar incógnita pelos píeres.

E logo se via envolvida por um cheiro conhecido: peixe, sal, combustível — uma versão salobra e industrial do mar; tão complexa, tão característica, que era como o cheiro de um ser humano específico. Evocava um passado do qual ela já não se lembrava claramente. Os ternos do seu pai continuavam pendurados no guarda-roupa, as lapelas bem passadas, os ombros escovados, as gravatas pintadas à mão reforçadas com barbatanas. Pareciam peças cujo dono poderia voltar a vestir a qualquer momento. Eddie deixara para trás um envelope cheio de dinheiro em espécie e a caderneta de uma conta bancária a respeito da qual a mãe de Anna nunca ouvira falar. Esses preparativos as fizeram crer, em um primeiro momento, que era só uma reserva para deixar a família amparada durante uma viagem pouco maior do que as habituais: ele

havia começado a viajar a trabalho. Por meses, sua ausência continuou volátil e viva, como se ele estivesse no cômodo ao lado ou em algum ponto próximo do quarteirão. Anna esperava ativamente por ele. Ficava sentada na escada de incêndio, o olhar grudado na rua lá embaixo, pensando ter avistado o pai, acreditando que, se agisse assim, poderia forçá-lo a aparecer. Como ele poderia não voltar quando ela o esperava com tanta intensidade?

Anna nunca havia chorado. Enquanto acreditasse que o pai estava prestes a voltar, não haveria motivo para lágrimas, e, quando finalmente parou de acreditar, era tarde demais. A ausência dele tinha se calcificado. Quando Anna se flagrou tentando adivinhar o paradeiro dele, ou suas atividades, se obrigou a parar. Ele não merecia aquela devoção. Isso, pelo menos, ela podia lhe negar.

E imaginou que sua mãe teria vivido fases semelhantes, mas nem disso tinha certeza. Eddie desaparecera das conversas de modo tão inefável quanto desaparecera da vida de ambas. Seria estranho dizer o nome dele agora. E isso não era necessário.

Certo dia, no horário de almoço, enquanto Anna pegava a bicicleta com Nell, disse a ela:

- Por que você não fica com ela de vez em quando para andar também?
- Nem por todo o dinheiro do mundo.
- Só por causa daquele tombo?
- *Você* por acaso já caiu?
- Mas na hora você nem pareceu se incomodar.
- Exatamente a impressão que eu quis passar.

Anna foi empurrando a bicicleta ao lado de Nell na direção do Píer C, embora não soubesse ao certo quem seguia quem.

— Quer dizer que o supervisor chato está deixando você sair, mesmo sem passar batom? — comentou Nell, com um olhar malicioso.

— Contanto que eu não me atrase para voltar.

— Imagine o que poderia fazer com uma maquiagem de vez em quando, hein?

Os homens baixavam o tom de voz quando as duas passavam. Era muito diferente andar por ali ao lado de Nell — o que sentiria *se fosse* Nell? Não havia nenhum navio atracado no Píer C naquele dia, e, quando chegaram à sua extremidade, Nell tirou uma cigarreira de prata do bolso do macacão. O estojo reluziu ao sol, presente de algum apaixonado, imaginou Anna.

— É permitido fumar aqui? — perguntou.

— Os homens fumam nos píeres. Não vi nenhum aviso de “Perigo”. Quer dizer... Hmm, você está barrando o vento, maravilha... Estamos cercadas de água por todos os lados!

Com uma destreza vulgar que contrastava com seu ar gracioso de refinamento, Nell riscou um fósforo na sola da bota e acendeu o cigarro fino e branco preso entre os lábios. A fumaça que exalou parecia deliciosamente cremosa, como se ela tivesse encontrado uma maneira de saborear a brisa de

chocolate.

— Se vão nos obrigar a usar esses macacões horrorosos, não podem nos proibir de fumar — declarou. — Quer um?

Só garotos fumavam no quarteirão de Anna; as garotas achavam obsceno.

— Quero sim, obrigada.

Nell pôs outro cigarro entre os lábios, encostou nele a brasa do que estava fumando e puxou a fumaça até as duas pontas assumirem o mesmo tom de laranja. A visão do leve brilho em sua face, por trás do cigarro aceso, era desconcertante e entusiasmante para Anna. A ponta do cigarro novo que Nell lhe entregou estava úmida, tingida de batom vermelho.

— É melhor não tragar no começo — sugeriu Nell. — Vai te deixar tonta. Se bem que eu até gosto de ficar tonta.

Anna tragou o cigarro, apreciando o calor seco dentro da boca antes de soltar a fumaça e deixá-la se espalhar com o vento. *De fato* era algo obsceno, mas era o tipo de obscenidade da qual ela gostava, semelhante às soldadoras almoçando sentadas no chão. Ela e Nell fumaram em silêncio. Anna olhou para o outro lado da Wallabout Bay, na direção do guindaste de torre curvado contra o céu. Poucos dias antes, tinha visto aquele mesmo guindaste içar um caminhão betoneira e levantá-lo como se fosse um carrinho de brinquedo. Para além do guindaste, debruçavam-se a Williamsburg Bridge e, em seguida, os prédios mais baixos do lado de Manhattan, cujas janelas lembravam flocos dourados sobre um céu impregnado de poeira.

— Você devia sair comigo uma noite dessas — sugeriu Nell.

— Aonde você costuma ir?

— Shows, filmes. Restaurantes. Você nunca sai para jantar na cidade?

Anna tinha tomado umas cervejas com os rapazes do Brooklyn College na sede da Fraternidade, na 3rd Avenue, mas tinha a impressão de que Nell não estava falando desse tipo de bar frequentado por estudantes.

— Eu levo uma vida resguardada e virtuosa — retrucou Anna.

Nell revirou os olhos.

— Que pena. Então não vai saber o que vestir.

— Eu dou meu jeito. E não vou prejudicar a sua reputação, prometo.

Os olhos azuis de Nell sorriram de satisfação.

— E que tal hoje à noite? — perguntou ela, jogando a guimba do cigarro no mar. — É sexta-feira, afinal, mesmo que a gente precise trabalhar amanhã.

Enquanto retornavam pelo Píer C, Anna percebeu uma barça perto da ponta do Dique Seco 1 que era diferente das barças de dragagem que estava acostumada a ver, com seus ganchos, polias e cabine imunda. Essa era desprovida de acessórios. Em uma das pontas, dois homens ajudavam um terceiro a vestir um traje pesado de lona, como escudeiros preparando um cavaleiro para o combate. Ali perto, dois outros homens giravam manivelas em uma caixa retangular vertical.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Anna.

— O sujeito com aquela roupa é mergulhador, eu acho — respondeu Nell.
— Trabalham na parte submersa dos navios. Pode ser que esse aí esteja aprendendo, acho que aquela barça é usada para treinar mergulhadores novos.

— Um mergulhador!

Anna jamais tinha ouvido falar disso. Fascinada, observou os assistentes levantarem um capacete esférico de metal e o encaixarem por cima da cabeça do mergulhador, encerrando-o dentro do traje. O apetrecho de mergulho tinha alguma coisa de fundamentalmente familiar, como algo saído de um sonho ou alguma lenda. Nell também observava, convencida pela atenção de Anna de que algo precioso estava acontecendo.

— Como você sabe que é um mergulhador? — quis saber Anna, sem tirar os olhos dele.

— Eu conheço ele do meu setor. Roger. Começaram a procurar voluntários civis, e ele resolveu aceitar porque pagam adicional de risco.

O mergulhador se pôs de pé e saiu caminhando a passos pesados rumo à extremidade da barça, de onde começou a descer, de costas, por uma escada que entrava na água. O mar parecia impenetrável como pedra, mas ainda assim ele continuou a descer até que só o capacete esférico estivesse fora da água. Em seguida desapareceu, deixando para trás um aglomerado reluzente de bolhas.

Em algum momento, Nell tinha ido até a cantina e agora estava de volta com duas caixinhas de comida. Entregou uma para Anna.

— É melhor você comer bem depressa.

Anna comeu seu espagete com almôndegas, olhar fixo na água. Estava esperando o mergulhador voltar à superfície, mas ele não reaparecia. Estava respirando debaixo d'água. Tentou imaginá-lo no fundo do mar: estaria nadando ou caminhando? O que haveria lá? Sentiu um espasmo de inveja e anseio.

— Será que deixariam a gente tentar? — murmurou.

— Você iria?

— Você não?

Nell riu com descrença.

— Jamais deixariam *a gente* tentar. Mas podem acabar sendo obrigados. Se os homens continuarem a ser convocados em massa.

A mente de Anna se aferrou a essa ideia como a um amuleto. Duzentos e setenta trabalhadores do Arsenal de Marinha haviam sido dispensados do serviço em setembro por conta do recrutamento, segundo a *Shipworker*. A cada semana, mais homens iam embora.

— Mas se esse dia chegar eu vou embora de vez — garantiu Nell.

Em seguida, tirou um estojo de pó compacto do bolso do macacão e empoou o nariz, retocando o batom em seguida.

Quando Anna foi devolver os talheres à cantina, sentiu que um rearranjo

sísmico ocorria dentro de si. Via agora claramente que sempre quisera ser mergulhadora, caminhar no fundo do mar, uma certeza até então abalada pelo medo de que lhe negassem tal opção.

Depois do almoço, o sr. Voss mandou Anna até a Unidade 77, algo tão rotineiro que as casadas nem reparavam mais. No décimo quinto andar, Anna perguntou à secretária do comandante se podia dar uma olhada pela janela, na esperança de avistar a barcaça de mergulho.

— Ah, é claro — respondeu a secretária, mais simpática a cada novo encontro. — Eu já nem reparo na vista. Às vezes passo uma semana inteira sem me lembrar de olhar para fora.

Anna foi até uma das janelas. À claridade do sol de meados de outubro, o Arsenal de Marinha assentava-se à sua frente com a precisão de um diagrama: navios de todos os tamanhos ancorados lado a lado em grupos de quatro, em píeres que lembravam dentes de ancinho. Nos diques secos, os navios eram mantidos em posição por centenas de cordas mais finas, como Gulliver amarrado na praia. O guindaste de torre brandia o punho para o leste; a oeste, erguiam-se os andaimes metálicos das carreiras de construção. Ao longo de todo o terreno, trilhos serpenteavam pelo chão do complexo como verticilos. A barcaça de mergulho tinha desaparecido.

— Quando eu olho para tudo isso — disse a secretária, que veio postar-se ao lado de Anna —, penso: *Como é que podemos não ganhar?*

O sr. Voss estava em sua sala quando Anna retornou. Depois que ela depositou a entrega na mesa, ele falou:

— Entre aqui, srta. Kerrigan. Puxe uma cadeira. Feche a porta.

Não tinham mais falado em particular desde a conversa de quase um mês antes. Anna sentou-se na mesma cadeira dura.

— Imagino que esteja aproveitando suas saídas para o almoço, não?

— Muito — respondeu ela. — E nunca mais me atrasei.

— É verdade. E se tornou a inspetora mais produtiva do setor, contando tanto os homens quanto as mulheres.

— Obrigada.

Na pausa que se seguiu, Anna ficou intrigada. Será que ele a tinha chamado ali só para uma conversa descontraída?

— Eu vi o *Missouri* — comentou ela, para quebrar o silêncio. — Nas carreiras de construção.

— Ah, imagine quando zarpar. Você perdeu o lançamento do *Iowa*, não foi?

— Por três semanas.

Ela detestava pensar nisso. Até a sra. Roosevelt tinha comparecido.

— É impressionante ver um encouraçado deslizar para dentro da água. Ninguém conseguiu evitar as lágrimas.

— Nem mesmo o senhor?

A pergunta de Anna não teve quaisquer segundas intenções; era de fato

impossível imaginar o sr. Voss chorando no lançamento de um navio de combate. Mas a pergunta acabou saindo em tom de provocação, e, a princípio, ele riu.

— Até eu posso ter derramado uma lágrima ou duas. Acredite se quiser.

Anna sorriu para ele.

— Mas aposto que foram lágrimas bem frias.

— Geladas. Caíram no chão e se espatifaram como cristais.

Anna ainda sorria quando voltou para a sua banquetta. Retomou o trabalho imediatamente, sentindo que tinha passado mais tempo do que deveria longe da bancada. Foi só ao fim de vários minutos que percebeu um silêncio incomum ao seu redor. Já estava assim fazia tempo? Olhou para as outras mulheres, mas nenhuma das casadas devolveu o olhar. Nem mesmo Rose. Ainda assim, Anna sentia-se totalmente observada.

E foi então que se deu conta: as casadas tinham começado a comentar.

SEIS

Anna encontrou Nell no Roxy para a sessão das oito horas de *Capitulou sorrindo*, com Alan Ladd. Mas bastou um olhar para o colo branco e exposto de Nell, entre as metades desabotoadas de seu casaco, para ela entender que não iam ao cinema.

— Tive outra ideia, se você estiver disposta — disse Nell com uma alegria estranha e tom melódico.

Quando Anna respondeu que estava plenamente disposta, Nell prosseguiu:

— Um amigo meu ocupa sempre a mesma mesa na Moonshine, uma boate. E nos convidou para ir até lá.

— Não estou vestida direito.

— Eu avisei que você ia estar meio malvestida.

Anna riu. Na verdade, seu vestido — escondido debaixo do sobretudo — nem era tão ruim assim. Quando contou que uma colega do Arsenal a tinha convidado para ir ao cinema, mas que só tinha roupas péssimas, sua mãe mergulhara em um verdadeiro frenesi de ajustes furiosos, acrescentando ombreiras e uma sobressaia a um vestido azul simples que Anna tinha comprado na S. Klein para a próxima consulta de Lydia com o médico. Ao mesmo tempo, Anna aplicou um jorro de contas azul-turquesa na gola, as mãos voando ao lado das da mãe como se juntas executassem um dueto. Ninguém que entendesse realmente de moda se deixaria enganar por aqueles acréscimos improvisados, mas as reformas não se destinavam a um exame detalhado. Como Pearl Gratzky costumava dizer, com certa pompa: “Trabalhamos no plano das impressões.”

Nell chamou um táxi e pediu que o motorista fosse a um local na East 53rd Street.

— Mas são só seis quarteirões! — protestou Anna. — Vamos andando para economizar.

Sua sugestão foi recebida com a desdita de uma risada forçada.

— Não se preocupe — disse Nell. — A corrida vai ser o último centavo que gastaremos hoje à noite.

Mesmo em estado de blecaute parcial, os quarteirões ao norte da Times Square brilhavam com mais intensidade do que pareciam irradiar a iluminação pública esvanecida e as marquises sombrias. Era raro Anna andar em Manhattan depois do anoitecer, e a quantidade de soldados nas ruas a deixou espantada. Oficiais de sobretudo pesado, marinheiros e recrutas, outros usando uniformes que não reconhecia: todos apressados, como se a caminho de um

mesmo compromisso urgente.

— Uma coisa — observou Nell, virando-se para Anna no banco traseiro.
— Não comente nada sobre o nosso trabalho.

— O nosso...

— Shh!

Nell encostou o indicador em riste nos lábios. Tinha pintado as unhas de vermelho no final da tarde.

— Você está querendo dizer o Arse...

— Shh!

— Por que não?

— Ora, francamente — reclamou Nell, num falsete alegre. — Não vamos nos fazer de idiotas.

— Quem aqui está se fazendo de idiota?

Fez-se uma pausa.

— Você sabe perfeitamente o que eu quero dizer — retrucou Nell, agora com a voz normal.

Ela olhou para Anna com um ar sério, as covinhas escondidas pelo brilho que entrava pelas janelas.

— Preciso ter certeza de que você vai se comportar bem.

— Não se preocupe — garantiu Anna. — Prometo não envergonhar você.

O táxi as deixou do lado leste da Madison Avenue, diante de um reluzente saguão branco cujo porteiro de cartola saudou a chegada das duas como se fosse exatamente o que lhe faltava para ser completamente feliz. A algazarra no local onde entraram deixou Anna tão espantada quanto o barulho das ruas do Arsenal de Marinha em contraste com o silêncio sepulcral de sua oficina de medição.

— Melhor do que eu esperava — comentou Nell, examinando o vestido de Anna depois de entregarem seus sobretudos e chapéus à chapelaria. — Bem melhor.

— Que alívio — respondeu Anna, mas Nell percebeu seu tom implicante e inclinou a cabeça de lado, sorrindo para os olhos de Anna.

— Você é engraçada.

— Você também.

Nell pegou Anna pela mão, puxando-a em direção à erupção de música e vozes, e Anna pensou que essa breve troca tinha sido a maior declaração de amizade que Nell já teria feito a qualquer outra garota — o equivalente ao dia em que selara sua amizade com Lillian Feeney mediante um pacto de sangue, quando tinham dez anos. O que tornara a reação de Nell possível foi a aparência arrebatadora dela em seu vestido de cetim creme com decote de gola drapeada. Era inconcebível que Anna a seu lado pudesse roubar um mínimo que fosse das atenções masculinas.

Descer o curto lance de escadas que levava à boate era como ingressar num mundo irreal, como se tivessem atravessado uma barreira invisível e entrado

em um filme. Anna teria apreciado alguma preparação, uma transição mais lenta, mas não houve tempo; logo se viu engolfada por uma orquestra, uma fonte, um piso quadriculado e mil mesinhas vermelhas que zumbiam como colmeias. Nell se esgueirava sinuosamente entre elas, fazendo pausas frequentes para trocar cumprimentos elegantes e animados com os ocupantes. Anna a seguia de perto, ansiosa.

Três homens as esperavam a uma mesa junto da pista de dança lotada, de contornos ovais. Pareciam mais ou menos idênticos, cada qual com seu lenço de seda no bolso dianteiro do paletó e um prendedor de gravata de aparência cara. As únicas diferenças consistiam na beleza de um deles e nas feições mais velhas do outro. Da saraivada de gracejos que se seguiu, captava-se apenas uma ou outra palavra em meio ao barulho generalizado.

— ... comemorar...

— ... os japoneses...

— ... sentada ali...

— ... champanhe...

— ... por favor...

Anna tentava ouvir tudo, sabendo que dava a impressão de estar tensa ao extremo. Nunca tinha sido muito boa em trocar gracejos; era como pular corda em um ritmo que não dominava o suficiente para saltar com confiança. A guerra parecia não existir naquele lugar, apesar da presença de oficiais uniformizados. Por que os dois pretendentes mais jovens de Nell não tinham sido convocados?

Trouxeram-lhes uma porção de vôngoles recheados com bacon, além de champanhe. O garçom, um rapaz que tremia visivelmente (“Incapacidade para o Serviço Militar”, pensou Anna), precisou se esforçar muito para encher as cinco taças rasas. Anna jamais tinha tomado champanhe; na sede da Fraternidade só tinha experimentado cerveja, e em casa a única bebida era uísque. De um dourado claro, a poção espumava e borbulhava em sua taça. Ao primeiro gole, a bebida desceu crepitando — doce, mas com um toque amargo, como um alfinete que mal se percebe dentro de uma almofada.

— Ora, mas é uma delícia!

— Não é maravilhoso? — emendou Nell, sem fôlego. — Eu beberia isso o dia inteiro.

Anna esteve a ponto de dizer, brincando, que talvez pudessem levar um pouco para o trabalho numa garrafa térmica, se conseguissem passar pelos fuzileiros de sentinela. Mas se conteve a tempo.

Sua taça esvaziou-se depressa, mas o garçom, logo ao lado, tornou a enchê-la. E, de um momento para o outro, como se virasse o botão de acendimento e o calor da chama do fogão aumentasse em resposta, os contornos da cena em torno de Anna se desfocaram em um borrão cintilante — música, brilho, risos —, uma *impressão* vislumbrada pelo canto do olho, como diria Pearl Gratzky, e não um lugar concreto. E essa mudança dissolveu a barreira que vinha

mantendo Anna deslocada. Sentiu-se bem no meio de tudo, com o rosto pegando fogo e o coração a galope.

A orquestra começou a tocar uma música acelerada. O mais jovem dos pretendentes não bonitos tornou a se apresentar — Louie — e convidou Anna para dançar, rebatendo alegremente sua relutância.

— Deixe de conversa, toda garota sabe dançar. Venha — disse ele, tomando a mão de Anna e puxando-a para a pista de piso quadriculado.

Anna percebeu que ele mancava de leve. Então era isso. Não sabia ao certo se as danças da década de 1920 que tinha aprendido com a mãe — o *Peabody*, o *Texas Tommy*, o *Breakaway* — podiam ser convertidas para o *swing* ao estilo de Benny Goodman tocado por aquela orquestra. Mas Louie facilitava as coisas para ela, deslocando-se ao seu redor com engenhosa frugalidade, por trás da qual ela pressentia um extremo cuidado, possivelmente para disfarçar sua deficiência, o que ele fazia de maneira impecável.

— Está se divertindo? — perguntou ele. — Tem certeza? — Tudo indicava que Louie tinha assumido o papel de anfitrião, responsável pelo bem-estar de todo o grupo. — E Nell, está se divertindo? Com ela a gente nunca sabe ao certo.

— Sim, ela está bem — garantiu Anna. — Todos estamos.

De volta à mesa, encontraram as taças reabastecidas. Nell voltou da pista de dança com o pretendente mais bonito, e Anna imaginou que fosse seu namorado. Quando ela e Nell começaram a abrir caminho em meio à multidão rumo ao toalete das damas, no entanto, Nell sussurrou:

— Meu encontro de hoje não veio, o imbecil.

— Ah — retrucou Anna, confusa. — E ele é...

— Parecido com o Clark Gable, pelo menos é o que todo mundo diz. Vamos olhar na entrada.

Quando a procura não deu em nada, Nell ficou impaciente.

— Que desgraçado!

— Ele não é de confiança?

— Ele é... comprometido. Nem sempre consegue sair.

— E comprometido quer dizer...

Nell assentiu.

— Mas a mulher dele é uma bruxa.

— Eles têm filhos?

— Quatro. Mas ele não suporta ficar em casa; está sempre contando os minutos até voltar a me ver.

— Parece fala de radionovela.

— Você não devia escutar essas coisas. Vai estragar seus miolos.

— É minha mãe quem ouve — explicou Anna.

— Por que será que ele não veio? Só estou aturando esses chatos da nossa mesa para ter onde ficar enquanto ele não chega.

— Louie não é chato — declarou Anna. — É um rapaz muito gentil.

— Todos eles são iguais.

Anna voltou para a mesa decidida a dançar com o pretendente bonito, agora que sabia que ele não tinha ligação com Nell. No entanto, logo se viu de volta à pista com Louie, que prendeu sua atenção mostrando-lhe um general de brigada, um senador estadual e um famoso intelectual negro. Ainda avistaram Laird Cregar, que Anna tinha visto na primavera anterior em *Alma torturada*, e Joan Fontaine, que havia ganhado um Oscar por *Suspeita*, um filme que Anna tinha adorado. Filmes assustadores sobre a vida na cidade eram seus favoritos, o tipo de história que deixa qualquer um sobressaltado ao ouvir passos depois de sair do cinema.

— Você conhece todo mundo, Louie!

— Acho que sim. O único problema é que eles não sabem quem eu sou.

Anna examinou Louie com atenção: um rapaz magro, com os dentes grandes demais para o rosto estreito. Puxando de uma perna.

— Em que ramo você trabalha?

— Atuarial — murmurou ele, abandonando o tópico antes que Anna pudesse perguntar do que se tratava. — E você?

Após omitir, várias vezes e com custo, menções ao Arsenal de Marinha, naquele momento Anna estava pronta.

— Secretária — respondeu em tom vago.

— Imagino que este tipo de lugar exista justamente para as pessoas se esquecerem de que têm trabalhos como os nossos — afirmou Louie. — O Moonshine tem o toque certo de indecência.

— Onde? — perguntou Anna. — Não vi toque nenhum de indecência.

— Ah, não é muito claro, e a ideia é justamente essa. No andar de cima eles têm mesas de jogo, mas só para grandes apostadores. Bacará, canastra, pôquer; é o que dizem as minhas fontes. E aqui você encontra gente de todo tipo, inclusive gângsteres. Vocês, garotas, adoram um gângster, claro.

— Nunca conheci um! — comentou Anna. — Pode me apontar algum aqui?

— Bem, o dono é um gângster, pelo menos é o que dizem. Ou era, nos tempos da Lei Seca. Ele geralmente se senta ali — disse Louie, estreitando os olhos na direção de um canto nos fundos do salão. — O nome dele é Dexter Styles. Ele é dono de muitas boates, por isso nem sempre está por aqui.

— Dexter Styles — repetiu Anna. Ela conhecia aquele nome. — E como ele é?

— Parece um boxeador. Um sujeito alto e forte, de cabelo escuro. Pode ser que esteja por aqui, não sei dizer.

Marco, o pretendente bonito, finalmente convidou Anna para dançar. Parecia um galã de cinema, com seu cabelo escuro cacheado e olhos melancólicos, a boca amuada. Era italiano — talvez tivesse escapado à convocação por conta disso. Declarou em tom inexpressivo que Mussolini era um porco, como se cumprisse uma obrigação, e depois não disse mais nada. O

olhar dele varria a pista de dança, e Anna logo percebeu que ele não queria perder Nell de vista, a qual dançava com o pretendente não bonito que não era Louie. Anna e Marco não tinham sintonia para dançar. Na terceira vez em que ele pisou no pé dela, Anna pediu licença para parar, dolorida de decepção. Em vez de ir ao encontro de Louie, abriu caminho até o canto onde ele dissera que o dono da boate gostava de se instalar. Havia quatro homens debruçados em volta de uma mesa. O borrão causado pelo champanhe fazia Anna sentir-se meio invisível ao caminhar em linha reta até a mesa, olhando para os seus ocupantes. Os homens notaram sua presença na mesma hora. Ela soube imediatamente quem era o sr. Styles e se deu conta de que já o conhecia.

— O toalete fica do outro lado da pista — indicou um dos homens.

— Não, eu... perdão — retrucou Anna, afastando-se da mesa.

Dexter Styles era o homem da praia. E essa descoberta lhe ocorreu em meio a uma onda de calor e frio que a deixou desorientada como se o salão tivesse tombado de lado. Uma lembrança perdida veio à tona: o passeio de carro ao lado do pai. Brincar com outra menina. Aquele homem, Dexter Styles, em uma praia gelada. A coincidência lhe pareceu um milagre. Sem sequer uma pausa para pensar melhor, Anna voltou às pressas para a mesa dele, decidida a contar-lhe tudo isso.

Os homens olharam para ela pela segunda vez, a frieza daquele olhar coletivo sinalizando que ela estava abusando da hospitalidade. O torpor do champanhe cedeu e Anna sentiu-se exposta, desprotegida contra a hostilidade do mais jovem dos associados do sr. Styles, que tinha uma papada enorme e um cabelo denso e rebelde.

— Você está vindo para o mau caminho, garota. Cai fora.

Dexter Styles pôs-se de pé imediatamente, interpondo-se entre Anna e a mesa.

— O que posso fazer pela senhorita? — perguntou com vaga gentileza, seus olhos mal passando de relance pelo rosto dela.

Não tinha nenhuma lembrança da garota, é claro. Aquela viagem à Praia de Manhattan estava perdida no passado distante como um miolo de maçã jogado da janela de um trem. A simples ideia de invocá-la parecia absurda. Um silêncio abriu-se entre os dois e se espalhou, multiplicado.

— Eu trabalho no Arsenal de Marinha, no Brooklyn — disse Anna por fim, o erro de sua escolha saltando-lhe aos olhos antes mesmo de terminar a frase.

— Não me diga.

Tinha conseguido capturar o foco errante da atenção de Styles. Ele continuou:

— Li no jornal que mulheres começaram a trabalhar lá. O que a senhorita faz?

— Confiro a medida de peças com um micrômetro. Mas outras garotas

soldam, pregam rebites...

— *Soldam?*

— Igual aos homens. Só dá para distinguir as moças dos rapazes quando tiram a máscara de soldador.

— E isso é natural? Homens e mulheres trabalhando juntos desse jeito? — perguntou Dexter, fitando-a.

— Não sei — respondeu, perturbada. — Eu trabalho praticamente só com outras moças.

— Bem, foi um prazer conversar com você, senhorita...

— Feeney — disse ela num impulso, estendendo-lhe a mão. — Anna Feeney.

— Dexter Styles.

Trocaram um aperto de mãos, e ele tocou no braço de um garçom próximo e disse:

— Gino, pode conduzir a srta. Feeney de volta à mesa dela e enviar ao grupo uma garrafa de champanhe por conta da casa? Boa sorte, srta. Feeney.

Anna tinha sido dispensada. Dexter Styles retornou para a companhia dos seus asseclas, e ela ficou vagando pela multidão, os ouvidos ainda tinindo com a estranheza de tudo o que acabara de acontecer. Não tanto por ter usado o sobrenome de Lillian Feeney — um nome falso parecia mais apropriado naquele lugar —, mas porque, tendo escolhido fazê-lo, ocultara a conexão entre ela e Styles. Por quê, quando ele podia ter reconhecido seu sobrenome e se lembrado de quem ela era?

De volta à sua mesa, Anna ficou pensativa, resistindo aos esforços persistentes de Louie para trazê-la de volta à festa. Não conseguia enxergar Dexter Styles de onde estava sentada, e o mais provável é que nunca mais tornasse a vê-lo. Só quando imaginou a conversa que poderia ter acontecido se tivesse revelado seu verdadeiro sobrenome foi que entendeu sua dissimulação instintiva. *E como vai o seu pai? Por onde ele anda? O que tem feito?* Essas perguntas certamente teriam sido feitas, e a mera ideia de ter de respondê-las a mortificava.

O garçom chegou com a nova garrafa de champanhe. Nell e Marco voltaram da pista de dança, Marco com uma expressão de satisfação profunda.

— O que houve? — perguntou Nell, desabando na cadeira ao lado de Anna. — Bebeu demais?

— Talvez.

Mas Anna sentia o oposto: que não tinha bebido champanhe suficiente para contrabalançar a tristeza repentina e crua que tomara conta dela, uma sensação de vazio, na verdade.

— Acho que quero ir embora — declarou Nell.

Para Louie, essa ideia equivalia a uma emergência.

— Ora, deixem disso, meninas! — exclamou. — Bebam mais um pouco de champanhe. Ganhamos uma garrafa por conta da casa! Passei a minha vida

inteira esperando por isso!

— Louie, você é um amor — disse Nell.

— Meu objetivo é agradar. Expressões tristes significam que eu fracassei.

Anna sentiu um desespero agudo por trás dessa animação, o que a deixou condoída.

— Você é ótimo, Louie — comentou, passando um dos braços por cima dos ombros magros do rapaz.

Então deu um beijo em seu rosto frio, que parecia de cera.

— Ulalá! — exclamou ele.

Nell abraçou Louie pelo outro lado. Marco e o mais velho dos pretendentes não bonitos riram. Era impossível não gostar de Louie.

— Acho que eu vou desmaiar — pontuou Louie. — Se eu cair, vocês me seguram, está bem, meninas?

★ ★ ★

Nada do furor interno da Moonshine vazava para a East 53rd Street; era como transitar entre dois mundos. Anna olhou para o relógio e sentiu um choque; já passava de uma da madrugada.

— Preciso ir para casa.

Nell não respondeu; estava agora tão abatida quanto estivera artificialmente animada no começo da noite.

— Você vai encontrar com ele amanhã? — perguntou Anna.

Nell negou.

— Ele nunca pode sair nos fins de semana. Por isso fiquei tão furiosa quando ele não apareceu, o miserável.

— Foi ele quem lhe deu esse vestido?

— Em Palm Beach. Ele tinha uma viagem de negócios a Miami, e fui com ele. Agora você ficou chocada, não foi? — acrescentou com uma tristeza afoita.

— Um pouco — admitiu Anna. — Me parece... perigoso.

— Só para ele, porque eu não tenho nada a perder. E ele diz que eu compenso qualquer risco. — Nell deu um sorriso desanimado. — Não vai dizer que pensava que eu fosse um anjo.

— Não. Eu não achava nada disso.

— De qualquer maneira, anjos não existem.

Anna não disse nada.

— Quem se considera assim apenas sabe mentir melhor, é o que eu acho — disse Nell em tom tristonho e, depois de uma pausa, perguntou: — Você por acaso é um anjo, Anna?

Anna percebia o farfalhar seco das folhas caídas no asfalto, o aroma de gardênia do perfume de Nell. Ninguém jamais lhe fizera essa pergunta. Todo

mundo simplesmente presumia que ela *fosse* um anjo.

— Não. Não sou nenhum anjo — afirmou.

Os olhos dela fitaram os de Nell, e as duas se entenderam.

Nell tomou o braço de Anna, com o ânimo recobrado. Caminharam passando por prédios baixos que lembravam caixinhas de joias feitas à mão.

— Você esconde isso muito bem — falou Nell baixinho.

— O que é bom, suponho.

— Você poderia ser espiã, ou detetive. Ninguém ia adivinhar quem você é de verdade, ou para quem trabalha.

— Eu quero ser mergulhadora — confessou Anna.

SETE

Já no Brooklyn, enquanto percorria a 86th Street, Dexter Styles viu Badger consultar as horas no relógio de pulso e depois estender a mão peluda para o botão do rádio, possivelmente para sintonizar o noticiário das 5h30 da manhã. Dexter afastou a mão dele com um tapa.

— Por que você fez isso? — resmungou Badger.

— Não se mexe no carro de um sujeito sem pedir licença. Ou não ensinaram isso a você em Chicago?

— Desculpa, chefe — respondeu Badger em tom humilde, desmentido por seus olhos teimosos e brilhantes. E continuou, é claro: — É só que... se eu estou sentado no carro, já estou tocando em várias partes dele, o senhor entende? Quando eu me encosto no banco, por exemplo.

— Se você está querendo levar uma porrada, é só pedir.

— Ora, o senhor passou a noite toda aborrecido comigo.

Dexter olhou para ele. Entre as características mais irritantes de Badger estava um grau razoável de precisão em sua leitura do estado de espírito de Dexter. E ele estava *de fato* aborrecido — por quê, não sabia. Talvez por causa da presença incômoda de Badger em seu carro pouco antes do momento do dia do qual Dexter mais gostava: o intervalo entre a noite e o amanhecer, quando se pressente a possibilidade da luz antes do surgimento de qualquer claridade.

— A moça — disse ele, lembrando-se. — Você foi grosso com a moça que veio até a minha mesa. A srta. Feeney.

O queixo de Badger caiu, incrédulo.

— No Hell's Bells você até pode agir assim — afirmou Dexter, referindo-se à sua boate de beira de estrada nos Flatlands, onde tinham parado depois de deixar a Moonshine. — Talvez até no Pines, se bem que você nunca vai ouvir o sr. Healey falar assim com nenhum frequentador. Mas não na Moonshine.

— Que é classe alta demais?

— Algo assim.

Badger forçou um suspiro.

— Em Chicago é diferente.

— Estou sabendo.

Por sete noites seguidas, Badger enchera os ouvidos de Dexter com relatos sobre os bares excelentes, as mulheres incomparáveis e o lago irresistível de Chicago; acima de tudo, sobre o convívio harmonioso entre a Lei e o crime organizado. Badger adorava Chicago, mas Chicago não adorava Badger.

Alguma coisa tinha dado muito errado por lá, e, se fosse um sujeito de menos sorte, Badger, a essa altura, estaria servindo de alimento aos peixes do fundo do lago Michigan. Mas a mãe de Badger era a sobrinha favorita do sr. Q. Após algumas conversas, o sr. Q. conseguira um salvo-conduto para o sobrinho-neto até o Brooklyn, onde o confiara a Dexter para ser instruído e orientado. O normal seria ter tornado Badger seu motorista, mas para Dexter seria mais fácil empregá-lo como advogado do que o deixar na direção do carro. Não deixava ninguém encostar no volante de seu Cadillac Series 62 novinho, pintado de cinza nórdico, um dos últimos a sair da linha de montagem antes de Detroit se converter totalmente à indústria bélica. Amava dirigir. E duvidava que houvesse dez homens em Nova York que dirigissem tão bem quanto ele, ou que consumissem mais gasolina do mercado negro.

— Mas o senhor está indo para o lado errado, chefe.

— Depende do lugar para onde quero ir.

— Achei que estivesse me levando para casa.

Badger se referia a Bensonhurst, onde dormia no quarto de hóspedes da velha irmã solteirona do sr. Q.

De Gravesend, onde foram visitar o Pines, Dexter tinha seguido, sem pensar, para Bay Ridge. Tinha descoberto uma vista excelente dos Narrows poucas semanas antes, depois de visitar um companheiro de negócios numa ladeira no alto de Fort Hamilton. Caminhava de volta para o carro quando se viu de frente para a escuridão da Upper Bay, os barcos e a margem invisíveis. E tinha percebido uma densidade nova e dinâmica na escuridão. Em instantes seus olhos deram sentido ao mistério e Dexter enxergou: uma procissão de navios imensos deixava a baía a intervalos regulares, como um rebanho de animais ou de fantasmas. Um comboio a caminho do mar aberto. Havia algo de profundo, quase sobrenatural até, naquele cortejo silencioso. Dexter esperou a passagem do último navio. Vinte e oito ele contou, mas sabe-se lá quanto tempo de desfile já havia transcorrido, antes de sua chegada. Finalmente, um barco bem menor surgiu para fechar a rede antissubmarinos. Depois desse dia, ele tinha criado o hábito de voltar ao local sempre que possível, na esperança de avistar outro comboio.

— Você é jovem e saudável, Badger — comentou, deixando o carro em ponto morto. — Por que não se alistou?

— É que eu não sou soldado, só isso.

— Soldado é exatamente o que você é. Assim como eu.

— Não desse tipo.

— O seu tio-avô é o nosso general.

— Não do tipo que marcha.

Dexter virou-se para ele, com ar severo.

— Se o sr. Q. mandar todo mundo marchar, todo mundo vai marchar. Se ele mandar todo mundo vestir fantasia de gorila, todo mundo vai vestir. Você por acaso foi classificado como incapaz para o serviço militar, Badger?

— Eu? — perguntou Badger com uma voz estridente. — Ora, eu tenho olhos de gato siamês. Do alto do Hotel Drake eu consigo enxergar sinais luminosos no meio do lago Michigan.

Chicago, mais uma vez. Enquanto Badger prosseguia em sua rapsódia, Dexter ficou observando a baía, pensando no que tinha acabado de ouvir tanto no Hell's Bells quanto no Pines: o movimento vinha caindo. Ninguém mais tinha gasolina de sobra para dirigir até uma boate de beira de estrada. E a mesma história provavelmente se repetiria em Long Island e nas Palisades, as quais ele pretendia visitar naquela noite e na segunda-feira.

E Heels, seu homem no Pines, tinha comentado outra coisa: um ex-crupiê chamado Hugh Mackey vinha causando transtornos. Jogou além da conta, pediu adiantamentos demais, meteu a mão na caixa registradora e acabou preso. Agora, ameaçava chantagear Heels se não fosse recontratado ganhando mais do que antes. Segundo ele, durante os oito meses de serviço tinha visto o suficiente para mandar todo mundo para a prisão de Sing Sing. Dexter tentou imaginar Hugh Mackey. Sempre se lembrava do nome das pessoas, mas às vezes só o nome não bastava.

— O que ela queria, no fim das contas? — perguntou Badger com a voz arrastada. — Aquela idiota que depois voltou até a nossa mesa.

— Olha como fala.

— Ela não está escutando.

Dexter ficou admirado com aquela insolência. Graças a ela, percebeu algo que até aquele momento lhe escapava: Badger julgava estar protegido. Confundia a ajuda do sr. Q. com algum tipo de imunidade e dava todos os sinais de ignorar que o próprio irmão do sr. Q. tinha desaparecido em algum momento da ascensão dele, além de pelo menos dois primos. Essa compreensão errônea dos fatos explicava a deferência caricata que demonstrava diante de Dexter, sempre com um tom de zombaria.

— Sai do meu carro — ordenou Dexter.

Badger fez um ar de espanto.

— Sai. Agora.

O rapaz ainda tentou dizer alguma coisa, mas deve ter percebido que Dexter falava sério. Abriu a porta e saiu na escuridão. Dexter acelerou e se afastou dali quase sem fazer barulho, olhando apenas uma vez no retrovisor. Mal divisou Badger olhando fixamente para o carro, vestido com o terno barato que Dexter comprara para ele uma semana antes na Crawford's. Teria algum trabalho para voltar a Bensonhurst, se é que sabia o endereço. Os sapatos novos deixariam de ranger rapidinho. A única opção no caso de garotos como Badger era bater com força, tantas vezes quanto necessário. Qualquer que fosse o destino do qual ele havia escapado em Chicago graças ao sr. Q., não poderia ser pior do que o fogo dos infernos que cairia sobre ele em Nova York se não tivesse o devido respeito pela hierarquia. Imunidade era uma coisa que não existia. Crer estar imune era cometer suicídio.

A parte boa era que Dexter se veria livre do garoto ao menos por alguns dias, enquanto Badger lambia as feridas. Dexter preferia as mulheres, eis a verdade: era mais fácil conviver com elas. Adoraria entregar a gerência de todos os seus negócios a elas, se fosse possível achar mulheres tão duras na queda quanto as donas dos bares clandestinos que frequentara na juventude. Texas Guinan, Bell Livingstone. Mulheres que fugiam dos agentes da Lei Seca pelos telhados. Mas as garotas de hoje em dia pareciam não gostar muito de armas e, justiça seja feita, não era fácil esconder um revólver dentro de um vestido. Nem Dexter usava coldre de ombro; de que valia mandar fazer um terno sob medida na F. L. Dunne para depois estragar o caimento? Quanto a carregar uma arma numa bolsa, isso só acontecia nos filmes. Armas precisavam andar alojadas em couro.

A hora mágica chegou já próximo a Praia de Manhattan: uma onda de promessa no céu que Dexter conseguia sentir fisicamente, como se algo se expandisse dentro do peito. Gostava de esperar a primeira luz do dia na extremidade leste da praia, onde antes ficavam os grandes hotéis. Seu pai tinha trabalhado na cozinha do Oriental quando Dexter era pequeno, e, apesar de o hotel ter sido demolido quando ele tinha onze anos, ainda se lembrava de cada detalhe, como se o fantasma do prédio com suas torres ainda encarasse de braços aberto o mar, os toldos e bandeiras adejando ao vento. Do lado de dentro, quilômetros de corredores forrados de carpete vermelho insuflados por rumores gerados provavelmente pelo elenco de centenas de figuras — inclusive o pai de Dexter — que trabalhava nele, fora do alcance das vistas. Nunca tinham deixado Dexter frequentar a praia privativa do Oriental. Era exclusiva demais.

Em fevereiro último, logo após Pearl Harbor, a Guarda Costeira tinha isolado a extremidade leste da praia e construído ali um centro de treinamento em meio aos chalés dos veranistas. Dexter ficou algum tempo parado junto ao portão central, olhando para leste até ver surgir a primeira luz da manhã. Era gradual, mas ele nunca tinha essa impressão. De um segundo para o outro, o dia clareava.

A casa de Dexter ficava na extremidade oeste da praia. A porta da frente era mantida destrancada. Na cozinha, Milda lhe deixara um bule de café, que ele esquentou direto no fogão. Serviu-se de uma xícara e ergueu as cortinas de blecaute das janelas que davam para o mar. Só sabia realmente como o dia estava depois de o contemplar daquelas janelas. A cada avanço da alvorada, a densidade dos navios se revelava em maior detalhe: chatas, barcaças, navios-tanque, alguns barcos ancorados de quarentena. Navios-varredores com cascos de madeira navegavam de um lado para outro, cruzando o canal Ambrose. Rebocadores enxameavam como uma trupe de palhaços de circo, flanqueando os navios que rumavam para a Upper Bay.

Dexter trouxe o café e os binóculos para a varanda dos fundos, que dava para o mar. Tabatha apareceu poucos minutos depois, com os olhos

sonolentos e vestindo seu robe lilás de babados. Dexter ficou satisfeito; aos sábados, normalmente, a filha acordava tarde. Seus cabelos castanho-avermelhados — o mesmo tom dos da mãe — ainda traziam a marca dos grampos que devia ter tirado pouco antes para evitar os comentários sarcásticos do pai.

— Tabbyzinha — disse ele, beijando o rosto que ela lhe estendia. — O que é isso, está tomando o meu café?

— É praticamente leite puro.

Ela se enrodilhou na cadeira ao lado, abraçando os joelhos. Sua camisola fina não era páreo para o vento que chegava à varanda.

— Não teve festa do pijama ontem?

Ultimamente, Dexter tinha a impressão de que a filha estava sempre com alguma amiga (muitas vezes Natalie, em quem ele não confiava), ou então recebia duas ou três garotas em casa, para fazer broches de lapela com cera derretida ou “saías de cabo de vassoura”, produzidas mergulhando a saia em tinta e enrolando-a em um cabo de vassoura para secar. O resultado nunca era menos do que horrendo.

— Alguma estrela de cinema ontem à noite? — perguntou ela.

— Bom, vamos ver. Aline MacMahon apareceu, e Wendy Barrie. Joan Fontaine, que ganhou o Oscar.

Mencionar apenas as atrizes era um modo de provocá-la.

— E mais ninguém?

— Bom, acho que vi Gary Cooper de relance. Já era bem tarde.

Ela bateu as mãos.

— O que ele estava fazendo?

— Estava sentado e feliz ao lado da mulher, pedindo um martíni atrás do outro para ela.

— Você sempre diz isso!

— E é sempre verdade.

Mas praticamente nunca era. Dexter não contava a ninguém o que via da janela oculta do segundo andar da boate. Deixava essa tarefa para o sr. Winchell, seu amigo e frequentador assíduo, um gênio de dizer tudo e nada ao mesmo tempo.

— Mais alguém?

Ela esperava alguma notícia de Victor Mature. Tinha ido com Natalie ver *Quem matou Vicki?* no ano anterior, e a visão de Mature em trajes de banho tinha sido uma experiência de conversão. Agora, suculentas fotos do ator decoravam as capas dos livros escolares por baixo da cobertura de celofane.

— Nenhum sinal de Victor, se é dele que quer saber — respondeu Dexter.

— Não é — retrucou ela com ar devoto. — Ele tem coisas mais importantes a fazer do que frequentar casas noturnas. Entrou para a Guarda Costeira.

Nos velhos tempos, quando costumava acordar cedo, Tabby carregava a

caneca de leite para a varanda quase toda manhã e lá encontrava Dexter. Ele ficava impressionado com a sagacidade da filha, com a maneira como refletia sobre pequenas questões, e tinha imaginado trabalhar com ela um dia — algum negócio legalizado, é claro. Mas suas esperanças para Tabby tinham ficado mais modestas no ano anterior, quando ela começara a copiar o penteado de Veronica Lake e dedicar-se a brincadeiras de invocar espíritos. Ainda assim, a cada quinze dias, ela continuava a aparecer ali pela manhã, como se cumprisse um ritual.

— E quais são os planos para hoje, Tabs?

— Alguma coisa com Natalie.

— Que tipo de coisa?

— Um filme. Talvez um sorvete.

A maneira estudada de evitar os olhos do pai indicava que haveria rapazes presentes. Natalie era louca por garotos e Tabby tinha ficado bem mais bonita do que Dexter gostaria. Não que desejasse que a única filha fosse feia, mas uma beleza vistosa era um convite a se tornar influenciável. Preferia para ela uma beleza discreta, visível apenas para quem olhasse de perto. Tabby tinha feito um broche de lapela com uma caixinha de aspirina pintada de esmalte vermelho, batizada de Caixa dos Desejos. Aparentemente, a caixinha abrigava um desejo secreto, escrito num pedacinho de papel. A ideia de que Tabby guardava segredos o deixava um pouco aborrecido.

— Quer dar uma olhada? — perguntou, estendendo o binóculo à filha.

Ela fez que não. Tinha trazido uma lixa e se ocupava em dar um formato oval perfeito a cada unha.

— Em voz alta, por favor — pediu ele.

— Não, obrigada, papai!

— Um monte de navios.

— Estou vendo.

— Como, se não tira os olhos das unhas?

— Eu vejo navios todo dia.

Ele ergueu o binóculo, percorrendo as agitadas águas cinzentas em busca da torre de comando de algum submarino. A rede atravessada na entrada dos Narrows protegia a Upper Bay, mas, até onde Dexter sabia, não havia nada que pudesse impedir um submarino alemão de contornar o Breezy Point, onde ficava o Fort Tilden, e vir direto até o ponto onde o mar batia nas pedras logo abaixo da casa dele. Às vezes, vasculhar as águas temendo avistar um submarino dava a sensação de antecipar a presença de um deles, e até mesmo de desejar que realmente aparecesse.

— Aqui — falou ele, entregando o binóculo a Tabby para tirá-la do encanto de seu egocentrismo. — Vigie para não deixar nenhum alemão desembarcar, como fizeram na praia de Amagansett.

— Mas por que eles fariam isso, papai? Aqui não tem nada de importante.

— Para ajudar você a cuidar das unhas? Elas, sim, parecem bem

importantes.

Ela se enrolou no seu robe precário e voltou para dentro de casa. A impulsividade de Dexter era uma fraqueza que o revoltava assim como a vaidade da filha.

Jogou o café frio nas pedras e voltou para dentro. Em seu quarto de vestir, tirou o revólver do coldre de tornozelo e o trancou no armário reservado para tal função. Pendurou as calças e o paletó no armário, jogou a camisa em um canto para ser lavada e, de pé junto à pia, vestindo apenas uma cueca Sulka, lavou-se com água fria. Depois entrou no quarto de piso rebaixado, dominado pelo aroma de almíscar. A exuberância da cama espaçosa que ele e Harriet compartilhavam era um acinte ao estilo rústico dos ancestrais puritanos da esposa. Escutou a respiração de Harriet e enfiou-se na cama ao lado dela. A luz do toucador dela incidia na curva de suas maçãs do rosto, em sua boca sensual. Muito bonita, a sua Harriet. Bonita até demais — por que tinha imaginado que a filha dela seria menos? Não ficava desarrumada nem quando dormia, e só Dexter conseguia acabar com sua compostura. Era o que vinha fazendo desde que Harriet tinha dezesseis anos e lhe pedia que a levasse em suas viagens de contrabando de bebida, missões que ele interrompia para transarem à luz da lua nos campos de abóbora em Long Island, deixando cheios de folhas os vestidos de debutante que ela erguia acima da cabeça. A irritação de uma noite inteira estava acumulada dentro dele, como cavalos de corrida bufando inquietos atrás do portão de largada. Isso exigia ação, como sempre. Dexter já estava em cima de Harriet antes mesmo que ela acordasse.

— Bom dia, querido — disse ela com a voz rouca que, outrora tão desconcertante na juventude, agora lhe caía bem. — Me acordando de repente.

— Foi uma noite longa — explicou Dexter.

★ ★ ★

Antes da missa, na manhã seguinte, o novo padre caminhou com Dexter para conversar sobre o sino da paróquia. Tinha uma “rachadura invisível” que não apenas comprometia seu som como poderia também resultar em fratura, queda e algum paroquiano ferido. O clero sempre presumia que Dexter era um alvo fácil para bancar reformas na igreja, já que o pecado era inerente ao seu meio de subsistência. Já tinha sido chamado a contribuir para a reforma de uma pedra de altar lascada, para a compra de trajes novos para os meninos do coro, e agora o sino, que a seus ouvidos soava perfeito. Na verdade, ele nem se incomodaria se tocasse com menos frequência.

— Fico surpreso — comentou ele enquanto paravam ao lado de um recanto ajardinado do lado de fora da Igreja de Santa Margarida. — Uma igreja que nem completou 25 anos.

— Durante a Depressão nós não cuidávamos de nada — murmurou o padre.

— Também não é assim. Padre Bertoli, seu antecessor, me elegeu para financiar paramentos e cálices novos, sem falar dos passos da Paixão que enfeitam as paredes da abside.

— A sua generosidade é o nosso sustento — entoou o padre, com o olhar baixo.

Dexter analisou o homem à luz do sol: era jovem, com olheiras e um rosto corado, em desacordo com a época do ano: bebida, só podia ser. Menos frequente entre os padres italianos do que entre os irlandeses, mas com certeza nada incomum, especialmente em se tratando de celibatários. Tendo baseado sua carreira no vigor dos apetites humanos, Dexter só podia admirar-se ante a insistência louca de Roma em obrigar seus sacerdotes a frustrar o impulso mais primordial de todos. Bertoli apostava em cavalos; Dexter tinha esbarrado com ele duas vezes em Belmont e uma vez em Saratoga, durante um dos seus “retiros de fé”. Logo depois o padre fora transferido para uma cidade sem hipódromo. E agora seu substituto, um bêbado, queria bebidas melhores do que as que podia comprar com a miséria que lhe pagavam. Quem poderia culpá-lo?

Dexter não prestou atenção alguma à homilia. Não dava a mínima para religião; só se obrigava a frequentar a Igreja de Santa Margarida para espantar qualquer possibilidade de se ver arrastado a um culto episcopal pela família da esposa. Esses puritanos, que Deus o livrasse. Se era para passar uma hora na igreja, que fosse no seio sangrento e encharcado de incenso do catolicismo. Para ele a missa era uma boa hora para remoer questões de trabalho. Hoje se perguntava o que deveria fazer com Hugh Mackey, o crupiê endividado que tentava chantagear Heels. E Heels era o sujeito mais tranquilo do mundo até perder a paciência, o que estava começando a acontecer.

Depois da missa, quando a socialização obrigatória com os vizinhos já tinha ocorrido na entrada da igreja, Dexter enfiou a família no Cadillac para a longa viagem até a casa dos parentes da esposa, em Sutton Place. Mal tinha se afastado do meio-fio quando os gêmeos começaram a esgrimir, cada um com seu galho quebrado.

— Papai! — gritou Tabby. — Mande eles pararem!

— Meninos! — chamou Dexter em tom severo, ao que os gêmeos se aquietaram.

Um impulso elétrico para brincadeiras corria o tempo inteiro entre os dois, como em um telégrafo.

— Ontem, no clube de caça — começou a contar Tabby —, eles saíram batendo com as pás de jai alai pela varanda até alguém mandar que parassem.

— Deixe de ser dedo-duro — disse Harriet.

— A gente estava quieto — respondeu John-Martin em tom ressentido.

Por motivos que escapavam a Dexter, seus filhos gostavam de entrar em

concursos, geralmente em cinemas. Sapateavam, viravam cambalhotas, penduravam-se de cabeça para baixo em barras suspensas e assobiavam por entre os dentes. Sempre que ganhavam, voltavam para casa trazendo cornetas, gaitas ou patins: coisas que já tinham ou que poderiam comprar sem problemas. Dexter temia que fossem constitucionalmente avessos a qualquer traço de seriedade.

— Quer dizer que o clube de caça não considera o jai alai um esporte? Não como a corrida de obstáculos? — perguntou, não resistindo a alfinetar a mulher.

— Há anos que não organizam corridas — respondeu ela. — Como você bem sabe.

Quando garota, ela sempre ia assistir àquelas corridas de obstáculos com a mãe, que esperava que Harriet encontrasse um marido com o pedigree certo — idealmente um inglês que tivesse ido assistir às partidas entre as equipes de Oxford, Cambridge e Rockaway. “Só um bando de velhotas enchendo a cara e lançando olhares compridos para os jogadores de polo”, tinha sido uma das primeiras descrições do Rockaway Hunting Club feitas por Harriet. Em suas raras visitas ao clube, ela e Dexter faziam questão de sempre exercer seus direitos matrimoniais, cada vez em um lugar inédito. Nos últimos anos, porém, Harriet desenvolvera um apego inexplicável pelo lugar, que agora frequentava sempre, bebericando coquetéis cor-de-rosa com as mesmas velhotas de quem antes zombava, e ouvindo as histórias senis de seus bailes de debutante no tempo da rainha Vitória. Começara a jogar golfe. E tudo isso incomodava Dexter de algum modo indefinível.

— A gente nunca deveria ter ido lá — resmungou John-Martin. — Não combina com a gente.

— Joguem polo — disse Dexter. — Aí vocês se entrosam.

— Não temos cavalos — lembrou Phillip ao pai.

★ ★ ★

Os pais de Harriet estavam frente a frente nas extremidades opostas de uma mesa longa, em um salão de jantar que dava para o East River, pouco ao sul de Hell Gate, onde o rio desembocava no estuário de Long Island. Beth Berringer tinha a aparência clássica das velhotas do clube: um delta seco de rachaduras e afluentes acima das mandíbulas nervosas de um dobermann. Era a única pessoa capaz de acionar ou deter o marido com apenas um lampejo dos claros olhos azuis. O filho e as três filhas do casal estavam sempre presentes, bem como os respectivos cônjuges e só uma parcela do total de catorze netos, pois os mais velhos estudavam fora. Um assado foi cortado e servido por criadas romenas, as duas preferidas de Beth Berringer. Arthur fez a oração de graças e houve uma pausa de mastigação, preenchida pelo rumor do tráfego de

barcos pelo East River, antes de vozes infantis cortarem o silêncio.

Depois que uma torta de maçã foi coberta de creme e devidamente consumida, as mulheres deixaram a mesa e rumaram à cozinha e à biblioteca, e as crianças se dispersaram para as salas de jogos e para os quartos. Os homens permaneceram, distribuindo-se em volta de Arthur na formação habitual: seu único filho, Arthur Jr. (conhecido como Cooper), à sua direita; Dexter à sua esquerda. Cada um dos dois foi ladeado por um genro: George Porter, um cirurgião, do outro lado de Dexter; Henry Foster, um professor, ao lado de Cooper. Assim começava uma hora de conversa, pela qual Dexter costumava esperar a semana inteira.

Reparou em Tabby parada junto às portas da sala de jantar.

— Venha aqui, Tabs — chamou-a, depois de receber um aceno de cabeça do velho. — Sente-se aqui conosco um minuto.

Acomodou mais uma cadeira no canto da mesa, entre Arthur e ele. Tabby sentou-se, tossindo de leve devido às espirais de fumaça que saíam do cigarro de Cooper, do cachimbo do velho e do charuto de George Porter. Dexter e Henry Foster não fumavam — o único traço em comum entre ele e o professor, que usava paletós de *tweed* com reforços nos cotovelos e dirigia um Ford T em decomposição.

Arthur serviu um cálice de porto a cada um. Tinha se reformado na Marinha como contra-almirante depois da Grande Guerra e dedicava-se à atividade bancária, mas nem a postura militar conseguia elevá-lo acima de uma estatura mediana. Tinha mãozinhas cor-de-rosa, cabelos brancos rareando, vestia ternos bem cortados (da Brooks Brothers), mas não tão elegantes quanto poderiam ser (Savile Row, por exemplo). Dirigia um Plymouth 39 cor de lama. No entanto, o que emanava dessas insígnias nada notáveis era o mais potente concentrado de *vida* que Dexter já tinha encontrado em qualquer homem. Sua admiração pelo sogro era imensurável.

— E então, meus rapazes — disse o velho, ignorando Tabby. — Quais são as novidades?

Não se referia às notícias dos jornais. O velho tinha conhecido Roosevelt ainda governador e ia com frequência a Washington, onde trabalhara no lançamento do bônus de guerra e ajudara a dar forma ao programa de empréstimos Lend-Lease, destinado ao financiamento da compra de armas e suprimentos pelas nações aliadas. Seus amigos mais próximos do tempo da Marinha estavam no comando de frotas. Em outras palavras, Arthur Berringer sabia de muitas coisas, mas admitia que seus círculos exclusivos o faziam pairar acima da melhor parte da experiência humana.

Henry Foster começou com notícias da cidade de Westchester, onde ficava sua escola secundária, a Alton Academy: uma moradora tinha se convencido de que a família da casa ao lado, vizinhos seus havia oito anos, eram espiões alemães se passando por americanos.

— Achou que disfarçavam o sotaque, mesmo as crianças — contou ele. —

Mas ela era capaz de *ouvir o alemão por baixo do disfarce*. Acabou internada num sanatório.

— E o que você acha disso? — perguntou o velho a George Porter, o cirurgião.

— O estresse da guerra acaba afetando as mentes mais frágeis — respondeu. — Ela deve se recuperar.

Dexter ficou observando a reação de Tabby, mas ela mantinha o olhar baixo, removendo a casca de uma fatia de limão.

— Mas vamos supor que os vizinhos sejam realmente alemães — sugeriu Cooper, provocando uma contração nos olhos do pai.

— Vamos ter de manter a Alton Academy aberta no Dia de Ação de Graças — prosseguiu Henry. — Os pais servindo no estrangeiro, as mães trabalhando... boa parte dos garotos não tem para onde ir.

Na esperança de captar a atenção de Tabby, Dexter disse:

— Conheci na boate algumas mulheres que trabalham no Arsenal de Marinha, ali mesmo no Brooklyn. Soldadoras, bombeiras hidráulicas... aparentemente, são centenas.

— Centenas? — perguntou o velho, parecendo cético.

— Parece perigoso — disse Cooper, lançando um olhar rápido ao pai.

As palavras, no entanto, não haviam deixado claro se era perigoso para as moças ou para o mundo. O mais provável era que nem o próprio Cooper soubesse. Era uma versão mais fraca e bem menos inteligente do pai, a encarnação das limitações da estirpe. O velho sabia disso; impossível não ver, pois Cooper trabalhava para ele no banco. Em momentos de decepção do pai com o filho, Dexter sentia como era natural e poderosa a ligação entre ele próprio e o sogro. Cooper jamais contaria a Arthur Berringer alguma coisa que este já não soubesse, enquanto Dexter via e ouvia falar de coisas que o velho nunca teria como testemunhar sem se comprometer. Vivia mais próximo da terra, de seus sais e minérios, do que qualquer Berringer chegara em muitas gerações. E era o único genro que nunca tinha usado um centavo sequer da grana do velho.

— Ah, não sei, Coop — rebateu o velho em tom gentil. — Perigoso?

— Garotas não têm experiência em construção naval.

Tabby ficou olhando para o avô, mas o olhar do velho jamais se dirigia a ela. Uma fraqueza de sua geração: não faziam ideia do valor das mulheres.

— E as garotas eram masculinizadas? — perguntou George Porter a Dexter com uma risadinha.

Ele costumava frequentar a Moonshine com a mulher, Regina, a irmã mais velha e dominadora de Harriet, em seu Duesenberg ano 1923 reformado e pintado de amarelo. Graças à janela oculta de Dexter, ele sabia que o elegante doutor também aparecia na boate com outras mulheres. E George sabia que Dexter sabia, o que resultava em um acordo de cavalheiros entre os dois.

— São só garotas comuns — explicou Dexter. — Do tipo que você

encontra em restaurantes self-service no horário de almoço.

— Eu nunca entrei em um self-service — disse o velho. — Descreva as moças para nós.

A tarefa de usar a senhorita Feeney como molde para um tipo de garota tornava-se trabalhosa. A multiplicação tinha sido instintiva, parte de um esforço sempre ativo para barrar a mais tênue dúvida quanto à sua fidelidade. Trair com discrição era possível para George Porter, filho de um pastor de família tradicional. Mas Dexter não contava com essa tolerância. Sua fidelidade a Harriet tinha sido uma das condições para ser aprovado pelo velho, e Dexter nem hesitara em fazer tal juramento. E nesse caso, como em tantos outros, seu sogro lhe fizera um favor. Correr atrás de mulheres era um vício tão destrutivo quanto fumar ópio ou cheirar cocaína, vide o caos que Dexter tinha visto se instalar na vida de tantos homens.

— Vinte e poucos anos... cabelos escuros, nomes irlandeses — descreveu. — Moças saudáveis. Não do tipo preocupado em estar na moda.

— Mas, ainda assim, frequentadoras da Moonshine — retrucou Henry Foster, que não aprovava a existência de casas noturnas.

— Elas pareciam um pouco deslocadas, sim — refletiu Dexter. — Devem ter sido levadas por alguém.

— Essa descrição... Parece que essas frequentadoras são idênticas — comentou o sogro, com uma risada. — Tem certeza de que não eram gêmeas?

— Não olhei com muita atenção — disse Dexter, corando.

— Acho que vou ligar para o comandante do Arsenal de Marinha — disse o velho. — Lutamos juntos nas Filipinas. Combino uma visita, quando Grady voltar de Annapolis.

— Que maravilha! — exclamou Tabby, pegando todos de surpresa. — Por favor, vovô! Eu queria conhecer o Arsenal de Marinha.

Dexter foi tomado de espanto e orgulho.

— Quando Grady chega para passar o Dia de Ação de Graças? — perguntou o velho a Cooper.

Todos foram atraídos à menção do nome. Para Cooper, Grady era a joia mais luminosa de sua existência medíocre. Quanto aos demais, por quê? Havia certa aura em torno de Grady, o mais velho dos netos Berringer, como se toda a inteligência e a malícia do velho, sua facilidade de relação com outros homens, tivessem pulado uma geração e ressurgido, com toda a grandeza, no primogênito de Cooper. Grady parecia destinado a grandes realizações, como se dizia, e Dexter não conseguia conter a inveja que sentia daquele filho do cunhado.

— Na terça-feira antes do feriado — respondeu Cooper, um pouco cheio de si, como sempre ficava ao falar de Grady. — Mas ele anda muito ocupado porque vai se formar antes do tempo. Preciso perguntar a Marsha.

— Então, na quarta-feira antes do Dia de Ação de Graças — disse o velho, ignorando a objeção do filho. — Vou telefonar para o almirante amanhã de

manhã. Você vem também, Tabatha? — completou, como sempre usando o nome completo da neta, que em sua boca soava formal.

— Vou, vovô — respondeu ela, mais contida após seu excesso inicial. — Eu adoraria.

— Acho que precisarei ficar em Alton — comentou Henry. — Mas tenho certeza de que Bitsy iria adorar, se alguém fosse buscá-la.

— É claro — prontificou-se Dexter, para o óbvio alívio de Henry.

Bitsy, a irmã mais nova de Harriet, tinha sido a esposa ideal de um diretor de escola, ao menos até oito meses, quando, nas palavras de Henry, sofrera “um esgotamento” após o nascimento do quarto filho do casal. Começara a estudar russo com um professor particular e a declamar trechos de Pushkin. Falava de sua vontade de viajar pelo mundo e de viver algum tempo numa iurta. O pobre Henry não tinha ideia do que fazer.

As desmazeladas filhas de George, Edith e Olive, pairavam junto à porta da sala, com fios de lã cor de terra pendendo de suas agulhas de tricô. Alguma coisa para os soldados.

— Ainda estamos esperando — disse Olive a Tabby em tom de queixa, ao que Tabby se levantou e foi ao encontro das duas, deixando Dexter feliz ao constatar que ela se saíra muito bem.

— E você, Arthur? — perguntou ele ao sogro depois que as meninas se afastaram. — O que andou escutando?

— Bom. Ao contrário de vocês, senhores, a única coisa que eu faço é escutar atrás das portas. Mas o que tenho ouvido me diz que alguma coisa está prestes a acontecer. E que nós estaremos na linha de frente.

Todos precisaram de algum tempo para absorver a informação. Mas até Cooper entendeu que o velho estava falando de uma ofensiva.

— Na Europa ou na Ásia, pai? — perguntou ele.

— Nenhum alto oficial de respeito revelaria essa informação — respondeu o velho em tom ríspido. — E é claro que existem outras possibilidades além dessas.

Dexter imaginou que ele estivesse falando do norte da África, onde os ingleses vinham finalmente ganhando algum terreno contra Rommel.

— Precisamos de experiência de combate — disse ele, reflexivo.

O velho fez um breve contato visual.

— Exatamente.

Se aquilo era verdade, ter a notícia em primeira mão era impressionante. Até então, tudo o que Arthur Berringer lhes dissera confirmou-se mais adiante. Dexter não sabia por que o velho compartilhava informações confidenciais com pessoas como Cooper, carente de inteligência e juízo, ou ele próprio, Dexter, envolvido em negócios dentro e fora da lei. Já lhe ocorrera que o sogro talvez passasse a eles informações falsas — para testar sua discrição, ou para usá-los na disseminação de rumores do seu interesse. Mas Dexter jamais passara adiante uma só palavra, tamanho era o seu respeito pelo

velho. E era esta a resposta. Arthur Berringer tinha plena confiança em seu filho e em seus genros, pelo mesmo motivo que Dexter nunca trancava a porta da frente de casa: porque tinha o poder de *torná-los* dignos de confiança. Mas enquanto o poderio de Dexter era diretamente derivado da força bruta, o do velho tinha sido destilado e transformado em abstração. Os antepassados Berringer usavam cartolas para ir à ópera enquanto os Styles ainda copulavam atrás de fardos de feno em sua terra de origem. Fascinava Dexter a ideia de ter também um poder que um dia se refinasse àquele estado etéreo, sem qualquer lembrança do sangue ou da terra que o tinham produzido.

— Os Aliados vão vencer esta guerra — garantiu o velho.

— Não é uma afirmação... prematura? — perguntou George.

— Bem, não é uma coisa que eu diria a qualquer pessoa. Mas é um fato.

— Duvido que a Marinha concorde com essa visão, papai — retrucou Cooper.

— Não cabe à Marinha ter opiniões sobre isso, meu filho. Nem ao Exército. Nem à Guarda Costeira. O que cabe a eles é vencer. Antecipar resultados é o que cabe ao *banqueiro*, naturalmente, mas só depois da sua obrigação principal, que é arcar com os custos da guerra propriamente dita.

Para Arthur Berringer, todas as realizações humanas, fossem as conquistas romanas ou a Independência americana, eram mero resultado colateral das maquinações de banqueiros (no primeiro caso, a cobrança de impostos; no segundo, a Compra da Louisiana). Como qualquer afirmação muito repetida, aquela ideia sempre provocava os mesmos suspiros cansados entre os membros da família. Mas não em Dexter. Para ele, a existência de uma verdade obscura por trás de uma verdade óbvia, mas ainda assim perceptível como alegoria, era eletrizante. A mesma coisa o tinha intrigado, aos quinze anos, a respeito dos dois homens que, a cada terceira segunda-feira do mês, procuravam seu pai no restaurante que ele abrira em Coney Island. Havia um terceiro homem que aparecia com menos frequência, sempre de polainas estalando de novas e um lenço vermelho jorrando para fora do bolso superior do paletó. O pai de Dexter sempre ia para trás do balcão e servia ele mesmo o conhaque desse homem no lugar do barman de sempre.

O rosto inexpressivo que seu pai exibía depois dessas visitas revelava humilhação e raiva, e Dexter sabia que era melhor não perguntar o que significavam aqueles encontros. Mas ficou interessado por aqueles homens, pelos sentimentos ocultos que ardiam por trás dos seus olhos, pelo peso excessivo de suas mãos quando lhe davam um tapinha ou um bofetão. Ele cortejava seus favores, enchendo seus copos, demorando-se à mesa deles quando seu pai não estava olhando. Aos poucos foram reparando nele, com uma atenção silenciosa de animal. Mais tarde, à medida que os homens que lutaram na Grande Guerra retornavam, Dexter reconheceu, em seus olhares fraturados e em seus gestos sonolentos, algo do que tinha inicialmente reparado nos homens do sr. Q. A essa altura, ele sabia o que significava:

intimidade com a violência.

— Claro — acrescentou Arthur com uma risada. — Depois da Depressão, nós, banqueiros, tivemos tempo de sobra e o... isolamento necessários, pode-se dizer, para pensar no futuro. A Guerra Civil nos deu um governo federal. A Grande Guerra nos transformou em nação credora. Como banqueiros, precisamos antecipar as mudanças que a guerra vai impor.

— E quais são as perspectivas? — perguntou Henry, que não confiava em Roosevelt.

O velho inclinou-se para a frente e inspirou profundamente.

— Eu vejo a ascensão deste país a uma posição que nenhum outro no mundo já ocupou — disse ele em voz baixa. — Nem os romanos. Nem os carolíngios. Nem Gengis Khan, os tártaros, ou a França de Napoleão. Rá! Vocês todos estão olhando para mim como se eu tivesse um parafuso a menos. Como isso seria possível, vocês se perguntam. A resposta é que o nosso domínio não virá da submissão militar de outros povos. Vamos emergir desta guerra vitoriosos e quase ilesos, e vamos nos transformar nos banqueiros do mundo. Vamos exportar os nossos sonhos, a nossa língua, a nossa cultura, o nosso modo de vida. E não vai haver quem resista.

Dexter ouvia as palavras do sogro e sentia um guarda-chuva escuro de preocupação abrir-se aos poucos dentro de si. Era um soldado havia mais de duas décadas, observava uma hierarquia que assegurava a prosperidade e o vigor da organização a que servia: um governo alternativo, um mundo das sombras. Uma tribo. Um clã. Agora, de uma hora para outra, todos tinham se tornado americanos acima de tudo. O inimigo comum tinha produzido estranhas alianças; boatos diziam que, na prisão, o grande Lucky Luciano tinha feito um acordo com a polícia federal para desalojar dos portos os simpatizantes de Mussolini. Qual seria o lugar do próprio Dexter quando a guerra acabasse?

— Não vou ter um papel muito grande nisso tudo. Estarei velho demais para colher esses frutos — afirmou Arthur Berringer, dispensando os arremedos de protesto com um aceno. — Isso caberá a vocês, meus rapazes, a vocês e aos seus. Vocês precisam estar preparados.

Falava em tom casual, como se lembrasse a eles a partida iminente de uma barca de passageiros. No silêncio que se seguiu, Dexter detectou um pulso acelerado e desigual, como um relógio desregulado. A própria pulsação, concluiu.

O velho bateu com as palmas das mãos na mesa e se levantou. O almoço estava concluído. A sala, enevoadada de fumaça. Os homens trocaram apertos de mão e se dispersaram, rumo ao alarido da feminilidade e da infância.

A conversa deixou Dexter inquieto, o que sempre lhe despertava o desejo de acelerar por estradas vazias a caminho de casa. Uma ceia leve de sopa e torradas, e depois a radionovela *Drama Criminal*, que a família sempre escutava reunida, um ritual dos domingos. E depois, o sono: um sono profundo,

prolongado e poderoso para compensar o pouco que costumava dormir durante a semana.

Estava à procura de Harriet quando a irmã mais nova da mulher, Bitsy, saiu apressada da biblioteca e bateu a porta atrás de si, quase trombando com Dexter ao passar correndo por ele. Harriet e Regina surgiram logo em seguida, com uma expressão abalada.

— Alguém precisa controlar Bitsy — afirmou Regina. — O pobre Henry jamais vai conseguir.

— Ela se ofereceu como voluntária para encontros com soldados em serviço — contou Harriet a Dexter.

— *O quê?*

— Você sabe, fazer companhia a soldados de folga em visita à cidade — explicou Regina. — O tipo de coisa que certo tipo de garota pode fazer aos vinte anos. Mas não mulheres casadas de Westchester, mães de quatro filhos!

— Precisamos fazer Bitsy mudar de ideia — disse Harriet.

Era estranho ouvir sua mulher falando desse modo com a autoritária irmã mais velha, quando, por tanto tempo, sempre tinha sido ela o alvo de intrigas e fuxicos. Harriet estava com um ar quase afetado em seu vestido de colarinho alto. Não era uma impressão que costumava produzir em Dexter.

— Vamos para o carro — chamou ele.

Tabby, que tricotava desanimada na companhia de Olive e Edith, pôs-se de pé num salto, ansiosa para ir logo embora. Faltavam os gêmeos, que ninguém tinha visto por horas a fio. Os netos promoveram uma busca na casa inteira, olhando dentro de armários com portas espelhadas e debaixo das camas.

— Phillip... John-Martin...

Era bem possível que estivessem escondidos, e Dexter mal podia esperar pela surra que daria nos dois, se fosse verdade.

No último andar da casa, viu de uma janela dos fundos um navio-tanque que rumava para o sul vindo do estuário de Long Island. Ouviu o mesmo barulho nervoso e repetido de antes, como as batidas de um coração em pânico. Não tinha imaginado aquilo: era real. Dexter acompanhou o som até a frente da casa e olhou por uma janela redonda na direção da York Avenue.

E lá estavam os gêmeos, expressões concentradas, golpeando bolinhas vermelhas presas por cordões a duas raquetes.

Pat-a-pat-a-pat-a-pat-a-pat-a-pat-a...

No fim das contas, tinham passado aquele tempo jogando jai alai.

A contragosto, Dexter sorriu.

OITO

Enquanto dirigia para casa, a última e maior construção de uma rua com saída para a praia, Dexter passou por um cupê Dodge surrado, pintado de cinza, estacionado junto ao meio-fio. Um homem sozinho, ao volante. Não conhecia aquele carro.

Não virou a cabeça nem olhou pelo retrovisor, mas alguma parte sua ficou tensa na mesma hora, atenta e pronta para a ação. Carros desconhecidos não estacionavam naquele trecho de rua. Crianças não brincavam naquele trecho de rua. E ninguém vinha visitar Dexter sem trazer a família.

— O que foi? — perguntou Harriet.

— Nada.

A resposta dela foi erguer uma sobrancelha. Também não olhou para trás.

Dentro de casa, Dexter foi direto até seu closet e destrancou o armário onde guardava a arma. Enfiou o revólver no coldre de tornozelo, que prendeu na perna. Em seguida, voltou para cima. A campainha soaria em instantes, e ele queria representar a configuração de uma família absorta na vida doméstica, com intenção de ilustrar para o visitante que aquela não era a hora nem o lugar para tratarem de qualquer assunto que fosse.

Os gêmeos brincavam com bloquinhos de construção no chão da sala de estar. Dexter se instalou às pressas numa poltrona reclinável com o *Journal-American* e seu grosso caderno dominical de histórias em quadrinhos.

— Meninos, venham aqui — pediu ele. — Vou ler as historinhas para vocês.

Os garotos se aproximaram com ar perplexo e Dexter percebeu, quando os dois se instalaram ao lado de sua poltrona, que já fazia algum tempo que não lia para eles — possivelmente mais de um ano. E, nesse tempo, os dois tinham crescido muito, especialmente John-Martin. Bem, era só até a campainha tocar. Dexter puxou os meninos para perto, e os dois apoiaram todo o peso do corpo em seu peito, interrompendo sua respiração por instantes. Era difícil manter os meninos no colo e ao mesmo tempo segurar o *Journal-American*; e impossível, nessa posição, ler os quadrinhos. Mas Dexter persistiu, estreitando os olhos para distinguir as legendas do *Príncipe Valente* por um espaço entre as nucas dos filhos. Eles começaram a se remexer e soltar risadinhas, um círculo de piadas exclusivo deles que deixava Dexter muito irritado, como sempre. Mandou que sossegassem, depois se esforçou para produzir uma voz divertida para ler quadrinhos de *Pafúncio e Marocas*. Os gêmeos ficaram amuados e mal suportavam aquela inatividade. Dexter não tirava os olhos da porta da frente, a

ira que o intruso lhe despertava por mantê-lo encurralado naquele domingo sendo amplificada pela impaciência, tamanho tempo que o visitante estava levando para aparecer.

Finalmente a campainha tocou e Harriet foi atender, *timing* e postura perfeitos. Dexter teve a pequena satisfação de apresentar exatamente o quadro que tinha imaginado, o que fazia pouca diferença; mesmo da porta, pôde ver que o homem não reparava em nada. O cenário de vida doméstica não lhe causou o menor efeito.

Dexter soltou os filhos, que se dispersaram aliviados, e foi receber o visitante. Era um homem magro, quase esquelético. A pele do rosto esticada lhe conferia uma aparência estranha e a impressão de que ficaria mais à vontade em casa, maquiado de palhaço: boca rasgada e olhos em formato de meia-lua. Dexter o identificou imediatamente.

— Que surpresa incrível, sr. Mackey — disse, com um tom que qualquer pessoa mais próxima reconheceria como reprimenda e advertência. Apertou a mão pesada de Hugh Mackey e continuou: — O que pode ter feito o senhor vir me visitar sem a sua esposa?

— Ela está na casa da mãe — respondeu Mackey com algum esforço.

— Estávamos nos preparando para a ceia de domingo, daqui a pouco — anunciou Dexter em tom gélido. — Suponho que não gostaria de comer conosco.

Mackey lançou-lhe um olhar tenso e assustado — o olhar de um homem cujo desespero excedia a capacidade de tomar parte em qualquer encenação. Ainda estava de chapéu.

— Não, não. Eu não posso ficar — declarou ele. — Só queria dar uma palavra com o senhor. Tentei ir vê-lo na boate de Manhattan na semana passada, mas não me deixaram entrar.

Dexter só pensava em levar Mackey para fora de casa. A simples presença dele ali corrompia o ambiente, como se alguém mijasse no chão da sala de estar.

— Veja, prometi dar uma volta com a minha filha pela praia — conseguiu dizer Dexter. — Por que não vem conosco?

Mackey olhou para ele com ar maligno. Dexter ficou furioso ao notar que o sujeito rejeitava com pesar os truques usados pelo submundo para se imiscuir no mundo real. Manter as aparências era tão, ou mais, importante do que aquilo que ocorria por baixo dos panos. Eventos subterrâneos vão e vêm, mas o que sobe à superfície fica alojado na memória de todos.

Ele podia expulsar Mackey; mandá-lo embora como faria um covarde. A julgar pelo aspecto deplorável do outro, era o que ele esperava. Mas quem podia saber o que Hugh Mackey faria em seguida? Não. Um passeio era a melhor solução; levá-lo para longe de casa. Já estava quase anoitecendo.

Dexter deixou-o na entrada em companhia de Harriet e subiu para bater na porta do quarto de Tabby. Ela estava sentada diante da penteadeira nova, um

presente pelo seu aniversário de dezesseis anos. Um arco de pequenas lâmpadas elétricas bordejava o espelho, criando a impressão de um camarim de jovem estrela de Hollywood. Como toda penteadeira, realçava todos os elementos errados da personalidade feminina.

— Tabby — disse Dexter em tom brusco. — Vamos dar uma volta.

— Não quero, papai.

Ele respirou fundo, conteve a impaciência e agachou-se ao lado da cadeira dela. O calor das lâmpadas intensificava o aroma floral do pó de arroz que ganhara junto com a penteadeira: o pó era da marca Charles of the Ritz, se não lhe falhava a memória.

— Quero lhe pedir um favor — disse ele. — Preciso da sua ajuda.

A curiosidade dela era um poço quase vazio. Mas, quando disse a palavra “ajuda”, Dexter logo ouviu o som do líquido sendo atingido.

— Um homem chegou aqui, um colaborador meu, que... que está aborrecido com alguma coisa. Se você vier junto conosco até a praia, ele não vai poder criar caso.

— Por causa da minha presença?

— Exatamente.

Ela se levantou da penteadeira e desapareceu dentro do armário — seu “toucador”, como ela agora preferia dizer. Depois de alguns minutos, reapareceu com uma saia quadriculada de muitas cores, um suéter de tricô grosso e um gorro de marinheiro. Aparentemente, imaginou que a missão que o pai lhe destinava exigia boa apresentação.

Encontraram Harriet e Hugh Mackey sentados em silêncio na sala de estar. Mackey contemplava o mar pela janela.

— Minha filha, Tabatha — disse Dexter, apresentando os dois.

Mackey lançou um olhar exausto para avaliar Tabby, como se tentasse adivinhar o peso de um fardo que não tinha escolha senão carregar. Continuava sem poder — ou querer — entregar-se ao papel que lhe cabia.

Saíram da casa e tomaram o caminho que levava à praia. Dexter cuidava de manter Tabby sempre entre ele e Mackey. A areia parecia de uma brancura incomum, quase lunar, sob o céu que se transformava. Normalmente, Dexter teria ficado no calçadão, mas Tabby tomou o rumo do mar e ele a seguiu até a areia.

— Papai, tire os sapatos. Não está tão frio assim.

Ela se livrou dos que calçava, pouco mais do que chinelos, e Dexter percebeu que uma das ideias de Tabby, ao trocar de roupa, tinha sido tirar as meias de lã para poder ficar descalça. Era a praia, afinal. Seus pés esguios emitiam uma brancura ainda mais intensa do que a da areia, e vê-los despertou em Dexter a vontade de tirar os sapatos também. Mas então se lembrou de seu coldre de tornozelo.

— Eu sei, Tabs. Mas vou continuar calçado.

Tabby não sugeriu que Mackey tirasse os sapatos; era difícil imaginar, por

sua cara de palhaço cansado, que ele até mesmo tivesse pés.

Silêncio é coisa que não existe em uma praia; o vento, as gaivotas e as ondas preenchem os vazios de qualquer conversa. Viam-se navios na direção de Breezy Point, as luzes já se extinguindo. Dexter começou a relaxar. Sentiu que Mackey procurava algum modo de começar, mas não conseguia por causa de Tabby. Caminharam virados para o leste, de frente para o escuro da noite. Tabby corria um pouco, o que a deixava alguns passos à frente.

Mackey aproveitou a oportunidade.

— Estou numa posição muito difícil, sr. Styles — afirmou em tom agudo e rabugento.

— Eu lamento muito.

Tabby fez uma pausa para esperar, e Dexter acelerou o passo para se reaproximar dela. Podia sentir o esforço de Mackey para transmitir seu imenso descontentamento por meio de uma linguagem que não perturbasse a superfície plácida daquela caminhada pela praia. Esse esforço, ao menos, ele estava fazendo.

— Não vejo como as coisas podem continuar dessa maneira, sr. Styles — recomeçou em tom mais leve, dessa vez em pleno alcance dos ouvidos de Tabby.

— Eu não concordo — retrucou Dexter.

— Estou lhe dizendo que não podem — rebateu Mackey.

Dexter calou-se por algum tempo diante dessa afronta. Com Tabby presente, sua única escolha era responder no mesmo tom afável adotado por Mackey.

— Infelizmente, quem decide não sou eu, sr. Mackey. O senhor e o sr. Healey precisam chegar a um acordo.

— O sr. Healey e eu não nos entendemos.

Sua voz, ao mesmo tempo persuasiva, ressentida e ameaçadora, deixou Dexter enojado.

— Conheço o sr. Healey há vinte anos — disse ele. — E ele nunca, nem uma vez, em momento algum, apareceu na minha casa numa tarde de domingo.

— E o que mais eu podia fazer?

A conversa tinha um tom quase casual, como se os dois falassem de beisebol. Dexter interpôs-se entre a filha e Mackey e, destinado a encerrar a conversa, disse em tom claro e ríspido:

— Não posso fazer nada pelo senhor, sr. Mackey.

— Mas pode ser do seu interesse tentar — alertou Mackey. — Para evitar problemas mais adiante.

— Problemas? — repetiu Dexter em tom despreocupado.

Tabby tinha lhe dado a mão, que lhe pareceu fria e delicada como uma pulseira.

— Eu sei o que eu sei — declarou Mackey. — Mas não sei o que outras

peessoas poderiam fazer se também soubessem.

Mackey mantinha os olhos caprinos e dissimulados fixos em frente, bem a leste, na região onde as trevas se adensavam. Os ouvidos de Dexter começaram a zumbir. Conteve o impulso de cuspir na areia. À luz fraca do crepúsculo, viu os restos do pôr do sol refletidos nas cercas do posto de treinamento da Guarda Costeira. E entendeu então o que tinha de acontecer.

— Vou ver o que posso fazer — conseguiu enunciar.

— Ora, fico satisfeito de saber disso. Fico... aliviado — disse Mackey. — Obrigado, sr. Styles.

— Não há de quê.

Dexter também estava aliviado. A única dificuldade que restava era estar ainda na praia, na companhia de Mackey. Se tivesse antevisto aquela consequência, teria conduzido as coisas de outra maneira. Jamais teria envolvido Tabby na conversa.

— Olhe o que eu encontrei — falou ela, mostrando uma concha de vieira de um tom alaranjado claro.

Tabby posicionou a concha contra o céu e estudou a silhueta de sua borda franzida.

— Mas é uma beleza — afirmou Mackey.

— Vamos voltar — sugeriu Dexter.

Dando meia-volta, depararam com uma celebração selvagem no céu a oeste: faixas de um cor-de-rosa forte que se estendiam como efeitos retardados de uma queima de fogos. A areia também tinha adquirido um tom rosado, como se tivesse absorvido o pôr do sol e agora emanasse sua luz aos poucos.

— Caramba, olhem só para isso — comentou Mackey.

Parecia um homem diferente, agora que se livrara do seu fardo e encontrara algum consolo.

— Não é maravilhoso? — apreciou Tabby.

Dexter tentou se colocar entre os dois. Não queria que Mackey ou a filha dissessem mais nada. Mas Tabby se detinha em Mackey e parecia animada ao vê-lo mais disposto.

— O senhor tem filhos, sr. Mackey? — perguntou ela.

— Uma filha, Liza, mais ou menos da sua idade. Ela gosta do Tyrone Power. Vai sair um filme novo dele, *O cisne negro*, e eu prometi que a levaria para ver. Você gosta do Tyrone Power?

— Claro que sim — respondeu Tabby. — E o Victor Mature também vai atuar em um filme que estreia este mês, *Sete dias de licença*. Ele fez o filme pouco antes de entrar para a Guarda Costeira.

Dexter ouvia como se estivesse muito longe, o olhar sobre aquele céu misterioso, alegre. A menção de uma filha não lhe despertara qualquer piedade por Mackey, mas justamente o contrário. Para um pai de família, era uma infração dupla quebrar as regras que todos no submundo conheciam tão bem quanto o catecismo. Não havia exceções. Incrível como tinham dificuldade

para entender isso. Incrível como todos se achavam a exceção.

Mackey era um verme. Sua família ficaria melhor sem ele, visto que se preocupava tão pouco em protegê-la. Dexter deixaria a solução por conta de Heels e seus rapazes. Seu distanciamento daquilo que viria em seguida lhe dava a impressão de que tudo já estava consumado. Já tinha acontecido no momento exato em que ele tomara sua decisão.

— Eu tenho um primo, Grady, que está na Academia Naval — contou Tabby.

— Ora, um cadete. O meu filho está no Exército.

— Ele iria se formar em junho do ano que vem, mas adiantaram para dezembro agora. A Marinha está precisando de novos oficiais.

— Claro que sim, com tantos rapazes estacionados nas ilhas Salomão.

Dexter queria que Tabby se afastasse logo daquele homem horrível, que não parava de falar. A casa ainda estava muito longe. Harriet tinha fechado as cortinas de blecaute, dando a impressão de que a casa estava desabitada.

— Sabe o que eu vou fazer? — disse Mackey a Tabby. — Acho que também vou tirar meus sapatos.

— Isso mesmo! — exclamou a menina, batendo palmas.

— Precisamos voltar para casa — interrompeu Dexter em voz baixa, mas sua filha e Mackey já tinham formado uma aliança impenetrável.

Mackey sentou-se na areia, arregaçou as pernas das calças e, depois, tirou as meias com todo o cuidado, com gestos metódicos, como se quisesse ganhar tempo. Tabby sorriu para Dexter. Devia estar achando que sua presença causara o efeito esperado, porque, afinal, não tinha havido discussão alguma.

Nos longos minutos em que Mackey passou tirando as meias, as faixas rosadas sumiram no céu como se alguém as tivesse espanado. O que restou foi um tom uniforme de água-marinha, tão cristalino e puro que transmitia a sensação de que produziria um tinido se golpeado com uma colher.

— Eu deveria fazer isso mais vezes — suspirou Mackey. Com sua cara de palhaço exausto, ele ergueu os olhos para Dexter e perguntou: — E o senhor, sr. Styles?

Não ficou claro do que ele estava falando. Dos sapatos? Da praia?

— Acho que eu também.

Mackey se pôs de pé, os sapatos pendendo de uma das mãos, a outra firmando o chapéu na cabeça. Seus imensos pés brancos espalhavam-se obscenamente pela areia. Dexter nem sequer conseguia olhar para eles.

— Vamos correr, sr. Mackey — sugeriu Tabby. — Vamos correr na areia.

— Meu Deus. Correr? — perguntou Mackey, e então riu, um som ligeiro e oco que soou a Dexter como um estertor da morte. — Bem, se você diz... Vamos correr na areia. Por que não?

E saíram correndo, levantando pequenos jorros de areia branca, soltando um grito enquanto desapareciam no anoitecer.

PARTE TRÊS

Ver o mar

NOVE

Anna precisou ajudar a mãe a enfiar Lydia em um vestido de estampa floral e gola arredondada, e também a colocar na irmã um lenço em volta do pescoço que camuflaria a falta de tônus de sua coluna. Vestir-se bem para ir à consulta com o dr. Deerwood era uma questão de tradição e orgulho — na Park Avenue, as mulheres compravam vestidos sob medida na Bergdorf e sapatos de 125 dólares na Lieberman. Mas Lydia ficava irritada com roupas de mulher, e sua resistência muda ao sutiã, à combinação, às meias e às ligas parecia a Anna a expressão do que todas as mulheres sentiam.

Inspirada por Nell, Anna colocara grampos nos cachos da irmã enquanto ela dormia. Agora, penteou os cachos dourados para cobrirem uma parte do rosto de Lydia, por baixo de uma boina azul.

— Ah, Anna, ficou lindo — elogiou sua mãe, encostando o aplicador do perfume Mille Fleurs atrás das orelhas de Lydia. — Está a cara da Veronica Lake.

As crianças dos prédios vizinhos brincavam na calçada, cuidadosas com suas roupas de ir à igreja, quando Anna caminhou até a 4th Avenue para chamar um táxi. No caminho de volta, parou na mercearia do sr. Mucciarone para pegar Silvio, que a esperava com os cabelos penteados e as mangas arregaçadas. Era um rapaz simplório, incapaz até de dar o troco como caixa no estabelecimento do pai. Com ar concentrado de dedicação, desceu desde o apartamento delas, carregando Lydia nos braços pelos seis andares. Sua parte mais expressiva eram seus bíceps, que estremeciam expostos pelas mangas arregaçadas a cada gemido e arranco de Lydia. Ela detestava ser carregada por Silvio. Anna desconfiava de que o problema era o cheiro do rapaz: acebolado, mineral, mais pungente a cada lance de escada. Era o cheiro de um rapaz de dezesseis anos — o único que já tomara Lydia nos braços, e o único que tomaria.

As crianças arremeteram como pássaros às pernas de Silvio quando ele emergiu do edifício carregando Lydia e a acomodou dentro do táxi. Anna tinha se adiantado e já se instalara no banco traseiro para impedir o motorista de ir embora. Sua mãe ancorava Lydia do outro lado, enquanto o motorista do táxi guardava a cadeira de rodas dobrada no porta-malas. Um dia perfeito de meados de novembro. O táxi atravessou a Brooklyn Bridge e tomou o rumo norte na East River Drive, e lá estava a Wallabout Bay do outro lado do rio — navios, chaminés e o guindaste de torre.

— Olhe, mamãe! — exclamou Anna. — É o Arsenal de Marinha!

Quando sua mãe se virou para ver, o complexo naval já ficara para trás. Não fazia diferença; ela nem se interessava muito. Mal parecia se importar com a guerra, por mais que fizesse questão de separar a gordura da carne para o açougueiro e ajudar a costurar aparelhos de medição da pressão sanguínea. Ao que Anna soubesse, sua mãe passava os dias escutando radionovelas — *A luz que nos guia*, *Contra a tempestade* e *O jovem doutor Malone* — na companhia de várias vizinhas. Era Anna quem sintonizava o rádio para escutar o boletim de notícias do *New York Times* na hora do jantar, em busca de informações sobre os desembarques americanos nas colônias francesas do norte da África. Tinham começado uma semana antes, e desde então o Arsenal de Marinha fervilhava com um novo otimismo. Anna ouvira dizer que a guerra chegava a um ponto de virada, a abertura da tão esperada segunda frente de combate.

Mas a animação nervosa de Anna tinha outra origem: Dexter Styles. Nas duas semanas desde que encontrara o dono da casa noturna, a imaginação dela havia começado a considerar cenários terríveis e emocionantes. E se o pai dela nunca tivesse ido embora de casa? E se tivesse sido abatido por uma rajada de balas em uma disputa entre gangues, com o nome de Anna em seus lábios agonizantes, como “Rosebud” em *Cidadão Kane*? Ela lia muitos contos policiais da revista *Ellery Queen*. A dissecação de um perigo vago e difuso até se chegar a uma única alma corrompida sempre lhe trazia um prazer inesgotável. Agora, tinha a impressão de que sua própria vida havia transitado para o mundo daqueles contos de mistério; as longas sombras de novembro estendiam-se sugestivas, e a luz lançada pelos lampiões da rua nos tijolos do Arsenal de Marinha provocava-lhe arrepios. Havia um certo dinamismo nesses novos presságios, uma vitalidade aguçada, como se ela tivesse despertado de um sono induzido por sedativos.

O consultório do dr. Deerwood ficava no primeiro andar de um edifício na Park Avenue. Sua sala de espera era “vitoriana”, na definição da mãe de Anna, coberta de tapetes orientais e sofás forrados de brocado. As cortinas eram atadas por cordões dourados com borlas, e as paredes, cobertas de pequenos quadros sufocados por molduras grossas. Às vezes encontravam outros pacientes à espera, largados ou tensos nas poltronas, caminhando com a ajuda de bengalas, apresentando alguma semelhança com Lydia, como se fossem irmãos na moléstia. Como era domingo, a sala de espera estava vazia. Anna e sua mãe instalaram-se lado a lado num canapé, e Lydia ficou em sua cadeira de rodas. Esperar pelo dr. Deerwood, saber que ele iria chegar, era para Anna o ponto alto daquelas visitas semestrais. A antecipação fervilhava em sua caixa torácica. *O médico está chegando! O médico está chegando!*

O sussurro de uma porta, depois a voz do doutor:

— Bom dia, bom dia. Sejam bem-vindas, as três.

Era um homem rechonchudo, cujo bigode branco lustroso parecia combinar mais com uma cartola que com o jaleco cinzento que usava. Cumprimentou primeiro Lydia, afastando com um gesto delicado os cabelos

do rosto dela.

— Olá, srta. Kerrigan — cumprimentou ele. — Que bom tornar a vê-la. E a outra srta. Kerrigan — acrescentou, apertando a mão de Anna. — E, é claro, a sra. Kerrigan.

Nos últimos anos, jamais tinha perguntado onde andaria o sr. Kerrigan.

O exame ocorreu em uma sala adjacente, de decoração sóbria, mas acolhedora e confortável. Uma fatura de polias e correias de couro ocupava um dos cantos do consultório, mas nunca eram usadas com Lydia. O médico a levantou da cadeira de rodas e subiu com ela em uma balança. Anna, que adorava essa parte quando era menina, deslocou os pesos até deixar a barra na horizontal. Em seguida, o médico acomodou Lydia em um sofá macio para examiná-la, tomou sua cabeça nas mãos e a moveu gentilmente de um lado para o outro. Lydia permanecia imóvel, quase sonolenta, enquanto o médico olhava dentro de sua boca, avaliava seu hálito e auscultava com o estetoscópio seu coração e seus pulmões. Examinou os cabelos e as unhas. Movimentou o corpo de Lydia: os braços, as pernas, o torso, os pés e as mãos, que desdobrou com todo o cuidado até assumirem sua extensão total, e depois mediu. Lydia seria uns bons cinco centímetros mais alta que Anna.

— Ela tem estado mais inquieta à noite? — perguntou ele. — Vou receitar umas gotas de cânfora que devem acalmá-la. Está com mais dificuldade para engolir? Comer pode ser difícil, eu sei. Estou impressionado, porque ela não perdeu peso; muitos pacientes começam a emagrecer a essa altura. Não fiquem alarmadas se ela ficar um pouco mais magra; é perfeitamente natural.

Lydia costumava rir. Costumava olhar pela janela. Costumava balbuciar o que era dito à sua volta, repetindo de forma incompreensível. Costumava passar longos períodos bem desperta. Um a um, esses prazeres e hábitos desapareceram. Cada vez que um deles sumia, Anna e sua mãe se ajustavam e paravam de contar com aquele hábito antigo — que, mais tarde, quase esqueciam de todo.

Ali, Anna se surpreendeu com pensamentos diferentes em relação à irmã, em estado desperto. Será que passar o dia inteiro ouvindo novelas românticas pelo rádio não causaria um estado de estupor em qualquer pessoa? O que poderia motivar Lydia a ficar mais alerta?

Ao final do exame, o dr. Deerwood puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Lydia, incluindo-a na conversa.

— Vocês duas merecem elogios — disse ele a Anna e à mãe. — Seus esforços continuam a produzir frutos esplêndidos.

Lágrimas brotaram nos olhos da mãe, como sempre acontecia nesses momentos, embora nunca chegasse a chorar.

— O senhor acha que ela está feliz? — indagou ela.

— Ora, mas claro que sim. Lydia passou a vida inteira cercada de amor e cuidados. São bem poucas, infelizmente, as pessoas na posição dela que contam com esse luxo.

Anna sempre cogitou que talvez fosse apaixonada pelo dr. Deerwood, aquele mago que conseguia transformar em uma coisa luminosa a prolongada batalha que ela e a mãe travavam. Mas hoje, talvez por ter reparado que o médico calçava botas de montaria por baixo do jaleco — o que a fez cogitar se ele manteria um cavalo no Central Park —, ela se surpreendeu com seus pensamentos: *Pagamos caro só para ele nos dizer que somos maravilhosas*. E depois, como se uma segunda voz tivesse se interposto: *Emprego fácil, o dele*.

— Por que ela está piorando? — perguntou Anna, e sentiu a mãe se contrair.

— A condição de Lydia não tem cura — respondeu o dr. Deerwood. — A senhorita sabe disso.

— Sei — admitiu Anna.

— As coisas estão seguindo o seu curso natural. O que podemos considerar “melhor” ou “pior” não se aplica à sua irmã.

— Será que podíamos fazer mais alguma coisa por ela? — perguntou Anna. — Sair ao ar livre mais vezes? Ela nunca viu o mar, nem uma única vez na vida.

— A novidade e o estímulo são bons para qualquer pessoa, inclusive Lydia — respondeu o médico. — E o ar marinho é rico em minerais.

— Mas e se ela pegar um resfriado? — indagou a mãe de Anna, tensa.

— Bem, eu não iria no inverno. Mas em um dia como hoje, tudo bem, se ela estiver bem agasalhada.

— Prefiro esperar a primavera.

— Por quê? — perguntou Anna à mãe. — Por que esperar?

— E por que se apressar?

Cruzaram fixamente o olhar por algum tempo.

— Eu tendo a concordar com a srta. Kerrigan — disse o dr. Deerwood com delicadeza. — O tempo não para, afinal. Logo, logo vamos estar nos vendo de novo, em maio. Por que esperar?

Normalmente, as consultas com o dr. Deerwood envolviam Anna e sua mãe em uma névoa de bem-estar que persistia por horas — algumas das melhores que passavam juntas. Mas agora evitavam os olhos uma da outra quando saíram empurrando a cadeira de Lydia de volta para a Park Avenue. Do lado de fora, Anna ajeitou os cabelos da irmã enquanto sua mãe tornava a amarrar o lenço em volta do seu pescoço.

— Muito bem. O parque? — perguntou a mãe.

— Por que não a praia?

— Qual praia, Anna?

Anna ficou atônita. Sua mãe não tinha ouvido uma palavra sequer do que o médico tinha acabado de dizer?

— Coney Island, ou Brighton Beach! Podemos pegar um táxi.

— Mas vai levar uma eternidade e custar uma fortuna — retrucou a mãe.

— Não temos fraldas nem comida em quantidade suficiente. E por que essa

cisma em levar Lydia para ver o mar de uma hora para outra? Ela mal presta atenção nas coisas.

— Talvez porque nunca tenha nada para ver.

À luz brilhante do outono, o rosto de sua mãe lhe pareceu terrivelmente desbotado, o que era acentuado pelas plumas verdes que tinha costurado ao chapéu na noite anterior.

— O que deu em você, Anna? Não podemos passar o dia como sempre? — perguntou ela em tom triste.

Anna cedeu. Sua mãe tinha razão quanto às fraldas e à comida; seria difícil demais sem um planejamento maior. Caminharam até o Central Park, repleto de mães com seus filhos e de soldados comendo cachorros-quentes com muito cuidado para não lambuzar de mostarda seus uniformes. Anna tentou apreciar cada um dos prazeres do dia como se mordiscasse um doce. Os bufos e os cascos dos cavalos. O cheiro de pipoca. As folhas caindo lentamente das árvores. Lydia adormeceu, a cabeça tombada para a frente. Com os cabelos viçosos cobrindo o rosto, parecia uma garota com algum problema nas pernas, e mais nada. Essa visão despertava uma compaixão mais benigna do que a provocada por sua verdadeira condição. Anna quase conseguia ouvir os sussurros dos soldados: *Que pena, uma garota tão bonita...*

Mas os pensamentos de Anna insistiam na praia, e em Dexter Styles. Quando olharam do alto da escada que levava à fonte de Bethesda, ela perguntou:

— Você acha que papai vai voltar para casa?

Fazia pelo menos um ano que não mencionavam o pai dela, mas sua mãe não demonstrou a menor surpresa. Talvez também andasse pensando nele.

— Acho. Estou com um pressentimento de que vai voltar — afirmou ela.

— Você procurou por ele? No porto? Ou na sede do sindicato?

— Claro. Na época você acompanhou. Mas os irlandeses nunca dizem nada: “É uma pena, querida Aggie, uma pena mesmo...” Com aqueles olhinhos azuis faiscando. Você nunca sabe o que passa pela cabeça deles.

— E se houve um acidente? No píer.

— Ah, isso eles nunca esconderiam! Viúvas e órfãos são a especialidade desses homens. Eles têm problema é com as esposas.

— E se ele... tiver sido atacado por alguém?

O coração de Anna bateu mais depressa quando disse essas palavras. E ela viu o espanto no rosto da mãe.

— Anna, seu pai nunca teve um único inimigo em todos os anos de convívio com ele.

— Como você pode ter tanta certeza?

Sua mãe precisou de tempo para encontrar uma resposta. E finalmente disse:

— Eddie deixou todas as coisas dele em perfeita ordem. O dinheiro, as cadernetas do banco... nenhuma ponta solta. As pessoas que... que

desaparecem do jeito que você disse nunca estão preparadas para o que vai acontecer.

Anna tinha se esquecido desses detalhes. Ao recordá-los agora, sentiu-se trespassada por uma decepção tão profunda que a obrigou a se encostar na balaustrada. Depois de um longo silêncio, ela perguntou:

— Você acha que ele foi para longe?

— Acho que ele não conseguiria ficar por perto sem estar com a gente.

— Fazendo o quê?

— Não tenho ideia.

— Mas o que você *acha*?

A mãe olhou para ela.

— Eu não penso sobre ele, Anna. A verdade é essa.

— Então, no que você pensa?

Um rubor concentrou-se em ambas as faces de sua mãe. Ela estava com raiva. Anna também, e aquilo lhe dava forças, como se precisasse de reforços para enfrentar o que viria.

— Você sabe perfeitamente o que eu penso — asseverou a mãe.

★ ★ ★

Pouco depois de Silvio ter carregado Lydia de volta ao apartamento (sempre mais calma na subida), ouviram uma batida leve, e Brianne abriu a porta de supetão. Desabou em uma poltrona, ofegante devido à escada, e atirou o casaco no chão, espalhando pela sala um aroma de rosas e jasmim mesclado a alguma erva medicinal, como hamamélis. Lady of the Lake. Até onde a memória de Anna alcançava, sua tia usava o mesmo perfume. *Não há homem que resista*, Brianne repetia — em tom irônico, mesmo com um quê de verdade.

Recobrando o fôlego, saudou Anna e sua mãe com beijos e fez uma deferência com a cabeça para Lydia, em um gesto carinhoso.

— Como anda a vida nas minas de sal? — perguntou a Anna. — Sempre lubrificando a máquina de guerra do nosso presidente belicista?

— Sempre na esperança de vender a você um bônus de guerra.

— Sem dúvida. No dia de São Nunca.

— Já estamos logo atrás de Filadélfia e Charleston. Mamãe não me deixa entrar para o Clube dos Dez por Cento.

— Ela só fala da guerra — observou Brianne para a mãe de Anna, que dava de comer a Lydia. — E essa é uma língua que eu mal entendo.

— Esse clube é de quem recebe dez por cento do salário em bônus de guerra — respondeu a mãe em tom neutro; ela e Anna não se falavam havia horas.

— Aposto que quem compra em quantidade ainda ganha alguma

quinhilharia de brinde, não é? — perguntou Brianne. — Diga a verdade.

— Já assinei um pergaminho que vai para o mar a bordo do USS *Iowa*.

Anna sentia orgulho disso, mesmo sabendo da reprovação de sua tia.

— Olhem só como ela fala! Você foi enfeitada, queridinha. Essa guerra nem nossa é. Os japoneses fizeram exatamente o que Roosevelt queria, e eu não me espantaria nem um pouco se descobrisse que o desgraçado ainda pagou para eles nos atacarem.

— Parece o padre Coughlin falando — disse a mãe dela.

— Deviam ter deixado o programa dele no ar. E Lindbergh devia ter concorrido com Roosevelt, dando-lhe a surra nas urnas que ele merecia.

— Até Lindbergh está a favor da guerra agora, tia.

— Rá! Porque sabe que acabam com ele, se ele disser o que pensa.

— O padre Coughlin mais parece um cão raivoso — comentou Agnes.

— Hitler só precisa levar umas porradas, e nada mais — asseverou Brianne.

— Não passa de um valentão de pracinha. E os nossos rapazes precisavam morrer por causa disso? Não estou falando só dos soldados e dos marinheiros: e os rapazes da Marinha Mercante? Estão por toda a Sheepshead Bay, pois há um novo posto de treinamento que a Marinha abriu por lá. Comida, armas, cobertores, barracas: quem vocês acham que transporta tudo isso para o campo de batalha? Estão atirando torpedos aos montes nos navios mercantes, e esses rapazes nem contam com armas decentes para se defender.

Ela tinha ficado com o rosto muito vermelho.

— Mas é para isso que servem os bônus de guerra, tia. Para dar umas porradas em Hitler.

— Certo. E quanto é?

— Um dólar? Dois?

— Então vamos de cinco. E quando você volta a estudar?

— Obrigada, tia!

Brianne desencavou uma nota de cinco dólares de sua bolsa, junto com uma garrafinha de Chartreuse. Por vários anos, ela mantinha um “amigo especial”, um pescador de lagostas com dinheiro suficiente para permitir que continuasse a comprar na loja de departamentos Abraham & Straus, pagando dez dólares por suas garrafinhas de Chartreuse. Mas tinha vergonha de apresentá-lo a Anna e a sua mãe.

Anna trocou um esboço de sorriso com a mãe; Brianne lhes lembrava de quanto gostavam uma da outra. Tinha 47 anos, era corpulenta e irritante; seu batom carmesim era uma lembrança dos velhos tempos, como o sorriso sem corpo do gato de Alice. Aos dezessete anos, tinha mudado seu nome para “Brianne Belaire” e ingressara no Ziegfeld Follies; a mãe de Anna chegara oito anos mais tarde, mas mal tiveram tempo de trabalhar juntas antes de Brianne se desentender com o “sr. Z.” e transferir-se para espetáculos de revista mais picantes: os *Scandals* de George White e as *Vanities* de Earl Carroll. De acordo com os relatos dela, a vida de Brianne tinha sido uma longa febre de casos

amorosos, perigos de que escapava por pouco, casamentos fracassados, pequenos papéis em sete filmes e vários embates com a lei provocados pela bebida ou pela nudez no palco. Fora o uísque, nada disso perdurou, conforme ela gostava de dizer: uma denúncia de como eram escassos e passageiros os prazeres do mundo, nenhum dos quais tinha como competir com a satisfação sempre garantida de um uísque com soda. Os homens eram os piores: vermes, ratos, criaturas imprestáveis, mas a culpa nem era deles; era um problema de fabricação. O melhor resultado possível de um casamento era uma viuvez próspera e sem filhos. Brianne só tinha conseguido a falta de filhos.

Serviu a bebida e empurrou um copo na direção da mãe de Anna.

— Já não está na hora de você começar a tomar alguma coisa? — questionou ela a Anna. — Deus sabe que eu já bebia aos dezenove anos.

— Com dezenove anos, você já estava casada — assinalou a mãe de Anna.

— E me divorciei!

— Não, obrigada, tia.

Brianne deu um suspiro.

— Tão virtuosa. Deve ser influência sua, Agnes.

— Sua nós sabemos que não foi.

Anna sentia a tentação ocasional de aceitar a bebida, só para ver a reação da tia e da mãe. Seu papel, definido com tanta clareza que nem se lembrava de quando isso tinha ocorrido, era mostrar-se imune aos vícios circundantes — uma *boa moça*, apesar de tudo, nos ossos, no coração, nos dentes. O fato de não ser tão boa quanto achavam — o que tinha deixado de ser aos catorze anos — deveria ser fácil de esquecer na companhia da mãe e da tia. Mas Anna nunca se esquecia.

Sua mãe pousou uma das mãos no ombro dela: uma oferta de paz. Anna tocou na mão de Agnes em resposta.

— Vamos trocar a roupa de Lydia e colocá-la na cama — falou sua mãe.

— Fique sentada aí e termine o drinque, Aggie — ordenou Brianne. — Lydia não vai a lugar nenhum.

A mãe de Anna continuou sentada, estranhamente dócil, e as duas cunhadas ergueram seus copos. Do outro lado da mesa, Lydia estava desabada em sua cadeira. Brianne nunca participava dos cuidados físicos da sobrinha: isso ficava além de sua área de atuação. Anna imaginava que, para a tia, era uma loucura manter Lydia no apartamento usando fraldas, pois ela era praticamente uma mulher feita. No entanto, se a sua mãe pressentia essa opinião, não se mostrava afetada por ela.

— Uma história triste — comentou Brianne, depois de um gole prolongado em sua bebida. — Lembra aquele lanterninha do teatro, Milford Wilkins? Que usava peruca? Que queria ser cantor de ópera?

— Claro — respondeu Agnes.

— Vi Milford no Apollo outro dia, recolhendo as entradas. Está viciado em drogas.

— Não!

— Os olhos. Impossível não notar.

— Ah, mas isso é horrível — disse a mãe de Anna. — Tinha uma voz tão bonita...

— Ele indicava os lugares cantando? — perguntou Anna.

— Não, mas às vezes cantava para nós depois do espetáculo — explicou sua mãe.

Brianne meneou a cabeça, com o olhar baixo, mas Anna praticamente conseguia ouvir sua memória à procura de mais uma história trágica sobre alguma outra dançarina ou outro ex-colega dos anos que passaram no Ziegfeld Follies. Quando se esgotavam as desgraças recentes, as duas recaíam nos casos batidos: Olive Thomas, que tinha tomado bicloreto de mercúrio depois de uma das brigas com o marido imprestável; Jack Pickford, que era irmão da estrela de cinema Mary Pickford; Allyn King, que tinha pulado de uma janela do quinto andar depois de ter engordado tanto que não cabia mais em seus figurinos; Lillian Lorraine, sedutora lendária e amante por muitos anos do sr. Z., hoje uma alcoólatra inveterada que ainda aparecia em certos bares, sempre fazendo um papelão. Quando criança, Anna imaginava que essas beldades malsucedidas vivessem na mesma esfera mágica de personagens infantis, como a Rainha Guinevere ou a Bela Adormecida. E uma outra compreensão fora se formando mais devagar: as mulheres dessas histórias tinham sido estrelas da companhia, enquanto Brianne e sua mãe nunca passaram de coristas que baixavam a voz à passagem das artistas mais conhecidas.

— Estive numa boate duas semanas atrás. Com uma outra garota que trabalha no Arsenal de Marinha — comentou Anna em tom casual, embora viesse esperando há algum tempo por uma oportunidade para falar de Dexter Styles com sua tia. — Moonshine, o lugar. Já esteve lá?

— É contra a lei entrar numa boate quando você tem a minha aparência — respondeu Brianne. — Sou sempre barrada na porta.

— Pare com isso, tia.

— O dono, que eu saiba, é metido em transações obscuras. Como acontece com a maioria das melhores boates. Lembra da Silver Slipper, de Owney Madden? Ou da El Fay?

Brianne se dirigia a Agnes, que tinha preparado para Lydia uma bebida especial — as novas gotas de cânfora diluídas em leite morno — e a ajudava a beber.

— Com Texas Guinan como mestre de cerimônias do show da noite — continuou Brianne. — *Boa noite, otários!* — Forçou um suspiro. — Coitado do Texas. Logo disenteria.

Anna estava ficando impaciente.

— Quem é metido em transações obscuras?

— Dexter Styles. Você esteve com ele alguma vez, Aggie? — perguntou a tia. — Ele é mais novo do que nós.

— Eu sou mais nova do que você. Oito anos mais nova — lembrou a mãe de Anna.

— Tudo bem, tudo bem. Ele é mais ou menos da sua idade, então. Eu tive um namorado, anos atrás, que tocava trompete em uma das boates dele.

— Dexter Styles — aquiesceu Agnes.

— O que são exatamente “transações obscuras”? — perguntou Anna.

— Antigamente, era ganhar dinheiro com a venda de bebidas alcoólicas — respondeu Brianne. — Hoje, quem ganha é o governo.

Agnes se levantou e empunhou os pegadores da cadeira de Lydia.

— Vou levá-la para a cama. Você faz o jantar — disse a mãe a Anna.

Agnes tinha preparado costelas com chucrute na noite anterior, e deixara a travessa na geladeira, coberta por uma toalha. Anna ligou o forno e pôs a travessa para esquentar, depois esvaziou duas latas de ervilha em uma caçarola e pôs no fogo. Falando baixinho, para sua mãe não ouvir, ela perguntou:

— Papai conhecia esse homem?

— Quem? Styles? Duvido muito.

— Não fizeram alguma coisa juntos? Alguma coisa a ver com o sindicato?

— O sindicato? Nem pensar. Lá são todos irlandeses, e Styles é carcamano.

— Mas o nome dele não é... italiano.

Anna sentiu uma curiosa relutância em dizer “carcamano”.

Brianne riu.

— Styles é carcamano, pode acreditar. Ou meio carcamano. O nome é a coisa mais fácil de mudar, queridinha; ainda não te falei isso? Mas só para você ver como eu era idiota: eu não queria um nome irlandês e troquei o sobrenome para Belaire: mas Brianne é ainda mais irlandês do que Kerrigan. Esse é que eu devia ter trocado!

— Trocado como?

— Por Betty. Sally. Peggy. Um desses nomes bem americanos. Anna ainda passa, mas Ann seria melhor... e Annie, melhor ainda.

— Que horror.

— Mas por que tantas perguntas?

O olhar astuto de sua tia parecia ter visto tudo o que existe no mundo; só precisava reconhecer do que cada coisa se tratava. Anna foi ver se as costelas já estavam quentes. De frente para o forno, disse à tia:

— Achei que tinha ouvido falar dele.

— Ele sempre sai nas colunas sociais — disse Brianne. — Styles é praticamente parte da elite da cidade. Mas não exatamente: as pessoas só querem ser bem acomodadas na boate dele, perto dos artistas de cinema.

A mãe de Anna voltou, tendo trocado de roupa e colocado um vestido solto, sem ligas nem meias.

— Quem?

— Cuidado, Aggie. Sua filha está interessada por um gângster.

A mãe de Anna riu.

— Mas bem que ela precisa de um vício — resmungou Brianne. — Além de fomentar a guerra.

Durante o jantar, Anna tentou raciocinar em meio à efervescência dos seus pensamentos. O pai dela conhecia Dexter Styles, era fato. Ainda assim, nem sua mãe nem Brianne sabiam dessa relação, e nem de um motivo claro para que existisse. Devia ser um segredo. Por que motivo os dois tinham se encontrado?

Brianne desencavara uma nova história trágica: a grande Evelyn Nesbit agora produzia artesanato na Califórnia.

— Quanta decadência — resmungou ela.

— Mas e se ela gostar de fazer cerâmica? — comentou a mãe de Anna.

— Aggie — disse Brianne, pousando seu copo. — Evelyn Nesbit? A beldade lendária? Por quem Harry Thaw assassinou Stanford White? Fazendo *artesanato*?

— É realmente uma surpresa.

Agnes sempre respondia alguma coisa para manter Brianne falando; era o mastro em torno do qual a tia ia trançando as fitas de informações, fofocas e revelações sensacionais.

— Mas alguém deve ter se dado bem. De todas essas dançarinas do seu tempo — comentou Anna.

— Adele Astaire virou Lady Cavendish, e vive na Escócia. Imagino que deve ser divertido — falou a mãe dela.

— Ouvi dizer que na Escócia o tempo é sempre encoberto e frio — emendou Brianne, chupando um osso de costela. — E as pessoas são estranhas.

— Bom, tem também a Peggy Hopkins Joyce. Ela não fica mais rica cada vez que se divorcia?

— Gorda e desesperada. Quase uma rameira — comentou Brianne alegremente.

— Ruby Keeler se casou com Al Jolson.

— Divorciada. Criando os filhos com um zé-ninguém.

A mãe dela passou um tempo pensando enquanto Brianne acabava com o chucrute da travessa.

— Mas Marion Davies e Bill Hearst ainda não estão juntos?

— Isolados em algum lugar. Por conta de um escândalo — declarou Brianne, quase cantarolando.

O Rei da Lagosta, como seu “amigo especial” era conhecido entre os íntimos, permitira que Brianne desse algum dinheiro a Anna e à sua mãe, se é que podiam acreditar que ele sabia dessas doações e que as via com bons olhos. Tendo conhecimento disso ou não, fora ele quem bancara as anuidades de Anna no Brooklyn College e a cadeira nova de Lydia quando ela já não cabia mais na antiga. Brianne oferecia mais ajuda do que Agnes se dispunha a aceitar.

— Por favor, traga o seu amigo para jantar aqui — implorou a mãe de Anna enquanto comiam o abacaxi picado em calda. — Eu preparo mais

costelas. Não estavam boas?

— Ele é pescador — disse Brianne, como se isso bastasse como recusa.

— Mas ser “atacadista” não quer dizer que não é ele quem sai para pescar? — questionou Agnes.

— Ele cheira a peixe.

Brianne sempre demonstrava certa reserva quanto a seus namorados, desaparecendo com eles em iates e vagões de trem particulares para depois apresentá-los, anos mais tarde, como “velhos amigos”.

— Eu garanto, é tudo muito normal. E não o covil de iniquidade que essa aí vive imaginando — disse referindo-se a Anna, claro.

— Eu não imagino nada disso, tia.

— Só porque você não sabe como imaginar!

★ ★ ★

Antes de se recolher, Anna deitou-se ao lado de Lydia na cama. Da cozinha, ouvia a conversa entre a mãe e a tia falando das famosas covinhas nos joelhos de Ann Pennington enquanto bebiam novas rodadas de uísque com soda.

— Sem um tostão. Perdeu tudo nas corridas, coitada.

Os comentários da tia não passavam de murmúrios ao chegarem no quarto.

— Liddy. Eu vou levar você à praia — sussurrou Anna.

Na luz fraca que entrava pelas frestas da persiana, ela viu que a irmã estava de olhos abertos. E movia os lábios, como se tentasse responder.

— Você vai amar o mar — continuou Anna.

Amar o mar o mar o mar o mar...

Uma vibração parecia manifestar-se dentro de Lydia, como se ela fosse um rádio sintonizado em uma frequência distante. Ela conhecia todos os segredos de Anna; Anna os despejava em seus ouvidos como quem atira moedas em um poço. Foi a Lydia que se queixou quando seu pai começou a deixar de levá-la ao sair a serviço do sindicato. Tentou chantageá-lo com argumentos e ameaças de malcriação, mas no fim do dia acabava agarrada à irmã, chorando em seus cabelos. Anna detestava ficar largada em meio às crianças das redondezas, sem aquelas incursões a lugares especiais. Aos doze anos, poucas coisas despertavam seu interesse; as outras meninas ficavam aos risinhos enquanto os garotos jogavam taco, beisebol de rua ou futebol (em que a “bola” era um bloco de madeira embrulhado em jornal). Anna usava Lydia como desculpa para se ausentar desses ambientes cansativos, na esperança de que seu pai recobrasse a razão e percebesse quanto ela lhe era indispensável. Enquanto isso, fazia de conta que não se incomodava. E pouco a pouco, ao cabo de meses, depois de um ano, começou realmente a se importar cada vez menos.

Ringolevio, uma espécie de polícia e ladrão entre dois times, era a única brincadeira que ainda misturava meninas e meninos naquele quarteirão,

mesmo depois que entravam para a escola secundária. Em março do ano em que estava na oitava série, Anna estava escondida no meio de barris de maçãs no porão de alguém quando ouviu um sussurro:

— Aqui vão achar você.

Vinha de dentro de um depósito com laterais altas de madeira. A porta estava fechada a cadeado, mas Anna conseguiu pular por cima de uma das paredes, caindo no que supôs ser uma pilha de troncos, pois estava escuro demais, mas que descobriu pelo tato serem vários tapetes enrolados.

— Fique quieta. Eles estão chegando.

Era um garoto, descobriu ela. Espiando por uma fenda entre as tábuas, Anna viu três membros da equipe adversária. Um deles era Seamus, o irmão mais velho de Lillian, que tinha uma queda por ela. Ele andou até o barril de maçãs de onde ela tinha saído e, depois, até o compartimento onde se refugiara. Apalpou as tábuas, à procura de algum caminho de entrada. Anna sentiu o cheiro de naftalina nas suas roupas e de chiclete de frutas em seu hálito, e temeu que ele também conseguisse captar algum odor dela. Ficou paralisada pelo medo de ser descoberta ali, confinada em um espaço fechado com um garoto, o que serviria de pretexto para uma zombaria implacável. Tinha acabado de completar catorze anos. Quando os adversários que a procuravam se deslocaram para outras áreas do porão, Anna respirou aliviada. Instalou-se um silêncio denso. Esperou que o garoto lhe mostrasse o caminho de saída, como tinha feito na entrada. No entanto, quanto mais tempo permanecia ali parada, menos urgência sentia de ir embora. Era muito agradável ficar deitada no escuro quentinho, ouvindo os rumores distantes da fornalha e a respiração do garoto ao lado dela.

Depois de algum tempo, ele pegou a sua mão. Anna, à espera de alguma coisa, não quis ter uma reação exagerada; como não puxou a mão na mesma hora, achou que não tinha mais cabimento puxá-la. Tinha medo de que alguém segurasse a sua mão? Claro que não. A mão cálida do garoto pulsava como um coração ao redor de seus dedos. *Talvez eu não esteja aqui*, Anna pensou enquanto ele puxava a mão dela na direção das suas calças, onde o tecido esticado repuxava os botões. Ela podia recolher a mão, é claro, mas continuou à espera. *Talvez esta não seja eu*. Um cheiro alcoólico de maçã misturava-se ao odor farináceo e empoeirado dos tapetes. Quando o garoto começou a mover sua mão, a curiosidade de Anna quanto ao que iria acontecer converteu-se na certeza do que estava se passando e no desejo por aquilo. Depois de algum tempo, ele teve uma convulsão, como se tivesse encostado num fio elétrico. Enrodilhou-se de lado, parecendo achar que acabava tudo ali. Mas estava enganado, pois o que se desencadeara entre os dois também tinha se apossado de Anna. Ela pegou a mão dele e a segurou contra a sua saia xadrez, movendo os dedos quentes do garoto até um prazer violento fazê-la estremecer de ponta a ponta.

O garoto era Leon, ela percebeu nesse momento. E talvez já soubesse desde

o início.

— Eu saio primeiro — dissera ele.

Reintegraram-se à brincadeira, cada um pelo seu lado. Ele tinha dezesseis anos. E ali tudo aquilo acabaria, Anna pensou. Mas não foi assim.

Leon trabalhava com o pai, gravando inscrições de lápides depois das aulas, mas os negócios andavam péssimos para todos, e ele era dispensado com frequência. Em certas ocasiões, Anna percebia que ele se ausentara de algum jogo na rua de que participava momentos antes e o encontrava à sua espera no depósito. Às vezes ela esperava em vão, ou ficava sabendo que o mesmo tinha ocorrido com ele. Depois que se viam ali dentro, os dois agiam com a ganância furtiva de ladrões — a princípio, para repetir os arrebatamentos do primeiro encontro, mas, pouco depois, camadas de roupa começaram a dar lugar às maravilhas da carne nua. Leon roubou um cobertor de lã da cesta de roupa lavada de sua mãe e o estendeu por cima dos tapetes. Depois de cada pequena novidade, Anna jurava para si mesma que já tinham ido longe demais; a partir de agora, só iriam repetir o que já tinham feito. Mas na lógica soberana daquilo a que os dois se entregaram estava contida a força do avanço inexorável. Anna era incapaz de conceber o que vinham fazendo: prova de sua inocência. Ao mesmo tempo que passava os dias ardendo de ansiedade para retornar àquele sonho secreto, tinha a sensação de que tudo acontecia em algum outro lugar, com uma outra garota. No escuro do depósito, conseguia escapar da sua vida como um alfinete que se esgueirasse entre duas tábuas do assoalho. *Não sei do que você está falando, eu não fiz nada disso*, ela se imaginava respondendo, sem mentir, a um acusador sem rosto. *Nem sei o que são essas coisas*.

Algumas vezes foram quase descobertos: visitas inesperadas do proprietário do prédio ao porão; uma lavadeira; membros da família italiana que guardavam as maçãs nos barris para fazer vinho de frutas. Mas o próprio caráter extremo do que faziam tornava tudo relativamente fácil de esconder; ninguém poderia imaginar uma coisa daquelas. Havia bolinações na área, beijos roubados ou obtidos à força, três garotos e duas meninas que foram flagrados dentro de um armário na casa de Michael Fasso — descoberta que figurou em todas as conversas por várias semanas. Namorados eram controlados de perto por pais em estado de alerta, e nunca ficavam a sós. Mas encontros regulares, por meses a fio? Deitados, totalmente nus, no calor do verão? Era inimaginável. Se Anna tivesse tentado contar a Lillian e Stella, as duas teriam achado que estava mentindo, ou tinha enlouquecido. Ela só contava a Lydia.

No dia em que perdeu a virgindade, Anna levou uma régua consigo. Sabia por Stella, que tinha aprendido com a irmã casada, que a coisa doía feito o diabo. Quando a dor começou, ela prendeu a régua entre os dentes como um cachorro, e enterrou seus molares na madeira. Não emitiu um som sequer.

E ele sabia que tinha de tirar antes, claro. Qualquer garoto sabia disso.

Às vezes o seu segredo ressoava com tanta força dentro dela que Anna tinha

vontade de tapar os ouvidos e começar a gritar. Seu pai iria renegá-la. Anna sentia que ele a observava com uma atenção redobrada e temia que, de algum modo, ele acabasse adivinhando. Mas seu pai não tinha como *saber*. Vivia consumido pelo trabalho, que muitas vezes o obrigava a passar as noites fora de casa. Houvera ocasiões em que tentou retomar com Anna o diálogo de antes, mas ela tinha perdido o costume de falar com o pai, e não queria mais aquelas conversas. Sabia que ele ficava decepcionado, mas não podia fazer nada. Ele a tinha decepcionado primeiro.

Quando ele desapareceu, a única coisa que Anna sentiu foi alívio. E uma ou duas semanas mais tarde, quando a gravidade da ausência começou a pressioná-la em espasmos repentinos, Anna começou a ir para o depósito com Leon para esquecer.

Havia rumores, na escola, de garotas que precisavam se mudar às pressas para ir “morar com parentes”. Uma delas, Loretta Stone, tinha perdido um ano em relação aos colegas da mesma idade: uma garota humilde e solitária cuja suposta ruína era um prato suculento com que as outras jovens se deliciavam. Mas Anna teve sorte: era a única menina da turma para quem as regras ainda não tinham chegado.

Em novembro, oito meses depois do primeiro encontro no depósito, o dono do prédio convocou uma brigada de primos para limpar o porão e transformá-lo em bar — segundo ele, a única maneira que lhe restava de ganhar algum dinheiro. Encheram mantas e mais mantas de aniagem com pedras, terra, barris quebrados e partes de fornalhas a carvão, e levaram tudo para a rua. Anna acompanhou aquilo com as outras crianças que por acaso estavam na rua. À luz impiedosa do dia, viu uma pilha de tapetes infestados de traças coroada por um cobertorzinho imundo manchado de sangue. Entrou em seu prédio, trancou-se num dos banheiros do primeiro andar e vomitou.

Ela e Leon viveram o incômodo da intimidade retraída entre estranhos que figuram nos sonhos um do outro. Ela reparou nas unhas sujas dele, nos seus dentes separados. Àquela altura, fazia dois meses que seu pai tinha ido embora, mas Anna não conseguia se livrar da sensação de que ele teria ficado abismado com Leon. Ela e ele nunca mais voltaram a se tocar. Preferiram continuar sem conhecer um ao outro, e no ano seguinte o pai de Leon mudou-se para o Oeste com toda a família.

O bar nunca chegou a ser construído.

Pelo resto do curso secundário e durante o ano em que passou no Brooklyn College, Anna tentou fazer o papel de uma garota que não sabia de nada. Como essa garota reagiria quando um rapaz a encostasse em um muro e tentasse beijá-la? Ficaria assustada quando ele alisasse os seus seios por cima do suéter? A amplitude da sua experiência a punha em perigo constante; se os rapazes percebessem algum indício de tudo o que já tinha feito, seu destino seria o mesmo ostracismo de Loretta Stone. Por isso, a prudência excessiva deixava Anna rígida, e os meninos diziam que era fria, até mesmo frígida.

— Estou vendo que você está com medo, mas não vou machucar você — dissera um dos rapazes com quem saíra. — Só quero lhe dar seu primeiro beijo de verdade.

Mas um beijo de verdade, e isso Anna sabia, podia desencadear muitas outras coisas. No fim desses encontros, o rapaz quase sempre se afastava, furioso. Bem depois de ter desistido de ver seu pai de volta em casa, Anna ainda invocava sua memória vez por outra: uma testemunha abstrata da sua virtude. *Está vendo?*, ela dizia. *Não sou uma vagabunda, no final das contas.*

Mas sua única testemunha de verdade, tanto naquela época quanto nos dias de hoje, era Lydia. E sua irmã só podia escutar. Não tinha como lhe dar conselho algum, ou responder às perguntas que mais a perturbavam. Em que momento poderia finalmente saber o que já sabia? E em que momento se esqueceria de tudo?

Na manhã da quarta-feira anterior ao Dia de Ação de Graças, Dexter viu-se ao lado de Henry Foster, à sombra das árvores quase sem folhas da Alton Academy. Ouvia-se o eco de vozes de rapazes, embora nenhum deles estivesse à vista.

— Desculpe a demora — disse o cunhado de Dexter, lançando um olhar nervoso à sua velha casa revestida de madeira, cercada por um gramado modesto e rodeada de dormitórios estudantis. — Bitsy está demorando mais do que o normal para se arrumar.

Como a maioria dos protestantes, Henry era constitucionalmente incapaz de exprimir seus sentimentos. Mas Dexter podia ver, por sua expressão sofrida, que as coisas em casa não tinham melhorado.

— Não se preocupe — falou ele, dando um tapinha no ombro de Henry enquanto checava disfarçadamente as horas no relógio. O velho tinha dito com toda a clareza: não podiam deixar o comandante do Arsenal de Marinha à espera deles. — Como vai o bebê?

— É a coisinha mais linda — respondeu Henry. — Ela chora muito. E Bitsy não aguenta.

Dexter reparou nas mãos trêmulas do professor.

— Tudo vai dar certo.

— Você acha mesmo?

Os olhos azuis e gentis de Henry fixaram-se sobre Dexter com uma energia fora do comum, como se tudo dependesse da resposta do cunhado.

— Claro que sim — garantiu Dexter.

Por fim, Bitsy apareceu, em trajes que — se fosse Tabby — teriam feito Dexter mandá-la de volta para se trocar. Usava um suéter curto de angorá que, com a saia de seda plissada, dava-lhe um ar de secretária que tem um caso com o chefe, ou que está tentando seduzi-lo. Tinha o mesmo cabelo arruivado e os mesmos olhos felinos de Harriet, mas o excesso de detalhes em seu visual abafava a semelhança com a irmã. Seu cabelo pendia solto por baixo de um chapeuzinho. Dexter trocou um olhar com Henry — pobre Henry, tão pudico —, tentando assinalar a impropriedade da escolha de Bitsy e, ao mesmo tempo, garantir ao cunhado que não se incomodava nem um pouco com aquilo. Por que haveria de se importar? Estavam indo encontrar o velho; ele que disciplinasse a filha, se achasse que era o caso.

O almíscar amargo do perfume de Bitsy sufocou Dexter quando as portas do Cadillac se fecharam. Enquanto acelerava pela via expressa, tentando

recuperar o tempo que haviam perdido, ela o deixou estupefato ao acender um cigarro. Fosse ela um homem, Dexter o teria tirado de sua boca e jogado sem hesitar pela janela. Não se acende um cigarro no carro de outra pessoa sem pedir permissão, certamente não no interior de um Series 62 novinho com os bancos forrados de napa creme. Ele meneou a cabeça em recusa quando ela lhe ofereceu o maço.

— Você parou? — perguntou, parecendo decepcionada.

— Anos atrás.

— E não aprova. Henry andou conversando com você.

— Ele não me disse nada.

— Imagino que não.

— Henry adora você, e você sabe disso.

— Mas merecia coisa melhor — disse ela, emitindo uma nuvem de fumaça em meio a um suspiro.

— Então, por que você não fica à altura?

Bitsy não respondeu. Quando Dexter olhou para ela, ficou espantado ao ver lágrimas correndo dos seus olhos, manchando seu rosto de rímel.

— Bitsy.

— Eu estraguei tudo.

— Não diga bobagens.

— Sou uma péssima mãe. Só quero que me deixem em paz. Quem me dera poder ir embora e começar de novo como outra pessoa.

E pôs-se a soluçar. Dexter percebeu uma vibração de histeria em seu choro e cogitou sair da via expressa para tentar acalmá-la. Mas não tinham tempo. O choro continuou por vários minutos na mesma intensidade, até que Dexter disse, em tom severo:

— Escute aqui, Bitsy. Você precisa se controlar e pensar com calma. Você é uma mulher incrível; o mundo está aos seus pés. Você só está...

Ela parou de chorar, dando a impressão de que o escutava com máxima atenção. Dexter sentiu que a cunhada aguardava o diagnóstico dele com a mesma ansiedade de Henry. O problema é que não tinha a menor ideia do que havia com Bitsy.

— ... esgotada — concluiu ele, para decepção de ambos.

Ela deu uma risada amarga.

— É o que Henry costuma dizer. Você envelheceu igual a ele, Dexter, o que nunca pensei que aconteceria. Tanto você quanto Hattie. O mais provável é que nunca tenham sido tão ousados assim.

— É uma coisa que você vai perdendo com o tempo — respondeu ele.

Dexter, no entanto, sentiu-se afetado pelas palavras da cunhada. Enquanto dirigia, aquela frase o incomodava cada vez mais e o levou a mergulhar mentalmente em uma suposta discussão (enquanto pisava fundo no acelerador): a mulher de um professorzinho se atrevia a acusá-lo de ser menos ousado do que deveria? Bitsy esquecera com quem estava falando? Deus do

céu!

Mal voltaram a conversar pelo resto do caminho. Bitsy fumava um Lucky Strike atrás do outro — catorze no total, mas ninguém estava contando —, e dedicou-se a uma penosa restauração do rosto com a ajuda de um estojo de pó compacto. Quando Dexter finalmente estacionou à porta do Arsenal de Marinha, apenas três minutos antes da hora marcada, parecia que tinha fumado sozinho um maço inteiro. E tinha certeza de que o estofamento do carro tinha ficado um tom mais escuro.

Quatro fuzileiros os receberam no portão e distribuíram os convidados por alguns carros para a circulação interna pelo Arsenal. Dexter não perdeu tempo em encaminhar Bitsy para um carro diferente do seu. Entrou no mesmo carro do velho, que se instalara no banco da frente com Tabby e um fuzileiro ao volante. A animação de Tabby com aquela visita, de que vinha falando muito, tinha restaurado a fé de Dexter em sua seriedade. Ficar comparando era uma bobagem, mas ele a achava tão impressionante — com seus cabelos enrolados como os de uma adulta e sua expressão sóbria e interessada — quanto Grady em seu uniforme azul, sentado à direita de Dexter no banco traseiro.

Começaram pelo hospital do complexo, onde uma fila de rapazes e moças se formava à porta para doar sangue. A banda local tocava “Remember Pearl Harbor”. Dexter olhou para as garotas uma a uma, perguntando-se se não veria a que tinha conhecido na boate semanas antes, mas ou ela não estava na fila, ou ele não se lembrava dela a ponto de reconhecê-la. Em seguida, todos desceram dos carros para ver um guindaste suspender uma torre de artilharia do tamanho de um bonde. O guindaste içou-a por cima da água e a depositou com delicadeza no convés de um encouraçado que flutuava ao lado. Bitsy se agarrava ao braço de George Porter, que tinha ido sem Regina, graças a Deus. Que George se encarregasse de Bitsy por algum tempo.

— A formatura é daqui a quanto tempo, três semanas? — perguntou Dexter a Grady enquanto acompanhavam o trabalho do guindaste.

— Isso mesmo, senhor. Três semanas e meia.

— Quando você me trata por “senhor”, Grades, eu fico com a impressão de que tem um oficial postado atrás de mim.

— É o que eu sempre digo a ele — concordou Cooper em tom de gracejo.

— É a força do hábito...

Grady se conteve com um sorriso. Era alto e tinha uma bela compleição, com uma centelha de malícia nos olhos bem separados.

— Alguma ideia de quando deve embarcar? — perguntou Dexter.

— Quanto mais cedo, melhor — respondeu Grady. — Estou cansado de fazer trabalhos sobre as Guerras Púnicas quando temos uma guerra em pleno andamento.

— Não temos pressa nenhuma de lhe dar adeus — falou Cooper em tom arrastado, passando um braço pelos ombros do filho, visivelmente mais largos do que os próprios. — A guerra ainda vai durar bastante.

Grady ficou tenso ao toque dele.

— É para isso que estou sendo treinado, pai.

A parada seguinte dos visitantes era a Unidade 128, uma oficina enorme que abrigava uma imensa quantidade de pistões, turbinas e polias, todos vibrando para alguma finalidade desconhecida. O vento que vinha do rio cruzava o recinto, arrastando um turbilhão de folhas secas. Tabby começou a tremer. Dexter não usava sobretudo, mas Grady, que carregava o sobretudo do avô no braço (posto que o velho era estranhamente invulnerável ao mau tempo), aproximou-se de Tabby e acomodou o sobretudo nos ombros dela. Deu a impressão de demorar um pouco mais do que o necessário — dando-lhe um abraço —, e a reação dela foi olhar para ele com um sorriso reservado nos lábios. Dexter ficou muito quieto, o olhar na filha e no sobrinho, os sons das máquinas martelando em seus ouvidos. *O que estou vendo aqui?*, ele se perguntou. Ocorreu-lhe a imagem da Caixa dos Desejos de Tabby, laqueada de vermelho, um segredo aninhado em seu interior.

De volta ao carro, tentou parar de pensar no assunto. Grady tinha quase 21 anos e já morava fora de casa havia praticamente sete, desde que tinha ido estudar como aluno interno em Choate. Para todos os efeitos, era um homem, enquanto Tabby era uma garota que mal completara dezesseis anos. Mas tinham passado algum tempo juntos no verão anterior, em Newport, velejando no barco de Cooper, ou no clube, depois do tênis. Teria acontecido algo entre os dois? Grady era respeitoso, sim, mas também audacioso — o que fazia parte do seu encanto. Dexter se esforçou para escapar daquela espiral de pensamentos. Primos trocando beijos não era exatamente uma novidade, contanto que não passasse disso.

Ou seria tudo coisa da cabeça dele?

Oitocentas garotas trabalhavam na Unidade 4, onde se fabricavam as estruturas dos navios, a última parada da visita. Era difícil distingui-las dos homens — especialmente no caso das soldadoras, com suas luvas grossas e o rosto coberto por máscara. Era preciso diferenciar pela estatura, e, à medida que o grupo se deslocava de setor em setor, Dexter ia absorvendo as novidades. Garotas brandindo maçaricos. Garotas cortando metal; garotas construindo moldes em madeira de peças náuticas. Havia uma banalidade na aparência mesmo das mais bonitas; *tanto faz se alguém me olhar ou não*. Lenços prendendo os cabelos. Dexter costumava deplorar a fragilidade das garotas modernas, mas aquelas mulheres pareciam mais que capazes de portar um revólver. Por baixo de um daqueles macacões, qualquer um podia usar um coldre de ombro sem ninguém notar.

— Impressionante, não é? — disse para Tabby.

Ela se virou, muito corada.

— O quê?

— As garotas. Não era isso que você queria ver? — perguntou ele diretamente. — Não foi por isso que viemos todos aqui hoje?

Mas foram palavras vazias. Ele sabia qual era a resposta: a animação de Tabby tinha a ver com Grady, e não com o Arsenal de Marinha. Foi tudo por causa dele.

— Não me lembro, papai — respondeu ela, ajeitando os cabelos distraidamente. — Achei que a ideia de vir tinha sido sua.

★ ★ ★

Quando Anna chegou ao primeiro lugar da fila para a doação de sangue, ouviu Deborah, uma das casadas, a qual Rose tinha apelidado de “Torneira”, perguntar se havia algum modo de garantir que o sangue dela fosse diretamente para o seu marido.

— Sinto muito, mas não é possível — respondeu a enfermeira. — Além disso, vocês dois podem nem ter o mesmo tipo sanguíneo.

— Mas eu tenho — choramingou Deborah. — Eu sei que tenho.

— Já vai abrir a torneira... — sussurrou Rose.

— Tem certeza mesmo? — perguntou a enfermeira com toda a tranquilidade, enquanto enfiava a agulha no braço de Deborah. — Nunca, jamais, se deve dar a alguém o tipo de sangue errado. É muito perigoso. A não ser que o sangue da pessoa seja do tipo AB, que pode receber qualquer outro. Você por acaso sabe o tipo sanguíneo do seu marido?

A resposta de Deborah veio abafada por soluços. A enfermeira ergueu o braço dela jeitosamente enquanto o sangue começava a correr por um tubo de plástico transparente. A banda do arsenal tocava “Don’t Sit Under the Apple Tree”.

— Mais cinco anos de casamento e eu garanto que ela para com essa choradeira — disse Rose baixinho a Anna.

Rose tinha 28 anos, era mais velha do que a maioria das casadas e tinha os cachos escuros e lustrosos que todas invejavam nas garotas judias. Ao falar do marido, revirava os olhos e fazia piadas, dizendo que dormia bem melhor sem ele em casa. Chamava o filho dos dois, Melvin, de “aborrecimento”, mas com um ar tão apaixonado que ninguém levava suas queixas a sério.

Enquanto Anna acompanhava o percurso do próprio sangue pelas curvas do tubo, perguntou:

— É mesmo para ser tão vermelho assim?

A enfermeira riu.

— É de que outra cor deveria ser?

— É um vermelho muito... vivo.

— Por causa do oxigênio. Pode acreditar que é bem melhor assim.

Anna correu os olhos pelas cadeiras enfileiradas e pelas muitas outras espirais escarlate presas a braços de várias espessuras. Procurava por Nell. A amiga tinha desaparecido na semana anterior. Anna passou a hora de almoço de cinco dias

seguidos esperando ao lado da Unidade 4 antes de ir perguntar a seu respeito na seção onde os moldes eram produzidos. Tinha vergonha de não saber o sobrenome da amiga, mas todo mundo sabia quem era Nell. E bastou dizer o nome para provocar um silêncio impressionante entre as garotas, do tipo que Anna conhecia bem do seu próprio local de trabalho. O supervisor disse que Nell não tinha aparecido para trabalhar naquela semana. E que não esperava que ela retornasse.

Nada de muito surpreendente, mas Anna não conseguia parar de pensar naquilo. Talvez tivesse ficado mal-acostumada com a bicicleta. Agora, sentia-se aprisionada nas ruas calçadas de tijolo do estaleiro, onde a luz do sol muito enviesada quase nunca chegava, nem mesmo na hora do almoço. Talvez fosse a monotonia do seu próprio local de trabalho, agora que as casadas tinham se virado contra ela. Com exceção de Rose, todas tratavam Anna com uma cortesia ressentida, como se tivessem ouvido o nome dela sendo sussurrado pelo marido em pleno sono. Anna se consolava com a ideia de largar aquele trabalho e se tornar mergulhadora. Todo fim de tarde, depois do expediente, corria até o Píer C para acompanhar o movimento da barcaça antes de escurecer. Quis perguntar ao sr. Voss se podia se apresentar como voluntária para mergulhar, mas não conseguia pensar em um meio de abordá-lo sem parecer ingrata.

Depois que doaram sangue e repousaram durante o tempo obrigatório, Anna e Rose embarcaram no ônibus de volta para o portão da Sands Street. Já estavam com suas roupas comuns; as garotas eram dispensadas do expediente depois de doar sangue. A recomendação era de que tomassem um suco de frutas, e Rose tinha concluído que ela e Anna deviam tomar uma taça de vinho no almoço.

— Não deixa de vir de uma fruta, no fim das contas — argumentou.

Anna propôs que fossem à Sands Street, atraída pelos locais mais frequentados pelos marinheiros, mas Rose concordava com a visão generalizada de que moça nenhuma podia andar a salvo por ali, nem mesmo à luz do dia. Pegaram um bonde até o Hotel St. George, na Henry Street, e entraram no elevador para chegar ao Bermuda Terrace, de onde se podia ver todo o Brooklyn e cujo espaço se transformava em pista de dança à noite. Pediram espaguete — o prato mais barato do cardápio — e meia garrafa de vinho tinto. Anna não gostara do vinho que tinha experimentado na casa de Stella Iovino, mas sentia que beber uma taça com Rose tornaria possível outro tipo de conversa. E foi o que ocorreu. Assim que o garçom serviu as duas, Rose disse:

— Você precisa saber o que as meninas andam dizendo. Sobre você e o sr. Voss.

— Acho que posso imaginar.

— Dizem que ele largou a mulher por sua causa.

— Ele nunca usou aliança.

— Usava, no começo. E o que elas dizem. Eu nunca reparei. E verdade, Anna?

— Claro que não!

— Eu sabia! Eu disse a elas: “Ela não é esse tipo de garota.”

— Eu me pergunto se o sr. Voss já soube desses rumores — disse Anna.

— Rumores que ele fez de tudo para provocar!

— Será que ele pode vir a ter problemas por isso?

Rose ficou olhando para ela de um modo que fez Anna sentir-se ingênua e, ao mesmo tempo, dissimulada.

— Quem pode ter problemas é você, Anna — comentou ela. — Ele vive chamando você para ir à sala dele, pedindo que você leve ou vá buscar alguma encomenda; e não vai parar por aí. Logo vai querer alguma coisa em troca, e me admira que ainda não tenha chegado a esse ponto. Já ouvi essa história várias vezes quando trabalhava na companhia telefônica: mais cedo ou mais tarde, ele vai querer alguma coisa em troca, e aí você vai se ver em maus lençóis. Se você recusar, ele vai ficar ressentido e pode demitir você, ou espalhar rumores maldosos. E se você ceder, bem. Aí você vira outro tipo de garota.

— Mas como esses rumores podem me prejudicar, se não são verdadeiros?

Rose fez um ar chocada.

— Não faz a menor diferença se são ou não verdadeiros. Depois que uma garota fica com má fama, nenhum rapaz direito vai querer alguma coisa com ela.

— Porque todo mundo acha que ela pecou?

— Nas suas palavras, sim, imagino que sim. Ah, é difícil para mim falar sobre isso, Anna.

— Fale, eu olho para o outro lado.

E virou-se para as janelas, de cuja altura o East River parecia totalmente silencioso. Havia uma coisa que ela queria contar a Rose, mas não imaginava como poderia tocar no assunto sem soar perigosamente experiente ou implacavelmente idiota. O sr. Voss não estava interessado nela daquela maneira. Esse tipo de sentimento nem existia entre os dois, Anna tinha certeza.

— Quando uma moça não é direita, as pessoas acham que ela atrai problemas — falou Rose com a voz suave enquanto Anna observava o rio. — As pessoas olham para os dois e pensam: *Problema do tipo “ele é casado”*. Nenhum homem que se respeita vai aceitar essa situação.

— Mas praticamente todos os homens estão na guerra — disse Anna. — Como é que alguém vai lembrar quem é direita ou não quando isso tudo acabar?

— Reputação é coisa que ninguém esquece — assegurou Rose. — Ela permanece com você e pode interferir na sua vida quando menos espera, não dá para apagar. Depois da guerra, o mundo vai voltar a ser pequeno. Todo mundo vai saber de tudo, exatamente como era antes.

Os olhos das duas tinham voltado a se encontrar. Anna percebeu a honestidade e o esforço no rosto de Rose, e sentiu uma pontada de profundo afeto por ela.

— Não se preocupe. Eu já encontrei um rapaz direito — contou ela.

— Ah!

— Do meu bairro — continuou Anna. — Fomos colegas de colégio. Há muito tempo que acontece algo entre nós.

— Anna! Mas você nunca comentou nada sobre ele.

Fazia anos que ela não inventava uma história assim, do nada. A sensação era de retornar a um passado em que era interrogada com mais frequência, mas não dispunha de muitas respostas evasivas. Além disso, pensou, olhando para o rosto aliviado e alegre de Rose, as pessoas praticamente indicavam as mentiras que queriam ouvir.

— Ele embarcou para o estrangeiro, suspeito — comentou Rose.

Anna fez que sim e quase disse “Marinha”, mas sentiu um nó na garganta e uma ardência inexplicável nos olhos. Ela os fixou no solitário cravo vermelho que havia na mesa delas, enquanto a imagem da flor ia ficando borrada.

— Você não quer falar sobre ele, já entendi — concluiu Rose, segurando a mão de Anna. — Não vou comentar nada com as outras garotas.

Rose pediu licença para ir ao toalete, e Anna enxugou os olhos às pressas com o guardanapo, surpreendida por aquela onda de emoção. O vinho, provavelmente.

Ficaram esperando o bonde que levava à casa de Rose; Anna ia conhecer o pequeno Melvin. No caminho, ficou pensando no sr. Voss. Era verdade que ele a tratava com algum favoritismo, mas não pelas razões que as outras imaginavam. Qual seria o verdadeiro motivo? Enquanto Anna revirava essa pergunta em sua mente, ocorreu-lhe que a resposta não fazia diferença. Ele queria algo dela. E ela queria algo dele.

★ ★ ★

O almoço foi servido na sala de jantar oval dos alojamentos do comandante, uma grande casa amarela em estilo colonial, provida de uma estufa, construída no alto de uma colina relvada que, no passado, devia contemplar o contorno original da costa, mas que hoje divisava um panorama de chaminés sempre fumegantes. Fatias de limão em jarras de água, bolinhas de manteiga aninhadas em pedras de gelo, saleiros individuais: o alto escalão da Marinha sabia oferecer um almoço. Arthur Berringer estava sentado à direita do comandante do Arsenal de Marinha; tinham servido juntos nas Filipinas, em 1902. Cada palavra da conversa tinha a intenção de edificar os convidados na faixa dos vinte e poucos anos: um ajuntamento quase casual de banqueiros, autoridades de governo e algumas esposas.

— Até que não seria má ideia recuperar as ilhas — disse o velho com uma risadinha; referia-se às Filipinas.

— Ah, tenho certeza de que chegaremos lá — garantiu o comandante.

Era um contra-almirante convocado para o cargo depois da reforma, homem volúvel e rechonchudo. Dexter percebeu que suas imensas responsabilidades atuais não afetavam em nada seu gosto pronunciado por frango capão.

— O general MacArthur raramente aceita uma resposta negativa, é bem verdade — retrucou o velho.

Dexter e George Porter se entreolharam. Os dois sabiam que o sogro desprezava Douglas MacArthur, a quem chamava de “Doug Reserva”, desde que os japoneses o tinham expulsado das Filipinas em março daquele ano.

Tabby e Grady sentaram-se de frente para Dexter, ignorando-se mutuamente com um certo excesso de empenho. Dexter desconfiou que entrelaçassem os pés debaixo da mesa, e chegou a pensar em deixar cair o guardanapo para dar uma espiada, como um personagem de comédia.

— Novembro foi o melhor mês para os Aliados desde o começo da guerra, graças em grande parte a rapazes como este aqui — disse o comandante, erguendo a taça para Grady. — As forças alemãs foram cercadas em Stalingrado e tivemos os desembarques no norte da África. Nossos inimigos começaram a sofrer sérias perdas; vinte mil japoneses mortos na Trilha de Kokoda, na Nova Guiné! Malária, e a úlcera tropical...! A carne apodrece e incha tanto que o sujeito não consegue mais calçar as botas. E tem de marchar descalço na lama.

— A lama é um caldo de cultivo de parasitas — falou George Porter, contribuindo com a conversa a partir de sua perspectiva de cirurgião. — Uma bactéria entra por uma pequena ferida na pele e em pouco tempo a pessoa está com disenteria, desenvolve vermes...

Vários convidados pousaram os garfos, mas o velho acrescentou, deliciado:

— E as picadas dos moscardos em Tobruk? Os boches estão acostumados com florestas; nunca tinham visto essas moscas do deserto. As picadas infeccionam e em pouco tempo os sujeitos estão se arrastando pela areia com as pernas gangrenadas!

— E o inverno russo! — trovejou o comandante, pedindo com sinais que lhe servissem mais um pedaço de capão. — Os dedos dos pés dos boches congelam e depois se despedaçam como se fossem feitos de gesso!

A sra. Hart, uma das damas presentes, ficou muito pálida. Sentindo que um novo assunto era urgente, Dexter falou:

— Fiquei impressionado ao ver quantas mulheres trabalham no seu arsenal, almirante.

— Ah, fico feliz que tenha reparado. Elas ultrapassaram nossas melhores expectativas. E o senhor ficaria espantado, eu pelo menos fiquei, de saber que elas substituem os homens até com algumas vantagens. São menores e mais

ágeis; conseguem se enfiar em espaços onde um homem não cabe. E têm muita habilidade manual, por causa dos trabalhos domésticos, o tricô, os bordados, cerzir meias, picar legumes...

— Tratamos nossas mulheres com um excesso de delicadeza, é verdade — declarou um homem de aparência adoentada na outra extremidade da mesa.

— No Exército Vermelho, as mulheres servem como residentes médicas de campanha, até carregam feridos nas costas pelos campos de batalha.

— E pilotam aviões — completou alguém. — Bombardeiros.

— Isso é verdade? — perguntou Tabby.

O velho deu uma risadinha.

— As mulheres soviéticas são criadas de forma ligeiramente diferente da sua, Tabatha.

— E não vamos esquecer que o Exército Vermelho tem uma divisão inteira encarregada apenas de fechar a retaguarda das tropas e atirar em quem tenta desertar. Não são muito gentis — completou o comandante.

— Espero que o senhor não deixe as mulheres fazerem tudo o que os homens fazem, almirante — disse Cooper.

— É claro que não — respondeu o comandante. — Os trabalhos que exigem força física ou resistência a condições extremas são proibidos a elas. Nessas atividades, as mulheres se limitam ao papel de ajudantes, sempre dando assistência a um homem em cargo sênior. E nunca sobem a bordo de nenhum navio.

Bitsy, que até então não tinha emitido uma palavra sequer, de repente resolveu falar.

— As mulheres não podem entrar nos navios? — perguntou. — A regra é essa?

— Ah, sim. Sem a menor dúvida.

— As garotas não podem entrar nos navios, *no Arsenal de Marinha*?

Todos se viraram para Bitsy. Com seu rosto muito corado e os cabelos desalinhados pelo vento, estava muito bonita, como se a sua infelicidade avivasse alguma chama interior. Dexter observava o velho, cogitando se ele faria alguma coisa para contê-la, mas Arthur mantinha um ar impassível enquanto o comandante discorria sobre recintos fechados e espaços estreitos.

— Vocês hão de entender — repetiu ele mais de uma vez.

Com exceção de Bitsy, que o olhava com uma expressão ressentida, seus outros convidados assentiam, a cabeça se movendo como a de um boneco de uma caixa de surpresas.

Depois de tigelas de Pêssego Melba, a mulher do comandante propôs um tour pela casa, a mesma onde o comodoro Perry tinha vivido cem anos antes. Tabby e Grady aceitaram, como vários outros convidados. Dexter pensou em ir junto, mas mudou de ideia quando Cooper se levantou; seria um excesso de devoção a Grady, mais do que conseguia suportar. O comandante serviu conhaque e charutos, e a conversa voltou para a repressão ao motim filipino,

acompanhada com interesse por vários dos presentes.

Dexter sentiu os efeitos do almoço pesado; queria borrifar água fria no rosto. Um velho ordenança negro o acompanhou até um toalete que estava ocupado; depois, a um segundo mais distante, perto da cozinha. Quando encontrou a segunda porta também trancada, Dexter disse ao ordenança que preferia esperar ali. E estava a ponto de abrir as portas duplas que davam para a estufa quando ouviu sons do outro lado. Aproximou-se da porta do banheiro e ficou de pé junto a ela, escutando. Sussurros, gemidos, suspiros: impossível não entender o que estava acontecendo atrás daquela porta. A primeira ideia que lhe ocorreu — que fossem sua filha e Grady — fez o sangue refluir do seu crânio.

— Ohhh... ohhhh... ohhh...

Os gemidos femininos ritmados aumentavam de volume e urgência dentro do banheiro. Dexter se afastou às pressas e atravessou as portas duplas, pisando na grama seca. A vertigem que sentia transformou o Arsenal de Marinha em um labirinto de espelhos de parque de diversões, e ele se encostou na parede de vidro da estufa, ofegante. Finalmente recurvou o corpo, apoiando os cotovelos nos joelhos, fazendo o sangue voltar a afluir para a cabeça. Quase desmaiou.

— Pai?

Endireitou o corpo depressa, piscando muito. Como a voz de Tabby vinha de cima, ele inclinou a cabeça para trás. E lá estava ela, no alto, acenando de uma janela do último andar da casa. Dexter sentiu um alívio tão intenso que teve uma nova onda de fraqueza. Seus joelhos ficaram bambos. Havia algo de errado com ele, para ter pensado uma coisa tão terrível.

— Pai, o que aconteceu?

— Nada — respondeu ele com a voz fraca. — Estou ótimo.

— Venha olhar daqui. Dá para ver a vista de todos os lados.

— Já vou! — exclamou ele.

Dexter retornou para dentro no exato momento em que a porta do banheiro se abria. George Porter emergiu ostentando um meio sorriso, ajustando o colete com as mãos recém-lavadas. Fez um ar de espanto tão grande quanto o de Dexter. E fechou às pressas a porta do banheiro atrás de si, possivelmente com a mulher ainda lá dentro. Na mesma hora, Dexter entendeu que era Bitsy, como se tivesse reconhecido o timbre histérico da cunhada nos gemidos que escutara através da porta. Seu assombro foi impossível de esconder, e George percebeu. Deu um sorriso desconfortável, e Dexter retribuiu o sorriso, tentando recuperar à força a neutralidade sistemática com que sempre reagia às indiscrições do cunhado. Enquanto os dois caminhavam em silêncio de volta à sala de jantar, Dexter sentiu a necessidade de dizer alguma coisa para neutralizar a situação estarrecedora que tinha flagrado. Mas nada lhe ocorreu.

Sentaram-se em lugares distantes. Dali a pouco, Bitsy reapareceu com um

ar calmo pela primeira vez naquele dia. Sentou-se ao lado do pai e o abraçou, apoiando o rosto no ombro do velho. Aos poucos, o alívio aturdido de Dexter com a inocência de Tabby foi dando lugar a um mau pressentimento. O fato de George trair o sogro daquela maneira — comprometendo ao mesmo tempo a filha mais velha e a mais nova do velho bem debaixo do nariz dele, na casa de um almirante que o recebia como convidado de honra — era uma transgressão tão enorme que parecia pôr a todos em perigo. O que poderia acontecer se Arthur Berringer descobrisse? E como ele poderia não descobrir, quando sabia dos desembarques no norte da África semanas antes de acontecerem? E ocorreu a Dexter que George Porter era um homem morto.

Mas ele estava misturando os universos. Só no submundo homens morriam por causa dessas coisas. Não nas esferas pelas quais o velho se deslocava — exceto, talvez, no plano metafórico. Ainda assim, Dexter não conseguia se livrar da sensação de uma ameaça iminente. Lembrou-se dos gemidos que ouviu pela porta do banheiro. Envergonhado e confuso, percebeu que aquela cadência o deixava excitado e não conseguia parar de evocá-la: um prazer tão explosivo, tão arrebatador, que justificava até o risco de aniquilação.

Dexter conhecia o perigo dos prazeres proibidos. Quem lhe ensinara foi uma mulher que encontrou em um trem para St. Louis, uma experiência inédita oito anos atrás, quando ela bateu de leve à porta de sua cabine de primeira classe depois da meia-noite. Tinham trocado olhares no vagão-restaurante, e algumas palavras no corredor. Ela usava uma aliança de casamento (assim como ele) e uma pequena cruz de ouro no pescoço, mas não havia como deixar de perceber nela uma energia sensual obstinada, que transformava esses símbolos em simples amuletos. Aquela visita noturna deu início a um intervalo de devassidão que se estendeu ao dia seguinte, fundindo-se à memória de Dexter com os campos congelados que deslizavam por entre as cortinas abertas das janelas. Mesmo agora, quando atravessava de carro trechos de Nova Jersey ou de Long Island, muitas vezes se descobria excitado novamente ao contemplar os bruxuleantes pontos de fuga dos campos congelados.

Os dois desembarcaram naquela tarde em Angel, Indiana, com a intenção de quê? De continuar. Hospedaram-se em um antigo grande hotel perto da estação, sob os nomes de sr. e sra. Jones. Na mesma hora, Dexter sentiu uma mudança: agora que estava totalmente imerso na paisagem hostil de inverno, em vez de vê-la deslizar pitoresca pela janela, o panorama lhe agradava menos. E outros fatores de irritação se sucederam: uma súbita aversão ao perfume que ela usava; uma súbita aversão à sua risada, à costeleta de porco ressecada servida no restaurante do hotel, à teia de aranha que pendia da luminária acima da cama. Depois do sexo, ela caiu num sono entorpecido. Mas Dexter ficou acordado, escutando os uivos dos cães — ou seriam lobos? —, enquanto o vento fazia chacoalhar as vidraças. Tudo o que ele conhecia lhe pareceu irrevogavelmente distante: Harriet, seus filhos, a transação da qual fora

encarregado pelo sr. Q. Tudo tão longe que nem sequer reconhecia como coisas suas. Sentia naquele momento como era fácil que um homem deixasse a própria vida escapar, separando-se dela do eu por milhares de quilômetros de espaço vazio.

À luz contida que antecede a aurora, Dexter se vestiu, fechou a mala e trancou sem ruído o quarto do hotel. Caminhou até a estação debaixo de cabos telefônicos pendentes e sinais de tráfego que balançavam ao vento, e comprou uma passagem para o próximo trem. Ia na direção errada, para Cincinatti, mas embarcou assim mesmo. Tinha deixado uma nota de vinte dólares na mesa de cabeceira, gesto do qual se arrependeu no momento em que chegou à rua e que ainda lhe causava remorso. Aquela mulher não era uma prostituta. Era alguém como ele.

Quando chegou a St. Louis, quase dois dias depois do programado, encontrou telegramas urgentes de Harriet: Phillip quase tinha morrido de apendicite. O atraso fez com que Dexter se desencontrasse do correspondente do sr. Q.; a viagem tinha sido em vão. Alegou uma febre súbita: delírio no trem, inconsciência, remoção para um hospital. O tipo de história que se pode usar uma vez na vida, a longa distância, se ninguém tiver motivo para duvidar. No fim das contas, concluiu mais adiante, não estava muito longe da verdade.

★ ★ ★

Ao volante dos carros, fuzileiros esperavam no acesso circular à entrada da residência do comandante para conduzir os convidados até o portão antes da troca de turno. Dos píeres, navios os contemplavam sem expressão. Bitsy tinha decidido passar a noite em Sutton Place, o que significava que Dexter estava livre dela, graças a Deus. Claro, George e Regina moravam a poucas portas do velho — o que podia ser muito conveniente. “Você está igual ao Henry”, tinha dito Bitsy. E talvez fosse verdade.

Tabby queria ir para Sutton Place para começar os preparativos do Dia do Ação de Graças, que ocorreria no dia seguinte. Dexter concordou de imediato e deu-lhe um beijo de despedida. O flerte entre ela e Grady lhe parecia agora tão inocente — e até salutar, comparado com o que tinha acabado de presenciar — que lhe despertava inclusive certa ternura.

De pé sozinho do lado de fora do portão da Sands Street, Dexter sentiu necessidade de se aliviar do peso de sua descoberta. Decidiu telefonar para Harriet antes de seguir de carro até a boate e entrou no Richard’s Bar and Grill, que ficava logo na esquina. Um marinheiro não parava de enfiar moedas de cinco centavos no telefone, procurando companhia para a noite. Dexter ficou fazendo hora, olhando para fora por uma das vitrines do bar. De repente, uma volumosa massa humana começou a despejar-se dos portões: milhares de homens em uniformes de trabalho e, ocasionalmente, uma ou outra mulher de

vestido. A multidão tomava de assalto a Sands Street como torcedores deixando o Ebbets Field depois de um jogo. Dexter, invisível, ficou só observando, invejando a camaradagem que unia aquela massa. Trabalhavam no esforço de guerra. Essa consciência era perceptível na postura confortável e relaxada com que caminhavam. Talvez pressentissem o futuro reluzente que o velho tinha descrito no almoço e percebessem o papel que desempenhavam em sua chegada.

Com a mesma rapidez com que se acumulara, a multidão se dispersou. O marinheiro tinha desaparecido, o telefone estava liberado. Mas a vontade que Dexter sentira de ligar para a mulher tinha passado. Harriet era uma mulher tranquila — na época em que ele contrabandeava rum, ela se abaixava no carro dele, aos risinhos, enquanto trocas de tiros ocorriam do lado de fora. Mas contar a história de Bitsy e George para ela a forçaria a guardar um segredo monstruoso ou passar adiante tal veneno. Não. Dividir isso com Harriet era exatamente a coisa errada a fazer. No que ele estava pensando? Seria melhor não contar nada para ninguém, deixar que aquele caso seguisse seu curso e esperar que acabasse logo, sem muitas perdas ou cortes bruscos em quaisquer dos lados. Dexter estava bastante acostumado a guardar segredos.

A noite caía no momento em que saiu do bar. Quando estava chegando a seu carro, uma garota que conhecia passou pela calçada, caminhando depressa na direção oposta.

— Srta. Feeney! — chamou.

Era a garota que ele tinha procurado, a que contara a ele sobre o trabalho feminino no Arsenal de Marinha.

Ela se virou com um ar de espanto.

— Dexter Styles — disse ele. — Está indo trabalhar?

— Não — respondeu ela, finalmente sorrindo. — Hoje eu doeí sangue, fui dispensada mais cedo.

— Posso levá-la para casa?

Estava ansioso pela companhia dela.

Anna olhou para Dexter Styles. Tinha pensado nele tantas vezes desde o último encontro que ele lhe parecia estranhamente familiar, impregnado de uma importância misteriosa. Estava parado ao lado de seu carro de gângster.

— Obrigada, mas preciso conversar com meu supervisor — falou.

Anna sentiu-se grata por ter uma desculpa que, por acaso, era verdadeira. Pretendia conversar com o sr. Voss sobre sua ideia de se apresentar como voluntária para o curso de mergulho. Tinha esperado até a hora da troca de turno.

— De nada. Boa noite, srta. Feeney.

Quando ele encostou a ponta de um dedo na aba do chapéu, Anna se viu tomada por uma vontade súbita e visceral de não perdê-lo de vista.

— Seria possível aceitar sua oferta de carona em algum outro momento? — retomou bruscamente.

Dexter quase gemeu alto. Ser dono de um automóvel em perfeito estado e fazer questão de dirigi-lo implicava em, volta e meia, ser convocado a prestar favores. Já tinha levado ao dentista o filho de um vizinho com dor de dente; tinha levado Heels até uma farmácia 24 horas quando a mãe dele precisara de comprimidos para pressão alta. Quando lhe pediam alguma coisa, achava difícil recusar; para se safar, precisava evitar o pedido em primeiro lugar.

— Mas é claro, terei o maior prazer, se nos encontrarmos uma próxima vez — respondeu, preparando-se para abrir sua porta.

— É que minha irmã não está bem. E eu prometi levá-la até a praia.

— Melhor esperar a primavera, se ela está adoentada.

— Não está doente. Ela é inválida. Um rapaz da vizinhança a carrega no colo para descer as escadas.

Inválida. Rapaz. Escadas. Dexter sentiu que os elementos daquela história lúgubre se assentavam à sua volta como pedras caídas das alturas. A srta. Feeney usava um sobretudo de lã comum, puído nos punhos. Era uma fraqueza que ele tinha, aquela sensibilidade ao infortúnio alheio.

— Quando a senhorita pretende fazer o passeio? — perguntou ele em tom cansado.

— Domingo. Qualquer domingo. É meu dia de folga.

A mãe vinha passando os domingos fora de casa, deixando-a sozinha com Lydia.

A mente de Dexter já fazia seus cálculos: se ajudasse a inválida em vez de ir à igreja, evitaria o novo padre (que vinha insistindo com ele por dinheiro para o conserto dos bancos) e ainda conseguiria chegar em casa a tempo do almoço. E ajudar uma inválida podia ser a opção perfeita para lembrar a seus filhos mimados como eram pessoas de sorte.

— Que tal no domingo que vem? — sugeriu ele. — Antes que o inverno comece.

— Perfeito! — respondeu ela. — Nós não temos telefone, mas, se o senhor me disser a que horas vai passar, posso chamar o rapaz para descer com ela.

— Srta. Feeney — disse ele em tom de censura, e ficou esperando.

Ela ergueu os olhos para Dexter, mas havia a luz do lampião por trás, o que deixava seu rosto na sombra.

— Eu lhe pareço alguém que precisaria da ajuda de um rapaz para carregar sua irmã escada abaixo?

ONZE

— Então a senhorita está interessada — disse o tenente Axel.

Ergueu os olhos para Anna, de pé diante da sua mesa. Não tinha se levantado em momento algum, nem mesmo quando um fuzileiro abriu a porta para admiti-la em sua sala.

— Sim, senhor — respondeu ela. — Extremamente interessada.

— E o que faz a senhorita pensar que o mergulho pode ser *interessante*?

Ela hesitou, sem saber ao certo o que dizer.

— Costumo observar os mergulhadores na barça — explicou. — Do Píer C. Na hora do almoço. E no fim do meu turno.

Anna fazia uma pausa depois de cada frase, esperando algum sinal de que ele tivesse entendido.

— A senhorita fica olhando os mergulhadores na hora do almoço — disse ele, finalmente.

Como não era uma pergunta e as palavras dela soavam quase ridículas na voz do tenente Axel, Anna não disse nada. No meio do silêncio, percebeu que olhava para ele de uma perspectiva elevada. Talvez o tenente tivesse sentido a mesma coisa, pois se pôs de pé em dado momento: era um sujeito baixinho, mas de peito largo, com um uniforme naval e um rosto ao mesmo tempo marcado pelo tempo e estranhamente juvenil, sem qualquer vestígio de barba.

— Se me permite perguntar, srta. Kerrigan, de quem foi essa ideia?

— Minha. Totalmente minha.

— Totalmente sua. Mas não foi isso que fez o comandante em pessoa me telefonar ontem, pedindo que eu conversasse com a senhorita.

— Meu supervisor, o sr. Voss...

— Ah. O seu supervisor. O sr... Voss.

O tenente pronunciou o nome como se fosse o último naco de carne que arrancava de um osso. Em seguida, sorriu.

— E imagino que ele esteja tão desejoso de agradar a senhorita quanto a senhorita se sente ansiosa por agradá-lo.

O tom de zombaria atingiu Anna de surpresa, mas a brutalidade do insulto levou mais tempo para produzir efeito, como uma queimadura. O tenente lhe pareceu desequilibrado. Percebeu que um silêncio nada natural vibrava ao redor dos dois naquele pequeno recinto e se perguntou se o homem não estaria se exibindo para alguma plateia oculta.

Em tom gélido, declarou:

— As pessoas que querem mergulhar precisam se submeter a algum teste?

— Nenhum teste. Basta vestir o escafandro. Vamos ver se o tamanho serve.

— Em mim?

— Não, naquele esquimó ali ao lado.

O sr. Voss tinha tentado dissuadi-la.

— Eles não gostaram da ideia — dissera depois da conversa telefônica com o comandante. — Acho que sua conversa não vai ser agradável.

E Anna tinha imaginado, estupidamente, que o sr. Voss estivesse apenas resistente a abrir mão de seus serviços.

Seguiu o tenente por um corredor cheio de portas sugestivamente entreabertas até o lado de fora. A Unidade 569 encaixava-se como uma cunha no muro externo do Arsenal, a oeste das carreiras de construção, uma parte do estaleiro que ela nunca havia visto, nem de bicicleta. A fábrica da Edison ficava diretamente acima, suas cinco chaminés cuspidando uma fumaça de aparência úmida.

O tenente Axel seguiu à frente de Anna até um banco na extremidade do píer da West Street, onde havia um traje de mergulho dobrado. Seu volume e sua rigidez produziam a ilusão de que tinha alguma consciência, como uma pessoa com o corpo encolhido. Anna se animou ao vê-lo.

— O sr. Greer e o sr. Katz serão os seus assistentes — disse o tenente Axel.

Ele indicou dois homens parados ali perto com um ar de indiferença ensaiada. Provavelmente tinham se deslocado às pressas do local de onde acompanharam a entrevista em segredo, conseguindo chegar ao píer antes do tenente.

— Senhores, a srta. Kerrigan tem *interesse* em mergulhar. Por favor, ajudem a moça a vestir o traje.

O comando soou perfeitamente direto, mas a maneira como aqueles termos foram pronunciados — assistentes, traje — fez Anna duvidar se seriam mesmo autênticos, ou se tinham sido forjados só para deixá-la confusa. Ficou aliviada quando o tenente Axel voltou para dentro do prédio.

— Vamos colocar o traje por cima da roupa que você está usando, querida — disse o homem chamado Greer, um sujeito magro e de queixo pequeno, com os cabelos ralos e uma aliança na mão esquerda. — Tire só os sapatos.

O outro homem, Katz, tinha um ar fanfarrão.

— Este aqui é número um? — perguntou ele enquanto seguravam o traje na frente de Anna, agora só de meias nos pés. — Olha só, Greer, ela usa o mesmo número que você.

Greer revirou os olhos. A lona emborrachada emanava um cheiro amadeirado e certa acidez terrosa que lembrou a Anna a fazenda de seus avós em Minnesota. Ela entrou pelo colarinho largo de borracha preta e enfiou os pés pelas pernas rígidas do traje até chegar às partes que lembravam meias, na extremidade inferior. Para isso, precisou apoiar-se nos dois homens, com uma certa falta de jeito que Katz e Greer pareciam considerar natural. Os dois ergueram o colarinho de borracha até a altura dos ombros de Anna, que

enfiou os braços pelas mangas, presas nas extremidades a luvas com três dedos. Afivelaram correias de couro em torno dos seus pulsos.

— Melhor apertar mais as correias — observou Katz. — Os pulsos dela são tão finos que as luvas podem se desprender. Se bem que você consegue manobrar bem, não é, Greer? Mesmo com as suas mãozinhas de mulher.

— O sr. Katz tem muito orgulho da estatura dele — disse Greer a Anna em tom conspiratório. — Assim ele não se sente tão mal por ter sido considerado incapaz para o serviço militar.

Anna ficou horrorizada, mas Katz só hesitou um segundo.

— Greer só diz isso porque tem inveja do meu queixo.

— Mas mesmo com todo esse queixo ele não consegue encontrar uma garota que tope se casar com ele — retorquiu Greer.

— Se você visse como Greer é dominado pela mulher, entenderia por que eu não tenho a menor pressa de me casar.

Anna tentou manter um ar animado em meio a essa troca de alfinetadas, mas os dois homens mal notaram. Agora estavam por trás dela, apertando os cordões que corriam pela parte traseira das pernas do traje.

— Por que você foi considerado incapaz, por falar nisso? — perguntou Greer a Katz.

— Tímpano estourado. Um professor me deu um tapa na orelha no segundo ano.

— Quer dizer que desde então você já falava demais?

— Que horror — disse Anna, mas sentiu imediatamente que não devia ter falado porque, pela primeira vez, Katz pareceu encabulado.

— É uma vantagem para um mergulhador — comentou ele depois de algum tempo. — A pressão não me incomoda desse lado.

Guiaram os pés de Anna para dentro dos “sapatos”: blocos de madeira, metal e couro. Havia certa intimidade no desembaraço dos dois; Katz chegou a ficar de quatro para atar as fivelas de um dos sapatos.

— Os sapatos pesam quinze quilos — disse a Anna. — O traje completo pesa noventa. Você pesa quanto?

— Não me admira você não conseguir arranjar uma garota — murmurou Greer, balançando a cabeça.

— Mais ou menos a metade disso, imagino — prosseguiu Katz, ignorando o parceiro. — Só para lhe dar uma ideia, eu peso quase 110 quilos, e mal consigo andar com esse traje.

— Você é muito desequilibrado — observou Greer. — Deve ser o tal furo no tímpano.

— A verdade é que eu peso mais de 45 quilos — afirmou Anna.

A informação, no entanto, pareceu desnecessária, e mais uma vez ela se arrependeu de ter falado. Estava sentada. Os homens passaram um peitoral de cobre por cima da sua cabeça, e suas bordas pontiagudas se enterraram no tecido macio entre os seus ombros e o pescoço.

— Caramba — comentou Greer. — Nós não pusemos...

Um sorriso maldoso cintilou no rosto de Katz.

— O que foi que não pusemos?

— Você sabe... — respondeu Greer, corando até a raiz dos poucos cabelos.

— Deixe disso, Katz. Tenha dó.

— Ah, a almofada dos frouxos — falou Katz finalmente. — Tem razão, a gente esqueceu. É uma espécie de forro — explicou, falando na direção de Anna, mas sem chegar a olhar em seus olhos — que serve de apoio para essas bordas duras do peitoral. Bastante necessário por causa da gola e do capacete; os dois juntos passam de 25 quilos.

Anna não tinha a menor intenção de pedir para usar uma almofada para frouxos — pelo menos não enquanto chamassem isso por aquele nome. A cabeça calva de Greer tinha adquirido um tom escarlate. E agora os homens lutavam para dobrar o colarinho de borracha do traje de lona por cima da couraça peitoral, encaixando uma série de buracos na borracha do colarinho em longos pinos de cobre. Quando cada um dos buracos de borracha estava encaixado no pino correspondente, puseram uma arruela de cobre em cada um, finalizando com borboletas. Apertaram os parafusos com chaves soquete tipo T, Greer na frente de Anna, Katz por trás, relatando o passo a passo um ao outro à medida que se deslocavam em torno do colarinho. Por fim, a borracha formava um selo perfeito entre o cobre e a lona.

— Agora o cinto — disse Katz com um sorriso. — Trinta e oito quilos.

Do cinto, pendiam blocos de chumbo. Prenderam-no ao redor dos quadris de Anna enquanto ela ainda estava sentada e o afivelaram em suas costas. Depois, cruzaram duas correias de couro em seu peito e as ergueram até acima dos seus ombros.

— Levante-se e dobre o corpo para a frente, para podermos completar o equipamento — orientou Katz.

Levantar tinha se tornado bem difícil, com o peso adicional da couraça peitoral e do cinto. Anna se inclinou para a frente, sentindo o incômodo das correias que passavam entre suas pernas e apertavam sua virilha. Não sabia se era assim mesmo ou se os dois tinham inventado aquele ajuste só para humilhá-la. Greer evitava os olhos dela desde que tinha invocado a almofada para frouxos.

— Pode se sentar — falou Katz. — Está na hora do capacete.

De perto, o capacete esférico de metal lembrava mais uma junta hidráulica ou uma peça mecânica do que um equipamento para humanos. Anna sentiu uma onda de dúvida quando Katz e Greer, cada um segurando de um lado, ergueram o capacete por cima da sua cabeça. Logo se viu aprisionada ali dentro, envolta por um cheiro úmido e metálico que era quase uma espécie de sabor. Os dois enroscaram a base do capacete na couraça peitoral, como uma lâmpada num bocal. Anna sentiu um peso esmagador através das bordas duras do colarinho e se contorceu sob o impacto, tentando deslocar o corpo ou o

peso de lugar. Ouviu duas pancadas no alto do capacete, e a viseira redonda que havia bem em frente ao seu rosto se abriu, dando entrada a uma rajada de ar fresco. Greer apareceu.

— Se você ficar tonta, precisa nos dizer — avisou ele.

— Estou bem.

— De pé — pediu Katz.

Anna tentou obedecer, mas o peitoral, o capacete e o cinto de chumbo a mantiveram pregada no banco. A única maneira de se levantar era aplicar toda a sua força contra os dois pontos em que a couraça se enterrava em seus ombros, o que Anna fez, com a sensação de ter a carne perfurada por pregos. A dor fez seus olhos perderem o foco, e o peso quase a fez dobrar os joelhos, mas ela se forçou a se manter ereta, cada instante demandando uma nova negociação com o próprio corpo para saber se ele aguentaria aquele peso mais um segundo. Sim. E sim. De novo, sim. Sim, sim, sim.

Katz olhou para ela através da viseira do capacete. Anna percebeu uma fina cicatriz branca que dividia em dois o lado direito do seu lábio superior e sentiu por ele um impulso de ódio que vinha da dor terrível em seus ombros. Katz estava se divertindo.

— Ande — disse ele.

— Ela vai desmaiar.

— Pois bem.

— Eu não desmaio — garantiu Anna. — Eu nunca desmaiei na minha vida.

Equilibrando o peso do capacete naqueles dois pontos mortificados de dor, Anna deu um passo, arrastando um dos sapatos pelo chão de tijolos como se a perna estivesse presa a pesadas correntes. Depois, mais um passo. O suor lhe encharcava a cabeça. Noventa quilos. O capacete e a gola pesavam 25, os sapatos uns quinze, o cinto, 38. Ou seriam quinze cada sapato, num total de trinta?

Mais um passo. E mais outro. Anna foi arrastando os sapatos sem ter a menor ideia do rumo que seguia, ou por quê. A dor impedia qualquer consideração.

Alguém encostou um objeto em suas luvas de três dedos.

— Desamarre isso aqui.

— Enquanto eu ando? — gritou ela.

Greer apareceu à frente da viseira.

— Pode parar de andar — disse em tom gentil.

Parecia preocupado; Anna imaginou que a expressão em seu rosto devia estar muito tensa. Ela ergueu o objeto para poder vê-lo: uma corda, com um nó elaborado. Ela reajustou as mãos nas luvas de três dedos — o mínimo e o anelar em um dos espaços, o indicador e o médio no segundo, e o polegar no terceiro —, e puxou o nó com as pontas dos dez dedos.

Na parte interna das luvas, quente e úmida, seus dedos exploraram os

contornos do nó, e Anna teve a súbita impressão de que a dor em seus ombros lhe dava uma trégua. Em todo nó sempre há uma área que cede a uma pressão mais forte e constante. Anna fechou os olhos, recebendo das mãos impressões puramente táteis e que pareciam existir de maneira independente. Era como atravessar uma parede e descobrir uma câmara secreta logo além. Sentia as fraquezas do nó, como se fossem um amassado leve e incipiente numa maçã, e ali aplicava a força dos dedos. Desatar um nó sempre parecia impossível até se tornar inevitável; era algo que Anna sabia depois de muitos anos de barbantes emaranhados e brincadeiras de cama de gato, cadarços de sapato, cordas de pular e estilingues — coisas que as crianças da sua vizinhança sempre lhe traziam para desembaraçar. O nó ainda lhe opôs uma última resistência, com uma relutância em ceder que o fez parecer quase dotado de vida própria. Mas em seguida se rendeu, deixando-a com as pontas soltas nas mãos.

Anna estendeu as pontas e alguém as pegou. Katz olhou para ela pela viseira do capacete. Anna esperava alguma hostilidade, mas ele falou com uma admiração evidente.

— Muito bem.

Mais surpreendente do que sua admiração palpável foi a onda de orgulho que Anna sentiu; no fim das contas, sua ideia não era derrotar Katz, mas deixá-lo impressionado.

Desenroscaram o capacete e o ergueram dos seus ombros, seguido do cinto e da couraça peitoral. Liberada de todo o peso, Anna sentiu-se flutuar, quase levantar voo. E sua animação contagiou os dois assistentes, como se o sucesso dela se devesse também a eles — ou a deixasse num plano mais próximo do que aquele que ocupavam. Ajudaram-na a tirar os sapatos, o cinto e o traje com a mesma animação inicial. Mas se antes estavam se divertindo à custa dela, agora compartilhavam com ela a mesma alegria. Dali a pouco, Anna estava só de macacão no cais, como no início. E a noite tinha caído sem que ela percebesse.

— Você vai contar a ele? — perguntou Greer a Katz.

— Será que ele vai pôr a culpa em nós dois?

— Vai pôr a culpa em alguém.

— Então vai você — determinou Katz. — Ele gosta mais de você.

— É o que acontece com a maioria das pessoas — respondeu Greer, piscando um olho para Anna.

Com uma expressão de dor, o tenente Axel escutou o relato de Greer sobre o desempenho de Anna antes de dispensá-lo de sua sala em tom brusco. Greer fez um arremedo de continência para Anna, incluindo-a em alguma conspiração.

— Sente-se, srta. Kerrigan — ordenou o tenente.

A leveza invencível que Anna sentia tornava difícil parar de sorrir, mas conseguiu controlar seu impulso, determinada a não parecer convencida. O tenente ficou olhando para ela por algum tempo, tamborilando os dedos no

tampo da mesa.

— A senhorita conseguiu vestir o traje — disse ele, usando um tom conciliatório que deixou Anna preocupada. — Mas mergulhar é coisa muito diferente.

— O senhor disse que o único teste era esse.

Ele respirou fundo, com uma expressão paciente.

— Deslocar-se debaixo d'água é extremamente penoso para o corpo humano. Entendo que não seja fácil de imaginar; a pessoa vê as ondas, a espuma do mar. A pessoa gosta de nadar. Mas, no fundo, é muito diferente. A água é pesada. A pressão desse peso às vezes é imensa. Não fazemos ideia de como um corpo de mulher poderá reagir.

— Eu quero tentar — determinou ela, com a boca seca de uma hora para outra.

— A senhorita é forte, srta. Kerrigan, isso ficou provado. Mas, em sua consciência, não posso permitir que a senhorita mergulhe, permissão que eu não daria à minha própria filha.

Ele se mostrava protetor, compassivo e emocional, totalmente diferente do homem dissimulado que a tinha recebido. Mas Anna preferia o primeiro. Com aquele parecia ter pelo menos alguma chance.

— Deixe-me tentar — repetiu ela. — Se não der certo, aí saberemos com certeza.

— A senhorita já viu uma pessoa afetada por embolia gasosa? Sabe o que é? — perguntou o tenente, inclinando-se para a frente como se lhe fizesse uma confidência. — As bolhas de nitrogênio que se formam no sangue do mergulhador precisam encontrar um modo de sair, então tentam atravessar os tecidos moles ao seu redor. O sujeito começa a sangrar pelos olhos, pelo nariz e pelos ouvidos. Ou já viu alguém vitimado pela pressão? Todo o corpo do mergulhador, e me refiro a um homem inteiro, é esmagado pela pressão do oceano até caber todo só no capacete que a senhorita experimentou. Assim, quando a senhorita fala em *não dar certo*, deve levar em conta que o erro na superfície não é o mesmo a quinze metros de profundidade.

— Mas são coisas que podem acontecer com qualquer pessoa que cometa um erro — retrucou Anna. — Não só com mulheres — acrescentou, mas sentia-se desestimulada por uma sensação de fracasso antecipado.

O tenente sorriu: dentes brancos e pele bronzeada, sem barba.

— Eu gostei da senhorita. É corajosa e motivada. Meu conselho é que volte para o seu trabalho anterior no Arsenal de Marinha, seja ele qual for, e dê tudo o que pode. Ajude a Marinha a ganhar a guerra, para que o desfecho não nos condene a comer *schnitzel* e polvo seco todo domingo.

E desferiu um tapa no tampo da mesa, acreditando que tinha dado a última palavra. Mas Anna foi incapaz de se mover. Estava muito perto. Tinha desatado o nó! O tempo pareceu dilatar, dando-lhe a possibilidade de examinar cada alternativa possível e avaliar seus resultados. Uma reação de

raiva deixaria o tenente revoltado; lágrimas poderiam despertar alguma compaixão, mas demonstrariam fraqueza; uma tentativa de flerte a levaria de volta ao ponto de partida.

Ele estava esperando que ela fosse embora.

— Tenente Axel — prosseguiu ela, por fim, em tom neutro e inexpressivo. — Eu fiz tudo o que o senhor me pediu para fazer. Como pode me dispensar depois disso? O senhor não tem nenhum argumento para me recusar.

— Já que a senhorita prefere falar francamente, srta. Kerrigan, sou levado a admitir que nunca houve a menor possibilidade de a senhorita virar mergulhadora.

Nenhum sinal do adulator paternalista. O tenente usava agora um tom direto, sem qualquer disfarce, muito parecido com o da própria Anna.

— O seu sr. Voss deve estar cego de amor para achar que eu deixaria uma garota mergulhar. Eu disse ao comandante, quando ele me telefonou, que não havia a menor possibilidade. Falei apenas que a deixaria vestir o traje, dando-lhe uma chance de entender por si mesma.

— Mas eu consegui vestir o traje. Andei pelo píer. E desatei o nó.

— E admito que me surpreendeu. Mas mergulhar nunca foi uma possibilidade, e continua não sendo. Sinto muito. Posso imaginar que deve ser frustrante. Mas são os fatos.

Trocaram um olhar por cima da mesa de trabalho, em estado de perfeito entendimento. Anna ficou de pé.

Viu-se de volta do lado de fora da Unidade 569, sem qualquer lembrança de ter vestido o sobretudo ou de ter se despedido ou não de Katz e Greer. No escuro, começou a longa caminhada de volta até o portão da Sands Street. Um vento frio dispersou a lembrança da embriaguez de prazer que sentira com seu triunfo. Passou pelas carreiras de construção, onde aglomerados de lâmpadas elétricas iluminavam com brilho intenso os cascos de navio ali contidos.

A resposta tinha sido não.

Nunca em sua vida Anna fora barrada por um preconceito tão flagrante. *São os fatos*, disse o tenente, mas não havia fato algum. Enquanto caminhava, a decepção e o desânimo que Anna sentia foram endurecendo até formarem uma resistência pétrea, sentimento que lembrava o ódio que Katz lhe inspirara mais cedo. O tenente não ia derrotá-la; ela é que iria triunfar. Ele era o inimigo. E agora Anna tinha a impressão de que sempre estivera à procura de um.

Imaginou um nó em suas mãos, um emaranhado concreto de cordas. Havia sempre um ponto fraco, era só questão de encontrá-lo.

São os fatos.

Mas não havia fatos. Havia apenas ele. Um homem. Que nem sequer tinha barba.

DOZE

Nos quatro dias que transcorreram entre concordar em levar a irmã inválida da srta. Feeney de carro até a praia e a manhã de domingo para a qual tinham marcado o passeio, o pouquíssimo entusiasmo de Dexter pela aventura esgotou-se por completo. Não tinha como levar seus filhos. No jantar do Dia de Ação de Graças, Beth Berringer comunicara à família o plano de irem juntos no domingo à igreja de Santa Monica, na York Avenue, como um prelúdio para uma jornada de trabalho voluntário para a Bundles for Britain. Essa ideia de enviar roupas para as tropas por meio de trabalho voluntário tinha sido de uma jovem da Park Avenue; Dexter nem lhe dera muita atenção, considerando que era coisa da alta sociedade disfarçada de contribuição para o esforço de guerra, o que vinha sendo uma coisa comum.

O velho lhe pareceu tão ansioso quanto ele para evitar aquele ritual e convidou Dexter para um almoço e um jogo de bilhar no Knickerbocker Club. Era um convite tentador, tanto pelo lindo mural que se via no bar quanto pelos olhares de espanto que despertariam nos puritanos que os reconhecessem. Se a srta. Feeney tivesse um telefone, ele teria desmarcado o compromisso, uma primeira iniciativa para fazê-lo desaparecer. Mas ela não tinha, e, com o feriado, uma carta poderia não chegar a tempo. A única alternativa seria não aparecer, mas Dexter podia ser tudo, menos um sujeito sem palavra. Então, disse ao sogro que tinha prometido levar a irmã inválida de uma funcionária até a praia na manhã de domingo e jurou ir a seu encontro no clube assim que voltasse do passeio.

Portanto: não estaria com Tabby. Nem com os gêmeos, ou Harriet. Um dia ameno, de calor incomum para o final de novembro, o que eliminava o mau tempo como desculpa. A rua da srta. Feeney era bem como ele esperava, com crianças fervilhando em torno do Cadillac antes mesmo que ele estacionasse. Não deviam ver um Series 62 com muita frequência, se é que já tinham visto algum. Descendo do carro, Dexter firmou o chapéu na cabeça e olhou para cima, semicerrando os olhos devido à claridade. A mão que apareceu acenando para ele de uma janela alta liquidou sua última esperança: a de que a própria srta. Feeney tivesse esquecido o compromisso.

Atravessou o portão da frente, que rangeu ao abrir, entrando em um vestíbulo que ainda recendia aos peixes de sexta-feira. Tudo naquele lugar lhe parecia familiar; acima de tudo, o eco dos próprios passos nos degraus da escada. Meu Deus, quantos andares seriam? Era uma barbaridade, uma pessoa inválida morar em um andar tão alto.

O apartamento era pequeno, abarrotado, abafado. Todas as superfícies emanavam feminilidade, até os lambris baratos. Perfume, cabelos de mulher, unhas, regras mensais — tudo aquilo o encerrava em uma nuvem íntima e lasciva que o deixou com a cabeça girando. E foi quase uma surpresa deparar-se com a srta. Feeney, com suas sobranceiras arqueadas e seu aperto de mão masculino, de pé no meio de todo aquele miasma feminil. Ela parecia não ter nada a ver com aquilo tudo.

Ela o conduziu além da cozinha sombria até a sala, onde estavam expostas todas as coisas bonitas que sua família tinha conseguido conservar, apesar da Depressão. Não era muito. Um vitral com a imagem de São Patrício banindo as serpentes, um leque de plumas pregado à parede ao lado de um calendário com uma foto das quintuplas Dionne. Vários retângulos vazios onde quadros tinham sido removidos dos seus ganchos. Ele quase lhe perguntou por quê, mas a resposta se revelava naquela densa atmosfera feminina: não havia homem na casa. Morto ou desaparecido. O mais provável é que tivesse deixado a família, a julgar pelos espaços vazios na parede. Todo mundo tendia a conservar alguma lembrança dos mortos.

Os gritos das crianças na rua se misturavam ao tique-taque de um velho relógio de parede com anjos dourados na base, atrasado em vinte minutos. O tesouro da casa: a coisa que todos correriam para salvar em caso de incêndio. Como a sineta da mãe dele. “Vá ver se a minha sineta está no lugar”, dizia ela, e Dexter ia correndo buscá-la, segurando o badalo na volta. Ela a tinha trazido da Polônia, e sua sonoridade de prata evocava as descrições que ela fazia da sua infância: igrejas, nevascas, patinação à noite na superfície congelada dos lagos. O pão quente sendo retirado de fornos rubros de calor. Ele não costumava pensar na mãe. Aquele apartamento, o som de seus passos na escada tinham despertado aquelas memórias. Ou talvez a presença de uma inválida.

— Onde está a sua irmã? — perguntou ele.

Ela o levou até um quarto onde duas camas estreitas mal cabiam. A cortina da única janela estava fechada. Uma garota linda estava deitada em uma das camas, transmitindo uma lassidão erótica; os cabelos muito claros derramados refletiam a meia-luz como o brilho de moedas espalhadas. A visão deixou Dexter desconcertado. Ele se aproximou, piscando muito para dissipar a sensação, e viu que a expressão dela era a de alguém muito assustado ou agonizante. Os membros da jovem estavam em convulsão: o descontrole era permanente. Ela usava um vestido de veludo azul, calçava meias de lã, e parecia adormecida. Dexter imaginou o esforço para vesti-la, e ficou aliviado por ter cumprido sua promessa de aparecer.

— Ela tem uma aparência... boa — comentou ele, sentindo que precisava dizer alguma coisa.

— Não é mesmo?

A irmã contemplava com tamanho amor e orgulho a criatura malformada diante deles que Dexter ficou na dúvida se fazia bem em tomar parte na dor

daquela família. Mas não tinha sido escolha dele. Ela é que tinha planejado o passeio.

— Então. E agora? — perguntou ele, ansioso por entrar em movimento.

— Vou buscar nossos sobretudos.

Ele quase saiu do quarto atrás dela, de tão relutante em ficar sozinho com a inválida. Foi até a janela e levantou a cortina para ver se estava tudo bem com o Cadillac. Em seguida, olhou para a cama, tranquilizado ao ver que a garota deitada continuava com os olhos fechados. Pensou no pai, o sr. Feeney, obrigado a lidar com aquela filha dia após dia. A agonia que devia sentir. Naqueles lindos cabelos, a sugestão do que ela poderia ter sido. Seria por isso que ele tinha ido embora — se é que tinha ido embora? Dexter gostava de irlandeses, sentia-se atraído por eles, embora de vez em quando se mostrassem indignos de confiança. E nem tanto pela natureza dissimulada, mas por uma fraqueza constitucional que podia dever-se ao álcool, ou que os induzia a beber. Um irlandês era ótimo para ajudar você a traçar planos, mas, no fim das contas, para pô-los em prática, você precisava de um carcamano, de um judeu ou de um polaco.

A srta. Feeney retornou, debruçou-se sobre a cama e acomodou os membros inválidos da irmã num sobretudo azul-marinho de corte elegante. A facilidade com que se desincumbiu da tarefa deixou claro que dedicava muito tempo a cuidar da irmã. Desde sempre, imaginou Dexter.

Ele levantou a inválida da cama e a acomodou em seus braços. Só quando sentiu o cheiro dela foi que percebeu quanto vinha temendo aquele aroma, antecipando o cheiro rançoso dos corpos confinados a cômodos sem ventilação. Mas ela tinha um aroma fresco e até agradável, na versão floral que impregnava cremes e xampus femininos. Tinha o cheiro de uma garota que tomara banho naquela manhã, estendendo os pés para fora da espuma a fim de raspar as pernas. Protegeu a cabeça dela para não se chocar contra o batente da porta e conduziu-a até a sala, seus cabelos louros espalhados por sobre as mangas do seu casaco.

— Como ela se chama? — perguntou ele.

— Desculpe, ela se chama Lydia. Lydia, este é o sr. Styles. Ele teve a gentileza de se oferecer para nos levar até a praia.

Não exatamente, Dexter pensou, permitindo-se um sorriso malicioso enquanto a seguia até a porta de entrada, carregando sua irmã nos braços. Ao espiar Lydia, reparou nos olhos dela muito abertos, fixados nele. Aquela interação o afetou fisicamente, como se um par de mãos tivesse agarrado seu rosto. Os olhos dela eram de um azul luminoso e não piscavam, como os olhos das bonecas com que Tabby costumava brincar.

Enquanto descia, Dexter contemplou as paredes manchadas, usando os pés para avaliar as curvas da escada. Era uma tarefa estranha.

— Ela está muito calma — admirou-se a irmã saudável, seguindo atrás dele com uma cadeira de rodas dobrada que parecia mais pesada do que a garota.

— Ela sempre chora e se debate quando desce carregada por Silvio.

— Que orgulho.

Do lado de fora, Anna cumprimentou uma ou duas das crianças pelo nome. Ele deslocou o peso da inválida nos braços e começou a abrir a porta do banco traseiro, mas a irmã se apressou a dizer:

— Preferimos ir na frente, se não se incomodar.

— Atrás é mais espaçoso.

— Eu quero que ela aprecie a vista.

— Como quiser.

A pressa dela o tinha contagiado, e ele deu a volta para abrir a porta do carona. Ela entrou, e Dexter depositou a inválida em seu colo com o maior cuidado. Ficavam apertadas, mesmo no banco dianteiro de um Series 62. Só quando ele fechou a porta foi que percebeu quanto preferia o refúgio do papel de motorista em relação ao de acompanhante das garotas.

Uma boa ação não precisa de motivos. Era assim que o pai de Dexter o tranquilizava quando ele resistia, encabulado, a carregar um prato cheio de sobras de almôndegas para os sem-teto e os vagabundos que infestavam as residências precárias próximas ao seu restaurante. Dexter murmurou a frase para si mesmo enquanto acomodava no porta-malas do carro a pesada cadeira de rodas. *Uma boa ação não precisa de motivos.*

Dirigiu para longe das crianças e da rua e tomou de volta o caminho para Flatbush, animado pela ideia de que, naquele ritmo, não teria muito problema para chegar ao Knickerbocker Club a tempo de almoçar. Ouviu murmúrios a seu lado no banco.

— Ela fala?

— Antigamente, sim. Não falava, mas repetia as coisas.

— Mas isso é falar, não é? Até que ponto ela entende?

— Não sabemos direito.

Nós. Ela e a mãe, possivelmente; de que outra maneira a irmã saudável podia ter um emprego no Arsenal de Marinha e ainda ir à Moonshine depois? Uma inválida como aquela garota requeria cuidados constantes e normalmente estaria internada, acreditava ele. Ao se lembrar da pressa de Anna na calçada, conteve a custo o impulso de lhe perguntar se a mãe estava a par do passeio. Mas não era da sua conta. Não pretendia aprofundar nem mais um pouco seu envolvimento com aquela família.

Rumo à Ocean Avenue, passaram pela Grand Army Plaza e pelo Prospect Park. A mãe de Dexter persistia nos pensamentos dele, como se relutasse em ir embora após ser convocada pela sineta. Houve um tempo em que ela era saudável, antes que o irmão de Dexter nascesse morto, quando ele próprio tinha sete anos. Aquilo tinha abalado o coração da sua mãe, e algo que antes era sólido tinha adquirido uma terrível fragilidade dentro dela: um relógio feito de açúcar. E essa fragilidade interior a distinguia das outras mães, cujos muitos filhos barulhentos inúmeras vezes eram ignorados ou esbofeteados com

as costas da mão. Ela iria deixá-lo antes da hora: esse era o segredo que os dois fingiam desconhecer. Ela se afastou do restaurante que o marido tinha inaugurado — um estabelecimento próprio, finalmente — e dedicava-se a Dexter por inteiro. Passava dormindo a maior parte do tempo. O despertar da mãe coincidia à hora do almoço de Dexter; o dia dela começava com o som dos sapatos do filho nos degraus da escada, subindo os quatro andares até o apartamento onde moravam. Outras crianças, ao chegar em casa, encontravam pão, presunto e leite à sua espera, mas Dexter consumia uma refeição inteira que seu pai tinha trazido do restaurante na noite anterior, aquecida no forno. A mãe o recebia bem-disposta e cheia de perguntas, rindo e cobrindo-o de beijos até a hora em que ele precisava retornar à escola, momento em que ela voltava a se recolher ao seu quartinho, revestido de almofadas que o marido tinha feito especialmente para ela, e lá se dedicava a renovar as forças para quando o filho regressasse.

Dexter a adorara em um grau inédito entre os meninos da vizinhança. Ela podia desaparecer a qualquer momento, mas estava presente o tempo todo: uma combinação irresistível de inatingibilidade e presença plena. Como ela conseguia? Algum feitiço? Pó de pirlimpimpim? Mais tarde, o pai de Dexter contaria a ele que, segundo os médicos, o coração dela não aguentaria nem mais um ano depois do parto do filho natimorto. Ainda assim, seis anos mais tarde, quando Dexter chegou aos treze, ela ainda estava presente. Ele começou a se irritar com suas atenções e sempre adiava a volta para casa, jogando beisebol de rua até depois de escurecer. Roubava maçãs, balas de hortelã e bastões de giz: pequenas transgressões que ele temia que a mãe percebesse no momento em que envolvia com as mãos delicadas seu rosto de menino marcado pela culpa. As forças dela declinavam com uma velocidade implacável que parecia retroativa, como se o relógio feito de açúcar já tivesse derretido muito antes e só agora o corpo dela desse por sua falta.

— Eu não cheguei a lhe perguntar. Aonde exatamente estamos indo? — quis saber Anna ao final de um longo silêncio.

— Praia de Manhattan. É um bairro perto de Coney Island, só que mais limpo, mais privativo. Minha casa fica bem perto do mar. Na verdade, você pode instalar a sua irmã na minha varanda de trás e nem sujar os pés de areia.

— Ótima ideia.

Anna se esforçava para manter um tom leve. Voltar àquela praia acrescentava uma pressão insuportável à questão que a afligia desde que marcaram aquele passeio, quatro dias antes: devia revelar a Dexter Styles a ligação que existia entre eles dois? No último minuto, tinha decidido que não; seu objetivo era coletar, e não vaziar, informações. Às pressas, tinha removido da parede da sala as fotografias de sua mãe e de Brianne vestidas de bailarinas, além do retrato dos pais no dia do casamento e de uma foto do filme *Quando voam as balas*, em que Brianne aparece encolhida numa porta, parcialmente encoberta pela sombra de um homem.

Ainda assim, ser levada de carro por Dexter Styles até o mesmo lugar onde o tinha conhecido anos antes envolvia uma dissimulação extrema demais para ela. Queria contar-lhe tudo, falar abertamente do assunto. Mas não podia; tinha medo de revelar a verdade. O que desejava era já ter contado tudo.

Apertou o corpo delgado de Lydia contra o seu, com as mãos pousadas nas costelas da irmã, onde sentia as batidas do seu coração. Lydia estava com os olhos bem abertos. Dava a impressão de contemplar, pela janela, as árvores cinzentas e eriçadas do Prospect Park. Anna sentia quanto a irmã estava alerta, o que lhe despertava um frêmito de antecipação. Iam ver o mar! Iam ver o mar juntas! Tinha feito o pedido a Dexter Styles sem pensar duas vezes, lançando mão da primeira desculpa que lhe ocorreu só para garantir a companhia dele. Mas agora estavam a caminho, com a mãe e Brianne fora de casa o dia inteiro para fazer compras, almoçar no restaurante Schrafft's e assistir à matinê do musical *Star and Garter*. Anna sentia que tinha criado uma ocasião especial. E não queria pôr aquele momento em risco, o que significava não revelar quem era antes do fim do dia.

— A senhorita gosta de trabalhar no Arsenal de Marinha? — perguntou o sr. Styles. — E o que faz lá, exatamente?

— Confiro as medidas de pecinhas miúdas usadas nos navios.

Anna continuou a falar, sentindo que a cada palavra corria o risco de rebentar sob a pressão de tudo o que não dizia. Mas Styles lhe pareceu interessado, ou talvez só estivesse cansado de dirigir em silêncio. Quanto mais ela falava, mais a conversa lhe parecia natural. Falou de quanto detestava passar o dia tirando medidas e que tinha planos de se tornar mergulhadora. Finalmente, incentivada pelas perguntas dele, acabou contando toda a entrevista com o tenente Axel na tarde anterior.

— Que cretino — disse Dexter, em tom de revolta genuína. — Que bando de idiotas. Devia tê-los mandado para o inferno.

— Mas aí eu não conseguiria o emprego.

— Dane-se a droga desse emprego. Venha trabalhar para mim.

Anna ficou muito quieta, os braços em torno de Lydia, que parecia também atenta.

— Deixar o Arsenal de Marinha?

— Por que não? Posso pagar mais do que eles.

— Ganho 42 dólares por semana, sem contar as horas extras.

Ele ficou impressionado.

— Posso pagar a mesma coisa.

Anna sentiu uma proximidade súbita e inexplicável com seu pai. Não que tenha imaginado exatamente a figura dele, pois não conseguia mais evocar sua imagem. Era mais como se estivesse chegando a uma estação onde sabia que ele estivera antes e tentasse adivinhar em que trem teria embarcado. Pela primeira vez em muitos anos, sentiu o ar afetado por uma leve vibração provocada por vestígios de seu pai.

— E o que fazem as pessoas que trabalham para o senhor? — perguntou ela, em tom cauteloso.

— Bom, eu tenho muitos negócios. Um deles a senhorita já viu, a boate, e tenho outras casas noturnas, aqui e em outras cidades. Além de outros negócios... ligados a esses. Funcionam através deles, por assim dizer.

— Entendi — afirmou Anna, mesmo sem entender.

— Nem tudo é propriamente legal, no sentido estrito da palavra. Para mim, cabe a cada um decidir por conta própria de que maneira quer se divertir, e não ficar limitado ao que a lei permite. A senhorita pode não concordar, claro. Nem todo mundo tem estômago para esse tipo de coisa.

— Eu tenho estômago forte — retrucou Anna.

Sentia-se como Alice no País das Maravilhas, atravessando portas cada vez menores, sem a menor ideia de onde iria parar.

— Foi por isso que lhe fiz a proposta. E a oferta continua de pé. Se um dia ficar interessada, contrato você.

★ ★ ★

Nas memórias de Anna, a casa do sr. Styles parecia um castelo erguido em um rochedo cercado de neve, perto do mar. O que viu quando ele estacionou o carro foi um trecho de rua ladeado de casas afastadas umas das outras — majestosas, sim, mas não muito mais do que casas que já tinha visto nos arredores do Brooklyn College, por exemplo. Sentiu uma pontada de decepção.

— Vou trazer a cadeira — falou ele.

O carro balançou quando ele tirou a cadeira de rodas do porta-malas.

— Chegamos, Liddy. Estamos bem perto do mar — disse Anna baixinho.

A porta do carro se escancarou, e o sr. Styles pegou Lydia nos braços. Anna desceu do carro. Ao final da rua, debaixo do amplo céu cinzento, pressentiu o oceano como a uma pessoa adormecida. O vento arrancou os grampos dos seus cabelos, que caíram tilintando no asfalto. Carregando a cadeira, seguiu o sr. Styles até a casa dele. Com Lydia ainda nos braços, ele girou a maçaneta e empurrou a porta.

A inválida recostava-se imóvel em seu colo enquanto a irmã abria e preparava a cadeira de rodas no saguão da frente. Dexter já estava se acostumando com a contorção do rosto de Lydia, seus olhos que nunca piscavam. Quando a cadeira estava pronta, acomodou Lydia no assento, e Anna a prendeu no lugar com cintos e correias. Havia um apoio alto em forma de U para sustentar sua cabeça em posição ereta. As mãos de Lydia estavam encolhidas, dobradas nos pulsos; ele conteve um forte impulso de forçá-las à posição normal.

— Como ela ficou assim? — perguntou ele.

- Quando nasceu.
- Estou perguntando qual foi a causa.
- Falta de ar.
- Mas por quê? Por que faltou ar?

Dexter não conseguia reprimir sua impaciência. Problemas que não podia solucionar sempre o deixavam irritado.

- Ninguém sabe.
- Alguém deve saber. Pode ter certeza disso. Ela deve ter um médico.
- O mesmo, há muitos anos.

Anna estava fazendo exatamente o que ele sentira vontade de fazer: com gestos firmes e suaves ao mesmo tempo, endireitava os pulsos retorcidos de Lydia, o suficiente para amarrá-los à cadeira.

- E ele ajuda sua irmã? Esse médico.
- A doença dela não tem cura.
- Que tipo de médico aceita uma paciente que só piora?
- Acho que ele nos faz sentir melhor.
- Emprego fácil, o dele — murmurou ele.

Percebeu o sobressalto de Anna. Devia ser uma discussão antiga.

- Podemos sair com ela?
- Claro, claro — respondeu ele. — A varanda fica bem ali.

Ele a conduziu até a sala de estar, na direção da porta da varanda. Além das janelas, o mar se revelava como uma superfície cinzenta, iridescente e totalmente plana. Parecia calmo, mas, no momento em que ele abriu a porta, foram todos surpreendidos pelo vento forte. A inválida sacudiu-se na cadeira, como se tivesse levado uma bofetada.

— Está frio demais! — exclamou Anna, consternada. — Eu não agasalhei minha irmã o suficiente.

- Calma. Temos muitas mantas.

Mas ele não sabia ao certo onde Milda as guardava. Como sempre, ela fora passar o domingo com a família no Harlem, de onde voltaria a tempo de lhes servir o café da manhã na segunda-feira. Enquanto Dexter abria armários e revirava gavetas à procura de mantas, teve um momento de gratidão por sua família não estar em casa. A situação era muito dolorosa, e Lydia, perturbadora demais. Preferia não expor seus filhos à presença dela.

Não sabia da existência de uma rouparia no segundo piso da casa, mas era lá que ela ficava, com várias mantas bem dobradas. Viu o enorme pelego que George Porter tinha lhes trazido de presente de uma viagem de caça à Lapônia. Pegou o pelego e outras quatro mantas, e desceu às pressas a escada. Ele e Anna começaram a cobrir Lydia com elas, deixando-as bem justas. O gorro que ela usava era risível de tão insuficiente, então Dexter enrolou uma das mantas menores em torno dos ombros da garota e usou o pelego para cobrir-lhe a cabeça, mesmo que por cima do gorro. Para tanto, precisou afastar a cabeça dela do apoio e segurá-la nas mãos. Tinha o peso surpreendente de

todas as cabeças, com os cabelos impossivelmente macios sobre o crânio irregular e coberto de protuberâncias. Ao segurar a cabeça de Lydia, Dexter sentiu a parte dentro de si que vinha agindo a contragosto — irritada, ansiosa por acabar logo com aquilo — se acalmar de uma hora para outra. Concentrou-se no projeto de proporcionar àquela pobre criatura uma boa experiência com o mar. Compreendeu a importância do momento, a singularidade da tarefa. Foi um alívio.

Quando Lydia ficou devidamente embrulhada, Anna voltou a empurrar a cadeira até a varanda. Os olhos da irmã se arregalaram à primeira rajada de vento. Anna se abaixou para ficar com a cabeça no mesmo nível da dela e olhou para a frente, nivelando o olhar ao da irmã. Só enxergou água e céu. Não se via o ponto em que o oceano chegava à areia; a barreira de pedra e concreto à frente delas impedia a vista. Em outras palavras, não viam a praia.

— Sr. Styles, eu queria levar a minha irmã até a areia, se o senhor não se incomodar. Pode deixar, eu vou sozinha.

— Bobagem. Existe um caminho calçado, ao pé desses degraus, que leva a uma praia privativa.

Cada um segurou de um lado da cadeira de Lydia e a carregaram escada abaixo. Era um caminho de cascalho prensado, largo e bem conservado, a ponto de Anna conseguir empurrar a cadeira por ele sem dificuldade. Sua irmã estava de olhos fechados — talvez tivesse adormecido. Anna se perguntou se, depois de tanto esforço, Lydia chegaria a conseguir ver a praia ou se iria se refugiar, a partir daquele momento, no limbo entorpecido onde passava parte grande do seu tempo. Sentiu uma pontada de frustração: o desejo de que sua irmã fosse capaz de mais, de ser mais.

O fim do caminho e a areia eram separados por alguns passos. Dexter levantou a cadeira e a carregou, enchendo o peito com o ar da praia a cada passada. A cadeira era pesada, difícil de carregar com Lydia instalada nela, mas ele gostava de por à prova sua musculatura. A areia tinha o branco-acinzentado de um osso. E deu a impressão de abocanhar a base das rodas quando a cadeira pousou.

— Eu seguro do outro lado — disse ela, embora não desse a impressão de ser capaz de carregá-la por um trecho muito longo da areia.

A água ainda estava a alguma distância. Mas ela conseguiu. E Dexter ficou impressionado com a força física dela.

Anna lhe pediu que esperasse e tirou os sapatos, dispondo-os lado a lado na areia. O gorro que usava era inútil, e ela o deixou preso debaixo dos sapatos. Com gestos rápidos, trançou os cabelos e enfiou a trança no colarinho de seu sobretudo. Quando retomaram a caminhada, ela sentia o frio e as arestas dos grãos de areia através das meias. O vento insistia em fustigá-los, como se os desafiasse a continuar por sua conta e risco.

Pararam mais uma vez, para descansar. Dexter enrolou o pelego de carneiro com mais firmeza em torno do rosto de Lydia, deixando apenas os olhos da

menina expostos ao vento. Estavam abertos, mas tinham uma expressão vazia, como as janelas de uma casa abandonada.

Finalmente, pousaram a cadeira nas proximidades da água. Ofegante devido ao esforço, Anna encostou a cabeça na da irmã e ficou acompanhando todo o processo de formação de uma onda comprida, que se elevou até ficar translúcida antes de se precipitar com uma cambalhota e desfazer-se em bolhas que avançaram na direção dos três pela areia, quase chegando às rodas da cadeira. Mais uma onda se formou, estendeu-se para os lados e se ergueu, com uma faixa prateada a percorrer sua superfície na parte atingida pela fraca luz do sol. Estranho, belo e violento, o mar: queria que Lydia visse isso. Espalhava-se por todo o mundo, uma extensão reluzente que encerrava muitos mistérios. Anna abraçou a irmã.

— Liddy — disse ela, falando junto aos cobertores na direção onde julgou que se encontrava o ouvido da irmã. — Está vendo o mar? Está ouvindo? Está bem à sua frente, é a sua chance. Agora, Liddy. Agora!

Amar o mar o mar

Benassafrente. Liddy! Liddy!

Tauvindo?

xaxa xaxa xaxa o mar

— Veja aquele navio — disse o sr. Styles, apontando para a água. — Olhe como é grande.

Ainda abraçada à irmã, Anna olhou. Viu os rebocadores e os batelões de sempre, e alguns cargueiros e navios-tanques que lhe pareciam parados. E, além deles, com um tamanho tal que seus olhos não registraram em um primeiro momento, um navio gigantesco, cinza-claro, ultrapassando a Breezy Point a uma velocidade extraordinária. Anna tinha certeza de que não estava ali um minuto antes.

— Que navio é esse? — perguntou ela.

— Transporte de tropas. Navio de passageiros. Pelo que me parece, é o *Queen Mary*. Pintaram tudo de cinza e lotaram o barco de soldados. O navio comporta quinze mil passageiros, uma divisão inteira.

Ele tinha o atravessado o Atlântico no *Queen Mary* com Harriet depois do casamento, navegando até Southampton em três dias ao encontro do velho, cuja tia, Lady Hewitt, criava cavalos de corrida em Kent. Dexter tinha viajado com a missão de conquistar a bênção da velha tia, o que conseguiu.

— Ele é rápido demais para andar em comboio — continuou Dexter, embora desconfiasse de que ela sabia dessas coisas, pois trabalhava no Arsenal de Marinha. Mas ele queria explicar, falar sobre o imenso transatlântico enquanto ainda estava visível. — Os comboios precisam navegar à velocidade do navio mais lento, ou seja, onze nós, se incluir um navio da categoria Liberty, ou mais devagar ainda, se houver algum outro movido a carvão. Mas o *Queen Mary* alcança trinta nós. Por isso, ganhou o apelido de Fantasma Cinzento. Não tem como ser alcançado pelos submarinos inimigos.

Ele sentiu uma estranha atração pelo navio, como se desejasse também estar a bordo. Mas não assim, repleto de soldados. Antes da guerra? Mas tampouco era isso. Talvez cheio de soldados, no fim das contas.

— Algum dos seus negócios tem a ver com o esforço de guerra? — perguntou ela, depois que o navio desapareceu de vista.

— Se formos levar em conta a diversão dos militares, e algum alívio para a dor do racionamento, estamos contribuindo um bocado.

Ela riu.

— O senhor é um aproveitador — comentou ela, aparentemente sem julgá-lo, mas ele não gostou da palavra.

— Prefiro “fornecedor de apoio moral”. Eu mantenho as pessoas animadas, apesar da guerra.

— Mas gostaria de fazer mais?

Parecia uma dessas coisas extremamente raras: uma pergunta autêntica, feita por pura curiosidade, sem qualquer outra intenção. Estava aprumada, com as mãos nos ombros da irmã, olhando fixamente para ele por baixo daquelas sobranceiras arqueadas. Tinha um olhar límpido e brilhante.

— Sim, gostaria. Gostaria sim.

E teve a impressão nítida de que já tinha esse desejo havia muito tempo. E que estava impaciente por não o ter realizado.

Anna sentiu um abalo debaixo de suas mãos, como o de uma gaveta bruscamente fechada. Alarmada, olhou para o rosto de Lydia e viu os olhos da irmã bem abertos, registrando o sobe e desce das ondas.

— Liddy! — clamou Anna. — Você sabe onde está?

Amar o mar o mar o mar o mar

— Ela está falando! — exclamou Anna. — Escute só!

Dexter tinha se esquecido de Lydia por um momento, absorto com a pergunta da irmã sobre o esforço de guerra. E agora tornara a olhar para Lydia. Só com os olhos azuis visíveis em meio ao pelego, de onde poucas mechas de cabelo escapavam, ela parecia uma beldade envolta em um véu, uma mulher misteriosa. Ele se inclinou para perto dela e a ouviu murmurar através da lã.

— Eu senti que ela estava acordando. Teve um sobressalto, como se alguém a tivesse sacudido — disse Anna.

Dexter lançou um olhar às ondulações prateadas do oceano. O vento açoitava seu sobretudo, e gaivotas grasnavam acima dele.

— Aqui é lindo. Não admira que ela esteja prestando atenção. Todo mundo devia ver isso, pelo menos uma vez na vida — afirmou ele.

— Eu também acho.

Eu queria trazer você pra ver o mar. O mar o mar o mar o
seráquístáquecida?

Pássaro cráá cráá cresc crá sabe o que são pássaros, lembra dos passarinhos que voanajanela, lembra?

Cráá cráá Pássaro

O vento está aumentando.

Dá para perceber que ela está vendo tudo

Ah sim, está vendo. Ela riu, um minuto atrás

falafalamingo. Flamingo. Passarinho cráá cráá.

Beijo

Ah, Liddy!

Beijo

Minha querida, faz tanto tempo que vosnãfal. Olha só, ela me dá um beijo quando eu afasto a manta.

Elabeijaeija.

É um beijo. Viu?

Acho que sim. Coitadinha.

Ela tem lábios muito macios.

Anna

Escute, ela está falando. Está tentando falar. Estar ao livre faz muito bem a ela.

Anna Papai Mamãe Liddy

Ela está falando com você. Está olhando para você.

Ela não faz ideia de quem eu sou. Deve estar se perguntando quem é o desconhecido.

Quenhé Desconcido Papai

— Obrigada por nos trazer aqui, sr. Styles — declarou Anna, em um arrebatamento súbito. Levar as duas juntas até a praia, ninguém jamais tinha feito aquilo. — Obrigada por nos trazer. Ficamos muitíssimo agradecidas.

Ela segurou as mãos dele e se ergueu na ponta dos pés para beijar seu rosto. Mas só alcançou o queixo.

— Não foi nada — murmurou ele, sentindo uma comoção inesperada.

A mudança na garota inválida tinha sido extraordinária. Ele a encontrara largada e quase inconsciente, como se tivesse despencado das alturas, mas agora ela se mantinha sentada por conta própria, sustentando a cabeça sem recorrer ao apoio da cadeira. O pelego caiu do seu rosto enquanto ela contemplava o mar, com os lábios em movimento, parecendo uma criatura mítica cujas imprecações fossem capazes de invocar tempestades e deuses alados, os olhos azuis e brilhantes fixados na eternidade.

Ele tinha perdido a noção do tempo. Meio-dia e meia. Não tão tarde quanto temia, mas tarde demais para encontrar o velho. Enfim. Nem lhe causava tanta frustração, e era um alívio não ter de correr para nenhum outro lugar. Continuou de pé ao lado das garotas, olhando o mar. Um panorama que nunca se repetia, não quando você observava com atenção. Boa ideia trazer a pobre menina até a praia. Fazia bem a qualquer um respirar aquele ar.

Beija Anna

Passarinho cráá cráá

Ver asondas xaxa xaxa xaxa

Veromaveromar

Beija Anna

Passa rinho azul Shh

Respira

Faaaaaaaah laaaaaaaah

Veromaveromaroma omar vero

Eu não quero... quando ela vai podedenovo

Papai

Quenhelé Desconcido

Beija Anna

Beija Liddy

Papai Quenhelé desconcido

Com medo de ir embora ela pode

Xaxa xaxa xaxa

Não tem pressa. Podem ficar quanto quiserem.

PARTE QUATRO

A escuridão

TREZE

A mãe de Anna chegou da sua expedição dominical no final da tarde. Abriu a porta de supetão e correu visivelmente alarmada até Lydia, o que não deixava dúvida de que tinha sido informada, ao longo dos cinco andares de escada acima, sobre o carro, sobre o desconhecido e sobre a ausência prolongada. Lydia estava sentada junto à janela, olhando para um passarinho na escada de incêndio. Virou-se para a mãe e sorriu.

— Meu Deus! — exclamou a mãe, lançando os braços em volta dela. — Onde você levou a sua irmã?

— Olha — disse Anna.

A admiração da mãe com a mudança em Lydia tornou mais fácil para Anna contar a ela — como quem vai tirando aos poucos os itens de uma cesta de piquenique — as inverdades que tinha passado toda a viagem de volta organizando com grande cuidado: que seu supervisor, o sr. Voss, tinha aparecido para lhe fazer uma visita inesperada, de carro. Que tinha levado as duas para um passeio até o Prospect Park, onde Lydia (muito bem agasalhada, é claro) tinha ficado sentada ao ar livre. E então um floreio, acrescentado de improviso: o sr. Voss tinha uma irmã na mesma condição de Lydia! E por isso viera visitá-la, e por isso Anna tinha permitido que ele a carregasse escada abaixo.

— Está frio demais para um passeio no parque — afirmou a mãe, encostando a mão na testa de Lydia. — Mas ela está parecendo bastante alerta.

— Pode ser que goste do frio.

O olhar de Lydia extravasava perspicácia — ela percebia as mentiras que Anna dizia naquele momento, e sabia também que Anna não tinha cumprido a decisão de revelar ao sr. Styles a conexão entre eles. Durante a viagem de volta de Praia de Manhattan, ele tinha sintonizado o rádio no noticiário. E a notícia do naufrágio da frota francesa em Toulon foi abafada pela de um incêndio horrível na noite anterior, em uma boate de Boston, a Cocomat Grove, depois que uma palmeira artificial pegou fogo. O sr. Styles parecia já saber do desastre, mas os detalhes o deixaram agitado: trezentos mortos, centenas de feridos nos hospitais. Tudo resultado do pânico das coristas e dos fregueses que tentaram forçar as portas trancadas.

— Idiotas — murmurou ele. — Criminosos. Meu Deus, quem precisa dos alemães quando nós mesmos estamos queimando vivos americanos como nós?

— Era uma das suas? — perguntou Anna.

Ele respondeu com um olhar mortífero.

— Nunca morreram numa boate minha.

Depois de carregar Lydia de volta até o apartamento, ele parecia com pressa para ir embora. E por isso Anna não disse nada a respeito do pai. Não se arrependia, e até se orgulhava, na verdade, por não ter revelado coisa alguma. Ainda assim, Lydia não tirava os olhos dela. Não ficava constrangida como as outras pessoas; Anna que desviasse os olhos. E finalmente ela o fez, esperando que a irmã perdesse a concentração. Quando olhou de novo, Lydia mantinha o olhar fixo nela.

Na segunda e na terça-feira, enquanto Anna estava no trabalho, Silvio carregou Lydia escada abaixo e sua mãe a empurrou na cadeira até o Prospect Park, na ida e na volta: uma jornada de horas naquele tempo frio e ventoso, ela contou. À noite, Lydia não parava de falar em passarinhos, beijos, Anna e mamãe.

— Ela fica falando do mar — explicou a mãe. — Fico me perguntando o que ela quer dizer.

Anna e Lydia trocaram um sorriso.

Na quarta-feira, Anna voltou do trabalho e encontrou a mãe e Brianne tomando *highballs* na sala com um homem chamado Walter Lipp, que Brianne apresentou como “um velho amigo”. Sua compleição amarelada e seu bigode fino lembravam Louie, o amigo de Nell que Anna conhecera na Moonshine. E ela soube que Walter Lipp tinha levado Agnes, Brianne e Lydia em seu sedã Ford até a área para piqueniques à sombra da George Washington Bridge. Lydia havia ficado ereta em sua cadeira, enrolada em casacos, acompanhando o desfile contínuo dos barcos. Tinha dado risadas, tentado falar e comido boa parte de uma batata-doce comprada em uma barraca próxima. Walter Lipp escutava com grande atenção enquanto a mãe de Anna descrevia esses acontecimentos, assentindo vez ou outra como se corroborasse o relato dela. Não exibia o ar comemorativo da maioria dos “velhos amigos” de Brianne e não terminou de beber seu drinque.

— Bem na hora — falou Brianne com um sussurro exagerado quando os passos de Walter Lipp pararam de soar na escada.

— Gostei dele — disse Agnes. — Tem um senso de humor discreto.

— É a mesma coisa que dizer *Como essa moça é interessante*.

— Por que vocês o convidaram? — perguntou Anna.

— Os melhores companheiros são os piores motoristas que existem —, explicou sua tia.

— Agora, com a guerra, ninguém consegue pneus novos, por isso todo mundo só remenda os velhos.

Walter era um homem de confiança, que jamais bateria o carro com Lydia a bordo.

Lydia se encontrava em estado de visível florescimento. Na sua cadeira, Claramente seu segundo passeio à beira-mar lhe fizera muito bem. Ficaram acordadas até tarde, as quatro, as janelas abertas para o frio de dezembro, a

cidade obscura e fumegante parecendo se mover ao ritmo da clarineta tortuosa de Benny Goodman. Lydia estava ávida por novos estímulos, isso era claro; agora, cabia a elas manter esse novo quadro. Brianne tinha outros veteranos em vista para novos passeios de carro. Conversaram sobre o que poderia acontecer se as coisas continuassem naquele ritmo: e se Lydia conseguisse aprender a andar e a falar? E se conseguisse se casar, ter filhos? Anna ficou olhando para a tia sem saber se ela realmente acreditava nessas coisas, perguntando-se em seguida a razão da própria reticência. E a resposta só lhe ocorreu aos poucos: eram ela e sua mãe quem imaginavam e elucubravam, enquanto Brianne só dizia o suficiente para manter as duas animadas. Sua tia tinha se transformado no mastro ao qual enrolavam as fitas. Ela acreditava em viver bons momentos, e todas experimentavam aquilo.

No dia seguinte Lydia retraiu-se um pouco, e Anna e a mãe concordaram que tinham permitido a ela ficar acordada até muito tarde. E isso não se repetiria! Mas quando Anna chegou do trabalho naquela noite, a irmã estava ainda mais letárgica; foi difícil convencê-la a comer alguma coisa. Não tossia, não tremia nem fungava. Não tinha febre. Estava apenas quieta, e muito distante.

— Estou com medo — admitiu a mãe. — Ela não me parece bem.

— Por que você não sai com ela amanhã?

— Fico com medo de estarmos fazendo mal a ela.

— Ela não está mal, mãe — garantiu Anna, mas uma ponta de pânico espetou seu coração.

Na manhã seguinte, Lydia custou a despertar. No Arsenal de Marinha, Anna estava ansiosa demais para sair na hora do almoço; mesmo a familiaridade perigosa das casadas lhe parecia menos ameaçadora do que comer sozinha nas sombras compridas de dezembro. Correu para casa após o expediente, em meio a preces febris para que sua mãe a recebesse com um sorriso, pois Lydia estaria de volta em sua cadeira, também sorrindo. Antes mesmo de chegar ao último lance de escada, contudo, a porta se abriu de supetão e sua mãe saiu correndo.

— Ela piorou — sibilou para Anna, apoiada no corrimão. — Não sei o que fazer!

Anna sentiu um aperto no coração, mas conseguiu responder com calma assim que entraram em casa.

— Vamos ligar para o dr. Deerwood.

— Ele não atende em domicílio no Brooklyn! — gritou a mãe com uma voz aguda.

Trêmula, Anna foi até o quarto, onde Lydia estava deitada. A mãe ainda continuou algum tempo na porta antes de se retirar. Dava para ouvir seus soluços. Anna ficou deitada ao lado de Lydia como em tantas outras noites — milhares de noites desde que eram meninas.

— Liddy — sussurrou. — Você precisa acordar.

Os olhos de Lydia se abriram pela metade. Exibiam um brilho cansado. Sua imobilidade não parecia natural, como se a respiração e os batimentos cardíacos tivessem perdido velocidade.

— Liddy — disse Anna com uma urgência abafada. — Mamãe precisa de você, eu preciso de você.

Cada palavra soava com a convicção apavorada de que aqueles problemas eram culpa dela. Sentia-se a ponto de vomitar de medo. Mas Lydia estava viva. Respirava, seu coração batia. Anna enrodilhara-se em torno da irmã e concentrou-se na vida que pulsava dentro dela, como se procurasse ancorá-la — absorvendo Lydia, ou sendo absorvida por ela. Deixou-se levar por lembranças: a fazenda dos avós em Minnesota, para onde ela e a mãe tinham levado Lydia duas vezes em verões passados, enquanto o pai delas ficava em casa. Um bando de primos tinha recuado diante de Lydia como se ela fosse alguma monstruosidade, e Anna tinha ficado isolada com a irmã enquanto os outros corriam pelo bosque, ululando como índios. Pareciam existir no plural: eram tratados como um só, levavam broncas ao mesmo tempo, eram surrados e recompensados coletivamente, e depois brigavam entre si pelo prêmio. Aproximaram-se de Lydia em bloco, analisando seus cabelos, o colarinho de renda que Anna tinha costurado no vestido dela.

— Ela *faz* alguma coisa? — perguntaram.

— Não — respondeu Anna, detestando a irmã. — Ela não faz nada.

Mas, nas semanas seguintes, uma coisa inesperada começou a acontecer: um ou outro menino foi se separando do grupo, como se fosse a primeira vez, e vinha se sentar perto de Lydia, em silêncio. Pediam para ficar mais algum tempo, e Anna começou a se sentir importante, por ser quem marcava e controlava aquelas visitas. Os meninos contavam que Lydia lhes dizia coisas: ela gostava de torta; tinha medo de aranhas; coelhos eram o bicho de que ela mais gostava. Não, cabritos. Galinhas. Cavalos. Porcos. *Ela nunca viu um porco, seu idiota!*

— Ela está com saudade de casa — disse Freddie, o menor dos meninos, depois de passar quinze minutos de mãos dadas com Lydia.

— E sente falta do quê? — perguntou Anna, esperando que Freddie respondesse: “Do pai dela.”

Mas Freddie, embora morasse a quase cem quilômetros do lago mais próximo, respondeu:

— Do mar.

Foi a primeira vez que Anna se deu conta de que sua irmã nunca tinha visto o mar.

Naquela noite, a mãe preparou um banho e Anna lavou os cabelos de Lydia. Esperavam que o prazer da água quente voltasse a despertar sua consciência, mas o resultado foi o oposto: Lydia deixou-se ficar boiando com os olhos fechados e um sorriso muito leve nos lábios. Anna teve a estranha impressão de que aquele corpo retorcido não continha mais sua irmã, ou ao

menos não em sua totalidade. Era como se Lydia tivesse começado a se dissolver no mistério onde sempre vivera em parte, como se a atração produzida por ele fosse forte demais para ela resistir.

Na manhã seguinte, Anna dormiu além da hora e precisou correr para chegar ao trabalho antes das oito da manhã. Passou o dia inteiro assombrada pela visão de Lydia imóvel na cama. Tirava as medidas de suas peças em um estado de transe que a absorvia como uma prece, medo e esperança entrelaçados em uma nuvem ardente que envolvia seu coração. *Por favor, que hoje seja um dia de mudança. Que hoje ela comece a melhorar.*

Ao chegar em casa, encontrou um sobretudo e um chapéu desconhecidos pendurados na entrada e, uma bengala apoiada na parede. Anna pousou sua bolsa, tirou seus sapatos e caminhou em silêncio até o quarto, só de meias. O dr. Deerwood estava sentado em uma das cadeiras da cozinha, bem perto da porta. A mãe estava sentada na cama de Anna. Lydia, deitada, estava com o corpo estranhamente reto. Havia um novo vazio ao redor dos seus olhos fechados. O cobertor subia e descia na altura do peito como um pêndulo de oscilação muito, muito lenta.

O dr. Deerwood levantou-se e apertou a mão de Anna. Fora da opulência do seu consultório, parecia um médico qualquer visitando um paciente em casa. Embora sua maleta preta de couro rígido estivesse fechada e nenhum procedimento propriamente médico estivesse em andamento, sua presença produzia uma sensação de ordem e segurança. A fé de Anna no médico foi instantaneamente restaurada. Nada podia dar errado enquanto o médico estivesse presente.

Ajoelhou-se no espaço estreito entre as duas camas e pousou a cabeça ao lado da de Lydia, aspirando o aroma floral do xampu da noite anterior.

— Eu nunca devia ter saído com ela — disse a mãe. — O vento estava forte demais.

— Bobagem — disse o dr. Deerwood.

— Só fez Lydia piorar.

— A senhora precisa tirar essa ideia da cabeça, sra. Kerrigan — assegurou o médico com autoridade, mas em voz baixa. — Além de equivocada, ela pode lhe fazer mal. A senhora proporcionou a Lydia mais uma experiência positiva numa vida já cheia de boas experiências.

— Como o senhor sabe? — insistiu a mãe. — Como pode saber?

— Olhem para ela — respondeu o médico.

As duas obedeceram, Anna erguendo a cabeça para contemplar a pele radiante da irmã, os ossos delicados da face, o cabelo exuberante. Seus olhos pareciam agitar-se atrás dos cílios longos, como se Lydia fitasse os presentes através do cortinado de seda de suas pálpebras.

Alguma coisa se partira na mãe. Ela curvou o corpo e começou a urrar como um animal. Anna jamais tinha escutado aquele som. Ficou apavorada, como se a mãe pudesse enlouquecer ou se jogar pela janela. Entrou em

pânico; era tudo culpa dela! Mas não. Anna não tinha feito nada de errado. Era o que o médico estava dizendo, e a presença dele confirmava as suas palavras.

O dr. Deerwood pegou as mãos da mãe de Anna com as duas mãos. Tinha mãos grandes, largas e calejadas como as de um trabalhador braçal. Anna observou-as com fascínio: como nunca tinha reparado naquelas mãos enormes?

— A senhora precisa acreditar em mim, sra. Kerrigan. A senhora fez tudo o que era possível.

— Mas não foi o suficiente — respondeu ela, chorando.

— Foi mais do que o suficiente.

As palavras do médico continuaram pairando no ar, como um eco. Mesmo quando recusou a costumeira xícara de café que se seguia a uma visita domiciliar e recolheu seu sobretudo, seu chapéu e sua bengala, Anna ali reparando no desalinho de suas sobrancelhas prateadas; mesmo quando ele apertou as mãos dela e da mãe, as duas entenderam que nunca mais voltariam a vê-lo, e o som de seus passos foi sumindo aos poucos nos andares de baixo. Quando as duas voltaram ao quarto para velar Lydia, a voz do médico ainda ressoava: *Foi mais do que o suficiente.*

A mãe exibia uma expressão oca.

— Ele nem abriu a maleta.

★ ★ ★

O velório ocorreu num domingo frio, uma semana antes do Natal. Anna sentou-se nos bancos da frente, entre Stella Iovino e Lillian Feeney; sua mãe, entre a tia Brianne e Pearl Gratzky, que se transformara mais em amiga do que patroa depois da morte do sr. Gratzky, dois anos antes. Foi Pearl quem comprou o arranjo de lírios brancos para o altar. O perfume das flores temperava o ar enquanto o padre McBride comparava Lydia a cordeiros, anjos e outras criaturas inocentes.

Um torpor misericordioso tomou conta de Anna desde a morte da irmã, permitindo-lhe cumprir as muitas tarefas logísticas que se seguiram: tirar uma licença curta no Arsenal de Marinha; organizar o velório, o enterro, e cuidar do almoço que se seguiria; comprar um caixão e uma sepultura. A questão do local para o túmulo de Lydia tinha deixado Anna e a mãe paralisadas por algum tempo. Os parentes da mãe estavam todos enterrados em Minnesota, e a ideia de Lydia sozinha lá, no meio de desconhecidos, era intolerável. Como último recurso, escolheram o cemitério de New Calvary, onde Pearl Gratzky cedeu para Lydia a sepultura que tinha comprado ao lado do marido, com espaço dos dois lados para Agnes e Anna. Pearl ficou contentíssima com esse arranjo.

— Podemos vir juntas de visita! — exclamou, com o alívio de quem

acreditava ter prolongado assim a própria estadia na terra.

Enquanto acompanhavam o caixão de Lydia da igreja ao cemitério, Anna se espantou ao se lembrar dos bancos apinhados durante a missa. Quem eram todas aquelas pessoas? Tinha esperado pouca gente: os Mucciarone, os Iovino, os Feeney. Mas havia dezenas de outros rostos, familiares embora difíceis de identificar. As velhas senhoras do prédio do outro lado da rua, que apoiavam os cotovelos em toalhas de banho para espiar tudo o que acontecia no quarteirão. Vizinhos que Anna conhecia só de trocar bom-dia. Silvio Mucciarone soluçava nos braços da mãe. O sr. White, o farmacêutico, chorava abertamente num lenço. Dezenas de mulheres erguiam o véu de seu chapéu de igreja para enxugar os olhos. Os garotos da vizinhança estavam ausentes, é claro, convocados ou alistados, e muitos pais viajavam a trabalho, como parte do esforço de guerra, ou faziam turnos extras de trabalho no domingo. De pé sob o céu cinzento, no meio de tantas mulheres, Anna começou a entender o luto coletivo: Lydia tinha sido o último ponto fixo no meio de tantas mudanças bruscas.

Brianne supervisionou o almoço do velório, arrumando as travessas cobertas trazidas pelas vizinhas e servindo quantidades fartas da cerveja e do uísque que ela própria tinha providenciado. Os convidados lotaram o apartamento, transbordaram para os corredores e pela escada abaixo, segurando a comida em guardanapos de papel que Brianne devia ter subtraído de um bar de Sheepshead Bay chamado Dizzy Swain. Cada guardanapo trazia a caricatura de um pastor: corações no lugar dos olhos, ovelhas a seus pés, um cajado numa das mãos e uma coqueteleira na outra.

Anna saiu para a escada de incêndio, acompanhada por Lillian e Stella, as três em seus sobretudos e gorros, encolhidas junto ao frio extremo da grade de ferro. Era bom estar ali, espremida entre suas velhas amigas, com quem tinha se escondido em armários e dividido o mesmo colchão nas noites quentes, quando as famílias subiam juntas ao telhado do edifício. Tinham trançado os cabelos umas das outras, aplicado permanente e usado o barbeador do sr. Iovino para se ajudarem a raspar as axilas. Lillian, cujo rosto redondo e sardento lhe dava a aparência de uma menina de catorze anos, trabalhava como estenógrafa e morava com uma tia em Manhattan. Stella, a beldade das três, tinha acabado de ficar noiva. Não parava de estender os dedos compridos para admirar o diminuto diamante em forma de gota que seu noivo lhe dera, de joelhos, antes de partir para o treinamento militar.

— Estou devendo uma carta a Seamus — disse Anna a Lillian.

— Se voltar um herói, meu irmão acha que você vai se casar com ele — comentou Lillian.

— E vou mesmo — confirmou Anna. — Faço tudo por um herói.

A sra. Feeney tinha organizado um projeto de correspondência quando Seamus se alistou, e agora Anna trocava cartas com vários rapazes da vizinhança os quais mal tinha conhecido na época que de fato moravam perto.

— Mamãe não quer que a gente fale do noivado de Stella nas cartas — contou Lillian, assumindo um jeito de falar entredentes que sempre viam no cinema e volta e meia imitavam entre si. — Para não tirar a esperança dos outros.

— Não devemos destruir os sonhos de um soldado — afirmou Anna no mesmo tom, mas sem muito ânimo.

— A verdade, meninas, é que vocês estão alimentando tanto minha vaidade que daqui a pouco ela vomita — reclamou Stella em tom arrastado, mas o clima não era para brincadeiras e todas ficaram observando a rua em silêncio.

— Alguma notícia do seu pai? — perguntou Lillian.

Anna negou com um meneio de cabeça.

— É horrível ele não saber — murmurou Stella.

— Ele deve estar morto — disse Anna.

As outras viraram-se para ela, espantadas.

— Você soube de alguma coisa? — questionou Lillian.

Anna tentou encontrar uma resposta. Mal tinha visto suas amigas nos meses desde que tinha começado a trabalhar no Arsenal de Marinha: a guerra mantinha todas muito ocupadas. Parecia impossível contar a elas sobre o encontro com Dexter Styles, ou explicar a mudança em seu modo de pensar. Eram etapas demais para contar de uma vez só.

— Mas por qual outro motivo ele deixaria de voltar? — perguntou Anna finalmente. — Como ele pode simplesmente... esquecer?

Stella pegou sua mão. Anna sentiu o frio do anel de noivado como um pedacinho de gelo contra a pele quente da amiga.

— Você quis dizer que ele está morto para você — disse Stella.

★ ★ ★

No meio da noite, a mãe de Anna a despertou.

— Nunca chegamos a conhecer o sr. Gratzky! — sibilou ela no ouvido de Anna. — *E se ele não tiver sido uma boa pessoa?*

— Ele era uma boa pessoa — respondeu Anna, tonta de sono.

— Você está acreditando na palavra de Pearl, mas nós não conhecemos o marido dela. Ele não saía da cama!

— Eu estive com ele uma vez — confessou Anna.

Sua mãe ficou atônita.

— Você esteve com o sr. Gratzky?

— E ele me mostrou o ferimento.

★ ★ ★

Na manhã seguinte, uma segunda-feira, ela se forçou a despertar em plena escuridão dos tempos de guerra. O balcão da cozinha estava coalhado de guardanapos do Dizzy Swain. Brianne tinha dormido lá, e Anna ouviu o ronco áspero vindo da cama da mãe.

Suas pernas estavam bambas e estranhas ao embarcar no bonde, mas Anna sentiu-se mais forte quando se juntou às pessoas aglomeradas diante do portão da Sands Street. O sol de inverno que se erguia e atingia seus olhos, vindo da Flushing Avenue, bem como as rajadas de brisa salgada, serviu para reanimá-la. Nunca tinha levado Lydia ao Arsenal de Marinha. Além do sr. Voss e de Rose, mais ninguém de lá sabia da existência dela.

Voltando para casa no fim daquela tarde, descobriu que sua chave não entrava na fechadura. Sua mãe abriu a porta e entregou-lhe uma chave nova com os entalhes ainda lustrosos do trabalho da lima.

— Se o seu pai por acaso voltar, não é mais bem-vindo nesta casa.

Anna ficou incrédula.

— Você está esperando que ele apareça?

— Agora não mais.

A mãe então passou os dois dias seguintes tirando todas as roupas do marido, peça por peça, do guarda-roupa e da cômoda. Os ternos elegantes que Anna tinha ajudado a cortar e ajustar, os sapatos de boa qualidade, os sobretudos, as gravatas pintadas à mão e os lenços de seda: com um gesto de desonra extrema, tudo foi dobrado e colocado em caixotes de papelão de aveia H-O e calda de chocolate da Bosco. Anna removeu um paletó de uma das caixas antes que a mãe a fechasse. Estava fora de moda, sem os ombros retos e o corte militar, tendências daqueles dias. Silvio carregou os caixotes até a igreja, para que o padre McBride doasse tudo aos pobres.

Na superfície, a vida de Anna quase não mudou. Saía para o trabalho ainda no escuro (com a mãe adormecida) e só voltava ao anoitecer. O Natal passou e chegou o ano de 1943. À noite, as duas costuravam para se ocupar: um robe com as lapelas bordadas, de presente de casamento para Stella; camisas de pagão para os filhos dos primos mais velhos de Anna — aqueles meninos rudes e enlameados da fazenda, todos agora recrutados: as esposas de alguns deles grávidas. Escutavam *Counterspy*, *Manhattan at Midnight* e *Doc Savage* no rádio. As vizinhas lhes levavam comida, que as duas aqueciam para o jantar. Essa rotina construiu uma ponte frágil e improvisada por sobre um abismo, no qual a mãe de Anna passava os dias mergulhada; tinha o ar mortiço, um torpor que Anna temia sentir também. O que a salvava era o trabalho. Tirava as medidas de suas peças em uma rotina de silêncio e recolhimento. Todos sabiam que houvera uma morte em sua família e as casadas tinham voltado a tratá-la bem. Mas o papel de irmã caçula que Anna antes ocupava não teve como ser restaurado.

Curiosamente, o apartamento parecia menor sem Lydia. Anna e a mãe colidiam em seus deslocamentos de um cômodo ao outro, dirigindo-se ao

mesmo tempo para a geladeira, a pia, a janela. Certas noites, ao chegar, Anna encontrava a mãe ainda deitada, sem sinal de ter deixado a cama para mais do que uma ida ao banheiro do corredor. Um dia, a mãe não estava em casa, e Anna percorreu cada cômodo respirando fundo, aliviada de se ver sozinha, depois culpada por ter se sentido assim. A mãe tinha ido até o telefone público que ficava na farmácia de White, telefonar para as irmãs, em Minnesota. Passou a fazer isso com frequência, colecionando moedas numa lata de café para saciar a voracidade das telefonistas.

Certa noite Anna encontrou antigos figurinos de dançarina da mãe espalhados pela cama: um saiote de plumas amarelas; um corpete com um par de asinhas verdes; um colete vermelho bordado de lantejoulas. Na noite seguinte, tudo tinha desaparecido.

— Pearl vai vender esses figurinos para mim — disse a mãe enquanto comiam os canelones da sra. Mucciarone e escutavam no rádio a série cômica *Easy Aces*. — Parece que valem alguma coisa, agora que o Ziegfeld Follies não existe mais. Talvez possam ir para algum museu — informou, dando uma risada descrente.

— Você experimentou?

— Estou gorda demais.

— Mas poderia emagrecer, se dançasse.

— Aos 41 anos? Qualquer um pode ver que estou acabada.

Anna sabia que devia se comover ao contemplar a angústia da mãe, mas a nuvem de ternura e compaixão pairava logo além do seu alcance. Preferia se conter. Sua mãe estava fraca, mas ela não. Toda manhã se apressava para o trabalho, grata pela indiferença com que era recebida nos portões da Sands Street. Tentava esquecer sua casa e tudo o que havia nela.

Em janeiro, três semanas depois do seu retorno ao trabalho, o sr. Voss chamou Anna a sua sala e perguntou se ela continuava interessada em aprender a mergulhar.

— Ora, sim — respondeu lentamente. — É claro.

O tenente Axel precisava de novos voluntários civis; muitos candidatos não tinham conseguido completar o treinamento.

— Ele se lembrou de você — disse o sr. Voss. — Você deve ter causado uma boa impressão.

— Eu me lembro dele — respondeu Anna.

Subindo as escadas algumas noites depois, sentiu cheiro de comida de verdade sendo preparada em casa pela primeira vez desde o início de dezembro. Ao abrir a porta, olhou instintivamente para as janelas da sala, onde Lydia estaria. Avistou a cadeira de rodas, dobrada e encostada na parede. O estômago de Anna se contraiu, como se tivesse recebido uma joelhada.

— Oi, mãe — cumprimentou, mas o que saiu foi um soluço.

A mãe envolveu Anna nos braços e ficaram assim por muito tempo. Tinha preparado um verdadeiro banquete: filé com purê de batatas, cenouras, vagens

e suco de toranja.

— Faz tanto tempo que a gente só come o que as vizinhas trazem que acumulamos muitos cupons do racionamento. E ainda sobrou para deixar alguns na casa dos Feeney e dos Iovino, hoje mais cedo.

— O que aconteceu, mãe?

— Vamos jantar primeiro.

Comer na cozinha aquecida deixou Anna com sono. Quando terminaram o sorvete de baunilha com cerejas em calda, a mãe pousou a colher e disse:

— Acho que está na hora de voltarmos para casa.

— Para casa...?

— Minnesota. Passar um tempo com meus pais e minhas irmãs. E os seus primos, claro.

— Na *fazenda*?

— Você tem carregado um peso enorme, Anna. E eu sou muito grata. Mas já é hora de poder se livrar dele. Vamos deixar que nossa família tome conta de nós por um tempo. Não que haja muito a fazer numa fazenda — acrescentou em voz mais baixa.

— Você detesta a fazenda!

— Isso era muito tempo atrás. E você sempre adorou.

— É claro, para passar um tempo de vez em quando, mas... não posso ir embora, mamãe — disse, abandonando a sonolência de saciedade. — Agora eles vão me deixar mergulhar.

— Eles o quê?

Só que Anna nunca tinha falado com sua mãe sobre o projeto de ser mergulhadora, para mantê-lo a salvo da fria indiferença materna.

— Eu não posso ir embora.

O surgimento daquele obstáculo, mesmo um obstáculo que não sabia identificar, provocou uma consternação imediata em sua mãe.

— Já conversei com todos — informou ela em tom agudo e claro. — Estão ansiosos para nos receber.

— Vá você. Eu fico aqui.

A mãe se levantou de um salto, derrubando a cadeira para trás.

— Fora de questão — pontuou, e Anna entendeu que o medo de uma recusa de sua parte era a razão de ser daqueles bifes e cerejas, e talvez até do prolongado abraço na chegada.

Anna por acaso já tinha ouvido falar de moças solteiras que moravam sozinhas? Sem contar, é claro, solteironas de idade como a srta. DeWitt, do segundo andar, que as crianças chamavam de bruxa? Não, nunca, porque não havia moças solteiras que morassem sozinhas — a não ser que fossem garotas de outro tipo, o que não era o caso de Anna. O que os vizinhos iriam pensar? Quem iria recebê-la ao fim do dia? Quem faria café da manhã e jantar para ela? E se um estranho entrasse no apartamento pela escada de incêndio? E se ela passasse mal, ou se machucasse? Anna respondeu lembrando que podia se

mudar para um pensionato de moças, como a própria mãe fizera ao chegar a Nova York. Sim, mas eram outros tempos; agora viviam sob ameaça de um ataque alemão, e o que Anna faria para se defender? Suponhamos que invadam pelo mar: por alguma razão não haviam fechado o porto pouco antes, ainda em novembro? Os alemães não tinham desembarcado quatro espiões na praia de Amagansett, no verão anterior? Além disso, nesses pensionatos de moças aconteciam muito mais coisas do que se imaginava.

Como sua mãe estava desesperada para ir embora, e Anna, determinada a ficar, a conclusão da conversa nunca fora um grande mistério. Anna antecipou esse resultado desde o início, o que a deixou tranquila e lhe permitiu aplacar todas as incertezas da mãe: tinha os Feeney no terceiro andar, os Iovino e os Mucciarone no mesmo quarteirão, Pearl Gratzky perto de Borough Hall, além de Lillian Feeney em Manhattan. Poderia deixar recados para tia Brianne no condomínio onde ela morava, em Sheepshead Bay. Seu supervisor, o sr. Voss, poderia acudir se ela precisasse de ajuda. O curso de mergulho a obrigaria a ficar mais tempo fora de casa; só chegaria mesmo na hora de dormir. E, de qualquer maneira, o Brooklyn estava cheio de mulheres cujos maridos tinham ido para a guerra: qual era a diferença de Anna viver sozinha?

E assim, em certa tarde de domingo ao final de janeiro, cinco semanas depois do enterro de Lydia, Anna ajudou a mãe a embarcar duas malas em um táxi. Pegaria o trem noturno Broadway Limited até Chicago e, de lá, o expresso até Minneapolis conhecido como 400 (uma cortesia extra do Rei da Lagosta), na tarde do dia seguinte.

A Pennsylvania Station fervilhava de soldados carregando sacolas de lona, todas idênticas. Anna gostou do rumor das suas vozes e do torvelinho da fumaça dos seus cigarros. Sentou-se ao lado da mãe no imenso saguão do terminal e ficou observando os pombos que batiam asas contra o teto em formato de colmeia. Havia algo que precisavam dizer uma à outra, Anna sentia, mas só lhe ocorriam coisas que ninguém precisava enunciar em voz alta. As duas ficaram ali fazendo hora, esperando a partida do trem, depois precisaram correr até o pátio, com sua corrente de vento, de onde as escadas desciam para as plataformas. Dois soldados carregavam as suas malas e Anna caminhava atrás deles com uma expectativa cada vez maior, como se ela também estivesse a ponto de embarcar. Estaria com vontade de ir também para Minnesota, no fim das contas? Não. Queria que a mãe partisse logo.

Agnes também desejava falar alguma coisa importante para a filha, motivo pelo qual havia se despedido de Pearl e Brianne na noite anterior e ido para a estação só com Anna.

— Vai ser horrível imaginar você aqui sozinha — gaguejou Agnes na plataforma.

— Não vou ficar sozinha — disse Anna, tão autossuficiente que não conseguia imaginar-se afetada pela solidão.

— Vou escrever todo dia. Amanhã ponho a primeira carta no correio,

ainda em Chicago.

— Está bem, mamãe.

— Telefone a qualquer hora; deixei a lata cheia de moedas. O telefone fica na casa principal, mas eles tocam o sino para me chamar se eu estiver em outro canto.

— Eu me lembro.

O assunto não era aquele, mas Agnes não conseguia parar.

— A sra. Mucciarone vai ter todo o prazer em cozinhar para você. Já deixei tudo pago até o fim desta semana. Você pode pegar o prato sempre que estiver chegando em casa, já a partir de amanhã.

— Ótimo, mamãe.

— Depois, devolva na manhã seguinte.

— Eu sei.

— E entregue os seus cupons de racionamento para ela.

— É claro.

— E você vai visitar Lydia?

— Todo domingo.

O apito do trem soou. Agnes sentia a impaciência da filha para vê-la partir, e aquilo a fazia fincar o pé, como se abraçar Anna com toda a força pudesse despertar nela o desejo de ficar sendo abraçada. Agnes apertou ferozmente a filha, tentando abrir à força a parte que Anna mantinha dobrada e guardada bem no fundo de si. Por um momento de ilusão chegou a imaginar que os ombros rijos que abraçava eram os de Eddie. Com aquele abraço, Agnes despedia-se de toda uma vida: marido, filha e a frágil caçula, que amava mais do que todos. Embarcou no vagão-dormitório de segunda classe e acenou para Anna da janela. O trem entrou em movimento, provocando uma revoada de braços erguidos dando adeus. E ocorreu a Agnes que aquela era a mesma estação — e talvez a mesma plataforma — à qual tinha chegado aos dezessete anos, em busca de fama e fortuna. Enquanto acenava, um pensamento lhe ocorria: “Este é o fim da história.”

O trem fez uma curva e todos os braços abaixaram como se os cordões que os mantinham suspensos tivessem sido cortados. Todos se dispersaram depressa, abrindo espaço para os novos viajantes que embarcavam no trem do outro lado da plataforma, novos familiares e pessoas próximas que vinham se despedir. Anna ficou ali parada, olhando para os trilhos vazios. Finalmente subiu os degraus até o saguão, virando-se de lado toda hora para dar passagem a soldados e famílias. Teve uma sensação inédita: não precisava estar em lugar algum. Poucos minutos antes, apressava-se como todos os que subiam ou desciam aqueles degraus, mas agora não tinha motivo para correr, nem mesmo para andar. A estranheza dessa situação ficou ainda maior quando Anna se viu de volta à 7th Avenue, parada em pleno fim de tarde, decidindo se virava à direita ou à esquerda. Para o norte ou para o sul da cidade? Tinha dinheiro na carteira; podia ir aonde quisesse. Como havia ansiado por aquela liberdade de

não se preocupar com a mãe! Ainda assim, essa liberdade parecia deixá-la frouxa, como os braços de adeus caindo flácidos depois que o trem fez a curva.

Começou a caminhar rumo ao norte, na direção da 42nd Street, decidida a assistir a um filme no New Amsterdam. *A sombra de uma dúvida* tinha começado apenas dez minutos antes de ela chegar ao cinema; poderia comprar uma entrada para a mesma sala — talvez até o mesmo assento — de onde, ainda garotinha, tinha visto sua mãe dançar. Mas Anna não queria mais assistir a um filme de suspense. Queria imitar aquilo que parecia a motivação dos outros transeuntes da 42nd Street: aglomerados de marujos às risadas; moças com os cabelos presos ou cobertos de laquê; casais mais velhos com as senhoras envoltas em peles, todos caminhando às pressas à densa meia-luz. Anna observava atentamente. Como sabiam para onde ir?

Resolveu voltar para casa. Caminhando na direção do metrô na 6th Avenue, passou por um circo de pulgas, por uma casa de *chow mein*, por um letreiro anunciando uma palestra sobre a causa da morte de Rodolfo Valentino. Aos poucos, começou a se dar conta de outras figuras solitárias paradas em entradas de edifícios e debaixo dos toldos: gente que obviamente não precisava estar em algum lugar específico. Através da vitrine da lanchonete Grant's, na esquina da 6th Avenue, viu soldados e marinheiros fazendo sua refeição sozinhos, e uma ou outra garota desacompanhada. Observou essa cena por trás do vidro enquanto, atrás dela, os jornaleiros anunciavam as manchetes dos vespertinos: “Queda de Trípoli!”; “Os russos avançam em Rostov!”; “Nazistas consideram o Reich sob ameaça!”. Para Anna, soavam como legendas que explicavam os frequentadores solitários do restaurante. A guerra tinha provocado muitas separações. Aquelas pessoas isoladas na Grant's tinham sido separadas de outras. E agora ela também estava só, separada da mãe. Sentiu como seria fácil enfiar-se em alguma reentrância da cidade semiapagada e desaparecer. A possibilidade lhe ocorreu fisicamente, como o puxão fraco, mas constante, de uma correnteza submarina. Ficou assustada e correu para a entrada do metrô.

Quando chegou às escadas da estação, porém, a curiosidade em relação a seu novo estado a impediu de descer prontamente. Continuou andando até a Quinta Avenida, onde a iluminação pública atenuada cintilava fracamente naquela caverna de sombras. A biblioteca erguia-se como um necrotério. Quando garoto, seu pai tinha acompanhado a construção daquele prédio no local onde antes houvera um reservatório. E Anna lembrou-se desse fato na voz de seu pai, que murmurou no tom muito casual que parecia ter estado sempre ali: *Gente de cartola subindo e descendo a rua... cavalos bem alimentados que recusavam a cenoura que você lhes oferecia... uma única mansão onde hoje fica todo o Hotel Plaza, você consegue imaginar?* A voz dele: de improviso, confiante, seca de cansaço e fumaça de cigarro. A voz dele no carro, mesmo quando ela não prestava atenção.

Depois de anos distante, o pai lhe retornava. Não tinha como vê-lo, mas

sentiu novamente a pressão das mãos dele em suas axilas, como quando ele erguia seu corpo do chão para carregá-la. Ouvia o tilintar abafado das moedas no bolso da calça. As mãos dele estavam sempre prontas para receber o encaixe das dela, fosse lá onde estivessem, mesmo quando Anna nem queria. Parou de andar, impressionada com a intensidade daquelas sensações. Sem pensar, ergueu os dedos diante do rosto, quase esperando sentir o aroma quente e amargo do tabaco que ele fumava.

CATORZE

Um dos aspectos estranhos da longa associação entre Dexter e o sr. Q. — quase trinta anos, a contar do momento em que, ainda rapaz, Dexter se interessara pelos capangas que frequentavam o restaurante do seu pai — era a raridade dos encontros entre os dois. Viam-se no máximo quatro vezes por ano, a menos que houvesse algum problema. Ainda assim, o sr. Q. era onipresente: o sócio passivo e principal investidor em todas as iniciativas de Dexter, o primeiro a lucrar com todas elas. O fluxo de dinheiro entre os dois era permanente e complexo. Assumia a forma de cheques legítimos e maços sem identificação que se deslocavam em ambas as direções — visto que a principal tarefa de Dexter era proteger os gigantescos ganhos ilegais do chefe frente ao apetite insaciável da Receita Federal. Ninguém tinha poder suficiente para intimidar o sr. Q., mas a força das máquinas de taxaço e auditoria era outra história. Até o grande Al Capone tinha sucumbido a elas. Aquela era a organização que acerto nenhum conseguia sobrepujar.

A julgar pelas aparências, o sr. Q. ainda vivia em uma economia agrícola que remontava ao século anterior, quando, ainda jovem, tinha desembarcado de um navio a vela e encontrado o Brooklyn fervilhando de lavouras. Fabricava vinho, conservas, leite e queijos em sua casa de Bensonhurt, e vendia seus produtos numa quitanda despretensiosa operada pelos quatro filhos, a menos de um quilômetro dali.

Dexter estacionou na porta da quitanda, como de costume nas manhãs de segunda-feira (o único dia em que acordava na mesma hora que o resto do mundo), com um talão de cheques no bolso interno do paletó e pacotes bem embrulhados de dinheiro vivo em vários outros. Uma sineta tocou quando ele abriu a porta. Frankie, o filho mais velho do sr. Q. — que aparentava cerca de sessenta anos (ninguém sabia ao certo a idade dele) —, estava sentado junto ao balcão. Como seus irmãos, Giulio, Johnny e Joey, Frankie tinha os poucos cabelos untados de muita brilhantina e um rosto desprovido de expressão. Os quatro cheiravam a cravo ou pimenta, um odor de especiarias de armazém, mas o aroma devia vir da quitanda. Dexter raramente os via fora de lá.

— Bom dia, Frankie.

— Para você também.

— Teve um bom fim de semana?

— Tive, claro.

— Fez muito frio, não foi?

— Fez sim, você tem razão.

- Sua mulher vai bem?
- Na mesma.
- E os netinhos?
- Ah, esses vão muito bem.
- Crescendo, eu imagino.
- Pode acreditar que sim.

Com variações ocasionais de temperatura, estação do ano e configuração familiar (Joey, o irmão mais novo, ainda não tinha netos), a conversa não tinha nada que a distinguisse das que Dexter mantinha toda manhã de segunda-feira com o filho do sr. Q. de serviço na quitanda. Todos eram representantes tão perfeitos do pai que a tentação era considerá-los meras extensões do velho: homens cujos movimentos eram todos controlados a distância. Ainda assim, ocasionalmente, Dexter julgava vislumbrar, na inexpressividade de seus rostos, algum repositório de lembranças, algum conhecimento, alguma inteligência própria.

Preencheu um cheque de dezoito mil dólares para o sr. Q.: seus ganhos legítimos na semana anterior. Abanando o cheque para secar a tinta, disse:

- A guerra é boa para as boates, disso não há dúvida.
- Papai vai gostar de saber disso.
- As que ficam em beira de estrada não andam tão cheias, com a escassez de gasolina. Mas as boates da cidade mais do que compensam.
- Caramba.
- Olha, gostaria de conversar com o seu pai hoje à tarde, se ele tiver um minuto disponível.
- Você sabe aonde ir.
- Passo lá por volta das três da tarde, que tal?

Esse encontro, marcado em tom tão casual que mal poderia ser chamado de reunião, era mais indissolúvel do que se tivesse sido anotado numa agenda executiva por uma secretária competente e especialista em estenografia.

Antes de se despedir, Dexter entregou discretamente a Frankie três envelopes recheados de dinheiro em espécie: os lucros não escriturados da semana. O mais grosso sempre correspondia aos proventos do jogo, trazendo por fora a marca “Nº. 1”, a lápis.

— Me diga uma coisa. Você tem visto Badger ultimamente? — perguntou, já se virando para ir embora.

- Ora, ele aparece aqui quase todo dia — disse Frankie.
- E ele tem ido bem, mesmo sendo novato na cidade e tudo o mais?
- Acho que sim — respondeu Frankie, com uma risadinha que só poderia significar que Badger vinha ganhando dinheiro.

Mas como? Batendo carteiras nos hipódromos? Porque até isso parecia além das possibilidades do rapaz. Dexter ficara surpreso quando, em outubro, Badger não retornara depois de ter sido expulso do carro por ele. Mais tarde, ficara sabendo que Badger tinha grudado em Aldo Roma, um bandido à moda

antiga subordinado ao sr. Q. e um dos chefes menores, de quem Dexter mantinha uma distância prudente e cordial.

De volta no Cadillac, a caminho da casa de Heels, Dexter começou a se preparar para a visita ao sr. Q. Outros chefes passavam os dias em clubes ou restaurantes, fofocando com seus tenentes — mas não o sr. Q. Até onde Dexter lembrava, sempre disseram que o sujeito estava acabado, que era um velho senil, em fim de linha, que passava os dias envolvido com suas sementes de pepino e andava de chinelos na boleia de uma carroça carregada de potes e mais potes de tomates em conserva. Ainda assim, os tentáculos do seu poder se estendiam de Bensonhurst a Albany e Niagara Falls, e de lá a Kansas City, Nova Orleans e Miami. O funcionamento coeso dessa máquina não era uma operação simples e demandava um esforço considerável. Ou funcionaria por conta própria? Quando — e como — o sr. Q., certamente próximo dos noventa anos, comandava as ações? Haveria alguém além dele, de quem o sr. Q. sempre tinha sido representante secreto? Como ele gastava o dinheiro que acumulava? Seria verdade que havia comprado um pequeno país na América do Sul?

Dexter tivera uma visão, o tipo de revelação que o arrebatava de tempos em tempos e que o sr. Q. sempre gostava de ouvir. A ideia lhe ocorrera na praia, de pé ao lado da garota inválida, logo depois do Dia de Ação de Graças, e desde então vinha ganhando corpo e criando ramificações: um dividendo imprevisto daquele gesto de caridade.

Heels vivia com a mãe doente na mesma casa de Dyker Heights em que tinha crescido em meio a quinquilharias, bibelôs de cristal e cortinas de renda indistinguíveis das teias de aranha que lhe serviam como extensões naturais. Era um solteirão convicto, como se dizia. Veio abrir a porta usando um robe de seda com lapelas de veludo; suas últimas mechas de cabelo louro quase branco e untadas de brilhantina desenhavam filigranas no crânio lustroso como uma peça de cerâmica. Tinha um cigarro na mão, na ponta de uma longa piteira de marfim.

— Desculpe, chefe — disse ele. — Mamãe está dando trabalho agora de manhã. Não tive tempo de me vestir.

— É da Sulka? — perguntou Dexter, referindo-se ao pijama adornado de debruns azul-turquesa que aparecia por baixo do roupão.

Heels tinha bom gosto — uma das muitas coisas de que Dexter gostava nele. Possuía vários sobretudos de vicunha.

— Sob medida — respondeu Heels. — Acho os pijamas da Sulka um pouco ásperos.

— Você é uma flor delicada — rebateu Dexter em tom seco.

— Café, chefe?

Enquanto Heels buscava o café, Dexter instalou-se em um dos sofás da sala de estar. Havia uma partitura aberta no piano de armário: Chopin. Dexter sempre tinha imaginado que era a mãe dele quem tocava, mas a mulher havia

passado as últimas semanas de cama.

— Heels — continuou Dexter quando ele voltou com o café. — Não vá me dizer que você toca Chopin.

— Só quando bebo.

Heels gerenciava o Pines pessoalmente, mas nos últimos anos tinha se tornado o encarregado geral de Dexter para todas as boates no estado de Nova York. Todo dia no meio da manhã, depois de dormirem algumas horas, os dois revisavam uma lista de problemas — ou as dores de cabeça, como Dexter as chamava em particular. Naquele dia, o primeiro problema em pauta era uma batida policial ocorrida na noite anterior na Hell's Bells, nas Flatlands. Três jogadores e um crupiê tinham sido levados para o centro de detenção; Heels estava indo pagar as fianças.

— O mesmo tenente? — perguntou Dexter.

— O mesmíssimo.

— Você conversou com ele?

— Tentei. Ele faz de conta que não entende a nossa língua.

— Está sendo pressionado ou querendo mostrar serviço?

— Acho que é o segundo caso, porque não faz nenhuma exigência. E fica falando em “limpar a casa”, “depravação moral” e “escória da terra”.

Dexter revirou os olhos.

— Irlandês?

— Sobrenome Phelan — disse Heels sorrindo, ele mesmo de sobrenome irlandês: Healey.

— Eu cuido disso — afirmou Dexter.

Os acertos com a lei eram obrigatórios, é claro, e de longe o custo mais alto dos seus empreendimentos. E se faziam necessários em todos os níveis, dos guardas de rua que gostavam de uma bebida vez ou outra ao ocasional envelope destinado aos comandantes de distrito e figuras ainda mais altas. Era nesse plano, em que o comando da polícia entrava em contato com os líderes sindicais e os políticos do estado, que os negócios de Dexter e sua vida familiar chegavam mais perto de convergir. Sem dúvida, o sangue azul e a conhecida intimidade entre seu sogro e o presidente conferiam a Dexter um grau de proteção superior ao que se comprava só com dinheiro. Em seu ramo de atividade, ele era quase tão intocável quanto qualquer um podia ser, mas sempre havia os jovens tenentes idealistas interessados em ganhar fama. A maioria podia ser dissuadida com a combinação certa de agrados e lisonjas. Já os puristas, como Phelan, acabavam transferidos para outras áreas por seus superiores.

O problema seguinte: a sra. Hugh Mackey. Ela já tinha aparecido duas vezes no Pines, acompanhada pela polícia, exigindo em altos brados uma investigação sobre o sumiço do marido.

— Pessoas desaparecem todo dia — argumentou Dexter. — Mesmo quando não tentam chantagear os antigos patrões.

— Ela garante que Mackey jamais iria embora. Marido dedicado, pai amoroso. Lágrimas.

— E o que ela quer?

— O mesmo que ele queria, na minha opinião.

— Então é fácil. É só pagar.

Um *maître* que parecia estar desfalcando o caixa da casa. Um gerente que podia estar sucumbindo às drogas. Uma briga entre as meninas que trabalhavam ao redor das mesas de jogo da Wheel, nas Palisades.

— Gritos, unhadas, puxões de cabelo — contou Heels. — Devíamos cobrar um adicional aos frequentadores.

— O motivo da briga?

— Pelo que dizem, uma roubando os jogadores da outra. Mas deve ser uma disputa pelo mesmo homem.

— Você cuida disso? — perguntou Dexter, ficando impaciente.

— Estou com uma caixa de bombons e uma garrafa de champanhe no carro. Se isso não der certo, bato a cabeça de uma na da outra.

— E o que mais?

Trinta minutos mais tarde Dexter estava de volta ao Cadillac em estado de profunda impaciência. As meninas, os capangas, as queixas da insistente sra. Mackey: tudo isso era trivial e insignificante em comparação com a visão que tivera. Queria sentir que estava progredindo, aproveitar as novas possibilidades que se apresentavam enquanto as antigas atividades perdiam a importância. Já fazia tempo que se sentia assim.

Às três da tarde, parou o Cadillac à porta de uma casa modesta de madeira amarela que, fora do eixo, apoiava-se na casa ao lado. Fazia muitos anos que o sr. Q. não acompanhava noivas ao altar ou beijava bebês de fraldas encharcadas aos berros em seus batizados. Nos tempos atuais, só saía de casa para ir à quitanda da família. Não tinha campainha na porta nem telefone, e se gabava de nunca ter enviado — nem recebido — um telegrama sequer. Se alguém quisesse falar com o sr. Q., precisava bater à sua porta e ficar esperando enquanto sua *scottish terrier*, chamada Lolly, transmitia a notícia da chegada de um visitante.

Três minutos depois que os latidos começaram, o sr. Q. abriu a porta e envolveu Dexter em seu abraço caloroso, que recendia a fruta. Era um homem volumoso e encovado ao mesmo tempo, a pele escurecida a um tom de mogno. O passar do tempo o fizera crescer de modo orgânico, mineral, como o tronco de uma árvore ou as formações de cálcio em cavernas. A fragilidade de sua idade avançada ficava evidente no esforço intenso de sua respiração difícil.

— Sente-se — sussurrou ele enquanto Lolly, sempre animada, rodeava os pés dos dois, uma fita branca presa aos pelos da cabeça. — Eu vou fazer... um café.

Com quase dezesseis anos, Dexter conseguira decifrar os sinais no

restaurante do pai com precisão suficiente para rastreá-los até aquela casa. Apresentara-se à porta do sr. Q. por iniciativa própria, como um cão sem dono. Desde a primeira visita, o ritual começava com a preparação de um café no mesmo fogareiro a carvão. A operação parecia demandar um toque mais delicado do que o das mãos desajeitadas do sr. Q., que pareciam enluvadas, mas Dexter nunca o tinha visto derramar uma gota sequer.

Por todo o intervalo de silêncio durante o qual o sr. Q. permaneceu debruçado sobre o fogareiro, Dexter (como possivelmente todos os outros visitantes) ficou olhando para fora pela janela dos fundos e procurando organizar seus pensamentos. A banheira de pedra para pássaros estava tomada pela neve da semana inteira, e os pessegueiros e as pereiras enrolados em tecido — restos de um antigo pomar — lembravam boxeadores petrificados no meio de um golpe. Tratadas com ainda mais capricho eram as seis parreiras que o sr. Q. trouxera consigo no navio para Nova York, as raízes plantadas na terra cercada de argila, cercada de lona e cercada de camadas de jornais sicilianos. As parreiras de sua juventude. Só homens que ele considerava da família tinham permissão para ajudá-lo na colheita das uvas, o que Dexter já tinha feito várias vezes. Ainda era capaz de invocar o aroma seco e ácido dos talos quando cortados, nas palmas das mãos o peso aveludado das uvas aquecidas pelo sol. A safra era simbólica; o vinho que o sr. Q. envelhecia em barris de carvalho no porão resultava de uma combinação composta, em grande parte, de uvas que comprava fora e que lhe eram entregues em caixotes.

Quando o café começou a ferver no fogareiro, o sr. Q. o serviu em duas xícaras pequenas e as levou até a mesa.

— Você está com uma cara boa — disse em voz baixa, dando um tapinha no rosto de Dexter. — Mas essa é a sorte de... ser um sujeito tão bonito. Como tem passado?

— Bem. Muito bem — respondeu Dexter.

— E está forte? Achei você forte.

— Estou. Forte.

Embora pouco mais do que um sussurro, a voz do sr. Q. soava com a força retumbante e densa de um sopro primordial. Era caloroso como um vulcão mesmo que quase nunca sorrisse, hábito que as pessoas que o cercavam tendiam a replicar na sua presença. Quando o sr. Q. fazia uma observação, ou dava ouvidos ao que alguém dizia, as palavras tornavam-se imediatamente verdade. Dexter *estava* forte. Ele sempre soubera disso, mas agora tinha uma consciência especial.

— Você é... o meu homem mais forte — comentou o sr. Q., fazendo sempre uma pausa para respirar no meio de cada frase. — Espero que você... não se incomode... de me ajudar a fazer umas conservas...

— Com todo o gosto, chefe.

Ele já tinha ajudado o sr. Q. a fazer conservas com os pêssegos colhidos no jardim. No espectro das atividades possíveis, a produção de conservas ficava a

meio caminho: era mais trabalhosa do que a colheita de verduras na estufa imensa (por aluguel ou pela força, o sr. Q. controlava os terrenos atrás de todas as casas do quarteirão, o que somava uma propriedade de uns doze mil metros quadrados), mas era preferível a usar a pá para recolher o estrume de Apple, o cavalo que puxava sua carroça. As piores tarefas envolviam a ordenha, fosse de Angelina, a vaca cujas mamas elásticas pululavam de veias e moscas, ou — pior — de suas cabras, que davam coices, mordiscavam a gravata dos ajudantes e rendiam quase nada em troca de muito sacrifício. As tarefas distribuídas pelo sr. Q. eram fonte de algumas risadas para os seus chefes, nas raras ocasiões em que se encontravam, mas todas sempre temperadas de cautela — ninguém queria rir mais do que os outros.

Hoje, a ideia era transformar em conserva as vagens amarelas da estufa.

— Experimente uma — insistiu o sr. Q. quando Dexter começou a aparar as pontas das vagens em cima de um pedaço de mármore gasto.

O gosto era mais ou menos o mesmo de todas as outras vagens, mas Dexter declarou que era sem igual, comendo-a até o fim.

— Talvez o senhor tenha ouvido falar — começou Dexter enquanto trabalhava. — Precisei dificultar um pouco as coisas para Badger uns meses atrás.

— Badger tem muita energia — o sr. Q. respirou.

— Nunca mais voltei a vê-lo.

— Ele é ousado, tem *chutzpah*. Como dizem meus amigos judeus.

— Se o senhor diz.

— Ele organizou uma... loteria ilegal.

Dexter ficou satisfeito por precisar manter os olhos nas vagens, porque a notícia o pegou de surpresa. Badger já tinha uma loteria ilegal própria, apenas três meses depois de chegar a Nova York? Não era provável; devia estar cuidando de algum dos jogos de Aldo Roma. O sr. Q. dava um grau incomum de autonomia e independência a alguns de seus chefes prediletos. Dexter apreciava a distância que mantinha dos seus pares — não queria ter nada a ver com a área do píer de Red Hook, por exemplo, onde os homens se comportavam como animais. Mas a vastidão do império do sr. Q. dificultava a visão dos detalhes, não admitia grande curiosidade mútua entre seus chefes, quanto mais a circulação de rumores. Por esse motivo, Dexter ficou contente quando seu chefe disse:

— Eu queria que Badger... instalasse a loteriazinha dele... em algumas das boates.

— Claro. Quais delas?

— A escolha é sua.

Dexter assentiu, satisfeito. Seria bom ficar de olho em Badger.

Um caldeirão fervia no fogo, enchendo de vapor o ar da pequena cozinha. O sr. Q. juntou as vagens nas mãos trêmulas e jogou-as na água fervente.

— Tive uma ideia, chefe — disse Dexter. — A meu ver, deveria ser o

nosso próximo passo.

Um frêmito de animação percorreu o corpo do sr. Q. como uma trovoadas, indo parar em seus úmidos olhos castanhos.

— Você sabe que eu... conto com você para isso — disse o sr. Q.

Foi Dexter quem adivinhou, antes ainda do fim da Lei Seca em 1933, que em vez de saírem uivando como cães escaldados, como tantas outras figuras do submundo, eles deveriam abrir uma série de boates, perfeitamente legais, que pudessem usar para lavar os ganhos gigantescos do sr. Q. com o comércio de bebidas. Além de imunizar sua fortuna contra o Imposto de Renda, a decisão tinha lhes permitido lucrar com uma série de negócios paralelos, tanto legais quanto ilegais — da logística das chapelarias à venda de cigarros e aos encontros amorosos, como Dexter preferia chamá-los. Seu próprio papel como testa de ferro era essencial: nunca fora preso; ostentava um belo *pedigree* graças ao casamento, além da providência de ter trocado seu sobrenome de sonoridade evidentemente estrangeira por um nome curto e elegante (ou cheio de estilo, pode-se dizer) muito antes que alguém soubesse como se chamava na verdade.

E como o plano tinha dado certo! Fez com que ambos flutuassem em uma maré de legitimidade que valera a Dexter o contato frequente com estrelas de cinema, jornalistas famosos e políticos da ativa, tanto na esfera estadual quanto na federal, cujos bolsos eram ativamente forrados pela influência do sr. Q. Um arranjo de primeira, de cabo a rabo, no qual ocorrera apenas um problema: Ed Kerrigan, o único erro de avaliação de Dexter em 27 anos de operação. Pessoas tinham sofrido as consequências, como se dizia naquele jargão. No fim das contas, porém, o problema tinha liquidado um rival sem sequer arranhar o sr. Q. E foi esse bom resultado que deve ter levado o sr. Q. a declarar três anos atrás, com sua rouquidão primordial:

— Está tudo esquecido. Nunca mais ninguém toca nesse assunto.

Depois desse encontro, no isolamento de seu automóvel, Dexter tinha chorado de alívio.

Depois que as vagens estavam suficientemente cozidas (algo que o sr. Q. parecia adivinhar por algum dom inato), coube a Dexter retirá-las da água com uma concha e acomodá-las, na vertical, em potes de conserva. Quando todos ficaram iguais a um elevador superlotado, o sr. Q. instruiu Dexter a derramar água fervente até a boca, cobrindo as vagens.

— Agora vamos fechar as tampas... com força, mas sem exagerar... e enfiarmos os potes... na panela grande de pressão — disse o sr. Q., ofegante demais para o pouco que tinham feito. — É aí você... me conta... a sua ideia.

Dexter pretendia apresentar sua ideia aos poucos, como passos de uma valsa, até não ter mais como contornar a conclusão inevitável. Mas aquele trabalho com as vagens tinha apagado esses passos preliminares de sua mente, o que talvez fosse a intenção do sr. Q. Nessa atmosfera franca e aquecida, preâmbulos revelavam-se inúteis e as pessoas acabavam dizendo apenas o

essencial. Dexter ajudou o sr. Q. a enroscar as tampas dos potes de conserva e a dispor os frascos, com todo o cuidado, numa panela enegrecida que parecia ter sido resgatada de um naufrágio. O sr. Q. cobriu o panelão e aumentou o fogo. Em seguida, desabou em uma cadeira, respirando profundamente.

Dexter enxugou o rosto com um lenço, tornou a se instalar numa cadeira do outro lado da mesinha e começou:

— Pensei em procurar alguém e pôr os nossos serviços, além dos nossos negócios, à disposição do governo, em nome do esforço de guerra.

Nenhuma reação imediata; nunca havia. Cabia a Dexter o ônus de delinear, passo a passo, o leito de pedra onde ficava a jazida.

— Os Aliados vão ganhar, é só uma questão de tempo — afirmou ele. — E quando isso acontecer, os Estados Unidos vão ficar mais poderosos do que nunca. Mais poderosos do que qualquer outro país em toda a história do mundo.

Fez questão de citar Arthur Berringer. Agradava a Dexter sentir alguma proximidade entre o velho e o sr. Q. Na época de seu casamento, era desimportante demais para justificar o comparecimento do chefe; até onde sabia, o sr. Q. e seu sogro já mais tinham se encontrado. Mas sentia em cada um deles uma curiosidade oblíqua em relação ao outro, e era possível imaginar que seus caminhos tivessem se cruzado sem que ele soubesse. Era uma ideia de que ele gostava.

— E o sr. Stalin não vai... cobrar uma compensação? — perguntou o sr. Q.

— Ele será compensado. Mas com seu país em ruínas.

O sr. Q. abaixou o queixo, sua versão de um gesto de anuência.

— Os europeus — prosseguiu Dexter. — Arruinados, sem dinheiro. Quem sobra é o Tio Sam. E eu quero que a gente, que o senhor, possa ter uma participação legítima na vitória. Um lugar à mesa.

O sr. Q. se animou para o corpo a corpo socrático que sempre vinha em seguida, desdobrando-se às vezes em mais uma visita.

— Enquanto o dinheiro... estiver na nossa mão, teremos... um lugar nessa mesa.

— À mesa — falou Dexter. — E não debaixo dela.

— A vantagem?

— Poder. Poder legítimo.

— Todo poder... é legítimo.

— Está certo. Reconhecimento legal, então. Para usar o nosso poder como hoje não podemos.

Ficou tentado a revelar sua desconfiança de que, fortalecidos pela vitória, os Estados Unidos pudessem usar o primado da lei para extinguir o modo de vida deles. O grupo político de Tammany Hall já não existia mais, algo que ninguém antes achava possível. Mas o sr. Q. não gostava de preocupações. E Dexter sentia que a ideia começava a passar pela cabeça do chefe.

— Lucky fez um acordo — continuou o sr. Q., referindo-se a Luciano. —

Ajudou o governo a... controlar totalmente o porto.

— E com isso deve ser transferido da prisão de Comstock.

— Foram eles que procuraram Lucky.

— Mas nós podemos procurar por eles.

— E oferecer... o quê?

Era a hora do salto no escuro. Dexter respirou fundo e se inclinou sobre o tampo da mesa.

— Compramos uma série inteira de bônus de guerra, com desconto, e revendemos tudo por meio de todos os canais dos nossos negócios. Investimos nessa compra tudo o que temos em dinheiro. Vendemos tudo o que não queremos mais e investimos esse lucro também. Nosso negócio passa a ser a compra e venda de bônus de guerra.

— Viramos... um banco.

— De certa maneira, sim. Por algum tempo. Depois que a guerra acabar, todo o nosso dinheiro estará limpo. Poderemos usá-lo da maneira que quisermos.

A panela de pressão tinha começado a apitar, deixando escapar o vapor por um furo mínimo na tampa. O sr. Q. levantou-se da cadeira, cambaleante, e pôs um peso em cima da tampa, cobrindo o furo de saída e segurando a tampa no lugar. O ponteiro de um mostrador na lateral da panela subia muito. Então o sr. Q. pousou seus suaves olhos castanhos em Dexter, que sentira ter chegado a hora de usar seu trunfo.

— Se o senhor trabalhar para o governo, chefe, vai ficar a salvo do Imposto de Renda. Para sempre, eu acho.

A panela tampada começou a tremer com força no fogão, bem perto da cabeça de Dexter.

— Por quanto tempo esses potes precisam cozinhar? — perguntou ao chefe em tom calmo.

— O tempo de matar... os micróbios do botulismo. Não basta uma fervura. Os potes precisam... de uma certa pressão.

O sr. Q. continuava de pé, firmando a panela com um abafador de pano com estampa de flores que vinha dos tempos de Annalisa, sua falecida esposa.

— Você é... um patriota — disse o sr. Q., referindo-se carinhosamente a Dexter.

— É a coisa certa a fazer — retrucou Dexter. — Com que frequência podemos dizer isso?

— Os nossos interesses e... os do governo... estão alinhados.

Dexter ficou surpreso de ver quanto aquela conversa corria fácil com o sr. Q. Será que ele já vinha seguindo o mesmo raciocínio? A panela se agitava no fogão de ferro fundido como um esquilo em uma armadilha, ameaçando escapar à pressão das mãos trêmulas do sr. Q. Dexter se levantou para evitar que o conteúdo escaldante da panela caísse em sua cabeça.

— Todo mundo quer sair ganhando — comentou o sr. Q. baixinho, em

meio a todo o alvoroço.

Dexter respondeu com um sorriso, que não teve como conter. E o sr. Q. sorriu de volta. Havia alguma coisa errada no sorriso dele, faltava algum elemento. Dentes eram sempre a primeira explicação que ocorria a todos, mas ele ainda tinha todos os dentes. A questão é que eram muito miúdos. O resultado era um vácuo escuro e assimétrico, mais parecido com um talho do que com uma face. O sorriso do próprio Dexter murchou, à vista dele.

— Você já falou... com alguém do governo... a respeito disso? — perguntou o sr. Q.

— É claro que não! — exclamou Dexter, grato pelo barulho infernal da panela, por mascarar o seu espanto.

Será que o sr. Q. achava que Dexter era idiota — ou desleal, ou louco — a ponto de conversar com a polícia sem o consentimento dele?

O sr. Q. apagou a chama e a cacofonia cessou, produzindo um silêncio tão profundo que Dexter teve vontade de estourar os próprios tímpanos.

— O problema é que... depois que você abre um canal... ele fica aberto — disse o sr. Q., ofegante. — É difícil controlar o que... passa por ele... ou... em qual direção.

Dexter não disse nada. Aonde ele estaria querendo chegar?

— E este pode ser... o seu ponto fraco.

Kerrigan. Era a primeira alusão que o sr. Q. fazia àquele erro depois de garantir a Dexter que tinha sido esquecido. Aparentemente, não tinha.

E agora o chefe apertava as bochechas de Dexter com as mãos macias, desajeitadas e insufladas de sangue.

— Temos muitos planos no nosso futuro — declarou ele. — Muitos, muitos planos.

Dexter tensionou o corpo. Havia sempre um código nas palavras do sr. Q.: a repetição invocava sempre a lei dos contrários. “Muitos planos”, dito duas vezes, queria dizer: este plano, não.

— Muitos planos — declarou o chefe mais uma vez, destacando cada uma das palavras enquanto olhava com ternura nos olhos de Dexter.

Plano nenhum.

A duração dos encontros com o sr. Q. obedecia a um critério subentendido de eficiência, e Dexter se viu do lado de fora momentos depois. Seu chefe o abraçou como tinha feito na chegada, sem um pinga de afeição a menos — na verdade, com uma afeição até maior. Ele gostava de Dexter, adorava aquele rapaz. Dexter sabia disso.

— Ah! Eu já ia... esquecendo — retomou o sr. Q., batendo com a mão na testa. — Quantos tomates... maduros você... encontrou esta semana?

— Estão todos sem gosto — respondeu Dexter.

Tentava absorver o que acabara de acontecer. Ficou parado na porta enquanto seu chefe desaparecia dentro de casa. O sol fraco reluzia nos montículos de neve acumulados com uma pá. As crianças da área brincavam

longe daquele trecho de rua; além dos balidos da criação do sr. Q., só se ouviam os ruídos distantes do porto. A carroça do chefe estava parada junto ao meio-fio. Ele ainda a usava para transportar os produtos até a quitanda da família — uma raridade nos dias de hoje, menos para os leiteiros, que ainda não tinham encontrado um caminhão ou automóvel que avançasse por conta própria até a parada seguinte enquanto eles entregavam as garrafas da anterior.

Por fim, o sr. Q. retornou e entregou um saco de papel pardo cheio de tomates maduros a Dexter, junto com um pote de geleia de pêssego, ainda sem rótulo. Se Dexter não estava enganado, era a mesma geleia que ele tinha ajudado o chefe a acondicionar em potes de conserva, anos antes. Meu Deus, por quanto tempo durava a fervura contra o botulismo?

— Obrigado, chefe — disse ele.

— Bom te ver, meu filho — sibilou o sr. Q.

O velho encostou-se na moldura da porta, ofegante de sua incursão. Pareceu a Dexter que o sr. Q. tinha decaído consideravelmente desde sua visita anterior. À luz crua do inverno, parecia quase pálido.

— Você devia vir... me visitar mais vezes. Venha mais... vezes. Não... deixe este velho sozinho.

Isso significava que seu tempo com o sr. Q. estava esgotado por vários meses. Dexter pegou os tomates e a geleia, beijou o chefe nas duas faces e caminhou até o carro.

Saiu dirigindo sem muita ideia de um destino. Queria pensar, mas sua necessidade de movimento — de ação — tornava difícil pensar sem dirigir. Ficou atônito com o pouco tempo que o sr. Q. tinha levado para rejeitar a sua ideia. Era isso mesmo? Teria ficado bem claro? Estaria mesmo condenado a esperar alguns meses — o que imaginava ser o mínimo de intervalo até o próximo encontro, a menos que fosse convocado —, e será que aquilo equivalia a uma rejeição? O sr. Q. teria entendido plenamente o que ele propunha?

Dexter logo se viu em Coney Island, onde tudo estava fechado para o inverno, as janelas das barracas de mariscos e cachorros-quentes tapadas com tábuas e pregos. Era a época do ano preferida de Dexter quando criança; sem turistas. Apenas moradores — ou as pessoas que vinham, de toda parte, comer no restaurante do seu pai.

Estacionou o carro e saiu andando pelo calçadão de madeira deserto. Sentinelas da Guarda Costeira patrulhavam a enseada. Ondas castanhas e lamacentas, que vinham se formando desde a Lower Bay, quebravam na areia salpicada de neve. Pensou no seu pai: um homem que amava cozinhar — que amava servir. Dexter o tinha idolatrado até mais ou menos a morte da sua mãe, quando tinha catorze anos. Nesse ponto sua adoração se inverteu sem aviso prévio, produzindo uma caricatura em que o pai lhe aparecia como uma criatura acachapada e servil. Uma imagem da qual Dexter não conseguia se livrar.

Não tinha contado a seu pai sobre a primeira visita que fez à casa amarela do sr. Q., mas a lembrança daquele dia ficou viva nas entranhas de Dexter como uma serpente, rearranjando suas curvas com exuberância. Quando seu pai teve conhecimento do encontro alguns meses mais tarde, arrastou Dexter pela orelha para a sala, embora àquela altura Dexter já tivesse dezesseis anos e fosse bem maior que ele. O pai olhou fixamente para ele, narinas infladas, e disse:

— Isto é a coisa da qual eu mais tinha medo nesse mundo de Deus.

— Mais do que da morte da mamãe? — retrucara Dexter, remexendo os pés nas polainas novas que tinha comprado com um dinheiro que juntara.

— Mais.

— Mais do que ir à falência?

— Mais. Quando você aceita dinheiro desse homem, você vira propriedade dele pelo resto da vida.

— Eu prefiro aceitar o dinheiro dele a dar o meu dinheiro a ele.

Um desrespeito tão descarado normalmente lhe valeria um cascudo. Mas o pai aproximou o rosto do dele em tom de urgência.

— Você ainda é menor de idade. Se sair agora ele ainda deixa você ir embora.

— Sair?

— Você pode sair agora, de uma vez. Pode colocar a culpa em mim.

Dexter viu que seu pai estava com medo — por ele. E, movido por algum desejo rudimentar de acalmá-lo, disse:

— O sr. Q. já é velho, pai. Não vai viver para sempre.

Nesse momento, Dexter levou uma bofetada tão forte que lágrimas lhe saltaram dos olhos como o suco de uma maçã esmagada entre as mandíbulas de um cavalo.

— Não vou dizer “não fale uma coisa dessas” — afirmara o pai de Dexter em voz muito baixa. — Nem *pense* uma coisa dessas. Ou ele vai adivinhar. Pelo faro.

— Você não conhece ele, pai — dissera Dexter em voz trêmula.

— O sr. Q. já está por aí há muito tempo. Já vi gente desaparecer como se nunca tivesse existido. De um dia para o outro. Você acha que estou brincando? Você acha que ele é só um velhinho que ajuda a mulher a fazer compotas? Rá!

— Você nunca esteve com ele.

— De um dia para o outro. E o nome da pessoa nunca mais é pronunciado. Como se ela nunca tivesse sido criada por Deus.

— Talvez *você* devesse tomar cuidado.

— Eu não recebo dinheiro dele.

— Ele pode ler os *seus* pensamentos.

— Se ele quiser saber, eu digo na cara dele.

— Você pode desaparecer, pai. Já pensou nisso?

Ele queria que o pai sentisse o alcance do poder do sr. Q., a própria fragilidade. Mas o medo do pai não estava mais presente, havia nele apenas desgosto.

— Sai daqui.

Dexter foi embora do restaurante e, em certo sentido, nunca mais voltou, apesar de ainda aparecer por lá de vez em quando, é claro. E aqueles foram os anos lendários do seu trabalho para o sr. Q., graças ao deputado Andrew Volstead, de Minnesota, e dos seus pares, convencidos de que a bebida causaria a ruína dos Estados Unidos. Dexter tinha pouco mais de dezenove anos quando a Lei Seca foi aprovada, e desobedecer às suas regras era o que havia de mais divertido. Dexter adorava dirigir bons automóveis por estradas secundárias, e era um ás em se safar de perseguições. No pior dos casos, havia sempre a floresta, e ele era um bom corredor. Estendido ao lado de um riacho para cobrir o som de sua respiração ofegante, impregnado pelo cheiro do musgo, dos pinheiros e dos freixos, as estrelas espalhadas pelo céu — mais beleza e alegria do que já tinha imaginado.

Dexter voltou para o carro e seguiu mais alguns quarteirões para o norte, chegando à esquina da Mermaid com a West 19. O restaurante do seu pai tinha fechado em 1934. Dexter poderia tê-lo salvado, mas o seu pai só aceitava ser dispensado do pagamento de proteção. O câncer acabou com ele aos 58 anos, embora Dexter nunca tivesse ouvido o pai tossir antes de o banco tomar-lhe o restaurante.

Fazia anos que não parava naquela esquina, mas o lugar lhe pareceu sobrenaturalmente inalterado: as cortinas tortas nas janelas e o balcão empoeirado, as letras douradas do seu nome impronunciável desfazendo-se em flocos por dentro da vitrine. Uma única mesa, quebrada, de pernas para o ar. Dexter deve ter servido o famoso *spaghetti pescatore* de seu pai para aquela mesa, com um guardanapo de linho branco pendendo impecável do antebraço enquanto enchia as taças de vinho. Energizado pela paisagem invisível que aprendera a discernir: uma rede de códigos e conexões que reduziam à inexistência o mundo do dia a dia. Às vezes, Dexter tinha a impressão de *escutar* o poder do sr. Q. pulsando sob o cotidiano, inaudível como um apito para cães. Nada o teria impedido de seguir aquele som até a origem.

— O que eu quero, Dexter — dissera o sr. Q. na primeira visita —, é que você seja dono de si mesmo. *Dono* de si mesmo. — Segurando as faces quase imberbes de Dexter com as duas mãos quentes e pesadas, olhando em seus olhos repletos de amor: — Dono de si mesmo, você entende?

Dexter tinha entendido aquelas palavras e acreditado nelas. Só agora, tendo compreendido o código de repetições e negativas, é que entendia a verdadeira mensagem do sr. Q.

O sr. Q. *já é velho*, Dexter pensou, lembrando-se da respiração laboriosa de seu chefe junto à porta naquela tarde. *Não vai viver para sempre*. E sentiu mais uma vez a dor da bofetada do pai, a ardência úmida nos olhos.

QUINZE

O motivo para o tenente Axel chamar Anna de volta ficou claro logo na primeira manhã do treinamento, quando ele berrou para os 35 voluntários do grupo:

— O traje de mergulho pesa noventa quilos. O capacete, sozinho, mais 25. Os sapatos, mais quinze. Agora, antes de começarem a revirar os olhos por terem que carregar tanto peso, saibam que *aquela garota* ali, que é mais para alta, mas nem de longe é um tanque Sherman como algumas das mulheres que aparecem por aqui, não só vestiu o traje sem reclamar e caminhou com ele sem reclamar, como ainda desatou um nó de arnês usando luvas de três dedos. Quantos dos cavalheiros presentes são capazes de pelo menos *atar* um nó de arnês?

Dois levantaram as mãos. Os demais encararam Anna com um ar hostil. Ela sentiu o rubor — constrangimento, mas também por não saber se merecia aquele destaque. Nunca tinha ouvido o nome do nó que havia desatado, e muito menos sabia atá-lo. E nenhum daqueles voluntários — na maioria trabalhadores braçais, pelo ar corpulento — parecia ter medo de carregar noventa quilos nos ombros. O tenente Axel era um homem que adorava deixar os outros em posição desconfortável; com seu rosto seco e imberbe, lembrava em tudo um menino sádico. Ao longo daquele dia, conseguiu chamar atenção para a gordura de DelBlanco, a magreza de Greer, a asma de Hammerstein, os “quatro olhos” de Majorne, os pés chatos de Karetzky, o leve mancar de Fantano, a tendência ao desequilíbrio de McBride, a flatulência de Hogan, e assim por diante. A maioria daqueles homens tinha passado da idade do recrutamento, mas para o tenente Axel, um instrutor de mergulho naval quase a ponto de se reformar, podiam muito bem ter sido declarados incapazes para o serviço militar. E qual melhor maneira de incomodá-los do que lhes acenar com o fracasso onde uma garota havia triunfado?

Todos, menos Anna, foram obrigados a vestir o escafandro. Para cada um havia dois assistentes, como tinham sido Katz e Greer no caso dela. O tenente Axel, de pé num banco, berrava instruções enquanto a neve caía do lado de fora da Unidade 569. Anna foi uma das assistentes de um maquinista chamado Olmstead, com pulsos tão grossos que as correias quase não conseguiram contornar as mangas de seu traje tamanho três. Quando Anna finalmente conseguiu amarrar uma das mangas, Olmstead soltou um grunhido exagerado de alívio, seguido de um olhar malicioso. Ela ficou de cabeça baixa e fingiu não ter se dado conta, aliviada porque o outro assistente — de cabelos claros,

com um rosto dispéptico e inexpressivo — dava a impressão de realmente não ter percebido nada. Juntos, ele e Anna ataram o cinto em torno de Olmstead, que em seguida se pôs de pé para os ajustes finais do traje de mergulho.

— Aperta mais, queridinha — cantarolou Olmstead quando Anna passou as correias por baixo de sua virilha para o outro guia atá-las à frente do cinto. — Só mais uma puxadinha, vai... Hummm, isso aí. Isso, só mais um pouquinho... Hummm...

— Se você me chamar mais uma vez de “queridinha”, camarada, vou dar uma porrada bem no meio da sua cara — disse o assistente da frente, em tom monocórdio.

— Não estou falando com você! Estou falando com ela! — exclamou Olmstead, mortificado.

— Mas não é ela que está puxando.

Os olhos do assistente se estreitaram, com um brilho metálico, como dois anzóis. Ele nem sequer chegou a olhar para Anna.

Olmstead cuspiu no chão do píer e calou a boca. Quando Anna e o outro assistente baixavam o capacete para ajustá-lo em volta da cabeça dele, o sujeito disse:

— Um minuto. — Virando-se para Anna, perguntou: — Vou conseguir respirar dentro disso?

— É claro — respondeu Anna com toda a calma, contendo o tremor dos braços enquanto ela e o outro assistente sustentavam o capacete no ar. — Tem um pouco de cheiro de mofo, mas dá para respirar perfeitamente.

— Só um minuto — disse Olmstead mais uma vez.

— Estamos atrasados — avisou o assistente da frente. — Vamos baixar.

Baixaram o capacete, alinhando as aberturas com os pinos da couraça e aparafusando o conjunto. O assistente da frente deu uma pancadinha no topo do capacete, sinalizando que Olmstead precisava se levantar para ser inspecionado pelo tenente Axel. Ele se levantou do banco e saiu arrastando os pés. O traje atrapalhava seus movimentos, e os sapatos o mantinham cravado ao piso do píer, dando a impressão de uma árvore sob o ataque de um vendaval. Só quando o assistente da frente conseguiu abrir a viseira do seu capacete, um rugido se espalhou pela área:

— Não consigo respirar. Me tirem daqui! Não consigo respirar aqui dentro!

Um momento depois, acompanhado de Greer, o tenente Axel chegou e removeu o capacete com gestos hábeis, soltando Olmstead do cinto, da couraça, dos sapatos e do traje. O maquinista escapuliu para longe do cais. Com um prazer que beirava a alegria, o tenente Axel informou ao grupo:

— Isto que viram, cavalheiros, é o que se chama de claustrofobia: o medo de espaços fechados. Geralmente há um claustrofóbico em cada grupo, e eu gosto de localizá-lo o mais depressa possível. Esse tipo de homem não deve tentar ser mergulhador.

— Que cretino — murmurou o assistente para si mesmo, pois a Anna não parecia que ele se dava conta da presença dela. — Nós vestimos o traje nele perfeitamente, e não ganhamos crédito nenhum.

Um segundo teste envolvia a câmara de hiperbárica, cuja finalidade era simular o ambiente subaquático. Os homens cujas trompas de Eustáquio estavam bloqueadas por algum problema ou infecção do ouvido não conseguiam equalizar a pressão nos tímpanos. Esses infelizes sentiam dores agudas, e alguns chegavam a ter ruptura do tímpano quando decidiam “banciar os heróis” (avisou o tenente, rindo) e sofrer em silêncio. Os que tinham problemas pulmonares podiam descobrir ser incapazes de respirar dentro do tanque. E havia ainda os homens que reagiam com convulsões ao oxigênio puro sob pressão, ninguém sabia ao certo por quê.

Quando já estavam todos bem assustados, o tenente Axel os admitiu na câmara de hiperbárica em grupos de seis. Era um cilindro do tamanho de uma sala, dividido em seções, a maior das quais continha um banco em que cinco homens se espremeram como pombos num fio para deixar um espaço entre eles e Anna. O assistente que tinha trabalhado com ela, sem qualquer expressão no rosto, fazia parte do grupo: Paul Bascombe, ela descobriu quando todos se apresentavam.

— Você passou direto aqui também? — perguntou Bascombe, olhando na direção de Anna.

— Não, é minha primeira vez — respondeu ela, soando um tanto efusiva aos próprios ouvidos. — E nem me saí tão bem assim com o traje. Só estão me usando para alfinetar os candidatos homens.

— Imaginei.

Aquilo a deixou irritada.

— Mas eu realmente desatei o nó.

Um silêncio tomou conta do grupo enquanto o ar esquentava e ficava mais pesado.

— Tentem assobiar — pediu Bascombe.

Todos tentaram, inclusive Anna, mas ninguém conseguiu produzir som algum.

— Que diabo — reclamou alguém.

— É a pressão. Escutem as suas vozes — falou Bascombe. — Garanto que a minha nem sempre é assim aguda.

Anna testou sua própria voz baixinho. Os homens mal a deixavam ouvir o que dizia, com suas imitações do Pernalonga e do Piu-Piu. Quanto mais conseguiam ignorar a presença dela, mais à vontade ficavam.

A câmara eliminou mais quatro candidatos — como relatou, eufórico, o tenente Axel, antes de dispensá-los ao final do primeiro dia. Sacco e Mohele sentiram dor de ouvido; Hammerstein guinchou ao respirar; e McBride sentiu “algo esquisito na cabeça”, sendo rapidamente levado para fora.

Os quatro dias seguintes foram dedicados à sala de aula. O tenente ensinou

os princípios físicos do mergulho, falou do equipamento básico e de sua manutenção, da composição do ar e das tabelas de profundidade. Para cada hora que passassem a uma profundidade de dez metros ou mais, precisariam passar oito horas no seco, antes de poderem mergulhar mais uma vez.

— Não existe atalho, rapazes — advertiu ele. — Se resolverem insistir, bolhas de nitrogênio vão dar um jeito de sair pelos seus olhos, ouvidos e narinas, e todos os tecidos moles do seu corpo sofrerão hemorragia. O máximo que alguém consegue passar a uma profundidade de treze metros, sem recompressão, são duas horas. Aos quinze metros, o tempo baixa para 78 minutos. Não são só números para fazer vocês pensarem: vocês precisam memorizar cada um deles como se fossem o seu aniversário, a data de seu casamento ou Pearl Harbor.

Havia uma aula sobre os riscos que corriam.

— Cada mergulhador recebe 2,85 dólares por hora — explicou o tenente Axel. — Mas notei que os mergulhadores civis às vezes esquecem que receber “adicional de risco” significa que o trabalho é perigoso.

Com a alegria de um homem que saboreia a leitura de um cardápio de sobremesas, o tenente enumerou os possíveis defeitos nos tubos de ar; o perigo de ser arrastado por um barco, o risco de o traje inflar e o mergulhador disparar para a superfície com a velocidade de uma rolha de champanhe sendo ejetada; da narcose de nitrogênio; e, é claro, os temidos efeitos da pressão. Littenberg e Maloney, ambos casados e pais de vários filhos, preferiram não voltar na manhã seguinte.

— Foram para casa e conversaram com as esposas — comentou o tenente Axel, radiante. — Toda vez perdemos candidatos por isso. — Então, uma reflexão perturbadora tornou-se visível em seu rosto de menino. — Me diga uma coisa, Katz — começou ele em voz abafada. — Quantos sobraram?

Havia um negro: um soldador chamado Marle, que parecia estar na mesma faixa etária que Anna, e vencia com facilidade todos os desafios. Anna estava extremamente consciente da presença de Marle, mas também fazia o possível para evitá-lo — um impulso que a deixava envergonhada, embora percebesse que Marle fazia o mesmo. Sentavam-se em lugares opostos na sala de aula: Anna ao fundo, onde não se sentia observada pelas costas; Marle bem na frente, onde fazia anotações meticulosas em letra miúda com a mão esquerda. Nas raras ocasiões em que seus caminhos se cruzaram, o reconhecimento entre os dois foi instantâneo e ambos desviaram os olhos.

Ao final de cada dia, os mergulhadores já treinados deixavam seus postos de trabalho na Wallabout Bay ou no aqueduto de água doce em construção entre a Staten Island e um centro de monitoramento da Marinha, em outro ponto da baía, e voltavam para a Unidade 569. Anna e outros recrutas dispersavam-se ao anoitecer, alguns por um pequeno portão perto do tanque de mergulho, outros por um caminho mais longo, passando pelo portão da Sands Street. Anna sempre preferia o caminho mais longo para ver se cruzava com Nell,

embora não nutrisse mais a esperança de encontrá-la.

Na quinta noite do treinamento de mergulho, avistou Rose, que saía da unidade de inspeção. Abraçaram-se e foram andando de braços dados até o portão da Sands Street.

— Não é mais a mesma coisa sem você — comentou Rose. — Todas as garotas acham isso.

— Quem vai ser alvo das fofocas? — perguntou Anna.

— Dizem que o sr. Voss está sofrendo. Ele anda pálido e emagreceu um pouco.

— Elas é que parecem apaixonadas por ele.

Rose respondeu com uma risada. Anna caminhou a seu lado até a Flushing Avenue e esperou o bonde com ela, na expectativa de receber um convite para irem jantar. Mas, quando o bonde lotado chegou, Rose embarcou e, agarrando o couro da alça de segurança, acenou adeus para Anna pela janela.

Anna observou o bonde deslizar para leste, na direção de Clinton Hill. Só quando se virou para caminhar na direção do ponto onde tomaria o próprio bonde, na Hudson, foi que se sentiu engolfada pela solidão. Não se sentia isolada durante o dia; ao longo de todo o curso de mergulho, tinha se esforçado em vão para ao menos se lembrar desse aspecto de sua vida. Assim que anoitecia, porém, a solidão voltava a se fechar em torno dela com um conforto macabro. Tinha uma pulsação, um coração próprio. Seu domínio excluía Anna do mundo em que as mães andavam com os filhos pela mão e os homens voltavam para casa com o jornal vespertino debaixo do braço. Anna tomou o bonde, as portas sanfonadas fechando-se atrás dela, e ficou olhando para a noite que deslizava pela janela. A escuridão trepidava com um perigo contra o qual sua rotina solitária constituía uma última e precária linha de defesa. Mas qual seria a ameaça?

Seu jantar a esperava, ainda quente, no balcão da mercearia do sr. Mucciarone. Quando Silvio entregou o prato coberto a Anna, ocorreu-lhe uma lembrança ligeira como um gato que roçasse as suas pernas: Lydia choramingando nos braços de Silvio. Chegando a seu edifício, abriu a caixa de correspondência e encontrou a carta costumeira enviada pela mãe e cartas de dois rapazes da vizinhança que estavam na guerra e com quem se correspondia. Subiu as escadas, a correspondência numa das mãos e o jantar na outra, passando pelos dois apartamentos dos Feeney que, durante sua infância, tinham sido uma extensão da própria casa em que morava. Em sua solidão, não conseguia se convencer a bater à porta. *Você não deve fazer isso*, pensava. *Não estão esperando por você*.

A mesma coisa acontecia quando pensava em usar o telefone público da farmácia para ligar para Stella, Lillian ou tia Brianne. Tinha ido ver *Casablanca* com Brianne e patinar com as amigas no Empire Roller Dome. Mas findas essas breves distrações, as outras voltavam para casa, e Anna, para o seu isolamento. Ninguém tinha como protegê-la da solidão.

Passou o trinco na porta do apartamento, baixou as persianas, acendeu todas as luzes e ligou o rádio. Primeiro as notícias, depois música. Tinha abandonado os seus favoritos, Count Basie e Benny Goodman: o som fervilhante de ambos evocava demais os sulcos da escuridão da cidade. Em vez disso, girava o *dial* à procura de Tommy Dorsey, Glenn Miller, até mesmo das Andrews Sisters, cujos vocais melosos normalmente a deixavam enjoada. Agora, tinham um efeito reconfortante, como assobiar ao caminhar por uma rua escura. Leu a carta da mãe. As missivas eram sempre curtas e se atinham basicamente aos fatos: o inverno rigoroso de Minnesota, a saúde das vacas e das ovelhas, notícias dos primos de Anna que estavam em treinamento ou combatendo no estrangeiro.

A cada carta, a mãe parecia a ponto de se esquecer de si mesma — ou de Anna — e de ingressar em um território mais introspectivo: *Vivo esperando acordar um dia sabendo o que fazer, como eu sabia que devia ir para Nova York depois de me formar no secundário. Mas todas as decisões que eu tomo parecem durar, no máximo, 24 horas, se tanto.*

E numa outra ocasião:

Os rapazes da minha juventude estão carecas, gordos, e em três casos já morreram (um de capotagem de trator, um de acidente a cavalo, outro de câncer de garganta). Olho para o meu rosto e não vejo qualquer mudança significativa; obviamente estou enganada!

E uma vez:

A lua aqui brilha demais.

Quando acabou de jantar, Anna lavou e enxugou o prato da sra. Mucciarone e o deixou de lado para devolver na manhã seguinte. Começou a escrever uma carta para a mãe, contente em poder relatar a ela detalhes que não a teriam interessado em nada caso estivesse presente. Naquela noite, escreveu sobre a satisfação do tenente Axel em assustar seus alunos. Escreveu até sentir-se cansada e a ponto de dormir, fechou a carta e desligou o rádio e todas as luzes, menos uma em seu quarto. Ficou deitada em sua cama, abraçada ao travesseiro de Lydia. Desde sempre estivera próxima de outra criatura que respirava, emanava calor. Agarrou o travesseiro como se tamponasse uma ferida e inalou a essência rarefeita da irmã que ainda havia nele.

Finalmente, abriu seu Ellery Queen. Apesar de seus cenários variados e exóticos, Anna achava que todos os romances policiais pareciam ser ambientados no mesmo lugar — uma paisagem de algum momento do passado, vagamente familiar. Decepcionava-se ao final de cada leitura, como se o livro tivesse algo de errado e deixasse uma expectativa por preencher. Sua insatisfação tinha a ver com a quantidade de livros desse gênero que costumava ler, e muitas vezes ela devolvia vários à biblioteca na mesma semana. Desde a partida da mãe, romances policiais tinham se transformado em alcapões que conduziam Anna às lembranças de quando acompanhava o pai no trabalho, ainda menina. Estar de mãos dadas com ele dentro de um elevador no qual um senhor idoso de cabelos despenteados comandava sonolento a manivela.

Caminhar ao lado dele por um corredor vazio cheio de portas, com letras douradas em folhas de vidro texturizado, o som de seus passos ecoando nas paredes. Olhar da janela de um arranha-céu para os táxis amarelos zumbindo como abelhas lá embaixo, encobertos por nuvens esverdeadas de chuva. Nesses passeios, Anna sabia que devia permanecer de costas até ouvir o farfalhar do papel, o peso de um pacote sendo empurrado pelo tampo de uma mesa. Uma gaveta que se fechava com um murmúrio. Depois, tudo ficava mais fácil, e todos se alegravam de um momento para outro.

Qual seria exatamente aquele trabalho? Seria perigoso? E surgia de novo o mistério que parecia o tempo todo enviar sinais em código a Anna a cada livro de Agatha Christie, Rex Stout ou Raymond Chandler. O esforço para tomar consciência dessa história oculta afastava Anna da superfície alegórica de qualquer que fosse o enredo que estivesse acompanhando, até que finalmente se dava conta de que nem mesmo estava lendo, mas apenas segurando o livro e rememorando aquele passado. Intrigada. E o sr. Styles fazia parte desse mistério. Mas *aquela* sr. Styles — o que tinha conhecido o pai dela — parecia um homem diferente do que levara Lydia a Praia de Manhattan. Seu gesto de gentileza produzira, para Anna, uma de suas lembranças mais felizes. Voltar a pensar no sr. Styles dono de boates, no sr. Styles gângster — ou ex-gângster —, poderia obrigá-la a abrir mão daquele dia precioso, quase místico, o que ela se recusava a fazer. Voltou para o seu livro e leu até adormecer. No meio da noite, acordou e apagou a luz.

★ ★ ★

Na sala de aula, na manhã seguinte, escutou um murmúrio fraco, diferente da voz do tenente Axel. Sentado à esquerda dela, Bascombe estava olhando direto para a frente. Tinha uma expressão vazia, mas de algum modo Anna sabia que o murmúrio vinha dele. Estaria falando sozinho? O assunto eram as regras e os regulamentos — a importância de abster-se de cerveja nas 24 horas anteriores a cada mergulho.

— Dizem todo tipo de bobagem, que nem sempre procede — falou, ainda em seu murmúrio. — As bolhas no sangue não têm nada a ver com bebidas gaseificadas. Não que eu dê a mínima: sou abstinente.

Anna também ficou olhando diretamente para a frente, certa de que o tenente Axel ouviria a voz de Bascombe, mas poria a culpa nela.

— Não deixe eles encherem a sua cabeça com essas asneiras. Açam que você vai acreditar em qualquer coisa só porque é mulher. Aliás, eles não têm a menor intenção de deixar você mergulhar.

— Como assim? — sibilou Anna, contra a própria vontade.

— Estão achando que você vai desistir quando entrarmos na água, semana que vem — completou ele sem alterar o tom. — Eu ouvi uma conversa.

O pulso de Anna disparou. Olhou fixamente para o tenente Axel e se lembrou de seus confrontos anteriores com ele — de como não o convencera apesar de todos os seus esforços, mesmo depois de ter sido capaz de caminhar com o traje de mergulho. Será que ele ainda lhe reservava novas frustrações?

Em sua distração, se esqueceu de vestir o sobretudo antes de sair da Unidade 569 rumo à cantina das carreiras de construção, onde almoçaria. Bascombe a alcançou no caminho, trazendo consigo o sobretudo dela.

— Subir a escada com o traje molhado é a pior parte — murmurou ele como se ainda estivessem na sala de aula, acertando o passo com o dela. — Especialmente para os mergulhadores mais leves.

— Você já mergulhou antes? — perguntou Anna, olhando fixamente para a frente.

— Não. Mas trabalhei como assistente em Puget Sound.

— No Canadá?

— Na Costa Oeste. Perto de Seattle, Washington. Um mergulhador autônomo estava recolhendo os corpos de dois navios de transporte, antes que fossem levados para os diques secos. Em janeiro de 1942. Isso mesmo que você está pensando: o navio veio rebocado desde o Havaí.

Ela olhou para ele, com uma expressão incrédula.

— Missão secreta. Nenhum de nós era da Marinha.

— E havia um segundo assistente?

— Não, senhora. Só eu. O mergulhador me explicava o que eu precisava fazer. Ensacava os corpos debaixo d'água e eu puxava para cima. O suprimento de ar para ele vinha diretamente do convés.

Anna gostava daquele tipo de conversa: uma troca de informações durante a qual não se sondava as profundezas do olhar do outro.

— É por isso que você quer ser mergulhador?

— Acho que sim — respondeu ele. — Tentei entrar para a Marinha várias vezes. Tentei em Seattle, de novo em São Francisco e, depois, em San Diego: de jeito nenhum meus olhos conseguem ler aquelas letrinhas menores. Mas dizem que, se você for bom, pode passar de mergulhador civil direto para a Marinha.

Anna olhou para o rosto de Bascombe. Pela primeira vez, a impaciência mal-humorada e a furiosa concentração do outro podiam ser vistas como um esforço deliberado.

— Aí você veio para cá.

— Claro que sim. Nova York é o melhor lugar que existe para um mergulhador civil. O *Normandie* está de barriga para cima no Píer 88 desde que pegou fogo um ano atrás, o que compreende um campo de treinamento com trezentos metros de ponta a ponta. Abriram toda uma escola de salvamento para conseguir virar o navio de cabeça para cima, e sabe onde ele vai ser reformado quando conseguirem? Aqui mesmo, neste Arsenal de Marinha. E mais uma coisa — acrescentou enquanto chegavam à entrada da

Unidade 81. — Nesse caso a visão não faz a menor diferença; debaixo d'água ninguém enxerga direito mesmo.

Tendo dito isso, Bascombe se afastou tão repentinamente que ele e Anna nem pareciam ter conversado.

Na segunda semana de treinamento, alguns dos alunos mais jovens começaram a sair juntos do Arsenal de Marinha, ao final do dia. Anna os ouviu falando a respeito dos bares da área: Leo's, Joe Romanelli's, o Oval Bar e o Square Bar; os dois últimos ficavam na diagonal um do outro na Sands Street e eram de propriedade de irmãos rivais. Agora que os alemães tinham finalmente se rendido em Stalingrado, o moral estava em alta. Mas sempre que um aglomerado de camaradagem começava a se formar nas proximidades de Anna, ela recuava, saindo de cena bem no momento em que poderia parecer uma grosseria não ser convidada. Era impressionante, tendo em vista o poder de atração da sua presença, a facilidade que tinha para desaparecer. Marle, o negro, tinha levado a mesma arte à perfeição. Embora fisicamente imponente, tinha esse jeito de se separar do grupo, que depois seguia adiante sem a sua presença. Só Anna percebia, mas escondia isso; qualquer tipo de pacto entre ela e Marle poderia pôr em risco os laços tênues que conectavam cada um dos dois ao grupo maior. E assim a distância dos demais, um traço comum entre os dois, os tornava distantes entre si.

Quase toda noite, uma garota com finos cabelos louros esperava Bascombe do lado de fora do portão da Sands Street. A partir do que ele havia contado aos outros mergulhadores, Anna descobriu se tratar de sua noiva, Ruby, que ele conhecera ao chegar ao Brooklyn, no verão anterior. Sendo uma garota do Brooklyn, era bizarro que Ruby estivesse tão mal equipada para enfrentar o inverno; tremendo sob um sobretudo fino, enlaçou Bascombe com os braços magros que penderam às costas dele, a testa encostada à do noivo. Anna gostava de Bascombe, o que em parte equivalia a dizer que gostava de si mesma na companhia dele. As conversas com ele, em tom inexpressivo e despretensioso, eram o mais perto que Anna já tinha chegado de sentir-se em pé de igualdade com um homem. Agarrado por aqueles braços famintos, Bascombe era outra coisa, mas Anna não sentia inveja. Tinha o Bascombe que queria.

★ ★ ★

Na manhã de seu primeiro mergulho, doze mergulhadores subiram a bordo da barça, e era o tenente Axel quem pilotava em meio às carreiras de construção, evitando contato com blocos de gelo e margeando os píeres para evitar o tráfego de barcos. Muitos homens assistiam dos píeres, como Anna tinha feito. Ela estava nervosa, sabendo que o tenente Axel estava convencido do seu fracasso. Mas a questão era que ele torcia para que todos fracassassem, e

isso não era segredo para ninguém.

O tenente Axel ancorou a barça ao pé do Dique Seco 1. Desceriam dois mergulhadores por vez, explicou, cada um com dois assistentes, enquanto os demais acionariam os grandes volantes dos dois compressores de ar, um para cada mergulhador. Depois, se revezariam ao longo do dia, até todos terem mergulhado.

Fazendo de conta que escolhia ao acaso, indicou Anna e Newmann para o primeiro mergulho. Mas Anna tinha estudado muito aquele rosto de bebê velho e reconheceu a má intenção nas feições dele. O tenente Axel planejava alguma coisa. Talvez esperasse que Anna fosse deixar os outros envergonhados, como antes — o que ela mesma também esperava, pois significaria que tinha se saído bem. Ele escolheu Bascombe e Marle, o negro, como assistentes. E só então Anna percebeu que alguma coisa estava errada: Marle, um soldador, não devia sequer estar a bordo da barça. Os soldados e os operadores de maçarico só dariam seus primeiros mergulhos no píer da West Street, no novo tanque de mergulho: um cilindro de 6x5 metros, com escotilhas de vidro pelas quais Katz e Greer poderiam observá-los. Anna então entendeu a má intenção do tenente: forçar uma proximidade entre ela e Marle, os dois alunos discrepantes que se esforçavam tanto para se manterem afastados. A intenção era jogar um contra o outro e, assim, diminuir as chances de ambos.

Anna viu sua própria inquietação refletida no rosto de Marle. A expressão de Bascombe não revelava nada, mas os músculos do seu queixo se contraíam como as guelras de um peixe se esforçando para respirar. O inimigo de Bascombe era o fracasso, de quem ele queria distância. Uma agonia de desconforto envolvia os três homens enquanto seguravam o traje de lona para Anna com todo o cuidado, tentando não encostar em ninguém. A função do assistente era segurar o mergulhador e orientá-lo, mas ser manipulada por aqueles homens, um deles negro, despertou em Anna um constrangimento que acabariam detectando, tinha certeza. Concentraram-se nas primeiras etapas: as correias que amarravam os pulsos, os sapatos e o aperto das laçadas das pernas. No momento em que Bascombe e Marle encaixavam a gola de borracha nos pinos de metal, entretanto, a rotina começou a neutralizar o desconforto. Enroscaram as borboletas nos pinos de encaixe, conferindo um com o outro por cima dos ombros de Anna. Finalmente ergueram o capacete sobre a cabeça dela, que se viu encerrada em seu cheiro de lata. Noventa quilos de peso. Ela se lembrava do peso, mas não da sensação brutal de ser esmagada por ele. Será que aguentaria? Aguentaria. E agora? Sim. Era como se houvesse alguém batendo continuamente a uma porta, esperando uma nova resposta a cada vez. E agora?

Bascombe olhou pela viseira do capacete, satisfeito como nunca — ou seja, sem o rosto franzido.

— Em menos de cinco minutos — determinou ele. — A gola de Newmann ainda nem está toda fechada.

Tentando não cambalear, Anna arrastou os pés na direção da escada de mergulho. Marle conferiu seu cordão umbilical — a mangueira de ar e o cabo-guia, presos um ao outro —, e ela escutou o silvo do ar que entrava no capacete. Na escada, eles a fizeram dar meia-volta até que ficasse de costas para a água. Marle olhou para ela pela viseira do capacete, trocando com Anna um olhar animado e brincalhão.

— Prazer em conhecê-la, srta. Kerrigan.

— Igualmente, sr. Marle.

— Boa sorte lá embaixo.

— Ora, muito obrigada.

Marle fechou a viseira do capacete e a selou hermeticamente. Aquela tinha sido a primeira troca de palavras entre os dois.

Segurando o corrimão curvo da escada, Anna começou a dar passos cautelosos para trás, apalpando cada degrau com a ponta de metal do sapato antes de apoiar todo o peso do corpo. A água se contraiu em torno das suas pernas com uma energia gélida, colando as dobras do macacão à sua pele. Fragmentos de gelo chocavam-se contra o seu traje. Em pouco tempo a água já chegava à altura do peito, e então surgiu na viseira do capacete. Anna olhou para cima pela última vez e viu Bascombe e Marle, que a fitavam da escada. Mais dois degraus e estaria submersa, a água verde-acastanhada da Wallabout Bay visível pelas quatro aberturas do capacete. O único som era o silvo do ar.

No último dos catorze degraus da escada, fez uma pausa para abrir um pouco a válvula da entrada de ar. E pronto: o traje inflou-se, diminuindo a pressão da água em suas pernas. Tateou em busca da corda estendida para guiar seu mergulho, enroscou a perna esquerda no cânhamo torcido e deixou a corda escorregar pela luva esquerda enquanto descia cada vez mais, levada suavemente para o fundo pelo peso do traje, em meio à água que escurecia à medida que se distanciava da superfície. Por fim, os sapatos pousaram no fundo da Wallabout Bay. Anna não conseguia ver o fundo: somente suas pernas, que desapareciam no escuro. Sentiu uma onda de bem-estar cuja fonte não identificou de imediato. Depois, se deu conta: todas as dores causadas pelo traje tinham desaparecido. A pressão do ar dentro dele era suficiente para contrabalançar a pressão externa enquanto a mantinha com uma flutuação negativa — ou seja, de pé no fundo. E todo o peso do traje, tão penoso em terra, agora lhe permitia caminhar debaixo dos dez metros de água que, de outro modo, a deixariam achatada como uma alga.

Sentiu um único puxão em seu cordão umbilical: *Tudo bem?* Ela repetiu o puxão, para indicar que tinha entendido. *Está tudo bem.* Surpreendeu-se ao sorrir. O ar em suas narinas era delicioso; mesmo o silvo de sua chegada, que o tenente Axel tinha descrito como “o zumbido de um mosquito que você não tem como matar”, era bem-vindo e agradável. Tinham dito aos mergulhadores que não seria necessário ajustar a válvula de exaustão do traje, regulada em duas voltas e meia, mas Anna não resistiu e apertou um pouco mais a torneira

do comando, em formato de estrela, aprisionando mais ar no interior do traje. Começou a subir muito de leve, as solas dos sapatos desprendendo-se da lama que os sugava. Sentiu-se invadida por uma onda de prazer. Parecia voar, parecia mágica — parecia um sonho. Tornou a abrir a válvula e livrou-se do excesso de ar até pousar novamente os pés no fundo da baía.

Uma sacola de ferramentas, perfurada com aberturas que pareciam cômicas em terra, apareceu flutuando ao seu alcance, presa a um cabo de descida. Dentro dela, um martelo, pregos e os cinco sarrafos de madeira que deveria transformar em caixote. O desafio era evitar que a madeira — e o próprio caixote quando pronto — disparassem para a superfície antes da hora. O tempo de cada mergulhador seria cronometrado, é claro. “O cronômetro bate mais forte debaixo d’água”, advertira o tenente Axel. “Se alguém precisar emergir para recuperar a madeira, vai gastar um tempo precioso do mergulho”.

Anna abriu só um pouco a boca da sacola de ferramentas, o suficiente para enfiar nela uma das mãos. Os sarrafos de madeira se chocaram com seu pulso, ansiosos para escapar, mas conseguiu retirar apenas dois antes de se dar conta de que tinha deixado o martelo e os pregos dentro da sacola. Prendeu os sarrafos soltos debaixo do braço esquerdo e apalpou o interior da sacola em busca do martelo. Um terceiro sarrafo escapou da sacola, e ao tentar alcançá-lo Anna soltou os dois que tinha prendido debaixo do braço. Por pouco conseguiu alcançar e recuperar os três pedaços de madeira antes que flutuassem para além do seu alcance. Seu coração disparou, e ela se sentiu um pouco tonta. O pânico, ou qualquer esforço debaixo d’água, faz o mergulhador exalar mais gás carbônico, o que o enfraquece quando volta a respirá-lo. Anna devolveu tudo à sacola e a fechou bem. Respirou fundo, fechou os olhos e, na mesma hora, percebeu uma sensibilidade aumentada nas pontas dos dedos, como se despertassem do sono. É claro. O melhor seria manter os olhos fechados. Anna afrouxou a boca da sacola e deixou os dois primeiros sarrafos subirem até sua mão direita. Com a esquerda, alçou o martelo e pegou um único prego. Pendurou a sacola no ombro e ajustou os dois pedaços de madeira em ângulo reto, apoiando-os contra os blocos de chumbo do seu cinto. Com lentíssimos movimentos subaquáticos, martelou o prego até que ele perfurasse a madeira macia e um sarrafo fosse preso ao outro. Suas mãos comandavam as ações; Anna mal olhava o que fazia. Dali a pouco, martelava o fundo do caixote, desejando que a tarefa tivesse levado mais tempo. Não queria voltar à superfície.

Sem dar sinal aos assistentes, acomodou o caixote dentro da sacola de ferramentas e fechou a válvula só um pouco, o suficiente para lhe permitir uma série de passos ligeiros, quase sem peso. Sentia protuberâncias debaixo das botas, a topografia oculta da Wallabout Bay. O que exatamente haveria ali? Gostaria de poder ajoelhar-se e apalpar o fundo com as mãos. Segurando seu cordão umbilical para cima, para evitar que se enrolasse, deu uma volta

completa sem sair do lugar, sentindo o empuxo das marés e das correntezas, do rio e do oceano.

Três puxões firmes no cordão umbilical puseram fim à sua diversão. *Alerta para subir*. Suas bolhas deviam ter traído seus movimentos; imaginou o aborrecimento de Bascombe ao vê-las mais distantes da escada. Provavelmente ele estava preocupado com a cronometragem e o desempenho, querendo completar a tarefa antes da outra equipe. Ela procurou o cabo-guia, mas a corda de cânhamo, com mais de sete centímetros de diâmetro, tinha desaparecido. Aparentemente, tinha caminhado muito pouco, mas de alguma forma afastara-se o suficiente para o cabo ficar fora do alcance dos seus braços estendidos em qualquer direção.

Sete puxões: tinham percebido o problema e iam recorrer a sinais para guiá-la. Anna repetiu os sete, depois recebeu três puxões, que significavam *vire à direita*. Mas como podiam saber em que direção estava virada? Obediente, virou à direita e começou a andar, vasculhando a água com os braços na esperança de interceptar o cabo. Seu coração batia forte em seus ouvidos enquanto imaginava a vergonha de precisar ser puxada para cima pelo cabo-guia.

Então lhe ocorreu que poderia emergir sem usar o cabo, simplesmente por meio do ajuste de suas válvulas de entrada e saída de ar. Deixou o traje inflar o suficiente para elevar-se um pouco, desgrudando os pés da lama. Mantinha as mãos nas duas válvulas, de entrada e de saída de ar, inflando o traje o suficiente para fazê-la levitar pela água cada vez mais clara. Tinha em mente a precaução de não inflar fora de controle, caso contrário subiria como um foguete, pernas e braços muito abertos.

Seu capacete emergiu, e a luz do dia entrou pela viseira. O guindaste de torre estava bem à sua frente, portanto Anna estava de costas para a barça. Agitando os braços debaixo d'água, deu meia-volta e viu a barca a pouco mais de cinco metros de onde se encontrava. O traje não lhe permitia nadar, mas, pedalando como se estivesse numa bicicleta, conseguia se deslocar aos poucos para a frente. As botas tornavam esse movimento exaustivo; o suor escorria entre os seus seios, e a viseira do seu capacete ficou embaçada. Sabia que precisava parar e esgotar o gás carbônico acumulado, mas usou o restante da energia em seu corpo para transpor a distância que a separava da escada. Finalmente segurou um dos corrimãos e deixou-se submergir de novo, apoiando os sapatos de metal no último degrau da escada enquanto tentava recobrar o fôlego.

Ofegante no capacete superaquecido, Anna reconheceu o custo da ousadia de sua opção: não lhe restava mais força alguma. Tentou subir a escada, mas assim que seu capacete emergiu precisou fazer mais uma pausa, para dar conta do peso que doze centímetros acima do nível do mar já representavam para sua coluna e seus ombros. Finalmente, conseguiu reunir energia para mais um degrau. Depois, subiu mais três, ficando fora da água da cintura para cima, mas

não conseguiu subir mais.

A viseira do seu capacete se abriu de supetão e Bascombe olhou para ela de um ponto superior da escada. O rosto dele se mostrava tão contrariado quanto ela esperava.

— Se abaixe e espere a água escorrer para fora do traje — disse. — Assim vai ficar mais leve.

Anna sorvia o ar fresco através da viseira aberta do capacete.

— Preciso... descer de novo — falou ela.

— Não diga. Você tem que se agachar.

Anna se agachou e sentiu a água sendo expulsa do traje. Mas o capacete e a couraça continuavam pesados demais.

— Mais um degrau — instruiu Bascombe, recuando para lhe abrir espaço.

Ela conseguiu apoiar o sapato esquerdo no degrau seguinte, mas, quando tentou içar o resto do corpo por mais quinze centímetros, dobrou o joelho e quase caiu para trás. Bascombe a segurou pelos antebraços e os prendeu, com força, aos corrimãos da escada. Juntos, se deram conta do que quase tinha acontecido: cair na água com a viseira aberta significaria mergulhar direto até o fundo.

— Quer que Marle e eu puxemos você para fora? — perguntou ele. — Certo, puxamos você e aí esses idiotas vão dizer “Já vai tarde. Ela que volte para a casa da mamãe”. Nem por um cacete.

Pela viseira do capacete, lançou um olhar furioso direto para os olhos dela. Os olhos de Bascombe eram muito azuis, duros como quartzo. Anna teve a impressão de que nunca os tinha visto antes.

— Encontre forças, Kerrigan. Encontre. Forças.

Ela viu que ele estava desesperado.

— Você não vai ser penalizado se eu não conseguir — garantiu ela, arfando.

Ele fez um som de desdém.

— Isso não vai me afetar — assegurou. — Newmann estourou o tempo, Savino abriu um buraco na perna do traje com um prego, os sarrafos de Fantano estão sendo levados pelas águas do rio. Morrissey está subindo, mas duvido que tenha construído o caixote. Desse jeito, Marle e eu vamos ser os únicos a passar.

— Eu terminei o caixote — contou Anna, sem ar.

A surpresa cintilou nos olhos dele.

— Então muito bem. Suba logo essa merda de escada e fique com o crédito. Levante o sapato! Muito bem. Agora, o outro. Sobe logo. Depressa. — Ele ainda prendia os pulsos dela à escada, pendurado do corrimão acima dela como um morcego. — Vejo você na barça — disse, e então fechou a viseira do capacete de Anna.

Os incentivos funcionaram em Anna como sais aromáticos. Ou talvez tivesse sido o tempo de descanso. Ou o fato de ter respirado ar puro. Fosse

como fosse, ela subiu a escada até o fim. Um degrau de cada vez. Era bem mais forte do que achava.

No convés da barça, Marle a conduziu de volta ao banco e ela desabou sentada. Quando Marle abriu a viseira do seu capacete, Anna viu o tenente Axel com dois caixotes prontos nas mãos. Todos pararam para ouvir, Anna e Morrissey ainda com o capacete.

— Tivemos uma boa dose de problemas esta manhã — informou ele ao grupo em tom tímido. — Mas tenho o prazer de anunciar que esses dois aqui são mergulhadores autênticos.

— Um deles é Kerrigan, senhor! — gritou Marle contra o vento.

Mesmo em sua exaustão, Anna percebeu que jamais se esqueceria da expressão de espanto consternado que franziu o rosto infantil do tenente. Meneando a cabeça, ele olhou para os bancos de mergulho.

— Não — disse ele. — Não, não. — E, em seguida: — Qual dos dois?

DEZESSEIS

Com palavras ferinas, o tenente Axel excluiu do programa os três homens que tinham fracassado no mergulho na Wallabout Bay. Mas, uma vez que não tinham para onde ir naquele momento (pois a barcaça estava cercada de água) e que seus serviços — como assistentes e no acionamento dos volantes dos compressores de ar — ainda eram necessários, permaneceram a bordo sob o olhar hostil do tenente pelo resto do dia. Tinha conseguido formar menos mergulhadores do que precisava. Dos seus dois desejos mutuamente excludentes — criar um programa robusto de formação de mergulhadores e reprovar todos os mergulhadores inscritos —, o segundo estava em vantagem.

Depois que todos os outros mergulhadores conseguiram passar no teste, o tenente, a contragosto, ofereceu a Newmann, Savino e Fantano uma chance de redenção. Dessa vez, todos os três conseguiram montar seus caixotes e subir de volta para a barcaça. Um espírito de celebração reinava entre o grupo enquanto se dirigiam de volta ao píer do West End. O sentimento ganhou força enquanto descarregavam as arcas, os compressores de ar e os trajes de mergulho pesados e encharcados, e levavam tudo de volta para a Unidade 569.

— Fizemos bem em separar logo o joio do trigo — disse o tenente Axel ao grupo em tom contido de aprovação. — Ficamos apenas com os homens mais fortes, os mais capazes para mergulhar. Alguns de vocês ainda vão sucumbir — falou, com um quê de animação na voz. — A acidentes, ferimentos, imprevistos, que são coisas inevitáveis. Mas, por enquanto, parabéns, rapazes.

Seu olhar passava apenas de raspão por Anna cada vez que dizia “homens” ou “rapazes”, como se tentasse fazê-la desaparecer. Aos olhos do tenente, ela era o resíduo inconveniente de uma experiência fracassada — e Anna sabia disso. A Unidade 569 nem sequer tinha um banheiro para mulheres. Para que Anna pudesse usar o lavabo, Katz ou Greer precisava esvaziar o masculino e postar-se, desajeitadamente, de guarda à sua porta. Ela sempre temia a chegada de suas regras. Na seção onde trabalhava antes, as casadas reclamavam que os fuzileiros da guarda atentavam para os absorventes durante a inspeção das bolsas no portão da Sands Street. Gostaria de ver como elas reagiriam a esse novo arranjo!

Seu vestiário improvisado era um armário de artigos de limpeza. Enquanto vestia as roupas de sair, ouviu os mergulhadores brincando no vestiário deles, corredor abaixo. Planejavam uma reunião no Eagle’s Nest. Era noite de sábado; o dia seguinte era de folga. Anna ficou escondida enquanto eles passavam pelo armário em grupos ruidosos, a caminho da saída.

Quando o prédio ficou em silêncio, ela abriu uma fresta da porta e viu Marle caminhando sozinho para a saída. Como ela, devia ter esperado pela partida dos demais. Anna sentiu o impulso de ir a seu encontro. E estava quase saindo de dentro do armário quando ouviu a voz de Bascombe do lado de fora:

— Ei, Marle, ainda está aí?

— Estou — respondeu Marle, reduzindo a velocidade dos passos.

— Os rapazes estão indo agora. Vou esperar você.

Marle hesitou, olhando para o relógio de pulso. Anna teve a estranha sensação de se ver dentro da cabeça dele — hesitante, com vergonha da estranheza de se juntar a eles e ao mesmo tempo ansioso para ser incluído no grupo. Recuar agora, com Bascombe à espera dele, podia parecer uma grosseria; e talvez ele nunca mais fosse convidado.

— Está certo — disse Marle, dirigindo-se à porta com passos decididos.

Anna ouviu o som de suas botas no calçamento do píer; as vozes do grupo se dissipavam em meio ao ruído abafado dos trabalhos de construção e do tráfego de barcos. O silêncio reverberava à sua volta, um prelúdio ao bonde, ao prato de refeição coberto, ao apartamento vazio. A ideia a repelia. Tinha passado o dia todo ajudando outros mergulhadores e sendo manuseada por eles com uma proximidade que lhe lembrava a infância: estar em contato físico com outras crianças, sentir seu hálito, suas mãos pegajosas, o cheiro de pão de seu couro cabeludo. Depois de tanta proximidade, não conseguia suportar a ideia de retornar à solidão.

Correu para a unidade de inspeção à procura de Rose, decidida a convidá-la para jantar. Se Rose recusasse — como era provável, com o pequeno Melvin em casa —, talvez convidasse Anna para ir visitá-la. Mas a troca de turno já tinha ocorrido, e, quando Anna chegou ao segundo andar, viu que Rose e todas as casadas já tinham ido embora, e desconhecidas ocupavam suas banquetas.

A porta do supervisor estava aberta. Anna bateu, sem saber se quem estava lá era o sr. Voss ou o supervisor da noite.

— Entre.

— Sr. Voss! — exclamou ela.

Ele já tinha vestido o sobretudo e estava com o chapéu na mão.

— Srta. Kerrigan — cumprimentou ele, sorrindo. — Que surpresa boa.

— Eu estava... eu vim... — gaguejou ela, tentando explicar sua presença.

— Mergulhei na baía hoje de manhã.

— Com o escafandro?

— Noventa quilos.

— Esplêndido. E o tenente, gostou?

— Nem um pouco. Ele estava torcendo para eu não conseguir e tive o prazer de frustrar a expectativa dele.

A voz não era exatamente a de sempre: havia retomado o tom de

brincadeira que ela e o sr. Voss já haviam usado antes.

— Isso merece ser comemorado. Posso levá-la para jantar?

— Preciso tomar um banho.

Anna estava coberta de suor seco. O sr. Voss vestia um belo terno cinza.

— Por que não acompanho a senhorita até sua casa e espero do lado de fora enquanto se arruma?

Agora que ele não era mais seu supervisor, Anna não via mal em ser vista com o sr. Voss; a *Shipworker* costumava publicar notas sobre o casamento entre pessoas que trabalhavam juntas no Arsenal de Marinha. Caminhou ao lado dele pela Sands Street, podendo finalmente satisfazer sua curiosidade sobre as lojas de uniformes, casas de tatuagem e vitrines empoeiradas em que pequenos cartazes anunciavam “quartos”. Mas sua solidão não chegou a deixá-la, apesar de todo o movimento da rua, e vigiava seus passos como um mastim de uma janela. No bonde, ela fixou o olhar no sr. Voss, evitando a escuridão de fora.

Chegando ao apartamento, encheu a banheira. Nell tinha lhe contado que, em certas lojas de departamentos, as garotas podiam tomar banho depois do trabalho, saindo arrumadas e maquiadas para a noite. A ideia de uma transformação como essa interessava Anna. Estava cansada de ser quem era. Vasculhou as roupas que sua mãe tinha deixado e encontrou um vestido de cetim sem alças verde-marinho. Ajustou a bainha antes mesmo de a banheira ficar totalmente cheia. Em seguida, esfregou-se com flocos de sabão no banho quente, e raspou as axilas. Depois de se secar, passou pó de arroz nos seios e no pescoço, pintou os lábios e passou ruge nas maçãs do rosto usando os cosméticos da mãe. Acrescentou um colar de pérolas e brincos de gotas de brilhante — bijuterias, é claro, mas convincentes a distância. Encontrou um par de luvas prateadas de seda artificial que lhe chegavam aos cotovelos. Levantando os cabelos, prendeu-os o melhor que pôde — eram pesados e lustrosos demais para serem contidos por grampos —, e, em seguida, escolheu um chapeuzinho redondo que combinava com o vestido. Quando se olhou no espelho da cozinha, a *glamour girl* que a contemplou de volta a fez cair na risada. Um disfarce! Por que não tinha pensado nisso antes? Trocou uma piscadela com sua nova e irresistível comparsa.

O sr. Voss estava encostado em uma das paredes do vestibulo gelado, lendo a edição vespertina do *Tribune*.

— Srta. Kerrigan — disse ele quando ela surgiu nas escadas com a capa enfeitada de sua mãe. — Estou embasbacado.

— Mas por quê, sr. Voss?

— Charlie. Por favor.

— Só se você me chamar de Anna.

Ela sentiu uma pontada de preocupação; tinha mesmo certeza de que ele não gostava dela de um jeito diferente?

— Eu tinha pensado em levá-la para jantar no Michael's, em Flatbush — contou ele. — Mas agora estou achando que não podemos evitar uma corrida

de táxi até Manhattan.

— Não sei se entendo isso como um elogio ou um insulto — retrucou Anna, que tinha começado a usar uma das vozes de cinema que ela, Lillian e Stella costumavam imitar.

Pegaram um táxi na 4th Avenue e logo cruzavam a Manhattan Bridge. O East River era um vazio azul e negro em que pontos de luz sugeriam um denso ajuntamento de barcos. Anna respirou fundo. Sem o lastro familiar de sua solidão, sentia-se solta, como se pudesse cair da ponte no rio escuro.

— Me diga uma coisa, Charlie. Há alguma mulher em casa querendo saber onde você se meteu?

Ele se virou para ela, sério.

— Nenhuma mulher à minha espera. Dou-lhe a minha palavra.

— As garotas do trabalho...

— Ah, elas adoram falar.

— E isso teria lhe prejudicado? O que elas dizem?

— Só se fosse verdade.

Anna tinha razão; eram amigos e nada mais.

— Nem mesmo uma filha? — perguntou. — Esperando em casa?

— Não tive filhos até o momento.

— Um sujeito bonitão como você, Charlie — provocou Anna, caindo de volta à fala afetada, como quem se atira em uma cama de plumas. — Como é que pode?

— Falta de sorte, imagino. Até esta noite. A providência divina resolveu finalmente sorrir para mim.

— Você já deve ter falado isso umas cem vezes. E aprendeu com um biscoito da sorte.

— Setenta, oitenta vezes, no máximo.

Riam juntos, adorando cada novo achado do diálogo entre os dois. Anna sempre sentira vontade de dedicar-se ao flerte; o que, agora, de repente lhe parecia fácil.

No Chandler's, na East 46th, comeram hambúrguer sem pão com cebolas refogadas e batatas fritas, seguido de fatias de torta de maçã. Beberam champanhe. Charlie Voss tinha um jeito de fazer perguntas que mantinha a conversa na trilha segura que Anna preferia percorrer: o teste de mergulho, as excentricidades do tenente Axel, o progresso dos russos contra os boches na Ucrânia. Não houve menção alguma à escuridão que circundava o trecho de terreno bem iluminado que eram tais assuntos. E Anna pressentiu uma escuridão semelhante em Charlie Voss. Em certos momentos, sentiu que quase compreendia alguma verdade a respeito dele, praticamente à vista. Mas seus esforços foram em vão.

Depois do jantar, enquanto caminhavam na direção da Quinta Avenida, Anna tomou o braço de Voss. Sentia-se como na manhã daquele mesmo dia, debaixo d'água e sem a menor pressa de emergir. Charlie Voss deve ter

sentido a mesma coisa, pois disse:

— Ora, mas não vamos nos recolher tão cedo. Existe alguma casa noturna de que você goste?

— Só estive em uma única boate em toda minha vida — respondeu ela.

★ ★ ★

O porteiro da Moonshine, de cartola, escolhia os frequentadores que poderiam entrar em meio à aglomeração compacta diante da porta laqueada. Ocorreu a Anna que ela poderia dizer, com um mínimo grau de verdade, que conhecia Dexter Styles, mas no fim das contas nem foi necessário. O porteiro admitiu os dois, e a primeira impressão de Anna foi a de que nada tinha mudado na boate, de que aquela noite era uma continuação da outra. Na cintilante pista de dança de piso quadriculado, procurou a mesa a que ela e Nell tinham se sentado. Estava ocupada por desconhecidos, e Dexter Styles não se encontrava à vista. Depois de um lampejo de decepção, Anna sentiu alívio por não se deparar com ele. Aquele dia com Lydia em Praia de Manhattan continuaria intacto.

Um *maître* os conduziu a outra mesa, no limite externo do salão, e Charlie pediu champanhe. Os ruidosos metais e tambores da orquestra soavam como o prenúncio de uma tempestade ou a chegada de um exército. Uma cantora com ar de menina perdida silenciou o salão por algum tempo com sua voz trêmula. Anna e Charlie correram para a pista de dança, com dezenas de outros casais. Anna estava nervosa, lembrando como tinha dançado mal com Marco na ida de outubro, mas Charlie Voss tornava tudo mais fácil.

— Graças a Deus você dança muito bem — elogiou ela.

— É por sua causa.

— Rá! E também sabe mentir.

Ela estava tonta do champanhe e do prazer de estar nos braços de outra pessoa. Correntes de ar morno atingiam suas clavículas.

— Anna? É você?

Ela se virou e viu Nell, com um vestido de *chiffon* cor de pêssego e sem alças, dançando com um homem mais velho de *smoking*. Anna separou-se de Charlie e deu um abraço na amiga.

— Não acredito! — exclamou Anna. — Procurei você por toda parte.

— E eu mal te reconheci. O que houve? Você está deslumbrante!

Nell tinha a aparência irresistível de sempre, só um pouco mais afetada. Seus cabelos tinham agora um matiz avermelhado, e sua pele ostentava uma brancura impossível, como se ela nunca pegasse sol.

— Vocês dois devem estar sentados na Sibéria; temos lugar na nossa mesa — disse ela. — Este é Hammond, o meu noivo.

Hammond deu um sorriso enrugado, dilatando as narinas do nariz aquilino,

os olhos verdes inertes. Anna o achou bonito. Apresentou Charlie Voss e os quatro atravessaram a pista cheia de casais, afastando-se da orquestra.

— Na verdade, nem estamos noivos — sussurrou Nell. — Só digo isso para chatear ele um pouco.

— E é ele... o tal sujeito?

— O próprio. Ele me instalou num apartamentinho lindo em Gramercy Park South. Com uma chave para o portão do parque! Você devia me visitar. Número 21. Repete, para eu saber que não vai esquecer. Vinte. E. Um.

— Vinte e um — repetiu Anna, obediente. A amiga lhe parecia agitada, provavelmente pelo consumo de álcool. — Você encontrou um emprego melhor?

— Não estou trabalhando em lugar nenhum — respondeu Nell. — Só se você considerar um emprego estar sempre linda para Hammond não me pôr para fora.

Sentaram-se com um grupo que ocupava várias mesas perto da pista de dança. Anna viu Marco e corou quando ele olhou em sua direção. Mas ele fitava Nell.

— E ele seria mesmo capaz de pôr você para fora? — perguntou Anna, sussurrando.

— Hammond é um grosso — reclamou Nell, o que deixou Anna perplexa, pois o próprio Hammond estava a poucos centímetros delas, com o braço envolvendo os ombros de Nell.

Anna desviou os olhos, como se tivesse praticado uma indiscrição.

— Mas então por que você...

— Dinheiro — confessou Nell em tom animado. — Ele é cheio da grana, e paga tudo. Vive numa mansão de oito quartos em Rye, no estado de Nova York, com a mulher e os quatro filhos. Nunca vai abandonar a família, foi loucura eu achar que iria. Não é mesmo, querido? — perguntou ela, dirigindo-se a Hammond. — Anna trabalhava comigo no Arsenal de Marinha — acrescentou, e depois voltou-se para a amiga: — Hammond nem gosta de ouvir falar nisso. Acha que nenhuma garota devia trabalhar; todas deviam passar o dia inteiro inventando maneiras de seduzi-lo.

Beijou uma das faces pálidas de Hammond, deixando nela uma lesão de batom fúcsia. Como se pudesse ver a mancha, Hammond esfregou várias vezes a mão no rosto para limpá-lo. Parecia extraordinariamente quieto, como um homem que anda muito ereto para disfarçar a embriaguez. Mas não estava embriagado; era alguma outra devassidão que ele tentava ocultar.

— Vamos ao toalete! — exclamou Nell, pegando a mão de Anna e puxando a amiga. — Apanhe a sua bolsa, Anna, precisamos retocar o pó no rosto!

Anna achou difícil manter o rosto inexpressivo diante de uma encenação tão exagerada. E quem seria a plateia? Não Charlie Voss, com quem Anna já tinha trocado um olhar de ironia de um lado para outro da mesa. Só restava

Hammond. Mas Hammond, paralisado em algum ponto entre a raiva e o pânico, estava absorto demais para se perguntar por que sua amante estaria fazendo aquela cena.

— Não vamos ao toalete coisa nenhuma — disse Nell assim que se afastaram da mesa. — Lá todo mundo escuta as conversas alheias, e as garotas são umas víboras. Muitas adorariam fisgar Hammond.

Pararam em um ponto em que a pista de dança estava menos movimentada, ao lado de uma pilastra. Uma ponta de medo tinha começado a temperar a visão que Anna tinha da amiga.

— Você está feliz? — perguntou ela. — No apartamento?

— Mais ou menos. Hammond trabalha demais, e não aparece muito — explicou, e então deu um sorriso malicioso. — Mas tenho outra pessoa que me visita.

— Marco?

Horrorizada, Nell agarrou os ombros de Anna com as mãos quentes e trêmulas.

— Se alguém lhe contou, preciso saber exatamente quem.

Anna engoliu em seco, assustada com a reação de Nell.

— Foi só um palpite. Marco estava naquela mesa com a gente da outra vez, lembra? Quando estivemos aqui em outubro?

Nell lançou-lhe um olhar demorado e, depois, a soltou.

— Desculpe. É que eu fico um pouco... nem sei o quê.

— Você tem medo de Hammond descobrir?

— Tenho. Mas nem devia. Se ele me puser para fora, eu ligo para a mulher dele e conto tudo. Daí ele também vai parar na rua. O problema é saber o que ele faria nesse caso. Isso é o que eu queria saber.

— Você não parece gostar muito de Hammond.

— Eu detesto Hammond. E ele me odeia também. É como um daqueles casamentos péssimos, acabados, só que sem filhos... Bem, podíamos ter tido um filho, mas não tivemos.

Anna olhou fixamente para o belo rosto de Nell e se admirou com o que a amiga lhe contava.

— Sinto muito.

— Não me arrependo de nada. Eu não queria ter um filho desse porco, jamais amaria a coisa que nascesse. Serviria apenas para estragar meu corpo, em troca de nada.

— Ah, Nell.

Anna sentia-se tomada por uma inquietação, por um mau pressentimento em relação à amiga. As histórias tristes que tinha ouvido a vida inteira — Olive Thomas, Lillian Lorraine — pela primeira vez lhe pareceram reais. No início, aquelas mulheres sem futuro eram apenas garotas, como Nell.

— E por que você não desiste de tudo? Do apartamento, de Hammond, de Marco? Volte para o Arsenal de Marinha! Eu virei mergulhadora. Talvez você

também pudesse aprender a mergulhar. Com aquela roupa enorme, lembra? Os caras que vimos treinando na barcaça?

Nell emitiu um riso meio grito, mas Anna persistiu, mesmo sabendo que parecia uma idiota.

— E a guerra, Nell? Você nunca pensa na guerra?

— Minha guerra com Hammond, ou a grande?

Anna riu, a contragosto. E Nell prosseguiu:

— O que eu posso fazer? Hammond não me deixa trabalhar; dizia que o cheiro do Arsenal ficava grudado em mim mesmo depois de eu ter tomado dois banhos e me borrifado com Sirocco da cabeça aos pés.

Anna endereçou um sorriso desalentado à amiga. Nell lhe deu um abraço inesperado, e o fato de estarem ambas de braços e ombros nus cercou o gesto de uma surpreendente sensação de intimidade. Anna captou o aroma salobro das axilas de Nell, além da pressão animal de suas costelas.

— Você está diferente — sussurrou Nell em sua orelha. — Gostei muito.

— Engraçado. Eu diria que é você quem está diferente.

— Isso quer dizer que podemos ser amigas — concluiu Nell, afastando-se e fitando os olhos de Anna. — Amigas de verdade, não feito essas víboras que andam por aqui. Você trabalha muito e chega em casa exausta, mas eu sou alérgica a esse tipo de vida. Minha mãe diz que eu me acho boa demais para trabalhar, mas não é verdade. Só estou tentando levar uma vida diferente. Mesmo que ela pareça meio absurda.

— Só me parece... perigosa.

— Eu gosto de não saber o que vai acontecer, de não acordar sempre na mesma hora, de tomar champanhe às dez da manhã quando me dá na telha. E não vá achar que essa história acaba aqui: tenho muitos planos, não se engane.

Anna percebeu que a amiga estava um pouco acelerada. Quis perguntar *Quais planos?*, mas estava preocupada em voltar logo à companhia de Charlie Voss.

— Agora que já falamos de tudo, podemos ir ao toalete — concluiu Nell, trançando os dedos com os de Anna e atravessando a aglomeração de frequentadores com a amiga a reboque.

O longo espelho do toalete estava tomado pelos rostos de garotas que avaliavam suas expressões de surpresa e encantamento, como se nunca esperassem encontrar a si mesmas em um lugar como aquele. Nell trocou cumprimentos forçados com várias delas. Anna deu uma piscadela para a amiga, acenou e saiu do toalete.

Antes de chegar à sua mesa, um garçom idoso a interceptou.

— Srta. Feeney?

O nome, conhecido e desconhecido, pareceu chegar a Anna por um caminho tortuoso.

— Sim... — disse ela finalmente.

— O sr. Styles gostaria de ver a senhorita no escritório.

— Bem, eu... agora eu não posso. Preciso...

Mas o garçom já tinha lhe dado as costas, certo de que ela o acompanharia. Anna viu Charlie Voss do outro lado do salão e tentou acenar para ele, mas não conseguiu atrair seu olhar. Sentiu o choque da inevitabilidade. Claro que o sr. Styles estava presente. Claro que ela iria vê-lo. Era uma escolha que tinha feito antes mesmo de entrar pelas portas laqueadas.

Atravessou o tumulto ruidoso da cozinha atrás do garçom, subindo em seguida um lance de degraus estreitos, gastos e sem revestimento. Viu-se diante de uma porta que, por sua vez, se abria para um corredor silencioso. Parecia outro lugar: um carpete macio e espesso, quadros a óleo iluminados por lâmpadas fracas presas às molduras. Anna ouviu risos abafados por trás das portas fechadas. O ar recendia a fumaça de charuto e cachimbo.

Seu guia bateu a uma porta ao final desse corredor, e depois a abriu com um empurrão. Anna entrou em uma sala com as paredes forradas de madeira e encontrou o sr. Styles sentado atrás de uma mesa de trabalho de aparência bem cara.

— Srta. Feeney — disse, em tom vigoroso e afetado, ficando de pé. — Muita gentileza sua vir nos visitar.

Anna sentiu-se acusada, como se tivesse sido surpreendida ao tentar evitá-lo.

— Eu procurei pelo senhor, mas achei que não estivesse aqui.

— Estou sempre aqui. Se eu não vier, esse lugar se desfaz em fumaça. Não é mesmo, rapazes?

Quatro jovens com a expressão pouco amistosa de capangas estavam distribuídos pela sala como gárgulas. Murmuraram uma resposta afirmativa, ao que tudo indicava reconhecendo o caráter retórico de seu papel na conversa.

— Nesse caso, sorte nossa ter sua presença — disse Anna.

Um fluxo de bom humor continuava jorrando de Anna; conduziu, portanto, seu discurso nessa direção e colheu com prazer seus resultados.

O sr. Styles olhou para ela com uma gravidade que não tinha a menor relação com seu tom jocoso.

— Rapazes, cumprimentem a excepcionalmente encantadora srta. Feeney.

Todos balbuciaram cumprimentos. O guia que a trouxera tinha sumido, fechando a porta atrás de si. Anna ficou olhando para o belo gângster em seu terno lindamente cortado, e sentiu que aquele dia com Lydia em Praia de Manhattan se dissolvia como aspirina em um copo d'água. Queria bater em retirada, deixar aquela memória intacta, mas o poder de convocar e dispensar parecia exclusivo do sr. Styles, o que a deixou com raiva.

— Podem sair, rapazes — comandou ele enquanto os outros recolhiam seus chapéus. — Eu acompanho a srta. Feeney até a porta.

Depois que saíram, ele ficou de pé ao lado da mesa, olhando para alguns papéis espalhados sobre ela. Em seguida, virou-se para Anna e lhe disse, com tom de voz totalmente diferente:

— Bom rever a senhorita. Como está sua irmã?

Ela congelou, olhando para suas mãos vazias. Do modo mais sereno que conseguiu invocar, respondeu:

— É uma história para outro dia. Preciso voltar para o meu acompanhante.

— Dane-se o seu acompanhante — falou Dexter, sorrindo.

— Ele pode não gostar.

— Sem dúvida.

Um zumbido soou na cabeça de Anna. Ficou furiosa com Dexter Styles e sentia que ele também estava irritado. Mas não fazia ideia do motivo.

— Eu levo a senhorita em casa.

— Obrigada, mas não tenho a intenção de ir embora no momento, e não preciso de carona. Além disso, esse lugar não vira fumaça se o senhor sair? — acrescentou em tom de zombaria.

— Mais um motivo! — respondeu ele, rindo.

Ela passou por ele e atravessou a porta para o corredor acarpetado. Sem fazer qualquer esforço para segui-la, ou sequer levantar a voz, Dexter disse:

— Meu carro está do lado de fora. Alguém vai encontrar com a senhorita ao lado da chapelaria.

Ela fingiu não ter escutado. Mas enquanto caminhava pelas curvas silenciosas do corredor, se viu pensando na desculpa que daria a Charlie Voss. E essa descoberta a deixou ainda mais furiosa. Quem o sr. Styles achava que era?

Perambulou por uma extensão de corredores e escadas e acabou voltando ao salão por uma porta diferente da que tinha usado para entrar. Hammond estava sozinho à mesa, olhando para a pista de dança, pálido de fúria. Seguindo seu olhar, Anna encontrou Nell e Marco agarradinhos.

Ficou aliviada ao ver Charlie Voss algumas mesas além, na companhia de vários homens que parecia conhecer.

— Encontrei um velho amigo da minha mãe — contou ela. — Ele não gostou de me ver aqui e insiste em me levar de carro para casa. Espero que você não se incomode.

Se Charlie ficou surpreso, ou mesmo magoado, conseguiu esconder qualquer vestígio em sua voz.

— Se você garante que vai estar em boas mãos...

— Obrigada, Charlie. Adorei sair com você. Vamos repetir a dose qualquer dia desses.

— Estarei contando as horas.

Havia uma fila para a chapelaria, mas o garçom idoso que a tinha conduzido à sala do sr. Styles estava à sua espera. Pegou a comanda de Anna e voltou alguns momentos depois com seu chapéu e sua capa. Saíram da boate por uma porta que ficava a algumas casas de distância dos portões de entrada. O Cadillac do sr. Styles estava parado discretamente bem ali, em ponto morto.

Quando o garçom abriu a porta do carona, um homem se aproximou da

janela do motorista. O sr. Styles abaixou o vidro.

— Olá, George — cumprimentou, apertando a mão do outro pela janela enquanto Anna se instalava a seu lado no banco do carona.

— Saindo mais cedo? — perguntou George.

— Só para levar a srta. Feeney em casa. Srta. Feeney, este é o dr. Porter, meu cunhado. A srta. Feeney trabalha para mim.

O médico olhou para Anna, dentro do carro escuro. Ela captou um olhar de malícia por cima do bigode lustroso. Um mulherengo.

— Peça uma garrafa por conta da casa — disse o sr. Styles a ele. — Daqui a pouco vou procurá-lo. Se não nos encontrarmos, vejo você amanhã no Sutton Place.

Fechou a janela e acelerou. Enquanto o volumoso automóvel tomava o rumo norte, os faróis revelando a névoa do ar gelado, ele falou:

— Me conte o que aconteceu.

Anna explicou o que tinha ocorrido em seguida àquele dia na Praia de Manhattan. Era a primeira vez que contava a história, então tomou muito cuidado com a narrativa. O cheiro de couro do carro a transportava para o dia do passeio: o peso quente de Lydia, as batidas de seu coração vindas de algum ponto profundo. Sentiu a dor da perda como se tivessem acabado de arrebatá-la a irmã dos seus braços. Lembrou-se da vida que rugia por baixo da pele de Lydia mesmo em sua imobilidade, e a dor da lembrança foi tanta que chegou a sentir-se fraca.

Quando acabou a história, o sr. Styles disse com uma voz embargada:

— Estou arrasado por ouvir isso.

Foram até o extremo norte da cidade e depois voltaram. Descendo a Quinta Avenida, deixaram para trás a entrada da biblioteca pública, por onde Anna tinha passado depois de se despedir da mãe na Pennsylvannia Station. Tinha sido ali que percebera pela primeira vez o poder de atração da noite, sentido seus perigos, armadilhas que vinha evitando desde então. *Outro tipo de garota*. Como alguém podia saber que tipo de garota ela era se Anna vivia só? As garotas *daquele tipo* podiam ser simplesmente as que não tinham ninguém para lhes dizer que *não eram* daquele tipo.

A noite se espalhava por toda parte, negra e difusa; preenchia o carro, rodeava Anna. Mas seu medo do escuro tinha desaparecido. Sem saber quando nem como, tinha se entregado à escuridão, desaparecido por uma brecha na noite. Ninguém sabia onde encontrá-la. Nem mesmo Dexter Styles.

Ele olhava direto para a frente enquanto dirigia, mas Anna sentia sua inquietação febril no banco ao lado. As cartilagens de sua garganta se moviam como nós dos dedos quando ele engolia em seco. E ele deve ter sentido o olhar dela, mas esperou muito tempo antes de olhá-la de volta. Um novo entendimento se abria entre os dois.

— A senhorita fica diferente — comentou ele, baixinho. — De verde.

— Foi por isso que eu escolhi esse vestido.

DEZESSETE

Dexter baixou um pouco a janela do carro e deixou o vento gelado açoitar seu rosto. Havia uma pessoa inteligente a seu lado, uma garota nada boba capaz de entender o que ele quisesse explicar e que o deixava intrigado pela combinação de atributos físicos e força mental, mas, na verdade, mais por este último, pois ele estava sempre cercado de belos atributos físicos e, por si sós, estes lhe despertavam bem pouco interesse. Ainda assim, havia algum problema com aquela garota em seu carro — aquela garota inteligente, moderna, com os valores corretos, envolvida no esforço de guerra, uma garota amadurecida por tempos difíceis e pela tragédia familiar —, e esse problema era que Dexter só conseguia pensar concretamente em trepar com ela. O restante — ideias vagas de que ela pudesse vir a trabalhar para ele, de que aquele jeito destemido pudesse lhe ser útil, de que ela talvez atirasse bem (braços esguios e fortes, revelados pelo vestido que usava naquele momento), a despeito da confusão sobre como tinham se conhecido (alguém os teria apresentado?) — acenava a uma certa distância, bem além da necessidade que ele sentia de *possuí-la*. E embora essa necessidade tornasse difícil dirigir o maldito carro, ele também pensava: era esse o problema entre homens e mulheres, era isso o que tornava a almejada harmonia no ambiente de trabalho tão difícil de alcançar. Os homens comandam o mundo e querem comer as mulheres. Os homens acham que as mulheres são fracas, quando a verdade é que as mulheres os enfraquecem. Ao mesmo tempo, outra linha de pensamento se desenrolava: por que isso? Por que agora? Por que ela? Por que correr o risco, quando George Porter tinha acabado de vê-los juntos? Mas eram perguntas teóricas, a responder em algum momento futuro. Por enquanto, a frustração explosiva que vinha se instalando em Dexter desde a sua visita ao sr. Q. duas semanas antes tinha finalmente encontrado um objeto. E uma outra linha de pensamento: aonde poderiam ir? Algum lugar reservado, algum lugar fechado. O desejo transforma em idiota todo aquele em que toca — Dexter sentia a estupidez lhe envolver a cabeça como um chapéu de burro. Aonde? Aonde? Aonde?

A parte estranha é que ele mal tinha pensado na srta. Feeney desde que a levara até a Praia de Manhattan, logo depois do Dia de Ação de Graças. A irmã inválida ainda o assombrara por um tempo, a lembrança dos olhos muito acesos acima dos cachecóis reaparecera nos momentos mais inesperados por mais ou menos uma semana. A irmã saudável, não. Ainda assim, quando a viu naquela noite em seu vestido verde, Dexter sentiu um aperto no peito. Ficou

olhando para ela de sua janela oculta, esperando que a sensação passasse. Mas esta só havia crescido à medida que ele reprovava suas companhias naquela noite: a cheiradora de cocaína, amante de um homem casado, além do acompanhante com quem chegara à boate: veado, podia apostar. Ao vê-la com aquele vestido, tinha se lembrado dos gemidos de Bitsy, do outro lado da porta do banheiro.

Quando atravessaram a Brooklyn Bridge, ela contou a ele que tinha se tornado mergulhadora. Deu a notícia em tom natural — para quebrar o silêncio, ele imaginou, grato. No fim das contas era de fato interessante, tanto o assunto quanto a sensação de continuar conversando com a mesma garota no mesmo carro, mas tratando de um tema completamente diverso. Ele perguntou como era o equipamento, como ela fazia para respirar debaixo d'água, se tinha esbarrado em algum cadáver. Mas poderiam estar falando sobre qualquer outra coisa.

Acompanhando a curva da costa na direção de Bay Ridge, Dexter entrelaçou os dedos com os dela, que eram finos e quentes. Ela cravou o polegar na palma da mão dele, e Dexter sentiu-se atravessado por um relâmpago, como se a mão dela estivesse dentro das suas calças. O ar no carro vibrava. Só havia uma cura para aquilo: saciar aquela vontade.

A velha garagem de barcos era uma escolha improvável para um encontro, tendo sido palco de muitas conversas de negócios de Dexter ao longo dos anos, nem todas agradáveis. Mas também neste caso, tinha as mesmas vantagens: era isolada, privativa, vivia trancada. Mais ou menos 1,5 quilômetro a leste de sua casa, até aquela altura o local vinha sendo poupado das reconfigurações promovidas pela Guarda Costeira. Cada vez que ia até lá, Dexter se perguntava se não encontraria a construção derrubada.

Estacionou na rua vazia e o carro silenciou depois de alguns estalidos e suspiros. A escuridão era absoluta. Ele se inclinou e a beijou pela primeira vez. A mente esvaziava ao sabor intenso da boca de Anna. Aparentemente, era a última garota de Nova York que ainda não fumava. Dexter sentia o apetite pulsar dentro dela como um segundo coração, maior e mais macio do que o órgão de verdade, e seu impulso — adolescente, é claro — foi começar ali mesmo, sem esperar mais nada. Mas era perigoso demais. Ele abriu sua porta, deu a volta no carro, abriu a dela.

— Vamos olhar — sugeriu ela.

Ele entendeu que ela se referia ao mar e só então percebeu o som alto das ondas. Caminharam até o fim da rua e contemplaram uma procissão quase invisível de ondas, fileiras de pessoas de chapéu branco dando-se as mãos enquanto mergulhavam de cabeça no abismo. Dexter fez o que tinha decidido que não faria: beijou Anna a céu aberto. Se o tempo estivesse um pouco mais quente, a teria levado ao chão ali mesmo, como fizera debaixo da passarela de madeira de Coney Island com mais de uma garota em sua juventude, os pés dos banhistas derrubando grãos de areia em cima do casal pelas fendas entre as

tábuas. Mas não havia pressa. Tinham saído da boate antes de uma da madrugada; o sol não nasceria antes das oito da manhã. Havia tempo suficiente para o que precisava ser feito.

A garagem de barcos ficava a um quarteirão dali, ao lado de um pequeno píer. Dexter destrancou o cadeado com a chave que trazia e forçou a porta emperrada, sentindo imediatamente que alguém tinha estado ali desde sua última visita, poucos meses antes. Riscou um fósforo na sola do sapato e acendeu o pavio do lampião que ficava ao lado da porta. A luz vacilante confirmou seu pressentimento: uma garrafa de uísque, pontas de cigarro. No estado em que se encontrava, mal lhe causou espécie. Agora precisava aquecer o lugar. Não havia eletricidade, só uma fornalha de ferro que produzia um calor razoável depois de acesa. Alimentou-a com lenha. Não encontrou gravetos, mas achou um jornal e o acendeu como mecha, ocorrendo-lhe apenas tarde demais que devia ter olhado a data para ter uma noção de quando alguém teria estado ali sem seu conhecimento ou sua autorização.

Com a fornalha agora acesa, virou-se, parcialmente esperando que Anna tivesse desaparecido enquanto ele se dedicava àquela tarefa corriqueira. Mas ela continuava ali, tirando os grampos do cabelo escuro, que caiu em ondas por cima das mãos de Dexter quando ele a abraçou, ignorando outras preocupações de ordem prática: deviam estender os sobretudos no chão? Ou se acomodar dentro de um dos botes a remo, suspensos de suportes nas paredes? Ele entrelaçou as mãos por baixo da bunda de Anna e a levantou do chão, carregando-a até uma mesa encostada na parede atrás da fornalha. Acomodou-a na beirada do tampo. Não se via quase nada. Beijou sua boca e seu pescoço; depois, abriu o sobretudo dela, arregaçou seu vestido e sua combinação, expondo a calcinha e as ligas. Tirou as calças e se encostou na barriga nua dela, a lenha estalando na fornalha atrás dos dois.

— Você quer? — sussurrou ele.

— Quero — respondeu.

A parte cega e muda do cérebro de Dexter seguiu em frente, como um cão de caça no encalço de uma raposa. Tirou a calcinha de Anna e a penetrou suavemente, ouvindo seu arquejo de alívio como se viesse do outro lado do recinto. Pouco depois, Dexter estremeceu como se tivesse levado um tiro. Seus joelhos se dobraram enquanto a apertava contra si e se derramava dentro dela. Sua própria respiração irregular tomou conta do ambiente. Quando conseguiu voltar a andar, abriu os sobretudos dos dois diante da fornalha, onde algum calor já se acumulava, e a ajudou a tirar o vestido e as luvas compridas. Soltou o fecho do seu sutiã e da cinta-liga, desenrolou lentamente suas meias. À luz do fogo, ela parecia muito jovem. Anna se deitou de costas em cima dos sobretudos, e fechou os olhos. Agora poderiam realmente começar, sem dizer nada. Ele cobriu o corpo dela de beijos, e ela parecia perder o fôlego. Quando afastou as pernas dela, encontrou o sabor do mar, o mesmo que ali escutava, suas ondas quebrando logo além das paredes. Ela chegou ao clímax como se

tivesse tido uma convulsão, e ele voltou para dentro dela antes mesmo que acabasse.

Caíram em um sono intermitente, e Dexter se levantava a intervalos para pôr mais lenha na fornalha. Em algum momento da madrugada ela o despertou com as mãos, tocando-o à tênue luz avermelhada com tal efeito que ele teve a impressão de que ela estaria dos dois lados de sua pele, habitando e explorando o seu corpo: de que outro modo poderia saber o que ele sentiria a cada movimento? Ela mantinha os olhos fechados, e ele também fechou os seus, entregando-se a uma doce agonia que lhe pareceu durar várias horas. Quando finalmente ela permitiu que ele terminasse, Dexter se abandonou inteiramente, voltando a si apenas para cair na risada: em 41 anos de vida, nunca sentira nada melhor. E, o tempo todo, outra parte sua calculava quanto tempo faltava para o amanhecer, ansioso para chegar ao fim antes que a noite terminasse. De quanto mais ainda precisavam? Ela montou nele, estremecendo ao seu toque como uma corda de arco, e ele sentiu que endurecia mais uma vez. Não teria fim, ele pensou — e a vida dele, a partir de então, seria apenas isso. Mas sabia bem que não devia acreditar.

★ ★ ★

— Anna.

O murmúrio atravessou várias camadas translúcidas de sono e penetrou profundamente em seus ouvidos. Ela abriu os olhos. Uma luz opaca vazava pelas persianas. Na fornalha, apenas brasas. Ela estava com frio e precisava fazer xixi. Dexter tinha abrigado os dois com um cobertor áspero, e Anna sentia a carne nua dele contra a sua debaixo da coberta.

— Anna — sussurrou ele perto do ouvido dela. — Preciso levar você para casa.

Ela ficou muito quieta, mal tendo aberto os olhos. Sentia medo de se mexer. Ocorreu-lhe uma lembrança do companheiro de Nell, na noite anterior: aquela quietude estranha. Sentia a mesma coisa naquele momento: só queria continuar inerte, para manter-se a salvo de um desastre.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Estou. Estou bem.

Mas não estava. O alvorecer, que normalmente lhe trazia um alívio das noites infelizes, agora continha a ameaça de uma revelação catastrófica. Seu coração batia em espasmos, e seus ouvidos tiniam.

Ele se levantou e atravessou o recinto, o primeiro homem todo nu que já tinha visto: um desconhecido alto com espirais de pelos escuros que pareciam verter torso abaixo e se acumular em torno de um conjunto de partes íntimas que, esteticamente, lembrava um par de botinas pendurado de um lampião pelos cadarços. Anna nunca tinha vivido os momentos posteriores à paixão;

chegava sempre em segredo ao refúgio no porão, e saía de lá sempre às escondidas, separada de Leon. Nada de recolher as roupas ao amanhecer, ou de uma *arma* num coldre de couro pendendo de uma cadeira. A depravação do que tinha ocorrido entre ela e aquele gângster a deixava admirada. Estaria embriagada? Louca? Tentou evitar o pânico, raciocinando: sua mãe nunca saberia; era seu dia de folga no Arsenal de Marinha, portanto não precisaria faltar ao trabalho, nem mesmo se atrasar. Mas como voltar para casa com as mesmas roupas da noite anterior sem que entendessem o que tinha acontecido? Precisava ir embora naquele segundo, antes que amanhecesse de todo; fazer xixi, tomar um banho e adormecer em sua própria cama antes que o novo dia começasse propriamente. Precisava que aquele momento fosse a última etapa de uma noite que já começava a ser apagada.

Esperou que ele vestisse as calças antes de se levantar, um pouco cambaleante. De costas para ele, vestiu a calcinha, prendeu o sutiã e enfiou-se na combinação. Ainda estava com as bijuterias. Uma de suas meias de náilon tinha ficado presa na fornalha e se esturricado com o calor. Ficou com as pernas nuas e pôs o vestido, sinalizando com a postura encolhida que não queria nenhuma ajuda. Não que ele estivesse oferecendo. Dexter parecia tão absorto quanto ela, contemplando o rótulo de uma garrafa de bebida vazia. Pegou duas pontas de cigarro no chão, examinou-as e as deixou cair de novo. Anna abotoou o sobretudo até o pescoço e pôs seu chapéu. Suas pernas nuas estavam totalmente arrepiadas.

Ficou esperando ao lado da porta enquanto ele conferia o conteúdo dos bolsos. Agora que tinham voltado a ser duas pessoas de sobretudo e chapéu, Anna sentia-se mais calma. Quando ele se postou ao lado dela junto à porta, ela sorriu, aliviada. Ele segurou o queixo dela com os dedos e lhe deu um beijo superficial — um beijo de despedida — antes de destrancar a porta. Depois, tornou a beijá-la, um beijo mais demorado, e Anna sentiu que uma janela se abria dentro dela apesar de tudo: um desejo de recomeçar, mesmo com o dia já quase claro. A fome que ele tinha despertado nela eliminava quaisquer escrúpulos: pensaria neles mais tarde. E reingressar no sonho fez sua vergonha de minutos antes dissolver-se por completo.

Ele fechou o trinco, tirou o chapéu e começou a desabotoar o sobretudo dela. Anna sentiu como seria fácil recomeçar tudo. E continuar. E como queria.

— Nós nos conhecemos antes — disse ela, sentindo o impacto das palavras no mesmo momento em que deixavam sua boca. — Acho que você não se lembra.

— Na boate?

— Não. Na sua casa.

Agora ele estava totalmente atento. Largou os botões do sobretudo dela. E mesmo desejando que ele continuasse, Anna sabia que ele iria parar.

— Na minha casa?

— Anos atrás. Eu era criança.

Ele balançou a cabeça lentamente e a encarou.

— Como assim?

— Eu estava com o meu pai — revelou ela. — Edward Kerrigan. Acho que ele pode ter trabalhado para você.

O nome preencheu o recinto como se ela o tivesse cantado em voz bem alta. Ou outra pessoa. Pois ter ouvido aquele som — o nome do seu pai — deu a Anna a impressão de removê-la na mesma hora daquelas circunstâncias libertinas. O pai dela era Eddie Kerrigan. Tudo o que tinha havido entre ela e Dexter Styles parecia tê-la conduzido àquela revelação.

Ele não teve qualquer reação visível à menção do nome, como se nunca o tivesse ouvido ou não o reconhecesse. Fez girar a aliança de ouro em torno do dedo e endireitou as lapelas do sobretudo. Mas, naquele silêncio de Dexter, Anna reconheceu o mesmo medo e a mesma cautela que vinha sentindo desde que despertara.

— E por que não me contou antes? — perguntou ele baixinho.

— Não sabia como contar.

— Você me disse que o seu sobrenome é Feeney.

Dexter soava menos acusatório do que confuso, como se apalpasse os bolsos em busca de algo do qual desse falta.

— Ele desapareceu. Cinco anos e meio atrás.

Dexter Styles reajustou o chapéu, olhou para o relógio, afastou uma das lâminas da persiana para olhar para fora.

— Precisamos ir — disse ele.

Caminharam até o carro, um pouco afastados um do outro. O amanhecer era de um azul frio e cintilante. Ele abriu a porta do passageiro e Anna entrou no carro. Ele fechou a própria porta, com força, e saiu dirigindo. Depois de vários minutos em silêncio, falou:

— Fico numa posição desconfortável. Sabendo disso só agora.

— Então você conheceu meu pai, e ele realmente trabalhou para você.

Anna se deu conta de que nunca tinha acreditado completamente nessa ligação. Suas lembranças pareciam muito com um sonho ou um desejo.

— Eu teria respondido no momento em que você me perguntasse.

— Você se lembra de quando ele me levou até a sua casa? — perguntou Anna.

— Não.

— Era inverno, como hoje. Eu tirei os sapatos.

— Pode ter a mais absoluta certeza de que, se eu me lembrasse disso, nós não estaríamos sentados lado a lado neste carro.

— Você sabe o que aconteceu com ele? Com Eddie Kerrigan?

— Não faço a menor ideia.

Anna ficou olhando para ele, esperando que retribuísse seu olhar, mas ele não desviava a atenção do caminho.

— Não acredito — disse ela.

Ele freou tão bruscamente que os pneus cantaram, e então encostou o carro junto ao meio-fio de uma rua sossegada onde só havia casas. Virou-se para ela, com o rosto pálido.

— *Você* não acredita em mim?

— Sinto muito — gaguejou ela.

— Foi você quem mentiu descaradamente. Não faço ideia de quem você é, do quê você é. Uma prostituta? Alguém lhe pagou para foder comigo e me dizer essas coisas?

Anna deu um tapa no rosto de Dexter, deixou uma marca vermelha em sua face. A mente só se deu conta do gesto com meio segundo de atraso.

— Eu já disse quem eu sou — insistiu ela, com a voz trêmula. — Sou Anna Kerrigan, filha de Eddie Kerrigan. Essa é a pessoa que eu sempre fui.

Dexter teve a impressão de que seria capaz de retribuir o tapa. As mãos que seguravam o volante ostentavam cicatrizes de boxe. Ele respirou fundo. Finalmente, virou-se para ela.

— O que você quer? Dinheiro?

Ela quase lhe deu outro tapa. Mas sua raiva se dissipou e a deixou calma ao partir, mais lúcida do que vinha se sentindo havia muitas semanas.

— Quero saber para onde ele foi. Ou se está vivo.

— Não tenho como responder.

— Não ia querer que a sua filha o procurasse, caso você desaparecesse? Não é o que você iria esperar?

— É a última coisa que eu iria querer.

Ela ficou surpresa.

— Por quê?

— Eu iria preferir que ela ficasse fora disso. Em prol da segurança dela.

Dexter permaneceu olhando fixamente para a frente. Anna observava suas mãos de pugilista no volante e deixou as palavras dele percorrerem com calma a sua mente. Abriu a porta de supetão e desceu do carro sem a menor ideia de onde se encontrava. Começou a andar à frente do carro, esperando em parte que ele parasse ao lado dela e lhe dissesse alguma coisa. Mas Dexter Styles passou direto por ela sem olhar para trás.

PARTE CINCO

A viagem

DEZOITO

CINCO SEMANAS ANTES

No dia de ano-novo de 1943, Eddie Kerrigan subiu a Telegraph Hill até a Coit Tower — ou o mais perto dela que os soldados de sentinela permitiram — para contemplar os píeres de Embarcadero. E distinguiu três cargueiros da classe Liberty sendo abastecidos. Eram idênticos, claro, mas ele sabia que o do meio era o *Elizabeth Seaman*, ao qual devia se apresentar para o serviço dali a menos de uma hora. Eddie temia aquele momento. Na verdade, tinha subido a Telegraph Hill na esperança de que a altitude e a vista ajudassem a diminuir sua relutância.

Ele tinha feito o exame para segundo oficial da Marinha Mercante na semana anterior, por cinco dias seguidos, na casa da alfândega de São Francisco, com suas colunas imensas. O simples fato de subir aqueles degraus — como se conduzissem a uma biblioteca, ou a um foro municipal — o deixava intimidado. Ele estudara muito pouco na vida, nunca lia nada além de jornais antes de virar marinheiro. Mas todo mundo lia a bordo dos navios — não havia muito mais o que fazer se você não jogava cartas nem damas. Com alguma hesitação, Eddie começou a ler, e descobriu que gostava. Seu ritmo ainda era lento, mas sua mente parecia um cão à espera de que alguém lhe atirasse um graveto, louca para sair correndo atrás dele. Tinha decorado passagens inteiras do *Manual dos Oficiais de Marinha Mercante*, e quase gabaritara seu exame para segundo oficial.

Passou em revista o *Elizabeth Seaman* com o máximo de detalhes que podia sem o uso de um binóculo. As gruas baixavam caixotes imensos no porão número dois: peças de avião, ele imaginou. Enquanto observava, sentiu-se inquieto por um grau inédito de cautela: uma tendência a se enfurecer com qualquer erro, como se, mesmo a um quilômetro de distância, já fosse responsável por aquele navio no qual nem tinha posto os pés. E se censurou: a Marinha Mercante não era a Marinha de Guerra, afinal. Os oficiais da Marinha Mercante nem sequer tinham uniformes determinados. Ainda assim, agora que havia se tornado um oficial, mesmo que apenas em tese, Eddie sentia que a tranquilidade passiva cultivada em seus cinco anos e meio no mar estava em risco.

Não que ele não viesse trabalhando com afinco. Tinha trabalhado como cule — o que fora parte essencial do seu sossego. Em seus primeiros trabalhos,

na “turma da fuligem” das salas de máquinas, alimentara as caldeiras de carvão e tinha apagado incêndios; limpava e lubrificava as entranhas escaldantes do navio, a temperaturas de mais de cinquenta graus, e o impacto repetitivo do rugido do motor tinha produzido um zumbido permanente em seus ouvidos. A exaustão havia esvaziado sua alma. Ao final de oito meses, tinha finalmente deixado aquela função e passado a fazer parte da tripulação do convés, onde o sol forte o maltratara sem dó nem piedade no início. Quando finalmente seus olhos se adaptaram, viu o mar de uma forma inteiramente nova: uma infinita extensão hipnótica que podia remeter a escamas, cera, prata martelada ou carne enrugada. Com estruturas e camadas que não se viam de terra. Fixando o olhar naquele mar que desconhecia, Eddie tinha aprendido a pairar em certo estado de semiconsciência, alerta mas não totalmente desperto. O sangue explodia em clarões dourados no seu campo de visão. Um vazio murmurante preenchia seu espírito. Não pensar, não sentir: simplesmente *ser*, sem sofrimento. Lembrava-se de sua vida pregressa, mas essas recordações ocupavam um cômodo em sua mente, e havia outras — bem mais do que Eddie se dava conta. Aprendeu a evitar aquele quarto em particular. Depois de algum tempo, nem lembrava mais onde ficava.

Tinha chegado a pernoitar em dormitórios de até vinte homens nos primeiros navios não sindicalizados, antes de serem barrados da Costa Oeste depois da Grande Greve. Criminosos, viciados com seringas na bagagem, pugilistas amadores com lacunas na memória — todos tão apertados em seus catres que, quando outro homem tossia, peidava ou gemia, Eddie achava que tinha sido ele mesmo. Uma vez se deparou com dois homens agarrados num abraço oleoso em uma sala das caldeiras, em meio a grunhidos. A visão o deixou revoltado e furioso. Decidiu agir — protestar, achar um porta-voz na tripulação e apresentar uma queixa —, mas, quando chegou ao fim daquela viagem, já não se incomodava mais. O incidente tinha ficado para trás, junto com a posição náutica em que havia ocorrido. Todos tinham algum segredo em 1937. Ninguém falava mais do que os homens a bordo dos navios, mas só contavam histórias destinadas a esconder aquelas que nunca poderiam revelar a ninguém.

Pearl Harbor interrompeu a carreira errante de Eddie. Havia uma necessidade desesperada de marujos experientes para o transporte de suprimentos de guerra, e ele foi promovido — sem fazer qualquer esforço — de moço de convés a marinheiro de convés. Estes eram estimulados a estudar para o exame de segundo oficial. Eddie passou meses resistindo, desejando preservar uma paz flutuante cuja característica essencial era sua própria passividade. Não adiantou; a inércia em tempos de guerra — mesmo em uma guerra que ele não via — lhe parecia vagabundagem. Ficou entediado, inquieto. Finalmente, depois de cinco anos sem passar duas semanas seguidas em terra, tinha desembarcado em São Francisco e tomado o trem até Alameda para fazer o curso de treinamento de oficiais, com duração de dois meses.

Preocupado com a hora, Eddie começou a descer a Telegraph Hill. A baía estava coalhada de navios de combate. As montanhas ao redor eram pontilhadas de casas claras que lembravam ovos de aves marinhas. Ficou decepcionado ao descobrir que o panorama não acalmava seu novo estado ansioso de vigilância. Mas isso não era novidade. Era uma relíquia que lhe restara de sua vida pregressa. Uma sensação que Eddie tinha esquecido.

Trinta minutos mais tarde, subia a prancha do Píer 21 para o *Elizabeth Seaman*. Antes de chegar ao convés, uma voz conhecida soou em seus ouvidos: rica em tonalidades e de volume forte, sotaque britânico leve, mas firme. Eddie parou no meio do caminho. Tentou imaginar aquela voz sendo emitida por outro homem — qualquer outro homem — além do contramestre que sempre o tratava com tanto desprezo. Mas não conseguiu. Só havia um homem no mundo inteiro que falava daquela maneira.

No convés principal, saiu procurando em meio a vergas, caixas de carga e estivadores que tropeçavam, tentando distinguir a pele escura do contramestre. Mas o nigeriano não estava à vista, nem Eddie ouviu mais a sua voz. Não seria a primeira vez que imaginava escutá-la.

Do lado de fora do castelo central do navio, Eddie se apresentou ao sr. Farmingdale, o primeiro oficial. As maneiras corteses e a barba grisalha de Farmingdale davam-lhe o ar de nobreza de um perfil estampado em moeda, mas Eddie detectou que era alcoólatra. Isso se percebia não só pelo andar supercauteloso — era dia de ano-novo, afinal, e muitos homens davam sinais de ressaca. Era o cheiro que emanava dos seus poros, lembrando terra misturada a cascas de laranja apodrecidas. Eddie sentiu uma ponta de nojo.

No alojamento dos oficiais, apresentou ao comandante do navio sua licença novíssima de segundo oficial, a tinta ainda por secar, por assim dizer. O jovem capitão Kittredge tinha cabelos claros e uma aparência impressionante: parecia mais um astro de cinema fazendo papel de comandante do que um comandante de navio de verdade. Eddie sentiu-se velho ao lado dele; na verdade, ele *era* velho para um oficial recém-formado.

— Está trabalhando mesmo na aposentadoria? — perguntou o comandante, claramente com a mesma impressão.

— Não, senhor. Eu já estava servindo.

O capitão anuiu, sem dúvida enquadrando Eddie na categoria dos desajustados, tipos muito comuns a bordo dos navios mercantes antes da guerra. Kittredge tinha aquele ar americano de otimismo opressor: esperava sempre o melhor, e tinha certeza de que iria conseguir — caso contrário, faria todo mundo pagar caro. Aquela seria a sua terceira viagem no comando do *Elizabeth Seaman*, contou a Eddie. As duas primeiras tinham sido percursos sem incidentes de ida e volta até algumas ilhas do Pacífico.

— É um navio especial, o *Seaman* — disse ele, piscando um olho. — Chegamos a alcançar doze nós.

— Doze! — exclamou Eddie.

Os cargueiros da classe Liberty eram notoriamente lentos; doze nós devia ser sua velocidade máxima. É possível que uma parte do entusiasmo americano do comandante tivesse se comunicado às máquinas do navio.

Um vento entrava por três vigias abertas. Além delas, Eddie teve um vislumbre das cores de São Francisco: azul, amarelo e cor-de-rosa. Era uma cidade clara. Nos salões dos sindicatos e nas igrejas frequentadas pelos marinheiros, os homens contavam histórias assustadoras da Costa Leste: navios-tanque torpedeados, explodindo como bombas de festim, homens mortos nas temidas travessias do mar do Norte rumo a Murmansk, congelados ao remo de seus botes salva-vidas. Era difícil imaginar aquilo de onde estavam. As viagens de Eddie naquele ano, depois do ataque de Pearl Harbor, tinham sido como as descritas pelo capitão Kittredge: descarga sem atracar no porto, nenhuma folga em terra firme e tampouco qualquer perigo aparente, agora que tinha acabado a estação dos tufões.

Seu camarote de segundo oficial ficava no convés do navio, na popa, a estibordo, ao lado da enfermaria. Pequeno e singelo: uma cama com gavetas embutidas, um pequeno armário, uma mesinha, uma pia. Mas, para Eddie — acostumado a um único guarda-volumes em uma cabine com pelo menos mais um homem, mas geralmente vários —, todo aquele espaço só para si era um luxo que chegava a intimidar.

Ao desfazer seu saco de marinheiro, encontrou um envelope que trazia escrito *Para abrir mais tarde* na caligrafia cuidadosa de uma professora primária. Devia ser coisa de Ingrid, uma jovem viúva que tinha conhecido três semanas antes, em São Francisco. Sentindo uma pontada contida de irritação, guardou o envelope na gaveta da mesinha e foi se apresentar na cabine de comando, para assumir suas obrigações de segundo oficial. Conferiu o livro de registro de manobras e as bandeiras de sinalização. Já tendo viajado duas vezes a bordo de cargueiros da classe Liberty, conhecia bem o *Elizabeth Seaman*; produzidos em massa, esses navios eram idênticos até o último armário de oleados. Da janela da cabine de comando, ficou acompanhando enquanto o porão número dois recebia mais caixotes da carga que tinha visto de Telegraph Hill. Eram aviões, como havia imaginado: Douglas A-20s. Os caixotes vinham rotulados em caracteres cirílicos.

Deixou a cabine de comando e voltou para o convés principal. Na parte dianteira do navio, o porão número três recebia a carga normal: sacos de cimento, carne enlatada, ovos em pó, caixas de botas. Eddie subiu no convés de canhões e cumprimentou o artilheiro de serviço, incrivelmente jovem e de orelhas de abano, com seus cortes de cabelo precários e genéricos. Nenhum marinheiro da Marinha de Guerra queria a tarefa de guardar um navio mercante, mas, ainda assim, todo cargueiro precisava de um pelotão de artilheiros da Marinha para operar canhões e metralhadoras em caso de ataque.

Enquanto descia do convés de canhões, Eddie percebeu que a escotilha para a sala de máquinas do leme, abaixo do convés, tinha ficado aberta. Só

oficiais podiam passar por ali, mas a tripulação do convés estava sempre pegando as chaves, como Eddie bem sabia, pois tinha feito a mesma coisa no seu tempo. A sala de máquinas do leme era um lugar excelente para secar roupa.

Curioso para saber quem estaria cometendo a infração, Eddie começou a descer a escada ao encontro do calor oleoso e familiar das entranhas do navio. E quase colidiu com o contramestre nigeriano, que vinha subindo a mesma escada.

— O quê?... Você...? — gaguejou o contramestre, sua habitual loquacidade emudecida por força da surpresa e da contrariedade. — Isto seria uma tentativa desajeitada de se apresentar para o trabalho na minha tripulação do convés?

Eddie aproveitou a vantagem de não ter sido surpreendido.

— De maneira nenhuma, contramestre. Agora eu sou oficial — disse ele, pela primeira vez realmente satisfeito com a promoção.

Como a maioria dos contramestres, aquele também desprezava os oficiais. E mais, desprezava antigos marinheiros de convés que *se tornavam* oficiais — ou novatos, como eram conhecidos. Eddie percebeu as duas modalidades de desprezo no rosto escuro e expressivo do contramestre.

— Um novato! — comentou ele afinal, mascarando a zombaria com um tom amistoso. — Parabéns, *senhor*! E esta vai ser sua primeira viagem com a nova patente?

— Vai — respondeu Eddie.

Seu coração estava acelerado como sempre acontecia quando tentava discutir com aquele contramestre. O homem tinha um desembaraço com as palavras que deixava Eddie zozinho. Além de um sotaque arrogante, coisa com a qual Eddie não conseguia se acostumar em um negro.

— E não precisa me chamar de “senhor”, contramestre. Como imagino que já sabe.

— Ah, sei perfeitamente disso, *segundo oficial*! — trovejou o contramestre em tom satisfeito. — Chamá-lo de “senhor” foi uma simples cortesia, para assinalar o reconhecimento de sua ascensão vertiginosa na hierarquia naval.

— E o senhor tem algum motivo para estar na sala de máquinas do leme? — perguntou Eddie.

— Naturalmente que sim, ou não estaria desperdiçando tantos segundos do meu valioso tempo neste lugar.

— Eu gostaria de descer e inspecionar a área, se o senhor tivesse a bondade de me dar passagem — disse Eddie. — Só para garantir que esse seu motivo não tem nada a ver com a secagem de roupa lavada.

As narinas do contramestre se inflaram. Seu corpo troncudo e sua pele de um roxo escuro faziam-no parecer bem maior do que Eddie, mesmo olhando para ele de baixo para cima. Mas o homem não arredou pé.

— Talvez este seja um momento oportuno para lhe lembrar que, na qualidade de segundo oficial, e ainda por cima novo na patente, o senhor não

tem a menor jurisdição sobre mim — comentou ele, fazendo as palavras estalarem como um chicote. — Ou melhor dizendo, com todas as letras, não pode me dar ordens.

E tinha razão, claro. Um segundo oficial não dava ordens a ninguém, enquanto um contramestre comandava uma tripulação de convés de treze marinheiros — seis marinheiros de convés, três moços de convés, três marinheiros auxiliares de convés, além de Chips, apelido padrão para todo carpinteiro de bordo — e respondia diretamente ao imediato. Eddie sabia disso, pois já tinha viajado sob as ordens daquele contramestre, que era um tirano à moda antiga — do tipo que as companhias de navegação adoravam, pois extraía o máximo da tripulação pagando-lhe um mínimo de horas extras. Como a maioria dos autocratas, aquele contramestre era uma figura solitária, um leitor fanático que se entregava aos livros com tanta concentração que chegava a lembrar um esforço físico. Enquanto a maioria dos marujos falava de suas leituras na hora das refeições, trocando livros para ampliar suas modestas bibliotecas, o contramestre encapava seus livros com oleado e tapava o seu conteúdo toda vez que alguém se aproximava. Algumas pessoas supunham que eram livros pornográficos; outras especulavam que se tratava de um único livro: a Bíblia, o Corão, a Torá, ou talvez os três. Aquele comportamento extremamente reservado exasperava Eddie. Sempre tinha se considerado cordial com os negros, mas estava acostumado a negros menos favorecidos do que ele. A desordem entre as raças nos navios mercantes tinha sido um choque para Eddie no início: era comum brancos trabalharem sob as ordens de negros, latinos e até chineses. Mas aquele contramestre não se limitava a falar melhor do que Eddie, com uma instrução claramente superior. Também olhava para ele com um ar de desdém que sempre lhe trazia à mente algum comentário especialmente ofensivo sobre irlandeses.

Desafiado por outros marinheiros de convés, Eddie certa vez se atrevera a abordar o contramestre e perguntar — com um sorrisinho que não conseguiu reprimir de todo — o que ele estava lendo. O contramestre fechou seu livro e se afastou sem dizer palavra. A partir de então, os dois ficaram em maus termos. O contramestre afogava Eddie em tarefas triviais até deixá-lo com a cabeça zozna por causa do cheiro do óleo de peixe que usavam para retardar a ferrugem, seguido de uma camada de zarcão, e depois da tinta cinza de navios de guerra, que ele era obrigado a aplicar a cada centímetro do navio, inclusive os mastros — normalmente uma tarefa para marinheiros auxiliares de convés. Com ventos fortes, Eddie se via balançando de um lado para outro, planejando em vão uma vingança.

— Eu tenho a impressão, contramestre — disse Eddie, com uma frustração crescente ao ver seu caminho escada abaixo ainda bloqueado —, que o senhor acha que eu devia estar sob suas ordens.

— Eu nem sonharia em sugerir algo assim, embora eu saiba que, uma viagem atrás, seria precisamente este o caso.

— Bem, mas não é mais. E não voltará a ser, a menos que um desses livros em que o senhor vive com o nariz enfiado seja de preparação para o exame de oficial.

O contramestre permitiu-se uma risada, que tinha um som que ficava entre um sino e um tambor.

— Com todo o respeito, *segundo oficial*, se algum dia eu tivesse tido tal pretensão, saiba que já estaria no comando do meu próprio navio há muito tempo.

Eddie farejou uma vantagem. O contramestre podia se gabar e argumentar quanto quisesse, mas Eddie nunca tinha ouvido falar de um navio mercante americano comandado por um negro, e duvidava muito que o contramestre também soubesse de algum. Essa conclusão pareceu ocorrer aos dois ao mesmo tempo.

— Ótimo, então — falou Eddie com sinceridade. — Acho que estamos entendidos.

— Nós dois nunca estaremos entendidos — cuspiu o contramestre com ódio.

Quando o homem continuou a subir a escada, Eddie se viu forçado a recuar. Sentia como se tivesse vencido aquela rodada jogando sujo — o que era pior do que perder. Foi sendo forçado de volta até o convés, e o contramestre passou por ele esbarrando no seu corpo com o ombro.

Quando Eddie finalmente chegou à casa de máquinas do leme, não encontrou nenhuma peça de roupa estendida.

★ ★ ★

Mais tarde, por uma porta atrás da cantina, Eddie desceu até a sala das máquinas. A temperatura não parava de subir à medida que ele descia, atravessando um labirinto de canos, passarelas, grades e respiradouros até o ventre do navio, embora os três pistões gigantes que acionavam a hélice estivessem imóveis.

O segundo oficial de máquinas, a contrapartida de Eddie na sala de máquinas, tinha um sotaque que não combinava com seu nome.

— O'Hillsky? — perguntou Eddie com uma nota de ceticismo. — Irlandês?

O engenheiro riu.

— Polonês. O-C-H-Y-L-S-K-I — soletrou enquanto fumava cachimbo, uma raridade na sala de máquinas, onde o calor já era demais. — Já soube dos boatos? — perguntou Ochylski. — Rússia.

Eddie lembrou-se das letras cirílicas nos caixotes dos aviões.

— Geograficamente, não faz sentido.

O engenheiro riu por trás do cachimbo, e Eddie reconheceu um austero e

obstinado senso de humor europeu que tinha aprendido a apreciar.

— As máquinas não pensam, e a Administração Naval de Guerra é uma máquina — disse Ochylski.

— Murmansk? — quis saber Eddie, e o nome soou estranho em sua boca.

— Só se nos fornecerem equipamento ártico. Você sabe se é o caso?

— Vou descobrir.

★ ★ ★

Durante os oito dias seguintes, o *Elizabeth Seaman* se deslocou de píer em píer pelo porto de São Francisco, recebendo em cada um deles parte de sua carga. O porão número quatro foi preenchido de bauxita; o porão número um, com latas de rações de combate e armas de mão encaixotadas. Na última parada, o Píer 45, tanques e jipes foram distribuídos em torno das escotilhas lacradas com tábuas, amarrados como carga de convés, antes de serem ancorados com muitos metros de corrente presos a armelas por cadeados. O imediato, um dinamarquês experiente com cerca de sessenta anos, supervisionava todo o processo ao lado do contramestre e de toda a tripulação do convés. As responsabilidades de Eddie no porto eram nebulosas, e ele fez o possível para se manter fora do caminho do contramestre. Por sorte, os oficiais e a tripulação comiam em refeitórios separados, embora a comida fosse a mesma. O salão dos oficiais tinha toalhas de mesa brancas. Sozinho em seu camarote à noite, Eddie contrapunha a leitura aos ecos de seus pensamentos. Preferia livros que falassem do mar, e finalmente tinha conseguido um exemplar de *O barco da morte*, que havia passado de mão em mão em suas viagens às ilhas antes de Pearl Harbor.

Na última noite do *Elizabeth Seaman* atracado, Eddie ficou de pé no passadiço com Roger, o ansioso e nervoso praticante. Assim como Stanley, o praticante de máquinas, Roger tinha completado três meses de treinamento de oficial na Academia de Marinha Mercante de San Mateo, e agora começava seus seis meses obrigatórios no mar. Os praticantes se alojavam juntos no passadiço, perto de Sparks, como era sempre apelidado o operador de rádio.

— Que tipo de sujeito é o nosso Sparks? — perguntou Eddie.

Os operadores de rádio raramente eram vistos; ou ficavam no compartimento do rádio ou dormiam num camarote contíguo, com um alarme para acordá-los caso chegasse alguma transmissão de emergência.

— Ele fala muito palavrão — respondeu Roger.

— Em pouco tempo você também vai estar falando.

O praticante riu. Era magro e tinha um nariz adunco, e estava a poucos passos de se tornar adulto.

— Minha mãe não vai gostar nada disso.

— Não tem mãe nenhuma no navio.

— Eu vi uma coisa estranha hoje mais cedo — disse Roger depois de uma pausa.

Tinha aberto a porta de um depósito e encontrado Farmingdale, o primeiro oficial, fazendo alguma coisa lá dentro. Quando Roger chegou mais perto, viu que Farmingdale vertia parte de uma lata de tinta cinza em um pote de conserva, fazendo o fino fio de tinta atravessar uma fatia de pão que tinha encaixado na boca do pote. O pão absorvia o pigmento viscoso da tinta, e o que chegava ao fundo do pote era um líquido turvo. Bem diante de Roger, Farmingdale levou o pote aos lábios e calmamente bebeu o conteúdo.

— Parecia irritado, mas não parou — comentou Roger.

— Imagine o estado do estômago dele.

— Ele vai conseguir viajar?

— Se ele é capaz de beber assim é porque está acostumado — afirmou Eddie.

— E quem vai cuidar da navegação se o primeiro oficial estiver embriagado?

— Eu cuido — falou Eddie, embora seu treinamento como navegador ainda fosse rudimentar. Ficou horrorizado com o fato de o primeiro oficial ter deixado o praticante testemunhar aquele comportamento degenerado. — E você, garoto. Vai trabalhar com o seu azimute.

A noite demorou a cair sobre a cidade, furos de luz coruscante pulsavam no alto de Telegraph Hill. O nevoeiro ainda não tinha baixado.

— Vou sentir falta de Frisco — comentou Roger.

— Eu também — concordou Eddie. — Mas fique sabendo que só os marinheiros chamam a cidade de Frisco.

— São Francisco — corrigiu Roger, pronunciando o nome numa voz que ainda não se firmara de todo. — Uma cidade e tanto.

★ ★ ★

Soltaram as amarras às seis da manhã seguinte, dia 10 de janeiro, e foram conduzidos por um piloto local até a área onde o casco do *Elizabeth Seaman* foi desmagnetizado para não detonar minas magnéticas. Eddie comandou um treinamento de incêndio a bordo, uma vez que os procedimentos de segurança eram a única responsabilidade que cabia claramente ao segundo oficial. Mas o treinamento foi quase só de faz de conta; os marujos nem viraram os turcos para fora, e muito menos baixaram os botes salva-vidas. O capitão Kittredge tinha pressa de partir, e o contramestre parecia indiferente ao exercício: estava interessado, talvez, em minimizar o poder de Eddie.

Quando passaram pela Golden Gate Bridge, o comandante revelou seu destino: o canal do Panamá. O que significava quase certamente o golfo Pérsico, de onde a carga poderia ser transportada por terra até a Rússia, cujo

inesgotável Exército Vermelho continuava a surrar os alemães. O *Elizabeth Seaman* não tinha recebido o equipamento ártico necessário para a travessia do mar do Norte em janeiro, para imenso alívio de todos a bordo. O refrão “melhor do que Murmansk” ressoou por todos os corredores e pelas mesas do refeitório pelo resto daquela noite. Mas Eddie não sentia o mesmo alívio. O Caribe era bem perigoso, e ele se ressentia de ter comandado apenas um exercício tão precário.

Quando rendeu o imediato em seu turno de vigia, às oito da manhã seguinte, Eddie o convenceu da necessidade de um segundo exercício de treinamento. Naquela tarde, os motores foram reduzidos a ponto morto e foi dada uma ordem para um exercício de abandono do navio: seis toques curtos seguidos por um toque longo do sino de alarme. Enquanto os homens começavam a se deslocar para o convés, o contramestre subiu correndo as escadas e abordou Eddie.

— *Segundo oficial* — começou ele, estalando a língua ao anunciar a patente. — O senhor está ciente de que faz mais de um ano que um submarino japonês não ataca um navio mercante nas costas da Califórnia?

— Estou, contramestre.

— Poderia explicar, então, por que estamos realizando um segundo exercício de abandono do navio em apenas dois dias de navegação?

— O primeiro foi mal executado. Se este também for mal executado, vou pedir um novo exercício amanhã.

— Ah, seria perfeito, bem posso imaginar — disse o contramestre.

Exibia um sorriso ardiloso para sua plateia cada vez maior, já que os toques de sino haviam convocado toda a tripulação para o convés do navio. E completou:

— Afinal, os exercícios de segurança são uma rara oportunidade para o senhor se divertir com a sua autoridade tão recente!

— Está achando que se trata disso? Diversão?

— Cada um se diverte como pode — comentou o contramestre.

Eddie captou alguns sorrisos nos rostos à sua volta e sentiu a ameaça de risadas incipientes. O imediato e o comandante estavam perto. Se precisassem interferir naquele momento, Eddie nunca mais iria recuperar a autoridade.

— Está se recusando a participar deste exercício, contramestre? — perguntou em voz alta, reconhecendo que chegava tarde ao ponto de onde deveria ter começado.

— Eu nem sonharia em me recusar! — devolveu o contramestre. — Pelo contrário, farei tudo o que desejar, *segundo oficial*, como todo o restante do pessoal de bordo. Por favor, queira nos conduzir pelos passos necessários!

Eddie precisou de todo o seu autocontrole para ignorar o sarcasmo e continuar. Aquele homem lhe causava uma reação inflamatória cuja coceira mal conseguia suportar. Dessa vez, pelo menos, os quatro botes salva-vidas foram baixados e ocupados com sucesso. Eddie decidiu que realizaria um

exercício daqueles por semana, exatamente como estipulavam as regras, mesmo que para isso precisasse trocar socos com o contramestre. Na verdade, até torcia para que isso acontecesse.

★ ★ ★

A um dia do Panamá, com dez dias de viagem, o código de identificação do *Elizabeth Seaman* apareceu em uma mensagem de rádio, o que era muito incomum. Sparks, o operador, decifrou a mensagem com seus livros de código e levou o resultado datilografado até a cabine do comandante. As ordens eram para não entrar pelo canal, no fim das contas, mas continuar para o sul, contornando o cabo Horn e atravessando o Atlântico Sul até a Cidade do Cabo, na África do Sul: uma viagem de uns quarenta dias. O capitão Kittredge estava convencido de que podiam fazer um tempo melhor.

Houve um desgosto generalizado com a impossibilidade de comprar rum panamenho dos barquinhos que pululavam dos dois lados do canal, mas o sentimento logo se dissolveu na monotonia peculiar às viagens longas. Todos resistiram em um primeiro momento; estavam entediados, empacados, inquietos. Mas em pouco tempo a paz se instalou no navio como um suspiro: o alívio de saber que só havia, e que só haveria, uma coisa a fazer por várias semanas. Os homens retomaram seus projetos de esculpir apitos de madeira ou fabricar cintos de corda. Dezoito dias depois da partida de São Francisco, Farmingdale conseguiu controlar o tremor das mãos a ponto de fabricar duas bonecas com restos de sisal. Naquela noite, quando rendeu Eddie no quarto de vigia, das oito horas à meia-noite, Eddie elogiou as bonecas e lhe perguntou como tinha aprendido a fazê-las.

— Com um velho homem do mar — respondeu Farmingdale. — Ele já fez 560. Dá para imaginar? E guarda tudo num depósito no edifício Rincon Annex, em São Francisco.

Quando falavam de velhos homens do mar, geralmente se referiam àqueles que tinham viajado em navios de madeira na juventude — marinheiros que haviam navegado na época em que “navegar” ainda significava “velejar”.

— E ele ainda está vivo? — perguntou Eddie.

— Faz uns anos que não o vejo, na verdade — respondeu o primeiro oficial.

— Eles estão desaparecendo. Esses velhos homens do mar.

Cinco anos antes, ainda se encontravam um ou dois na maioria dos navios, sempre com os bolsos cheios de pedaços de cera de vela, agulha e cadarços. Eddie imaginou que a Administração Naval de Guerra estava eliminando aquelas figuras.

— Temos um a bordo — informou Farmingdale. — Pugh, o terceiro cozinheiro.

— Isso traz sorte!

Farmingdale inclinou a cabeça, sem entusiasmo. Era distante e misterioso, mesmo quando sóbrio; Eddie não conseguia gostar dele. Mas a presença de um velho homem do mar a bordo do *Elizabeth Seaman* era muito reconfortante. “Homens de ferro em navios de madeira”, eram assim chamados em comparação com os homens de madeira dos barcos de ferro de hoje em dia, como Kittredge, Farmingdale e o próprio Eddie. Os velhos marinheiros eram filiados a um mito fundador, estavam próximos da raiz de todas as coisas, inclusive da linguagem. Eddie nunca tinha reparado como uma grande parte das expressões usadas no dia a dia derivava da navegação, como “de vento em popa”, “andar na prancha” ou “abandonar o navio”. Usar essas expressões no sentido prático o fazia sentir-se próximo de uma dimensão fundamental — uma verdade mais profunda cujos contornos julgava ter percebido, alegoricamente, quando ainda vivia em terra. Ter saído para o mar tinha trazido Eddie para mais perto dessa verdade. E os velhos homens do mar eram ainda mais próximos dela.

Deixou Farmingdale no passadiço e fez as anotações de seu quarto de vigia no livro de bordo: navegavam no curso 170 com brisa ligeira e mar de pequenas rugas pela proa. Parou na despensa para o seu “almoço noturno”, um sanduíche de frios com café, e depois encheu uma caneca de leite para Sparks. O operador usava um aparelho metálico na perna (devido à pólio, Eddie imaginava) que dificultava sua circulação pelas escadas do navio. Eddie tinha adquirido o hábito de visitá-lo depois de seus turnos de vigia, como um modo de adiar a chegada à solidão do seu camarote.

— Que porra de gentileza, segundo oficial — disse Sparks, aceitando a caneca de leite.

Eddie verificou se a cortina de blecaute estava totalmente fechada antes de acender cigarros para eles dois. Sparks tinha pouco menos de cinquenta anos, era magro e lembrava um elfo, os cílios invisíveis nos olhos de pálpebras sem dobras.

— Eu sou meio salamandra: minha cauda se desprende e depois volta a crescer — afirmou para Eddie com seu vestígio de sotaque irlandês.

Era homossexual: Eddie sabia disso sem saber como sabia. Sparks tinha crescido em Nova Orleans e começado a navegar com pouco mais de vinte anos. Era abstinência, coisa rara para um irlandês.

— Ah, mas eu vivo sonhando com isso aqui — comentou ele, olhando para a caneca de leite antes de virá-la numa sucessão de goles voluptuosos. — Eu seria capaz de caminhar descalço sobre cacos de vidro por um copo de leite, como um viciado em ópio em troca de um cachimbo cheio.

— Talvez goste mais do ópio.

Sparks bufou com ar de desprezo.

— Já me basta precisar comer, dormir e fumar, e de ter de arrastar esta merda de perna de um lado para outro. Um vício desses eu não teria como

sustentar.

— Já vi aleijados em casas de ópio.

— Claro que sim, tentando esquecer que são aleijados. Isso é que é esperteza, não acha: você tem esta merda de aparelho de metal na porra da perna, aí deixa um vício como esse tomar conta achando que resolveu o problema, mas só está enterrando a cabeça mais fundo na merda.

Enquanto Sparks balançava a caneca para recolher as últimas gotas de leite, Eddie sentiu-se tomado pela paixão. Ser um desviado e *ainda por cima* aleijado, sem beleza, fortuna nem força física — como Sparks conseguia suportar aquela vida? E nem se limitava a apenas isso: estava sempre alegre.

— Sua mãe devia te adorar, Sparks.

— Por que em nome de santo Deus você acha isso?

— É um palpite.

— Bem, então você pode pegar esses palpites e enfiar já sabe onde. Minha mãe era a maior bêbada do bairro. Uma vez, vomitou na minha cama quando tentava me dar um beijo de boa-noite. Santa mãe de Deus, ela era a maior porca do mundo!

— Dá azar falar assim da própria mãe.

— O azar foi *ter* uma mãe assim — respondeu Sparks. — Era impossível conviver com ela. Meu pai precisou interná-la em uma clínica. Mas eu tive uma irmã espetacular. Lily. Ela dizia que eu era o dente-de-leão dela, e não se atreva a rir, seu escroto, ou eu prego você na parede.

Mas o próprio Sparks estava rindo, como sempre. Só as transmissões para os navios mercantes aliados o faziam calar. Aconteciam a uma determinada hora de cada dia, pelo horário de Greenwich — que era marcado pelo segundo ponteiro de horas do relógio do seu rádio. Às três horas, Sparks sintonizava o receptor de quinhentos quilociclos para uma frequência mais alta e começava a escutar pelos fones para ver se chamavam o código de identificação do *Elizabeth Seaman*. Como os navios mercantes aliados operavam em silêncio de rádio, o único trabalho de Sparks era escutar. Ficava totalmente imóvel, com o corpo inclinado sobre o transmissor como se todo ele, ou talvez o aparelho de metal de sua perna, fosse o instrumento de recepção.

Eddie o deixou lá e trouxe a caneca vazia de volta para a despensa. Ainda relutando em se recolher, saiu pela porta ao lado de seu camarote. A noite estava calma, e nuvens encobriam parcialmente uma lua cujo brilho difuso e trêmulo era como milhares de mariposas em pontos móveis do mar. O balanço do navio era um alívio bem-vindo, compensava a áspera intratabilidade da terra firme. Eddie sentia-se mais perto daquela consciência vazia que o acompanhara em seus anos de viagens ocasionais de São Francisco até China, Indonésia e Birmânia via Honolulu ou Manila. Nos arredores do porto de Xangai, em ruas sombreadas, tinha escutado os sons da vida diária do lado de fora dos muros que cercavam os pátios: o choro de bebês, o clangor de panelas. Ocasionalmente, por uma porta aberta, vislumbrava uma mulher de

pés encolhidos caminhando com a postura rígida e hesitante de um flamingo.

Os mistérios do mundo. Eddie nunca tinha acreditado que fossem verdadeiros. Achava que só existissem nos livros que as damas liam em voz alta em seus trabalhos voluntários para a caridade.

Finalmente, voltou para o seu camarote. Sem o lastro de companheiros de dormitório, sentia-se livre. Sem pensar, abriu a gaveta da mesinha e ficou espantado ao encontrar o envelope que tinha deixado ali depois de assinar sua presença no primeiro dia. Tinha se esquecido da carta. Tinha se esquecido de Ingrid; e mal conseguia imaginá-la agora. As coisas distantes se tornavam teóricas, depois imaginárias e, finalmente, difíceis de imaginar. Até que cessavam de existir.

Agora, à luz fraca ao lado de seu catre, Eddie abriu a carta, a primeira que recebia em mais de cinco anos no mar. Em uma caligrafia firme, sem adornos sentimentais, dizia:

Caro Edward, o tempo anda bom, embora depois de muitos dias de nevoeiro algum sol não fosse fazer mal. Meus alunos estão plantando suas hortas da vitória que virá na primavera, mas acho que vão se decepcionar, infelizmente. A guerra mudou muitas coisas, mas as plantas continuam crescendo quando tomam sol. Os meninos e eu falamos muito de você, sempre com carinho. Eu propus levá-los de novo ao parque de diversões, mas eles não querem. Preferem esperar a sua volta.

O tom era comedido, até mesmo brando, mas o efeito dessas palavras sobre Eddie foi eletrizante. Viu-se invadido pela lembrança da primeira vez que tinha visto Ingrid na Foster's Cafeteria: uma mulher de lenço azul no pescoço, comprando uma única fatia de torta para os dois filhos, que a dividiram com gosto e sem discussão. Eddie lhe perguntara que horas eram. Ela era alemã, ficou sabendo, e foi por pouco que tinha conseguido manter seu emprego, renunciando a Hitler e a seu país diante de um comitê. Havia uma terceira criança, uma menina que tinha morrido ainda bebê. Stephan e Fritz, que tinham sete e oito anos, falavam da irmã como se ela tivesse desaparecido na semana anterior. "A Bebê Helen", era como diziam, e a incluíam em suas orações antes de cada refeição. O pai tinha morrido havia menos tempo, em um acidente de trabalho, mas raramente era mencionado. Era da Bebê Helen de quem se lembravam.

No parque de diversões, Eddie e os meninos tinham descido um tobogã de madeira sentados em sacos de batatas, a pele queimando com o atrito quando um joelho ou cotovelo entrava em contato direto com a madeira. O chão do labirinto de espelhos era cheio de buracos por onde o ar entrava em jorros (acionado por algum engraçadinho escondido) com o intuito de levantar as saias das garotas. Ingrid tinha pavor desses jorros de ar, e se agarrava a Eddie, rindo muito.

No bonde, durante a volta para casa, Eddie tinha pousado uma das mãos no peito de cada um dos meninos, para firmá-los. E ficou admirado com o pulsar daqueles corações, agitados como ratinhos contra os seus dedos.

Ainda estavam lá, Ingrid e os meninos dela. Pensando nele, esperando por ele. Eddie sentiu essa verdade em seu corpo como uma camada de terra que o cobrisse. Tudo ainda estava em seu lugar, todas as coisas que ele deixara para trás. O desaparecimento dele não passava de um truque.

DEZENOVE

Eddie ficou deitado em sua cama, semiacordado. Tinham chegado à área dos fortes ventos conhecidos como os Quarentas Rugidores, mais ou menos na altura dos quarenta graus de latitude, ao largo do Chile, e o *Elizabeth Seaman* balançava com violência. Talvez o movimento tivesse despertado o velho ritmo familiar na cabeça de Eddie: um contraponto curto e insistente, como uma bola rebatida de um lado para outro.

— Existem gângsteres de verdade?

— Não foram inventados pelos filmes.

— E todos se parecem com Jimmy Cagney?

— Nem Jimmy Cagney se parece com Jimmy Cagney. Ele é mais baixo do que a sua mãe.

— E é seu amigo?

— Já troquei um aperto de mão com ele.

— E tem cara de gângster?

— Tem cara de artista de cinema.

— Como é que você reconhece um gângster?

— Geralmente todo mundo cala a boca quando um deles entra no ambiente.

— Por medo?

— Se as pessoas não sentirem medo, ele não é grande coisa como gângster.

— Eu não gosto de sentir medo.

— Ótimo. Então não vai baixar a cabeça para ninguém.

— Você baixa a sua?

— Você já me viu baixar a cabeça?

— Você fala com eles?

— Eu digo olá. Alguns eu conheço de muito tempo atrás.

— E algum dia você ficaria do lado deles?

— Não se eu tiver escolha.

A mãozinha quente dela enfiando-se na dele. Estava sempre ali, aquela mão, como um peixinho que se esconde numa greta.

— Nós vamos nos encontrar com o sr. Dunellen?

— Engraçado você falar dele, meu bem.

— Ele me deu um caramelo.

— O sr. Dunellen adora doces e balas. Como você.

— Ele é seu irmão.

— Isso é modo de falar.

- Você salvou ele de se afogar.
- É verdade.
- E ele disse obrigado?
- Não exatamente com essas palavras. Mas ficou grato.
- É por isso que ele me dá caramelos?
- Pode ser, meu bem.
- E ele também dava caramelos para você?
- Não. Mas eu não sou louco por doces como você.

Anna regressava a Eddie depois de anos de ausência: sua voz, certo jeito cadenciado de falar, a sensação de sua mãozinha dentro da dele. Ela o rebocou pela mão pelos corredores de sua memória até o cubículo onde sua vida antiga havia sido cuidadosamente armazenada. Lá dentro, encontrou tudo como havia deixado.

Missa de domingo. Lydia começou a chorar: um som estrangulado, mais alto e mais lancinante do que um bebê conseguiria produzir. Ela não era um bebê, tinha três anos, mas era pequenina a ponto de ainda caber no carrinho, onde sua condição ficava mais ou menos escondida. Agnes a tirou do carrinho para tentar acalmá-la, expondo suas formas contorcidas à igreja lotada. A vergonha que Eddie sentiu teve a força bruta de uma paulada no crânio; precisou apoiar-se no banco à frente para não perder o equilíbrio. Lydia continuava a engasgar e berrar; nem se ouvia a voz do padre. Os homens, semicerrando os olhos, fingiam que não havia nada de errado, enquanto duas mulheres ajudaram Agnes a sair da igreja, uma empurrando o carrinho, a outra segurando as pernas de Lydia, que se debatia. Anna tentou sair também, mas Eddie a deteve com a mão. Sentiu-se de uma hora para outra estranhamente distante do que havia à sua volta, como se algo em sua mente tivesse se rompido. Cravou o olhar no padre, mas só conseguia ouvir um zumbido.

Depois da missa, um grupo de homens se dirigiu ao apartamento de alguém para provar a cerveja horrível que Owen Madden vinha produzindo à vista de todos na fábrica de biscoitos na West 26th. Eddie misturou-se a eles, com a intenção de ficar apenas por um instante. A sensação ruim que teve na igreja permanecia; queria livrar-se disso antes de voltar a ver Agnes. A graça de beber a cerveja de Madden não era o gosto em si, Deus sabia, mas tentar descobrir *de quê* era feita a bebida. Serragem? Jornal molhado? Os pombos que Owney amava criar? As crianças disputavam uma guerra de bolas de neve do lado de fora, saindo do meio da rua à passagem de um ou outro automóvel. Eddie ficou olhando da janela enquanto Anna, do alto dos seus seis anos, atacou os meninos pelas costas com um bombardeio de neve. Olhar para ela lhe dava uma sensação boa. *Eu tenho uma filha saudável*, pensou ele. *Graças a Deus. Graças a Deus.*

Quando voltaram para casa atravessando Hell's Kitchen, o anoitecer prematuro do começo do inverno já tinha coberto de sombra a neve acumulada. Eddie oscilava um pouco por causa da cerveja. Era mais tarde do

que tinha planejado; Agnes precisaria correr para o seu compromisso. O Ziegfeld Follies estava suspenso desde a Quebra da Bolsa, mas o sr. Z. tinha dado um jeito de fazer outra companhia contratá-la.

— Quero brincar mais lá fora — disse Anna através dos dentes que batiam de frio.

— Você está molhada e morrendo de frio. Me dê a mão.

— Não — falou, mas acabou cedendo, com sua luva sem dedos encharcada, não sem antes transferir alguma coisa para a outra mão.

— O que é isso aí, posso perguntar?

E tirou da mão dela uma bola de neve compacta, recheada de palha e estrume.

— Vou guardar para depois.

— Dentro de casa a neve derrete. Você sabe disso.

— Não na geladeira.

— Assim todo mundo em casa vai pegar tifo. Deixe a bola do lado de fora da porta.

— Mas alguém pode pegar!

— Duvido muito, meu bem.

Abriu a porta do apartamento, preparando-se para a fúria de Agnes e os gritos de Lydia. Mas uma cena pacífica os aguardava: Lydia deitada no divã com os cabelos molhados. Anna correu para a irmã. A pia da cozinha estava cheia.

— Ela só precisava de um banho, nada mais — informou Agnes.

Sua mulher parecia esgotada e pálida, e Eddie se perguntou por quanto tempo Lydia teria chorado.

— Você precisou dar banho nela sozinha — disse ele. — Me perdoe.

Agnes lavou-se depressa, usando a água que sobrara na pia. Eddie debruçou-se sobre o divã e beijou o rosto aveludado de Lydia. A coisa que tinha rebentado dentro dele na igreja pareceu, por ora, remendada.

Quando as meninas adormeceram, sentou-se fumando na entrada do apartamento — ficava no térreo de um prédio em Hell's Kitchen, sem se incomodar com o frio. Tinha ouvido falar de crianças com pé torto, mongoloides, idiotas e mancas; que tinham caído da janela, sido pisoteadas por cavalos, rachado a cabeça mergulhando dos píeres do rio Hudson e chocando-se com pedras submersas. Mas por que aquilo era pior? Ele não sabia explicar. A mistura de beleza e contorção em Lydia sugeria algum erro grosseiro da parte dele. Ela não era como deveria ser, nem de longe, e a sombra do que poderia ter sido estava sempre presente ao seu lado, como uma gêmea ressentida. Muitas vezes, quando se encontrava sozinho, Eddie revivia o momento em que o médico viera lhe falar ao sair da sala de parto: o ar contrafeito, a oferta de um cigarro, o terror de Eddie de que o bebê — um menino, era o que desejava — tivesse nascido morto. Agora, na cena que lembrava, o médico lhe dava a notícia que ele mais temia ouvir naquele

dia: *Sinto muitíssimo. Seu filho nasceu morto.* E, por um instante, Eddie se imaginou catapultado a uma outra vida, modificada por aquele ajuste: eles teriam se mudado para a Califórnia, onde tudo supostamente seria melhor! Agnes voltaria a ser a garota lânguida e sensual com quem tinha se casado, que o provocava na cama com leques de plumas e apagava cigarros em sobras de purê de batata. Mas Eddie pagou caro por aquele voo da fantasia quando os duros fatos de sua vida voltaram a atingi-lo em cheio. Não mudariam, não haveria mudança, aquilo jamais teria fim.

Entrou no apartamento para ver como iam as meninas e para jogar mais carvão na fomalha. Lydia dormia em um berço na cozinha, o lugar mais quente da casa. Até respirar era difícil para ela. *Para dentro... para fora. Para dentro... para fora.* A pausa entre suas respirações parecia mais longa do que o natural, como se, tendo exalado a custo, ela precisasse reunir muita energia para inspirar de novo. O curioso afastamento que Eddie sentira na missa estava de volta, e aquela distância amortecida lhe trazia algum alívio de seu desespero. Ele era um mero observador, nada mais, enquanto via aquele homem pegar um travesseiro e apertá-lo de leve contra o rosto da filha adormecida. A respiração da menina ia ficando mais lenta enquanto tentava resistir àquele novo peso. Eddie viu o homem apertar um pouco mais o travesseiro. Os pequenos ossos do peito de Lydia apareciam acima do colarinho de sua camisola, com a força que fazia. A cabeça começou a se agitar enquanto ela tentava desviar o rosto. O homem apertou com mais força. Eddie ficou atônito com o esforço frenético que ela fazia para respirar. Jamais haveria de caminhar, nem falar, mas ainda assim se aferrava à vida — lutava por ela. A ferocidade daquele instinto forçou Eddie a voltar para dentro de si com a violência de uma porta batida com força. Largou o travesseiro e pegou Lydia nos braços. Queria urrar, mas a teria assustado, e então beijou o rostinho dela, que banhou com suas lágrimas até Lydia abrir os olhos trêmulos e sorrir para ele. Ficou com a menina no colo, chorando baixinho, e a acalentou até que voltasse a dormir. Na sua imaginação, ele se atirava do terraço do prédio ou para baixo das rodas de um bonde: castigo que merecia, e até mesmo desejava. O suicídio era a escolha dos covardes, um pecado tão grande quanto o outro, mas suas fantasias eram incontrolláveis. Ele não conseguia parar.

Quando Agnes voltou para casa, horas depois, bastou-lhe olhar para Eddie para ir correndo até o berço, como se tivesse sentido o toque das asas do anjo da morte. Ele lhe disse, com toda a calma, que não podia mais ficar sozinho com Lydia em casa. Foi a última vez que Agnes dançou. Nunca mais voltou aos palcos, apesar da insistência do sr. Z. para que terminasse pelo menos aquela semana. Da noite para o dia, abandonou o trabalho que adorava — que a fizera vir para Nova York onze anos antes, aos dezessete anos de idade, e a tinha levado a conhecer Eddie. E Eddie, sem poupança nem qualquer projeto, saiu caminhando até os píeres do West Side, à procura da turma de sua juventude.

Depois da escolha dos estivadores da manhã, quando o encarregado pelas contratações vinha selecionar os homens de acordo com o combinado de antemão, dezenas de sujeitos com menos sorte apagavam os cigarros e, infelizes, se espalhavam em marcha forçada à procura de bares, agiotas, vendedores de drogas e jogos de azar. Graças a Dunellen, Eddie sempre tinha um lugar no turno da tarde, quando não também pela manhã. Muitas vezes preferia passar o intervalo entre os dois turnos misturado à massa dos despossuídos: polacos e italianos, negros, até americanos, ou brancos nascidos nos Estados Unidos. A variedade das atrações só disfarçava em parte a finalidade de todas: extrair o dinheiro dos homens que, injustamente, não tinham conseguido uma chance de ganhar mais uns trocados. Para Eddie, só o fato de negros se apresentarem naqueles píeres já causava espanto, pois os únicos trabalhos que poderiam conseguir eram os que ninguém queria: descarregar bananas armazenadas no fundo do porão de um navio, por exemplo, frutas que ficavam manchadas ao menor toque e vinham infestadas de aranhas ferozes.

Não precisou de muito tempo para perceber que os jogos de azar próximos aos píeres de Dunellen eram todos viciados: baralhos marcados, dados chumbados ou até — especialmente no caso do golfe africano, como era apelidado o jogo de dados — um suposto perdedor que na verdade estava mancomunado com dois ou três outros “perdedores” para pelar os demais. O choque de Eddie com essa descoberta foi a prova de um idealismo que ele nem sabia ainda possuir. Um homem que pegava dinheiro emprestado com um agiota sabia no que estava se metendo, e os sujeitos que consumiam drogas ou bebiam até cair faziam por merecer o destino que tinham. Mas um homem que decidia tentar a sorte com a esperança de levar alguma coisa para a mulher que o esperava em casa merecia uma chance de ganhar. A sorte era o único fator ainda capaz de reorganizar as coisas. Capaz de abrir uma porta onde não havia porta alguma. Um jogo viciado era pior do que injustiça; era uma infração cósmica.

Eddie começou a avisar os negros para evitarem os jogos na área de Dunellen. “As chances são melhores em outros lugares”, dizia em tom misterioso, ou “Gente de fora não ganha aqui”. Sempre com uma sensação vertiginosa de estar correndo grande risco — desafiava não só Dunellen, sem cujo apoio não conseguiria trabalho algum, mas os homens por trás de Dunellen, que ele nem sequer conhecia. O discurso evasivo de Eddie podia explicar as reações hostis que suas advertências provocavam. “Vou jogar onde eu quiser”, respondiam a ele, e “Acho que sei tomar conta da minha vida”. Mas havia ocasiões em que os homens avisados acabavam preferindo evitar o jogo. Quando isso acontecia, Eddie ficava eufórico, como se tivesse acabado

de salvar uma alma.

Em 1932, quando o comércio marítimo secou completamente, Eddie se transformou em lacaio de Dunellen em tempo integral. Anna saía com ele depois das aulas e nos fins de semana, e Eddie misturava as “incumbências” dadas por Dunellen com passeios ao hipódromo, ao carrossel do Central Park, ao aquário de Castle Garden. Só na companhia de Anna é que se sentia realmente à vontade. Ela era o seu tesouro secreto, sua única fonte pura e intocada de alegria.

— Vamos dar uma paradinha aqui. Vou fazer um favor. Preciso que você se comporte.

— E você, vai se comportar?

— Vou fazer o possível, meu bem.

— E quem vai brigar se a gente *não* se comportar?

— É só ninguém reparar na gente, mais nada.

— Que favor?

— Passar um recado de um homem para outro. Mas é um recado secreto. A ideia a deixou eletrizada.

— Eu quero passar um recado secreto!

— E pode. Se me der um beijo, eu dou o beijo na sua mãe, em seu nome.

Anna refletiu.

— Quero mandar um beijo secreto para Lydia.

— Lydia nem vai entender, meu bem.

— Vai, sim.

Quando o carro parou no sinal, Anna segurou a cabeça dele entre suas mãozinhas em forma de estrela e beijou seu rosto com a maior ternura. Eddie sentiu uma ardência nos olhos.

— *Esse beijo* — disse Anna. — *Esse é para Lydia.*

Em casa, Anna ficou olhando para acompanhar o momento da entrega. Eddie transmitiu o beijo com ternura, exatamente como a filha tinha instruído. Ele era um “encarregado de entregas”, afinal.

★ ★ ★

Eddie sabia que estava irrigando a corrupção ao responder pelas entregas dos pagamentos clandestinos que a sustentavam — para vereadores, senadores estaduais, superintendentes da polícia, chefes rivais de outras áreas do porto — e por refazer esse circuito, em momentos diversos. Ainda assim, mantinha uma postura de observador: na verdade não estava fazendo o que fazia; estava só olhando. E esta distinção era essencial para aplacar seus sentimentos de frustração e desespero: a visão constante, persistente, de uma avalanche vindo ao encontro do seu corpo. Aos poucos, as rotas que percorria em seu trabalho começaram a se ramificar além dos píeres de Dunellen, chegando a salões de

jogo onde Dunny tinha uma participação, mas não estava no controle. Lá também o jogo era viciado, mas nunca quando havia alguém importante no recinto, o que significava que a trapaça não era aprovada pelos altos escalões, mas um esquema dos jogadores e dos crupiês para aumentar seus ganhos sem correr o risco de um golpe suicida, como roubar a casa. Isso significava, portanto, que o esquema poderia parar se Eddie soubesse quem era a pessoa de cima a quem podia contar o que ocorria.

Quando Dunellen não tinha nenhum trabalho para ele, Eddie às vezes se passava por um jogador comum para ficar estudando os truques e os truques dentro dos truques. Imaginava ser um detetive — da polícia verdadeira, não os peões corruptos que eram os únicos policiais que conhecia. Não anotava nada. Guardava tudo na cabeça: quem; quando; como; quanto. Enquanto isso, uma estrutura maior ia se tornando aparente aos seus olhos — saber quem pagava quem, de certa forma, era saber de tudo. E acabou descobrindo que um único homem controlava boa parte do jogo em Nova York no fim de 1934. O caminho dos lucros até esse personagem fazia várias voltas, por meandros que só um responsável pelas entregas podia começar a rastrear. Havia sempre um homem atrás de outro homem, e mais outro atrás deste — até chegar a Deus, Eddie imaginava.

Dois dias depois do Natal, Eddie engraxou os sapatos, escovou o chapéu e o adornou com uma pena verde iridescente que Agnes tinha guardado de seus trabalhos de costura. E então fez uma visita a esse desconhecido todopoderoso no Nightlight, um antigo bar clandestino na região de West Forties que deixou Eddie cheio de nostalgia ao entrar. Talvez tenha visitado o lugar com Agnes e Brianne e as outras dançarinas, no tempo que ele agora só identificava como *Antes*.

Segundo o porteiro da casa, o dono não estava presente. Eddie disse que ia esperar, pediu um uísque de centeio com soda e abriu seu relógio de prata no balcão. A nostalgia que sentia era uma idiotice, ele percebeu, porque o propósito do lugar era proporcionar exatamente isso, uma atmosfera de desânimo deveras artificial, mas plenamente atenta aos frequentadores. Sentiu que havia algum jogo acontecendo, ficou olhando até identificar a porta, e imaginou o valor das apostas pela aparência dos homens e mulheres que passavam por ela, usando pérolas falsas e chapéus do ano anterior. A razão de existir do Nightlight não era o jogo, estava mais do que claro. Era alguma outra coisa — uma forma de ganhar dinheiro que envolvia, na superfície, perder dinheiro.

Vinte e quatro minutos mais tarde, outro homem apareceu e perguntou se Eddie queria conversar com o dono. Eddie o acompanhou até uma sala nos fundos, onde um sujeito com um queixo de Dick Tracy estava cercado de capangas carcamanos. Eddie ficou chocado. Fora do âmbito onde operava no porto, Dunellen também tinha negócios com o crime organizado, o que só podia significar que não tinha escolha.

Dexter Styles mandou os capangas irem dar uma volta. Quando Eddie se instalou a uma cadeira, de frente para a sua mesa de trabalho, ele perguntou:

— Você é da polícia?

Eddie negou.

— Um cidadão consciente.

Styles riu.

— Em que posso lhe ser útil, sr. Kerrigan?

Eddie revelou tudo o que tinha descoberto, jogo por jogo: a localização, os truques usados para roubar, os ganhos aproximados. Styles ficou ouvindo em silêncio. Uma ou duas vezes ele exclamou “Esse não é nosso!”, mas passou quase todo o tempo só ouvindo. Quando Eddie acabou, só fez uma pergunta:

— Por que veio me contar?

— Se eu estivesse no seu lugar, iria gostar de saber.

— Claro que eu quero saber. E *você*, o que quer?

Eddie não tinha esperado chegar tão longe em tão pouco tempo. Não sabia ao certo o que dizer, o que ele queria exatamente de Styles.

— Posso lhe dar alguma coisa agora mesmo — disse Styles. — Praticamente qualquer coisa, na verdade.

O olhar de Styles vasculhou Kerrigan, procurando qual seria a fraqueza do outro. Não era dinheiro, ou teria pedido um adiantamento como condição para falar. O quê, então? No caso dos irlandeses, era geralmente bebida, mas Kerrigan não tinha jeito de bebedor. E nem havia muita propensão à violência naqueles braços finos, embora fosse provável que soubesse se defender, se fosse o caso. Mulheres? Os irlandeses eram famosos pelo puritanismo, pela fidelidade às suas esposas de rosto corado — talvez pela lembrança das belas meninas que tinham sido antes de inaugurarem a linha de montagem de filhos, ou por medo de seus padres alcoólatras e agressivos.

— Garotas? — perguntou observando o rosto de Kerrigan à espera de algum sinal de que tivesse acertado. — Temos muitas na casa.

— Sou casado com uma bela mulher, sr. Styles.

— Eu também. Temos sorte.

Dinheiro, então. Ficou decepcionado com Kerrigan; a quantia seria menor do que a que ele receberia caso tivesse pedido antes de falar.

— O que você considera um preço justo pela informação que acaba de me dar?

Com ar contrariado, Eddie pensou antes de responder.

— Na minha opinião, o senhor podia dirigir melhor os seus negócios, e ao mesmo tempo deixar tudo mais limpo — começou Eddie. — Mais justo, quero dizer, para os homens que aparecerem para tentar a sorte.

As palavras de Eddie pareceram pouco inteligentes. Um pouco bobas, na verdade. Ele sentiu o espanto de Styles, mas sentiu, também, que Styles gostava de ser surpreendido.

— O senhor por acaso acha, sr. Kerrigan, que eu dirijo uma instituição de

caridade?

Eddie não conseguiu deixar de sorrir.

— O senhor pensa como um policial — prosseguiu Styles. — Por que não entra para a polícia?

— Trabalharia para o senhor do mesmo jeito.

Só então Eddie entendeu qual era a sua intenção, ao ir procurar Styles. Ele queria um emprego.

— Certos homens acham que trabalhar para mim é duro — comentou Styles. — Não gostam dos horários irregulares.

Eddie entendeu que Styles quis dizer que ele não era o primeiro irlandês do porto que ia procurá-lo por puro desespero.

— Imagino que isso depende do patrão para quem trabalhavam antes.

Styles se recostou na cadeira, avaliando Eddie. Eddie fez o mesmo com o jovem do outro lado da mesa: o nome inventado mal capaz de esconder o sobrenome italiano por trás, e uma insatisfação inquieta que podia ser lida como curiosidade ou energia. E, por baixo disso tudo, uma tristeza profunda. Eddie enxergou o homem e simpatizou com ele. Sentia uma afinidade com Dexter Styles, cujo poder derivava de não pertencer à mesma turma que ele — e era inclusive um adversário. Fizera uma aliança por pura escolha.

— Por acaso, você está certo — disse Styles. — Eu bem que gostaria de limpar esses jogos de que você me falou. E gostaria de saber por onde mais o meu dinheiro anda vazando. Os vazamentos tendem a parar no minuto em que os meus rapazes aparecem.

— O senhor precisa de um representante — observou Eddie. — Um *ombudsman*.

Era uma palavra que Eddie tinha descoberto anos antes, em um jornal. E desde então vinha esperando uma chance de usá-la.

Styles sorriu, achando graça.

— Pois bem: um *ombudsman*. Mas não podemos nos encontrar aqui. Nem sermos vistos juntos.

— Naturalmente.

— Traga a sua família à minha casa e vamos conversar mais um pouco. Você tem filhos?

— Duas filhas.

— Eu também tenho uma filha. Elas podem brincar juntas. Sábado está bom?

Uma chuva fina caía quando Eddie deixou o Nightlight, mas, em seu estado de exaltação, ele mal reparou. Desceu a Quinta Avenida, vazia a não ser pelos vagabundos que vasculhavam as sarjetas em busca de guimbas. Dali a pouco passava pelas barracas dos moradores de rua da Madison Square. Fogueiras sibilavam e fumegavam na umidade. Sentiu o cheiro de café e leite condensado fervendo em latas — um aroma doce e metálico que sempre o deixava com os dentes rangendo. Normalmente, era um cheiro que o fazia

lembrar que era só pela intercessão de John Dunellen — um monstro inchado e caprichoso — que ele não se misturava aos homens que preparavam o café na rua.

Tinha encontrado uma brecha, uma porta de saída. Lydia conseguiria uma cadeira. E talvez, pensou Eddie, ofuscado pelas gotículas de chuva que reluziam nas árvores, talvez aquilo a ajudasse de um modo que ele nem previa, em seu desespero. Talvez, afinal, Lydia pudesse começar a encontrar uma cura.

À sua finalidade original — garantir aos homens um confronto honesto com a sorte nas mesas de jogo —, Eddie não dedicou nem um minuto sequer de sua caminhada encharcada, escura, em êxtase. O que ele sentia era o puro alívio de ter se salvado.

PARTE SEIS

O mergulho

VINTE

Dexter tinha tentado em vão, ao longo de todo o mês decorrido desde o seu encontro com o sr. Q., travar uma conversa particular com o sogro em um dos almoços de domingo da família. Mas, no fim das contas, a dificuldade tinha se revelado uma vantagem; a cada semana que passava, Dexter ficava mais e mais seguro do que pretendia propor. Finalmente, em um jantar dançante no clube de caça, o velho atraíu seu olhar do outro lado de uma mesa tomada por fatias meio comidas de bolo recheado de sorvete e disse:

— Bem que eu gostaria de um pouco de ar fresco. E você?

Dexter se levantou à luz enfumaçada das velas. A orquestra tinha emendado “White Christmas”, já fora de época no meio de fevereiro, e ele estava mais do que satisfeito em parar de acompanhar os passos dos praticantes fiéis do *foxtrote*. Vinha vigiando Tabatha e Grady, mas o que lhe saltava aos olhos era sua mulher nos braços de Booth Kimball (apelidado, mesmo em círculos mais sérios, de Boo Boo), um campeão de polo por quem ela tinha sido apaixonada quando menina. Boo Boo tinha se casado com uma Lady Não Sei o Quê e mudado para Londres pouco depois do casamento de Dexter e Harriet. Agora, depois de mais de uma década sem vê-lo, Dexter mal o reconhecia: os cabelos de Boo Boo tinham ficado totalmente brancos. “Escapou de uma boa, hein, baby”, tinha sussurrado para Harriet durante os aperitivos, apontando com o queixo na direção de Boo Boo, ao que ela respondeu, em tom sepulcral: “Pippa morreu de câncer ano passado.”

O velho atravessou primeiro as cortinas de veludo usadas como blecaute, deparando-se com um vento forte e glacial.

— Ar fresco — saudou com prazer o vento lacerante. — Que sensação boa.

Usava um cachecol fino de seda, pouco mais do que um plastrão, e um chapéu-coco, mas o velho era famoso, e quase comicamente célebre, por sua resistência ao clima. Dexter nunca o tinha visto suar, nem mesmo quando vestia um *smoking* em pleno verão. Tinha um andar rápido e cortante que obrigava Dexter a caminhar a passos mais longos para acompanhá-lo, embora fosse muitos centímetros mais alto.

Um revestimento argênteo de neve intocada cobria os gramados do campo de golfe, mas as trilhas usadas pelos *caddies* estavam quase todas limpas. Enveredaram por uma delas rumo à praia, comentando, nos momentos em que o vento dava trégua, como Grady ficava elegante em seu uniforme, e o pavor que sua partida causava à pobre mãe dele. Aquele era o seu último final

de semana de folga antes de embarcar para a guerra. Com três outros rapazes locais em situação semelhante — dois no Exército, um na Guarda Costeira —, aquele jantar dançante tinha se transformado em uma festa de despedida. Cooper mostrava-se quase doente de medo pelo filho, mas Dexter tinha certeza de que nem mesmo uma guerra mundial seria capaz de abalar o futuro promissor do jovem.

Chegaram ao Crooked Creek, um braço congelado do mar verde, caminhando lenta e penosamente ao longo da Long Beach, atravessando o Broad Channel e outros charcos variados. Por Dexter, continuariam seguindo — ele preferia conversar andando —, mas o velho parou.

— Eu gosto de estar perto do mar sempre que possível, e você? — perguntou ele, tentando ajustar a visão à escuridão. — Ninguém disse melhor do que Melville: “Nada agrada mais os homens do que os limites mais extremos da Terra”; mas não é bem isso, não me lembro exatamente das palavras. É da nossa natureza tentar chegar ao limite das coisas. Mesmo em um campo de golfe.

— Especialmente jogando golfe — comentou Dexter, e os dois riram.

Entre as irreverências que compartilhavam estava o desprezo pelo golfe: Dexter porque não tinha paciência de aprender algo cujos maiores expoentes já cresciam imersos em sua prática desde o leite materno; o velho, porque considerava o golfe um culto à preguiça disfarçado de esporte.

Dexter reconheceu o local onde estavam: era o mesmo ponto onde tinha pedido a mão de Harriet, tantos anos antes. Tinha sido em pleno verão, com as árvores quase vergando ao peso de tantas folhas e os gramados recém-aparados do campo de golfe emanando um cheiro que sempre o fazia pensar em dinheiro novo. Agora, enquanto olhava na direção do horizonte sem luz, lembrou-se de uma versão daquela conversa anterior.

— Os seus amigos e os meus amigos, sr. Styles — dissera seu futuro sogro por cima do alarido das cigarras. — Acho que podemos dizer que não gostariam muito uns dos outros.

Aquela afirmação sombria podia ser entendida como uma tentativa de fazer graça, mas Dexter a entendeu no sentido literal.

— Acho que eles não têm muito em comum, sr. Berringer — comentara.

— Ah, creio que tenham, sim, embora prefiram não admitir. Ou talvez não disponham de uma linguagem comum que lhes permita reconhecer tal semelhança.

Aquela afirmação extraordinária silenciou Dexter.

— O senhor pode achar estranho, sr. Styles, mas me importo pouquíssimo com quem são os seus amigos.

— Fico... feliz de saber, sr. Berringer.

— Harriet é louca pelo senhor, e é isso que importa para mim. E agora o senhor precisa pensar com muito cuidado em quanto é louco por Harriet. Ela tem de ser a sua única mulher. O limite, para mim, é este, sr. Styles. Não tem

a ver com os seus amigos, com o seu ramo de trabalho, com a sua fama ou com a sua história. Fidelidade. É tudo que o senhor precisa me prometer.

— Eu prometo — afirmou Dexter, com a reflexão cuidadosa de um jovem ansioso para legalizar a situação e continuar a comer a filha do banqueiro, a qual já vinha comendo havia tempo.

— Quero que a minha filha seja feliz — continuou o sr. Berringer, avaliando Dexter com um olhar sereno. — E vou fiscalizar a felicidade dela com todo o empenho e cuidado.

— Eu entendo, sr. Berringer.

— Não, não entende — disse o velho. — E nem pode. Mas espero, pelo seu bem, que ainda assim cumpra a sua palavra. Entendido?

Claro que ele não tinha entendido. E mais tarde, quando começou a entender, Dexter só pôde se admirar com o truque usado pelo sogro para se safar de uma camisa de força, e ainda demonstrando energia suficiente para lhe extrair um compromisso adicional. Nem Houdini teria como superá-lo: a filha dele estava grávida e se recusava a abortar. Se Arthur não consentisse, ela teria fugido com Dexter: uma calamidade. O velho não tinha margem nem para coçar o nariz, mas ainda assim negociava como se a vantagem estivesse toda do seu lado — intuindo, com uma perspicácia quase sobrenatural, que, embora criminoso, Dexter era um homem de palavra. A monogamia era praticamente um fenômeno exótico em seu ramo de trabalho, mas, toda vez que o braço macio de uma corista rodeava seu pescoço, Dexter se sentia observado: seria dessa vez que daria um passo em falso? Era ali que ficava o limite? E isso funcionava melhor do que um banho de água fria. Depois, sentia-se sempre aliviado, até mesmo grato. As mulheres eram piores do que uma droga para fazer um homem agir contra os próprios interesses. E Harriet era mais bonita do que qualquer uma delas.

Tinha havido aquela mulher do trem. Um único deslize — um anacronismo — que fortalecera sua decisão de nunca mais tornar a errar.

Agora, tendo quebrado sua promessa exatamente duas semanas antes, Dexter tendia a achar que o velho talvez planejasse confrontá-lo. Mas como ele poderia saber? O que George Porter tinha visto não era nada. E, mesmo que George tivesse suspeitado de alguma coisa, o pecado de Dexter não era nada se comparado aos que o próprio George cometia. De qualquer maneira, o médico vinha demonstrando uma simpatia constante por Dexter desde aquela noite, revigorando o entendimento masculino entre os dois.

E Dexter, ao emergir dos seus pensamentos, viu que o velho o observava.

— Você tem estado diferente nas últimas semanas — disse ele. — E eu me pergunto o que anda se passando na sua cabeça.

Dexter engoliu em seco. Como os verdadeiros adúlteros conseguiam se safar? Mas havia outra coisa, é claro — e fazia um mês que ele já vinha planejando conversar a respeito dela com o velho. Com alívio, ele começou:

— Estou sentindo uma necessidade de mudar, senhor.

— *Senhor?*

Dexter corou.

— Arthur.

— Que tipo de mudança?

— Profissional.

— Você já se dedica a interesses muito diversos, não é?

— Verdade. Mas do lado errado.

A música se fazia ouvir em espasmos, como um fonógrafo distante, nos intervalos das rajadas de um vento glacial. Poderiam estar em um dos confins da terra: um panorama cinzento e negro de água e gelo.

— Certo e errado são termos relativos no seu ramo de trabalho, não é mesmo? — perguntou o velho.

— É o que eu sempre digo.

Arthur soltou um assobio.

— Já está um pouco tarde para você me aparecer contagiado pela doença do idealismo.

Pelo tom, Dexter percebeu que ele sorria.

— Parece que estamos vivendo uma epidemia — foi a resposta.

— Isso acontece em tempos de guerra. É um dos muitos benefícios secundários que ela traz.

— Eu queria um papel honesto no que virá em seguida — falou Dexter. — E não chegar lá como um parasita sugando sangue das costas do país.

O velho respirou fundo, quase um suspiro.

— É uma pena sermos obrigados ainda tão jovens a fazer as escolhas que regem o resto das nossas vidas.

— Se a escolha for errada, sempre se pode mudar — comentou Dexter. — Mesmo que já esteja um pouco tarde.

Uma violenta rajada de vento fez seus olhos lacrimejarem, mas o velho nem fez menção de segurar o chapéu. Quando o ar se acalmou, ele disse:

— A julgar pelo limitado conhecimento que tenho dos seus sócios e das práticas de negócios que adotam, mudar de lado não vai ser fácil.

— Já está acontecendo de forma natural. Tenho negócios perfeitamente legais aqui, em Chicago, na Flórida. Tenho amigos por todo lado.

— Não duvido. Você é um sujeito muito simpático. Mas o seu empregador já sabe desse... desvio natural?

Era a primeira vez, na memória de Dexter, que o velho se referia, direta e individualmente, ao sr. Q. Seu espanto passageiro deu lugar a uma sensação embriagadora de convergência, como se uma ponte tivesse surgido de repente entre mundos inconciliáveis. E uma ponte era exatamente do que ele precisava.

— Estou certo de que ele sabe — confirmou Dexter. — Mas cabe a mim dar o passo decisivo.

O velho era astuto demais para não ter intuído para onde aquela conversa

estava seguindo — o que provavelmente já sabia desde a palavra “profissional”, ou mesmo desde que o genro o tinha tratado de “senhor”. Dexter aprumou os ombros e respirou fundo.

— A ideia que me ocorreu — continuou ele, evitando a tempo mais um “senhor” que quase brotou como uma bolha da sua garganta — foi entregar meus bens e interesses legítimos a você. No banco.

— Vendendo para nós o controle dos seus negócios.

— Exatamente.

O silêncio do sogro lhe pareceu um bom sinal — sinal de que levava sua proposta a sério. Dexter contemplou o torvelinho do mar congelado abaixo deles. Sua vida já tinha mudado de rumo uma vez naquele mesmo lugar: por que não poderia mudar de novo?

— Você não está com a cabeça no lugar, meu filho — afirmou o velho finalmente, no mesmo tom suave com que dizia tudo. — E isso me preocupa consideravelmente, tendo em vista a sua própria segurança, e a segurança de pessoas que eu amo e que vivem sob a sua proteção.

Uma entidade bem no fundo de Dexter encolheu-se como se tivesse sido escaldada, mas ele conseguiu perguntar, em tom casual:

— Por que diz isso?

— A sua vida é boa, Dexter. Você tem uma linda família. É conhecido, respeitado... Procurado. Seu nome aparece nos jornais. Isto é duas, três vezes mais do que a maioria dos homens consegue na vida inteira. Mas não é transferível. Você é dono de uma fortuna em moeda que só pode ser usada no país de origem.

— Não entendi.

— Então pense com mais clareza, meu filho. Pense com mais clareza.

Meu filho era depreciativo; a forma que o velho usava para falar com Cooper.

— Mas parece terrivelmente claro. Na minha cabeça.

— Sabia que depois da Grande Guerra, quando formamos sindicatos para subscrever as emissões de bônus para a compra de fábricas e estradas de ferro, nunca chegamos a assinar nem um contrato com qualquer dos nossos parceiros? — comentou o velho em tom afável. — Nem no grupo diretor, mais próximo de nós, nem no grupo de compradores que vendia os bônus para o público. Essas transações eram todas independentes de qualquer lei. Confiança, reputação: só precisávamos disso. E era tudo o que tínhamos! Até hoje, toda a estrutura do meu negócio se baseia na confiança.

— Mas você confia em mim. E já demonstrou isso muitas vezes.

— Confio inteiramente em você. Você teria dado um grande banqueiro, Dexter. Podia ter chegado a nada menos do que meu sócio — completou o velho, em uma referência a Cooper, que ocupava um posto subalterno na empresa e dificilmente subiria mais, apesar dos laços de sangue. — Tenho fé absoluta na sua visão. E é por isso que me admira você não enxergar que a sua

reputação... que a sua história é incontornável.

Dexter se esforçou para se recompor. Como não tinha previsto aquela objeção? Mas tinha: fora a primeira coisa que havia imaginado. Só que tinha contado que o poder, a reputação e a independência do velho seriam suficientes para simplesmente remover essa objeção do caminho.

— Nunca achei que você se incomodasse com a opinião dos outros.

— Pessoalmente, não me incomodo — disse o velho. — Mas, nos negócios, não tenho escolha. Sei exatamente até onde posso ir. Estou dizendo que nenhum banco de Nova York iria aceitar você? Claro que não. Existem bancos em que a reputação é bem menos importante. Mas para quê? Qual é a vantagem de se transformar em um banqueiro médio em uma empresa média, sempre obrigado a provar que agora é um homem honesto?

— Não é o que eu quero.

— Mas é o máximo que pode conseguir, se levar essa ideia adiante. Se eu fosse você, ficaria exatamente onde está. Você precisa reconhecer as muitas vantagens da sua posição e tirar proveito delas. Tentar mudar de posição no meio do caminho pode lhe custar a perda dessas vantagens, sem ganhar nenhuma vantagem nova.

A sensatez das palavras de Arthur era manifesta, irrefutável, mas ainda assim Dexter sabia que não podia acatá-las. Alguma coisa tinha mudado dentro dele.

— Paguei caro demais pelas minhas vantagens — confessou.

A revelação surpreendia até a si mesmo. Dexter falava do sangue que trazia nas mãos.

Seu sogro segurou os ombros do genro com as mãos delicadas. O simples fato de ser uma figura tão compacta parecia constituir uma fonte de autoridade; a corpulência de Dexter, em comparação, produzia uma impressão desajeitada de juventude.

— Todos pagamos pelas nossas vantagens — afirmou o velho em tom expressivo. — Não existe um só homem no mundo que não pague por elas, inclusive os padres. Todo homem tem seus segredos, seus custos para manter o próprio negócio. No meu ramo de trabalho, acontece a mesma coisa. Não se iluda com as colunas de mármore: os romanos também erguiam colunas assim, e atiravam os prisioneiros aos leões. Existe muita brutalidade por trás de instituições como a minha, compensada por uma dose equivalente de hipocrisia.

Os olhos de Dexter ardiam, e não por causa do vento. Gostava muito de Arthur Berringer. Como achava que eram parecidos! A “brutalidade” do velho não era a mesma da vida de Dexter, claro, pensasse o sogro o que pensasse. Ainda assim, havia uma intensidade por trás daquelas palavras que fazia Dexter desejar poder ver o rosto do sogro. Mas a escuridão era a condição essencial da conversa entre eles.

Por um acordo tácito, começaram a seguir os sons da orquestra de volta para a sede do clube. E finalmente a viram: uma colunata quase irreal, de onde

frestas de festividade vazavam em uma gélida paisagem lunar.

— Ainda não escreveram o suficiente sobre quanto a meia-idade é traiçoeira — refletiu o velho, sua voz carregada pelo vento. — Dante desceu aos infernos para fugir dela, e já vi muitos outros homens tomarem decisões metaforicamente equivalentes. Tenha paciência, Dexter. As guerras costumam ter essa capacidade de modificar o terreno, de criar configurações impossíveis de prever, por mais que todo mundo tente. Não estamos em uma boa hora para dar passos arriscados.

Dexter gostava daquela palavra: “configuração”. A maré tinha virado na guerra, sem a menor dúvida — o que o velho havia previsto no outono anterior já tinha começado a acontecer. Mas fazia semanas — meses, até — que uma insatisfação vinha se acumulando em Dexter, e ele precisava agir. Até um movimento errado lhe parecia preferível a não sair do lugar.

Encontraram George Porter alisando o bigode ansiosamente assim que transpuseram as cortinas de blecaute.

— Já estava me perguntando por onde vocês andariam.

Foram suas palavras de boas-vindas, sua tentativa de descobrir alguma coisa. Dexter estava concentrado demais para tranquilizá-lo.

Todos os Berringer, com a exceção dos netos que estudavam fora, estavam presentes naquela noite, ocupando quatro mesas no salão de jantar lotado. O assento de Dexter tinha sido marcado ao lado do de Bitsy. Com o pobre Henry lançando-lhes olhares malévolos do outro lado da mesa, Dexter tinha puxado conversa com ela ao longo do jantar. Sim, o bebê vinha chorando menos. Não, Bitsy não estava menos infeliz. A calma da cunhada levou Dexter a desconfiar de que ela e George tivessem encontrado algum esconderijo disponível na hora dos aperitivos. Havia muitos recantos assim no clube de caça, e Dexter sabia muito bem disso pelos dias em que Harriet o levava até tais locais como um gesto de insurreição. Charme e uma conta bancária recheada podiam garantir a entrada em muitos lugares do mundo, mas não no Rockaway Hunting Club. Na época, a recepção gélida por parte das velhotas assíduas e de sua progênie puritana fez Dexter rir: ele não dava a mínima. Podiam dar-lhe o gelo, recusar-se a sediar as suas núpcias (coisa que deixou o velho furioso), mas ele tinha conquistado uma das sócias e andava de mãos dadas com ela à noite, em torno da piscina, procurando um bom lugar para uma trepada. O estímulo da censura coletiva evocava o desejo dos dois como uma faca retinindo em uma taça de cristal; as vibrações se espalhavam entre as árvores e pelas noites de luar, a tal ponto que não conseguiam pensar em mais nada. Tinham exercido o prazer conjugal em um dos *bunkers* de areia do campo de golfe, atrás de um barracão no jardim, debaixo de uma arca contendo fotografias e troféus das famosas corridas de obstáculos. Grávida de oito meses, Harriet lhe prestara bons serviços debaixo da toalha de mesa, durante a entrega de prêmios de um torneio de tênis.

Agora, todavia, a *configuração* tinha mudado. Tabby e os gêmeos tinham sido

acolhidos desde o início, e Harriet era a filha pródiga que retornava — alvo de boas-vindas ainda mais calorosas, tendo em vista a distância a que tinha ido parar. Só Dexter continuava excluído. Pares da sua própria geração se mostravam razoavelmente amigáveis; as mulheres até se arriscavam a flertar com ele ocasionalmente. Mas a velha guarda o tratava com um ultraje enfadonho cujo ingrediente principal era o tédio. Ele era conhecido demais para ainda provocar algum choque, mas ainda assim continuava sendo detestado.

Grady e os outros rapazes de partida começaram a valsar com as mães orgulhosas e preocupadas. Os rapazes reluziam em seus belos uniformes, já convertidos em heróis. Dexter decidiu sair à procura do sr. Bonaventura, o chefe da cozinha (mesmo os puritanos sabiam que, em matéria de comida e bebida, não havia nada melhor do que um brasileiro), para descobrir onde ele comprava carne no mercado negro. O assado estava duro; Dexter sabia que podia conseguir uma carne melhor, e gostava da ideia de cuidar daquele negócio ao mesmo tempo que os puritanos dançavam. Mas enquanto ainda se dirigia para as portas acolchoadas que davam para a cozinha, uma parte dele repudiou a ideia. Era uma repetição do mesmo — o mesmo, o mesmo —, e, no espaço de um segundo, aquilo deixou de lhe parecer vagamente promissor e se afigurou como uma decisão claramente péssima. Ele estava tão farto de si mesmo quanto as velhas do clube.

Parando no meio do salão de baile, Dexter reconheceu a sua dificuldade: qualquer atitude que pudesse tomar o faria aprofundar-se ainda mais na direção da qual pretendia se afastar. Não havia, literalmente, nada que pudesse fazer.

Essa constatação, no entanto, fez Dexter sentir que uma possibilidade se apresentava. *Fazer* podia ser a ideia errada. Talvez houvesse alguma coisa que ele pudesse *desfazer*.

Viu sua mulher saindo do toalete feminino e pegou sua mão. Ela ficou espantada e satisfeita quando ele a puxou para a pista de dança lotada. Uma certa rigidez tinha se instalado entre eles desde a noite que Dexter tinha passado com a filha de Kerrigan. Fora um interlúdio difícil de esquecer: acima de tudo o choque de descobrir quem ela era, mas também o cheiro, o toque e o gosto de Anna. Dois dias depois daquele episódio, Dexter retornara à garagem de barcos para investigar as garrafas vazias e determinar quem teriam sido os intrusos. Mas assim que se deparou com os elementos do cenário daquela noite — a mesa, a fornalha, uma meia largada no chão —, ele se apoiou na parede mais próxima e enfiou a mão nas calças. Depois disso, não voltou mais à garagem dos barcos. Nem trepou com Harriet — uma anomalia que ela aceitou com surpreendente equanimidade. Agora, depois de tê-la visto nos braços do recém-enlutado Boo Boo, Dexter sentiu-se determinado a retomar suas relações habituais. Abraçou-a com força, aspirando o perfume almiscarado dos seus cabelos e sentindo, nos quadris sinuosos da mulher, a memória das aulas de equitação infantil que ela renegara havia tantos anos.

— Se lembra de como a gente se comportava nesse lugar? — perguntou ele.

— Ah, é claro.

— Espero que Tabby e Grady não façam a mesma coisa.

A ideia dele tinha sido fazer uma piada, mas Harriet ficou tensa em seus braços.

— Ela só tem dezesseis anos.

— E quantos anos você tinha?

Harriet não era mais virgem quando os dois se conheceram. Na época, nem ocorrera a Dexter pedir-lhe detalhes de quando tinha sido, ou com quem. Podia ter sido Boo Boo, que era dez anos mais velho do que ela. Era provável que ela tivesse casado com o campeão de polo se ele pedisse, mas era jovem demais e muito, muito ousada. Nem mesmo um pai como o dela era capaz de equilibrar seu comportamento. Todas as garotas tinham pais como o dela.

— Os meninos estão se comportando muito bem — comentou ele, em tom conciliatório.

— São ótimos meninos. Você é que não lhes dá o devido crédito.

— Vou fazer isso de agora em diante.

— Vai mesmo?

Dexter sentiu o hálito quente da mulher em seu ouvido e soube que naquela noite fariam sexo. Os acontecimentos da garagem de barcos deslocaram-se para os limites mais distantes dos seus pensamentos. Mas não desapareceriam por completo.

— Se é o que você quer.

— Quero. Muito.

A orquestra terminou a série de músicas com “Tangerine”, de *Tudo por um beijo*, um filme não muito bom estrelado por Dorothy Lamour. Grupos de familiares começaram a dispersar de modo confuso pela escuridão. O velho, Cooper, Marsha e as irmãs de Grady (garotas medianas, que se esforçavam para sair da invisibilidade em meio à luz forte que o irmão emitia) iriam à Pennsylvania Station no dia seguinte para se despedir de Grady. Para os demais, a hora do adeus era aquela.

Dexter deixou o clube ao lado de George Porter, com um braço em volta dos ombros do médico para tentar aplacar sua evidente preocupação com o que Dexter teria confabulado com o velho. George devia saber que ele jamais revelaria qualquer coisa.

Grady dava a impressão de ter ficado mais alto nas últimas semanas, seus olhos estavam quase na mesma altura que os de Dexter. O luar reluziu nos botões de metal de seu uniforme. Dexter sentiu um nó na garganta ao apertar a mão do sobrinho. Apesar de toda a sua confiança na sobrevivência de Grady, teve um pressentimento sombrio de que nunca mais tornaria a vê-lo.

Tabatha atirou os braços em volta do pescoço de Grady e ficou ali, soluçando. Dexter pairou por perto, preocupado com o eventual exagero

daquela demonstração. Mas sua sogra se limitou a dizer, em um tom tenso:

— Eles sempre foram muito chegados.

Dexter tentou divisar seu rosto à luz da lua. Seria isso? Encobertas pela escuridão, lágrimas indesejadas escorriam pela face de Beth Berringer, uma exibição de mau gosto, e agora cintilavam por cima de suas rugas caleidoscópicas.

— Grady precisa se despedir de outras pessoas, querida — advertiu Harriet em tom suave e separando Tabby do primo.

Tabby correu para Dexter, que a envolveu em seus braços.

— Shhh, Tabby — disse ele, apertando a filha. — Fique calma. Vai dar tudo certo.

— As coisas não vão mais ser as mesmas. Nunca mais.

— Grady vai voltar forte e saudável como um cavalo, eu garanto.

Ela se afastou, tentando olhar para ele.

— Você não tem como garantir nada disso, papai.

E Tabby tinha razão; Dexter estava falando por falar.

— Posso garantir porque eu acredito nisso. Não tenho a menor preocupação com Grady Berringer: zero.

Era uma baboseira das mais descaradas, mas ainda assim Dexter sentiu o efeito calmante de suas palavras, como se o coração da filha sossegasse dentro do próprio peito dele. Sentiu como a carne dela era semelhante à sua, como tinham um cheiro igual, como seus movimentos se pareciam. Ela era dele. E ele era dela.

Harriet tomou a frente a caminho do Cadillac, com um braço em volta dos ombros de cada gêmeo. Ninguém dizia nada; só se ouvia o ruído dos sapatos remoendo o cascalho do caminho. E bem naquele momento, enquanto abraçava a filha aflita à luz da lua, Dexter percebeu qual atitude precisava tomar.

VINTE E UM

Anna se lembrava sempre de como tinha subido a escada no dia do teste, em triunfo. Se fosse um filme, a história acabaria ali, com a garantia de que finalmente, e contrariando todas as previsões, ela havia conquistado o respeito do ríspido tenente. Na verdade, ele passou a gostar menos ainda de Anna. Dirigia-se aos seus mergulhadores como “rapazes”, “homens” e “cavalheiros”. Calava-se toda vez que Anna passava por ele, como se ela fosse um gato preto. E ela entendeu que sua vontade de agradá-lo só seria satisfeita se ela desistisse e que ele nunca lhe daria qualquer motivo para continuar.

Mais de duas semanas tinham se passado desde o dia do teste, e ela não voltara a mergulhar nem uma única vez. Os homens mergulhavam toda hora; Bascombe e Marle tinham começado a trabalhar juntos, remendando o casco submerso de um contratorpedeiro aliado. Anna tinha sido nomeada içadora, o que significava que sua especialidade era trazer à tona objetos submersos. O *Normandie*, no Cais 88, era uma operação de içamento, como a da frota alemã afundada por ordens de seu próprio comandante na base de Scapa Flow, na Escócia, ao fim da Grande Guerra. Mas não havia navios afundados na Wallabout Bay; o que havia eram milhares de dormentes que tinham caído de uma barça uma década antes e que agora interferiam na passagem de certos navios de maior calado. Com a exceção de Anna, os mergulhadores escolhidos para retirar esses dormentes eram os mais altos e menos experientes da turma — Savino, por exemplo, que tinha furado seu traje de mergulho com o prego no dia do teste. Anna havia precisado remendar o furo; Savino, enquanto isso, foi escolhido para aulas de soldagem no tanque de mergulho. E lá suas trapalhadas continuaram; dois dias antes, tinha partido a viseira do seu capacete no canto da placa de aço que tentava soldar. Tinham-no puxado para fora depressa — Marle era um dos assistentes —, e Savino parecia não ter sofrido nada em um primeiro momento, só sangrou um pouco pelos ouvidos e pelo nariz por causa da pressão. Dentro do tanque de recompressão, no entanto, acabou desmaiando. O tenente Axel suspeitou de embolia, o que significava que Savino tinha inspirado e prendido o ar nos pulmões antes de ser puxado para cima. Enquanto a pressão à sua volta caía para o nível do mar, a pressão do ar dentro dos pulmões teria subido até ejetar uma bolha que foi parar em sua corrente sanguínea, percorrendo veias e artérias antes de se alojar em alguma passagem pequena demais para atravessar — no caso de Savino, um dos vasos que alimentava de oxigênio o cérebro. A embolia pode ser fatal em muitos casos, mas Savino sobreviveu. Só não tinha voltado ainda para o

trabalho.

Anna havia passado o dia inteiro limpando os filtros de espuma que ficavam dentro dos separadores de óleo de todos os dez compressores de ar. A maioria das tarefas que lhe eram atribuídas tinha sempre um certo teor doméstico: remendar trajes de mergulho com cola de borracha; untar as juntas de vedação dos capacetes com óleo amaciante de couro; soltar mangueiras presas há tempo demais em seus encaixes. Sentia-se ainda mais distante da guerra do que quando se dedicava a tirar medidas — lá, pelo menos, suas atribuições a levavam a outras partes do Arsenal de Marinha. Agora, vestindo suas roupas civis em seu armário-vestiário pós-expediente, Anna recaía em um estado bem conhecido de derrota: ela *era* fraca; sentia-se fraca. Os dormentes de estrada de ferro eram pesados demais para ela; o tenente Axel tinha razão de não indicá-la para a tarefa. Aquela breve reviravolta aplacava a sensação de injustiça cruel que tomava conta de Anna; porque sentir-se indigna de confiança era, de alguma forma, menos horrível do que se sentir enganada. A questão é que isso evocava uma impressão inédita de si mesma, hesitante e frágil, imagem semelhante à cultivada pelas casadas em seu posto de trabalho anterior. Mas bastou um rugido de fúria para incinerar essa visão como se fosse uma folha de papel. Como ela detestava o tenente Axel, como desejava que ele *sumisse*! Odiá-lo dava forças a Anna. Mas ela precisava esconder esses sentimentos e engolir sua raiva, mesmo quando isso lhe causava a sensação de estar bebendo água sanitária. A menor infração poderia servir de motivo para a sua dispensa. E aí o tenente triunfaria.

Seus momentos favoritos eram os das visitas de oficiais superiores à Unidade 569. Na presença de oficiais de patente mais alta, o tenente Axel se mostrava humilde e diligente, e Katz, seu capanga mais contumaz, quase entrava em paralisia, de tão intimidado. Assim diminuídos, esqueciam seu desdém por Anna. Mas só nessas ocasiões.

Anna deixou o Arsenal de Marinha com os demais mergulhadores tomando o rumo do Oval Bar. Bascombe tinha conseguido a inclusão dela naquele ritual de toda noite, tão habilmente quanto incluía Marle: pouco depois do teste de mergulho, sua noiva tinha se dirigido a Anna na saída do portão da Sands Street e dito, em uma voz anasalada por um resfriado: “Basky quer que eu vá com ele e os rapazes, mas você vem junto, não vem? Não quero ser a única garota.”

Naquela noite, todos queriam que Marle, que tinha entrado no tanque de recompressão com Savino, contasse a história da embolia que este tinha sofrido. Depois que Savino desmaiara, contou Marle, o tenente Axel tinha aumentado a pressão para 120 libras, o equivalente a uma profundidade de quase cem metros, na esperança de que a bolha fosse reabsorvida pelo sangue. A caneta do tenente estourara, salpicando os dois de tinta azul. Marle segurava as pernas de Savino, enquanto o tenente Axel massageava suas mãos e seus pés, tentando estimular a circulação para o seu cérebro.

— E não parava de falar o tempo todo — contou Marle enquanto todos entornavam cervejas B&H para fazer descer os petiscos gratuitos do balcão, destinados a atrair os marinheiros. — Ficava dizendo: “Você vai ficar bem, rapaz, sabe como eu sei? Porque se fosse morrer já teria morrido a esta altura.”

— Típico do tenente Axel — comentou Bascombe em um murmúrio, tomando um gole de Coca-Cola.

— Parecia um homem acalmado um cavalo. Apesar de Savino estar totalmente desacordado. “Algum dia você vai contar aos seus filhos que arriscou a vida para eles não terem que comer algas nem chucrute no almoço de domingo.”

— Um pouco exagerado, na minha opinião.

— E ele trouxe o sujeito de volta. Eu vi tudo. Mas esse cínico aqui não acredita — disse Marle, indicando Bascombe com os olhos.

Ao final de 45 minutos, Savino tinha recobrado a consciência. E depois ainda levaram cinco horas descomprimindo a câmara. Quando finalmente acabou, depois da meia-noite, Savino saiu andando para a ambulância que estava lá à sua espera.

— O que me espanta é Axel não estar se exibindo por aí, todo sorridente — disse Bascombe. — Tudo o que ele queria era fazer o papel de herói, desde o primeiro dia.

— É tudo fingimento — opinou Marle. — Se ele perder algum mergulhador, vai ser cortado.

— Vou chorar baldes.

Marle balançou a cabeça. Frequentemente ele e Bascombe se viam em lados opostos, mas eram inseparáveis. Bascombe não era bem-vindo na casa de Ruby; o pai dela achava que era um vigarista e se recusava a apertar a mão dele. Bascombe tinha adquirido o hábito de almoçar aos domingos com Marle e os pais dele, no Harlem.

Anna pegou o bonde de volta para casa com Ruby e Bascombe. Ele acompanharia Ruby até o Sunset Park, onde ela morava no sobrado da mercearia da família, e depois voltaria à pensão onde morava, no Arsenal de Marinha: uma viagem de uma hora e meia. O noivado deles era segredo até que ele convencesse o futuro sogro a mudar de ideia. Mas, ao que tudo indicava, tanto quanto a campanha de Bascombe para ingressar na Marinha depois de ser reprovado três vezes no exame de vista, esta também estava fadada ao insucesso. Ainda assim, ele persistia com uma obstinação tão irritante que Anna quase acreditava que fosse conseguir. As campanhas eram interdependentes; se Bascombe entrasse para a Marinha, achava que o pai de Ruby mudaria de opinião.

Anna desceu na Atlantic Avenue. Estava sozinha pela primeira vez desde aquela manhã, mas a solidão de semanas antes não tomava mais conta dela. Estava preocupada demais. Sentou-se à mesa da cozinha com um jornal vespertino e a correspondência por abrir, e começou a pensar em Dexter

Styles. Ele raramente passava pela cabeça dela durante o horário de trabalho, como se os fuzileiros de sentinela barrassem sua entrada no Arsenal de Marinha. Mas, em casa, ela voltava a ter certeza de que Dexter sabia o que acontecera com o pai dela. E tinha recomendado que ela não investigasse, chegando a lhe dar um aviso.

Anna abriu a janela da saída de incêndio e passou para o lado de fora, no frio da noite de inverno. Tentava invocar a figura do pai: *enxergar* o pai como um homem qualquer, sem relação com ela. Noite após noite ele se instalava ali onde ela agora se sentava, fumando, olhando para a rua. Pensando — no quê? Mesmo com todo o tempo que costumava passar com ele, Anna não tinha a menor ideia. Por ser filha dele, talvez, sofresse de uma cegueira singular, como se qualquer outra pessoa — todas as outras — fosse capaz de vê-lo de um modo inacessível para ela.

Alguma coisa tinha de acontecer; ela e Dexter Styles ainda não haviam chegado ao fim. E essa inevitabilidade desencadeou em Anna um turbilhão elétrico que a fez esquecer o pai. Era Dexter Styles que ela desejava — não o gângster, mas o amante. A ignomínia do cenário em que havia despertado perdera a importância, e só as sensações contavam. Em certos momentos, arrependia-se de ter revelado quem era: não estava disposta a desistir dele. Entrou de novo no apartamento para tomar banho e se deitar em seguida, com a carta de sua mãe ainda por abrir. No escuro, entregou-se às lembranças de Dexter Styles.

Ele a teria ameaçado? Ou só lhe dera um aviso?

★ ★ ★

Dois dias mais tarde, Anna foi mandada em traje de mergulho à barça para servir de assistente a Majorne. Tinha chegado longe assim algumas vezes, mas sem entrar na água. Ainda assim, ao final de vários dias trabalhando apenas dentro da unidade, ou sozinha no píer da West Street, sentia-se grata por se ver em águas abertas. A luz do sol banhava a Wallabout Bay como o clarão de um maçarico de solda, enquanto ela observava as bolhas de Majorne.

— Kerrigan. Acorde!

Era Katz, acelerando o bote a motor em um dos cantos da barça. Precisavam dela. O assistente da frente ajudou-a a levantar o caixote contendo as partes mais pesadas do seu traje para pô-lo a bordo do bote, que cedeu ao peso do equipamento. Enquanto Katz conduzia o bote em meio a fragmentos de gelo, explicou que uma das hélices estava emperrada no navio de combate que tinham acabado de rebocar do Dique Seco 6 para o Píer J. Os navios aliados não tinham identificação, mas Anna sabia, por suas visitas ao gabinete do comandante do Arsenal de Marinha, que aquele era o USS *South Dakota* — a “Belonave X”, como era conhecida nos jornais, por razões de segurança.

Tinha derrubado 26 aviões de combate japoneses na Batalha de Santa Cruz.

O navio avultava imenso, reduzindo o tamanho de tudo à sua volta, até do guindaste de torre. Savino e Grollier já estavam a postos junto aos volantes de um compressor de ar na beirada do Píer J. Savino ainda não mergulhara desde sua embolia; Grollier, que já tinha mergulhado mais cedo, pela manhã, vestia parte de um traje de mergulho. A tarefa de Anna era inspecionar as quatro hélices do navio, identificar o problema, voltar para a superfície e explicar o que precisava ser feito. Grollier, recém-treinado como operador de maçarico, mergulharia em seguida para efetuar o conserto.

— Mas não é melhor eu fazer o conserto logo, se puder? — perguntou Anna, deixando a ansiedade transparecer mais do que pretendia.

— Você só está mergulhando porque não temos mais ninguém para fazer isso — disse Katz.

Ela corou.

— Não foi isso que eu perguntei.

— Basta fazer o que estamos dizendo.

Uma plataforma, controlada por cordas, tinha sido preparada para o mergulho dela. Enquanto a água a engolfava, Anna redescobriu a sensação de ficar sem peso. Sentiu a força do repuxo das famosas correntezas do East River, mesmo protegida pelo corpo do navio a sota-vento. E continuou a descer, atravessando o farfalhar de luz solar ao longo do casco estupendo. A escala do navio bastava para sugerir violência. Anna quis passar a mão naquele casco. Segurando uma das cordas da plataforma, fez seu corpo se inclinar na direção dele e, enquanto a plataforma continuava a descer, deixou a mão enluvada deslizar por sua superfície externa. Sua pele ficou toda arrepiada. O navio parecia vivo, alerta. Exalava um frêmito que se transmitiu pelos dedos dela para todo o braço: a vibração de milhares de almas que se agitavam em seu interior. Como um arranha-céu deitado de lado.

Finalmente alcançou a região das pás da hélice traseira de estibordo e sinalizou a Katz que tinha chegado. Cabos de guia a tinham descido para ajudá-la a manobrar, e ela os usou para flutuar até a hélice. Tinha quase cinco metros de altura, com cinco pás recurvas como o interior de uma concha. Anna deslocou-se entre elas, passando a mão das bordas de cada pá até o anel central onde todas convergiam. Nada as emperrava. Tomando cuidado para não embaraçar seus cabos, Anna contornou a hélice para chegar ao eixo que a ligava ao motor. E seguiu o eixo até a hélice dianteira de estibordo, que tinha quatro pás, e não cinco. Também estava desimpedida. Então segurou a borda exterior do leme do navio — que lembrava a porta de aço de um cofre de banco — e usou-a para se transportar para o lado de bombordo do casco, de frente para o rio. Sentiu na mesma hora a correnteza, o empuxo de outros navios que passavam. Na hélice dianteira de bombordo, encontrou o problema: uma corda da grossura do seu braço tinha se enredado entre as pás. E era retesada por um dos malditos dormentes naufragados, que pendia alguns

metros abaixo.

Um puxão de Katz. Anna puxou de volta. Agora, devia voltar à superfície para que Grollier, com seu maçarico de oxi-hidrogênio, pudesse cortar a corda que prendia a hélice. Mas por que ela devia voltar? Por que não cortar aquela corda à mão, com o serrote que trazia em sua sacola de ferramentas? Anna fez sua escolha, perfeitamente consciente de que estava errada. Obedecer às regras não a tinha levado a lugar algum. Passar nos testes não a tinha levado a lugar algum. E enquanto não ia a lugar algum, desistira dessa visão mais geral de que se comportar bem e tentar agradar os outros fazia algum sentido. Por que não fazer o que podia quando tinha uma oportunidade?

Deu a volta em torno das pás amarradas da hélice, puxando trechos da corda. A parte mais atada ficava perto do centro, um oito preso entre as duas pás em posição mais vertical. Anna pegou o serrote amarrado a seu cordão de cânhamo e começou a serrar aquele pedaço de corda. Era um trabalho demorado. Katz sinalizou de novo, e mais uma vez. A cada vez, ela dava um puxão de volta — *estou bem* — e continuava seu trabalho.

Katz sinalizou que ia mandar uma lousa para baixo. Anna repetiu o sinal, mas não se deslocou para estibordo para escrever nada. Assim que lessem o que ela tinha descoberto, mandariam que voltasse à superfície, já encrocada. Por que não continuar ali e terminar o que já tinha começado a fazer? Como um ladrão tentando abrir um cofre antes que um alarme soasse, Anna serrava na semiescuridão, tomada por uma determinação feroz que sabia ser puramente egoísta, e que acabaria por prejudicá-la. Mas não se importava mais. A corda começou a ficar mais tensa no ponto onde ela serrava; sentiu essa tensão se transferir para um número cada vez menor de filamentos intactos, até que estes começaram a vibrar como cordas de violino. E então a corda se partiu com um estalo que ela escutou acima do silvo do ar que entrava em seu capacete. Suas duas pontas pendiam na água turva, os filamentos de cânhamo oscilando como tentáculos. Anna escalou a hélice, puxando outros segmentos de corda, tentando redistribuir sua tensão. O esforço a deixara com a cabeça meio aérea. Na mesma hora, as cordas começaram a escorregar, e o peso morto do dormente as levava aos poucos para longe das pás da hélice. E então tudo se desprende, as pontas soltas da corda acenando para ela enquanto mergulhavam na escuridão.

Subindo na plataforma rumo à superfície, Anna sentiu uma primeira pontada de arrependimento. Sua modesta façanha, facilmente replicável por Grollier com seu maçarico, diminuía diante da enormidade de sua transgressão. Antes mesmo que a plataforma chegasse à altura do píer, ela viu a cicatriz muito vermelha no lábio superior de Katz.

— Está resolvido — apressou-se a dizer Anna quando ele abriu a viseira do seu capacete. — A hélice está solta.

— Como é que você se atreve a desobedecer às minhas ordens? — trovejou ele, antes que ela pudesse deixar a plataforma.

— Está resolvido — repetiu ela, engolindo em seco. — Eu resolvi o problema.

— Mas quem você pensa que é, porra? Eu mandei uma lousa e você simplesmente ignorou.

Um cheiro animal, lembrando amônia, ergueu-se de dentro do traje de Anna. Ela estava com medo.

— Eu quero sair — disse ela.

Mas Katz parecia totalmente transtornado.

— Espere só até eu contar para o tenente, sua putinha! — berrou ele, aproximando a cabeça dela a ponto de permitir-lhe ver as obturações de ouro em sua boca e sentir o cheiro de mortadela em seu hálito. — Ele vai te dar um pé na bunda tão forte que você vai ver estrelas.

Ele ia matá-la; ela sentiu que era o que ele desejava. Anna inclinou-se para trás, agarrando-se às cordas da plataforma.

— Ela vai cair! — gritou alguém. — Alguém segure a garota!

Era impossível conter o peso do traje desestabilizado; a luva esquerda de Anna desprendeuse da corda, e ela começou a tombar para trás como uma árvore, consciente de estar sendo puxada pela gravidade, mas incapaz de conter a queda. Viu o céu acima e deve ter gritado. Ou talvez o grito tenha sido de Katz.

E então a queda cessou. Katz tinha agarrado o cabo de segurança, detendo seu mergulho no último instante, antes que os saltos das suas botas se desprendessem da plataforma. Anna manteve o corpo rígido, tentando deixar os saltos de suas botas ancorados. Se elas escorregassem para fora da borda, o peso de seu traje a puxaria direto para o fundo da baía, junto com Katz, caso ele não soltasse o cabo. O cabo de segurança passava por dois piões de retranca na parte traseira do seu capacete, e depois atravessava ilhoses na parte dianteira de sua couraça peitoral. Com imensa cautela, apavorada com a ideia de desabar, Anna ergueu uma das mãos enluvadas e tentou fechar a viseira do capacete.

— Não. Não — grasnou Katz, acima de onde ela estava. — Não se mexa.

Alternando as mãos, com os braços trêmulos de esforço, ele começou a puxar o cabo de segurança na direção dele, pouco a pouco, em um movimento agonizante, devolvendo paulatinamente os 145 quilos de massa rígida de Anna à posição vertical. Estava com o rosto encharcado de suor e a encarava com o olhar fixo, como se dali viesse toda a sua força. Anna só se concentrava em não dobrar o corpo, um imperativo que conflagrava uma dor imensa em suas costas. Teve medo de vomitar dentro do capacete. Sentia vontade de fechar os olhos, mas lhe parecia essencial não desviá-los dos de Katz. Aos poucos, a gravidade começou a devolver o peso de seu traje para as botas. Finalmente, ela dobrou os joelhos e se inclinou para a frente, quase desabando de cara na plataforma. Katz a segurou e a amparou em posição ereta; depois, a conduziu com todo o cuidado até o pír.

Savino e Grollier levaram Anna até o banco dos mergulhadores e desenroscaram seu capacete. Ela ficou sentada, apoiada nos joelhos, ainda achando que poderia vomitar. Se tivesse caído nas águas geladas da baía com o capacete aberto, teria se afogado antes que tivessem tempo de puxá-la de volta para a superfície. Olhou para as nuvens cinzentas que tinham encoberto o céu enquanto estivera submersa. De certa maneira, nem estava muito impressionada: estava de volta, tudo acabara bem. Mas ainda lhe parecia possível cair.

Katz se manteve a alguma distância. Passou as mãos pelo cabelo, balançando a cabeça, e depois caminhou até a prancha para conversar com o marujo de sentinela. Grollier e Savino removeram o cinto, a couraça e as botas de Anna. Ela, por sua vez, se aferrou com alegria aos sons habituais do Arsenal de Marinha — motores, máquinas, gritos —, como se pudessem ajudá-la a deter a sua queda.

Depois de algum tempo, Katz retornou, e começaram a carregar o equipamento no caminhão. Anna estava desmontando os volantes do compressor de ar quando três oficiais de Marinha se aproximaram, depois de descerem a rampa do navio com suas juponas azuis adornadas de dragonas e botões dourados.

O oficial mais graduado era alto e esbelto; até mesmo seus cabelos grisalhos pareciam em posição de sentido, debaixo do quepe azul com seu festão dourado.

— Quis vir agradecer, cavalheiros, e senhorita, pessoalmente — disse ele, apertando as mãos de todos e não revelando qualquer surpresa ante a presença de Anna. — Belo trabalho, sr. Katz. Belo trabalho, muito eficiente.

Katz recebeu o elogio meio titubeante, como se aquelas palavras o ferissem. Uma neve úmida tinha começado a cair, mas Anna mal percebeu os flocos na presença daqueles oficiais. Aqueles homens tinham vindo do navio-arranha-céu, o qual conduziriam até a batalha em seguida. Ao passar a mão em seu casco, Anna tinha feito contato direto com a guerra pela primeira vez e sentira a veemência da sua pulsação.

Depois que os oficiais se despediram, o dia cinzento fechou-se em torno deles. Anna estava calma, mas Katz mostrava-se muito sério e concentrado. Os olhos dele procuraram os dela, e, sem intenção, ela sorriu para ele. Katz esboçou um sorriso em resposta. Os dois levantaram o compressor ao mesmo tempo e o carregaram no caminhão.

★ ★ ★

Anna atravessava a Navy Street, de braço dado com Ruby, quando reconheceu o Cadillac de Dexter Styles com o motor ligado do lado de fora do Richard's Bar and Grill. Toda noite ela procurava por aquele carro.

— Com licença — disse ela para os amigos; Anna não queria que ninguém conhecesse, ou ao menos visse, Dexter Styles. — Preciso ir falar com uma pessoa.

Atravessou a Sands Street, seguida pela curiosidade de todos. Dexter Styles desceu de seu carro e abriu a porta do passageiro. Ela sentiu o conhecido cheiro de couro.

E no momento em que ele se instalou a seu lado, sentiu que algo tinha mudado nele; havia um silêncio diferente. A sombra de sua barba revelava-se cinzenta contra a pele do rosto. Ele se afastou do meio-fio e imbicou o carro junto à massa compacta de marinheiros e funcionários do Arsenal de Marinha. Pela janela, Anna olhava para eles, saudosa. Um minuto antes estava em meio a eles, rindo com seus amigos. Sentia-se como se tivesse caído em um poço e saído em um lugar cavernoso e desolado.

— Ele está morto — conjecturou ela depois que percorreram um quarteirão em silêncio. — Não é?

— É.

Ela engoliu em seco.

— Onde?

— Eu posso descobrir.

Ela não tirava o olhar dos limpadores do para-brisa, aquele vaivém borrando as luzes dos sinais de trânsito, transformando-as em uma calda viscosa e colorida. O desejo que sentia por Dexter Styles permanecia vivo, um campo de energia febril sem qualquer afinidade com o homem a seu lado. Aquele ali era um homem diferente, contido e recolhido. Mas era Anna quem tinha mudado. Ela quem retornara. Era assim que se sentia: como se tivesse completado um longo e tortuoso desvio até se ver de volta a uma paisagem conhecida.

— Então, descubra logo! — disse ela, levantando a voz. — *Descubra logo!* O que você está esperando?

Ele parou em uma vaga junto ao meio-fio, na Navy Street. O muro de tijolos do Arsenal de Marinha ficava logo ao lado da janela de Anna. Olhando para ela, Dexter falou:

— Você vai precisar do seu escafandro.

— Eu... o quê?

O que ele tinha dito não fazia sentido. Quando ela finalmente entendeu, Anna desferiu um golpe em direção ao rosto dele.

Dexter Styles segurou as mãos dela com a velocidade objetiva de alguém habituado a desarmar outras pessoas.

— Pare com essa merda — impôs ele, sem ar. — Ou eu não vou mover um dedo.

Anna tinha imprensado Dexter contra a janela. Escorria sangue de um arranhão que ela provocara na testa dele. Anna sentiu o cheiro bem conhecido de Dexter e seu desejo por ele aumentou. O coração dele batia forte debaixo

do sobretudo. Seus rostos quase se tocavam; ele estava prestes a beijá-la. E era tudo o que ela queria. Mas sabia que acabaria por morder-lhe os lábios, desferir-lhe pontapés, arranhá-lo ainda mais, tudo isso aos berros.

E Dexter deve ter antecipado isso, porque a afastou lentamente de si, mantendo as mãos de Anna imobilizadas.

— Sim ou não — disse ele.

Ela inspirou com dificuldade, trêmula.

— Não é tão simples — murmurou, finalmente. — Para mergulhar, você precisa de um barco carregado de equipamento.

Ele fez um aceno de cabeça na direção do muro, sem largar as mãos dela.

— Quanto você consegue trazer de lá?

— Não sei. Uma parte.

— O que você não puder trazer, eu consigo.

A confiança dele a deixou ultrajada.

— Ah, é mesmo? Um barco. Um compressor de ar. Mangueiras. Uma escada de mergulho.

— O barco é fácil. Tenho gente que pode conseguir o resto.

— Você tem gente que pode conseguir praticamente qualquer coisa, não é?

— Mais ou menos isso.

— Vamos precisar de um segundo mergulhador — afirmou Anna. — Normalmente, precisaríamos de mais dois, mas podemos nos virar com mais um.

Com um olhar de advertência, Dexter largou as mãos dela.

— Alguém em mente?

Anna tentou imaginar a reação de Bascombe ao ouvir uma proposta como aquela.

— Ele não gosta de problemas.

— Ninguém gosta.

Pragmáticos, seus olhares se cruzaram. Finalmente tinham começado a trabalhar juntos.

— E é muito perigoso? Mergulhar em um lugar desconhecido? — perguntou ele.

— Sei lá. Eu não ligo.

Anna se lembrou do momento em que ficara suspensa, olhando para o céu, com medo de afundar sem parar até ficar submersa no chão da baía. Agora, tinha a impressão de ter mergulhado e sobrevivido.

— Mas eu ligo — rebateu Dexter Styles.

VINTE E DOIS

O capitão Kittredge chegou com o *Elizabeth Seaman* à Cidade do Cabo em 25 de fevereiro, oito dias antes do previsto, tendo cumprido seu plano de manter uma velocidade média de doze nós. Tinha um ar tão garboso na ponte de comando, com seus cabelos claros e suas mãos delicadas de aristocrata, que Eddie às vezes imaginava o *Elizabeth Seaman* como um daqueles que costumava ver disputando regatas ao pé do estreito de Island Sound, dos cais do Bronx onde ele e outros meninos do asilo iam nadar no verão. Kittredge parecia uma versão adulta dos rapazes que ele via saindo do Central Park, animados com suas raquetes de tênis e seus chicotes de equitação. O comandante era um homem tão afortunado que tinha sorte de sobra, Eddie pensou — o suficiente, esperava ele, para distribuir entre 56 homens.

A animação do desembarque já se manifestava dias antes de avistarem terra, e a rotina do navio cedia lugar a uma ansiedade difusa, sem um objetivo claro. Farmingdale guardou suas bonecas de sisal e começou a dar corda no relógio com tal frequência que Eddie achou que fosse quebrar o mecanismo. Finalmente, os guinchos de atracação foram retirados do depósito e os guindastes foram içados para começar a carga.

Depois da quarentena, o *Elizabeth Seaman* atracou em Table Harbor para descarregar a bauxita e estocar alimentos e água fresca. A Cidade do Cabo era um dos portos prediletos de qualquer homem do mar, e os tripulantes que não estavam encarregados de turnos de vigia apressaram-se em desembarcar assim que o sol se pôs: a tripulação mercante e os artilheiros da Marinha seguiram de imediato para o bairro malaio, cujas prostitutas o agente do porto recomendara especificamente que evitassem; bebedores como Farmingdale procuraram os bares mais baratos das proximidades. Os oficiais ocupavam uma esfera diferente em terra; o tenente Rosen, comandante da guarda armada, e seu oficial assistente, o guarda-marinha Wyckoff, foram recebidos ao pé da rampa de desembarque por um carro e levados para jantar na casa de uma família.

Roger e Stanley, os dois praticantes, ficaram de olho comprido, envergando seus uniformes bem passados da academia, enquanto os oficiais se afastavam do navio. Inexperientes demais para ir aos bordéis, não sabiam ao certo a qual lugar pertenciam. Eddie garantiu que os levaria a uma boate antes de partirem da Cidade do Cabo.

Operadores de rádio tinham pouco a fazer com o navio atracado e muitas vezes desapareciam, mas Sparks preferia ficar a bordo.

— Que diabo eu vou fazer na Cidade do Cabo? — perguntou a Eddie, que

também ficou no navio na primeira noite para lhe fazer companhia. — Sair arrastando essa merda de perna, pedindo “Um copo de leite, por favor”? Dá para ver essa porra de Table Mountain aqui mesmo da minha escotilha: olha ela ali, não preciso sair do lugar para bancar o turista. E agora posso usar esse rádio do modo como Deus planejou.

Fazia semanas que não ouviam notícia alguma por causa do silêncio do rádio, e as notícias que os comedidos locutores da BBC davam eram praticamente todas boas: os famosos tanques de Rommel debandavam na Tunísia; os russos contra-atacavam em Kharkov; os Aliados bombardeavam Messina.

— Estamos começando a ganhar essa porra dessa guerra, segundo oficial — disse Sparks. — O que você me diz?

— Como é que dá para saber? Com essas vozes? — respondeu Eddie. — Eu ia achar até o anúncio da minha própria morte uma boa notícia.

Sparks recuou o corpo, desgostoso.

— Segundo oficial. Nunca imaginei que você gostasse tanto desse modo pomposo de falar.

Eddie lembrou as farpas da fala do contramestre.

— Eu também não.

Eddie percorreu o navio vazio, levando de volta a caneca de Sparks até a cantina. Encontrou o contramestre tomando café e lendo. Ao ver Eddie, pôs-se de pé e fechou o livro bruscamente, marcando com dois dedos a página onde estava. Eddie também ficou surpreso.

— Me surpreende que você não tenha desembarcado, contramestre.

— E por que tanta surpresa, segundo oficial? — replicou o contramestre em tom amargo.

Era evidente que não esperava encontrar ninguém por ali e parecia desconcertado.

— Já viajamos juntos antes — lembrou Eddie. — E o senhor desembarcava sempre que tinha uma oportunidade.

— O senhor também, se bem me lembro — retorquiu o contramestre. — Pode ser que a importância descomunal de sua nova patente explique a mudança de rotina. Mas só estou especulando, veja bem. Não é da minha conta o que você faz ou deixa de fazer com a sua liberdade, assim como não é da sua o que eu faço com a minha.

— Fique tranquilo, contramestre — garantiu Eddie. — Eu só estava puxando conversa.

O contramestre o encarou com ar cético, sempre marcando o lugar onde tinha parado no livro. Eddie vislumbrou o surpreendente cor-de-rosa da palma de sua mão, em contraste com a iridescência preto-azulada de sua pele. No tempo em que trabalhava sob as ordens do contramestre, aquelas palmas rosadas tinham um poder hipnótico sobre Eddie, como um bater de asas.

— *Puxar conversa* tem lá sua utilidade, eu admito — disse o contramestre.

— No presente momento, no entanto, me parece uma estratégia hipócrita tendo em vista o simples motivo de que ignora nossa inquebrantável acrimônia. Estamos, por assim dizer, além do “puxar conversa”. *Ipsa post facto*, sua afirmação não pode ser tomada ao pé da letra.

— Você fala desse jeito com todo mundo?

— Qual seria o propósito de sua pergunta, segundo oficial? — trovejou o contramestre, perdendo o ponto onde estava na leitura e levantando as mãos para o céu, frustrado. — O senhor diz isso retoricamente, ou literalmente?

— Literalmente — respondeu Eddie, sem saber ao certo se entendia a diferença.

— Muito bem, então. O senhor é um homem literal. Então, vou lhe dar uma resposta literal e, se o senhor me permite, absolutamente franca. — O contramestre deu um passo na direção de Eddie, e baixou a voz. — Eu *não* tenho essas conversas com ninguém. É incomum homens tão abaixo do meu nível intelectual insistirem tanto em interagir comigo, como é o seu caso. E confesso que os motivos da sua persistência me escapam. Podia especular, é claro, mas seria perda de tempo, em parte porque precisaria partir do princípio de que as nossas vidas particulares têm algum grau de proximidade, o que eu duvido muitíssimo, mas também porque isto indicaria que eu me importo minimamente com as suas motivações e os seus impulsos, questões que só me inspiram a mais completa indiferença.

Eddie já tinha se perdido algum tempo antes, mas sabia que estava sendo insultado. O sangue lhe subiu ao rosto.

— Está certo, então. Boa noite.

Virou-se e foi embora da cantina, não tendo encontrado muito consolo na surpresa visível do contramestre. Eddie sentia-se como um cão açoitado, mas sabia que a culpa era toda sua. Por que tinha ido se meter com o contramestre? Não sabia a resposta.

Na tarde seguinte, desembarcou do navio com os praticantes para explorar a Cidade do Cabo. Era maior do que ele esperava, uma autêntica metrópole espalhada aos pés da Table Mountain. Os praticantes compraram chocolates e tangerinas. Eddie comprou cigarros Player's Navy Cut, os quais saiu fumando enquanto caminhavam pela Adderly Street, uma rua importante ladeada de prédios com muitas colunas. Vinte minutos depois descobriu por que o contramestre tinha permanecido a bordo. Os negros eram segregados dos brancos em todas as esferas: nos ônibus, nas lojas, nos teatros, nos cinemas. Eddie estava acostumado a ver negros sofrerem maus-tratos — no píer do West Side, os carcamanos eram tratados como negros, e os negros, como coisa ainda pior. Ainda assim, ficou chocado quando um policial mandou uma senhora negra de idade levantar-se de um banco onde tinha se sentado para descansar com as sacolas das suas compras. O orgulhoso contramestre jamais poria os pés em um lugar assim. De todo modo, Eddie só podia admirar um homem com autocontrole suficiente para resistir puramente por princípio a

descer em terra após 47 dias no mar.

Depois que anoiteceu, levou os cadetes a uma boate que tinha ouvido o tenente Rosen mencionar na cantina, de manhã. Como Eddie esperava, o próprio Rosen estava lá, junto com o guarda-marinha Wyckoff, e os dois convidaram Eddie e os praticantes para a sua mesa. Rosen era um judeu bonito, reservista convocado, que trabalhava em publicidade. Wyckoff parecia pelo menos dez anos mais novo: um entusiasta gorducho e sardento. Muito animado, descreveu uma visita às vinícolas que ele e Rosen tinham feito naquela tarde com seus anfitriões sul-africanos. Puderam acompanhar parte da vindima, e Wyckoff tinha comprado duas caixas de vinho.

— *Vinho?* — perguntou Eddie. — Você está de sacanagem comigo.

Mas Wyckoff falava sério. Depois da guerra, planejava se tornar importador de vinhos.

— Nunca fui muito de vinho — admitiu Eddie, embora gostasse de champanhe misturado com cerveja Guinness, o chamado *black velvet*.

— Pois garanto que faço você mudar de ideia — disse Wyckoff, já assumindo modos de vendedor.

Um conjunto tocava “White Christmas”, que não combinava muito bem com o cheiro de frutas cítricas maduras. Jovens mulatas sentavam-se à mesa de oficiais aliados e dançavam com eles. Não eram prostitutas nem contratadas pelo bar para aumentar o consumo dos marinheiros. O mais provável era que fossem caixeiras ou vendedoras. O dinheiro que porventura trocasse de mãos era um presente que ganhavam, e não o pagamento de uma tarifa. Eddie tinha recorrido a muitos arranjos desse tipo ao longo dos anos, mas observava com desdém o movimento daquele bar. E então percebeu por quê: estava imaginando como seria visto pelos olhos do contramestre.

★ ★ ★

Na véspera da partida, Farmingdale não se apresentou para o serviço, e não foi encontrado em parte alguma. O *Elizabeth Seaman* não podia zarpar sem seu primeiro oficial, e por isso não se juntou ao comboio do qual devia participar para a travessia do canal de Moçambique, um trecho de mar entre Madagascar e a costa africana onde muitos navios aliados tinham sido afundados por frotas de submarinos alemães. Farmingdale só apareceu três dias mais tarde, no campo de prisioneiros do Exército, acusado de transgressão tão grave que o Exército se recusava a liberá-lo antes que o *Elizabeth Seaman* se declarasse pronto para zarpar de imediato.

No dia 9 de março, soldados da polícia do exército liberaram o primeiro oficial ao pé da rampa de embarque, e ele foi convocado diretamente para a cabine do comandante. Mesmo com toda a sua boa aparência, ninguém poderia dizer que Kittredge deixara de soltar os cachorros em cima de

Farmingdale. Se havia uma coisa que esse comandante não tolerava era ficar para trás. Agora, na condição de retardatário, o *Elizabeth Seaman* se veria forçado a percorrer sozinho uma rota evasiva — vinte graus para a direita por dez minutos, depois vinte graus para a esquerda, depois de volta ao rumo anterior por mais dez minutos, e assim por diante — não só à noite, quando os submarinos alemães eram mais ativos, mas o dia inteiro. Seguiram até o canal de Moçambique com os turcos virados para fora, prontos para baixar os botes salva-vidas caso o navio fosse atingido.

Farmingdale estava se comportando como um pária. Por dois dias, chegou atrasado a todas as refeições, e sentava-se à mesinha dos praticantes. Exibia sempre um sorriso quixotesco, como se aquele isolamento fosse um raro privilégio. No terceiro dia, Eddie tentou sinalizar seu perdão quando Farmingdale veio rendê-lo no turno de vigia da manhã. Eddie fez questão de cumprimentá-lo com simpatia, chegando até a dar-lhe um tapinha nas costas enquanto lhe transmitia a rota e a posição do navio. Mas Farmingdale bufou, impaciente, ante esses esforços, e desviou o olhar, afagando a barba branca como se ela fosse um reservatório secreto de força.

Naquela tarde, Sparks recebeu uma segunda mensagem de rádio direta para o *Elizabeth Seaman*, e a rota do navio foi alterada. Pouco antes da meia-noite, num ponto de encontro oitenta quilômetros a nordeste de Durban, 77 navios se materializaram em torno deles, como por interferência divina. Um esforço imenso foi necessário para manobrar o *Elizabeth Seaman* até que assumisse sua posição no comboio sem colidir com os demais, todos mantidos às escuras exceto por uma luzinha fraca na popa. Eddie se postou ao lado do capitão no passadiço, operando o telégrafo da casa de máquinas para comunicar velocidade e direção para os maquinistas. E passou a atribuir poderes quase sobrenaturais a Kittredge. A sorte de americano do comandante tinha vindo em socorro de todos. Eddie tinha passado a vida inteira almejando ser um homem de sorte como ele e estava sempre à procura dessa bonança, em toda parte. Ter sorte talvez significasse não precisar esforçar-se na vida.

A rota do comboio foi transmitida em código Morse por sinais de luz intermitentes, que operavam como se uma persiana se abrisse e fechasse. A partir do navio do comodoro, no meio da primeira fila, o sinal foi retransmitido para trás ao longo de cada coluna de navios, em um processo que demandou quase trinta minutos do começo ao fim. Depois disso, como uma única massa invisível, o comboio tomou o rumo de 43 graus em direção ao canal de Moçambique.

Ao nascer do sol, durante um aviso de todos a postos, Eddie, ao lado do imediato, contemplava um oceano pontilhado por quase oitenta navios dispostos numa vasta rede geométrica, com o esplendor ritual de peças de xadrez arrumadas num tabuleiro.

— Isto é uma beleza como eu nunca vi — disse ele.

— E é mais bonito perto do meio — comentou o imediato com um riso

abafado.

A posição deles era perigosamente próxima de um dos flancos do comboio, sempre mais vulneráveis aos submarinos. Mas não fazia diferença. Aquele alinhamento era tão espetacular, tão monumental em escala e em envergadura, que ser parte dele já fazia Eddie sentir-se invencível. Viu bandeiras de Portugal, da França Livre, do Brasil, do Panamá, da África do Sul. No cargueiro holandês a estibordo, duas crianças brincavam em meio a roupas que pendiam de um varal. Ao que tudo indicava, o comandante tinha fugido da Holanda com a família, para escapar dos nazistas.

Quinze navios menores e mais velozes, que constituíam a escolta — contratorpedeiros e corvetas —, ladeavam a formação como cavalos da polícia em um desfile de rua. O comboio não podia parar para dar assistência a um navio com problemas, mas, nesse caso, um dos barcos de escolta ficaria para trás e ajudaria a resgatar o pessoal de bordo. Este fato, mais do que qualquer outro, representava um conforto para Eddie.

Um único homem a bordo do *Elizabeth Seaman* estava descontente com aquele arranjo: o comandante. Os comboios precisavam se deslocar à velocidade do navio mais lento, e como aquele compreendia um navio a carvão com bandeira do Panamá, não podia ultrapassar os oito nós.

— Estaríamos andando mais depressa em zigue-zague — resmungou Kittredge para o chefe de máquinas sentado à sua direita à mesa do almoço.

Depois de meia-noite, quando Eddie foi rendido por Farmingdale (que ainda ostentava seu sorriso enigmático), encontrou Wyckoff, o guarda-marinha, à espera na porta do seu camarote, com uma garrafa de vinho.

— Vamos tomar ao ar livre. A noite está perfeita. O lugar onde se bebe o vinho conta tanto quanto o vinho propriamente dito.

Sentaram-se na tampa da escotilha número dois. A noite estava fresca e clara, e mal se enxergava o mar calmo à luz de uma fina lasca de lua. Eddie não via os navios à sua volta, mas percebia seu volume, 150 metros à frente e atrás, a trezentos metros de cada lado, todos singrando as ondas juntos, como um rebanho espectral. Eddie ouviu a rolha sendo puxada da garrafa de Wyckoff e captou o aroma ácido e amadeirado do vinho. O guarda-marinha verteu uma dose modesta em duas canecas de esmalte.

— Não beba ainda — avisou ele quando Eddie já ia erguendo a sua. — Deixe o vinho respirar.

O Cruzeiro do Sul se estendia próximo ao horizonte. Eddie gostava mais do céu do Hemisfério Sul; mais iluminado, com mais planetas.

— Muito bem. Agora — disse Wyckoff ao cabo de alguns minutos. — Tome um gole e deixe ficar na boca antes de engolir.

Parecia uma bobagem, mas Eddie fez o que ele sugeriu. Num primeiro momento, sentiu apenas o laivo de cinzas que sempre o tinha desagradado nos vinhos, mas então o sabor deu lugar a um gosto bem maduro de frutas, até mesmo de seu apodrecimento.

— Bem melhor — falou ele, surpreso.

Beberam o vinho e ficaram contemplando as estrelas. Depois da guerra, Wyckoff disse que esperava conseguir trabalho plantando uvas em um dos vales ao norte de São Francisco. Antigamente fora uma região de vinhedos, mas os agentes federais tinham queimado tudo durante a Lei Seca.

— E você, segundo oficial? — perguntou ele. — Vai fazer o que depois da guerra?

Eddie sabia o que queria dizer, mas esperou algum tempo até ter certeza.

— Vou voltar para o lugar onde eu cresci, em Nova York. Tenho uma filha que vive lá.

— Como é o nome dela?

— Anna.

Essas duas sílabas, que Eddie não pronunciava em voz alta havia muitos anos, pareceram chocar-se uma contra a outra como um par de pratos de orquestra, produzindo um eco duradouro. Envergonhado, ele desviou o olhar. Mas à medida que os segundos passavam sem que viesse qualquer reação da parte de Wyckoff, Eddie percebeu que sua revelação não tinha nada de espetacular. Naqueles dias, a maioria dos homens que serviam no mar tinha deixado outras vidas para trás. A guerra tornara comuns essas separações.

— E quantos anos ela tem? — perguntou Wyckoff. — A sua Anna.

Eddie levou algum tempo fazendo as contas.

— Vinte — respondeu ele, surpreso. — Deve ter completado vinte anos na semana passada.

— Uma adulta!

— Sim, suponho que com vinte já seja adulta.

— Eu tenho 21 — disse Wyckoff.

VINTE E TRÊS

Havia noites, no canal de Moçambique, em que os barcos da escolta soltavam cargas de profundidade, enchendo o ar com explosões sucessivas. O sino de todos a postos tocava e tocava, trazendo todas as tripulações para o convés, e o comboio percorria longos trechos em zigue-zague. Eddie ficava no passadiço, com os olhos vermelhos, tentando manter a posição do *Elizabeth Seaman* em meio às filas e colunas de navios, todos às escuras, virando para a direita e para a esquerda. Quando desabou na cama, adormeceu na mesma hora, Anna assolando seus pensamentos como um espírito irrequieto.

- Eu quero ir com você.
- Crianças não podem entrar, meu bem.
- Mas eu sempre fui.
- É que esses lugares são diferentes.
- Eu sempre fui, *até outro dia*.
- Eu sinto muito.
- Fui eu que mudei?
- Bem, você ficou maior.
- Fiquei maior de uma hora para outra?
- Ninguém cresce assim. É um processo gradual.
- Então você só *reparou* que eu tinha crescido de uma hora para outra?
- Pode ser.
- E *o que* você reparou?
- Anna, por favor.
- *Quando* você reparou?
- Por favor.

Depois de uma longa pausa, ela disse, em um tom mais duro:

- Eu vou me vingar de você.
- Não acho boa ideia.
- Eu vou ficar entediada.
- Pois é uma punição que você mesma está inventando.
- Vou me entupir de doces.
- E vai acabar igual à sra. Adair, sem um dente na boca.
- Vou sujar as minhas roupas.
- Aí vai estar castigando a sua mãe.
- Vou virar uma vagabunda.
- O quê?
- Uma vagabunda. Igual à tia Brianne.

Eddie deu-lhe uma bofetada.

— Nunca mais. Não diga uma coisa dessas. Nunca mais.

Anna ficou segurando a bochecha, com os olhos secos.

— Então deixe eu ir com você.

★ ★ ★

Ao final de sete dias, o comboio emergiu do canal de Moçambique sem ter perdido um navio sequer. Barcos em profusão começaram a separar-se dos demais — alguns para oeste, na direção de Mombaça, outros seguindo para leste, rumo ao Ceilão e à Indonésia. O *Elizabeth Seaman* permaneceu em um comboio, agora reduzido, de dezoito navios e quatro barcos de escolta. Continuava com a velocidade limitada pelo vapor panamenho, agora postado diretamente à frente deles. Várias vezes por dia, quando o vapor limpava suas tubulações, finos grãos de fuligem se depositavam em todas as superfícies do *Elizabeth Seaman*. O comandante Kittredge estava sempre espanando as mangas para se livrar delas, cada vez mais inconformado com a extrema lentidão do avanço de sua embarcação. Enquanto singravam as águas calmas de um azul intenso do Índico, a curiosidade de Eddie quanto a impaciência do capitão também crescia. Kittredge não estava acostumado a ser tolhido a esse ponto. Como iria aguentar semanas atrás daquele vapor?

Eddie nunca descobriria. Antes que chegassem às Seychelles, uma mensagem transmitida por bandeirolas indicou que o comboio iria se desfazer. Os navios começaram a se afastar uns dos outros em uma versão lenta, quase irreal, da dispersão de um bando de andorinhas em pleno voo. O desenrolar do processo era tão vagaroso que ninguém achou que algum dia os navios fossem sumir totalmente no horizonte. Contrariando essa ideia, no espaço de três horas, até o vapor tinha desaparecido.

★ ★ ★

Atuando como o novo *ombudsman* de Dexter Styles, Eddie visitava as boates de beira de estrada, os cassinos, os restaurantes, os pontos de jogo de pôquer. Assumia sempre o papel de um forasteiro com dinheiro no bolso; no começo de 1935, um homem desse tipo era sempre bem recebido. Quando por acaso encontrava algum conhecido, Eddie o cumprimentava afetuosamente, pagava-lhe uma bebida e ia embora pouco depois. Voltava no dia seguinte. Precisava de mais de uma visita para enxergar além das aparências, e Styles lhe dava um bom dinheiro para tais despesas. Eram os únicos maços de dinheiro em espécie que Eddie ainda transportava.

No começo, encontrava-se com Styles a cada duas semanas, mais ou

menos, em uma garagem de barcos na Praia de Manhattan, onde lhe transmitia em detalhes suas impressões. Detectar jogo viciado era a sua especialidade, mas observava também outras coisas que, acertadamente, imaginava que fossem interessar Styles: um chefe de cozinha que lucrava agenciando as vendedoras de cigarro, crupiês viciados em drogas que entregavam o jogo por dinheiro, homossexuais que imaginava estarem sendo chantageados.

— O senhor está procurando coisas demais, sr. Kerrigan.

— Não é o meu trabalho?

— Não venha inventar histórias para me distrair.

— Eu nem sei fazer isso.

Ao final de cada visita, Styles lhe dava mais dois ou três endereços.

— Não é melhor anotar?

— Não precisa.

— Você é inteligente, não é?

— Não sou formado em Harvard, se é o que senhor está querendo dizer.

Styles riu.

— Se fosse, eu me livraria de você.

— Conhece aquele ditado irlandês? — perguntou Eddie. — Não ponha nada por escrito se puder só falar, e não fale nada se silêncio for o suficiente.

Styles ficou encantado.

— Só podia ser um ditado irlandês.

Eddie deu uma piscadela.

Contou a Dunellen que tinha encontrado trabalho em um teatro, como antes da Depressão — um mundo tão distante de Dunellen que este nem sequer imaginava até que ponto a história era despropositada. Parecia aliviado por não ter mais Eddie na folha de pagamento, pois o envolvimento deles na juventude era sempre um entrave para a plena expressão da crueza dos seus modos. Transferiu as tarefas de entrega de Eddie ao próximo desesperado da lista, O'Bannon, mas sempre lamentava as trapalhadas cometidas por ele.

— Ele não tem a sua classe, Ed — choramingava na mesa do Sonny's, local que Eddie ainda fazia questão de frequentar com alguma regularidade. — Banny entra em um lugar e todo mundo olha para ele. Ele deixou um envelope cair no chão do Dinty Moore's, você acredita nessa merda? As notas espalhadas pelo chão... parecia dinheiro de leproso, todo mundo se afastando o mais depressa que podia, pelo que me contaram. Os garçons da casa é que enriqueceram. E eu disse a ele: "Banny, mais uma dessas e eu mesmo jogo você no mar. Aí você vai se queixar aos peixes."

Dunellen deu de ombros com uma expressão sofrida. Seu corpo tinha se transformado em um amontoado de escória.

— Mas a mulher dele está perdendo a visão e eles têm cinco filhos... Não posso deixar o homem sem ajuda — explicou Dunellen, virando seus olhinhos implacáveis para o céu, depois conferiu se os seus capangas continuavam parados na porta.

— Você é bom demais, Dunny — disse Eddie, praticamente rindo. — Demais, muito além da conta. Mas cuidado, amigo: um dia alguém ainda vai se aproveitar desse seu coração mole.

— Por falar nisso, Ed — continuou Dunellen, baixando a voz. — Eu segui o seu conselho no caso do carcamano.

Eddie não sabia de quem ele estava falando, pois muitos carcamanos já tinham causado problemas a Dunellen.

— E então...?

— Fiz um acordo. Com Tancredo.

Agora Eddie se lembrava: os pesos-leve de Dunny. Os rapazes só poderiam lutar se ele aceitasse as pressões de Tancredo.

— Eu me humilhei para aquele carcamano, de joelho dobrado. Deixei que ele esfregasse a minha cara na lama.

Eddie ficou escutando, preocupado. A visão de Dunellen prostrado só podia resultar em violência. E então um sorrisinho se revelou nos lábios de Dunellen.

— Foi o melhor conselho que alguém já me deu.

— Jura? — perguntou Eddie, soltando o ar.

— Meus garotos começaram a ganhar, Ed — disse Dunellen com o ar encabulado de quem revelava um grande segredo. — Estão animados. Só precisavam de uma primeira chance, do empurrão certo.

— Fico feliz, Dunny.

— A gente faz tudo pelos meninos, não é, Ed? A gente deixa que pisem na gente, caguem na gente, encham a gente de porrada. E tudo vale a pena quando a gente vê que estão felizes.

Aquele masoquismo não combinava com Dunellen; Eddie queria que ele parasse com isso logo.

— É claro, Dunny. Mas não deixe essa história ir longe demais. Assim que encontrar uma brecha, dê o fora.

Dunellen assentiu, olhando para Eddie com um ar muito sério. Mais uma vez estavam imersos na história profunda entre os dois, sempre presente, como um tesouro enterrado: a correnteza, o pânico, o salvamento. Nadar ao longo da praia, esperando uma maneira de voltar para a areia. E aquelas palavras também explicavam por que Eddie tinha largado Dunellen — por que tinha *fodido* com ele, como o próprio Dunny certamente diria se tivesse a menor suspeita de quem eram os novos chefes de Eddie. O alinhamento preciso dessas várias esferas dava a Eddie a impressão de enxergar em todas as direções ao mesmo tempo.

— Tancredo não precisa saber — recomendou Eddie. — Não pode saber nunca. Cuide do seu lado.

Dunellen ouviu-o com atenção e assentiu.

★ ★ ★

Eddie pegou o Duesenberg emprestado e levou a família até uma loja de artigos hospitalares em Paramus, Nova Jersey. Lá, mediram Lydia a fim de orientar os ajustes para uma cadeira de rodas especial. O efeito foi transformador: aos nove anos, Lydia teve uma primeira ideia do que era fazer parte do mundo vertical. Agora podia sentar-se à mesa nas refeições. Agnes a levava para passear. Anna sentava-se ao lado irmã na janela, assistiam às andorinhas bicarem as migalhas de pão que distribuía pelo parapeito. Olhando por trás, Eddie nem percebia qualquer diferença entre as duas.

Uma vez, enquanto Agnes trocava a fralda de Lydia, o entregador de gelo foi embora antes que ela pudesse atendê-lo. Na mesma hora, Eddie comprou uma geladeira elétrica para a mulher, e à vista, não em prestações — estava farto da mentira de ter coisas em casa que na verdade não lhe pertenciam. Por vários dias, os vizinhos fizeram fila na cozinha para admirar aquele luxo, enquanto Lydia sorria para eles de sua cadeira nova.

A geladeira emitia um zumbido surdo que não deixava Eddie dormir. Quando finalmente adormecia, sonhava em desligá-la da tomada.

Agnes dizia: “Você precisa agradecer ao sr. Dunellen em meu nome.”

E dizia: “O que seria de nós sem o sindicato?”

E dizia: “Mas nós temos sorte, Ed. Olhe como os outros andam vivendo.”

Era o tipo de coisa que vivia repetindo, ao que Eddie sorria e murmurava para indicar que estava de acordo. Só que ele detectava um fundo falso na animação da esposa, um compartimento oculto em que ela guardava tudo o que não dizia. Agnes sabia bem como as coisas funcionavam. Não tinha como não perceber que Eddie trabalhava cada vez mais, que quase não pegava mais o Duesenberg emprestado, que nunca mais levava Anna em suas saídas. Além de exclamações vagas louvando a boa sorte que tinham, não expressava qualquer reconhecimento de uma grande mudança. Eddie sentia um prazer mórbido em observar a dissimulação da mulher. Mas, à noite, quando a tomava nos braços e examinava em detalhe o seu rosto preocupado, não encontrava nele qualquer risco de traição.

★ ★ ★

A mando de Styles, Eddie esteve em Albany, Saratoga, Atlantic City. Gostava de registrar cada detalhe das operações, como se Eddie fosse sua câmera de cinema. Nunca usavam nomes; Eddie se fixava no detalhe crucial que tornava cada homem reconhecível. Uma cicatriz facilitava as coisas. Mas havia sempre algum outro pormenor: o cabelo com brilhantina em excesso; um anel diferente; calças com as bainhas acumuladas nos calcanhares; um andar de urso.

Garotas eram mais difíceis. “Loura”, “morena” e “bonita” era mais ou menos o máximo que Eddie conseguia registrar. O que importava eram os homens que elas acompanhavam.

Eddie se admirou com a perspicácia de Styles em detectar sua profunda indiferença.

— Você é os meus olhos e os meus ouvidos — dizia ele com frequência, e Eddie gostava dessa descrição.

Ele era apenas um canal voltado para os fatos, e nada mais. Transmitia conversas inteiras sem saber o nome dos participantes. E mesmo depois que aprendeu os nomes, como era inevitável ao fim de dois anos, não formava juízo de valor a respeito do que relatava. “Não tenho nada a ver com isso”, pensava. “Acontece do mesmo jeito, estando eu lá ou não.” As consequências nunca lhe diziam respeito.

— Você é uma verdadeira máquina, Kerrigan. Uma máquina humana.

Styles ficava admirado. E era um grande elogio. Com Eddie a lhe servir de olhos e ouvidos, Styles podia estar em qualquer lugar, em todos os lugares. Bastava-lhe a vontade de saber.

Aos poucos, essa vontade começou a extrapolar os negócios que controlava, e ele passou a visar rivais na organização, e mesmo alguns de seus comparsas. Em janeiro de 1937, Eddie pousou sua mala de papelão tomara-que-não-chova em um balcão de vendas de passagens da Eastern Airlines, na Vanderbilt Avenue. Lá, embarcou com vários outros passageiros em uma limusine rumo ao campo de pouso de Newark. Seu destino era Miami, onde ficaria de olho em um homem que Styles queria conhecer melhor. Era sua primeira viagem de avião.

No aeródromo, Eddie tirou o chapéu e precisou se abaixar para passar pela porta de um avião prateado, o coração batendo forte no peito. Depois que todos subiram a bordo, as hélices foram acionadas e a aeronave foi aos solavancos pela pista, em meio a extensões cobertas de neve, acelerando mais e mais até suas rodas se desprenderem do chão, em um momento em que Eddie perdeu o fôlego e o aparelho levantou voo como um floco de cinza empurrado para cima por uma corrente de ar. Por uma das janelinhas, Eddie fitava boquiaberto uma réplica de Nova York em escala reduzida: carrinhos andando por ruas em miniatura; casas, árvores, estádios cobertos de neve; e depois, o mar, uma folha de estanho martelado — sempre infinito, mesmo daquela altura. O motor roncava em seus ouvidos. Uma passageira chorava a seu lado, as mãos unidas em prece. Contemplando de cima aquela vastidão indiferente da Terra, Eddie sentiu-se à beira de grandes descobertas.

O avião fez escala em Washington, D.C., Raleigh, Charleston, Jacksonville e Palm Beach. Finalmente, chegou a Miami, onde uma lua suspensa no horizonte despejava prata em um mar de veludo negro. O ar cheirava a mel. Mesmo no aeroporto, a elegância ao estilo de Palm Beach já dominava: homens de *summer* e camisas de seda clara. Às nove da noite, Eddie já tinha o

alvo de Styles na mira: estava sentado nos fundos de um cassino, o rosto com uma palidez doentia, as pálpebras pesadas, parecendo mais um contador do que um empresário de lutas de boxe. Eddie tentou manter equilibrado seu investimento em uma roleta, enquanto memorizava a sequência dos visitantes à mesa do sujeito. Concentrado nisso, levou algum tempo para registrar que a moça bem a seu lado junto à roleta não tinha esbarrado em seu corpo por engano. Incluiu as bebidas dela em sua comanda, decidido a compensar o esforço que ela já havia feito àquela altura. Ou pelo menos foi o que pensou. No momento em que o homem que observava deixou o cassino, Eddie já parecia ter decidido levar a garota para o seu quarto de hotel.

Acordou ao amanhecer com um perfume desconhecido em seus lençóis. Sentiu-se tomado por repulsa e desolação. “Não tem problema”, pensou. “Nós homens fazemos isso o tempo todo.” Mas o clichê só lhe deu a sensação de estar sendo reconfortado por um idiota. Saiu do hotel e foi caminhar pela areia cor de cimento, atirando guimbas nas ondas. Seu único consolo era dizer a si mesmo que, na verdade, quem tinha estado com a prostituta não fora *ele*. Ele não era nada além dos olhos e ouvidos de Dexter Styles.

— Eu nem estou aqui agora — repetiu Eddie várias vezes em voz alta, a frase lhe proporcionando certo efeito analgésico.

Naquela noite, sentado a uma mesa de pôquer de onde via seu alvo por um ângulo diferente, passos conhecidos chamaram a atenção de Eddie: o andar de uma mulher cheia de calos carregando várias sacolas de compras. Era John Dunellen, que atravessou toda a extensão do cassino mancando como Eddie nunca tinha visto — se bem que ultimamente via pouco Dunellen. Aquela presença deixou Eddie tão atônito que se esqueceu de desviar o rosto por vários momentos. Estivesse Dunellen em seu habitat, aquele tempo teria sido excessivo, mas ele estava muito longe de sua zona de conforto. Andou arrastando uma perna até a mesa que Eddie vinha observando — a mesa de Tancredo, Eddie entendeu naquele momento, ou talvez já soubesse —, e desabou em uma cadeira, baixando a cabeça imensa com uma expressão tão abjeta que Eddie mal conseguiu continuar olhando, mesmo disfarçadamente. Como seu amigo teria descido a tão baixo nível? O encontro foi ofensivamente curto; Tancredo dispensou Dunellen com um aceno curto de cabeça cujo descaso fez Eddie contrair o rosto. Dunellen levantou-se com dificuldade e foi embora a passos trôpegos, esgueirando-se entre as mesas de jogo com um andar tão instável que Eddie achou que pudesse desabar em cima de alguma delas, espalhando fichas e cadeiras para todo lado. O que o deixou preocupado, sabendo que teria que permanecer sentado sem fazer nada.

Quando Dunellen estava quase chegando à saída que ficava do outro lado do salão, começou a mancar com mais leveza, e Eddie distinguiu o brilho de uma certa satisfação em seu rosto. E nesse instante entendeu, com uma admiração crescente e atordoada, que tinha deixado passar o escárnio contido

na encenação do amigo. O mancar era falso. O ar suplicante era falso. Tudo muito exagerado, quase além da conta, mas o próprio Eddie tinha sido enganado. Dunny — que Deus abençoasse aquele coração ruim, aquele coração de pedra — não tinha entregado os pontos para os carcamanos. Era tudo uma artimanha, uma encenação que visava outro resultado. Dunny tinha dado ouvidos ao conselho de Eddie e acabara de encontrar a sua brecha. E mais surpreendente do que a farsa de Dunellen foi a alegria que Eddie sentiu ao ver que tinha funcionado. Como Eddie gostava de Dunny; como torcia por ele! Queria poder correr até seu velho amigo e beijar suas bochechas caídas.

Em seu relatório para Styles, Eddie não tocou no nome dele.

★ ★ ★

Eddie foi se confessar em uma igreja em que nunca estivera, e cujo padre não tinha como conhecê-lo. A penitência que este lhe deu foi rezar um rosário completo. Fácil. O desespero o envolvia em seu manto negro, e a avalanche voltava a despontar em seus pensamentos. De que valia qualquer coisa que já tinha feito, ou vinha fazendo, se o levava a se meter com prostitutas? Era tudo um meio para chegar a um fim: mas qual fim?

Instintivamente, pela força do hábito, recorreu a Anna.

— Meu bem, estou com vontade de comer uma charlotte russa — disse ele em um sábado em que Agnes tinha saído com Lydia. — O que me diz?

— Não gosto mais de charlotte, papai.

— O quê? Mas você adorava.

— É doce demais.

Surpreso, ele olhou longamente para Anna, sentada à mesa da cozinha rodeada pelos livros da escola, com a sensação de que não lhe dava a devida atenção havia muito tempo. Anna, alta e bonita, tinha catorze anos, mas ele não a distinguia com a mesma clareza de antes. Era quase como uma das mulheres que não conseguia descrever nas conversas com Dexter Styles.

— Venha comigo mesmo assim. Você pode pedir outra coisa.

Anna se levantou e vestiu o sobretudo. Enquanto desciam as escadas, Eddie detectou um ar de contrariedade na filha, como se na verdade ela preferisse estar fazendo outra coisa. E ficou atônito. Anna sempre queria sair com ele! E tinha reclamado muito quando ele parou de incluí-la nas rondas de trabalho. Já fazia algum tempo, claro — quase dois anos, ele se deu conta, espantado, que vinha trabalhando para Styles. E Eddie imaginava que ele e Anna poderiam retomar a antiga familiaridade no momento em que ele quisesse. Agora, pela primeira vez, duvidava disso.

Sentaram-se ao balcão da White's. Anna pediu um *ice cream soda* de chocolate; Eddie se manteve fiel à charlotte russa, que o sr. White foi buscar para ele na vitrine da casa. Enquanto esperavam, Eddie acendeu um cigarro e

entregou a Anna o cupom que vinha dentro do maço. Ela olhou para o cupom com um ar estranho, e depois disse, com um riso zombeteiro:

— Papai, eu não coleciono mais esses cupons.

— Não? Mas e todos aqueles que você guardava?

— Nunca davam para as coisas que eu queria.

— Agora já poderiam ter dado.

Ela olhou para ele com uma expressão de curiosidade.

— E faz diferença para você?

Não fazia. Mas Eddie queria que fizesse *para ela*.

— Só acho que é um desperdício.

— Você não deixaria de fumar, de qualquer jeito. Ou fumaria mais só por minha causa?

Anna sorriu para ele com carinho e indulgência: um sorriso de mulher.

Eddie sentiu um incômodo profundo.

— Quando foi que você parou de juntar os cupons?

Ela deu de ombros, um gesto que ele achou desagradável.

— Faz pouco tempo? — perguntou ele, insistente.

A expressão no rosto dela se fechou.

— Não. Faz muito tempo.

O fantasma de um elfo apareceu de repente ao lado de Eddie: sua Anna, tão pequena e animada. Onde estaria aquele espírito tagarela dentro daquela jovem lânguida e indiferente sentada a seu lado, esforçando-se para não ficar olhando para a rua pela vitrine? O trabalho de Eddie era reparar nessas coisas. À procura de quem ela podia estar?

O sr. White trouxe o *ice cream soda* para ela, e os dois lancharam em silêncio. Eddie não sabia o que dizer. Seu espírito teimava em voltar ao passado — para a bola de neve, para o beijo secreto. Queria perguntar a Anna se ela se lembrava daquele tempo, mas temia que ela tivesse esquecido, ou pior, que não significasse nada para ela.

E quanto a todos os outros dias? As centenas de outros dias que tinham passado juntos; como ele poderia esquecer?

— Você tinha razão — disse ele finalmente. — A charlotte russa é doce demais.

Depois do lanche, os dois ficaram de pé do lado de fora da farmácia. Anna disse que ia para a casa de Stella, mas Eddie sentiu que não era verdade, e começou a suar, apesar do frio. Alguma coisa tinha mudado em Anna, uma mudança permanente, fundamental, e disso ele estava convencido. Concentrado na direção que Styles lhe pagava para olhar, tinha parado de olhar para a filha, e ela tinha se perdido.

O fantasma do elfo pulava, saltitava e balançava a mão de Eddie. Virava o rosto para ele, sempre falando sem parar: horas de uma conversa interminável, automática como é para o cão balançar o rabo, de um lado para outro, de um lado para outro.

Eddie fitou os olhos grandes e escuros de Anna por baixo dos cílios densos, à procura daquele antigo fantasma. Mas tinha passado tempo demais olhando para o outro lado, e o fantasma tinha sumido. Agora, em seu lugar, havia uma jovem que mal se lembrava dele e que só queria ir embora dali.

★ ★ ★

Dunellen foi atingido por quinze tiros, disparados de um automóvel que passou pela porta do Sonny's pouco depois da meia-noite. Em abril de 1937, três meses depois de ter sido visto por Eddie em Miami. Houve testemunhas, claro — Dunellen não podia nem mijar desacompanhado —, mas nenhuma delas dizia nada. Tinha pilhas de inimigos, rivais no comando da contratação de estivadores e no controle dos píeres, mas essas disputas perduravam havia anos sem consequências sérias. Aquilo era uma execução ao estilo italiano.

Continuou vivo por dois dias, na ala de tratamento intensivo do Hospital Saint Vincent. Policiais entravam e saíam, mas não esperavam ouvir nada de Dunny, mesmo que ele conseguisse sair do coma e falar qualquer coisa.

Seus protetores reuniam-se de dois a dois ou três a três no saguão do hospital, todos homens de mais ou menos quarenta anos, cabelos ralos e menos dentes do que deveriam ter. Eddie soluçava nos braços deles.

— Você era quem melhor o conhecia — afirmavam eles. — Era o favorito. Não é de admirar; você salvou a vida dele. Ninguém esquece uma coisa dessas.

Eddie adorava ouvir essas frases, mas o alívio que traziam era passageiro. Sentia-se como se ele próprio tivesse atirado em Dunny.

Reconheceu Bart Sheehan instantaneamente, embora fizesse vinte anos que não via o velho amigo. Sheehan não tinha perdido nenhum cabelo, embora os fios estivessem meio grisalhos e precisassem de um bom corte. Parecia um homem que sempre vestia camisas de mangas curtas.

— Você nos salvou daquela vez, Ed — disse em meio às lágrimas, seu rosto moreno de irlandês descendente de espanhóis contorcido pela dor. — Tirou nós dois do meio das ondas. E, se não fosse você, eu não estaria aqui hoje, Deus é testemunha.

Ter morrido não impediu Dunellen de presidir os dois dias do próprio velório. Seu cadáver lembrava uma pilha de minérios dominando a sala em um caixão extragrande. Por baixo do pó de arroz e da maquilagem pesada, os buracos de bala eram visíveis em sua têmpora, na testa e no pescoço. Sua mulher, Maggie, uivava inconsolavelmente mas não atraía muita compaixão. Seu luto volúvel — tal como o seu costume de arrancar o marido dos bares antes da hora — era amplamente encarado como uma expressão de sua recusa em deixar Dunny “se divertir um pouco”.

Eddie pôde ter uma conversa mais calma com Sheehan durante o velório. Seu velho amigo era viúvo, tinha três filhos e ainda morava no Bronx com a

irmã solteira.

— Fiquei sabendo que você é advogado — disse Eddie.

— Trabalho no escritório do procurador-geral do Estado. E você, Ed?

— Ah, faço uns bicos por aí.

— Tempos difíceis — comentou Bart, atribuindo o tom vago de Eddie a uma situação de desemprego. — Tenho sorte de trabalhar para o Estado.

— Isso que você faz... Não é meio parecido com o trabalho da polícia?

— Só que mais limpo — respondeu Bart, e os dois riram.

Uma enchente de enlutados invadiu a Igreja do Anjo da Guarda na manhã de domingo para o enterro de Dunellen — muitos ainda bêbados, e o resto, de ressaca. Eddie ouviu murmúrios próximos: *Joe Ryan está na igreja*. Poderia haver prova maior do poder de Dunny do que seu velório contar com a presença do maior corrupto de todos os chefões, o presidente da União Internacional dos Trabalhadores Portuários?

Agnes agarrou o braço de Eddie. Uma gaita de foles tocava na escada da igreja, e ele sentiu que lágrimas lhe voltavam aos olhos.

— O que isso representa para nós dois, amor? — perguntou ela.

A expressão no rosto da esposa era tão aflita que Eddie se deu conta de que, provavelmente, ela entendera bem menos do que ele pensava. Ou talvez não tivesse entendido absolutamente nada.

— Vai dar tudo certo — murmurou ele.

Sheehan se instalou do outro lado de Eddie, e os dois subiram os degraus da igreja de braços dados. Ao passar pela porta, Eddie se inclinou junto ao ouvido do velho amigo.

— Soube pelo esquema de mensagens vindas da prisão que, um tempo atrás, você andou investigando o crime organizado — sussurrou ele.

Sentiu a reação física de surpresa em Sheehan. Discretamente, este murmurou em resposta:

— Não vou dizer que não é verdade.

— Talvez eu possa... ajudar.

Bart virou-se para Eddie com uma expressão de ceticismo.

— O que você sabe dessa história?

— Eu sei de tudo — respondeu Eddie.

VINTE E QUATRO

Vinte minutos ao sul da marina Red Hook, onde tinham se encontrado, o velho que todos chamavam de “o patrão” começou a produzir sons que lembravam uma voz humana. Encostado na parede externa de uma diminuta cabine de comando, com o rosto devastado, virado para o céu como se alguém o puxasse para trás pelos cabelos, ele gemia e ululava com o olhar nas estrelas — mais estrelas do que Anna já tinha visto, mesmo naqueles tempos de blecaute.

— Maice... ouco... ocel...!

Ela virou-se para o patrão, assustada a cada exclamação angustiada. Ninguém mais parecia dar-lhes importância, com a exceção do timoneiro: um indivíduo alto com o rosto inexpressivo que a cada som deslocava infinitesimalmente a roda do leme. Não parecia um ser humano, mas uma alavanca que o patrão comandava com a mente.

Eram onze horas e a noite estava clara; a temperatura era de sete graus, alta até para começo de março; a lua minguante exibia as duas pontas para cima. Holofotes vasculhavam o céu noturno à procura de aviões. O porto estava coalhado de barcos invisíveis. De tempos em tempos, a forma de alguma coisa altíssima se erguia logo à frente da chata, então o patrão berrava para o timoneiro, que desviava a embarcação do perigo com a agilidade de uma borboleta, mas era atingido por uma violenta marola. A Estátua da Liberdade era uma silhueta escura, apenas uma luz fraca na chama de sua tocha.

Mas até o patrão se calou quando se aproximaram dos Narrows, a entrada para a Lower Bay, patrulhada a leste pelo forte Hamilton e ao sul pelo forte Wadsworth, em Staten Island. Dexter Styles disse que tinha “feito um acerto” com alguém na Guarda Costeira, que cuidaria de liberá-los caso a chata fosse detida, mas ninguém queria passar por isso. Por uns dez minutos, talvez, o único som a bordo era o do ronco do motor. Anna se perguntou se o fundo do barco era curto o suficiente para passar por cima das redes de contenção de submarinos, e então se deu conta de que a passagem devia estar aberta. Vinham seguindo outros navios — um comboio, talvez, Lower Bay adentro. As sirenes e os apitos ficaram mais fracos, e ela sentiu um vento e ondas mais fortes. Os cinco “capangas” (palavra usada por Bascombe) de Dexter Styles estavam encostados na amurada, segurando o chapéu. Tinham sido levados para acionar os volantes do compressor de ar, mas a presença deles a bordo tinha um efeito sinistro.

Apenas Marle e Bascombe continuavam a trabalhar, inspecionando e

preparando o compressor de ar que Dexter Styles tinha dado um jeito de levar a bordo. Era uma Bomba de Ar Morse nº 1, idêntica aos compressores usados no Arsenal de Marinha. Tinham instalado a bomba na proa da chata, e agora limpavam os reservatórios de ar, untavam as hastes dos pistões e lubrificavam os mancais do eixo da bomba com uma mistura de óleo e grafite. Surpreendentemente, não tiveram quase nenhuma dificuldade para retirar os dois caixotes de mergulho do arsenal — cada um com um traje pesando um total de noventa quilos —, além de seis mangueiras de quinze metros, uma sacola de ferramentas completa, duas facas de mergulho e uma caixa de peças sobressalentes. Tinha sido quase fácil demais — foi o que disseram quando Anna os encontrou na porta da marina Red Hook. O fluxo de mergulhadores indo e vindo do aqueduto em construção era tão intenso que os fuzileiros de sentinela mal repararam quando eles saíram com o equipamento pelo portão da Marshall Street, carregando tudo em um caminhãozinho que Marle pegara emprestado com um tio.

Para além dos Narrows, a chata virou para leste, e dali a pouco a silhueta pouco nítida do brinquedo conhecido como Salto de Paraquedas se materializou à esquerda, junto com as formas esqueléticas da roda gigante e da famosa montanha-russa de Coney Island. Depois virou para o sul e, mais adiante, para oeste; e aí Anna parou de acompanhar sua rota. Talvez estivessem deixando o Porto de Nova York rumo ao Atlântico. A que profundidade ela precisaria chegar?

Dexter Styles estava de pé na traseira do barco, com a mão no chapéu de feltro, seu semblante sombrio fazendo aumentar o medo de Anna. Mal tinham trocado uma palavra a caminho da marina Red Hook, e Anna tinha ficado na companhia de Marle e Bascombe desde a chegada. A animação dos dois a impedia de se entregar aos próprios maus presságios. Tinha falado com eles muito por alto a respeito da empreitada, por medo de que rissem na sua cara ou ligassem para a polícia. Mergulhar em busca de um corpo no fundo das águas do porto de Nova York — nunca chegaram a perguntar de quem seria — era exatamente o tipo de aventura meio doida que vinha faltando na vida de ambos. Anna se sentira obrigada a lembrar-lhes o possível risco da situação, mas nada alterava a expressão de seus olhos brilhantes, ou quem sabe tal risco fosse justamente o que os dois desejavam.

Quando a velocidade da chata finalmente começou a diminuir, Anna tirou o sobretudo e os sapatos, vestiu roupas de lã por cima do macacão e pôs um gorro quente na cabeça. Entrou no traje de mergulho sem ajuda, enquanto Bascombe e Marle testavam as conexões dos capacetes e das mangueiras de ar. A lua projetava na água uma tênue trilha plumosa que chegava até eles. O timoneiro fez uma série de ajustes e correções até finalmente o patrão emitir um berro que fez formigar o couro cabeludo de Anna, e o motor foi silenciado. Os dois marinheiros da chata, com os macacões manchados de preto do carvão que vinham jogando em uma fornalha no porão, começaram a

baixar uma das duas âncoras duplas, uma em cada extremidade do barco, destinadas a mantê-lo estacionário.

— Alguma ideia de onde nós estamos? — perguntou Anna a seus amigos.

— Nenhuma — respondeu Bascombe.

— Staten Island — disse Marle. — Costa sudoeste.

— Eu sabia, estava só testando você — falou Bascombe.

A risada dos dois tinha um quê de desafio, como se sustentar aquele comportamento efusivo lhes custasse muita tensão. Vestiram Anna: primeiro as botas, amarradas e afiveladas; depois, a almofada que recebia o capacete. As etapas estavam tão profundamente impregnadas nos dois que cumpri-las tornava reconhecível qualquer lugar onde se encontrassem. Couraça; peitoral; pinos encaixados; gola; borboletas. Quando estava tudo pronto, menos o capacete, Marle convocou os capangas de Styles para girar os volantes do compressor. Começaram a girá-los com todo o empenho, um empurrando o outro com os cotovelos para mostrar que eram incansáveis. Dexter Styles assistia àquilo tudo de uma certa distância, seu rosto espelhando a ansiedade de Anna. Ela evitava olhar em sua direção.

Quando as duas âncoras se firmaram e o barco parou completamente, Marle sondou a profundidade. Os nós da corda indicaram treze metros até um fundo de areia e lodo. Então, Bascombe e Marle lançaram o cabo-guia de descida, com seus quarenta quilos, por cima da amurada de estibordo da chata, perto da escada de mergulho. Anna e Marle ajudaram Bascombe a envergar o segundo traje — só a veste de lona, sem as partes pesadas. A animação dos amigos de Anna tinha amainado, e agora os dois estavam comedidos como os operários. Anna sentou-se na banquetta, totalmente vestida exceto pelo capacete.

— Preciso falar com o sr. Styles — disse ela.

Ele surgiu ao lado dela momentos depois, ajoelhado para nivelar seus olhos aos dela. O olhar dele era profundo e sombrio.

— O que eu devo procurar? — perguntou ela.

— Você sabe.

— Sim, mas estou perguntando o que mais.

Ele levou algum tempo.

— Cordas, eu acho. Algum tipo de peso. Provavelmente uma corrente.

Levantando a voz para Marle e Bascombe, Anna avisou:

— Estou pronta.

Levantou-se da banquetta e caminhou pesadamente até a escada. Atarraxaram seu capacete e acoplaram a mangueira e os cabos de segurança a suas presilhas, testando o ar do escafandro. Marle passou o cabo de segurança por baixo do braço direito de Anna, e a mangueira de ar por baixo do esquerdo, prendendo ambos aos ilhoses de metal na frente da sua couraça. Quando Anna estava quase começando a descer a escada, Bascombe olhou fixamente para ela pela viseira aberta do capacete, os olhos estreitados fitando

os dela com uma objetividade nada habitual.

— Não estou gostando disso — afirmou ele.

— Sinto muito.

Ele bufou.

— Mas não sou eu quem vai mergulhar.

— O que pode dar errado? — perguntou ela, e teve uma risada como resposta.

Ele fechou a viseira do capacete e o silvo frio e químico do ar encheu a boca e as narinas de Anna. Ela desceu a escada de costas, depois segurou o cabo-guia e deixou que as águas do porto a tragassem. A correnteza era muito forte, um empuxo contendo toda a força do oceano. Lembrando-se das aulas do tenente Axel sobre correntezas, Anna mudou a posição do corpo de maneira a ter o empuxo da água pelas costas, pressionando-a contra o cabo em vez de puxá-la para longe dele. E continuou a descer, escorregando pela corda. Tinha imaginado que mergulhar à noite não seria muito diferente de mergulhar na Wallabout Bay, com sua visibilidade baixíssima. Mas de dia ao menos era possível *ver* a opacidade lodosa das águas da baía. Ali, à noite, não havia nenhuma diferença entre manter os olhos abertos ou fechados. Isso tornava todo deslocamento assustador, como se mergulhasse no meio do nada ou flutuasse em um vácuo. Quando finalmente chegou ao fundo, Anna agarrou-se ao cabo de segurança e piscou os olhos no escuro, perguntando-se se a imersão não teria sido rápida demais. Um puxão no cabo de segurança estabilizou-a na posição ereta, e ela respondeu com outro puxão. A correnteza era mais fraca perto do fundo. Anna fechou os olhos e, na mesma hora, sentiu-se mais calma. Com aquela cegueira ela era capaz de lidar.

Pegou um cabo de vinte metros em sua sacola de ferramentas e o prendeu ao cabo-guia da descida, logo acima do peso. Depois, lembrando-se de um truque que o tenente Axel tinha ensinado à sua turma (estranho como havia prestado atenção apesar dos murmúrios de Bascombe junto ao seu ouvido), enfiou os dedos enluvados por baixo da borda do peso e o virou de cabeça para baixo, de modo que agora tinha prendido embaixo dele o cabo de procura, o que a ajudaria a se deslocar sempre rente ao fundo. Deu uma laçada com a outra ponta em volta do punho direito e caminhou para longe do peso até o cabo se esticar. Em seguida, pousou a sacola de ferramentas para marcar o ponto inicial do seu círculo, pôs-se de quatro e começou a engatinhar pelo fundo, no sentido horário, demarcando o raio de procura ao puxar o cabo pelo pulso. Imediatamente a corda começou a esbarrar em protuberâncias no fundo da baía. Em um primeiro momento, Anna teve o impulso de investigar cada uma delas, mas aos poucos foi aprendendo a distinguir o que era parte da topografia e o que seria a presença de outros objetos. Mantinha os olhos fechados e tentava ignorar a imensidão à sua volta, sua solidão diminuta no meio daquilo tudo. Mergulhadores que tinham trabalhado no aqueduto de Staten Island falavam de navios naufragados no fundo da baía, berçários

centenários de ostras abarrotados de conchas gigantescas, enguias com mais de dez metros de comprimento. Tais aparições pareciam estar bem ao alcance dos dedos de Anna. Ela se acalmava com a ideia de que Marle estava segurando seu cabo-guia e sua mangueira de ar, que encurtava e afrouxava de acordo com os movimentos dela. Podiam puxá-la de volta para cima a qualquer momento. Bastava ela dar quatro puxões curtos.

★ ★ ★

Dexter observava seus rapazes girando os volantes da máquina de ar, como autômatos de relógio. Ele se entregava, como vinha fazendo desde o começo daquela excursão, à única atividade em que era péssimo: não fazer nada. Sua inatividade tornava tudo à sua volta de incômodo a intolerável: os parceiros de Anna segurando seus tornozelos para enfiar os pés dela nas imensas botas de mergulho; a mão do negro amparando o queixo dela enquanto lhe amarravam aqueles arreios, ou fosse lá como se chamavam. A autossuficiência dos mergulhadores o deixava com inveja — não só dos homens, mas de todos os três. Trabalhavam juntos, dois homens e uma garota, com uma familiaridade que saltava aos olhos. Mesmo depois de Anna ter vestido o escafandro e perdido a aparência feminina, ele se ressentia do conhecimento que os três tinham em comum, do domínio da nomenclatura, da especialização. Enquanto ajudavam Anna a descer de costas pela escada nas águas do porto, Dexter pegou seu primeiro cigarro em cinco anos e o prendeu entre os lábios. Enzo emergiu das sombras bem a tempo de acendê-lo.

Um pouco tonto com a fumaça depois de uma abstinência tão prolongada, Dexter puxou uma cadeira ao lado do patrão e reclinou a cabeça para trás, um gesto de solidariedade com o pescoço paralisado do veterano. Um derrame. Mesmo no frio, uma camada de suor cobria o rosto do patrão. Dexter estava tão próximo que sentia o cheiro do suco de tomate que ele bebia mais ou menos o tempo todo (derramando boa parte nas próprias roupas) — para a úlcera, dizia ele, embora parecesse a Dexter que aquele exagero de suco de tomate podia muito bem ser a causa do problema. E lá estava o suco de tomate em uma lata grande de metal ao lado dele. Um tumulto de estrelas brilhava no céu.

— Quem podia imaginar, patrão — disse Dexter. — Todas essas estrelas bem em cima de Nova York.

O patrão tossiu, inalterado. Era um marujo das águas de Nova York, acostumado a se orientar com base no que via, os marcos da costa ou as luzes do litoral. As estrelas o deixavam confuso. Mas no que dizia respeito ao porto, seus ventos, suas correntezas e suas passagens mais complicadas, ele conhecia cada buraco, cada reentrância, onde se formavam os redemoinhos negligenciados pelas correntezas: lugares onde os objetos afundavam e não

reapareciam nas margens. E sabia como chegar de volta a esses lugares, segundo o que dizia.

— Ora, patrão. Você acaba se acostumando com as estrelas.

Um latido de protesto, que Dexter interpretou: a guerra ia acabar, as luzes se acenderiam de novo e o céu de Nova York voltaria a ter a aparência de antes.

— Você tem razão, claro — concordou Dexter. E então, baixinho, acrescentou: — Tem certeza de que é aqui mesmo?

O patrão esbravejou seu ultraje por estar sendo questionado.

— Mas como você consegue saber? Tudo fica tão diferente nessa escuridão...

O velho marinheiro bateu com um dedo na têmpora logo abaixo do quepe branco que sempre usava a bordo, sua limpeza engomada em extremo contraste com a fartura de manchas de tomate nas roupas.

— Nada sai do lugar aqui — afirmou, deixando Dexter espantado com a súbita clareza da sua fala.

— Entendo.

Dali a pouco, Dexter voltou a ficar inquieto. Pensou em tentar conversar com Nestor, o timoneiro, mas qualquer conversa com ele era totalmente impossível. Muito falante no passado, Nestor tinha se calado anos antes, depois de passar por um susto. Em vez de dirigir-se a ele, Dexter se aproximou da proa da chata, onde seus rapazes suavam na operação dos volantes da máquina de ar. Um dos homens do Arsenal de Marinha estava com eles, um sujeito de cabelos claros obviamente muito contrariado com tudo o que acontecia. Não tirava os olhos de dois mostradores na frente da máquina de ar.

— Eles estão trabalhando na velocidade certa? — perguntou Dexter.

— Até agora.

— Ah, mas não vão parar.

— Melhor que não parem mesmo.

Uma provocação. A alfinetada produziu-lhe o efeito de uma corrente elétrica, tão revigorante e bem-vinda que Dexter nem se preocupou em lembrar ao cretino, na mesma hora, quem é que mandava ali. Em vez disso, dirigiu-se ao outro homem do Arsenal de Marinha, o negro, que estava de pé na extremidade oposta do barco, perto da escada de mergulho. Os cabos presos a Anna passavam pelas suas mãos e se enroscavam a seus pés. O olhar dele estava fixo na água.

— O que você está olhando exatamente? — perguntou Dexter.

— As bolhas — respondeu o negro, sem deslocar os olhos. — Está vendo onde elas aparecem? Elas vêm carregadas pela correnteza; ela não está necessariamente naquele lugar exato.

O homem soava amigável, neutro, difícil de ler, como os negros muitas vezes eram. Exceto para outros negros, imaginava Dexter.

— E como você sabe onde ela está?

O negro indicou os cabos e a mangueira que tinha nas mãos.

— Eu puxo ou dou corda para ela à medida que ela vai andando, sem nunca deixar muita folga. Assim, posso sentir quando ela dá sinal puxando os cabos.

— E é perigoso? Isso que ela está fazendo?

— Não, se todo mundo cuidar direito do que tem a fazer.

Ficaram olhando para as bolhas que brotavam claras na superfície escura das águas.

— O seu parceiro — continuou Dexter. — Por que ele também está vestindo um traje de mergulho?

— Um segundo mergulhador fica sempre de prontidão, para o caso de os cabos se enrolarem. Ou alguma outra coisa dar errado.

— E se ele mergulhar, quem fica cuidando de olhar os mostradores da máquina de ar?

— O senhor está se oferecendo?

Dexter riu, impressionado. Em cinco palavras, o homem tinha conseguido estabelecer uma camaradagem despreocupada e dar a entender a Dexter que sabia exatamente quem estava no comando de tudo. Um diplomata.

— E apenas essa máquina basta para dois mergulhadores? — perguntou Dexter.

— Elas são calculadas para isso. No arsenal usamos uma por mergulhador, mas essa aqui sempre foi muito eficiente em todos os testes. Com esses dois nas rodas, podemos extrair o máximo dela.

Dexter sorriu, tendo finalmente colhido o elogio que vinha tentando pescar.

— E se por acaso a máquina parar de funcionar? — quis saber ele. — O que acontece?

— Não há razão nenhuma para isso acontecer — respondeu o negro em um tom inalterado, mas Dexter sentiu que ele ficara mais alerta do que antes. — Mesmo assim, ainda sobrariam a ela uns oito minutos de ar dentro do traje. Mais do que o suficiente para voltar à superfície.

Um sinal deve ter chegado pelos cabos que ele segurava, pois ele os puxou com firmeza várias vezes, esperou e, depois, voltou a puxar. Em seguida, saiu andando de costas ao longo da amurada até onde seu parceiro estava na proa, dando folga nos cabos à medida que andava, o olhar sempre nas bolhas. Depois de uma rápida conversa, o louro saiu de perto da máquina de ar, puxou o cabo-guia, com o peso na ponta, e caminhou com ele rapidamente até a proa da chata, não muito longe da máquina de ar. Dexter andou de lado até o negro, que explicou que “a mergulhadora”, como se referia a Anna, tinha dado uma volta completa em torno do cabo-guia sem encontrar nada. Agora, ia começar um segundo círculo em uma nova posição.

— Isso pode demorar horas — comentou Dexter. — Quanto tempo ela pode ficar lá embaixo?

— Duas horas, sem problema. Se ficar mais tempo, precisa descomprimir quando voltar para a superfície. Temos só uma guindola para ela fazer a parada se necessário, mas dá para o gasto. — O negro olhou para o pulso, em que Dexter viu três relógios. — Ela mergulhou há 38 minutos.

— Eu queria mergulhar também — disse Dexter. — E ajudar na busca.

A sugestão foi de puro impulso; uma verbalização que era mais uma expressão de impaciência generalizada do que uma proposta. Mas no momento em que Dexter disse as palavras, adotou a ideia.

— Estou falando sério.

O negro inclinou a cabeça em um gesto cortês.

— O senhor já mergulhou alguma vez antes?

— Eu aprendo rápido.

— Com todo o respeito, por questões de segurança, a ideia está fora de cogitação.

— Nada está fora de cogitação quando alguém resolve cogitar — respondeu Dexter em tom amigável.

O negro continuava a olhar para as bolhas. Dexter ficou esperando, sabendo que o outro era um homem educado demais para ignorá-lo por muito tempo. E, de fato, logo o homem voltou a falar, em um tom de explicação paciente:

— Tivemos duas semanas de treinamento antes do primeiro mergulho.

— Mas sempre houve uma primeira vez — retrucou Dexter. — Você nunca tinha mergulhado, e aí um dia mergulhou.

O negro inclinou a cabeça, tentando entender melhor o que Dexter dizia.

— E para mim esse dia é hoje — continuou Dexter.

O mergulhador branco continuava de olho nos mostradores da máquina de ar, sem dar sinal de estar acompanhando a conversa. Dexter aproximou-se dele e pigarreou. Falava baixo, para que o mergulhador pudesse ouvir o que dizia, mas os rapazes nos volantes da máquina, não.

— Eu queria pegar essa roupa que você está usando e mergulhar.

— Não é assim que essas coisas funcionam — resmungou o mergulhador, de olho nos mostradores.

— As coisas podem funcionar de várias maneiras. É assim com tudo na vida.

O homem nem olhou para ele.

— Eu queria ajudar, só isso. Assim levaria menos tempo. E você é necessário a bordo.

— O senhor não iria ajudar em nada.

— Agora você está me deixando magoado.

— Só ia representar mais um risco e tirar a concentração de todo mundo.

— Você está preocupado com o ar? Em usar só essa máquina para dois mergulhadores?

— Entre outras coisas.

— Se acontecer alguma coisa, pode cortar as minhas guias. Eu subo até a superfície. Vão me sobrar oito minutos, não é?

Agora os dois mergulhadores prestavam atenção ao que ele dizia.

— Um homem do seu tamanho? — disse o negro. — Menos tempo.

— Mas eu quero ir mesmo assim.

O mergulhador branco fez um ruído à guisa de resposta negativa.

— Não vai ser nada bom para nós acabar com o seu corpo nas mãos.

— Não haveria corpo.

Os homens trocaram um olhar.

— Como assim? — perguntou o negro.

— Patrão! — latiu Dexter.

O velho marinheiro deu um arranco, como se tivessem jogado um balde de água fria em sua cabeça.

— Venha até aqui, por favor — chamou Dexter.

O patrão se arrastou dolorosamente até lá, como um inseto esmagado.

— Preciso que você garanta uma coisa a esses dois cavalheiros. Se por acaso eu morrer no meio de um mergulho nessas águas, você garante que os dois estarão livres e que poderão ir embora sem problemas? Sem dar qualquer explicação à polícia, ao responsável pela autópsia ou ao carteiro?

O patrão anuiu, respirando com dificuldade. Dexter nem sabia ao certo se ele tinha entendido.

— Com todo o respeito, corpos não desaparecem assim tão facilmente.

— Ah, desaparecem, sim — garantiu Dexter. — E como. Você agora está em outro mundo, meu amigo. Pode ser parecido com o mundo que você conhece, pode ter o mesmo cheiro, produzir os mesmos sons, mas o que acontece aqui não obedece à mesma ordem. Quando você acordar amanhã, nada disso vai ter acontecido.

Os dois o encaravam como se ele tivesse enlouquecido. Como explicar o funcionamento do submundo de um modo convincente? Nem precisava de tanto, é claro, mas Dexter sempre preferia argumentar a usar a força bruta.

— Estou dizendo que as regras aqui são diferentes — falou ele. — Os costumes. O que não pode acontecer no seu mundo, no meu, pode. Inclusive corpos desaparecerem.

— E como fica a nossa mergulhadora? — questionou o negro. — Se alguma coisa acontecer com ela?

— Nada vai acontecer com ela — respondeu Dexter. — E estamos todos de acordo em relação a isso. Mas eu sou outra coisa. Sou... um eco. Uma sombra.

Dexter tentava explicar algo que nunca tinha articulado antes e que nem sequer entendia de todo.

— Muitas palavras bonitas — comentou o mergulhador branco. Pela primeira vez olhava Dexter cara a cara com seu rosto duro, inclinado para a frente. — Mas para mim só existe um mundo, e sem oxigênio ninguém dura

muito nele. Um amador querendo brincar de herói é uma aporrinhação, mas o sujeito que deixa ele entrar na brincadeira é o culpado pelo que der errado. Estou dizendo que não, amigo. Não vou equipar você para mergulhar aqui.

Dexter respirou fundo.

— Tentei convencer vocês por bem, mas parece que não está dando certo.

— Nada do que você me disse faz muito sentido.

— Então vou dar uma ordem: tire essa roupa de mergulho agora.

— Eu obedeco às ordens da Marinha americana. Não às suas.

Uma erupção de raiva fez os nervos de Dexter estremecerem.

— A Marinha americana não está aqui agora — disse ele baixinho. — Não que eu possa ver.

— Ah, mas está. É ela que controla todo o porto. Está à toda volta.

Dexter virou-se para o negro.

— O seu amigo tem um parafuso a menos? — perguntou ele, o volume da voz suficientemente audível apenas para o mergulhador de cabelo claro. — Ele não entende que os meus rapazes podem lhe dar um tiro na cabeça e jogá-lo fora do barco para dar de comer aos peixes com a mesma facilidade com que pisariam em uma barata?

Embora não tivesse levantado a voz, uma descarga elétrica percorreu o barco, perceptível mesmo com todo o vento. Enzo se aproximou, ansioso.

— Algum problema, chefe?

— Não sei — respondeu Dexter, olhando para o negro. — Algum problema?

Quem melhor do que um negro para perceber que não podia fazer mais nada? Calmamente, ele caminhou até o lado do parceiro e cochichou no seu ouvido. Dexter ouvia fragmentos:

... nem é tão difícil, se ele...

... Savino, por exemplo, conseguiu...

... na Marinha, é mais ou menos comum...

Dexter entendeu que tinha vencido; era o negro quem dava as ordens. Ele voltou para o lado de Dexter e disse:

— Ninguém aqui quer problemas. Nenhum problema.

— Nem eu — rebateu Dexter. — E é por isso que eu vou dar ao seu parceiro a última chance para evitar o momento em que ele vai sentir tanto medo a ponto de cagar nas calças. O que não é nada agradável, posso garantir.

A cor tinha sumido do rosto do mergulhador branco. Por reflexo, ele olhou para os mostradores da máquina de ar. Dexter se imaginou dentro da cabeça dele, a pressão que devia estar sentindo dentro do crânio. Não gostou da sensação de ser outro homem.

— Santo Deus — comentou o mergulhador branco com o seu parceiro, com a boca seca de horror.

— Esse é outro cara que também não anda por aqui — afirmou Dexter.

Quando Anna recebeu o sinal de que um segundo mergulhador estava descendo, achou que talvez tivesse pedido ajuda por engano. Então lhe ocorreu que alguma coisa tinha dado errado — além do fato óbvio de que o cabo-guia tinha sido deslocado três vezes (da última, para o outro lado da chata), e ela só tinha encontrado restos de um barril e um toco de árvore. Continuou a engatinhar enquanto ele descia e, depois, sentiu o outro mergulhador pegando o cabo que guiava seus círculos e seguiu-o até ela, obrigando-a a pôr-se de pé. Instintivamente, ela abriu os olhos, mas é claro que não viu nada.

Lembrava-se de ter aprendido em uma aula que mergulhadores submersos podiam ouvir o que os outros diziam se encostassem os capacetes. Bascombe lhe pareceu mais alto do que esperava, e ela precisou puxar um pouco o braço dele para fazê-lo inclinar-se. Encostou o capacete no dele e perguntou:

— Por que você desceu?

A resposta foi distante, em voz metálica, como um rádio tocando debaixo de um cobertor.

— Dexter — escutou ela.

— O que tem Dexter?

— Sou eu. Dexter.

Ela pensou por um instante que Bascombe podia estar brincando, mas não conseguia imaginá-lo querendo pregar-lhe uma peça àquela altura.

— Impossível.

— Parece que não.

— É... perigoso — gaguejou ela.

— O pessoal lá de cima deixou isso bem claro.

Ela imaginou, aos fragmentos, como deve ter sido feio o processo de substituição de Bascombe por Dexter. A mente de Anna viajou; ela precisava ficar calma.

— O compressor pode mandar ar para nós dois?

— Você está respirando bem? — perguntou ele.

Ela inspirou longamente, o que a ajudou a se acalmar. Tinha ouvido que havia casos em que a Marinha mandava os homens para baixo de primeira, sem treinamento, como primeiro passo de seu processo de seleção. O ar que lhe chegava ao capacete estava fresco e seco, e ela raciocinava com bastante clareza.

— Sim — respondeu ela. — Ar de sobra aqui. E você?

— Nunca estive melhor.

Havia alguma verdade nisso. Depois que ajustou a válvula do ar da maneira como tinha aprendido com o mergulhador negro, suspendendo o peso dos ombros, Dexter tinha sentido uma euforia inexplicável enquanto o peso das

botas o puxava pela escuridão rumo ao fundo do mar. Era como se algum esforço gigantesco, realizado sem que ele sequer percebesse, finalmente estivesse a ponto de produzir bons resultados. Ele estava respirando. Estava respirando e conseguia andar no fundo do mar.

— Meu medo é que a gente não encontre nada — disse Anna. — Como é que sabemos que aqui é o lugar certo?

A voz dela soava fraca, como em uma ligação interurbana. O resultado era aquela mistura ímpar de intimidade e distância que Dexter tantas vezes sentia ao telefone, quando uma pessoa distante dava a impressão de se dirigir, aos sussurros, diretamente aos seus pensamentos.

— Vamos encontrar — garantiu ele, com uma voz trovejante. — O patrão sabe. É aqui que ele está.

Esta última frase deixou Anna confusa; o patrão estava ali? A voz que lhe chegava através dos capacetes vinha esvaziada não só de volume, mas também de qualquer vestígio de expressão. Soava maquinal. Ainda assim, as palavras a impressionaram. *É aqui que ele está.* E uma imagem nítida do pai lhe ocorreu: ele saindo da água em Coney Island após um de seus mergulhos matinais, depois de nadar longamente, o corpo lustroso e gotejante. Uma piscadela e um aceno para os guarda-vidas espantados que só tinham começado o turno de serviço depois que ele havia entrado na água, uma esfregada com a toalha de algodão turco que tinha deixado ao lado de Anna na areia, junto com a sua roupa e sua carteira. A alegria radiosa que ele emanava depois desses mergulhos, como se voltasse livre de uma tristeza que levava sempre consigo.

— Estou aqui — disse ela baixinho. — Eu também estou aqui.

Dexter Styles encostou o capacete no dela.

— Se você tiver mais uma corda, podemos andar com ela entre nós dois e cobrir uma área maior — falou em sua voz mecânica.

— Eu tenho.

Tomando a mão enluvada de Dexter, ela o conduziu até seu ponto de partida de minutos antes, onde tinha deixado a sacola de ferramentas. Dentro dela, havia uma corda de dez metros com uma correia em cada extremidade. Ela passou uma das correias pelo seu pulso livre, o esquerdo, e a outra pelo pulso direito dele, logo abaixo da correia que prendia sua luva. Encostando o capacete no dele, disse:

— Ande para longe de mim até esticar a corda e, depois, saia engatinhando na mesma direção em que eu engatinhar. Cuidado só para manter o capacete sempre mais alto do que o corpo; não deixe desabar.

— Está bem.

Ele obedeceu às instruções, ajoelhando-se desajeitadamente quando a corda se esticou. Sentia o piso macio do fundo através do tecido emborrachado do traje. Apoiou as luvas no chão, tomando o cuidado de manter a cabeça elevada, embora tivesse se esquecido de perguntar o que aconteceria se ela pendesse. Engatinhar lhe parecia grotesco e nada natural: quando tinha sido a

última vez que havia andado de quatro? Mas a corda puxava seu pulso, e ele saiu engatinhando, hesitante no início, com medo de deixar cair a cabeça. Cada pequena resistência na corda o convencia de que tinham encontrado alguma coisa, mas logo ele aprendeu a reconhecer as protuberâncias e os tufo de plantas do fundo. Aos poucos, a natureza elementar daquele movimento provocou o esvaziamento da sua mente. Dexter estava engatinhando no escuro. Engatinhando. De quatro. Em pouco tempo já nem lembrava mais por quê.

★ ★ ★

A obstrução, quando a encontraram, estava em algum ponto da corda exterior que ligava Anna a Dexter Styles. Ela desprende o cabo interior — o que a ligava ao peso — para poder engatinhar na direção dele. Só então se deu conta do problema do seu plano: a corda da qual se soltava era seu único elo com o barco na superfície. Lembrou-se de seu primeiro mergulho: a confusão de se ver vagando, desorientada, submersa. Mesmo na Wallabout Bay, comparativamente mais rasa e mais bem iluminada, tinha sido impossível de achar uma corda de cânhamo de mais de sete centímetros de espessura. Na pior das hipóteses, Marle e Bascombe podiam puxá-la para cima pelo cabo-guia. Mas como puxariam Dexter Styles?

Sem encontrar alternativa, Anna desprende a corda interna do pulso e saiu engatinhando junto à corda externa até chegar ao obstáculo: uma corrente pesada presa a um bloco de concreto. Sentiu que Dexter Styles se aproximava, vindo da direção oposta e, depois, engatinhando ao lado dela. Acendeu a lanterna, seu brilho fraco revelando uns cinquenta centímetros de água turva. Os elos da corrente, com mais de sete centímetros de espessura, estavam escorregadios tamanha a quantidade de algas, como se não se movessem havia muito tempo. Anna baixou a luz, com medo do que mais poderia ver. Encostou o capacete no de Dexter Styles e perguntou:

— O que você acha?

— Deve ser isso mesmo — foi a resposta distante.

O pressentimento que Anna vinha tendo desde o fim da tarde ficou muito próximo.

— Estou com medo — disse ela.

Assumiu o mesmo tom monocórdio que o som de sua voz adquiria ao ser transmitido de um capacete ao outro. Aquela fala vazia de expressão teve o estranho efeito de abafar qualquer emoção que ela pudesse ter sentido. Só restavam as palavras.

— Por que mataram o meu pai? — perguntou ela.

— É o que eles fazem quando são traídos.

— Ele era bandido?

- Não.
- Por que ele traiu essas pessoas?
- Só ele sabe a resposta.
- Vou procurar sem a luz.

Ela sentiu Dexter ficar de pé, talvez para lhe conceder alguma privacidade, ou por não se interessar em saber o que ela encontraria. A corrente estava enrolada e dobrada em tantas voltas que tinha se transformado em uma massa sólida. Anna começou a tentar afrouxar as voltas da corrente e sondar o espaço entre elas. Um cadeado enorme ligava vários dos elos e os prendia a uma alça de metal no bloco de concreto. Anna enfiou os dedos entre os elos, procurando alguma coisa orgânica: tecido, couro, osso. Não tinha lembrança da roupa que seu pai usava no dia em que não tinha voltado para casa, mas sem dúvida estaria de terno, com uma gravata e um chapéu. Sapatos. Sentiu uma pressão no esterno que lhe pareceu um ovo escuro, recheado de horror e de repulsa. Anna temia essas sensações, mas ansiava por descobrir alguma coisa: uma prova de que ele não tinha ido embora. De que nunca a tinha deixado. A necessidade dessa certeza impelia seus dedos em meio ao lodo, à areia e aos elos da corrente. Mas não encontrou nenhum sapato, nenhum tecido, nenhum osso. Será que ele tinha sido arrastado?

Sentindo algum desânimo, lembrou-se de quanto tinham chegado perto. Sua presença ali era um milagre; era a única chance que teria. Essa compreensão produziu um frenesi de escavação. Anna dizia palavrões em voz baixa, como faziam os homens no Arsenal de Marinha: *Merda! Puta que o pariu!* Cavou até se sentir atraída por um leve brilho que surgiu por trás das suas pálpebras. Tentou abrir os olhos para se livrar do efeito, mas percebeu que já estava de olhos abertos. O brilho vinha de fora — da água. E foi ficando mais forte à medida que ela cavava: um alaranjado metálico, depois violeta, verde, cores que não eram exatamente cores, mas como os matizes de um negativo fotográfico que certa vez tinha visto. Vinham do lodo que Anna tinha acabado de expor e cintilavam na água em torno dela.

Anna puxou as amarras do traje de Dexter até ele se abaixar ao lado dela. Ele encostou o capacete no dela.

— Que diabo é isso?

— Fosforescência. Criaturas que vivem na água.

Anna tinha ouvido falar a respeito daquilo nas aulas de mergulho.

Ele começou a cavar também. A fosforescência refulgia em torno deles; sua nuvem lançava uma luz fraca sobre Dexter Styles, na água ao lado dela. Um calor irradiava da areia debaixo dos seus dedos. Ela localizou um pequeno objeto redondo engastado em um elo enterrado da corrente e começou a tentar soltá-lo com suas luvas grossas, desalojá-lo sem partir a fina corrente a que estava preso. Finalmente liberou aquele disco e o girou nas mãos. Mais metal: ela ficou desapontada. Tinha uma protuberância, ou um parafuso, na borda arredondada. E então, com um choque que fez seu corpo gelar, Anna

entendeu que objeto era: um relógio de bolso. O grito que emitiu tapou seus ouvidos dentro do capacete. Anna levantou o relógio até a viseira. Dexter Styles continuava cavando, e naquela incandescência ela mal distinguiu a bem conhecida gravação das iniciais de um desconhecido.

Era o relógio do pai dela.

Anna começou a chorar. Mesmo com aquelas luvas, sentiu o relevo sutil das letras gravadas. JDV: Jakob De Veer, o homem que tinha ajudado seu pai quando era menino. Agarrando o objeto com força, ela soluçou até a umidade dentro do capacete começar a embaçar sua visão. Abriu mais a válvula de ar e também a válvula que admitia um pouco de água, para livrar da umidade o interior do capacete e do traje como um todo. Ainda chorando, encostou o capacete no de Dexter, sabendo que ele só iria ouvir o eco mecânico das suas palavras, e nada mais.

— Encontrei — disse ela. — Ele está aqui.

★ ★ ★

Quando começaram a procurar de novo pela corda que tinham usado para ir até o fundo, Dexter já sentia a necessidade de mais ar havia tempo. Engatinhar era mais cansativo do que caminhar e ele tinha ficado um pouco tonto, com as pernas meio bambas. Mantendo esticada a corda que os unia, caminharam lentamente na direção onde Anna julgava que a corda vertical deveria estar. Felizmente, esbarraram com ela.

Dexter ficou esperando no fundo enquanto ela subia. Com a mão no cabo, sentiu que Anna fez uma breve parada no meio do caminho para descompressão; depois, sentiu um solavanco quando ela largou o cabo e alcançou a escada. Depois, mais nada. O cabo murchou em suas mãos e Dexter só sentia as correntezas querendo empurrá-lo. Com muito cuidado, abriu só um pouco a válvula de ar em seu capacete, na direção dos ponteiros do relógio como o negro tinha lhe ensinado. Inspirou com volúpia, sentindo o prazer de se fartar daquele ar sibilante, semelhante ao de beber água gelada bem depressa quando se está com muita sede. Quando a tontura passou, seus sentidos ficaram aguçados. Estava sozinho no fundo do mar. Era uma situação extrema, que deixou Dexter eletrizado. Sempre tinha gostado do escuro, mas até aquele momento só conhecia a versão proporcionada pela noite. Aquela, porém, era a escuridão primitiva dos pesadelos. Encobria segredos atrozes demais para serem expostos: crianças afogadas, naufrágios. Soltou o cabo e se afastou alguns passos, imaginando-se isolado e sozinho naquele fim de mundo. Alguma coisa comprida e lisa deslizou pelo seu traje — uma enguia? Um peixe? Sentiu a possibilidade do pânico.

Mas o que ocorreu a Dexter, em vez disso, ali sozinho na treva profunda, foi sua primeira lembrança clara de Ed Kerrigan em muitos anos. Um sorriso

assimétrico e irônico debaixo da aba do chapéu. Sempre um bom chapéu, com uma bela pluma. Era um sujeito que sabia se vestir. Segurando o chapéu contra o vento enquanto caminhavam pela Praia de Manhattan. Como Dexter gostava dele! Os modos tranquilos de Kerrigan; sua maneira rápida e discreta de fazer as coisas sem se queixar de quanto lhe custavam. Um irlandês. Houvera entre eles, desde o princípio, um entendimento; era a sensação intuitiva de Dexter. Mais tarde, ele se perguntaria: entendimento de quê?

A natureza enigmática de Kerrigan era essencial para o trabalho que fazia. Podia ir a qualquer lugar, descobrir qualquer coisa. Através dele, Dexter sentia-se livre das limitações do tempo e do espaço. Podia aparecer onde não devia estar, escutar o que não podia saber. *Proximidade*: era isso que Kerrigan lhe trazia. A onisciência. A invisibilidade. E Dexter se acostumou, passou a contar com tudo isso. Sentia tamanho conforto, tamanho apetite pelo conhecimento contínuo dos fatos, que não se deu conta de que esse acesso, como tudo na vida, tinha o seu preço.

No ramo de Dexter, homens que desrespeitavam as regras eram basicamente levados para dar um passeio, como se dizia. Todo mundo sabia qual era o seu destino, e raramente se voltava a tocar no nome de algum deles. E não havia dúvida de que Kerrigan tinha compreendido que era assim.

Então, por quê? Essa pergunta assolava Dexter havia muitos anos, desde que seu ex-empregado tinha aberto o bico e pagado o preço: *por que* ele tinha falado? Por dinheiro? Dexter pagava bem, e teria pagado ainda mais se Kerrigan lhe pedisse.

Agora, tendo visto a casa modesta da família dele, sua filha inválida, Dexter entendia menos ainda a sua motivação. Por que correr o risco de ser eliminado quando a família precisava tanto dele? Por que correr o risco de que alguém — a filha saudável, talvez — começasse a investigar?

Não havia resposta. Só o próprio Eddie, dirigindo ao mar seu sorriso torto. “Nenhum navio à vista”, dissera uma vez com uma reticência tão pouco reveladora que Dexter não saberia afirmar se falava de boas ou más notícias. Tinha olhado mar afora, e era verdade: nenhum navio estava à vista.

Dexter agarrou o cabo com que tinha descido, que passou em torno do braço direito e da perna direita, como o negro tinha ensinado, abrindo a válvula de ar para inflar o traje de mergulho. Começou a flutuar como por magia, é claro. Por um momento eufórico, Dexter sentiu-se como um deus; voava, flutuava, respirava debaixo d’água — coisas que um ser humano não podia fazer. Uma compreensão ofuscante tomou-o de assalto. É *claro*, ele pensou, e depois gritou em voz alta:

— É *claro*!

Um fato essencial finalmente ficava claro para ele, um fato mais importante do que todo o restante. Sua ascensão ganhava velocidade. Fora de controle, seu traje de mergulho transformava-se em um balão e disparava para cima pela extensão da corda, forçando Dexter a esticar os braços e impedindo que ele

acessasse as válvulas de controle no seu capacete. Desprendeuse do cabo de segurança. Ele nem se importava; estava totalmente fascinado. É *claro*, ele pensou, distraído da velocidade vertiginosa de sua subida pela necessidade de gravar em sua mente a compreensão crucial a que finalmente tinha chegado.

Seu traje muito inflado emergiu bruscamente a quinze metros da chata. Marle gritou com os capangas, dois dos quais correram para a amurada e começaram a puxar o cabo-guia de Dexter. Bascombe mantinha os olhos nos mostradores do compressor e soltava uma sucessão dos mais extravagantes palavrões. Uma atmosfera de concentração dominada pelo pânico impôs alguma harmonia a todos, que passaram a se movimentar como se fossem um só. Anna desceu pela escada, sem as botas, mas ainda com o traje de mergulho, e esperou enquanto os sequazes puxavam Dexter Styles em sua direção, de bruços e com os braços e as pernas totalmente estendidos. Parecia morto. Quando chegou ao lado dela, Anna tentou virá-lo, com a intenção de abrir a viseira do seu capacete, mas Marle, com um berro, ordenou que ela o largasse.

— Antes ele precisa ser puxado para dentro do barco — explicou ele. — Se ele perder a pressão agora, vai afundar de novo.

Marle tinha razão. Em seu pavor, Anna não tinha pensado direito. Fez o possível para ajudar aquela forma inflada a ultrapassar a amurada da chata. Quatro capangas estenderam então o corpo de Dexter no fundo da embarcação, dois deles segurando-o pelas axilas. Anna saltou da escada e se agachou ao lado dele, enquanto os homens o viravam de rosto para cima. A água vertia do seu traje de mergulho e inundava o fundo do barco em torno dos pés dela. Ela abriu a viseira do capacete de Dexter com as mãos trêmulas. Os olhos dele estavam vidrados, muito abertos.

— Está me ouvindo? — perguntou ela.

Ele piscou, depois sorriu. Uma onda gigantesca de alívio quase derrubou a todos.

— Você... prendeu a respiração enquanto subia? — perguntou ela, lembrando-se do risco de embolia.

— Claro que não. Seu amigo negro me disse que era para soltar o ar.

PARTE SETE

O mar, o mar

VINTE E CINCO

Foi só quando Dexter voltou ao seu carro, na porta da marina Red Hook, que teve o tempo e a solidão necessários para recapitular o que tinha descoberto. O aroma de couro do Cadillac o acolheu como um abraço, e ele se entregou ao seu aconchego, exausto. Uma discussão cansativa tinha se seguido ao inflamento do seu traje, provocando um embate não apenas entre Dexter e os homens do Arsenal de Marinha e a filha de Kerrigan, mas também entre ele e os próprios capangas e até mesmo o patrão da chata que os tinha conduzido pelas águas do porto. Esses aliados improváveis foram unânimes na opinião de que ele devia mergulhar de novo até o fundo e voltar a subir bem lentamente, com várias paradas no caminho, para evitar qualquer sintoma de embolia. Dexter disse que não. Sentia-se bem, não tinha nenhuma dor — na verdade, sentia-se bem até demais, considerando que tinha precipitado o fim do seu mergulho e que os mesmos homens que ele havia reduzido à submissão pouco antes tinham precisado retirá-lo das águas como um boneco de pano. Ele não ligava. Por trás de tudo isso, pulsava a tatuagem do que havia descoberto. Era só nisso que ele pensava enquanto desmontavam todo o aparato usado em seu passeio e até o fim, quando trocou um aperto de mão com a filha de Kerrigan e seus colegas, percebendo, sem rancor, que aqueles homens agora o fitavam de igual para igual.

Ele estava à espera da sua hora preferida: a premonição da aurora, antes de qualquer sinal visível da luz da manhã. Deu partida no carro para aquecer o motor e, depois, finalmente permitiu que a mente se concentrasse na revelação que tinha lhe ocorrido durante sua subida de volta à superfície. No entanto, aquele clarão de entendimento, de iluminação, era tudo de que se lembrava.

Mudo de surpresa, Dexter regressou ao momento da descoberta: subindo cada vez mais depressa pela água escura, depois ainda mais depressa, sentindo a fricção da corda como um sulco quente no meio de suas luvas. Enquanto isso, a alvorada se insinuava por baixo de uma dobra do céu do Brooklyn, e um silêncio se instalou em toda a área do porto, com seus rebocadores, batelões e barcas de carga, momentaneamente silenciosos à súbita luz mortíça, como estranhos em um elevador.

Teria mesmo esquecido?

Ainda podia chegar em casa antes de o sol despontar. Esse desejo — tornar aquele dia um dia comum, como qualquer outro — transformou sua pressa em urgência. Afastou-se do meio-fio e acelerou, atravessando o Sunset Park e a Bay Ridge, disputando corrida com o sol. Quanto mais avançava, mais difícil

lhe parecia, até que concluiu que alguma coisa ainda poderia ter conserto se ele ao menos conseguisse começar na hora de sempre, no lugar de sempre. O sucesso dependia do ritmo e do controle do momento exato, como na velha brincadeira de atirar moedas para o outro lado por baixo de bondes em movimento. Você precisava saber o momento certo de jogar a moeda para fazê-la chegar do outro lado.

Um brilho localizado se concentrava acima da planície quando ele alcançou a Praia de Manhattan. Conseguiu chegar antes do sol. Respirava com força, sentindo um alívio indescritível ao entrar no silêncio de sua casa. Aqueceu o café que Milda tinha deixado pronto, serviu-se de uma xícara e tomou-o na varanda, o vento soprando em seu rosto exatamente como tinha imaginado. O sol se ergueu humildemente, espalhando uma luz fraca por cima do mar. Os navios-varredores do amanhecer lhe pareciam faxineiros encerrando o chão de um saguão. Uma procissão de navios se acotovelava mais além de Breezy Point. Gaivotas pairavam no ar, suspensas como pipas. O cenário passava uma sensação salutar, como se a sua proximidade do mar tivesse convertido todas as coisas — a filha de Kerrigan, o mergulho, até mesmo a sua descoberta — à insignificância.

Perguntou-se se Tabby apareceria. A filha tinha feito quase nada além de se entregar ao luto e ficar amuada desde que Grady tinha partido, quase três semanas antes: uma sofrida viúva de dezesseis anos. Dexter sentiria a falta do sobrinho também, não fosse seu imenso alívio por se ver livre dele.

Encheu sua xícara mais duas vezes e ficou tomando café até a luz do sol revelar plenamente sua necessidade de dormir. Desceu para seu quarto de piso rebaixado, imaginando Harriet entregue aos sonhos na cama, e sentiu por ela um desejo — por sua mulher, especificamente — que não lhe acometia havia muitas semanas.

Encontrou as cortinas de blecaute erguidas no seu quarto. A claridade o incomodou, tendo esperado um lusco-fusco suave naquele ambiente. Ouviu água correndo do outro lado da porta do banheiro. Sábado. Por que ela já estava de pé tão cedo?

Estava a ponto de bater à porta para lhe fazer a pergunta quando alguma coisa o fez esperar. Foi até o seu quarto de vestir, desprendeu sua arma e a trancou, soltou as meias das ligas e desprendeu as abotoaduras; usara tudo aquilo por baixo do traje de mergulho. Quando as torneiras da banheira se fecharam, ele falou para a porta:

— Você acordou cedo, meu bem.

— Tenho um jogo de *bridge* no clube — respondeu ela. — E Tabby vai comigo.

Girou a maçaneta de mansinho, mas encontrou a porta trancada. Os gêmeos tinham o costume de abrir as portas e ir entrando.

— Ela já acordou? — perguntou Dexter.

— Passou a noite na casa de Lucy com outras garotas. Uma festa de

Carmen Miranda. — Dexter ouviu os sons do banho dela. — Enfeitam chapéus e turbantes com frutas, penduram aros de cortina nas orelhas e dançam “South American Way”. Pelo que eu entendi.

Este excesso de detalhes pitorescos teve um efeito tão desestimulante quanto a luz do sol.

— Me admira que ela tenha ânimo para isso — comentou ele finalmente através da porta. — Depois da partida de Grady.

— Ah, acho que ela já está superando.

Ele a ouviu levantar-se da banheira. Alguns momentos depois, Harriet abriu a porta do banheiro vestindo seu penhoar de cetim coral; aromas caros pairavam no vapor que ela deixava para trás. Dexter tinha conhecido Carmen Miranda na época da estreia de *Serenata tropical*, e ela não chegava aos pés da sua mulher. Aproximou-se de Harriet, excitado com as gotas de umidade que via na raiz dos seus cabelos. Ela passou por ele na direção do toucador, fechou parcialmente a porta e pendurou nela o penhoar. Pela segunda vez, Dexter ficou surpreso ao se ver obrigado a conversar através de um anteparo de madeira.

— Desde quando Tabby joga bridge? — perguntou ele.

— Felicity fez com que ela se interessasse.

— Felicity.

— A filha de Booth.

— Ah.

Já sem paletó, Dexter sentou-se de calças na cama. O sol feria seus olhos.

— Você não tinha falado em Boo Boo.

— Falei desse jogo sim, dias atrás. Vamos jogar um pouco, almoçar, e depois vou levar as meninas até o Squibb Building para arrumar casacos para o programa de ajuda à Inglaterra.

Alguma coisa naquela litania de planos tinha a qualidade exata demais de um alibi. Dexter continuou deitado de costas na cama, esperando Harriet emergir com o conjunto esportivo que normalmente vestia para ir ao clube. Ela apareceu com sua nova touca orlada de visom, provavelmente para se olhar no espelho: ainda não estava de saída.

— Fico feliz de saber que Boo Boo está fazendo bom uso da nossa gasolina — disse ele.

— Booth.

— Você é que chama ele de Boo Boo.

— Eu sou mais próxima.

— Cada vez mais. E à custa da minha gasolina.

— Olha quem fala.

Dexter se endireitou, sentado na cama. Ela estava abrindo todas as janelas, deixando o vento entrar, junto com mais luz do sol. Ele ficou de pé e se aproximou da mulher. Tomou as duas mãos dela, interrompendo sua afobação.

— Harriet. O que você quer dizer com isso?

Ela evitou os olhos do marido.

— Preciso ir pegar Tabby.

— O que você está pensando?

Ele ainda segurava as mãos dela, esperando que ela o olhasse nos olhos. *Diga logo*, pensou, o que quer que fosse que ela tivesse adivinhado; melhor revelar tudo de uma vez.

— Estou *pensando* que quero um cigarro.

— E o que mais?

— O carro pode estar precisando de gasolina.

— E o que mais?

— Você está estranho hoje, Dex. Está me deixando nervosa.

Finalmente devolveu o olhar dele, do fundo do oval de sua toca de visom.

— E o que mais? — perguntou ele, baixinho.

— Você está inquieto. Infeliz. Anda assim há meses.

— E o que mais?

— Já não chega? — perguntou ela com impaciência, mas sustentando o olhar dele.

— Só se não houver mais nada.

— Você não está em sua melhor forma. E papai me disse a mesma coisa.

Ela se afastou, pegou a cigarreira de prata da sua cômoda e pôs um cigarro entre as faixas coloridas dos seus lábios.

— É mesmo? — perguntou Dexter, acendendo o cigarro com seu isqueiro de ônix.

— Eu nem devia dizer nada — comentou ela em meio a uma nuvem de fumaça. — Mas você me obrigou.

— O seu pai disse isso?

— Jure que não vai comentar nada com ele.

— Não vou.

Tornou a sentar-se na cama, tentando controlar sua extrema inquietação. Que o velho pudesse ter pensado isso, tudo bem. Era mais ou menos o que o próprio Dexter tinha dito a ele. Mas o fato de esse comentário ter sido feito em voz alta, na presença de Harriet — de ter sido discutido com ela — era muito diferente. Implicava uma reunião de família tendo Dexter como assunto.

Aspirou a fumaça do cigarro de Harriet, sentindo vontade de fumar também.

— Quando?

— De passagem.

— Esses dias?

— Não me lembro. Esquece.

— Duvido que não se lembre.

Desde a primeira conversa entre ele e o velho no clube de caça, anos antes,

a comunicação entre os dois sempre tinha sido pessoal e direta. Em quais circunstâncias Dexter precisava ser o tema de uma reunião de família? Ficou magoado, e não queria que sua mulher percebesse.

— Por que você não vem conosco? — sugeriu ela, sentando-se na cama ao lado dele.

Dexter fez um ar de desdém.

— Jogar *bridge* com Booth?

— Eu não preciso jogar. Tabby já sabe.

Harriet tinha segurado a mão dele. Os olhos dela continuavam esquivos.

— Você está nervosa.

— Você gostava de ir lá comigo.

— Por que você está tão nervosa?

— Não gosto de ver você magoado, só isso.

— Só estou cansado.

Dexter não sabia ao certo o que estava acontecendo entre eles dois, se era alguma coisa importante ou se não significava absolutamente nada. Só teria como saber depois de dormir algumas horas.

Levantou-se e começou a baixar as cortinas. Harriet apagou o cigarro.

— Vou me deitar também — disse ela.

Então se aproximou dele e espalmou a mão de dedos longos em seu peito. Ele sentiu o contato fresco dos dedos dela através da camisa. Harriet tinha tirado o chapéu e soltado os cabelos castanhos.

— Achei que você estava atrasada.

— Tabby não vai se incomodar.

O sorriso dela tinha uma curvatura para baixo que lhe dava um ar especial de malícia. Como ele adorava aquele sorriso! Dexter aspirou o aroma dos cabelos da mulher e sentiu uma pontada de desconfiança. Aquela desconhecida bonita bem próxima dele, empenhada em um esforço tenso para seduzi-lo. E ele pensou: *Nunca mais vou tocar nesta mulher.*

— Pode ir logo, meu bem.

Conseguiu dizer aquilo em tom caloroso. A repulsa súbita que sentiu pela mulher lhe parecia perigosa: um veneno que só continuaria inerte até que a própria percebesse.

Ficou deitado de olhos fechados, prestando atenção à porta da frente. Quando teve certeza de que as duas haviam saído, dormiu um sono agitado e seco. Acordou ao meio-dia, como sempre. Lavou-se, vestiu-se e se preparou para ir até a casa de Heels. Embora estivesse com um pouco de dor de cabeça, sentia-se melhor. O que teria dado errado com Harriet, exatamente? Nada de muito grave, parecia-lhe agora.

Quando desceu para pegar seu sobretudo no armário junto à porta da frente, sentiu, ou ouviu, outra presença na casa.

— Olá — chamou.

Uma resposta baixinha: os gêmeos. Era sábado. Dexter subiu a escada até o

quarto deles e escancarou a porta sem bater, impelido pelo desejo habitual de pegar os filhos de surpresa. O susto que lhes causou o deixou envergonhado. Phillip tentava vestir uma camisa; Dexter viu a linha da cicatriz de sua operação de apêndice e sentiu uma dor tão profunda que partiu na direção do filho, na intenção de abraçá-lo. O menino dirigiu-lhe um olhar desconfiado.

— A gente fez alguma coisa errada?

— Não, não. Nada disso, meu Deus.

Ele vinha evitando o quarto dos meninos havia semanas, reclamando dos prêmios repetidos que viviam ganhando em concursos absurdos. Mas o quarto tinha sido transformado depois da sua última visita. Agora, os patins, os trompetes, os acordeões e os estilingues não estavam mais à vista.

— O que aconteceu com todas as coisas de vocês?

— Levamos tudo para a igreja — disse John-Martin.

— Para os filhos dos soldados — acrescentou Phillip.

Mais uma vez, Dexter tentou assimilar tantos acontecimentos que pareciam lhe escapar. Uma visão do padre insistente, com as mãos estendidas para receber aquela lufada de boa sorte, passou pela cabeça de Dexter.

— Quando?

Os meninos trocaram um olhar de consulta.

— Agora há pouco — respondeu John-Martin.

— Quer dizer pouco tempo atrás?

— Isso — confirmaram.

Uma mesa estreita tinha sido instalada entre as camas dos dois, convertendo-as em um par de bancadas de trabalho. John-Martin sentou-se na dele, diante de uma pilha de madeira de balsa, tubos de cola, papel encerado e folhetos de instrução de montagem de modelos.

— Aeromodelos?

— Por que todo mundo sempre acha que é isso? — bufou John-Martin.

— Navios — explicou Phillip. — Acabamos de começar. — Depois de uma pausa, acrescentou: — Agora... pouco tempo atrás.

Dexter percebeu pela primeira vez que o tom de desafio de John-Martin era compensado exatamente pelo cuidado conciliador de Phillip. Seria um costume novo?

— Por que não aeromodelos? — perguntou ele.

Os dois meninos olharam para o pai; a resposta era óbvia, mas ele não percebia.

— Grady — disseram.

— Nós também vamos entrar para a Marinha aos dezesseis anos — disse John-Martin, demonstrando certo descaso.

— Se você consentir — interveio Phillip. — E se a guerra ainda estiver em andamento.

Dexter sentiu os ágeis olhos castanhos dos meninos avaliando a sua reação. Claro que eram mais sensíveis ao culto coletivo em torno de Grady do que ele

imaginava.

— Com dezesseis anos vocês ainda vão estar muito jovens.

— Nós vamos estar prontos.

— Se a gente parar de palhaçada.

— E já paramos semana passada!

— Mas hoje de manhã não.

A janela do quarto deles dava para o mar. Por força do hábito, o olhar de Dexter procurou o cortejo de navios desfilando além de Breezy Point.

— Olhem. Lá vem um navio-tanque.

— Da varanda dá para ver melhor — comentou John-Martin.

— Vocês costumam olhar os navios da varanda?

Dexter ficou surpreso; nunca tinha visto os gêmeos fazendo isso.

— Quando não tem ninguém em casa — confessou John-Martin.

— O que é quase sempre — completou Phillip.

— Vamos lá espiar — sugeriu Dexter. — Eu também gosto.

O telefone tocou enquanto desciam as escadas, e Dexter atendeu na extensão da entrada da frente. Heels.

— Tudo em ordem? — perguntou Dexter.

— Frankie Q. ligou hoje cedo para o Pines. Falou de alguma coisa que estava acontecendo na garagem de barcos. Talvez seja o caso de você dar uma olhada, na hora de sair.

Uma ligação de um dos filhos do sr. Q. era incomum.

— Alguém andou por lá umas semanas atrás — disse Dexter.

— Frankie ficou... surpreso de eu não saber onde você estava. Eu disse a ele que a base do nosso casamento era a confiança.

Dexter riu.

— E ele?

— Não disse nada.

— Está certo. Vou sair de casa agora.

Os gêmeos estavam ao lado um do outro no parapeito da varanda. John-Martin entregou-lhe o binóculo.

— Olha só, pai. — disse. Um pouco depois, acrescentou: — Senta aqui.

— Vai ser melhor para firmar suas mãos — explicou Phillip.

— E não estão firmes?

— Estão tremendo.

Dexter nunca tremia. Pensou se por acaso devia ter mergulhado de novo até o fundo, como todos tinham recomendado.

— As minhas também tremem — disse Phillip, tentando consolar o pai.

Dexter firmou os cotovelos no parapeito da varanda e olhou pelo binóculo. Os meninos, sem pensar, passaram os braços pelos seus ombros. Ele sentiu um amor físico pelos filhos, uma afinidade que ia até o osso. Harriet teria gostado daquela cena; era uma promessa que ele estava cumprindo. Esperou, deixando os olhos perderem o foco, adiando o momento de dizer aos gêmeos que

precisava ir embora.

★ ★ ★

Dexter desconfiou de que havia alguma coisa errada antes mesmo de chegar à garagem de barcos. Era alguma armação — ele percebeu sem sequer saber como, e ficou satisfeito de ainda ter os sentidos alertas, apesar das mãos trêmulas e de uma dor crua e penetrante atrás dos olhos. Normalmente, teria reunido alguns rapazes para ir com ele, mas a informação tinha partido de Frankie Q. — na verdade, do próprio sr. Q., o que significava que não era uma armação no sentido habitual; era um teatro. Dexter tinha um papel a desempenhar, e o sr. Q. sabia que ele não precisava de ensaios. Dexter gostava de pensar enquanto estava em ação.

Estacionou a um quarteirão antes, espanou a poeira dos sapatos novos, ajeitou a gravata e caminhou na direção da garagem de barcos. Havia um sedã preto bem diante dela, e o silêncio era total. A coisa toda era mais ridícula e falsa do que uma festa de aniversário surpresa.

Mas o prazer de Dexter cessou abruptamente quando ele escancarou a porta e deparou com Badger jogando cartas na companhia de dois capangas. Dexter só vinha acompanhando muito vagamente os passos do ex-protégido, desde que o rapaz tinha instalado uma das suas loterias ilegais em duas das suas casas menos importantes. Naquele instante, Dexter observava sua gravata pintada à mão, o alfinete de pérola que a prendia e o chapéu Borsalino. Badger tinha prosperado desde a chegada a Nova York. Aparentemente, porém, ainda precisava aprender mais.

Ele e seus homens estavam bem-apresentados; tinham tomado banho, feito a barba e tomado um café pela manhã, o que era estranho. Se não tinham sido eles na noite anterior, então quem Frankie Q. teria visto na garagem de barcos?

— Badger — disse Dexter. — Que prazer.

— Puxe uma cadeira.

Badger falou com a magnanimidade seca de um homem que se julgava em posição de comando. Dexter deixou passar. Lembrou-se da reação crua do sr. Q. e ficou esperando que os insultos subissem de tom. Os homens de Badger dissolveram-se nas paredes, e Dexter pegou uma das cadeiras que antes ocupavam.

— Uma bebida? — perguntou Badger.

Havia uma garrafa de Haig and Haig na mesa.

— Obrigado, mas não.

— Não é simpático deixar outro homem beber sozinho.

— Então não beba.

Dexter encostou-se em sua cadeira e cruzou as pernas, tanto para

demonstrar que estava relaxado quanto para deixar o coldre do tornozelo mais próximo da mão. No ato de cruzar as pernas, sentiu o que se chamava de *déjà-vu*: tinha se sentado diante de Kerrigan naquela mesma garagem de barcos, e o outro havia cruzado as suas pernas de marionete. Eddie tinha se sentado no mesmo lugar onde estava agora. Mas aceitara uma bebida.

— Sou todo ouvidos, Badger. Diga o que posso fazer por você.

— Agora todo mundo me chama de Jimmy.

— É mesmo?

— Badger era em Chicago. Em Nova York, é Jimmy.

Ele fez um gesto, opondo a mão direita à esquerda, indicando as cidades com as mãos como se segurasse duas laranjas.

Kerrigan não demonstrava medo, embora devesse ter uma ideia do que iria lhe acontecer. Dexter era capaz de captar à distância o cheiro do pânico em outros homens: um aroma animal, parte gambá, parte sexo. Alguns homens ficavam excitados em situações assim, e ereções forçavam os botões de suas calças quando as vítimas choramingavam e suplicavam. Mas Dexter só sentiu algum alívio quando Kerrigan ergueu o copo com a mão firme, dirigindo-lhe seu sorriso torto.

— A dias melhores — disse ele, um brinde comum na época.

Dexter descobriu que não conseguia olhar o amigo nos olhos enquanto esvaziavam seus copos.

— Achei que você fosse louco por Chicago — disse ele a Badger.

— Claro, é um ótimo lugar para amadores.

Era mesmo um caso perdido, Badger: um menino de calças curtas, copiando a fala do bandido de algum filme. Um alvo ambulante.

— Você cresceu — comentou Dexter, conseguindo manter um ar sóbrio. — Jimmy.

Finalmente reconhecido, Badger ficou mais expansivo.

— Você me expulsou do seu carro uns meses atrás, deve se lembrar disso.

— Vagamente.

— Foi a melhor coisa que você podia ter feito.

Dexter ficou alerta. A lisonja era um anestésico, quase sempre aplicado antes de um tratamento menos agradável.

— Você me ensinou a não falar muito — continuou Badger.

— E agora você veio me agradecer, é isso?

— Imagino que sim.

— Acho isso tocante. Mas agora estou com o tempo curto. Tenho um compromisso com hora marcada.

— Seu compromisso pode esperar.

Dexter lançou-lhe um olhar demorado.

— Você não pode me dizer a que horas ou a qual lugar devo ir, Badger — afirmou ele com toda a calma. — Eu é que digo a você.

— Jimmy.

Dexter se levantou, impaciente para entrar logo em movimento. Como esperava, os homens de Badger bloquearam seu acesso à porta, olhando para ele com as armas na mão e expressões de asco no rosto.

Era a hora da inspiração que Dexter sempre tinha conseguido invocar em situações semelhantes ao longo dos anos. Como restaurar a ordem e a autoridade — punir, humilhar e corrigir — sem causar danos letais? Um dedo quebrado, certo. Uma fratura no tornozelo. Nada mais sério do que isso.

Dexter sorriu para Badger.

— Eu perguntei no começo da conversa o que podia fazer por você — disse ele. — Você não tem como responder sem a artilharia pesada?

— É a minha vez de lhe ensinar uma coisa — retrucou Badger. — De retribuir o favor, por assim dizer.

A bebida produzira efeito instantâneo em Kerrigan, talvez por ser tão magro. Ele fez uma expressão de espanto e, depois, um ar desorientado; em seguida, ficou apenas sentado, imóvel, os olhos fixos em Dexter, em um silêncio aturdido. Dexter nem se deu o trabalho de simular surpresa. Não precisavam conversar mais nada além do olhar que trocaram: nenhuma recriminação, nenhuma explicação. As regras eram claras para todos. A cabeça de Kerrigan desabou na mesa menos de cinco minutos depois que ele esvaziou sua dose de bebida. Alguma coisa na postura dos seus ombros fez Dexter imaginar que ainda poderia endireitar o corpo. Ficou esperando, observando a respiração pausada do amigo enquanto a lenha estalava na fornalha de ferro. Só depois de sacudir o ombro de Kerrigan e sentir que seu corpo ameaçava escorregar para o chão no sono gelatinoso dos drogados, Dexter levantou-se de sua cadeira e bateu em uma janela para convocar o patrão e seus rapazes, que esperavam no barco.

— Você acha que não tem ninguém acima de você — disse Badger.

— Todo mundo tem alguém acima de si, menos Deus — respondeu Dexter. — Nem por isso quem manda em mim é você, Badger.

— *Jimmy!* — rugiu Badger, batendo com as palmas das duas mãos na mesa. — Quantas vezes vou precisar repetir, caralho? Você anda conversando tanto com as estrelas de cinema que ficou de miolo mole?

— Badger combina mais com você.

Deus sabe quantas vezes Dexter já tinha escapado de recintos fechados cheios de gente armada. Mas fazia algum tempo. Das outras vezes, era mais jovem, mais rápido, alguns quilos mais leve, sem tanto a perder se a cortina baixasse antes da hora. Aqui, o objetivo não era sobreviver: era transmitir a mensagem certa. O que interessava era dar um exemplo sem matar ninguém.

— Você acha que eu não posso fazer nada com você — disse Badger. — Estou vendo na sua cara.

— Não tenho ideia do que você acha.

Mas era verdade. Badger não podia fazer nada com ele.

Nesse instante, uma incongruência chamou a atenção de Dexter: a ligação

de Frankie Q. tinha acontecido de manhã cedinho, quando Badger ainda nem tinha acordado do seu sono de beleza. Como o sr. Q. sabia que Dexter não iria imediatamente até a garagem de barcos? Saberla por onde Dexter tinha andado?

Se fosse assim, Dexter tinha entendido toda a situação ao contrário: a lição se destinava *a ele*, e o sr. Q. não desejava que ensinasse nada a ninguém, mas que se arrependesse do que tinha feito. Toda aquela encenação amadorística era para a proteção do próprio Dexter: manter tudo em família, evitar uma repreensão pública ou que alguém corresse um perigo real. O fato de não ter considerado essa possibilidade era um lapso incomum para Dexter, talvez uma consequência da dor de cabeça que sentia. Aquele mergulho teria interferido em sua inteligência? Agora ele via claramente qual era a expectativa em relação àquele encontro: ele se humilhar diante de Badger, e a notícia da sua humilhação reconfortaria o sr. Q. enquanto este estivesse removendo a proteção das suas parreiras, agora que o tempo estava mudando. Dexter continuaria como antes, mas preso a uma trela mais curta. E Badger seria transformado em Jimmy, seu igual.

Tudo isso seguia uma direção tão previsível quanto o nascer do sol. Na outra, o panorama era bem menos claro: uma paisagem impossível de enxergar, indistinta, à meia-luz, obliterada por uma nuvem de poeira. Um mistério.

O sr. Q. era um velho. Àquela altura, um homem muito velho.

Dexter estava cansado de se humilhar. Tinha se humilhado quase a vida inteira. E a verdade é que não precisava mais. E sabia bem disso, tanto quanto o próprio sr. Q.

Com uma agilidade que não sabia mais possuir, agarrou com as duas mãos a garganta dos homens de Badger e apertou até sentir a cartilagem estalar. Os dois dispararam a esmo. Uma das balas deve ter atingido Badger, porque alguém gritou, e a dor se espalhou por todo o recinto. E então Dexter caiu no chão com as mãos na barriga, lembrando que o negro tinha lhe falado de possíveis cólicas depois do mergulho.

Mas não era efeito do mergulho. Badger tinha atirado nele pelas costas.

O rapaz se aproximou, olhando de cima para ele, o rosto tomado pelo espanto sombrio de quem contempla um incêndio. Naquele instante, Dexter entendeu que seu assassinato tinha sido aprovado. Mas como? Que reordenação radical do mundo teria ocorrido para tornar isso possível? E a resposta lhe ocorreu com uma certeza fria: seu sogro o tinha renegado. O velho o entregara à própria sorte.

Badger estava de pé ao lado dele, com a arma erguida e pronta. Como todo matador falastrão, queria ser ouvido pela vítima antes de acabar com ela. Enquanto Dexter desse a impressão de que estava escutando, continuaria vivo. Fixou os olhos no rosto do seu carrasco, enquanto os contornos do que havia acontecido se revelavam como se emergindo de um nevoeiro: George Porter

tinha contado tudo, por medida preventiva, com medo de ser exposto. O canal que Dexter tanto desejava que existisse entre o velho e o sr. Q. tinha sido criado, ou talvez já existisse havia muitos anos. E os dois tinham decidido o seu destino.

Badger falava muito, aparentemente lisonjeado pela atenção cativa de Dexter. Mas Dexter não ouvia uma palavra sequer. Fugiu aos confins de sua mente como um barco que se afasta do porto assim que as amarras se desprendem. Logo se viu em mar aberto, com a umidade da noite no rosto. O patrão estava a seu lado, ereto e imponente, ainda intocado pelo derrame. Kerrigan encontrava-se caído no fundo do barco.

— Você vai se lembrar do lugar? — perguntou Dexter ao patrão.

— Eu nunca esqueço.

— E se mandarem você esquecer?

O patrão ergueu as mãos, cruas e nodosas como bezerros recém-nascidos.

— Eles podem mandar nelas — disse ele, mas depois, batendo na cabeça com a ponta de um dedo, acrescentou: — Não aqui.

Os homens de Dexter enrolaram as correntes em Kerrigan e as prenderam ao peso. Ninguém queria que ele subisse à tona em abril, depois do degelo. Agora, tendo visto aquela corrente, Dexter sabia que nada do seu amigo tinha ficado preso a ela — nem um osso, nem um pedaço de pano, nem o chapéu, nem um pé de sapato. E essa descoberta inesperada o deixava cheio de esperança. A conclusão a que tinha chegado na noite anterior voltava a lhe ocorrer agora com uma clareza irresistível: emergindo das águas escuras do porto, tinha sentido que os limites do próprio corpo se dissolviam, e uma correnteza surgia dentro dele, levando à promessa de um futuro brilhante. O que ele vinha se esforçando tanto por fazer, já tinha feito! Ele era um americano! O desejo e as vontades que fervilhavam em suas veias tinham ajudado a dar forma ao que aconteceria em seguida, fosse lá o que fosse.

— Você está sorrindo — disse Badger. — Sabe de alguma coisa que eu não sei?

Mantendo os olhos fixos em Badger, Dexter aprofundou a pausa que veio em seguida; dividiu a pausa ao meio, e depois novamente ao meio, decidido a nunca chegar à margem oposta. Recaiu então na imobilidade, a escuridão o tragando como as águas do porto, enquanto no barco descoberto ele tinha ajudado seus homens a erguer o corpo acorrentado de Kerrigan, atado a um peso, atirando tudo por cima da amurada.

Eddie só tinha ficado imóvel pelo tempo necessário para não ser mais visto pelos homens a bordo do barco. Em seguida, dera início às contorções espasmódicas que vinha praticando mentalmente desde o momento em que fingira desmaiar: hesitante no início, esperando que Styles se levantasse a qualquer momento para vir lhe perguntar o que estava acontecendo. Eddie tinha uma ideia prévia do que podia lhe ocorrer, e aparecera na garagem de barcos armado de alguns truques dos seus tempos de *vaudeville*: lâminas de

barbear no forro das calças, um pino para abrir cadeados preso entre a gengiva e a bochecha. Teve medo de engolir o pino quando simulou tomar a bebida, mas nem tinha precisado fingir. Styles desviou o olhar, e Eddie despejou o conteúdo do copo por cima do ombro.

Tinha deixado todas as suas coisas em ordem, a segunda caderneta do banco aberta na cômoda para Agnes, que não sabia de nada. Tinha sido a única condição que impusera a Bart Sheehan: sua mulher nunca poderia saber de nada, mesmo que o pior lhe acontecesse. Especialmente nesse caso. Se soubesse, iria querer agir, e Eddie preferia ser lembrado como o pior dos delatores do que correr o perigo de Agnes aplicar sua obstinação à pergunta de quem tinha acabado com ele. O risco seria grande demais. Todos os dias homens abandonavam suas famílias: canalhas que Eddie sempre tinha dito que mereciam ir para a cadeia. Ainda assim, caso fosse morto, Eddie decidiu que queria ser lembrado como um deles. E repisava tanto essa decisão que às vezes se surpreendia de ainda estar vivo, ainda em casa, onde sua presença já se tornara supérflua. Ele tinha sido importante para Anna, mas não era mais. Podia ser até um alívio para a filha ver-se livre dele.

A corrente e mais o peso o puxavam tão depressa para baixo que ele achou que seu crânio poderia ser esmagado pela pressão da água, uma noz debaixo do tacão de uma bota. Suas contorções conseguiram desprender uma das pernas, depois, um braço, e finalmente ele se soltou da corrente e do peso, que continuaram seu mergulho até o fundo. Um homem inconsciente nunca era acorrentado com a mesma diligência do que um homem acordado.

Começou a dar pernadas descontroladamente, os pés calçados só de meias, dando braçadas na direção que esperava ser o alto, a direção do ar, mas só chegava a mais água, só água, a ponto de lhe ocorrer que podia estar nadando por engano no rumo errado. Seu coração começou a bater mais lentamente e suas pernas foram ficando pesadas à medida que a inconsciência começava a chegar, com seu toque rombudo e saburroto. Finalmente alcançou a superfície, arquejando sem fazer muito barulho. E foi então que esteve mais perto de se afogar, pois não lhe restava mais força alguma. Estendeu-se de costas na água, sob o céu noturno amarelado, movendo as mãos como nadadeiras para permanecer boiando. Respirou, respirou, e foi salvo pela densidade da água salgada.

Precisou de muito tempo para reunir forças e partir à procura de algum trecho de costa. Não estava no Brooklyn. Começou a nadar, aproveitando o pouco calor do verão que ainda restava na água. Seguiu nadando até bem depois de exaurir seus últimos recursos, como se raspasse o fundo de um pote vazio na esperança de encontrar mais um pouco lá dentro, *mais um pouco, mais um pouco, mais um pouco* — e milagrosamente havia sempre mais, a quantidade exata de que precisava para mais uma braçada.

Foi dar na costa sul de Staten Island, perto de um pequeno atracadouro. Um pescador tinha ficado à beira-mar mais tempo do que o usual, tentando

capturar um cardume de robalos, e por isso ainda havia luz suficiente para ver aquele corpo que a maré depositara na lama da margem. Imaginou que fosse um cadáver e temeu a longa caminhada até o telefone mais próximo para contar o que tinha encontrado, mas depois que amarrou seu barco e olhou de novo, percebeu que o corpo tremia.

Sua mulher encheu a banheira e continuou a acrescentar água fervente até a temperatura ficar morna. Puseram Eddie na água, e o homem o segurava pelas axilas enquanto sua mulher punha mais panelas no fogo e ia aquecendo o banho aos poucos, ao longo de várias horas, até a água ficar quase quente. Quando finalmente Eddie parou de tremer e seu rosto recuperou alguma cor, os dois o enxugaram, untaram seu corpo com lanolina, enrolaram-no em edredons de plumas e o deixaram deitado em uma esteira de palha, diante de uma fornalha acesa. O pescador encostou o ouvido no peito de Eddie e achou seu ritmo mais forte, mais regular do que antes.

Eddie acordou febril, tentando distinguir algum rosto conhecido, mas viu apenas uma mulher com uma mecha branca na parte da cabeça em que repartia os cabelos. Às vezes, um homem também aparecia e apalpava a testa e o peito de Eddie com as mãos cheirando a peixe. Eddie brigou com os dois: tinham roubado seu relógio de bolso. Falaram em levá-lo para um hospital. *Não*, ele murmurou. *Não!* E obrigou-se a nunca mais falar do relógio.

Quando a febre cedeu, sentou-se em uma cadeira da cozinha, enrolado em um edredom. Harlan, o pescador, serviu um copo de destilado incolor para cada um, com gosto de pão de centeio. Seu neto fazia deveres da escola sentado à mesa próxima à fornalha. Harlan era filho de noruegueses, nascido ali mesmo. Ainda menino, tinha começado a pescar com o pai, fornecendo lagosta para os restaurantes especializados da área, o Rector's, o Café Martin e o Shanley's, em uma época em que os pescadores se divertiam comentando o apetite descomunal do magnata Diamond Jim Brady e de sua companheira, a atriz e cantora Lillian Russell: catorze lagostas, os dois, em uma só noite, e a dama acabara tirando o espartilho. Eddie escutava, com a própria história já pronta — *caí de um navio* —, mas nunca lhe perguntaram o que estava fazendo na água. E ele entendeu. Saber dos problemas de outro homem equivalia a torná-los seus, e Harlan já mal conseguia sobreviver, pescando para alimentar a família e trocando seus peixes com os vizinhos por ovos, maçãs e leite.

A cada novo dia, Eddie sentia a presença de sua vida, tão próxima dali, pressioná-lo mais. Estava exaurido demais para bolar um plano. Precisavam fugir de Nova York — mas para onde? Para Minnesota, à procura da família de Agnes, que o tratava com tanto desprezo? Ele acabaria morrendo naquele lamaçal de animais barulhentos, a centenas de quilômetros do mar. Para algum lugar onde não conhecessem ninguém? Eddie preferia persistir em sua convalescença, fechando os olhos e tentando dormir.

Mas Harlan entendeu.

— Você já está bem. Amanhã você me diz onde quer que eu te deixe.

Ao amanhecer, transportou Eddie até o píer do West Side. Um cargueiro do Brasil tinha acabado de deixar a quarentena, e centenas de homens esperavam ansiosos pela partida, coçando-se, fumando, olhando para o rio. Depois da morte de Dunellen, Eddie não sabia mais quem decidia as contratações dos estivadores. Era setembro de 1937.

Ele ficou ali parado, as mãos nos bolsos das calças frouxas que Harlan tinha lhe dado, os olhos quase encobertos por um boné. O casco enferrujado do *Sea Cow* esfregava-se no cais como uma cadela roçando o couro sarnento em um tronco de árvore. Navio errante sem rota definida, excretava de má vontade sua carga de melões, borracha e cocos. Tinha um ar de complacência preguiçosa, como uma velha prostituta que soubesse ser a única da praça. Depois que a manhã inteira foi gasta no desembarque da carga, Eddie subiu a rampa como tinha visto tantos criminosos, vigaristas e viciados fazerem ao longo dos anos, sempre impressionado com o grau de desespero que podia impelir alguém a dar esse passo. Sua contratação foi totalmente informal, nenhum papel assinado, e o trabalho era de carvoeiro: a posição mais baixa da casa das máquinas. Mas, enquanto descia as escadas escorregadias que levavam às entranhas fervilhantes do navio, Eddie considerou-se um homem de sorte. Tamanho era o seu medo de voltar para casa.

VINTE E SEIS

Três dias depois da dispersão do comboio — dias enervantes, de céu sem nuvens e um mar calmo que obrigava o navio a se deslocar dia e noite em zigue-zague, até a frustração do comandante contagiar todos a bordo —, o barômetro, piedosamente, começou a baixar. Sparks datilografou a previsão do tempo para o dia, e a levou para o comandante Kittredge em sua sala de trabalho. Estava prevista uma grande tempestade. Eddie ouviu os gritos de comemoração que o comandante soltou na casa do leme.

No momento em que todos foram convocados a seus postos, o céu estava encoberto e soprava um vento forte. O capitão recomendou ao imediato que suspendesse as variações evasivas da rota, embora a tempestade só estivesse na verdade prevista para o início da manhã seguinte.

— Mesmo com o mar ainda calmo, comandante? — perguntou o imediato.

— Exatamente por isso — respondeu Kittredge. — A tempestade vai voltar a nos fazer perder velocidade; é a chance que temos de ganhar algum tempo.

Durante o turno de vigia de Eddie, de oito à meia-noite, o *Elizabeth Seaman* continuou a operar sua mágica habitual, avançando a uma velocidade regular de doze nós. O barômetro continuou em queda, ao que as portas foram fechadas e presas com ganchos para impedir que ondas invadissem o castelo central. Farmingdale rendeu Eddie à meia-noite, juntamente com Roger, o praticante, que agora compartilhava os quartos de vigia com Farmingdale. Eddie e o imediato tinham planejado a mudança; da Cidade do Cabo em diante, ninguém mais tinha confiado no primeiro oficial.

Quando Eddie se preparava para dormir, o navio jogava em um mar cada vez mais encapelado. Subiu até o passadiço uma última vez para ver como estava Roger, que tinha ficado nauseado e em pânico quando o *Elizabeth Seaman* tivera de enfrentar os Quarenta Rugidores.

— Eu sei que você não gosta de mar agitado — disse ao praticante —, mas lembre que os submarinos alemães também não gostam.

— Eu mudei — falou Roger com um orgulho contido. — Estou me acostumando ao mar.

Eddie viu uma diferença no praticante: Roger tinha superado seu desequilíbrio e sua hesitação, e agora parecia mais alto, ou talvez tivesse de fato crescido ao longo da viagem. Eddie postou-se ao lado dele, observando o mar. O vento cada vez mais forte tinha afastado os estratos e agora trazia cúmulos altíssimos. Um quarto de lua se revelava de tempos em tempos, como se piscasse em código Morse. Eddie cruzou para o lado de bombordo do

passadiço, onde estava Farmingdale, e sentiu que o primeiro oficial ficou tenso. Seu desconforto palpável, juntamente com aquela lua inoportuna, deixou Eddie inquieto. Farmingdale olhava para o mar, mas era difícil dizer o que via, ou mesmo se via alguma coisa. Trazia o binóculo pendurado no pescoço.

— Posso pegar o binóculo emprestado, oficial?

Farmingdale entregou-lhe o instrumento. Eddie subiu até o passadiço e deu uma volta completa na chaminé, os olhos sempre grudados no binóculo. A lua desapareceu por trás das nuvens, e as ondas do oceano quase não recebiam luz alguma. Dois pontos à popa na direção de bombordo, ele viu uma forma escura e retilínea. Piscou os olhos, baixou o binóculo, e depois tornou a erguê-lo. Continuava lá: uma linha reta que não existia na natureza. Só podia ser a torre de um submarino — a parte do casco que aparecia à superfície da água —, mas, ainda assim, a dúvida tomou Eddie de assalto ao mesmo tempo que gritava para Roger, ao pé da escada:

— Vá chamar o comandante. Eu dou o alerta.

O comandante Kittredge chegou ao passadiço em questão de segundos. Empurrou Farmingdale para um lado e empunhou o binóculo. E então gritou para Red, o marinheiro de convés no timão:

— Tudo para a direita! — Para Eddie, agora a postos no telégrafo de comunicação com a casa de máquinas, ele disse: — Tudo à frente. O máximo de giro do motor.

Eddie transmitiu a ordem para a casa de máquinas e sentiu a vibração correspondente na sola dos pés quando os maquinistas aceleraram ao máximo. Red deu uma guinada brusca no timão. O alarme dos alojamentos levou a tripulação inteira para o convés, e os homens corriam para as suas posições junto às armas usando os seus “Mae West”, o apelido carinhoso dos coletes salva-vidas. Usando o telefone do passadiço, o tenente Rosen ordenou que o canhão de cinco polegadas da popa disparasse na direção da torre do submarino. Uma explosão irrompeu na escuridão e ao vento, mas a torre submergiu intacta. De todo modo, os submarinos não andavam a mais de sete nós debaixo d’água. O *Elizabeth Seaman* podia deixá-lo para trás sem dificuldade.

Eddie estava atento, pronto para operar o telégrafo. De repente, Roger estava gritando bem junto ao seu rosto. O praticante apontou, e Eddie viu uma segunda torre de submarino totalmente exposta, a três pontos de distância da proa, a estibordo. A guinada para a direita os tinha empurrado na direção do segundo submarino. No mesmo momento, uma explosão sacudiu o navio inteiro. Escotilhas se abriram com estrondo e várias vergas suspensas desabaram no convés. O *Elizabeth Seaman* estremeceu e sua chaminé vomitou uma bola de fogo cujo brilho alaranjado iluminou toda a tripulação reunida no convés, levantando voo em seguida e pousando, crepitante como um sol gigantesco em dissolução, bem em cima das águas do mar. Todos sentiram um cheiro forte de combustível queimado, seguido por um silêncio profundo quando os

motores do navio pararam de funcionar.

Eddie disparou escada abaixo, atravessando o castelo central às escuras na direção da casa de máquinas. As luzes de emergência dos anteparos acendiam-se quando alguém lhes dava um quarto de volta, e ele foi girando algumas enquanto descia, sentindo na boca o gosto da poeira oleosa. Viu a fumaça saindo pela porta da casa das máquinas. Ochylski, o segundo oficial de máquinas, surgiu cambaleante, ensanguentado e coberto de óleo.

— A caldeira explodiu — disse ele, arquejante.

Eddie passou por ele e desceu ainda mais, escorregando pelos corrimãos de metal, os pés mal tocando os degraus. Mas não conseguiu chegar às máquinas; as chamas já estavam altas demais. Ninguém de serviço naquela área teria sobrevivido. Correu até seu camarote, vestiu o colete salva-vidas e pegou uma lanterna e o pacote que tinha preparado para a hipótese de abandonarem o navio. Ouvia um disparo do canhão de três polegadas da proa, juntamente com o de cinco da popa, e imaginou os submarinos inimigos submergindo para se desviar dos tiros e mergulhando no mar agitado, incapazes de disparar novos torpedos. No convés do navio, amarrou seu pacote, que continha roupas, um sextante, cigarros, conhaque e seu folheto “Como abandonar o navio”, dentro do bote salva-vidas que deveria ocupar, o de número quatro. Os turcos já estavam virados para fora, mas Eddie hesitou em baixar os botes salva-vidas com os ventos fortíssimos que sopravam, antes que soasse a ordem de abandonar o navio. Enquanto o fogo pudesse ser contido nos porões e o *Elizabeth Seaman* se mantivesse estável, era muito mais seguro para a tripulação enfrentar a tempestade a bordo do navio do que distribuída em botes salva-vidas.

O segundo torpedo deu a impressão de explodir diretamente no esterno de Eddie. Devia vir do primeiro submarino, ou talvez de um terceiro que não tinham avistado, pois atingiu o navio logo abaixo da linha d’água a estibordo, um pouco à frente do castelo central, entre o porão quatro e o cinco. Logo em seguida, ouviu-se um estrondo que sacudiu as profundezas do navio. Era um som inédito para Eddie, mas ele sabia ser o oceano invadindo os porões do *Elizabeth Seaman*. Quase na mesma hora, toda a ré do navio começou a inclinar-se para a água. O comandante Kittredge deu a ordem de abandonar o navio, o que produziu uma atmosfera quase onírica, uma confusão amplificada pela escuridão e pelo mar agitado que golpeava o flanco da embarcação, morta como um gato tentando despertar um camundongo exausto. Pugh, o velho terceiro cozinheiro, ainda estava em seu posto no passadiço junto à metralhadora de vinte milímetros. Eddie pegou o braço do velho marinheiro e o mandou embarcar imediatamente no seu bote salva-vidas, o número dois — ele sabia de cor as listas dos tripulantes de cada um dos botes. Na ponte, saiu à procura de Sparks, que enfiava os livros de código nas maletas perfuradas de metal em que deviam submergir.

— Você precisa ir logo para o seu bote salva-vidas — disse Eddie. — O

número um.

— Está com pressa por quê, porra? — perguntou Sparks com uma risada.
— Nenhum babaca me respondeu ainda; vou mandar mais um SOS.

O rádio, agora alimentado por baterias auxiliares, parecia singularmente vivo no navio queimado. Eddie se ofereceu para carregar o rádio de emergência até o bote salva-vidas do comandante. Sparks deu-lhe um beijo no rosto.

— Porra, que Deus te abençoe, segundo oficial.

Eddie agarrou o rádio de emergência, um objeto de tamanho considerável, que ficava na casa do leme. A impressão era de que o tempo tinha se dividido em várias bifurcações paralelas que lhe permitiam andar não só para a frente, mas também para os lados, tornando possível realizar qualquer coisa mesmo que a inclinação do *Elizabeth Seaman* estivesse ficando mais e mais pronunciada. No convés lotado, Eddie pôs o rádio no bote número um, o do comandante. Do outro lado do navio, a estibordo, o bote salva-vidas do imediato já tinha zarpado: dois homens remavam, e os demais se mantinham agachados no fundo para tentar estabilizar a pequena embarcação nas ondas imensas, que a empurravam de volta na direção do casco do navio. O contramestre estava ajoelhado na cana do leme, e, mesmo com toda a ventania, Eddie escutou suas ordens e sabia que o bote número dois conseguiria escapar.

Onde deveria estar seu próprio bote salva-vidas, encontrou Ochylski, seu sucessor no comando, parado ao lado dos turcos e olhando para baixo. O bote tinha sido baixado sem os passageiros, e agora oscilava, inútil, a sota-vento do *Elizabeth Seaman*.

— O que aconteceu, cacete? — gritou Eddie em volume mais alto do que o barulho do vento.

— Ele simplesmente... despencou — respondeu Ochylski.

Seu rosto estava lívido debaixo de uma camada de óleo combustível, com um ar vazio sem o cachimbo. Tinha entrado em choque, Eddie concluiu, e talvez tivesse desprendido o bote por acidente.

— Não faz mal — disse Eddie, tentando conter sua necessidade habitual de encontrar um culpado.

Aqueles botes salva-vidas de pontas iguais eram espaçosos, e havia lugar de sobra para todos os tripulantes nos dois que haviam sobrado. Diretamente do outro lado do navio, a estibordo, o bote de Farmingdale estava sendo baixado em um mar agitado, enquanto um bando de homens se preparava para descer pelas cordas assim que ele chegasse à água. O bote número um, o do comandante, estava a ponto de ser baixado. Eddie ficou parado de pé na chuva enviesada. Experimentava uma estranha relutância em abandonar o *Elizabeth Seaman*. Sentiu nas solas dos pés as explosões submarinas quando a água do mar invadiu os corredores e chegou à caldeira quentíssima do navio. Em meio a jorros esparsos de cinzas da chaminé, ele viu a parte do convés que com tanto

trabalho tinham preparado para o transporte de carga: os tanques, os jipes. Tanto esforço e cuidado, tanta despesa. Parecia muito pouco sair dali salvando apenas as próprias vidas.

Então se lembrou de Sparks. O operador de rádio devia embarcar no bote número um, o do comandante, mas, quando passou em revista o grupo de homens que se preparava para descer pelas cordas, Eddie não viu o amigo. Voltou para o castelo central, agora inclinado em um ângulo impossível, e foi subindo até o convés. Encontrou Sparks em sua cadeira, inerte como o rádio, e o forçou a pôr-se de pé.

— Me deixa em paz, cacete — disse Sparks com voz fraca.

— Levanta daí, seu merda.

Enfurecido, Eddie colocou Sparks nos ombros e saiu carregando o operador lentamente, como se descesse ladeira abaixo, até o convés do navio.

— Filho da puta intrometido — murmurou Sparks.

Todos os quatro botes salva-vidas tinham sido lançados, e o convés do navio estava deserto. Através das grossas cortinas de chuva, Eddie viu a popa do *Elizabeth Seaman* submersa até meio caminho do mastro da mezena, com as ondas varrendo sua torre de canhões de popa. A sota-vento, um pontão tinha se soltado automaticamente de seu encaixe e boiava agora ao lado do convés. Sempre carregando o operador de rádio nas costas, sentindo o impacto do aparelho de metal das pernas dele nas próprias pernas, Eddie desceu uma escada até o convés principal. Começou a caminhar de lado por uma inclinação digna das ladeiras de São Francisco, tomando todo o cuidado para não escorregar no metal molhado do convés. Levou Sparks até onde o pontão flutuava, puxou-o para si pela corda e, por cima da borda, em parte atirou e em parte deixou rolar o corpo de Sparks até a armação de madeira do fundo do pontão. Ainda inclinado na direção do objeto desprendido, por cima da amurada do navio, Eddie ouviu um som de trovão logo acima da cabeça: era a carga que se soltava do convés de proa do navio, já quase na vertical. Tanques e jipes desprendiam-se das correntes rebentadas e rolavam convés abaixo como pedras soltas, esmagando mastros e vergas, ricocheteando no castelo central e desabando no convés de popa em explosões de peças de metal antes de despejar-se no mar. Eddie tentou cortar o cabo que prendia o pontão ao navio, temendo que ele e Sparks acabassem esmagados por aquela avalanche. Mas o cabo era de aço, e sua faca não conseguiu cortá-lo. O *Elizabeth Seaman* gemia e estremecia em uma agonia de metal atormentado enquanto Eddie fazia força para soltar a machadinha que vinha presa a cada pontão. Mas antes que pudesse tentar cortar o cabo, o navio soltou um grunhido doloroso, primordial, e afundou no mar, puxando o pontão com ele para as profundezas. Eddie e Sparks se viram largados na água. Ele agarrou o operador de rádio pelo peito e se preparou para ser sugado por um rodamoinho, tendo a súbita lembrança física de sustentar seus dois amigos nos braços, em Rockaway Beach.

— Prenda a respiração! — gritou para Sparks.

Mas não houve rodadoiro. O mar só borbulhou e espumou onde antes o navio flutuava, empurrando Eddie e Sparks para longe.

Eddie olhou à sua volta, procurando desesperadamente pelos botes salva-vidas, mas naquela chuva, na escuridão e no meio das ondas imensas, não se via nada. Distinguiu um aglomerado de luzinhas vermelhas dos coletes salva-vidas: algum outro pontão, provavelmente, repleto de homens. De costas na água e segurando Sparks pelo peito, Eddie começou a bater pé, seguindo na direção das luzes. O operador de rádio era muito leve, um feixe de ossos e carne que nem sequer vestia um casaco, quanto mais um colete salva-vidas. Eddie sentia a convulsão nas águas abaixo de onde se encontravam enquanto o navio afundava mais e mais. A superfície do mar ficou coberta de óleo: ele sentiu o teor químico que invadia seus olhos e narinas. Bateu os pés enquanto dava uma ou outra braçada, virando-se às vezes para verificar se estava na direção certa. Ainda segurava Sparks quando, depois de algum tempo, alguém o puxou. Ao finalmente abrir os olhos, viu-se ao lado de Bogues, um dos artilheiros da Marinha.

— Você nada muito bem — disse Bogues.

Eddie começou a vomitar água salgada na madeira do fundo do pontão. Sparks também golfava, o que devia significar que tinha sobrevivido. Ao mesmo tempo que ele despejava aquele vômito cheirando a óleo no mar que cheirava a óleo, a mente de Eddie não parava de trabalhar, organizando os sobreviventes: Bogues deveria estar no bote de Farmingdale, o número três. Por que estava ali, a bordo de um pontão? Será que o bote número três tinha afundado? Cada pontão era composto de duas estruturas trançadas de madeira de três por 3,5 metros, dos dois lados de tambores de aço vazios que garantiam sua flutuação. Eddie enganchou o braço em uma dessas armações e segurou firme. As ondas eram enormes, mas a viscosidade do óleo derramado as impedia de quebrar, permitindo ao pontão superar cada uma deslizando a partir da crista. Eddie levantava a cabeça com frequência, à procura do navio, mas nada mais havia no lugar onde sete mil toneladas de aço soldado, transportando nove mil toneladas de carga, flutuavam apenas trinta minutos antes — nem uma depressão, nem um aglomerado de bolhas para lembrar aquele veículo mágico em que tinham dado meia volta ao mundo.

Por Bogues, deitado a seu lado, Eddie ficou sabendo que o bote número três tinha se partido contra o flanco do navio, empurrado pelas ondas. Todo mundo tinha chegado ao pontão, menos o maquinista ferido, que havia desaparecido nas ondas.

— Ochylski afundou? — perguntou Eddie, alarmado.

Mas o artilheiro nem sabia o seu nome, e Eddie se recusava a acreditar que fosse Ochylski. Imaginou o oficial de máquinas agarrado ao cabo que dava a volta em todo o pontão, sorrindo com ironia diante de toda aquela provação. Com Eddie e Sparks, eram 29 a bordo da balsa, informou Bogues, quatro a

mais do que oficialmente ela poderia suportar.

E agora a tempestade despejava-se com tudo sobre eles, tentando removê-los do pontão como fragmentos de comida alojados entre seus dentes. Ao clarão de cada relâmpago, Eddie contava o número de corpos que ainda restavam, com a esperança louca de um apostador depois de uma série de vitórias — quatro vezes sete —, sim, e mais ele próprio: 29. O pontão escalava ondas tão imensas que ele temia que pudesse virar para trás, lançando os homens longe e afogando Sparks, que ele tinha amarrado à madeira do fundo com seu cinto. Mas todas as vezes o pontão ultrapassava a crista da onda e deslizava até o pé da seguinte, para começar mais uma ascensão. Depois de algum tempo, Eddie parou de contar quantos eram e estendeu o pé para alcançar o suporte de metal da perna de Sparks. O braço com que se agarrava às tábuas do fundo do pontão estava duro, como se tomado pela rigidez cadavérica. Não sabia mais onde ficava o alto ou o baixo. De tempos em tempos, caía em um sono atormentado. E uma luminescência reluzia no mar: era o plâncton, Eddie sabia, pois já tinha visto o fenômeno no Pacífico. Agora, seu brilho parecia emanar das profundezas do oceano: do *Elizabeth Seaman* e de outros navios perdidos, centenas de naufrágios acumulados ao longo dos séculos, acenando do fundo do mar.

O amanhecer lançou uma luz suja sobre um mar muito confuso. O pior da tempestade havia passado. Seis dos náufragos tinham desaparecido: o primeiro cozinheiro; o marinheiro de convés conhecido como Red; um artilheiro; um faxineiro; um taifeiro; e Pelemonde, um moço de convés sonhador muito querido pela tripulação. Bogus ainda estava a bordo do pontão, junto com Farmingdale, os dois praticantes e um grupo em que se misturavam guardas-marinhas, moços de convés, foguistas e Sparks, amarrado ao piso do pontão pelo cinto de Eddie. Pugh, o velho marinheiro, também se mantinha a bordo. *Homens de ferro em navios de madeira*. Por muito tempo ninguém disse nada, todos assimilando a perda dos companheiros. Para Eddie, entre eles estava Ochylski, que não via em lugar nenhum.

Farmingdale era o oficial de maior patente, o que o punha no comando do pontão, com Eddie na posição de imediato. Apesar de todas as reservas que sentia em relação a Farmingdale, Eddie ficou feliz de ter a bordo o responsável pela navegação do navio. E melhor ainda, Sparks contou que seu chamado de SOS havia obtido resposta, e portanto tinham uma boa chance de serem resgatados assim que a tempestade amainasse.

Ao meio-dia, em meio a pancadas ocasionais de chuva, alguém avistou, no meio das ondas, um bote salva-vidas ao longe, bem afundado na água — talvez superlotado. Empunharam os remos do pontão e Eddie passou cada um deles por uma laçada feita com um cabo — truque que tinha aprendido no seu panfleto. Um artilheiro e um foguista se puseram de joelhos e pegaram cada qual um remo, firmados na frente e atrás por dois homens que os seguravam. Quando conseguiram se aproximar a ponto de ver o bote com mais clareza,

descobriram que estava vazio e quase completamente tomado por água. Devia ser o bote salva-vidas de Eddie, o número quatro — o que tinha sido lançado antes da hora. Era muita sorte. Comparado com o pontão onde estavam, aquele bote era um verdadeiro palácio: umas oito toneladas de capacidade, abrigo, equipamentos e víveres, sem mencionar uma vela e uma cana do leme. O kit que Eddie tinha preparado para abandonar o navio estava amarrado dentro dele, contendo um sextante, cobertores e rações adicionais à prova d'água. Os cigarros estariam provavelmente encharcados, mas a garrafa de rum sul-africano seria muito bem-vinda.

Amarraram o pontão ao bote, e os homens se revezaram transferindo-se para bordo e esvaziando o bote com baldes. Eddie ficou confuso ao ver que o bote era o número dois — o do imediato —, mas que ainda assim trazia um saco amarrado no mesmo ponto onde ele próprio tinha amarrado o seu. Espantado, abriu o saco e viu que estava abarrotado de livros transformados em papa pela água do mar. Sentindo uma fígada de medo, Eddie entendeu: só havia uma pessoa no mundo que escolheria resgatar, de um navio quase a pique, um saco contendo apenas livros. E a última vez que tinha visto o contramestre havia sido na cana do leme do bote do imediato, o número dois, o primeiro a se desprender do navio.

Contou a Farmingdale o que havia descoberto.

— Eram dezessete homens a bordo desse bote, todos com coletes salva-vidas — disse Eddie. — Precisamos procurar os sobreviventes.

Farmingdale fez um gesto de descrença, mas Eddie insistiu até ouvir um coro de aprovação dos outros homens. Farmingdale deu de ombros e ficou no pontão, resmungando, enquanto os demais preparavam o bote para uma operação de busca. Pugh, o veterano, declarou que o vento ainda estava forte demais para abrirem a vela. Um conjunto de remos e forquetas de apoio tinha se perdido, mas encontraram remos e forquetas de reserva guardados. Remariam percorrendo um quadrado, com mil remadas em cada direção, soprando os apitos de seus coletes a cada cinco remadas. Todos, inclusive Farmingdale, trocaram o pontão pelo bote salva-vidas, mas deixaram-no amarrado a ele, por não saberem quantos sobreviventes poderiam encontrar. Eddie abriu com cuidado o cilindro de aço contendo as rações de emergência, e distribuiu uma porção de carne seca e dois tabletes de leite maltado para cada homem, além de 180 ml de água da jarra — cujo conteúdo tinha sido trocado quatro dias antes —, servidos no recipiente esmaltado que funcionava como medidor.

A audição de Eddie começou a pregar-lhe peças assim que se puseram a remar. Cada pausa parecia preenchida por gritos aparentemente humanos, mas completaram todo o lado leste do quadrado sem avistar ninguém. Viraram para o sul, com novos remadores. Ao final de trezentas remadas, vários homens ouviram o som fraco de um apito, e Roger deu um grito da proa. Bem a bombordo, Eddie distinguiu uma mancha indistinta que lhe pareceu um

aglomerado de destroços. Enquanto remavam lentamente em sua direção no mar agitado, viu que eram o contramestre e Wyckoff, amarrados um ao outro. Com todo o cuidado, estenderam remos para os dois e os puxaram por cima da amurada do bote salva-vidas. Os homens ficaram estendidos no fundo do bote, tomados por violentos calafrios, e depois perderam os sentidos. Sparks tirou a armação de metal da perna e se estendeu em cima da dupla encharcada, para tentar aquecê-los.

Ao pôr do sol, o céu abriu-se como uma escotilha, revelando seu outro lado exótico, cor-de-rosa e laranja. Tinham passado o resto do dia procurando, mas não acharam mais ninguém. As ondas ficaram mais moderadas, e Eddie distribuiu uma nova rodada de rações. Wyckoff e o contramestre conseguiram comer e beber, embora Wyckoff falasse pouco, e o contramestre não dissesse nada. Eddie achava estranho ver seu adversário de sempre imerso naquele silêncio. Era como se tivessem içado para bordo não o próprio contramestre, mas o seu fantasma.

Quando a noite caiu e o tempo ficou melhor, todos sentiram uma injeção de ânimo. A descoberta do bote salva-vidas era uma possível garantia de que estavam perto do ponto onde o *Elizabeth Seaman* tinha ido a pique; alguma ajuda deveria aparecer no dia seguinte. O melhor a fazer naquele momento era redobrar a atenção e deixar a correnteza levar o bote, correnteza essa que qualquer embarcação de resgate haveria de levar em conta para decidir o trajeto de sua procura. Baixaram a âncora de arrasto, um saco de lona de forma cônica preso à proa do barco, de maneira a mantê-la no rumo exato para onde fluíam as águas. Deixaram o pontão preso ao bote, para serem mais facilmente avistados por possíveis aviões de busca. Em seguida, combinaram os quartos de vigia e se revezaram dormindo recostados no fundo do bote, ainda vestindo os coletes salva-vidas, ou sentados nos bancos com a cabeça encostada na amurada. Eddie fez um risco com seu canivete no banco onde dormiu, assinalando que 24 horas tinham se passado desde o naufrágio do *Elizabeth Seaman*.

Acordaram tremendo, com as roupas encharcadas de orvalho. Eddie distribuiu rações de comida e água. Quando o sol despontou, Wyckoff lhes contou que uma onda inesperada tinha emborcado o bote número dois no meio da tempestade, derrubando no mar os dezessete homens que levava a bordo. Todos tinham conseguido ficar em volta do bote, agarrando-se aos cabos presos a suas amuradas e esperando uma oportunidade para desvirar o casco, quando um tubarão atacou o segundo cozinheiro. Ao som dos gritos dele, muitos homens saíram nadando em pânico; outros — entre eles Wyckoff e o homem ferido — conseguiram subir no fundo do bote virado. Mas o gesto acabou se mostrando um erro, pois quando uma onda voltou a desvirá-lo, viram-se no meio de um frenesi de tubarões. De algum modo Wyckoff conseguiu escapar. Mal conseguia nadar depois disso, mas seu colete o mantinha na superfície. Quando o dia amanheceu, avistou o contramestre, que

nadou até onde ele estava. Juntos, os dois vinham tentando alcançar o bote salva-vidas desde então.

Eddie não tirava os olhos do contramestre enquanto Wyckoff falava, imaginando o grau de terror que o sujeito enfrentara para ter recaído naquele silêncio.

Quando o sol ficou alto, ergueram o mastro do bote salva-vidas, e Eddie hasteou a bandeira amarela guardada junto com os mantimentos de emergência. Pouco depois do meio-dia, avistaram um avião voando baixo. Todos gritaram e pularam no bote salva-vidas e no pontão, abanando as camisas — menos o contramestre, que ficou sentado em silêncio no fundo da embarcação. O avião se afastou, aparentemente sem tê-los visto, uma decepção que abalou a todos. Ainda assim, ninguém duvidava de que estivesse em busca dos sobreviventes do *Elizabeth Seaman*, e ainda faltavam algumas horas para a noite cair. Quatro homens ficavam de vigia por quarto, cada qual virado em uma direção. Eddie forçava os olhos, fixos na linha do horizonte. Parecia sempre a ponto de avistar um navio, mas muitas horas de tempo quente e claro — um clima perfeito para uma operação de resgate — passaram sem que enxergassem mais nada.

Ao pôr do sol, todos os homens resmungavam, aborrecidos e famintos. Qual seria o problema daqueles aviões de merda? Os malditos pilotos eram cegos? Eddie não dizia nada. Só gostaria que Kittredge estivesse com ele. Era impossível imaginar um avião de resgate passar sem enxergar aquele homem de tanta sorte.

O contramestre continuava sentado, indiferente a tudo, no fundo do bote.

— Preguiçoso de merda, está ajudando muito — zombou Farmingdale, dirigindo-se aos outros.

Eddie sentiu que tentava provocar alguma resposta do contramestre, como se isso pudesse mudar a sorte dos náufragos. Eddie não sabia se era a melhor ideia.

— Todo mundo sabe que você fala — alfinetou Farmingdale. — E o segundo oficial aqui, melhor do que ninguém — acrescentou, lançando um olhar malicioso na direção de Eddie: um convite.

Eddie respondeu com um sorriso neutro.

No terceiro amanhecer, o vento se reduzira a uma simples brisa. Farmingdale achava que deviam deixar-se arrastar pela correnteza mais um dia antes de abrir a vela e tentar seguir no rumo de terra. Avistaram um navio muito distante, mas os pulos e gritos de todos não adiantaram nada. À última luz do dia, prepararam-se para começar a velejar na manhã seguinte, na tentativa de alcançar a extensa costa africana. O *Elizabeth Seaman* tinha naufragado a quase dois mil quilômetros a leste da Somalilândia. Farmingdale calculava que a correnteza os tivesse arrastado para o norte, o que os deixaria ainda mais perto de terra firme. Se conseguissem um bom vento de oeste para velejar, poderiam chegar à costa em quinze dias ou menos. Os mantimentos

combinados do pontão e do bote salva-vidas — complementados, esperavam, pela pesca e por mais pancadas de chuva — deveriam ser suficientes para alimentá-los até lá. E ainda poderiam ser resgatados no meio do caminho.

A noite caiu, fria e inclemente. Acenderam foguetes no bote e no pontão, e continuaram de vigia, na esperança de avistar um navio neutro com as luzes acesas. Eddie se acomodou em um dos bancos do bote, incapaz de dormir. Pensava no oceano representado nos mapas de pilotagem, com indicações de profundidade, os corredores de navegação assinalados e mais os arcos das correntezas. Parecia não existir qualquer relação entre aquelas imagens e o vazio que os rodeava. No alto, a redoma extravagante de estrelas que o deixara tão espantado em sua primeira viagem por mar, um excesso de brilhos que lembrava o interior da caverna de Ali Babá. Visto do convés de um navio, esse céu era um espetáculo reservado a poucos privilegiados. Agora, as estrelas lhe pareciam aleatórias, acidentais, como o próprio mar. Anna tinha parado de vir a ele em sonhos; estava fora do seu alcance. Eddie entendeu que tinha atravessado mais uma camada da vida e chegado a um ponto mais profundo, mais frio e mais impiedoso.

Fez uma terceira marca no banco do barco.

VINTE E SETE

Depois do mergulho, Anna virou a cama de Lydia de lado para encostá-la à parede. Fechou a porta do quarto dos pais, empurrou a mesa da cozinha para a sala de estar e levou o rádio para lá também. Queria que o apartamento ficasse diferente, para assinalar a mudança que sentia, refletir o peso de sua descoberta.

O relógio de bolso do pai vazou água salgada por vários dias. Quando secou, seus ponteiros imobilizados marcavam 9h10. Cada vez que cobria seu volume com a mão em concha, Anna sentia uma infusão de força, de proteção. Em condições perigosas, tinha visitado um submundo somente para resgatar aquela relíquia. Agora, dormia com o relógio debaixo do travesseiro.

Alguns dias depois do mergulho, concluiu que queria deixar o apartamento. Não aceitavam garotas na pensão onde Bascombe morava. Havia uma Associação Cristã Feminina perto do edifício dela, mas já havia uma lista de espera — e, de qualquer maneira, ela preferia morar mais perto do Arsenal. Havia quartos para alugar em vários pontos da Sands Street; tinha visto um ou outro cartaz, escritos à mão, na vitrine de bares e lojas de uniformes. Perguntou-se se seria possível alugar um desses quartos sem que ninguém descobrisse que estava morando lá. Quem vivia em locais assim era o tipo errado de garota, e o perigo de ser descoberta era grande demais.

Uma noite, esbarrou com Rose na saída do trabalho. Enquanto atravessavam, de braços dados, o portão da Sands Street, Anna comentou a respeito do dilema que enfrentava — ou melhor, contou a Rose uma versão em que sua mãe precisava voltar ao Meio-Oeste para cuidar de uma irmã doente, e naturalmente Anna não podia ficar morando sozinha. Rose bateu palmas: a inquilina de sua mãe, que era recém-casada, tinha decidido ir atrás do marido em uma base naval em Del Mar, na Califórnia. Sobraria um quarto no apartamento da família, na Clinton Avenue! Na mesma hora, Anna concordou em ficar nele.

Como estava ganhando o suficiente para manter o apartamento e alugar o quarto na casa de Rose, Anna decidiu nem falar da mudança com a mãe ou a tia. Precisaria dar explicações demais. Ela e Brianne vinham se encontrando com muito menos frequência, de qualquer maneira, e geralmente para ir ao cinema. Se Anna tivesse o cuidado de recolher a correspondência a cada dois ou três dias, nem os vizinhos dariam falta dela.

Comprou uma mala grande de papelão (do tipo que seu pai chamava de tomara-que-não-chova) e a encheu de roupas, artigos de perfumaria e revistas Ellery Queen. Tomou o leite que restava na garrafa e embrulhou a manteiga

em um pano de prato. Sentou-se mais uma vez à mesa diante da qual agora lhe parecia ter passado a maior parte de sua vida — comendo, costurando, recortando bonecas de papel de embrulho. A escada de incêndio dividia a luz do sol em degraus, cada um deles repleto de uma poeira que lembrava os pontos reluzentes da mica nas águas da Wallabout Bay. O edifício lhe dava uma impressão de peso e imobilidade. Na cozinha, alisou com as mãos a cuba revestida de estanho em que ela e sua mãe tinham dado muitos banhos em Lydia, até a irmã tornar-se grande demais para ela. Olhou-se no espelho onde seu pai costumava se barbear. Em seguida, saiu do apartamento, trancando a porta.

Enquanto descia os seis andares pela escada, pensou que algum vizinho podia interceptá-la e perguntar o que estava fazendo. Mas ninguém apareceu, nem mesmo — pelo menos que ela tenha escutado — se esgueirou até o olho mágico para ver quem estava passando. Talvez estivessem todos dormindo. Saiu para a atmosfera mais amena do final de março e reparou que havia gente nova naquele trecho de rua. Um homem apressado, carregando uma mala, consultando os números das portas. Estava de chegada.

O novo quarto de Anna ficava nos fundos do apartamento de Rose e dava para uma árvore que parecia estar levantando um par de halteres. Um velho entregava manteiga e leite em uma carroça puxada por um cavalo. Antigamente, a Clinton Avenue era habitada por moradores ricos, e as casas maiores tinham estábulos próprios, hoje vazios, e alguns ainda eram usados como garagem. Dois dos irmãos de Rose estavam no Exército, mas o mais novo, Hiram, ainda morava em casa, e encapava seus cadernos com o mesmo linóleo cheirando a alcaçuz que Anna usava na infância com o mesmo propósito. Ela adorou essa nova casa.

Muitas vezes encontrava Rose no fim da tarde, na saída da unidade onde as duas tinham trabalhado juntas, e pegavam o bonde da Flushing Avenue, lendo o jornal da noite ao mesmo tempo. Poucas semanas antes, parada na rua, Anna tinha ficado olhando para Rose dentro desse mesmo bonde, sentindo que se afogava em sua solidão. Apalpou o relógio de bolso.

Nas tardes em que mergulhava, saía mais tarde do trabalho, e Rose sabia que nem valia a pena esperar. Nesses dias, Anna ia para a Sands Street com os outros mergulhadores. Tomava o cuidado de chupar uma bala de hortelã no bonde a caminho da casa de Rose, para que os pais dela não sentissem o cheiro da cerveja quando a cumprimentassem.

Morar com Rose também dificultava os encontros com Charlie Voss, que ainda era supervisor da amiga. Anna passou pelo escritório dele para explicar, depois que as casadas saíram no fim da tarde.

— Eu entendo, claro — disse ele. — Mas é uma pena.

— Vou sentir a sua falta, Charlie.

— Mas você passa por aqui de vez em quando? Quando não houver ninguém na área?

— Prometo.

Ao sair do Arsenal de Marinha depois do trabalho, ainda procurava o carro de Dexter Styles na Sands Street, sempre com uma pontada de decepção, seguida de alívio, quando não o avistava.

Duas semanas depois do mergulho nas águas do porto, enquanto esperava a chegada do jantar dos outros mergulhadores no Oval Bar, Anna abriu seu exemplar do *Herald Tribune* à procura das manchetes animadoras que esperava encontrar: Rommel quase já sem forças na Tunísia; o exército russo empurrando os alemães de volta em Smolensk. Quando abriu o jornal, seu olhar foi atraído por uma chamada no canto inferior esquerdo da primeira página:

DONO DE BOATE ENCONTRADO MORTO
CORPO CRIVADO DE BALAS PERTO DO
HIPÓDROMO ABANDONADO.

Anna olhou a fotografia. Embora não tivesse a consciência de ler a reportagem, as palavras deram a impressão de trespassá-la aos poucos: *As buscas pelo empresário da noite Dexter Styles, desaparecido há duas semanas, terminaram em uma tragédia macabra no domingo, quando Andrew Metuchen e Sandy Kupech, de Sheepshead Bay, ambos de dez anos de idade, encontraram seu corpo perto das ruínas do antigo hipódromo...*

Empurrou o jornal e tomou um gole da sua cerveja. Olhou para os mergulhadores à sua volta, devorando mexilhões e enroladinhos de salsicha. Sentia a cabeça como um balão inflado pairando alguns metros acima do corpo. Ouviu o som de vidro partido e se deu conta de que tinha caído no chão.

Fizeram-na voltar à consciência com sais aromáticos. Ela estava deitada de lado, com o rosto na serragem do chão. A face de Ruby pairava logo acima dela, o delineador borrado tão próximo de Anna que seu aroma floral adocicado a deixou enjoada. Anna vomitou e tentou pôr-se de pé. Depois de algum tempo, Bascombe e Marle passaram os braços dela por trás dos respectivos pescoços e a ajudaram a se levantar. Saíram andando do bar, passando por marinheiros com ar de malícia que imaginaram que estivesse embriagada.

O ar fresco da rua foi um alívio. Anna caminhava de olhos fechados, deixando os amigos carregarem a maior parte do seu peso. Sentia-se uma sonâmbula. Alguma coisa horrível tinha acontecido lá dentro, mas Anna havia escapado. Depois de muitas voltas e guinadas, estavam novamente em um recinto fechado, e ela reconheceu o cheiro de maresia e borracha queimada dos trajes de mergulho. Eles a tinham levado para a câmara de recompressão.

Marle entrou com ela.

— Está sentindo alguma dor? — perguntou ele, regulando os comandos da câmara. — E antes de desmaiar, sentiu?

— Não é uma embolia — disse Anna.

E então se lembrou do que a tinha feito desmaiar. Suas mãos começaram a tremer.

— Quem foi o seu assistente?

— Katz — respondeu ela entre os dentes que batiam. — Mas não fiquei muito tempo submersa.

— Era ele quem estava com os relógios.

Anna vomitou de novo.

Quando terminou a recompressão, Marle abriu a porta da câmara, e os dois saíram. Bascombe e Ruby estavam à sua espera. Bascombe olhou longamente para Anna com os olhos claros estreitados, e ela se perguntou se ele teria visto a manchete do jornal. Só tinham voltado a falar de seu mergulho irregular para registrar que todo o equipamento retirado do Arsenal de Marinha tinha sido devolvido sem incidentes. Anna temia que seus amigos passassem a evitá-la depois daquela noite, mas tinha sido o contrário: agora sentiam-se ligados por um laço familiar e complexo.

Marle concordou em não anotar os sintomas ou a recompressão de Anna no diário de mergulho se ela promettesse ir direto ao hospital e submeter-se a um exame. Um fuzileiro da guarda a levou ladeira acima em sua motocicleta. Ela descreveu o que tinha acontecido à enfermeira da triagem, e esta lhe pediu que esperasse. A manchete do jornal pairava insistente em seus pensamentos. Não podia ser verdade, mas ela estava exausta de tanto se esforçar para ignorá-la.

Acabou sendo acordada por uma enfermeira naval; tinha cochilado na cadeira, com a cabeça encostada na parede. Pelo relógio de pulso, já passava das nove da noite. A enfermeira parecia ter a idade de Anna e aferiu sua pressão com um ar de concentração absoluta que despertou a admiração da paciente. Com uma lanterna acesa, examinou os olhos e os ouvidos de Anna. Encostou um estetoscópio frio em seu peito e anotou os resultados em um papel preso a uma prancheta.

— Está tudo bem, aparentemente. Como está se sentindo?

— Bem — respondeu Anna. — Só cansada.

— O médico me pediu que perguntasse se é casada.

— Não — disse Anna, surpresa. — Por quê?

— Se fosse, ele recomendaria um teste de gravidez. Há mulheres que desmaiam nas primeiras semanas.

— Ah.

— Ele achou que podia ter tirado a aliança para mergulhar.

— E você... fez o teste?

— Não, é claro que não. Precisaria tirar seu sangue.

— Mas não é necessário.

Saiu do hospital, passando por entre as duas colunas brancas de perfil quadrado antes de descer as escadas que davam para o gramado oval onde ela e Rose tinham doado sangue no ano anterior. Ficou algum tempo na sombra da entrada, fixando os olhos em uma coluna clara esculpida de que se lembrava daquele dia. Tinha uma águia no alto. Ela não menstruava desde que tinha entrado para o programa de mergulho, havia dois meses. Tinha imaginado que o motivo fossem os próprios mergulhos, e sentira com isso algum alívio, temendo as complicações que suas regras poderiam representar. A nova interpretação lhe chegava não como uma possibilidade, mas revestida do caráter de certeza.

Anna voltou ao apartamento e encontrou o pai de Rose na sala, lendo o jornal *Forward* ao lado de sua pequena luminária verde de mesa. Ela julgou ter percebido um lampejo de reprovação — ou talvez apenas preocupação — diante da sua aparência desarrumada e dos seus gestos lentos. Chegando ao seu quarto, deitou-se na cama com as mãos pousadas na barriga, olhando para a árvore em frente à janela. Procurou convencer-se de que não podia saber ao certo. Mas sabia. Estava em dificuldades sérias, finalmente.

Na manhã seguinte saiu cedo de casa, sem comer nada. Guardou o relógio do pai na bolsa, com o mau presságio de que o objeto tinha esgotado seus poderes de proteção. A bordo do bonde rumo à Flushing Avenue, sentiu-se tomada por um acesso de náusea, amplificado por uma fome monstruosa. Em um café, na esquina da Flushing com a Clinton Avenue, encontrou uma legião de funcionários do Arsenal de Marinha que faziam fila para receber sua porção de ovos, bolinhos de batata fritos, café e torradas — a manteiga e outras “gorduras comestíveis” estavam em falta. Sentiu-se melhor depois de comer e percorreu a pé o resto do caminho até o trabalho. Passou pela porta da sala do tenente Axel para lhe dar bom-dia. Ele era sempre o primeiro a chegar.

— Kerrigan — chamou. — Estava mesmo esperando você aparecer. Entre um minuto. — Quando ela se postou diante da mesa, o tenente disse: — Tenho cinco alunos novos a partir de hoje que mal sabem onde fica a própria bunda. Você tem alguma coisa programada?

— Assistência pela manhã, mergulho na parte da tarde.

— Posso mandar esses bestalhões para ver se aprendem alguma coisa observando o seu trabalho?

— Claro, tenente.

A mudança em suas relações com o tenente Axel tinha acontecido por volta de três semanas antes. De um dia para outro, ele passara a demonstrar que havia se acostumado com Anna, como se o atrito do hábito tivesse feito desabar por conta própria todo o arcabouço dos seus preconceitos. Foi uma mudança espantosa, quase mágica, e, embora tivesse começado antes de Anna encontrar o relógio de bolso, ela teve a impressão de que o objeto servira de catalisador para aquela transformação. Hoje Anna se via no improvável papel de favorita — era a aluna preferida do tenente —, como se toda a animosidade

entre eles houvesse se convertido em intimidade. Ele se dirigia a ela telegraficamente, e ela entendia tudo. Seus comentários depreciativos em relação às mulheres eram na verdade elogios a Anna, pois ela era diferente das outras.

— Me faça um favor, Kerrigan — dissera ele uma semana antes. — Esconda o cabelo quando estiver na barça, ou todas as secretárias do maldito estaleiro vão querer vir bater à nossa porta.

— Pode ser que nem todas queiram mergulhar, tenente.

— É provável. Não são muitas as loucas como você. Mas estou avisando: se elas começarem a aparecer aos montes, você é que vai ter de explicar que não temos vagas.

— A não ser que elas levem jeito — respondera Anna.

O tenente se limitara a bufar, como ela sabia que seria a resposta dele — e como preferia que fosse, refletiu mais tarde, encabulada com a própria insinceridade.

— Avalie esses novatos — pediu ele na conversa presente. — E me diga se algum vale a pena. E Kerrigan. — O tenente baixou a voz, olhando para a porta. — Seja um pouco dura com eles. Sabe como é. Para separar os adultos das crianças.

Ela deixou a sala do tenente sentindo-se encantada com a lisonja, e culpada por gostar tanto daquele tratamento. Vestiu o uniforme e saiu para o píer. O sol brilhava, atravessando as carreiras de construção, e ela fechou os olhos, deixando que aquecesse seu rosto. A pressão do seu problema cedeu um pouco, como uma pancada recente que finalmente parasse de doer. A solução era óbvia: a prática do mergulho daria cabo da questão. Uma situação como a dela era incompatível com aquele trabalho; suas regras haveriam de chegar. Naquela tarde, sentiu câibras quando inspecionava o casco de um contratorpedeiro torpedeado, observada por cinco novatos a bordo da barça. Ficou preocupada com a possibilidade de sujar o traje de mergulho — e a ideia desse luxuoso contratempo a fez sorrir, na intimidade do seu capacete. Quando finalmente pediu a Greer que se postasse de sentinela na porta do banheiro, ficou incrédula ao descobrir que estava enganada.

Toda manhã ela acordava convencida de que seu problema teria fim naquele dia. Ao anoitecer, sentia-se exausta demais para se aprofundar no porquê de não ter acabado. O tempo ficou mais quente, e ela e Rose começaram a voltar a pé para casa pela Clinton Avenue a partir da Flushing Avenue, em vez de tomar um segundo bonde. Na sexta-feira, quando começava o sabá para os judeus, Rose e sua família acendiam duas velas depois do jantar e se reuniam em torno da mesa e de um pão trançado intacto. Enquanto acrescentavam bênçãos adicionais para Sig e Caleb, que estavam no Exército, Anna fazia sua prece pessoal, com todo o fervor: *Que o meu problema acabe logo*. Caso isso não acontecesse, logo ela perderia tudo aquilo: as velas, o pão, Rose e a família. Garotas nessa situação iam morar em outro tipo de casa.

Em uma região à parte na mente de Anna, um relógio tinha entrado em funcionamento. Se os mergulhos não dessem jeito, havia outro modo de dar cabo do problema, mas ela não podia perder muito tempo. Duas semanas depois de ter desmaiado, Anna abriu os olhos certa manhã e pensou: *Preciso fazer alguma coisa*. Não fazia ideia de por onde começar, mas a resposta lhe ocorreu como se já estivesse desde sempre nos seus planos: precisava procurar Nell. Nell saberia o que fazer. Ela própria tinha vivido a experiência.

Depois do trabalho, Anna tomou o metrô até a Union Square. Velhos ex-combatentes da Grande Guerra jogavam xadrez de sobretudo, com insígnias e medalhas presas aos chapéus. “I’ve Heard That Song Before” tocava em um fonógrafo portátil, e adolescentes enlaçados, metidos também em seus sobretudos, dançavam ao som da melodia. Olhando para eles, Anna sentiu-se nostálgica. Costumava dançar daquele modo com os rapazes do Brooklyn College, mas nunca sentindo a inocência que percebia naqueles jovens. Estava sempre escondendo alguma coisa. Como era o caso naquele mesmo momento.

Vinte e um, Gramercy Park, lado sul. Era impressionante como tinha decorado o endereço que Nell a fizera repetir.

À menção do primeiro nome de Nell — o único que Anna sabia —, um porteiro vestindo um uniforme cinza de corte militar foi até um painel de controle telefônico preso à parede e conectou um dos fios. Anna apalpou o relógio de bolso. Sua esperança era a de que Nell estivesse em casa se preparando para a noite, e parecia que tinha razão. Um ascensorista a transportou até o oitavo andar e a deixou em uma alcova contendo duas portas de madeira de frente uma para a outra, ladeando uma efusão de rosas vermelhas cujo tamanho era amplificado por um espelho de parede logo atrás. Anna ficou espantada ao ver no reflexo quanto estava abatida. Beliscava as faces para deixá-las mais coradas quando Nell emergiu da porta da esquerda, vestindo um penhoar de cetim cujas lapelas fervilhavam de pequenas penas brancas, lembrando espuma de sabão. Pareceu precisar de algum tempo para se lembrar de quem era Anna; em seguida, envolveu-a nos braços, mantendo o cigarro afastado para não queimá-la.

— Como vai, querida? — falou. — Faz séculos que não te vejo, sua bandida. Andou se escondendo?

Anna respondeu com um murmúrio neutro a cada frase emitida em tom agudo, e, no decorrer dessa troca, alguma coisa se acalmou em Nell. Ela recuou, estreitando os olhos para Anna.

— Entra e me conta o que há de errado — disse ela.

★ ★ ★

Anna voltou ao Gramercy Park no começo da manhã de domingo. Ela e Nell caminharam até a Park Avenue, os saltos finos da amiga soando como pregos

sendo martelados na calçada. Seus cabelos oxigenados pareciam brancos ao sol da manhã, e havia sombras azuladas debaixo dos seus olhos. Nell se tornara uma pessoa que ficava mais bonita com iluminação artificial.

Quando se viram instaladas no banco de um táxi, Anna voltou baixinho à questão do preço, para não ser ouvida pelo motorista. Não tinha ideia de quanto custaria aquele procedimento, e esperava poder ir quitando aos poucos.

— Hammond vai pagar — sussurrou Nell em resposta. — Eu disse a ele que era para mim.

— Mas e se ele descobrir?

— Nem se preocupe, ele me deve muito.

— Obrigada — murmurou Anna, mas a palavra não lhe pareceu suficiente.

— E por vir comigo. Eu não esperava tanto.

Nell deu de ombros. Havia alguma coisa curiosamente impessoal em seu tratamento; Anna achava que teria feito a mesma coisa por qualquer garota que a procurasse com problemas.

— Você soube o que aconteceu com Dexter Styles — comentou Nell.

Anna fixou o olhar nos prédios altos e cinzentos do lado de fora da janela.

— Eu vi no jornal. Uma coisa horrível.

— Todo mundo só fala disso.

— E sabem quem foi? Ou por quê?

— Correm mil boatos. Tem gente que diz que foi o crime organizado de Chicago. Ao que tudo indica, são muito mais violentos do que o pessoal de Nova York.

— Mas por que matar Dexter? — perguntou Anna.

— Estão tentando descobrir, mas ninguém fala nada. Todo mundo está com medo de ter o mesmo fim.

— Pode ser que Dexter Styles tenha resolvido falar.

Nell ficou pensativa por um momento.

— Mas por quê? — questionou. — Todo mundo diz que três quartos dos negócios dele eram legais. Sete oitavos! Por que pôr tudo isso em risco?

— Ele tinha filhos?

Anna sabia a resposta, mas queria manter a conversa em andamento. Era um alívio para ela falar sobre Dexter Styles.

— Filhos gêmeos e uma filha. A mulher dele é linda. Da alta sociedade, de família rica. Todo mundo achava que ele não podia ter uma vida melhor.

— É muito triste — comentou Anna.

Sentiu subir a maré da dor. Fixou os olhos na janela, com medo de que Nell descobrisse o que escondia.

— Muita gente estava chorando na boate — afirmou Nell.

A morte de Dexter afetava muitas pessoas — centenas, Anna pensou, e deixou sua dor diluir-se nesse coletivo. Tivera muito menos contato com Dexter Styles do que outras pessoas. Mal podia dizer que o tinha conhecido. Ainda assim, lembranças perfuraram sua determinação como dardos: a sensação

de tê-lo nos braços, de ouvir seus sussurros roucos. E o que ela estava indo fazer.

O táxi as deixou na esquina da East 74th Street, a poucos quarteirões do consultório do dr. Deerwood. A coincidência deixou Anna aturdida. Abril tinha acabado de começar — e dali a semanas seria a data em que teriam levado Lydia para a próxima consulta. Pensou se o médico de Nell podia trabalhar no mesmo prédio que o dr. Deerwood, ou no mesmo consultório — se, na verdade, poderia de algum modo *ser* o dr. Deerwood. A luz fria do sol banhava a esquina; o ar estava povoado de pombos. Nell pôs óculos escuros, como uma estrela de cinema. Seu sobretudo de lã clara tinha dragonas de debrum dourado nos ombros. Os sinos de uma igreja começaram a repicar.

— Onde fica o consultório? — perguntou Anna.

— Mais adiante. Ele não gosta que os táxis parem na porta nos fins de semana. Chama muita atenção.

Continuaram andando, agora na direção da Madison Avenue. A cabeça de Anna doía, e ela preferia que os sinos parassem. No meio do quarteirão, Nell parou diante de uma casa parecida com as demais, com toldos listrados e sebes esculpidas. Descendo um curto lance de escadas, uma placa retangular de latão dizia DR. SOFFIT, OBSTETRA. Nell apertou uma campainha e a porta foi destrancada, admitindo as duas a uma sala de espera semelhante à do dr. Deerwood pela suntuosidade, embora com uma decoração diferente. O piso desta era todo coberto por um carpete prateado e o sofá em forma de meia-lua era forrado de veludo cinza. Anna começou a suar. Os sinos da igreja pareciam continuar tocando dentro de sua cabeça.

— Queria que eles parassem — sussurrou ela.

Nell tomou um susto.

— Quem?

Pairava no ar um aroma químico atenuado, como se, por baixo do carpete e do veludo, houvesse um quarto de hospital. E devia haver. Ninguém podia ser operado em um sofá em forma de meia-lua.

— Eu também fiquei nervosa da primeira vez — confessou Nell, e, pela voz, estava nervosa de novo.

— Foram quantas?

— Três. Na verdade, duas. Esta seria a terceira.

— E o que você sente depois?

— Você fica meio tonta. Sente um pouco de cólica. Nada demais. No dia seguinte, já está nova em folha.

Não era exatamente o que Anna queria saber, mas não fazia muita diferença. Seu medo se misturava a alguma esperança, uma sensação conhecida em virtude dos tantos anos em que tinha escoltado Lydia ao consultório do dr. Deerwood. O médico estava chegando. O médico estava chegando! Revistas tinham sido dispostas em um leque perfeito no tampo de uma mesa de centro laqueada: *Collier's*, *McClure's*, *The Saturday Evening Post*. Nell abriu um

exemplar da *Silver Screen*, e Anna olhou as várias lours por cima do seu ombro: Betty Grable, Veronica Lake, Lana Turner, que antes lhe pareciam todas possíveis versões de Lydia. Anna fixou os olhos na porta que comunicava a sala de espera com o cômodo seguinte. A porta era revestida de couro. Uma porta linda. Descobriu que apertava com força a mão de Nell.

— Não dói nada — disse Nell. — Ele dá clorofórmio para você cheirar, e você dorme.

A amiga estava olhando um artigo sobre os penteados das estrelas de cinema — ondas, cachos, caimentos —, mas seus olhos não se deslocavam pela página. Anna percebeu que Nell queria resolver aquilo logo e ir embora o mais depressa possível. Dali a pouco o médico chegaria. O medo e a expectativa se engalfinhavam no estômago de Anna.

Estava fitando a porta quando ela se abriu. O dr. Soffit era mais jovem do que ela esperava — melhor dizendo, mais jovem do que o dr. Deerwood. Era alto, tinha cabelos claros e usava aliança. Cumprimentou Nell calorosamente, e apertou a mão de Anna com uma atenção gentil, olhando-a nos olhos. Conduziu as duas para o outro lado da porta forrada, até um consultório que lembrava menos um quarto de hospital do que Anna temia, com pequenos quadros de frutas encaixados em nichos nas paredes. Uma cama alta, forrada com lençóis brancos. Em um cubículo adjacente, Anna tirou sua camisola e vestiu um avental de algodão macio sobre o sutiã e a calcinha. Sua barriga lisa e musculosa parecia zombar de todo aquele esforço. E se nem fosse verdade? E se ela nem tivesse problema algum? *Como podia saber, sem ter feito o exame?*

Ou teriam feito o exame no hospital?

Nell sentou-se em uma cadeira, ao lado de onde ficaria a cabeça de Anna.

— A srta. Konopka não vai ver nada — disse o dr. Soffit. — Mas vai estar bem ao seu lado, segurando a sua mão enquanto a senhorita dorme. Não é mesmo, srta. Konopka?

— Pode apostar que sim — afirmou Nell, parecendo aliviada na presença do médico.

Konopka. *Uma polaca*, Anna ouviu na voz do seu pai, e começou a chorar. Estava deitada na cama, com as pernas esticadas e as mãos apoiadas nos ossos do quadril por cima do lençol. Nell levantou uma das mãos de Anna e a apertou entre as suas, que tremiam.

— Em meia hora vai estar tudo acabado — garantiu ela.

A gravidade do momento, no entanto, tinha causticado as camadas de fingimento que normalmente cercavam sua pessoa, deixando Nell exposta em um estado de ansiedade crua.

— Ele está pegando o clorofórmio. Depois disso você vai cair no sono.

— Tente relaxar, srta. Kerrigan — instruiu o dr. Soffit.

Estava atrás de Anna, fora do alcance da visão, e sua voz não se distinguia da do dr. Deerwood. Anna levantou o tronco, tentando enxergá-lo. Seu coração disparou no peito.

— Relaxe — insistiu o dr. Soffit, baixinho.

Ele então sentou-se ao lado dela, com alguma coisa nas mãos. O médico estava chegando. O médico tinha chegado! Estava ali para resolver tudo.

Mas Anna não viu o dr. Soffit; Anna viu a irmã. Com uma nitidez que não experimentava desde a noite com Dexter Styles, lembrou-se do cheiro de Lydia, uma mistura de leite e biscoitos, da maciez da sua pele e dos seus cabelos. Da sua postura contorcida e mal-acabada. Da insistência trêmula do seu coração. E pairando em torno dela, sempre, como um véu fino, o sonho de quem poderia ter sido.

O sonho: uma menina linda, correndo, os joelhos brilhando ao sol. Uma garota percebida com o canto dos olhos. E Anna teve a sensação de que podia dar vida a ela.

O médico pousou um cone sobre a sua boca. Emitia vapores adocicados, uma concentração bem maior do cheiro químico que Anna tinha detectado na antessala.

— Não — disse ela.

Nell debruçou-se sobre ela, e Anna viu o próprio terror espelhado nos olhos da amiga. Os vapores começaram a afetar seu cérebro, uma sombra de torpor que se encorpava como uma nuvem a ponto de descarregar a chuva. Imaginou-se saindo do consultório do médico sem ninguém, sem nada. Só um vazio dentro dela, onde antes havia uma coisa.

A menina correndo. O sonho.

— Não — repetiu Anna. Para Nell. — Mande ele parar.

Mas o cone abafava sua voz, e nem ela mesma conseguiu ouvir o que dizia.

De alguma forma, Nell entendeu: talvez tenha lido nos olhos de Anna quando as órbitas reviraram para dentro.

— Espere — pediu Nell em tom seco, e puxou o cone do rosto de Anna.

VINTE E OITO

Eddie temia que, se ficassem confinados apenas ao bote salva-vidas, sem a área adicional do pontão, o aperto se tornaria impossível. Temia que Farmingdale não deixasse Pugh se encarregar do manejo da vela. Temia que se desviassem demais do rumo para aproveitar o vento de popa; não sabia se conseguiriam desenvolver quatro nós abrindo a vela; e temia, acima de tudo, pelos víveres: se deviam continuar tomando cada um três porções de 180 ml de água por dia, ou reduzi-las a duas; se as tentativas de pescaria de Sparks tinham alguma chance de dar certo; se conseguiriam de algum modo navegar até uma ilha, como o comandante e o imediato do SS *Travessa* tinham feito em 1923. Os dois haviam pilotado dois botes salva-vidas por quase três mil quilômetros pelo oceano Índico, mas guiados por instrumentos e mapas. Eddie só contava com uma bússola.

O que ele não calculava naquela noite que passou acordado na véspera de abrirem a vela, louco por um cigarro — um só; ou melhor, cinquenta —, era que o vento pudesse cessar.

No quarto amanhecer depois do naufrágio, o ar estava quente e parado, e o mar parecia uma camada de suor brilhante cobrindo a pele. Os artilheiros queriam remar, só para ter o que fazer, e Farmingdale concordou, o que obrigou Eddie a lembrar, com todo o respeito possível, que remar seria um desperdício inútil de energia e recursos. Estavam a pelo menos mil e quinhentos quilômetros da costa da África, distância que era impossível de percorrer a remo. Outros homens concordaram com a posição de Eddie, e Farmingdale acabou cedendo com a demonstração de contrariedade maldosa que Eddie já reconhecia como seu modo de encarar as derrotas.

Não fizeram nada durante todo o dia, que seria de descanso até içarem a vela no dia seguinte. Os homens que não estavam de vigia evitavam o sol deitando-se à sombra da cortina lateral do bote salva-vidas, ou debaixo da capa do bote, que estendiam como uma lona no pontão. À noite, acenderam os últimos sinalizadores que lhes restavam e mantiveram o revezamento dos quartos de vigia. O frio acordava Eddie a toda hora. Julgou ter sentido um sopro de vento, uma ameaça de onda, mas na verdade estava sonhando.

O dia seguinte foi igual, e o outro também. As únicas horas suportáveis do dia eram as do início da manhã, quando o sol secava o orvalho do bote e aquecia deliciosamente seus corpos enregelados; e ao anoitecer, quando os primeiros sinais de ar mais fresco aplacavam a pele queimada como o toque de uma enfermeira, antes de começarem a sentir frio e se apertarem uns contra os

outros, tremendo debaixo dos seis cobertores do bote salva-vidas. Era nesses momentos que Eddie distribuía as rações e todos experimentavam uma satisfação passageira. Ficou claro que tinham entrado na zona equatorial, uma área em que os ventos alísios perdiam a força de impelir os barcos. Aquelas calmarias nunca duravam muito, Pugh assegurou, apenas um ou dois dias, raramente mais do que isso. Mas cada dia sem vento parecia durar dez vezes mais. O desânimo geral era agravado por rajadas ocasionais que os faziam içar a vela, cheios de esperança, mas paravam totalmente vinte minutos mais tarde. Consumiam rações de que iriam precisar caso tivessem alguma chance de velejar até encontrar terra. O melhor que lhes podia acontecer era serem recolhidos por outro navio, pois estavam imobilizados ali como um inseto preso por um alfinete a uma tela de seda. Avistaram mais três navios ao longe. A cada vez, berraram e pularam muito, depois desabaram e ficaram estirados, como mortos. Não viram mais nenhum avião; estavam longe demais de terra. Os primeiros aviões de resgate deviam ter decolado de algum navio.

No terceiro dia sem vento — o sexto desde o naufrágio do *Elizabeth Seaman* —, concordaram em cortar em um terço as rações diárias. As calças de Eddie já ameaçavam cair da cintura. Ele apertou seu cinto em mais três furos. Os náufragos conversavam sobre comida com a riqueza de detalhes que os meninos do abrigo usavam para falar de sexo, e pela mesma razão: só podiam mesmo conversar.

Eliminada a ração do meio do dia, entregaram-se a uma inatividade entorpecida. Ostergaard, um marinheiro de convés, passou horas dormindo ao sol, recusando qualquer proteção que tentassem estender sobre seu corpo. Ao anoitecer, estava febril de insolação. Roger cuidou dele, com ataduras umedecidas e a loção de calamina do estojo de primeiros socorros do bote salva-vidas. O marinheiro pedia água em um tom tão sentido que tanto Roger quanto Eddie abriram mão de metade de suas rações noturnas para dobrar a dele. Na manhã seguinte, Ostergaard tinha desaparecido do bote salva-vidas. Eddie, que tinha dormido no pontão junto com vários outros, teve dificuldade para crer que nenhum dos treze homens a bordo do bote tivesse visto ou ouvido sua queda no mar. E cravava os olhos em vários homens, atormentado por suspeitas — especialmente em relação a Farmingdale. Enquanto distribuía as rações da manhã, Eddie sentiu que os homens também olhavam *para ele* com ar desconfiado, como se julgassem que favorecia alguns deles ou aproveitava para se apoderar de mais do que a sua parte. O moral era muito importante para a sobrevivência a bordo daquele bote, Eddie sabia, e os melhores instrumentos para recompor o espírito dos homens estavam em falta: bebida e cigarros. Mas Farmingdale, no comando do bote, tinha uma boa parte de culpa. Em vez de manter a paz, era sempre um dos mais beligerantes, especialmente em relação ao contramestre. Naquela manhã, impediu Eddie de entregar a ele a porção de leite condensado que lhe cabia.

— Quem não fala não come — decretou Farmingdale, olhando à sua volta

à procura de aliados. — Vamos ver quanto tempo ele continua assim.

Quando Eddie tentou entregar a ração ao contramestre pela segunda vez, Farmingdale agarrou seu pulso.

— Você é muito mole, segundo oficial. A você, ele nunca deu moleza.

— Precisamos que todo mundo esteja forte — respondeu Eddie.

— Ele não se mexe. Tanto faz estar forte ou fraco. Ele estar ou não aqui não faz a menor diferença.

Oferecia participação a Eddie em um castigo que poderia atender à necessidade coletiva de um bode expiatório. Todos os tripulantes do *Elizabeth Seaman* já tinham visto o contramestre humilhar Eddie. Agora, o contramestre era um homem prostrado, e o último vestígio do seu orgulho era sua aparente indiferença quanto ao que diziam dele. Eddie sempre tinha desejado ter a última palavra nas discussões com o contramestre, mas a ideia de tê-la agora, por iniciativa de Farmingdale, parecia-lhe repulsiva.

— Deixe o homem em paz, primeiro oficial — disse ele em tom severo, e entregou a porção de leite ao contramestre.

Farmingdale olhou para Eddie e, depois, para o contramestre e de volta para Eddie. O sorriso misterioso de sempre apareceu em seus lábios.

— Estou começando a ver como a coisa funciona — falou por fim.

A partir daquele momento, Farmingdale começou a seguir Eddie — se é que se pode dizer que um homem podia “seguir” o outro naquelas circunstâncias. Onde quer que Eddie fosse, o primeiro oficial de modos corteses e cabelos brancos estava bem atrás dele. E por trás dessa vigilância, que o seguia para todo lado, Eddie percebia o medo de Farmingdale: de que ele, Eddie, se voltasse contra o seu comando, convencendo outros a aderir ao motim. A ideia, que até então não tinha ocorrido a Eddie, começou a lhe parecer tentadora.

Naquela tarde, ele cortou a ponta solta do seu cinto e entregou a lasca de couro a Sparks, que vinha usando um trapo como isca no anzol preso à linha de pesca do bote salva-vidas. Com a isca de couro, Sparks conseguiu fisgar um atum pouco antes do anoitecer. Eddie ajudou-o a puxar o peixe até a lateral do barco, e Bogues cravou sua faca de caça no coração do atum. Eddie pulou na água e ajudou a passar um cabo em torno da cauda do peixe, que em seguida foi puxado para dentro do bote por cima da amurada. Farmingdale cortou o peixe em fatias, que foram distribuídas usando-se o método em que um homem de costas escolhia qual porção caberia a quem. O peixe era grande, e cada um recebeu dois pedaços de bom tamanho. O líquido que o peixe continha ajudou a matar a sede de todos, e a carne, a fome. Depois disso, a desconfiança entre os náufragos pareceu se dissolver. Acenderam o lampião de querosene e conversaram noite adentro, falando do que cada um pretendia fazer depois da guerra. Depois que todos recaíram em um silêncio saciado e sonolento, o contramestre tocou no bíceps de Eddie, apontando para a carcaça do peixe estendida em um banco, e lhe falou tão baixinho que

ninguém mais ouviu. Eddie mesmo duvidou de tê-lo ouvido, um momento depois.

— Bom — disse o contramestre.

★ ★ ★

Passados mais três dias sem vento, com a exceção de duras rajadas ocasionais, a fome e a sede voltaram com crueldade redobrada. Os homens arrancavam botões da roupa e os sugavam por muito tempo a fim de provocar alguma salivação. A sensação de Eddie era a de que sua língua tinha virado uma sola de sapato; se pudesse, ele a cortaria fora. No sexto dia sem vento, Hummel e Addison beberam água do mar com demonstrações de prazer tão intensas que Eddie precisou gritar com os outros para não imitá-los. Ao anoitecer, os dois homens sofreram alucinações, e Hummel estava morto na manhã seguinte, com o estômago distendido. Quando empurraram seu corpo para o mar, Addison informou a Eddie que, em seu último desejo, Hummel lhe deixara suas rações de herança. Quando Eddie respondeu que Hummel não tinha esse direito, Addison partiu para cima dele com os punhos erguidos. Farmingdale estava bem junto a Eddie, como sempre, mas não fez nada para impedir a agressão; os artilheiros é que contiveram Addison, que morreu ao anoitecer. Antes de se deslocar para o pontão a fim de dormir (com Farmingdale logo atrás, para roncar a seu lado), Eddie fez uma nova marca no registro dos dias que vinha mantendo no banco do bote salva-vidas, além de marcas especiais para cada homem que morria.

No sétimo dia sem vento — do total de dez —, Eddie estava prostrado no pontão ao anoitecer, saboreando o curto alívio entre a agonia do calor e a agonia do frio. Sentiu vento no rosto por vários segundos antes de registrar a sensação, e mesmo então imaginou que fosse um sonho. Por vários dias, tinham se movido só o suficiente para desenferrujar os joelhos, e todos levaram algum tempo para reagir. Mas era vento, sem dúvida — uma borrasca que apareceu tão depressa que os sentinelas entorpecidos nem a detectaram. Ouviu-se um grito coletivo de júbilo. No bote salva-vidas, Pugh e outros tiraram a âncora de arrasto da água e começaram a preparar a vela. O mar já se mostrava revoltoso. Bogues pulou de volta para o bote e estendeu a mão para começar a transferência dos outros homens do pontão, para poderem soltá-lo. Quando Roger passava do pontão para o bote, o cabo de ligação se partiu e ele caiu no mar, e, na queda, bateu com o rosto na amurada do bote. Bogues estendeu um remo para o cadete segurar, mas parecia que Roger tinha entrado em pânico e se debatia, sem conseguir voltar. Eddie pulou na água e ajudou-o a subir de novo no pontão. O rosto do cadete estava lívido, com um corte profundo ao longo do malar.

O pontão, enquanto isso, afastava-se do bote a grande velocidade — não

havia como contê-lo. Bogue tentou jogar outro cabo para Eddie, mas a ponta nunca chegava até o pontão. Desistiram, finalmente, quando uma chuva torrencial começou a cair. Farmingdale parecia catatônico. Eddie deu ordens para que os homens ainda a bordo do pontão fossem nadando em duplas até o bote, para que os homens a bordo dele tivessem tempo de puxá-los para dentro. Surpreso, viu o contramestre ajudando a puxar os nadadores para dentro do bote, a primeira iniciativa que tomava desde que tinha sido resgatado.

Farmingdale se recusava a se atirar na água. A ideia de Eddie era seguir em último lugar, ajudando Roger, que continuava estendido no pontão de olhos fechados, o corte sangrando no rosto.

— Está certo, primeiro oficial. Parece que o senhor vai por último — disse Eddie a Farmingdale, depois de todos os outros terem feito a travessia. A Roger, ele falou: — Você não precisa nadar, mas precisa me ajudar. Acha que consegue?

O praticante assentiu. A distância entre o bote e o pontão era de só uns quinze metros, mas aumentava a cada segundo. Quando Eddie estava a ponto de entrar na água, que fervilhava por efeito da chuva, Farmingdale o segurou pelos ombros e o atirou de volta no fundo do pontão. Soltava gemidos incoerentes; tinha perdido a razão. Eddie deu-lhe uma forte bofetada para fazê-lo recobrar os sentidos.

— O senhor sabe nadar, primeiro oficial. Qual é o seu problema? — gritou.

Farmingdale desferiu um soco no queixo de Eddie, e os dois começaram a lutar de joelhos, escorregando nas tábuas molhadas do fundo do pontão sob a chuva forte. Eddie sentia o pontão deslocar-se de lado nas ondas, como um barquinho de brinquedo. Cada vez que avistava o bote salva-vidas, ele estava mais distante. Sentia que os olhos de todos a bordo — Sparks, Wyckoff, o contramestre — estavam fixos nele, uma conexão tão concreta que parecia reduzir a distância entre o pontão e o bote e ainda iluminar a noite que caía.

Eddie conseguiu tirar sua faca do bolso, decidido a cortar a garganta de Farmingdale. O primeiro oficial agarrou seu pulso e conseguiu tomar-lhe a faca e atirá-la no mar. Em seguida, jogou todo o seu peso em cima de Eddie, imobilizado de tal forma que só sentia a massa fedida e encharcada do homem mais pesado a prensá-lo estendido no fundo do pontão. Roger se levantou e tentou afastar Farmingdale. Quando finalmente o primeiro oficial rolou para o lado, com um grunhido, Eddie mal conseguia avistar o bote salva-vidas. Começou a chorar, soluços de raiva e frustração ao constatar que tinha se perdido dos companheiros, e que o calendário improvisado — seu registro diário de incidentes e ocorrências — também estava perdido. Jogou a cabeça para trás e abriu a boca, deixando a chuva molhar sua garganta por vários minutos. Então tornou a olhar em frente. Ainda via o bote salva-vidas — e viu, ou julgou ter visto, os olhos dos homens fixos nele. Concluiu que poderia

alcançar o bote. Podia atravessar aquela distância a nado, mesmo no mar agitado — talvez até puxando Roger atrás de si. Era possível. Mas o simples surgimento dessa ideia pareceu despertar a atenção nervosa do primeiro oficial, seu pânico de ser deixado para trás. Eddie, então, entendeu que sua única esperança era cair na água sozinho, antes que Farmingdale pudesse segurá-lo. Precisaria deixar o praticante para trás. Ninguém questionaria essa decisão; era uma questão de vida ou morte. Mas Eddie não conseguia. Não podia deixar Roger nas mãos de Farmingdale.

Esforçando-se para enxergar no escuro, Eddie percebeu o que lhe parecia um nadador. Esfregou os olhos e olhou de novo. Não. Sim. Uma cabeça isolada que despontava do meio das ondas, como uma rolha de cortiça. Bogues? Quem mais teria a força e a coragem necessárias? E por quê? Roger também reparou, apontando com o dedo para o vulto, já bem maior. Quando finalmente o nadador chegou ao pontão, Eddie ficou pasmo de ver o contramestre. Ele e Roger puxaram-no para dentro da balsa. O contramestre passou um momento recobrando as forças, e em seguida se pôs de pé, conseguindo de algum modo equilibrar-se no pontão em movimento. Desprende uma machadinha que trazia presa ao cinto por um cordão, ergueu-a acima da cabeça e cravou a lâmina no crânio de Farmingdale, que rachou e se partiu como prato ao cair no chão, espalhando miolos e sangue por toda a madeira do fundo da balsa. O contramestre tirou o canivete da cintura do primeiro oficial e empurrou seu corpo para fora da balsa, onde sumiu nas águas agitadas. Uma onda lavou seus restos pegajosos.

Tudo isso se desenrolou em menos de um minuto. Eddie quase achou que fosse uma alucinação, não fosse o fato — o alívio imenso — de não ter mais Farmingdale ao lado deles a bordo do pontão. Uma hora depois, a chuva parou e escureceu por completo, com o céu limpo e sem lua. À distância, Eddie avistou um borrão de luz: o lampião do bote salva-vidas. O pontão não tinha remos, nem qualquer meio de enviar sinais para o bote. Tinham sido desprovidos de tudo que poderia servir para alguma coisa: comida, água, bússola, qualquer coisa que pudesse ajudar um homem a permanecer vivo.

Tinha chovido tanto, e por tanto tempo, que a água que encharcava suas roupas estava só um pouco salobra. Torceram cada gota na boca uns dos outros e tentaram dormir. Eddie acordava toda hora, esperando o dia clarear para tentar localizar o bote com os outros. Quando finalmente amanheceu, o bote não estava ao alcance dos olhos: em volta deles, só o oceano vazio. Eddie foi tomado pelo pavor, mas fez o possível para dar a impressão de que aquilo era apenas um contratempo.

O contramestre apontou para a própria garganta e balançou a cabeça, com ar infeliz.

— Eu sei — disse Eddie. — Eu sinto falta das suas belas frases.

O contramestre inclinou a cabeça de lado, com ar de dúvida.

— É verdade — falou Eddie. — Agora que pararam, eu queria que

voltassem.

O contramestre apontou para si mesmo.

— Luke.

— Não. Para mim, você é o mesmo contramestre de sempre. Não é mesmo, Roger?

Mas Roger se limitava a olhar para o mar.

O contramestre abriu a portinhola do porão de rações e encontrou a capa do barco enfiada debaixo dela; tinham-na usado na véspera como proteção contra o sol. Puxou o cabo partido da água e começou a prender a capa ao pontão, com alguma finalidade.

— Está tentando fabricar uma âncora de arrasto — esclareceu Eddie.

Tinha falado no intuito de explicar a Roger, na tentativa de despertar o interesse do cadete. O rosto de Roger estava grotesco de tão inchado, o olho direito totalmente fechado. O ferimento era profundo, e estava muito inflamado.

— O melhor para nós é realmente seguir a correnteza — prosseguiu Eddie. — Até surgir algum vento a favor, é a nossa melhor chance de chegar em terra. Boa ideia, contramestre.

O contramestre lançou-lhe um olhar severo, bem conhecido, que provocou em Eddie uma avalanche de palavras:

— Eu sei, é um contrassenso um ignorante como eu me atrever a elogiar um marinheiro mais experiente como o senhor, contramestre, especialmente tentando adivinhar a sua ideia, imagine, quem sou eu; mas o senhor só tem falado um latim muito difícil, e minha única escolha foi tentar entender o que pensou, por mais que eu me saiba totalmente incapaz de tanto.

O contramestre olhou para ele de boca aberta. Até Roger levantou o rosto. Nunca em sua vida Eddie tinha falado assim; sua impressão foi a de que sua garganta tivesse dado passagem a palavras criadas pela mente do próprio contramestre. E adorou esse jorro que lhe ocorreu com tanta facilidade, o prazer pouco familiar da eloquência.

O contramestre sorriu pela primeira vez desde que o tinham puxado do mar. Eddie sempre se ressentira demais daquele sorriso para reconhecer a beleza da meia-lua de dentes brancos e perfeitos.

Usou a faca de Farmingdale para iniciar um novo registro na borda do pontão. Começou a contar de novo do primeiro dia, pois o tempo que tinham passado a bordo do bote salva-vidas já lhe parecia irreal, povoado de fantasmas. Na nova vida que iniciavam, o vento soprava firme, e o mar se estendia pesado e escuro. Não tinham proteção alguma contra o clima: estavam à mercê do vento, do sol e da chuva. As estrelas e a lua pareciam próximas e tangíveis, como fragmentos de concha ou pedacinhos de pedra cintilante em meio aos quais Eddie poderia caminhar quando quisesse. Avistaram um arco-íris em plena noite. Durante o dia, Eddie e o contramestre vasculhavam o horizonte à procura de navios ou do bote salva-vidas desgarrado. No segundo dia, dois

peixes-voadores caíram na balsa, e os três os dividiram, sugando cada fibra de carne das espinhas macias, depois triturando as próprias espinhas com os dentes. No terceiro dia, uma nova chuvarada aliviou a sede, mas não tinham nenhum meio de armazenar a água da chuva.

Desde que tinha batido com o rosto na amurada do bote, Roger foi ficando cada vez mais apagado e confuso. O olho do lado do ferimento continuava fechado, e o inchaço não parava de aumentar. Eddie rasgou uma tira de sua camisa, mergulhou o trapo na água do mar e usou-o para pressionar o ferimento. Não havia mais nada que pudesse fazer. O corte infeccionava mais e mais, e a vermelhidão à sua volta já se espalhava por grande parte do rosto de Roger. O praticante passava a noite tremendo, em extremo sofrimento, enquanto Eddie e o contramestre o envolviam com os braços para tentar aquecê-lo. A cada pôr do sol, Eddie fazia uma nova marca no pontão; cinco dias. Roger sussurrava, falando do seu filhote de corgi; dos dezoito dólares que tinha economizado com o trabalho de entregador de jornais; de uma garota chamada Annabelle, cujo seio ele tinha roçado por cima do suéter. Chamava pela mãe. Eddie encostou os lábios rachados no rosto do rapaz e sussurrou:

— Nós te amamos, meu querido; tudo vai ficar bem.

Faria qualquer coisa para trazer algum sossego para o jovem. Tinha visto alguém amar um filho daquele jeito em algum lugar, mas não lembrava onde ou quando.

Na sexta noite, Roger estava prostrado, lívido de febre, arquejando com uma respiração curta e frenética. Eddie e o contramestre o envolviam com os braços pelos dois lados. Finalmente, o rapaz deu um longo suspiro e aquietou-se. Ficaram segurando seu corpo até ele perder todo o calor. Quando o sol nasceu, deixaram que rolasse mansamente para o mar. Mas Eddie se recusava a aceitar que Roger tinha morrido, e procurava por ele o tempo todo.

E então adaptou-se a uma segunda nova vida, em que o vigoroso praticante se juntara à legião de fantasmas que Eddie não tinha como alcançar. Sol causticante, noites gélidas, a pressão exercida por uma fome áspera e invencível. Eddie sentia seu corpo devorar a si mesmo, uma dor que parecia a de dentes afiados. Ele e o contramestre passavam os dias deitados de bruços no fundo do pontão, fracos demais para tentar procurar comida ou o sinal de algum navio, a sede mitigada por chuvaradas ocasionais. Eddie sentia-se esquelético e quebradiço; não se lembrava de quando tinha urinado pela última vez. Era pouco mais do que um cadáver, mas, mesmo com seu corpo quase em colapso, seus pensamentos se moviam com uma nova liberdade. E Eddie entendeu então o que tinha visto nas casas de ópio de Xangai: pessoas entorpecidas e inertes, mas cujas mentes deviam voar como a dele naquele momento, cortando os céus, atravessando nuvens de som e cores como um espírito liberto.

O encolhimento visível do contramestre espelhava o do próprio Eddie, as barbas e os cabelos desgrenhados dos dois destacando-se da carne retraída. O

contramestre sofria menos com o sol, que lacerava a pele de Eddie através de suas roupas em farrapos. O único alívio que tinha era boiar no mar. Pelo menos uma vez, entre cada amanhecer e cada pôr do sol, ele conseguia vencer sua paralisia a ponto de entrar na água, agarrando-se ao cabo da âncora de arrasto. Eram os únicos momentos em que Eddie conseguia escapar ao assalto da gravidade, que doía em seus ossos quebradiços como um tacão que o triturasse na calçada. O prazer de flutuar, de estar submerso, compensava até a ardência do sal que depois secava em suas feridas. O contramestre o ajudava a subir de volta no pontão; Eddie não tinha forças para voltar sozinho. Nunca falavam. Passavam longos períodos estendidos lado a lado, um olhando nos olhos do outro. Eddie lamentava ter desperdiçado a oportunidade de perguntar ao seu amigo como era a vida em Lagos, por que ele tinha ido para o mar, se era católico, quais eram suas piores e melhores lembranças. Era tarde demais para essas histórias. Tinham deixado a palavra falada para trás, mesmo a linguagem básica do mar.

Em dado momento, enquanto estavam estirados ao sol no fundo do pontão, Eddie sentiu um peso leve bem ao lado deles. Abriu os olhos e viu um albatroz, branco e desengonçado, as asas imensas dobradas nos flancos como dois cavaletes de pintor. O contramestre dormia. Usando algum vestígio de força, Eddie esboçou uma estocada contra a ave com o canivete, tentando cortar-lhe a cabeça. O albatroz não teve dificuldade para se desviar, subindo mais ou menos dois palmos no ar e pousando de volta. Inclinou a cabeça, observando Eddie com seus olhos curiosos, pretos e brilhantes.

No dia seguinte, Eddie tremia deitado, apesar do calor do sol. O contramestre o abraçava e tentava mantê-lo aquecido.

— Está indo muito bem — dizia ele.

Eddie reconheceu uma versão das palavras de carinho que ele próprio usara com Roger em sua agonia, tanto tempo atrás. Quis objetar, corrigir o contramestre com uma torrente de argumentos que se desfaziam em cores antes que fosse capaz de moldá-los em palavras. Eddie mal se movia, mal respirava, conservava suas últimas energias desacelerando todo o seu funcionamento quase ao ponto de morrer, só para sobreviver uma hora a mais. Morreria ou continuaria vivo, para saborear o galope irresistível de seus pensamentos na direção de alguma verdade que ainda lhe escapava. Não sabia mais se era noite ou dia, se estava só ou com o contramestre. Lembrou-se de sua filha mais nova, com a mente aprisionada em um corpo condenado à imobilidade. Reencontrar o rosto dela trespassou Eddie com tamanha intensidade que o fez gritar, embora som nenhum tenha deixado a sua boca. Jogado no fundo do pontão, saudoso de flutuar no oceano, lembrou-se de Lydia nos seus banhos, do alívio e da alegria que sentia ao pairar suspensa na água morna. Mas Eddie lhe virava o rosto, horrorizado com a sua deformidade. E pela primeira vez, pela única vez, a consciência desse seu crime de abandono tomou Eddie de assalto, e ele gritou: “Lydia! Liddy!”

chocado com o som da própria voz rouca e sufocada enquanto estendia as mãos para a filha abandonada, para a família que tinha abandonado.

Eddie ficou abatido, imóvel, o nome de Lydia como uma moeda em sua boca. Então, um som brando e ligeiro encheu seus ouvidos, uma voz de que se lembrava vagamente — não de Anna, certamente não do contramestre, mas uma voz que falava em uma torrente borbulhante e vertiginosa, uma tagarelice animada que lembrava os floreios alegres e sem sentido de um canto de pássaro. Eddie se desprende do corpo no pontão e seguiu aquele som até sua fonte, como se fosse música entrando por uma janela aberta. Parou para escutar, esforçando-se para captar aquele balbucio risonho como se batesse palmas na tentativa de capturar uma fita colorida agitada pelo vento. Seguiu Lydia e ela estava sem fôlego, ela ria, suas palavras vindo não em frases, mas em ondas, uma linguagem à qual ele nunca dera atenção, mas que agora, finalmente, conseguia entender, *Papai Anna corre Mamãe ver o mar Mamãe palma Anna ver o mar Papai beija Anna corre ver o mar o mar o mar o mar omaromarmaromarmaromar*, as palavras se transformando em uma cantilena, um diálogo simples, o som de uma corda dedilhada, a batida de um coração: o coração dele, o coração dela, o mesmo coração. Ali estava a verdade por baixo de todo o resto, como a agitação que emerge do fundo do mar. E só então Eddie sentiu os braços do contramestre em volta do seu corpo: ele estivera ali o tempo todo, nunca tinha ido embora.

— Vai chegar logo — dizia o contramestre. — Vai chegar logo, meu amigo. Está quase na hora. Deus ainda está conosco.

PARTE OITO

O nevoeiro

VINTE E NOVE

— Você deveria ter pensado um pouco mais!

Nell ficou reclamando à luz do sol da manhã, a um quarteirão do consultório do dr. Soffit, indignada com o desfecho dos acontecimentos. Não fossem as mães e as crianças que atravessavam o Central Park com seus chapéus de igreja, ela estaria gritando.

— Obrigada por ter feito ele parar — falou Anna.

— Eu não devia ter dito nada. A essa altura já estaria acabado e pronto. Podíamos até... — Pausou e olhou na direção da Quinta Avenida. — Acho que podemos até voltar.

— Não. Por favor — disse Anna, e o simples prazer de respirar o ar seco e frio quase se perdeu. — Por favor, não.

— Pare de dizer isso!

Anna segurou o braço da amiga, sentindo quase amor por aquela protetora ranzinza e glamorosa.

— Obrigada, Nell.

A amiga se empertigou, mas depois relaxou. Tais ímpetos de gratidão pareciam acalmar Anna aos poucos. Ou talvez a irritação de Nell tivesse começado a deixá-la entediada, comparada com a interessante nova configuração que o problema de Anna vinha assumindo.

— Quer dizer que você vai levar isso até o fim — sussurrou a amiga. — Pois vai precisar sair da cidade. Mas aviso desde já: os melhores lugares custam os olhos da cara.

— Eu tenho um dinheiro guardado.

Nell riu.

— Querida, o dinheiro tem de vir *dele*. Você vai lá e diz: se ele quiser continuar na vida mansa, sem nenhuma conversa entre você e a mulher dele, o que pode dificultar bastante as coisas em casa, ele vai ter que pagar. É simples.

— Ele foi embora.

Nell inclinou a cabeça e começou:

— A pessoa só vai embora de vez quando morre. Você precisa encontrar o monstro e fazer ele pagar, ou vai acabar metida com as freiras, o que eu não recomendo. As freiras não gostam de mulheres do nosso tipo. Sei disso de boa fonte.

— Estou querendo dizer que ele... foi embora. — Atiçada pela incompreensão de Nell, acrescentou: — Para fora do país.

— Ah, um soldado. Por que não disse logo?

Anna não tinha resposta, mas nem era necessária; Nell estava mergulhada em pensamentos.

— Foi um *momento especial* — concluiu ela, pronunciando a expressão como se enquadrasse as dificuldades de Anna em uma categoria muito diferente. — Você resolveu viver o presente, e ele também. Sem pensar nas consequências.

— ... É verdade — admitiu Anna.

— Mesmo assim, por que estragar o seu corpo e perder um ano da sua vida quando podia resolver tudo em meia hora? A não ser que... ele por acaso não volte...

— Ele não vai voltar. Eu tenho certeza.

Anna falou mais do que queria. Ainda assim, Nell nem se deu conta do absurdo que Anna havia dito.

— Nesse caso, a criança vai ser a continuação da linhagem dele — refletiu ela. — Mesmo sem ninguém saber quem é o pai. De certo modo, *ele* ainda vai estar vivo, e você vai ter preservado a vida do seu soldado tendo o filho dele. É isso que você está pensando!

Na verdade, Anna estava pensando que Nell, no papel de mulher sentimental, soava totalmente falsa. Ficou claro que a amiga vinha escutando demais radionovelas românticas. Mas aquele hábito de fazer perguntas como se fossem respostas acabava sendo conveniente.

— As freiras, então — concluiu Nell. — Você vai ter de aguentar firme por um ano. E depois elas encontram uma boa família cristã para adotar o menino.

— Ou menina.

★ ★ ★

Depois do jantar, Anna ficou sentada com Rose e a família dela na sala de estar, ouvindo Mozart no gramofone. O pai de Rose estava concentrado na leitura da revista judaica *Forward*; a mãe completava mais um quadrado de crochê para a toalha de mesa feita em comemoração ao retorno dos filhos para casa, sãos e salvos. Hiram fazia o dever de casa. O pequeno Melvin veio empurrando seu cavalinho com rodas até o sofá e passou com ele por cima de Anna, começando pelas suas coxas e chegando ao alto da sua cabeça.

— Deixe de bobeira, Melly — reclamou Rose.

— Eu gosto — disse Anna.

A curvatura das rodinhas do cavalo massageavam com uma pressão agradável sua pele e seu couro cabeludo. Tudo a agradava naquela vida preciosa e efêmera que tinha construído. Nos dias e nas semanas seguintes, sua satisfação crescente rebentava em êxtase. As árvores da Clinton Avenue

despontaram em flor da noite para o dia. Anna balançava os braços enquanto caminhava à sombra delas. *Daqui a pouco não vou mais ver essas árvores, nem ouvir o farfalhar dos galhos delas*, pensava ela. Ajudava a mãe de Rose a unir os quadrados de crochê à toalha de mesa em andamento.

— Você vai estar conosco, Anna, na noite em que usarmos essa toalha pela primeira vez — afirmou a mãe de Rose. — Você faz parte da nossa família, e a sua mãe também fará, quando voltar da casa da irmã.

Anna agradeceu, tomada por um contentamento vacilante que se manifestava com a proximidade do desastre. Se a mãe de Rose descobrisse o seu segredo, expulsaria Anna da casa. Mas não sabia de nada: não tinha a menor ideia! Ninguém tinha!

E assim, Anna tragava os sedimentos de uma vida que já tinha chegado ao fim, mas de que, por milagre, ainda podia desfrutar. Quis tomar uma limonada. Quando todos foram dormir, foi à pia da cozinha e espremeu alguns limões na água fria, juntando-lhes o açúcar que tinha comprado com seus próprios cupons de racionamento para não desfaltar o da casa. A mistura agri-doce causou-lhe tremores de prazer. Em seu quarto, verteu a limonada enquanto a árvore em frente à sua janela ostentava a nova folhagem, em leque como trunfos de pôquer. Impossível abreviar todos aqueles privilégios, um dia que fosse. Só mais um dia! E outro! Só que os dias iam passando; logo chegou maio, e ela seguia tão sem planos quanto em março. Um volume discreto já era visível em seu abdome, mas fácil de esconder; no trabalho, ela usava sempre um macacão folgado ou o traje de mergulho, e os homens encaravam o seu corpo com a mesma indiferença que sentiam pelos corpos uns dos outros. Para a mãe de Rose, a qualidade de sua comida é que dera um pouco mais de “substância” àquele corpo, que, aos seus olhos, era magro demais. Começou a preparar também o almoço que Anna levava para o trabalho, sem cobrar mais nada por isso.

Agora que tinha aprendido a soldar, quando Anna mergulhava também fazia reparos em cascos e consertos de hélice, trabalhando lado a lado de outros mergulhadores para repuxar os remendos embaixo da embarcação. Os cascos imensos estalavam e murmuravam sob as mãos dela. Seu deleite com a ausência de peso nunca tinha sido maior. Pendurava-se nas hélices e deixava a correnteza tentar arrastar suas botas pesadas. Às vezes se perguntava se o problema que carregava se resolveria por conta própria, só com os mergulhos, mas não contava mais com esse alívio; nem desejava esse desenlace, na verdade. Quando Bascombe mobilizou os mergulhadores para doarem sangue para a Cruz Vermelha, Anna separou-se deles no último instante, alegando dor de estômago.

Um grupo de mergulhadores que trabalhava no *Normandie*, ancorado no Pier 88 de Manhattan, veio visitar o estaleiro, e o tenente Axel escolheu Anna para recebê-los e mostrar-lhes o programa de mergulho que ele comandava. Uma fotografia dela foi publicada no *Brooklyn Eagle*. Mergulhadora mostra

O ESTILO DO BROOKLYN A TRIPULANTES DO *NORMANDIE*, dizia a manchete. Anna aparecia sorrindo na foto, sem chapéu e de macacão, os cabelos agitados pelo vento. Um dia depois da publicação, aquela imagem já lhe parecia pertencer a um passado distante. Pôs a foto na cabeceira, e olhava para ela toda noite antes de dormir. *Nunca mais vou ser tão feliz*, dizia a si mesma. Por isso, ainda podia viver mais um dia de felicidade, como se acordasse de um sonho bom e conseguisse, por um breve momento, retomá-lo.

— Que diabo eu vou fazer sem você, Kerrigan? — observou o tenente Axel no fim de uma tarde, enquanto ela lavava os trajes de mergulho com água doce.

Anna ficou desconfiada.

— E por que vai precisar ficar sem mim, tenente?

— Os russos atravessaram a linha do Cáucaso. Daqui a poucos dias, vamos ter tomado Túnis e Bizerta. Em pouco tempo, os rapazes vão voltar pra casa e pedir de volta os seus empregos.

— Ah, isso — falou ela, aliviada.

— E vão me botar para fora daqui em dois tempos. Vou voltar para o meu bote, tentar pescar os meus bagres. — Fixou o olhar nela. — E você, Kerrigan, vai fazer o quê? É difícil imaginar você com um avental.

— Obrigada, tenente.

Ele riu.

— Não foi um elogio, mas, de qualquer modo, não há de quê.

Se soubesse do segredo de Anna, o tenente a demitiria na mesma hora. Mas ele não sabia. Os bons momentos eram precários, arriscados.

A dissimulação só a incomodava quando ela escrevia para a mãe. Seus relatos da vida no Arsenal de Marinha, cheios de detalhes, soavam como um alibi, e chegou a pensar em contar a verdade: seria mais fácil por carta. Mas a notícia teria um efeito terrível sobre sua mãe, que se culparia por ter deixado Anna sozinha. E ela própria não teria com quem conversar; se as tias ou os avós de Anna viessem a saber, nunca mais a receberiam em sua casa. Mais uma mancha na história da família. Ela não podia causar mais vergonha à sua mãe, que já tinha perdido tanto.

No primeiro sábado de junho — dia de folga para Anna naquela semana —, ela passou por seu antigo edifício para recolher a correspondência enquanto Rose e a família iam à sinagoga para o sabá. No vestibulo, deparou com um envelope do correio aéreo, com selos exóticos, no meio das cartas habituais e das cartas dos soldados com quem se correspondia. Seu nome aparecia a tinta na face do envelope, em caligrafia apertada e inclinada que lhe parecia estranhamente familiar. Podia jurar que era a letra do seu pai.

Pela primeira vez desde que tinha se mudado, Anna subiu os seis lances de escada até o antigo apartamento, consciente do seu peso nos degraus da escada, os quais antes subia com a presteza de uma borboleta. O apartamento estava com cheiro de geladeira velha. Anna abriu uma janela e foi até a escada de

incêndio com a carta misteriosa. O relógio de bolso do pai ainda estava em sua bolsa: prova incontestável, colhida no fundo das águas do porto de Nova York, de que ele não estava vivo. Ainda assim, Anna sabia que a carta era dele. Tinha certeza.

Ele lhe escrevia de um hospital na Somalilândia Britânica, com uma letra fraca e espaçada. Tinha sido resgatado no mar 21 dias depois de seu navio ser afundado por um torpedo. Estava na Marinha Mercante desde 1937. Tudo isso invadiu a mente de Anna como uma onda, que depois recuou e deixou sua mente vazia. Ele não estava bem de saúde, e não sabia ao certo quando teria condições de voltar. *Sinto muita saudade de vocês, meninas, e estou louco para ver vocês de novo*, escreveu ele, mandando como endereço uma caixa postal em São Francisco.

Anna ficou sentada imóvel por tanto tempo que as andorinhas começaram a andar de peito estufado, de um lado para outro, nos degraus bem junto aos seus pés. O pai dela estava vivo, por todo esse tempo. Apesar de parecer impossível, Anna não ficou propriamente surpresa. Era a sensação de mergulhar de cabeça, com alto risco, sem saber onde iria dar. Apertou os corrimãos da escada de incêndio, um em cada mão. Com todo o cuidado, como se o edifício balançasse de um lado para o outro, voltou para o apartamento. O sol batia só nos parapeitos. Já era por volta de meio-dia, provavelmente. Na cozinha, Anna encontrou o lápis que sua mãe mantinha preso à parede por um barbante, para as listas de compras. Anna alisou a carta do pai no balcão e escreveu por cima, em letras grandes, *LYDIA MORREU*, com tanta força que a ponta do lápis rasgou o papel. Então, foi para o seu antigo quarto, deitou-se na cama e adormeceu.

Quando acordou, percebeu pela luz que era o meio da tarde. Não lhe parecia mais possível voltar para a Clinton Avenue. Precisava fazer alguma coisa. Ligou o rádio, sentou-se à mesa da cozinha e tentou raciocinar. Quem seriam as freiras de quem Nell tinha falado, e como poderia encontrá-las? Teriam telefone? Parecia tarde demais para voltar a recorrer a Nell; a quem poderia apelar? Estranhamente, lhe veio à mente Charlie Voss, a quem ela pouco tinha visto desde que se mudara para a casa de Rose. Alguma intuição lhe dizia que Charlie poderia ajudá-la, mas não havia garantias e não podia se dar o luxo do risco.

No rádio, estava começando o programa de Roy Shields, que ela costumava escutar com tia Brianne. E bastou essa lembrança da tia. Claro. Brianne acreditava, tanto quanto a mãe dela, na virtude e no bom senso de Anna, mas a perda dessa ilusão não lhe causaria um grande sofrimento. Nada abalava muito tia Brianne.

Se telefonasse para a tia e lhe deixasse um recado, teria de ficar à espera de uma resposta, e Anna não se achava mais capaz de esperar. Decidiu que iria direto para Sheepshead Bay, mesmo sem ter o endereço, e ligaria para a tia de lá. Brianne sempre usava uma caixa postal; mudava muito de endereço e às

vezes nem tinha onde morar, guardando seus baús cheios de peles e plumas, além de uma ou outra peça de mobília, na casa dos pais de Anna. Olhou para a miscelânea que guardava nas gavetas da sua cômoda. E lá estava um dos guardanapos que sua tia tinha trazido para o almoço depois do funeral de Lydia. DIZZY SWAIN: EMMONS AVENUE, SHEEPSHEAD BAY. Começaria por lá.

Consultando o mapa de ônibus e bondes colado no interior do armário da cozinha, viu que havia uma linha de metrô que levava direto a Sheepshead Bay. Anna deixou o apartamento e caminhou até a estação mais próxima.

Tinha estado em Sheepshead Bay com seu pai, em alguns “trabalhos”, e se lembrava de uma verdadeira confusão de docas em mau estado e pequenos barcos de pesca. Ele a tinha levado até uma pocilga onde vários homens sentados junto a um balcão enfiavam a cara em tigelas, tal como animais famintos em um cocho. Enquanto seu pai resolvia o que tinha que resolver, o proprietário trouxe uma tigela de sopa de mariscos para Anna. E ela ainda se lembrava da sopa: cremosa, amanteigada, rica em peixe. Seu estômago se retorceu com a lembrança.

A Emmons Avenue parecia mais larga do que ela esperava, com o amontoado familiar de docas substituído por uma série de embarcadouros monumentais que se estendiam em um mesmo ângulo ao longo do mar. Direcionou-se para a extremidade norte da avenida, rumo a um café, e mostrou o guardanapo ao homem do caixa, que tinha os cabelos tingidos de preto e um bigode que parecia grudado em cima da boca.

— O senhor sabe onde fica esse lugar?

— Mas é claro — respondeu ele. — Dobre à direita na Emmons. Você pode pegar o bonde a menos de cinquenta metros daqui.

Anna ficou olhando da janela do bonde para os marinheiros que circulavam no final da tarde: a insígnia em forma de águia nos quepes dos oficiais era dourada, e não prateada, o que significava que eram da Guarda Costeira, e não da Marinha. Por toda a área de Sheepshead Bay, as casas de família tinham dado lugar a instalações militares: devia ser o tal centro de treinamento de que sua tia tinha falado. Quando Anna desceu do bonde, podia estar na Sands Street: bares lotados, um estúdio de fotografia oferecendo doze poses por 69 centavos. MADAME LAROUSSE: CARTOMANTE, QUIROMANTE, BOLA DE CRISTAL. Localizou o Dizzy Swain a um quarteirão dali: no letreiro, a caricatura de um pastor apaixonado com uma coqueteleira nas mãos.

O Swain lembrava muito o Oval Bar, com seu cheiro forte de serragem e cerveja enriquecido pelo aroma dos pratos de frutos do mar. Estava repleto de homens em trajes civis; Anna imaginou que fossem marujos da Marinha Mercante. O lugar parecia um tanto aquém do nível da sua tia, mas lá estava Brianne, junto ao balcão! Anna correu para ela, mas acontece que a tia estava *do outro lado* do balcão, pois trabalhava lá! Anna parou, confusa, achando que Brianne talvez não a reconhecesse, de tão bizarro que seria aquele encontro.

Mas a tia gritou de alegria:

— Ah, já estava mais do que na hora! Achei que só podia ver minha sobrinha nas páginas do *Brooklyn Eagle*. Duas semanas sem ligar. Deixei três recados na mercearia, e eles não sabem de você há muito tempo. Está com fome? Sopa para a minha sobrinha, Albert, e não economize nos mariscos.

Aquela chuva de queixas em tom festivo deixou Anna gaguejando desculpas. Albert, com um pomo de adão ainda mais proeminente do que o nariz, preparou-lhe um lugar no balcão e lhe trouxe uma tigela de sopa fumegante. Ela quebrou alguns biscoitos salgados dentro da tigela e comeu uma colherada. Fechou os olhos: peixe, creme, manteiga. Era a sopa de que se lembrava, só que ainda melhor, porque estava em sua boca naquele momento. A sopa esquentou toda a sua barriga por dentro, irradiando-se para os braços e pernas. Teve uma sensação curiosa enquanto comia, como se os peixes da sopa estivessem nadando no seu estômago. Quando sentiu a mesma coisa pela segunda vez, perguntou-se se a sopa não estava lhe causando indigestão. Mas não era isso. Uma coisa viva se mexia dentro dela.

Sua garganta deu um nó, e ela pousou a colher. Pela primeira vez, Anna sentiu verdadeiro terror da calamidade que tinha deixado acontecer. Passara quase dois meses sem pensar muito no assunto — acreditando que ainda haveria uma rota de fuga. Agora tinha o desastre pela frente, nu e cru. Estava arruinada.

Brianne brincava com os marinheiros, enchendo seus copos como a mãe indócil da matilha. Anna mal escutava. Concentrava-se na distância intransponível que agora se abria entre ela e tudo o que amava: o trabalho de mergulhadora; Marle, Bascombe e os outros companheiros; Rose e a família. A fotografia no *Brooklyn Eagle*: uma boa moça, uma garota ingênua e sorridente. Mas Anna não era aquela. Era uma farsante corrompida, mentindo pela vida afora.

Acabou a sopa sem saboreá-la. A criatura não voltou a se mexer, mas agora a sentia enrodilhada dentro dela: uma sombra que escondia desde a infância, agora em forma corpórea e animada. Só o seu pai tinha vislumbrado sua desonestidade, sua baixeza moral; só ele tinha adivinhado no que ela se transformaria. Seu desencanto com Anna o tinha afugentado. Ela sempre soubera disso.

Sua tia estava a seu lado, com a mão em seu ombro.

— Francine concordou em começar mais cedo, então podemos subir e conversar à vontade — avisou Brianne.

Anna agradeceu a Francine, cuja expressividade residia toda no colo sardento bem à mostra, e seguiu Brianne para fora do Dizzy Swain. Passaram por uma porta lateral e deram em uma escada cujo corrimão de carvalho entalhado parecia uma relíquia de tempos mais prósperos. Subiram até um corredor recoberto por lambri, cheirando a cebola e batatas cozidas. As circunstâncias em que sua tia se encontrava deixaram Anna intrigada. Onde é

que o Rei da Lagosta entrava naquela história?

Depois de um segundo lance de escadas, Brianne pescou uma chave em algum rego dos seios e abriu uma porta. Anna a seguiu para um cômodo cuja única janela recebia só luz indireta. Seu olhar deparou com móveis dos quais se lembrava de infância: uma namoradeira de estofado vermelho; um biombo chinês; um mancebo que parecia uma letra cursiva. As paredes e o teto do quarto davam a impressão de se contrair em torno da mobília, que parecia excessiva e grande demais para aquele espaço. Sua tia acendeu as luzes, revelando uma pia pequena, um fogareiro a gás com uma cafeteira e um secador de roupas do qual pendiam ligas e sutiãs.

— O Rei da Lagosta... mora aqui perto? — perguntou Anna.

— Ele sumiu — respondeu a tia, enfiando um Chesterfield entre os lábios e acendendo o cigarro com um isqueiro na forma da lâmpada de Aladim. — Um imprestável, como todos os outros.

— Quer dizer que... você não tem nenhum amigo?

Brianne deu uma tragada, depois equilibrou o cigarro com cuidado em um cinzeiro prateado.

— Tenho muitas amigas, isso sim — respondeu ela através de uma nuvem de fumaça. — Além do sr. Leontakis, o meu senhorio. Ele é o dono do bar. É grego — acrescentou, como quem invoca um atenuante.

Sentou-se na namoradeira vermelha e deu um tapinha no assento ao lado dela. As pernas de Anna estavam bambas quando ela se sentou. Brianne segurou com as mãos, que eram gorduchas e macias, as mãos da sobrinha. *A única parte feia de mim*, ela costumava dizer das próprias mãos. *Ainda bem que não são a minha cara*. Anna olhou nos olhos da tia e percebeu que ela tinha adivinhado.

— Quando foi a última vez que desceram as regras?

— Não lembro.

— Mais ou menos — insistiu a tia.

— A coisa aconteceu no dia nove de fevereiro.

Brianne deu um assobio.

— Eu não devia ter ficado tanto tempo sem visitar vocês.

E foi sua única manifestação de culpa. Quando retomou a conversa, foi para fazer uma série de perguntas de ordem prática, com a imparcialidade calorosa de um médico. Anna respondia em tom monocórdio. Não, não tinha sido uma armadilha, nem tinham se aproveitado dela. Ninguém mais sabia da sua condição. Não queria dar o nome do pai, e nunca mais voltaria a vê-lo. Pensava em entregar a criança para adoção, mas ainda não tinha certeza.

— É uma decisão que você precisa tomar já. Agora mesmo — disse Brianne. — As duas opções vão em caminhos opostos.

Se fosse abrir mão da criança, só precisava decidir onde ela iria nascer. Brianne sabia de vários lugares, todos cheios de freiras.

— Você tem de se preparar para só ver mulheres de preto o dia inteiro —

explicou ela. — E se humilhar. Confissão, penitência. Confissão, penitência. Elas vão deixar você zonha.

— Como é que você sabe?

Houve uma pausa.

— Todo mundo sabe disso.

Se quisesse ficar com a criança, Anna precisava se casar imediatamente. Uma ideia que a fez soltar uma risada.

— E quem vai querer se casar comigo, tia?

— Você nem imagina — falou Brianne, e explicou que o mais comum era um amor não correspondido. — Um homem que não teria a menor chance, não fosse o seu problema. Sempre pode aceitar criar o filho de outro, em troca de ficar com você.

Quando Anna garantiu à tia que não tinha nenhum pretendente assim, Brianne lembrou uma segunda possibilidade, que envolvia um homem “diferente”.

— Pode funcionar muito bem — disse ela. — E pode até produzir uma espécie de amor entre marido e mulher.

— *Diferente?*

— Homossexual. Sabe como é, um maricas.

Anna sabia, sim, dessas coisas, mas só de ouvir falar.

— E como é que eu vou achar um homem assim?

— São muito mais comuns do que você pensa.

Anna franziu o cenho, balançando a cabeça, mas na mesma hora uma imagem de Charlie Voss ocorreu-lhe. Seria possível? Ou estaria exagerando, levada pelo desespero?

— Pode ser que eu conheça um homem assim. Mas e se eu estiver enganada?

— Você gosta dele? Ele gosta de você?

— Muito.

— Ótimo. Então, é a saída. Se ele tiver um bom emprego.

— Mas como é que faço isso acontecer?

— Na verdade, eu quis dizer boas perspectivas. Emprego, hoje em dia, todo mundo tem.

— Não posso simplesmente chegar para ele e perguntar se ele topa.

— Vá se encontrar com ele amanhã de manhã, sem perder tempo. Fale da situação em que está, peça conselhos e deixe por conta dele fazer a proposta, se ele achar pertinente.

— E depois?

— Vocês se casam logo, em segredo. Normalmente, deveriam sair de viagem para atrapalhar as contas das pessoas, mas com essa guerra maldita é melhor você deixar o dia do casamento e do nascimento da criança meio vagos, e mais tarde decide as datas. O seu filho ou sua filha, ou os seus filhos, se for mais de um, vão ter um pai. E o mais importante: vão ser legítimos.

— Existe gente que vive assim?

— Conheço vários casais. Moram geralmente em áreas distantes do centro, em Long Island ou Nova Jersey. O marido pega o trem todo dia para a cidade, aluga um apartamentinho e dorme na cidade por causa do trabalho duas ou três noites por semana. Quartos separados. É a mesma coisa que dividir a casa com uma amiga, só que, no caso, é com um marido.

— Parece uma coisa muito triste.

— *Triste?* Olhe bem a sua situação.

— Prefiro ficar sozinha a viver desse jeito.

Brianne pousou o cigarro no cinzeiro prateado e endireitou o corpo, uma torre gélida de reprovação.

— Ah, pode acreditar que você vai ficar sozinha. Melhor dizendo, vai se tornar uma “pária”. E seu filho ficará taxado de bastardo. Vou lhe dizer uma coisa, querida: não existem portas abertas para mães solteiras e filhos ilegítimos. Se você tiver o bebê e não se casar, vai ter que viver como uma sombra, e a criança também. Nunca vou saber por que você não me procurou enquanto ainda havia jeito, mas você é esperta demais para fazer a escolha errada, Anna. Pense no seu amigo homossexual, ou possivelmente homossexual. Se você tiver sorte e ele te pedir em casamento, pode ser a sua melhor chance de ser feliz. Se você quiser ficar com a criança.

Anna viu que precisaria desistir do bebê. Passaria um tempo longe, mas depois poderia voltar para a sua vida atual. Passou rapidamente em revista o que encontraria à sua espera: um quarto alugado; um emprego que devia perder assim que a guerra acabasse. Amigos que iam se dispersar. Em outras palavras, nada. A vida dela dependia da guerra; a guerra *era* a vida dela. Antes, levava uma vida diferente — a família, o quarteirão onde morava —, mas todo mundo tinha morrido, ido embora ou crescido. O último vestígio daquela vida tinha sido seu pai, a estranha bruxaria de sua morte.

— Eu preciso andar um pouco — falou Anna, pondo-se de pé. — Preciso pensar. Preciso ficar sozinha.

— Ah, nada disso — interpôs Brianne, levantando-se da cadeira com um gemido. — Já faz tempo demais que você tem ficado sozinha, está mais do que claro. A gente não precisa conversar, mas não vou sair do seu lado antes de um plano estar bem definido.

Seguiram para leste pela Emmons Avenue. O sol tinha se posto, tingindo o céu de cor-de-rosa. Anna sentiu o cheiro do mar, dos ancoradouros recendendo a óleo. Bandos de gaivotas saltitavam à beira da água, como coelhos brancos.

— Papai está vivo — afirmou Anna, rompendo um silêncio demorado.

Sua tia lançou-lhe um olhar.

— E você achava que não?

— Recebi uma carta. Ele estava servindo na Marinha Mercante.

Como Brianne não demonstrou muito espanto, Anna virou-se para ela.

— Você sabia?

— Tinha alguma noção. — Depois, para prevenir a explosão de Anna, a tia completou: — De onde você acha que eu tirava o dinheiro para ajudar você e a sua mãe? Trabalhando naquele pé-sujo?

— Mas... o Rei da Lagosta.

— Nunca existiu Rei da Lagosta. Ora, deixa disso, não fique tão espantada: essa história era mais falsa do que uma nota de três dólares. Uma velhota como eu, amigada com um bacana? Fico até envaidecida de você ter acreditado.

Anna teve um rompante de raiva. Parou de andar e começou a gritar com a tia, atraindo os olhares dos passantes.

— E você não contou a ele o que aconteceu com a Lydia! Ele acha que ela ainda está viva!

— Ele nunca me deu um endereço — respondeu a tia em tom muito calmo. — Nem mesmo uma caixa postal. Só mandava uma ordem de pagamento duas vezes por ano, e dizia para eu ficar com um pouco e dar o resto para Agnes.

— Pois eu preferia que ele tivesse morrido. Por mim, era melhor! — gritou Anna.

— Se morrer dependesse da vontade dos outros, iam sobrar poucos vivos.

Tão repentinamente quanto tinha surgido, a cólera de Anna se reduziu a repulsa.

— Você também sente ódio dele? — perguntou ela quando recomeçaram a caminhar.

Brianne soltou um suspiro.

— Ele é o meu único irmão. E talvez a guerra o obrigue a tomar juízo. As guerras costumam surtir esse efeito.

— Você me disse que achava a guerra uma piada. Garotos brigando com pedaços de pau.

— Os homens que *criam* as guerras, sim. Mas os que lutam, esses rapazes tão bonitos... são todos inocentes.

— Papai não é soldado, tia, ele entrou para a Marinha Mercante!

— E quem disse que eles também não são soldados? — continuou Brianne em tom acalorado. — Correm todos os riscos sem promessa de glória: nem medalhas, nem salvas de tiros. No fim, são só mercadores marítimos, pouco mais do que vagabundos, do ponto de vista do resto das pessoas. Pois, para mim, são os verdadeiros heróis.

Não havia como deixar de perceber a emoção na voz de sua tia. O heroísmo, ao que parece, era a única coisa que Brianne não achava ridícula.

— Papai, um herói? É isso que você está dizendo?

Brianne não respondeu. Anna recapitulou a carta do pai: o torpedo, o bote salva-vidas, o hospital. Ia contar tudo à tia, mas não agora. Sua cabeça finalmente começava a funcionar, como se a raiva tivesse aberto um caminho em seus pensamentos.

Chegaram a uma área à beira-mar bloqueada por cercas militares, e deram meia-volta. Nenhuma das duas disse mais uma palavra em todo o caminho. Após subir as escadas para o quarto de Brianne e pendurar os casacos, Anna perguntou:

— Quanto sobrou do dinheiro mandado por ele?

— Duzentos dólares, mais ou menos. Por quê?

— Tive uma ideia.

Sua tia despejou uísque em um copo e ofereceu a Anna, que recusou: mesmo àquela altura, não conseguia achar normal beber na frente da tia. Voltaram para a namoradeira. Brianne acendeu um cigarro e fez a bebida girar no copo.

— Vou tomar um trem para a Califórnia — declarou Anna. — No caminho, ponho uma aliança no dedo e um vestido preto. Digo que sou viúva de um soldado, vou morar perto do Arsenal de Marinha de Mare Island, e trabalho lá como mergulhadora. Acho que consigo uma transferência do Arsenal de Marinha do Brooklyn.

Brianne se mostrou incrédula.

— Você sabe que um leito em um trem para a Califórnia custa 150 dólares.

— Eu tenho 542 dólares no banco, mais 328 em bônus de guerra. E vou viajar sentada.

— Não no seu estado!

— Tia, eu trabalho soldando cascos de navio a dez metros de profundidade!

— Você vai ficar pobre, sem um tostão.

— Posso vender meus bônus de guerra.

— Vai acabar morando na rua.

— Ridículo.

— Quem pode lhe ajudar? Quem você conhece na Califórnia?

Anna deu uma risada rouca.

— Bom, se eu ficar desesperada, imagino que possa escrever para o papai. Pelo que eu entendi, hoje em dia ele é um herói.

Depois de um jantar no famoso restaurante Lundy's, com torta de mirtilo de sobremesa, Anna vestiu uma velha combinação da tia, manchada debaixo dos braços. Brianne colocou um vestido caseiro de raíom, abotoado até o pescoço. Deitaram-se lado a lado na cama com dossel, às voltas com os sons da farra da noite de sábado no bar do térreo. Anna ficou acordada, olhando para o lustre do teto com sua base de rosas moldadas em gesso. Estava entusiasmada com o seu plano, aliviada por ter finalmente conseguido planejar alguma coisa. Imaginou que a tia estivesse adormecida, e por isso teve um sobressalto ao ouvir a voz dela no escuro.

— E o pai...

— Não, tia.

— Só uma pergunta.

— Não.

— Você nem precisa responder. Vou saber só de perguntar.

— Não vai saber de nada.

— Era soldado?

Anna não respondeu.

— Esses uniformes — comentou a tia, rindo. — Quem consegue resistir?

TRINTA

— Uma carta não vai adiantar nada. Deveria, mas não vai — asseverou o tenente Axel.

— É como se fosse uma transferência — explicou Anna. — Do Arsenal de Marinha do Brooklyn para o de Mare Island.

— Transferência o cacete, com o perdão da má palavra. Vai levar a vida toda para ser aprovada, como tudo nesse pardieiro. O que eu vou fazer... — Sentado atrás da mesa, fixou o olhar nela. — Vou passar um interurbano e falar com quem comanda os mergulhadores de lá.

— Ora, obrigada.

— Pode ser alguém conhecido, se for um mergulhador de verdade.

Carregava no rosto sua expressão de má notícia, mas sem o prazer malicioso que normalmente a acompanhava.

— Sente-se, Kerrigan.

Anna sentou-se, nervosa. Agora que cada lance tinha o objetivo de fazê-la chegar à Califórnia com a reputação intacta, vivia com medo de ser desmascarada.

— Existe um aspecto desagradável disso tudo, que não afetou você porque trabalhava para mim. Mas não tenho como te proteger na Califórnia. — Inspirou demoradamente e se inclinou para a frente, dizendo a Anna em tom confidencial: — Boa parte do pessoal mais antigo tem ideias... mais retrógradas. Não vão querer uma mulher no programa de mergulho. Podem dar risada só de pensar no assunto.

Olhou para ela com uma expressão séria, e Anna ficou confusa. Será que o tenente estava brincando? Zombando de si mesmo, o que não era nada característico? Ou teria se esquecido dos primeiros confrontos entre os dois?

— Claro que você não é como a maioria das mulheres. E nós dois sabemos bem disso.

— Difícil saber como é a maioria das mulheres — murmurou Anna.

— A questão é que vou precisar dizer a ele, de homem para homem: *Contrate essa garota. Ela trabalha como dois homens*. Se eu só mandar uma carta, ele pode imaginar que eu tinha motivos sórdidos para escrever. A verdade é desagradável, Kerrigan, e queria que não fosse eu a contar para você. Mas é assim que funciona a cabeça dessa gente.

Anna ficou ouvindo, admirada.

— Entendi.

— De homem para homem. *Não é uma louca sem juízo, louca para se meter no*

meio dos rapazes, porque é isso que eles vão pensar. Você está chocada, eu posso ver, mas o mundo às vezes é muito hostil. *Ela é de longe a melhor mergulhadora do grupo que eu comando, então não fique aí parado achando graça e contrate ela logo.* — O rosto do tenente ficou muito corado durante o embate com os supostos preconceitos de um interlocutor imaginário. — Precisamos ganhar a guerra, que diabo! Precisamos dos melhores homens: de quem trabalha melhor. Aqui também temos um negro, o sr. Marle. Que por acaso é o meu melhor soldador. E eu me incomodo de ele ser negro? Ora, por mim podia até ser uma girafa, contanto que soubesse soldar assim debaixo d'água.

A veemência do tenente quase abalou a memória de Anna. Será que tinha sido sensível demais no início, em relação à rispidez do tenente? Será que exagerou? Não sabia mais ao certo.

— E o senhor acha que consegue convencer essas pessoas? — perguntou ela.

— Eu tenho uma ideia da língua que eles falam, da maneira como a cabeça deles funciona. Acho que consigo me fazer entender.

— Obrigada, tenente.

Ele ficou calado por um momento, olhando para as mãos entrelaçadas em cima da mesa.

— E isso é só a primeira coisa — recomeçou ele, em tom mais calmo. — A segunda é que o Pacífico é infestado de tubarões. Ouvi dizer que tubarões brancos são comuns na baía de São Francisco, e engolem focas inteiras de sobremesa. Posso perguntar o que pensa fazer se encontrar um deles?

★ ★ ★

Apenas doze dias depois de anunciar que precisava ir encontrar a mãe na Califórnia, Anna partiu. Durante esse período — ou melhor, depois que saía do trabalho, e no único dia de folga que teve nessa época —, avisou o senhorio de que ia deixar o apartamento, encaixotou e despachou as roupas pessoais e de cama da sua mãe, mandou a mobília para um depósito, fechou sua conta de poupança no banco Williamsburgh e transferiu o saldo, por telegrama, para o Bank of America em Vallejo, Califórnia. Visitou o túmulo de Lydia, prometendo que mandaria buscar a irmã assim que se organizasse melhor. Bascombe, Marle, Ruby e Rose (cuja família ficou desolada com a notícia de sua partida) ofereceram ajuda, mas ela não podia se dar o luxo de aceitar. No caso da mãe e dos vizinhos, tinha precisado de uma história mais radical para explicar sua partida: depois de duas semanas de uma paixão fulminante que a carregara ao altar, agora acompanhava o novo marido até o Arsenal de Marinha de Mare Island. Comprou uma aliança em uma casa de penhores, e a punha no dedo toda vez que ia à sua antiga vizinhança. Aquelas invenções todas requeriam uma encenação frívola e esbaforida que deixava

Anna mais exausta do que todas as jornadas de arrumação e transporte de malas e pacotes. Até mesmo as cartas que precisou escrever para Stella, Lillian, sua mãe e os rapazes da vizinhança com quem se correspondia a deixaram esgotada. Salpicou o papel de cartas com água de colônia de rosas e abusou dos pontos de exclamação. Mentir para a mãe era o mais difícil, mas era apenas temporário, uma versão da história para repassar à família de Minnesota. Anna lhe contaria a verdade quando voltassem a se encontrar.

Batizou o marido de Charlie. *Tenente Charlie Smith!!!!!!*

Sustentar duas histórias falsas e incompatíveis entre si, além de uma atenção absoluta aos momentos em que usava ou tirava sua aliança, impunha uma separação absoluta entre sua vida antiga — a mãe e a vizinhança — e sua vida atual no Arsenal de Marinha. Significava não se despedir de Charlie Voss, a quem Anna se julgava incapaz de mentir, pelo menos cara a cara. Para ele, escreveria da Califórnia.

Em meio a uma última rodada de cervejas no Oval Bar, deu aos amigos o endereço do Hotel Charles, em Vallejo. Prometeu beijar a costa do Pacífico por Bascombe e mandar uma fronde de palmeira para Ruby pelo correio. A Marle, que planejava se mudar para a Califórnia depois da guerra, ela prometeu descobrir os lugares com tratamento amigável para negros. Depois, abraçou Ruby, apertou a mão de dezesseis mergulhadores e foi a pé pegar o bonde da Flushing Avenue para um último jantar com Rose e a família.

Brianne chegou de táxi ao final da manhã seguinte. Rose e o pai dela tinham saído para trabalhar, então foi a mãe de Rose quem se despediu de Anna, admirada com o volume de bagagem já amontado no táxi: duas caixas de papelão, uma valise, uma bolsa de viagem, uma frasqueira e um baú de bom tamanho, todos de Brianne. O envolvimento da tia na mudança de Anna foi progressivo: de levar a sobrinha até a estação a acompanhá-la até Chicago; resolveu então que também faria a viagem até a Califórnia para poder visitar umas amigas em Hollywood, ficando com a sobrinha em Vallejo só o tempo necessário para ela se instalar; pouco depois, achou melhor ficar até o nascimento, porque ninguém podia deixar uma garota sozinha em momentos como esse. Finalmente, teve uma revelação que a despertou de um sono profundo no meio da noite (segundo ela própria contou) e a tirou da cama: estava esgotada de Nova York, louca pelo clima mais ameno da Califórnia, e fazia muito tempo que já devia ter se mudado para lá de uma vez por todas. E mandou sua mobília junto com a de Anna para o depósito.

A mãe de Rose segurava o pequeno Melvin no colo, e o dois acenaram enquanto o táxi se afastava. Anna viu que estava chorando. As árvores prateadas que sombreavam a Clinton Avenue agitavam-se a uma brisa que cheirava a carvão e notas de chocolate. Quando se viu fora das vistas da mãe de Rose, Anna se apoiou no encosto do banco do táxi e fechou os olhos. Uma energia fora do comum a tinha sustentado por todas as muitas etapas daquela partida. Agora que não havia mais nada a fazer, sua animação dissipou-se no

vazio. Partir nunca foi uma vontade, e ainda não era.

Brianne agitava um leque chinês pintado à mão, liberando um cheiro de pó antigo que vinha do seu vestido. Anna sentiu uma pontada de repulsa. Não queria ir embora, especialmente na companhia daquela velhota embolorada. Baixou sua janela e deixou o vento bater em seu rosto. O motorista dobrou à esquerda na Flushing e tomou o rumo oeste ao longo do Arsenal de Marinha — passando pela Unidade 77, de cujas janelas altas Anna contemplava os navios no dique seco; pelo portão da Cumberland e pelas casas dos oficiais, com quadras de tênis nos fundos. Em uma colina, acima das chaminés, viu de relance o frontão amarelo da casa do comandante.

O motorista virou à direita na Navy Street, e passaram pelo portão da Sands Street e pela Unidade 4, onde Nell trabalhara. Anna sentiu uma dor física no peito e na garganta quando se aproximaram da extremidade noroeste do Arsenal. A Unidade 569 ficava bem do outro lado daquele muro! Era um dia comum, e o tempo estava perfeito para mergulhar! A ela parecia que estava mesmo do outro lado do muro embarcando o equipamento com seus amigos e, ao mesmo tempo, dirigindo para longe deles eternamente. Era uma separação violenta, uma ruptura dilacerante. Anna se apegava a cada marco da paisagem como se cravasse os calcanhares em uma ladeira para parar de escorregar: o Woolworth Building; os velhos píeres do Seaport; a harpa desenhada pelos cabos de aço da Brooklyn Bridge.

Do outro lado do East River, o Arsenal de Marinha ficou novamente visível, com a silhueta do *Missouri* aparecendo através das carreiras de construção. O encouraçado estava quase pronto; todos já vinham disputando os melhores lugares para assistir ao lançamento. Os mais cobiçados ficavam dentro das carreiras de construção, e Charlie Voss tinha prometido um desses assentos para Anna. Ela se perguntava se conseguiria dar algum jeito de voltar ao Brooklyn para o lançamento do *Missouri*; perder a ocasião era como nunca ter trabalhado no Arsenal de Marinha.

No fim das contas, Anna acabou vendo o lançamento de dentro das carreiras de construção — mas nas imagens de um cinejornal a que assistiu no cinema Empress, de Vallejo, Califórnia. Eram fins de abril de 1944, três meses depois do lançamento do navio. Anna assistiu tantas vezes àquela filmagem que a bilheteira começou a permitir sua entrada gratuita no cinema; ela nunca ficava para o longa-metragem. A popa imensa do navio lembrava uma montanha e se agigantava por efeito do ângulo da câmera, tornando diminutos os marinheiros que acenavam da amurada de ré. A madrinha do navio foi Margaret Truman, a filha de dezenove anos de um senador do Missouri. Ela partiu uma garrafa de champanhe no casco com um barulho que pareceu um tiro, mas Anna já sabia por Marle, correspondente constante e minucioso, que a srta. Truman tinha precisado de três tentativas para quebrar a garrafa. “Todo mundo aqui comentou: ‘Kerrigan tiraria essa de letra’”, escreveu ele.

Assim que a garrafa se partiu, vários homens com marretas começaram a

remover os calços de madeira que seguravam o *Missouri* no lugar. Em poucos segundos, o “maior e mais poderoso encouraçado de todos os tempos” escorregava pelas rampas com uma facilidade aparente que devia muito à supressão de quaisquer rangidos de atrito que deve ter acompanhado sua descida, substituídos pela música da banda e a voz triunfal do narrador no cinejornal: “O *Missouri* simboliza o poderio crescente da Marinha dos Estados Unidos.” Muitos homens corriam atrás do navio, segurando o chapéu, mas em pouco tempo ele estava além do alcance do público: enquanto a popa ainda descia pela rampa, a proa já tinha entrado na água, produzindo uma ondulação imensa no East River, que se abria à passagem do navio com a suavidade de uma almofada em que um gato se acomodasse. E o navio saiu singrando as águas, sua metade inferior submersa, como se nunca tivesse estado em terra. Era como assistir a uma criatura nascer, crescer e, em seguida, partir de modo irreversível, tudo em menos de um minuto.

O táxi entrou na 42nd Street, na direção da Grand Central, com o sol coado pela estrutura do elevador da 3rd Avenue, debaixo do qual tiveram de passar. Em seguida, os arranha-céus é que bloquearam o sol, sua sombra abrupta lembrando a chegada súbita de uma tempestade. Os jornaleiros de rua berravam as manchetes:

— Americanos derrubam 77 aviões japoneses em Guadalcanal!

— A maior batalha aérea do Pacífico! Só seis aviões americanos se perderam!

— Deixe eu ver a sua aliança — pediu Brianne.

Anna tinha ido a uma casa de penhores na Willoughby Avenue, perto do tribunal, com a intenção de comprar a aliança mais barata que encontrasse. Mas tinha mudado de ideia, experimentando uma de ouro catorze quilates com diamantes minúsculos incrustados, e outra de latão amarelo, com um padrão de folhas gravado em filigrana. Quanto mais hesitava, mais relevante a decisão lhe parecia. Era sua aliança de casamento, afinal; precisaria usá-la o tempo todo. Por que escolher um aro irregular de cobre que ainda iria manchar seu dedo de verde? Enquanto Anna deliberava, examinando as alianças, teve a impressão súbita e clara de ter Dexter Styles bem a seu lado. Imaginou que ele reprovava a aliança com os diamantes: *Se for para usar um diamante, melhor que seja de bom tamanho, para ser visto. E latão amarelo é idêntico a ouro, se a aliança estiver sempre bem polida.* E ela escolheu a filigrana de latão.

— Nada mau — comentou Brianne, passando o dedo pela gravação com as folhas, que Anna havia lustrado de manhã cedo. E então, piscando um olho: — O seu soldado é um homem de bom gosto.

Brianne salpicou água de colônia no decote pouco antes de chegarem à estação. Dali a pouco, já flertava com o jovem carregador negro que recolhia suas bagagens. Os olhos dele se cruzaram com os de Anna, e os dois trocaram um sorriso provocado pela tia dela, uma mulher de quase cinquenta anos que ainda exalava o aroma de Lady of the Lake.

A afluência de uniformes pelo saguão enfumaçado beirava o alvoroço. Os trens estavam todos superlotados. Brianne precisou usar “todos os encantos” para comprar dois leitos de Chicago a São Francisco tão em cima da hora; Anna imaginou que o feito devia ter envolvido alguma propina, e não os poderes de sedução da tia. Atravessando as faixas de luz difusa enviesadas pelo vidro em lunetas nas paredes, Anna sentiu que a sombra do seu fracasso começava a se dissipar. Havia mulheres por toda parte, com os uniformes da Reserva Naval Feminina ou do Corpo Feminino do Exército, além de mães puxando os filhos pela mão. Não havia nada fora do comum na partida de Anna; era uma parte ínfima de um movimento migratório.

Ocuparam assentos de frente um para o outro a bordo do famoso *Pacemaker*, um dos trens que ligavam Nova York a Chicago. Seis outras pessoas se instalaram na mesma cabine. Aliviada da necessidade de esconder seu estado, Anna relaxou, deixando o casaco aberto e revelando sua barriga. E foi o bastante para provocar uma mudança na atmosfera geral: sentiu que os passageiros vizinhos a examinavam em detalhe, até localizarem a aliança de casada. A curiosidade saciada parecia um suspiro de alívio. Aquela aliança tinha poderes mágicos. Ofereceram-lhe um leque, um jornal, um copo d’água. Tanto poder em um fino aro de metal.

Conversar era mais complicado. Todo mundo conhecia alguém na Marinha, e as respostas vagas de Anna sobre o tenente Charlie Smith só fizeram provocar novas perguntas. Ela resolveu o problema concentrando-se na leitura: primeiro do *Times*, depois do *Journal American*. Em seguida, a *Tragédia de Z*, de Ellery Queen.

Baixinho, ela perguntou à tia:

— Você trouxe o vestido?

— Vários. Cada um mais lindo do que o outro. Mas não vamos precisar disso ainda. — E sussurrou no ouvido de Anna: — Aproveite a sua semana de mulher casada antes de entrar no luto de viúva.

A flotilha de navios de guerra ao longo do rio Hudson ia ficando mais esparsa à medida que o trem seguia para o norte. Era o mesmo caminho que Anna fazia nas viagens para Minneapolis com a mãe e Lydia, mas não lembrava que o trem andava tão depressa. O *Pacemaker* trovejava pelas passagens de nível, fazendo roupas na corda esvoaçarem como pássaros assustados. Soldados perambulavam pelos corredores, jogando cartas, atirando pontas de cigarro pela janela. A velocidade do trem instigou certo anseio em Anna, como um formigamento. Olhava a paisagem pela sua janela: cidade após cidade, todas avultavam e depois minguavam até sumir. Os trens em sentido oposto passavam como um golpe.

Acordou de um cochilo e descobriu que tinham chegado a Shenectady, enquanto a luz do fim da tarde tingia de mel os tijolinhos das fábricas ao lado dos trilhos. No Brooklyn, àquela hora ela estaria saindo do Arsenal de Marinha em companhia de Rose, ou talvez tomando cerveja com os outros

mergulhadores no Oval Bar. O sofrimento de ter sido arrancada à força da sua vida já se apaziguava em simples dor. A mera distância proporcionara isso. Uma carta remetida de Shenectady levava um dia para chegar a Nova York; um telefonema demandaria muitas moedas e várias interrupções de uma telefonista. Ela já estava longe.

Anna e Brianne dirigiram-se ao vagão-restaurante quando o sol começou a se pôr, na altura de Syracuse. Passaram seus planos em revista enquanto comiam filés de frango empanados: o tenente Axel tinha conseguido um emprego para Anna no Arsenal de Marinha de Mare Island, onde ela continuaria a mergulhar até não poder mais disfarçar seu estado. Nesse momento, ela pediria uma licença, teria o filho e voltaria em seguida, então como viúva, depois de encontrar alguém para cuidar do bebê.

— Espero que mamãe possa vir.

Brianne fez um ar de contrariedade.

— Algum problema com a atual acompanhante?

Anna riu.

— Você detesta criança pequena, tia.

— Nem todas.

— Chama todas de pestinhas.

— Já houve casos em que me saí muito bem.

Anna inclinou a cabeça para o lado.

— Você quer tomar conta de um bebê?

De alguma forma, a pergunta transformou-se numa proposta. Anna viu sua tia refletir, com as rugas dramáticas do rosto organizadas em uma rara expressão contemplativa.

— Talvez seja a única coisa que ainda não fiz na vida.

Ao passarem por Rochester, tudo o que restava da luz do dia era um clarão alaranjado no horizonte, bem a oeste. Lavouras lançavam seu odor pelas janelas abertas. À direita esparramava-se o lago Ontário, roxo e preto. Anna imaginou Rose com o pequeno Melvin aninhado em sua cama, a amiga comendo nozes enquanto acabava de ler mais um capítulo de um suspense de Jack Asher. Bascombe, àquela altura, teria deixado Ruby em casa, a noite povoada pelos sons do cais enquanto viajava no bonde de volta para a pensão onde vivia. Imaginou tudo isso com resignação; em pouco tempo, aquela vida fora consignada ao passado. Seu desaparecimento progressivo era o preço para avançar rumo à promessa contida naquele clarão alaranjado, fosse qual fosse. E ela ansiava por chegar logo, almejando o futuro que encerrava. O trem rugia em seu avanço para o oeste, e Anna endireitou-se em seu assento. Tinha pensado no pai. E finalmente entendeu: *Foi isso que ele fez.*

TRINTA E UM

Eddie estava sentado em um banco do parque em frente ao cinema Empress, à espera. Anna tinha ido ver o cinejornal que mostrava o lançamento do USS *Missouri*, um encouraçado construído no Arsenal de Marinha do Brooklyn, onde ela trabalhara por quase um ano antes de se casar.

Ele tinha pensado em entrar com ela e assistir também, mas Anna tinha dispensado a sua companhia.

— Você tinha ido embora — disse ela. — Não vai significar nada para você.

— Posso ficar aqui esperando?

— Pode fazer o que você quiser.

Eddie ficou animado. Até aquele momento, a visita estava correndo bem melhor do que a anterior, no mês de outubro, quando tinha tomado o trem elétrico em São Francisco e tocado a campainha de um apartamento despojado logo depois de anoitecer. Ouviu o choro do bebê, e o som o desanimou na mesma hora. Estava a ponto de bater em retirada quando a porta se abriu e lá estava ela — Anna, adulta — olhando para ele.

— Pai — falou ela baixinho.

Eddie julgou ter visto certo assombro em sua expressão, misturado com surpresa — mas pode ter sido só surpresa. Ele, por sua vez, ficou atônito com a mulher pálida e de olhos escuros parada diante dele na porta, os longos cabelos soltos caindo por cima de um robe.

A bofetada que ela desferiu em seu rosto foi tão forte que ele viu estrelas.

— Não volte mais aqui — ordenou ela, e fechou a porta sem fazer barulho, provavelmente para não assustar o bebê, pensou ele mais tarde.

A segunda visita foi em janeiro, depois de uma viagem de três meses de ida e volta até as ilhas Gilbert, no posto de primeiro oficial — sua primeira, desde o naufrágio do *Elizabeth Seaman*, devido a seus persistentes problemas de estômago. Dessa vez, chegou durante o horário de trabalho de Anna, para ver Brianne e conhecer “o pequeno cavalheiro”, como sua irmã chamava o bebê robusto de olhar feroz que contemplava Eddie com ar de censura, deitado em uma cesta.

— Como era o pai dele? — perguntou ele, olhando para o bebê. — Você tem uma foto?

— Não — respondeu Brianne com a voz pesada. — Sumiu tudo com a mala perdida no trem.

Sorte de Eddie não ser Agnes quem cuidava do bebê. Agnes tinha largado a

família em junho do ano anterior, segundo Brianne, chocando seus parentes com a mesma intensidade de quando partira para Nova York aos dezessete anos. Conseguiu uma carona até a cidade e se ofereceu como voluntária na Cruz Vermelha. Agora estava fora, trabalhando como auxiliar de enfermagem. Suas cartas eram tão censuradas que Brianne nem sequer sabia onde estava, mas Agnes mencionara florestas. Imaginavam que fosse na Europa.

Eddie ficou olhando para o bebê, agitado como um filhotinho de cachorro.

— Pobre criança — disse Eddie.

— Pobre por quê? — retorquiu sua irmã. — Nunca existiu um pequeno cavalheiro tão adorado e mimado.

Ela lhe pareceu estranhamente à vontade dando a mamadeira ao bebê, e em seguida o pôs para arrotar como se fosse seu próprio filho. Não havia sinal de bebida na casa. A transformação de sua irmã, de velhota de costumes duvidosos em babá dedicada, parecia ter sido quase instantânea, como a troca da imagem de um caleidoscópio.

— Onde é que você escondeu essa vocação materna esses anos todos? — perguntou ele.

— Não estava escondendo, só desperdiçando. Com canalhas imprestáveis bem mais imaturos do que este aqui!

Brianne agarrou o bebê nos braços e cobriu seu rosto de beijos até ele começar a gargalhar.

— Chegue aqui, meu querido irmão. Pegue o seu neto no colo.

Eddie hesitou em estender os braços para o menino, com medo de machucá-lo. Mas o bebê robusto entregou-se a ele com tanta ternura e decisão que Eddie sentiu como se ele próprio estivesse sendo acolhido no colo de alguém.

— Ora, deixe disso — disse Brianne. — Só quem pode chorar aqui é o bebê.

Ao final dessa segunda visita, Eddie tinha ido até o portão do Arsenal de Marinha de Mare Island para esperar a saída de Anna. Pouco antes, já tinha passado por lá, e sabia qual o caminho que ela tomaria para voltar ao bangalô que ela e Brianne tinham alugado, na mesma área em que moravam outros funcionários do Arsenal.

Abrigou-se à sombra, em um trecho da rua com vários eucaliptos cujas folhas aromáticas, pendendo ao seu redor, lembravam lâminas de foice. Anna apareceu depois do grosso dos trabalhadores que saíam, conversando e rindo com outra garota. Seu andar atlético era tão parecido com o de Agnes que Eddie ficou desorientado; para quem ele estava olhando? Anna se despediu da amiga e acelerou o passo, o rosto corado debaixo do chapéu. Tinha um ar alegre demais para uma viúva recente. Mas ele imaginou que tivera muito pouco tempo de convívio com o tenente Smith, e que por isso nem sentia muita falta dele, especialmente com o filho que a esperava em casa. Vendo sua filha se aproximar, Eddie sentiu um vazio aniquilante, como se tivesse morrido

na balsa e voltado fantasma. Quase deixou a sombra das árvores só para ver como ela reagiria à sua presença, ao saber que ele estava realmente ali. Mas isso acabaria com a alegria dela. Então, ele continuou escondido e deixou Anna passar.

Bastava, dizia a si mesmo, saber que ela estava feliz. Que os três estavam felizes. Deveria bastar, mas não bastava. Por insistência da namorada, um termo que Ingrid só usava rindo (pois uma professora viúva era a última pessoa que alguém imaginaria chamar assim), Eddie tinha voltado aquela tarde para mais uma tentativa. Tinha feito mais uma viagem, dessa vez até Nova Guiné, como parte de uma força que pressionava os japoneses a recuar mais e mais de volta para casa, na esperança de forçá-los à rendição. Reencontrara Wyckoff na viagem, e tinham tomado outra garrafa de vinho no convés, à luz das estrelas. Eddie vinha desenvolvendo gosto pelo vinho. A brisa amena do Pacífico, banhando o rosto dos dois, tinha tornado as agonias vividas no *Elizabeth Seaman* menos substanciais do que um pesadelo.

Pugh, o velho e indomável homem do mar, tinha pilotado o bote salva-vidas até a Somalilândia Britânica, com Wyckoff, Sparks, Bogues e o resto dos sobreviventes, em estado razoável ao desembarcarem. O barco do capitão Kittredge tinha sido resgatado muito antes, com todos os tripulantes a salvo, o que significava que mais ou menos a metade da tripulação do *Elizabeth Seaman*, tanto os marinheiros mercantes quanto os de guerra, tinha sobrevivido ao naufrágio. A Administração Naval de Guerra seguia uma diretriz de atribuir imediatamente novas missões aos sobreviventes de naufrágios — para evitar, ao que se dizia, que espalhassem suas histórias de horror. Desse modo, todos se viram novamente embarcados, menos Pugh, que se aposentou e foi viver com a filha, e o contramestre, que ainda não tinha recuperado de todo a fala. Voltara para Lagos, onde Eddie prometera ir visitá-lo depois da guerra. Trocavam cartas frequentes, tratando-se de “irmão”, e Eddie descobriu, com uma satisfação mórbida, que o próprio estilo de escrita não ultrapassava os esforços de um estudante se comparados à prosa exuberante do contramestre.

★ ★ ★

Anna não viu o pai ao sair do cinema, e imaginou que tivesse ido embora. Sentiu certo desassossego até vê-lo levantar-se de um banco, do outro lado da rua, e acenar em sua direção. Acenou de volta, surpresa com a intensidade do alívio que sentia. Quando ele chegou ao seu lado, ela já estava irritada outra vez, decidida a mandá-lo embora. Mas por quê? Era óbvio que ele tinha a intenção de voltar, e de continuar voltando. Ela não podia esbofeteá-lo todas as vezes.

Caminhando lado a lado, subindo a ladeira que levava ao bangalô, Anna sentiu quanto o pai tinha mudado. Estava mais velho, com o rosto enrugado e

os cabelos grisalhos, mas não era isso — na verdade, a beleza muito magra dos traços dele era o que Eddie tinha de mais familiar. Tinha se desconectado de uma abstração outrora enraizada em sua personalidade, algo que, durante o tempo em que esteve ausente, parecia a Anna seu traço mais característico. Isso e o cheiro de cigarro. Mas Eddie não fumava mais, e hoje emanava uma calma desconcertante. Estava tão perto da morte ao ser resgatado, Brianne disse, que nem conseguiam ouvir as batidas do seu coração.

O pai dela se transformara em um desconhecido: um homem que ela encontrava pela primeira vez e que submetia à mesma avaliação que qualquer outra pessoa. Anna se lembrava vagamente de ter desejado vê-lo dessa maneira, mas a realização desse desejo deixava os dois sem muito o que dizer um ao outro. Ele não sabia nada da vida dela; não tinha como mensurar, por exemplo, o encantamento que Anna sentira com a carta de Marle que lhe chegara na véspera:

Um anjo sorriu das alturas para o nosso amigo Bascombe: ele foi aceito pela Marinha. Antes de embarcar no trem para o campo de treinamento em Great Lakes, em Illinois, a mãe de Ruby preparou um jantar para ele, e o pai dela propôs um brinde à sua saúde. Tudo indica que, de fato, “O uniforme faz o homem”. Queria poder lhe contar mais, mas B. estava mais calado do que nunca, e nem conseguiu pedir o cardápio. A Unidade 569 não é a mesma sem você.

— Você sabe o que aconteceu com mamãe — disse Anna para quebrar o silêncio.

Ele fez que sim.

— Sorte dos soldados atendidos por ela.

Anna sentia falta da mãe, que tinha entrado para a Cruz Vermelha pouco depois de sua mudança para a Califórnia, antes de ter tempo de saber da gravidez da filha. Sua mãe ainda acreditava no condenado tenente Charlie Smith. Anna se perguntava se algum dia lhe contaria a verdade, se isso poderia vir a ter alguma importância depois do fim da guerra. Só uma coisa era certa: Rose estava enganada, e o mundo não voltaria mais a ser pequeno como antes. Se voltasse, no mínimo não seria mais o mesmo. Mudanças demais tinham ocorrido. E em meio a essas guinadas e transformações, Anna tinha encontrado uma brecha, e escapado por ela.

— Ela quer ser enfermeira depois que voltar — disse ela ao pai.

— Faz muitos anos que leva uma vida de enfermeira.

Pararam para recobrar o fôlego no alto da ladeira. O Arsenal de Marinha de Mare Island espalhava-se a seus pés, às margens da baía de San Pablo: uma península pontilhada de píeres ao longo de um canal todo ocupado por navios de guerra. Anna adorava contemplar aquele panorama todos os dias antes do trabalho, e saber quais navios tinham partido durante a noite, quais novos tinham atracado. Devia o seu trabalho no Arsenal a um verdadeiro milagre, pois quando ela e a tia finalmente se estabeleceram em Vallejo, ela já estava grávida demais para mergulhar. Temia que a atividade pudesse fazer mal ao

bebê. Ela e Brianne tinham conseguido emprego em um restaurante — Brianne como garçoneiro e Anna no caixa —, e ficaram esperando a chegada do bebê em um apartamento apertado e encardido. Foram tempos difíceis.

Em novembro do ano anterior, seis semanas depois do nascimento de Leon, Anna finalmente apresentou seus documentos de transferência em Mare Island. A essa altura, já fazia muito tempo que o telefonema do tenente Axel tinha sido esquecido. Por sorte, nem fazia diferença; três mergulhadores que participaram do salvamento do *Normandie* estavam trabalhando em Mare Island, e um deles — logo o supervisor — tinha sido da mesma equipe de Anna no Arsenal de Marinha do Brooklyn. Todos se lembravam da foto do *Eagle*. Anna conseguiu um emprego com um salário de oitenta dólares por semana, e agora mergulhava a trabalho quase todos os dias.

— É engraçado que haja tantos contratorpedeiros — disse o pai dela, olhando para o arsenal — com tão poucos comboios passando por baixo da Golden Gate.

— Só quatro — retrucou ela.

— Seis.

Anna olhou de novo.

— Você está confundido os tipos de navio.

Ele começou a contar, apontando os barcos com o dedo. Quando chegou a três, ela o deteve.

— Esse aí é um navio-varredor, papai.

Ele olhou demoradamente para a embarcação e depois se virou para ela, sorrindo.

— Você tem toda a razão.

O nevoeiro tinha começado a avançar, lento como sempre, e um filamento isolado de neblina abria caminho terra adentro, vindo do Pacífico. As sirenes de nevoeiro soavam ao longe. Tinham um som mais grave, e um volume mais alto do que o das que Anna tinha escutado a vida inteira. Mas o nevoeiro dali também era diferente, parecendo tão sólido que podia ser moldado com as mãos. Insinuava-se de um dia para o outro, engolfando cidades inteiras como surtos de amnésia.

Aaaaa Ooooo

Aaaaa Ooooo

Os navios acionavam suas sirenes para evitar colisões, mas Anna sempre tinha a impressão de que estavam perdidos, procurando companhia no meio da brancura sem fim. O som lhe despertava presságios que não tinha como explicar. À noite, quando o barulho a acordava, estendia a mão para o berço onde Leon dormia até sentir o tropel exuberante do seu coração.

— Olhe — disse o pai dela. — Está chegando.

Ficou surpresa ao ver que ele estava acompanhando o avanço do nevoeiro, que se espalhava depressa: uma silhueta disforme e móvel contra o céu fosforescente. Estendia-se por sobre a terra como uma vasta onda prestes a

quebrar, ou a nuvem resultante de uma explosão longínqua e silenciosa.
Sem pensar, ela pegou a mão do pai.
— Está chegando — disse ela.

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos anos que passei às voltas com *Praia de Manhattan*, sempre me consolava a ideia de que, caso nada resultasse de todo o trabalho além do prazer da pesquisa, eu já me daria por muito satisfeita. Os bons momentos começaram em 2004 na New York Public Library, onde obtive uma bolsa para o Dorothy and Lewis B. Cullman Center for Scholars and Writers, dirigido por Jean Strouse. Lá, os bibliotecários Rob Scott e Maira Liriano me ajudaram a conhecer a importância histórica da zona portuária de Nova York: um traço da paisagem em que eu quase nunca tinha reparado nos muitos anos da minha vida na cidade.

Na Brooklyn Historical Society, deparei com uma rica correspondência do tempo da guerra entre Alfred Kolkin e Lucille Gewirtz Kolkin, que se conheceram trabalhando no Arsenal de Marinha do Brooklyn. Em 2008, tive a oportunidade de acompanhar Alfred Kolkin, então com noventa anos, numa visita ao local, na companhia de suas filhas, Judy Kaplan e Marjorie Kolkin.

No Arsenal de Marinha do Brooklyn, fui acolhida e estimulada por Andrew Kimball, Eliot Matz, Aileen Chumard, e pela formidável Daniella Romano, um anjo da guarda de todo este projeto. Colaboramos com a Brooklyn Historical Society na estrutura de uma história oral do Arsenal de Marinha do Brooklyn. Sob a orientação altamente especializada da historiadora oral Sady Sullivan, pude dar alguma assistência nas sessões com muitos de nossos entrevistados e entrevistadas: Ellen Bulzone, Don Condrill, Lucille Ford, Mary e Anne Hannigan, Pearl Hill, Sylvia Honigman, Alfred Kolkin, Helen Kuhner, Sidonia Levine, Audrey Lyon, Antoinette Mauro, Giovanna Mercogliano, Robert Morgenthau, Ida Pollack, Charles Rockoff e Rubena Ross. Incorporei detalhes de algumas de suas histórias à narrativa de *Praia de Manhattan*. Também tive o privilégio de participar de várias visitas ao Arsenal de Marinha guiadas por Andrew Gustafson (que mais tarde viria a me ajudar diretamente) pelo BLDG 92, o centro de exposições e acolhida de visitantes do Arsenal de Marinha, de cujo conselho consultivo tive a honra de participar. Bonnie Sauer, dos National Archives, proporcionou-me acesso direto à coleção Fotografias da Construção e Reforma de Edifícios, Instalações e Embarcações do Arsenal de Marinha de Nova York (1903-1945).

Minha atenção foi despertada para a ligação entre os reparos de embarcações e o mergulho submarino a partir da leitura de um artigo de Robert Alan Hay, um mergulhador civil ativo no Arsenal de Marinha do Brooklyn durante a Segunda Guerra Mundial. Dois outros anjos da guarda, o

primeiro sargento mestre em mergulho Stephen J. Heimbach e o segundo sargento reformado James P. Leville (Frenchy), vestiram-me um traje de mergulho Mark V num encontro da United States Army Diver's Association, onde tive a felicidade de ser recebida por eles em 2009. Sou muito grata aos ex-mergulhadores James D. Kennedy e Bill Wats, ativos durante a Segunda Guerra Mundial, por terem me contado sua história; alguns detalhes da trajetória notável do sr. Kennedy aparecem neste livro. Minhas várias conversas com a primeira mergulhadora militar dos Estados Unidos, a primeiro sargento reformada Andrea Motley Crabtree, do Exército dos Estados Unidos, foram essenciais para a minha compreensão dos desafios de uma mergulhadora. Gina Bardi, Diane Cooper e Kirsten Kvam, do San Francisco Maritime National Historical Park, deram-me acesso a livros técnicos raros sobre mergulho e a um verdadeiro tesouro de equipamentos antigos de mergulho. O mergulhador Edward Fanuzzi, de Staten Island, dividiu comigo alguns dos seus segredos sobre as águas do porto de Nova York.

As experiências de marinheiros mercantes durante a guerra chegaram a mim através de dois livros: *Gallant Ship, Brave Men*, de Herman Rosen, e *Two Years Behind the Mast: An American Landlubber at Sea in World War II*, de Harold J. McCormick, da Reserva da Marinha dos Estados Unidos, que informam diretamente, tanto um quanto o outro, a narrativa de *Praia de Manhattan*. Visitas repetidas (e uma viagem curta) a bordo do SS *Jeremiah O'Brien*, um cargueiro da classe Liberty ainda em perfeitas condições, mas transformado em museu em São Francisco, me deram acesso a um grupo de marinheiros veteranos da Segunda Guerra Mundial cujas memórias, e cujo conhecimento, foram cruciais para o meu trabalho: o operador de rádio Angelo Demattei, o oficial de convés James Rich, o oficial de máquinas Norm Schoenstein e o guarda-marinha John Stokes. Em Nova York, contei com o apoio de Joshua Smith, diretor interino do American Merchant Marine Museum em Kings Point, que me indicou leituras e me ajudou a confirmar dados compilados.

Para conhecimentos adicionais sobre a área portuária, devo muito à excelente monografia de Joseph Meany sobre o porto de Nova York durante a Segunda Guerra Mundial. Richard Cox, diretor do Harbor Defense Museum, no forte Hamilton, me ofereceu a oportunidade de uma visita. A família McAllister, da McAllister Towing & Transportation, cujos rebocadores cortam as águas do porto de Nova York desde 1864, foi imensamente generosa — Brian McAllister, com suas memórias do tempo da Segunda Guerra Mundial, Buckley McAllister, com o conhecimento dos dias de hoje e as excursões pelas águas do porto.

Pelo conhecimento e a checagem de informações sobre embarcações menores, além de muitas indicações de leitura, devo muito a John Lipscomb. Por sua verificação de dados relativos à atividade naval, sou muito grata ao vice-almirante reformado Dick Gallaher, da Marinha dos Estados Unidos. Os historiadores da economia Charles Geisst e Richard Sylla fizeram o possível

para me explicar o funcionamento do sistema bancário em Nova York durante a guerra. David Favalaro, do Tenement Museum, proporcionou-me uma excursão excelente e muitas informações. Alex Busanksy deu-me conselhos jurídicos.

Tenho a sorte de ter escrito sobre um período que ainda persiste na memória viva, e sou imensamente grata a tantos nova-iorquinos de longa data que compartilharam comigo suas histórias pessoais. O pintor Alfred Leslie, com sua memória cristalina, recebeu-me repetidas vezes. Também me esclareceram muito Roger Angell, Don e Jane Cecil, Shirley Feuerstein, Joseph Salvatore Perri e Judith Schlosser. Marianne Brown, do arquivo da editora Condé Nast, facultou meu acesso à sua rica coleção de periódicos dos anos da guerra.

Uma bibliografia poderia dar sono, mas alguns livros foram indispensáveis. *Paddy Whacked: The Untold Story of the Irish American Gangster*, de T. J. English, e *On the Irish Waterfront: The Crusader, the Movie, and the Soul of the Port of New York*, de James T. Fisher, foram ambos fundamentais para a minha descrição da área portuária frequentada por Eddie Kerrigan. *Lifeboat*, de John R. Stilgoe, é uma reflexão muito original a respeito da sobrevivência a bordo de pequenas embarcações. O Center for Fiction forneceu-me uma lista das obras de ficção ambientadas na Nova York do início do século XX.

Várias pessoas de grande competência e acuidade me ajudaram em minhas pesquisas. Sara Martinovich trabalhou comigo enquanto ainda completava a graduação na Universidade DePauw. Peter Carey, do programa de mestrado do Hunter College, pôs três bolsistas do programa Hertog a meu dispor, a partir de 2005: Jeffrey Rotter, Jesse Barron e Sean Hammer, todos escritores de ficção por mérito próprio. Meredith Wisner, pesquisadora profissional inigualável, proporcionou-me um conhecimento exaustivo sobre o período.

A Corporation of Yaddo concedeu-me uma residência providencial de última hora.

E eu não teria chegado a lugar algum sem meus leitores: Monica Adler, Ruth Danon, Genevieve Field, Lisa Fugard, David Herskovits, Don Lee, Melissa Maxwell, David Rosenstock e Elizabeth Tippens. Suas observações e suas perguntas tornaram este livro incalculavelmente melhor.

Minha agente, Amanda Urban, é uma grande parceira. Ela e sua equipe, na ICM e na Curtis Brown — Daisy Meyrick, Amelia Atlas, Ron Bernstein, Felicity Blunt e muitos outros —, são os melhores dos melhores. Minha editora, Nan Graham, investiu muita paixão e muito trabalho intenso no manuscrito deste livro.

Obrigada à minha mãe e ao meu padrasto, Kay e Sandy Walker, pelo amor.

Obrigada ao meu marido, David Herskovits (mais uma vez, e sempre), e aos nossos filhos, Manu e Raoul, por tornarem minha vida tão melhor.

Finalmente, quero agradecer a meu irmão, Graham Kimpton (1969–2016), que me ensinou que a “pólvora” é necessária em qualquer obra de arte. Seu

brilho e seu amor reverberam em mim todos os dias.

SOBRE A AUTORA



© Pieter M. Van Hattem

Jennifer Egan é autora de *A visita cruel do tempo* — ganhador do Pulitzer e do National Book Critics Circle Award —, *O torreão*, *Circo invisível* e *Olhe para mim*. Seus trabalhos foram publicados em veículos de destaque, como *The New Yorker*, *Harper's Magazine*, *Granta*, *McSweeney's* e *The New York Times Magazine*.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



A visita cruel do tempo



O torreão



Olhe para mim

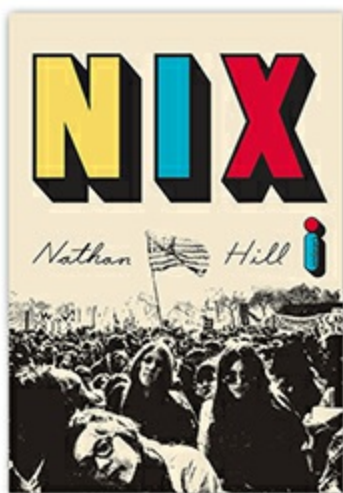


Circo invisível



Caixa preta

LEIA TAMBÉM



Nix
Nathan Hill



Destinos e fúrias
Lauren Groff